



ISABEL STILWELL

D. MARIA II

TUDO POR UM REINO

DA AUTORA *BESTSELLER* DE ROMANCES HISTÓRICOS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



ISABEL STILWELL

D. MARIA II

TUDO POR UM REINO

DA AUTORA *BESTSELLER* DE ROMANCES HISTÓRICOS



D. MARIA II

Isabel Stilwell

D. MARIA II

TUDO POR UM REINO

a esfera  dos livros

A Esfera dos Livros
Rua Barata Salgueiro, n.º 30, 1.º eq.
1269-056 Lisboa – Portugal
Tel. 213 404 060
Fax 213 404 069
www.esferadoslivros.pt

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

Capa: Companhia
Imagens da capa e da contracapa: Corbis/VMI;
Divisão de Documentação Fotográfica/IMC

Paginação: Segundo Capítulo
Revisão: Eurico Monchique
Revisão histórica: Ana Cristina Pereira

ISBN 978-989-626-412-3

© Isabel Stilwell, 2012
© A Esfera dos Livros, 2012

1.ª edição: Abril de 2012

ÍNDICE

<u>NOTA DA AUTORA</u>	11
<u>I PARTE</u>	13
<u>II PARTE</u>	157
<u>111 PARTE</u>	<u>307</u>
<u>EPÍLOGO</u>	668
<u>DRAMATIS PERSONAE</u>	<u>671</u>
<u>BIBLIOGRAFIA</u>	682

Ao meu pai, Francis, que me contagiou com o amor à História e me ensinou a encontrar a magia das pessoas nas pedras dos castelos, nas torres das igrejas, e em tudo o que me rodeia, na esperança de que, lá do Céu, se orgulhe tanto de ser meu pai, como me orgulho de ser sua filha. Ao meu filho Francisco, herdeiro do nome do avô, do seu código de Honra, e do fascínio por Sintra.

**Que também ele me guarde
para sempre no coração.**

NOTA DA AUTORA

Este livro é uma homenagem às cartas, esse objeto em vias de extinção que em tempos passados era a única e privilegiada forma de comunicação. De partilhar amores, quantas vezes clandestinos, trocar informações, contar alegrias e espelhar tristezas, matar saudades, mas também de definir estratégias políticas, de promover a guerra, ou saldar a paz.

É uma homenagem aos que escreveram estas cartas, deixando-nos bocadinhos das suas vidas, aos que as conservaram, intuindo que no futuro ajudariam a entender o passado, e àqueles que as descobrem, recolhem e publicam, permitindo-nos viajar no tempo.

Este romance tem como espinha dorsal as cartas de D. Pedro 1 e da arquiduquesa Leopoldina, imperadores do Brasil e pais de D. Maria da Glória, a protagonista desta história, de Leonor da Câmara, mestra da rainha, de marechais, duques, embaixadores e políticos, mas sobretudo a correspondência intensa entre D. Maria II de Portugal e a rainha Vitória de Inglaterra, unidas por uma enorme amizade que nasceu quando ambas tinham 9 anos e se conheceram em Londres. Amizade que pautou as suas vidas, mas também ajudou a decidir os destinos de Portugal.

I PARTE

«A mamãe diz que nós, pobres princesas, somos apenas dados, que se jogam e cuja sorte ou o azar depende do resultado. Será verdade, mas sinto-me mais confiante na sorte quando tenho perto de mim a marquesa de Aguiar. É a única que Domitília não tem sob o seu jugo.»

Maria da Glória

«Naquela noite, a imperatriz implorou-me para velar pela pequenina rainha. Temia que ficasse aqui esquecida no Brasil, arruinada a iiiii canto, sem que nada se fizesse para lhe dar o trono que era seu por direito. Hoje, amo-a como se fosse minha filha»

Marquesa de Aguiar-

I

Paço de São Cristóvão, Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1826

Marfa desceu as escadas a correr, o vestido de seda azul a tornar os seus olhos ainda mais azuis, e precipitou-se nos braços do pai, que a levantou como se fosse uma boneca:

- Maria da Glória, isso é maneira de uma rainha descer as escadas - repreendeu-a, esquecido de que só tinha 7 anos, enquanto a pousava de novo no chão e lhe passava as mãos pelos cabelos arruinados.

Maria olhou para cima, subitamente nervosa. Estaria o pai a falar a sério? Ia zangar-se com ela? Com o pai nunca se sabia bem, tanto podia começar tudo como uma brincadeira, com afagos e abraços, e minutos depois transformar-se numa tempestade.

Mas os olhos do pai pareciam calmos.

- Papai, não me sinto ainda muito rainha, e de qualquer maneira aqui no Brasil sou só sua filha - arriscou.

O imperador deu uma gargalhada:

- A senhora Maria da Glória é tão bonita, que vai sempre conseguir fazer aquilo que lhe der na real gana, seja aqui no Brasil, seja lá em Portugal, não é, senhora marquesa?

Maria sentiu-se gelar por dentro. E, sem se virar para a entrada da sala, onde «ela» estava certamente, escondeu a cara nas pernas altas do pai.

Pedro, no mesmo instante, irritou-se:

- E o que é que a menininha julga que está a fazer? Já cumprimentou a marquesa de Santos? - disse-lhe, colocando com força as mãos sobre os seus ombros e virando-a em direção à mulher que, para todos os efeitos, considerava a mais importante do país.

Maria sabia que não valia a pena fazer birra, nem bater o pé como fazia tantas vezes nos seus aposentos perante as criadas, que temiam contrariá-la, e, contrariada, deu a mão a beijar.

- Senhora marquesa...

Os seus olhos azuis faiscavam, ao ver a forma como o pai se aproximava daquela mulher, vestida com sedas e coberta de pedras preciosas, a tiara no cabelo a contrastar com o cabelo escuro, o corpete muito justo, o decote indecoroso. Já era suficientemente crescida para saber que uma senhora não se veste assim.

O pai parecia não dar pelo silêncio que se instalara naquela sala, pelo desconforto que a presença daquela mulher provocava no Paço de São Cristóvão, que até deixava nervosos os guardas, fardados a rigor apesar do insuportável calor deste fim de tarde, um de cada lado da enorme porta de entrada, feita de pau-santo maciço pintado de verde-escuro.

- Maria da Glória, vou partir amanhã para Cisplatina, para dar ânimo aos nossos soldados, e os convidados estão quase a chegar para o beija-mão. Onde está a sua mãe?

Maria baixou a cabeça, assustada, ao perceber que o pai olhava as escadas de madeira encerada que davam acesso à ala do palácio que a imperatriz ocupava, como se esperasse vê-la descer a qualquer minuto.

- Não sei, senhor meu pai - respondeu, a voz trémula, para acrescentar, ansiosa por se escapar dali:

- Mas se o senhor quiser vou procurar saber...

Não tinha dúvidas nenhuma de que a mãe estaria a arranjar todos os pretextos, a demorar-se o mais que pudesse, tal o horror que tinha a estas cerimónias públicas, onde ultimamente o imperador impunha a presença da sua amante.

Pedro virou-se para Domitília de Castro e resmungou:

- Vou ver o que se passa, e você venha comigo, ou não é camareira-mor da imperatriz?

Maria entrou em pânico:

- Papai, não é preciso, está lá a marquesa de Aguiar, eu vou pedir-lhe que se apresse...

Mas o pai empurrou-a para o lado e subiu as escadas, aos dois degraus de cada vez, e, para horror da criança, a marquesa de Santos seguia-lhe os passos.

Maria percebeu que tinha de agir depressa. Partiu disparada em direção às cozinhas e começou a subir as escadas de serviço o mais depressa que podia, o suor a cair-lhe pela cara, ofegante, mas determinada a chegar aos aposentos da mãe antes que o pai, e aquela mulher, lá entrassem. Se ao menos chegasse a tempo de avisar a mãezinha...

Mas não chegou. Quando estendia a mão para a maçaneta de marfim da porta dos fundos do quarto da mãe, ouviu a voz do pai, forte e rouca. Chegara tarde de mais. Deixou-se escorregar para o chão e sentou-se com a cabeça encostada à porta, o coração a bater descompassadamente.

- Pedro, quero essa mulher fora do meu quarto de vestir, neste segundo - gritava a mãe, e Maria nunca a ouvira tão zangada.

Domitília, aparentemente serena, procurava acalmá-la:

- Senhora D. Leopoldina, acalme-se, sou sua camareira-mor, vim apenas saber de si.

Para acrescentar, olhando de soslaio para Pedro, para medir o efeito das suas palavras no imperador:

- E não se agite, que pode fazer mal ao bebé que tem dentro de si...

Leopoldina ignorou-a, dirigindo-se de novo ao marido:

- Pedro, finjo que não vejo, não ouço, não sei; aceito que me mantenha presa na minha própria casa, protejo os nossos filhos desta vergonha, mas não tolero que venha aqui com essa mulher, pedir-me que vá abençoar a vossa relação... que aceite ir a esse beija-mão com ela de um lado, e eu do outro, como se fosse minha igual...

Maria tapou os ouvidos com ambas as mãos, as lágrimas a correrem-lhe pela cara. Conhecia o pai. Não entendia como passava tão rapidamente do melhor ao pior dos homens, mas sabia que era isso que iria acontecer dentro de segundos. Sabia que o imperador não aceitaria que desafiassem a sua autoridade, não suportava ser contrariado, menos ainda perante a mulher que lhe dera a volta à cabeça, como ouvia comentar às criadas, às aias, aos professores, e a toda a gente que a rodeava...

A voz do pai soou como a trovoadas sobre a mata de Itapagipe, como os relâmpagos que incendeiam o mar da baía, como a cachoeira quando nos chegamos tão perto dela que só resta o estrondo da água a cair.

- Em minha casa mando eu, na minha mulher mando eu. E eu ordeno que a senhora se vista e desça aos salões neste minuto.

Maria ajoelhou-se, juntou as mãos e sussurrou: «Mãe, diga que sim, mamãe, diga que sim, Nossa Senhora da Glória, vela pela minha mãezinha.»

Mas Leopoldina, a mão no ventre de uma gravidez adiantada, mantinha-se direita e decidida. Não podia esquecer que era arquiduquesa da Áustria, imperatriz do Brasil, a mulher legítima que em nove anos de casamento dera sete filhos ao seu senhor, e esperava o oitavo deste homem a quem se dedicara de corpo e alma:

- Pedro, estou indisposta, vou-me deitar, se me der licença...

Mas Pedro já não estava em si. As guerras, ganhava-as sempre, e Domitília não podia assistir a uma derrota.

- Não dou licença, não senhora - gritou. - Vai para baixo, e vai agora, nem que a arraste pelos cabelos.

Maria, do lado de lá da porta, enrolada sobre si mesma como um animal ferido, tapou a boca com a mão, para que os soluços não se ouvissem.

Mas Leopoldina não estava disposta a ceder. Não podia ceder.

- Chega, Pedro! Que se porte como um moço de estrebaria é triste, mas é um problema seu, mas eu sei de quem sou filha, e não me esqueço de que sou imperatriz do Brasil...

Maria não ouviu a resposta do pai, mas percebeu os empurrões, os gritos, os pontapés, o barulho da loiça estilhaçada. Domitília implorava-lhe que parasse, mas já nem a voz da amante o pai conseguia ouvir.

Subitamente um estrondo, como o de um corpo que caía no chão, o grito de uma mulher, os passos do pai a afastarem-se, portas a abrirem-se e a fecharem-se.

Maria levantou-se de um salto, abriu a porta e correu para Leopoldina, que a custo se tentava levantar, mas já lá tinha chegado Francisca de Portugal e Castro, marquesa de Aguiar, e duas das suas açasafatas, que a ajudavam a sentar-se na pequena poltrona. Era óbvio que, também elas, escutavam à porta da sala de costura e aguardavam uma oportunidade para vir em auxílio da sua senhora.

A imperatriz, o cabelo ruivo desalinhado, o braço direito caído sobre o colo como se estivesse inanimado, mantinha os olhos muito abertos, com medo de que as lágrimas não lhe obedecessem e insistissem em cair, ao som das pedras do colar partido que iam escorregando pelo vestido, e do vestido para o chão. A mão esquerda, estendeu-a a Maria, que se agarrou a ela, num pranto, enquanto dizia suavemente, tentando mascarar o tremor da voz:

-Filha, Maria da Glória, que nervosismo é esse? Caí, escorreguei no tapete, uma tontura maior por causa do calor, nada mais, estou bem, minha querida.

A marquesa de Aguiar insistiu:

- Senhora D. Maria, a mamãe caiu, acontece muito quando se está grávida, vamos deixá-la agora deitar-se e sossegar, vamos?

E enquanto a Rosa Cabocla entrava com um pano frio para lhe colocar na testa, e murmurava, no seu tom entoadado e calmo, «Vamos, senhora, vamos deitar», a marquesa pegava na mão da rainha de Portugal e levava-a para longe daquele cenário macabro.

Maria tentou libertar-se, gritou que não deixava a mãe, mas a voz de Leopoldina chegou autoritária:

-Maria da Glória, vá mudar imediatamente de vestido, e desça rapidamente aos salões, que o seu pai vai querê-la ao seu lado durante o beija-mão!

A filha deixou-se arrastar, e Leopoldina, com o coração apertado, ficou a vê-la sair, a sua filha mais velha, a sua filha querida, a menina que corria mais perigo dos seus sete filhos, a rainha menina que precisava de toda a sua proteção. Mas como a defenderia, se a cada segundo lhe restavam menos forças? Cerrou os olhos com força e pediu, do fundo do coração, à Senhora da Glória que viesse em sua proteção.

O Sol começava a descer, uma bola laranja no céu, feito maior agora que desaparecia por detrás da floresta cerrada de folhas e flores, imensas e garridas, que rodeava esta chácara transformada em palácio, distante 30 quilómetros da cidade do Rio de Janeiro, o paço que Pedro e Leopoldina tinham adotado como casa há quase uma década.

Os criados fardados de verde e amarelo, as cores da recém-criada bandeira da nação brasileira, abriam as portadas e as janelas para os terraços, onde os convidados esperavam o início da cerimónia do beija-mão, que o imperador voltara a instituir. A notícia já corria de boca em boca, de que D. Pedro tivera mais uma cena violenta com a pobre imperatriz, e houve quem jurasse que se recusaria a beijar a mão ao rei se «aquela» mulher estivesse ao seu lado, mas a verdade era que há já algum tempo que a corte entendera que se era para conseguir favor para os seus negócios, não havia mesmo outro remédio senão falar à «sujeitinha», como se fosse a primeira-dama do país.

Maria circulava entre eles, sem sombra exterior do que se passara, e estendia a sua própria mão a quem a quisesse beijar, com a naturalidade de quem já há muito tornou mecânico este gesto.

No terraço, a imensa gaiola cheia de papagaios e pássaros, que Leopoldina trazia dos seus passeios pelas matas, atraía a atenção dos embaixadores e recém-chegados a terras do Brasil, fascinados com aquelas misturas de cores, que deixavam as espécies europeias tão pálidas e sem graça. Maria aproximou-se e deixou que o encarregado de negócios da Casa da Áustria a cumprimentasse, mas quando o barão de Mareschal lhe perguntou onde estava a mãe, tossiu e respondeu, na sua voz de criança que tenta a todo o custo ser crescida:

- Já viu o papagaio amarelo-enxofre que a mamãe trouxe da sua última viagem, e que vai mandar para o avô Francisco?

O diplomata compreendeu que evitava a pergunta, e entrou no jogo:

- Já vi, sim, Sua Alteza, e estou a tratar do seu envio para a Áustria, conforme pedido da senhora imperatriz.

Maria endireitou as costas e, com toda a dignidade, acrescentou:

- Veja lá se não se perde pelo caminho como tantas outras coisas que a mamãe manda para a família, sobretudo para a querida tia Luísa. Ela faz mesmo questão que este papagaio chegue ao destino...

Mareschal deixou a cabeça pender numa suave vénia, e Maria afastou-se, antes de ouvir a resposta.

Pobre criança assustada, pensou, dentro de meses será enviada para Portugal, já casada com um tio que lhe tem sido pintado como mulherengo e odioso, ainda por mais por decisão do seu pai, que por um lado fala do «mano» com toda a nostalgia de uma infância comum, mas por outro não se cansa de acusar o irmão Miguel de ter envenenado o próprio pai, o rei D. João IV, que há uns meses morrera em Lisboa. Olhou de novo para a pequena Maria da Glória,

tão parecida com a imperatriz, e jurou a si mesmo que faria tudo para que fosse enviada, antes de mais, para a corte da Áustria, para casa do avô Francisco, que veria nesta sua neta a imagem da filha que partira há anos, e que perdera, pela distância, pelas ideias liberais, por tanta coisa mais...

«A disciplina da minha terra havia de polir o despotismo de uma menina habituada a dar ordens a criados e escravos», murmurou para si mesmo.

Mas quando levantou a cabeça e cumprimentou o embaixador francês que se aproximara, certamente para trocar intrigas, o seu sorriso era o de um diplomata.

O trono, de talha dourada e forrado a veludo carmim, estava colocado no centro da grande sala. Como era imponente o seu pai, direito, o cabelo e as patilhas alouradas pelo sol, a pele tisonada pelas horas passadas a cavalo, hoje fardado a rigor, a faixa azul a cruzar-lhe o peito, as medalhas ganhas em combate na lapela larga, os sapatos que de tão engraxados pareciam um espelho. Do seu lado direito estava a marquesa de Santos, impávida e serena, como se não se tivesse passado nada, empinando a barriga para mostrar que também ela estava grávida do imperador, o sorriso pronto para quem a bajulava, elogiava o seu vestido ou o solitário magnífico que caía sobre os seus seios que não tinha pudor em mostrar, ou para aqueles que lhe davam duas palavrinhas em que deixavam cair um ensejo ou um pedido a que prometia atender. Do lado esquerdo do pai, a pequenina rainha de Portugal, D. Maria II, ia recebendo os cumprimentos, e percebia, com um aperto indefinido na garganta, como todos iriam esquecer depressa a sua mãe, como todos, de forma mais ou menos ostensiva, estavam dispostos a vergar-se perante quem detinha o poder. O poder conquistado por sangue ou astúcia, mas, no caso de Domitília, por bruxaria, como jurava a ama Florica, que bem lhe explicara como uma mulher pode enfeitiçar um homem com poções cozinhadas na profundidade das matas, em que cabelos e cascas de árvores sagradas se juntavam à baba de

salamandras e a veneno de hera, deixando-o louco e escravo. Porque é que a mamãe não encomenda uma poção igual à desdentada da Maria Guadalupe, que é bruxa do demónio de certezinha absoluta?, lembrava-se de ter perguntado então. Mas recebera, de resposta, apenas um encolher de ombros da ama, que por essa altura já se arrependera de ter falado de mais. Mas Maria não esquecera: de certezinha que era isso, o pai nunca faria mal à mãe se não estivesse sob o poder de algum feitiço...

Queria muito ir saber da mãe, aninhar-se na sua cama, certificar-se de que estava bem, mas não se atrevia a mexer-se nem um centímetro, com medo de que o pai voltasse sobre si a sua fúria, de novo escondida sob um manto de charme e simpatia. Olhou pela janela para se distrair, e lá fora, debaixo da árvore-do-fogo, com os seus ramos encarnados, brincavam as manas Januária e Paula, observadas pela mana Francisca, a sua querida Xica, com os seus 2 anos precoces, pela mão de uma criada. Pelos gestos percebia que troçavam de Isabel Maria, uma menina pouco mais velha do que Xica, cabelos mais escuros do que o de todas elas e que, chorando, pedia colo à ama, sem nada perceber, mas intuindo certamente a hostilidade com que as outras crianças a tratavam. Não as conseguia ouvir, mas estava certa de que a acusavam de ser bastarda. Fora colocada no paço à força, com o título de duquesa de Goiás, de que até os criados riam à socapa. Maria também odiava a sua presença, sentimento reforçado todas as manhãs quando o pai pegava na criança ao colo, antes de cumprimentar qualquer uma das filhas, tratando-a por «a minha Bela», como se ela fosse uma delas. Sim, porque a dita Bela, pensou Maria com sarcasmo, repetindo para si mesma as frases ouvidas sorrateiramente aos adultos, não passava de um «fruto do pecado», filha de uma mulher de «sangue impuro e sem berço», que não tinha lugar nos aposentos das infantas do Brasil.

Por segundos Maria cruzou os olhos com a amante do pai, e percebeu que também ela entendera o que as manas estavam a fazer à sua filha. Mais logo, quando se queixasse ao pai de que a

Isabelinha era alvo da troça das filhas de Leopoldina, haveria nova discussão. E mesmo que não tivesse dado por nada, uma das espias de Domitília ou um dos capangas do pai, que os farejavam a todos como cães perdigueiros, contariam o sucedido à mamãe Titília, que por sua vez faria a cabeça do imperador, que, agindo como um fantoche, viria pedir contas à imperatriz, a sua adorada mãezinha, que era obrigada a suportar tudo isto em silêncio. Decididamente, outra cena se avizinhava, suspirou Maria. Quantas mais aguentaria a sua pobre mãe?, deu por si a pensar, angustiada.



Sou Maria Francisca de Portugal e Castro, marquesa de Aguiar. Recolho-me ao quarto, e procuro na escrita a liberdade que não tenho nos corredores estreitos do paço, onde as paredes têm ouvidos e não há ninguém em quem possa confiar. Triste sorte a minha, a de tuna mulher de 44 anos, viúva e com poucas posses, obrigada pelo ofício a permanecer neste paço, onde Domitília de Castro tem espões, prontos a denunciar quem não lhe preste vassalagem, quem de alguma forma se oponha à forma vergonhosa como estendeu os seus tentáculos por esta casa, por entre as próprias damas nomeadas por seu favor, e por este reino. José Bonifácio, o pai deste Brasil independente e livre, e o grande amigo da minha querida imperatriz, que sirvo com amor e lealdade, sabe bem o preço que teve de pagar por se recusar a vergar-se ao seu poder, e se nem ele conseguiu levar o imperador à razão, se nem o embaixador da Áustria foi capaz de o fazer obedecer às mínimas regras de decoro, como poderia eu alguma vez imaginar-me capaz de defender a minha senhora? Ou os seus filhos!

Mas desta vez D. Pedro foi longe de mais. Bateu na mulher, grávida de uni filho seu, como uni vulgar carroceiro, mostrando, mais uma vez, que é incapaz de controlar o seu génio, que não aceita ser contrariado, que não passa de uma criança grande a

quem faltou disciplina e educação. E sei do que falo, porque o vi nascer e crescer, dama da sua mãe, agora camareira da sua mulher.

Quando entrei no quarto de vestir, a senhora D. Leopoldina estava atirada ao chão, e a infanta D. Maria da Glória agarrada à mãe, num pranto sem fim. A imperatriz ordenou-me que a levasse dali, e depois de a entregar à ama para que a vestisse de novo, e a enviasse para o salão do beija-mão, voltei para cima o mais depressa que pude. A Rosa já a deitara na cama, fechara as cortinas, e estava a colocar-lhe pachos de água fria na testa. Disse-me que a imperatriz não deixava chamar o médico, mas chamei-o eu, pobre homem, que fingiu acreditar que a imperatriz caíra sem que ninguém a empurrasse, e lhe receitou um calmante, e que se cobrissem as negras (os dedos da mão do imperador marcados naquela pele branca como uma marca indelével) com pachos de ervas que, garantiu, aliviam as dores e ajudam a absorver o sangue pisado.

Mas a imperatriz não estava preocupada consigo mesma. Colocava a mão na barriga e perguntava se o bebé estaria bem. Deus sabe, e eu também, embora nunca mo tenha dito, que não queria engravidar deste filho, oito gravidezes em tão poucos anos, tão cedo depois do nascimento do pequenino D. Pedro, que só agora vai fazer 1 ano. Mas agora que tem bem consciência de que Domitília procura engravidar sempre em simultâneo, muna concorrência maldosa que choca qualquer espírito cristão, não podia recusar-se ao imperador, procurando pelo seu estado interessante provar ao mundo que o marido ainda a procura, que é do seu ventre que nascem e continuarão a nascer os herdeiros legítimos do Império.

O médico acenou com a cabeça, preocupado, mas sossegou a imperatriz, fez o que pôde, disse-lhe que os próximos dias iam ser decisivos, recomendou-lhe descanso. Mantive-me na sombra das cortinas, o suor a cair-me pelo rosto, maldito calor, as vozes dos convidados a chegarem alegres e descontraídas, como se ali ao lado

não estivesse, de corpo e coração despedaçados, a imperatriz bem-amada do Brasil.

Dormiu um pouco, ou dormitou, e mantive-me ali, até que acordou e chamou pelo meu nome.

- D. Maria Francisca, ainda aí está? - perguntou, naquela sua voz suave, num português de que nunca fugiu o acento do seu país natal, a Áustria tão amada, que recorda emocionada a todas as horas.

Cheguei tuna cadeira e dei-lhe, pela minha mão, o caldo de galinha que a Rosa deixara na mesinha ao lado da cama. Comeu duas ou três colheres, para depois exclamar:

- Como é que chegámos a isto, D. Maria Francisca?

Não sabia o que queria que lhe respondesse, e o que podia responder eu, sem risco de falar de mais?

- Iludi-me. Julguei que se o ameaçasse com a decisão de partir para casa do meu pai, de procurar refúgio, para mim e para os meus filhos, na minha Áustria natal, ou junto da minha adorada irmã Luísa, que ele entenderia que tinha de deixar essa outra mulher, ou pelo menos manter em segredo essa relação, como faz com todas as outras...

Continuava calada, enquanto ela, num sussurro causado, acrescentava:

- Subestimei o poder dela, subestimei a teimosia dele. A única coisa que mudou no dia em que lhe fiz frente, em que lhe recordei que era, antes de mais, arquiduquesa da Austria e ameacei partir, foi a minha vida. Hoje sou prisioneira de Pedro, assustado com a ideia de que pudesse realmente escapar-lhe, com o medo de que transmitisse aos embaixadores, e através deles ao meu pai e à

Europa, o sofrimento em que vivo. Que todos ficassem a conhecer o caráter do imperador do Brasil...

Suspirou. E quando retomou o discurso era outra, quase sorrindo, meiga, apaixonada, meu Deus, como é cego o coração de tuna mulher:

Não é o Pedro que é mau, D. Maria Francisca. É infantil, imaturo, caprichoso, nunca ninguém lhe fez frente, mas quando se arrepende chora como uma criança, e se não me ama - que isso sei bem que não, e à minha custa-, também não me htunilharia desta forma se ela fosse mais senhora, se ela não exigisse tudo. Mas ela quer títulos, palácios, e o meu lugar. Hoje ficou claro que sonha ser imperatriz do Brasil.

Tapei a boca com a mão, em genuíno terror. O que seria dela, das princesinhas, do pequenino imperador, se assim fosse? O que seria de mim, de nós, do Brasil?

Encontrei as palavras, e sosseguei-a:

- Isto passa, senhora D. Leopoldina, isto vai passar, sabe como é o senhor D. Pedro...

-Mulherengo? Capaz de engravidar qualquer jovem rapariga que se cruze no seu carrinho, e chegar a casa, triunfante, com o bastardinho ao colo, troféu da sua virilidade? Mais uni Pedro de Alcântara Brasileiro?

Nunca, mas nunca, a minha senhora havia falado assim. Olhei-a em horror e silêncio. Era tudo verdade, nem valia a pena procurar negá-lo, mas a senhora D. Leopoldina nunca falava de forma tão direta, tão crua, era certamente o soporífero que lhe soltava a língua e lhe permitia fazer estas confidências.

- Não vale a pena fingirmos que não sei, ou que não vejo. Pobre Isabel Maria, que culpa tem a criança que paga os erros do pai, os

pecados da mãe? O imperador pode dizer com verdade que até me pediu, exigiu, o consentimento para colocar a criança junto dos meus filhos, sacrifício supremo que fiz por ele, mas agora tenho medo, senhora marquesa, tenho medo do que esta mulher fará aos príncipes, ao meu pequenino Pedro, se não estiver cá para o defender...

Cansada pelo esforço, caiu sobre os almofadões, a mão no estômago «que arde como fogo», murmurava.

Adormeceu de novo, abençoado remédio, e ouvi os passos dos cavalos e as rodas das caleches, à medida que o paço ia ficando vazio de convidados e a noite descia rápida sobre nós. Escutei, neste paço onde as paredes deixam ouvir tudo, o imperador a dar ordens aos criados, ouvi-o partir, certamente para passar a noite com «ela», sem que viesse bater à porta e indagar pela sorte da sua pobre esposa, tentando de novo obter o perdão sempre garantido, que lhe permitiria partir com a consciência tranquila.

Fui ficando ao seu lado, a ler sob a luz da vela que a Rosa me trouxe, e ali ceei uma sopa rápida, sem a querer deixar. Adormeci.

Já passava das dez quando a imperatriz acordou de novo, encharcada em água, o corpo tomado por arrepios, vômitos que a deixavam sem fôlego:

- Marquesa, o imperador foi dormir fora? - perguntava, e eu sem saber o que responder, o meu silêncio a dizer tudo.

Perdeu a calma, agitou-se na cama, atirou para longe os lençóis que a cobriam, pediu que lhe pusesse a imagem de Nossa Senhora da Glória mais perto da cama, nunca mesinha com usina vela, a «senhora que deu o nome à minha Maria», dizia, e da mesinha de cabeceira tirou o medalhão com o retrato e o cabelo da sua querida irmã Maria Luísa, a irmã mais velha que lhe tem servido de âncora nestes anos, e já são tantos, de infelicidade. E chorou.

Paço de São Cristóvão, 21 de novembro de 1826

Marfa, depois de uma noite assombrada por pesadelos, acordara no pior dos humores. Logo depois da partida do avô João para Lisboa, com a corte, a mãe remodelara os espaços do paço e concedera à sua filha primogénita aposentos luxuosos, quartos cujas portas abriam umas para as outras, e onde um sem-número de açafatas, criadas, amas e aias serviam aquela que nestes seus sete anos de vida já fora princesa da Beira, depois princesa do Grão-Pará, e era agora rainha de Portugal. Da cama, os olhos ainda semicerrados, gritara pela açafata, que entrara no quarto preparada para um dia mau... Ordenara-lhe que abrisse o armário e apontara para um vestido, e depois para outro, e quando finalmente a criada lhe trouxe o que queria, deixou o corpo mole, os braços caídos, obrigando-a a vesti-la como se fosse uma boneca de pano. Quando a pobre lhe estendera os sapatos brancos de fivela, pontapeara-os para longe, e quase a esbofeteara, vociferando:

- Com este calor? Não quero estes sapatos.

Ao escutar o barulho, D. Teresa, uma das suas damas, e das que tinham sido escolhidas pela mãe, entrou no quarto e falou-lhe numa voz forte e autoritária:

- Sua Majestade está a comportar-se como uma criança de colo! Nem a sua irmã mais pequena faz uma fita destas para se vestir!

E sentando-se ao seu lado na cama, para lhe apertar os atilhos do vestido, sussurrou mais baixo:

- Senhora D. Maria da Glória, quantas vezes é que a sua mãe lhe disse que as pessoas abaixo de nós devem ser tratadas com toda a delicadeza, porque não têm como protestar? Falar assim a uma criada, que não tem como lhe responder, menina? Julga que lá na Europa, para onde vai, alguém tolera, mesmo a uma rainha, um comportamento assim?

Maria olhou-a, os olhos iluminados de desafio, que rapidamente se desvaneceu. Não era estúpida, e percebeu bem onde queria chegar a crítica. Leu a insinuação de que não passava de uma menina temperamental. Igual ao pai. Sabia que era isso que as empregadas, as açaфatas e as aias diziam entre elas. Sabia que a própria lady Maria Graham, a amiga inglesa da mãe, que a imperatriz contratara com tanto entusiasmo para sua mestra, mas que acabara por ser recusada pelo pai, se assustara com a ideia de educar uma «menina tão mimada», fora essa a expressão que lhe ouvira por trás da porta onde escutava a conversa entre as damas...

As lágrimas começaram a cair-lhe pela cara. Encostou o rosto branco, e cheio de sardas, ao ombro de D. Teresa, que a abraçou.

«Coitadinha da minha Maria», pensou a dama, como podia não estar destroçada, depois do que sucedera ontem à noite, depois do que sucedia dia após dia, na agitação política que pressentia fora do palácio, na agitação constante que vivia dentro de casa, mesmo naquele paço distante do sururu da cidade, onde (aparentemente) só se ouvia o barulho ensurdecador das cigarras a cantar e o entoar dos cânticos dos escravos que se ocupavam dos animais e da quinta.

Deu-lhe um abraço apertado e depois, pondo-lhe o dedo debaixo do queixo e beijando-lhe a testa, disse-lhe numa voz suave:

- Não quer tomar o seu pequeno-almoço na varanda dos papagaios, junto da senhora imperatriz? Mas sem lágrimas - acrescentou, sorrindo.

- A mamãe está a pé? Não ficou muito doente? Não morreu? - perguntou, soltando toda a ansiedade contida.

D. Teresa teve vontade de lhe dizer «ainda não, minha querida filha», mas calou-se, e, alisando-lhe o vestido, recebeu o chapéu de palha da mão da criada e colocou-o na cabeça da sua rainha pequenina:

- A senhora imperatriz esteve a falar com o senhor, e agora descansa na varanda. Vá, vá lá ter com ela, minha querida.

Maria saiu a correr e, desta vez, ninguém a repreendeu, lembrando-lhe que uma rainha não corre.

Leopoldina ouviu, divertida, os passos apressados da sua filha mais velha pela tijoleira da entrada, e depois mais suaves, por cima da madeira polida do chão do salão, e cada vez mais próximos, até que viu o seu rosto redondo e corado, as suas tranças loiras, a surgirem pela porta que dividia o grande salão da varanda de pedra que corria a fachada traseira do paço, aberta sobre a floresta.

Virou-se na chaise longue, com um esgar de dor, abrindo o mosquiteiro com a mão para a acolher, e, erguendo a voz com esforço, acima do palrar dos seus papagaios, que enchiam uma imensa gaiola de bambu, exclamou:

- Filha, cuidado que ainda escorrega.

Mas Maria não tinha medo de escorregar, nem de cair. Queria apenas uma coisa, lançar-se para os braços da mãe, e afundar-se neles.

Leopoldina escondeu a cara nos cabelos da filha, inalando aquele cheiro a alfazema e leite de cabra, e beijou-a sofregamente:

-Então, diabrete! Não devíamos estar a fazer os trabalhos? São horas das suas lições...

Maria deixou-se escorregar mais perto e implorou:

- Hoje não, mamãe, hoje deixe-me ficar aqui a ouvir as suas histórias...

E, com medo de receber um «não», acrescentou rapidamente:

- Se vou para Portugal, tenho de saber mais sobre o país onde vou reinar, e a D. Lurdes não sabe contar nada, nada tão bem como a mamãe...

Leopoldina esforçou-se para sorrir, sentindo de repente que pouco lhe importavam as dores físicas, face a esta dor tão funda que sentia desde que Pedro decidira e realizara este casamento absurdo de Maria com Miguel, o cunhado que conhecia tão bem e do qual tinha a pior das impressões, pelo que vira com os seus próprios olhos até aos 18 anos, idade em que partira para Portugal, e depois disso pelas histórias da sua rebelião contra o seu querido sogro, as histórias de um Miguel seduzido e manipulado pela sua odiosa sogra, Carlota Joaquina, que ficaria para a História, estava certa, como a mulher que dividira os irmãos e os pusera um contra o outro. Sabia de cor uma das últimas cartas que D. João escrevera a Pedro, em que lhe dizia para ser hábil e prudente, porque nas Cortes portuguesas conspiravam contra ele, e os reacionários desejavam que abdicasse «em favor do teu mano Miguel». Lembrava-se da expressão magoada de Pedro quando lera «Tua mãe é pelo Miguel, e eu, que te quero, nada posso fazer contra os carbonários que não te querem». Não gostara, também ela, da forma como Portugal tinha recebido a família real, suspeitava até que a falta de respeito e a vigilância que impunham aos reis e aos infantes tivessem justificado a rebelião de Miguel, que sempre preferira resolver a tiro o que a educação e a cultura impediam de vencer pela argumentação (aliás, tal como acontecia tantas vezes com Pedro, suspirou), mas a verdade é que o rei expulsara o próprio filho para um exílio disfarçado de visita de estudo, enviando-o para a corte da Áustria onde, esperava Leopoldina, tivessem feito dele um homem melhor.

Mas, para ser sincera, o que podia o cunhado, e agora genro, aprender, numa corte tão rígida, tão abertamente contra os princípios liberais, que nem a independência do Brasil aceitava? E embora percebesse a solução engenhosa que Pedro encontrara para a sucessão da coroa portuguesa, casando a filha com o irmão, e esperando assim manter um pé em Portugal, não conseguia entender como é que o marido era capaz de entregar a sua primogénita tão amada a um homem que, acreditava, teria envenenado o pai. Onde estava Pedro com a cabeça? Sem querer, suspirou fundo: é claro que sabia onde é que Pedro estava com a cabeça, com o corpo, com o dinheiro e com tudo o resto. Mas o que seria de Maria, uma criança ainda, nas mãos de Miguel, que, apostava, trairia o irmão e a jovem mulher, aceitando ser aclamado rei, usurpando o trono à rainha legítima.

Maria entendeu o longo silêncio e o estremecer do corpo da mãe:

- Mãezinha, não tenha medo, ele não me vai envenenar a mim - disse, muito séria.

Leopoldina sobressaltou-se, zangada com as coscuvilheiras daquela casa:

- Filha, que disparate - respondeu, tentando que a sua voz soasse genuinamente indignada.

Maria atalhou, aflita:

- Não me lembro do tio Miguel, mas o pai disse que vou viver primeiro com o avô Francisco, em Viena, e que o avô vai tomar conta de mim - a mão pequena procurando a mão da mãe.

Leopoldina forçou um sorriso:

- Medo, eu, minha querida? Vai para a Europa, que é tudo o que a mãe mais desejava. E é por isso que esse alemão tem de melhorar todos os dias...

- Mas falo francês, português e alemão, e até a lady Graham disse que eu era forte em línguas, para uma menina de 7 anos. E também sei um bocadinho de caboclo, que estou a aprender com o Jaime, da cocheira...

Leopoldina deu uma gargalhada:

- O caboclo, então, vai ser fundamental na corte da Áustria, minha filha. Mas tem toda a razão, não há razão nenhuma para ter medo, porque o seu avô Francisco, os seus tios e primos na Áustria vão ajudá-la a aprender tudo o que lhe falta saber...

- Mamãe, o contrato do seu casamento também foi celebrado como o meu, com o seu noivo longe? As manas dizem que era melhor ter sido aqui no Brasil, para ele ter a certeza de que gostava de mim.

Leopoldina voltou a rir:

-Essas suas irmãs quando querem são muito mazinhas, Maria. Com as rainhas e princesas é sempre assim, mas depois, quando fizer 15 anos, vai ter um casamento a sério, com festa de pompa e circunstância, como eu tive aqui no Rio.

Maria sorriu, satisfeita. Gostava de festas, e havia tão poucas aqui no paço. De repente, o futuro parecia-lhe mais risonho.

-Mamãe, a senhora vai lá estar, não vai? E o pai e as manas, mesmo a Januária e a Paula?

Entusiasmada, sugeriu:

- Porque é que não vem agora comigo? Já não vê o seu pai e os seus manos há tantos anos, e... e... se fosse para lá, mamãe, não sentia este calor que lhe faz tanto mal, nem... nem tinha de falar, nem ver, todas estas pessoas de que a mãe não gosta...

Leopoldina suspirou, tirou o chapéu à filha, e fingiu refazer-lhe as tranças, para esconder o seu rosto emocionado:

- Pois é, se calhar, vamos pedir ao pai para me deixar ir consigo, na sua comitiva - disse, sorrindo -, mas agora vamos lá aprender a História de Portugal. Já que a menina usa todos os pretextos para fugir às suas aulas, vou ver se lhe consigo ensinar alguma coisa... Lembra-se ainda do avô João?

Maria deitou-se para trás nas almofadas de seda, vindas da Índia, e fechou os olhos, como se procurasse muito fundo nas suas memórias:

- Lembro-me - disse devagarinho - de o avô me levar com ele para o jardim Botânico, e de me ensinar os nomes das árvores e das flores... Lembro-me que ele e a mamãe ficavam horas a abrir caixas chegadas da alfândega para o vosso museu... Lembro-me, acho que me lembro, mãe, ou foi a mãe ou a aia quem me contou, de quando foi aclamado rei, porque a bisavozinha velhinha morreu na casa das freiras, lá no largo grande no Rio...

Leopoldina ia fazendo festas no cabelo da filha, mergulhando com ela nas memórias.

O sogro recebera-a no Brasil com imenso carinho. Era baixo e gordo, o lábio de baixo demasiado proeminente, rodeado de conselheiros, que escutava, e escutava, mas que nem por isso o ajudavam a decidir nem bem, nem mais depressa. Lembrava-se de como estranhara, logo no dia em que desembarcara no Rio, depois de três meses de enjoo e expectativas, como aquela família se dividia em duas, o príncipe D. João, o sogro regente, fechado ali em São Cristóvão com a filha Maria Teresa, viúva aos 23 anos, e o seu filho primogénito, Pedro, e a sogra, espanhola, francamente horrorosa, que habitava outro palácio mais no Centro da cidade, com os restantes filhos, o irascível Miguel e as suas manas, que se revelaram cunhadas megeras, em tudo demasiado parecido com a

história da Cinderela, que tantas vezes escutara nas noites de neve e gelo na sua amada pátria. Com o tempo entendera que o divórcio dos seus sogros era muito mais do que uma simples separação de um casal que já tivera filhos suficientes para garantir a sucessão e que o tempo e os gostos separaram. Não, a separação destes dois seres, profundamente infelizes, e maus educadores, cada um à sua maneira, equivalia a duas maneiras de ver o mundo, a duas ambições, a dois projetos de futuro - a do sogro, que amava o país a que a invasão francesa o trouxera, e secretamente sonhava não mais sair dele, perdendo-se entre as suas flores e espécies raras, numa indolência generosa e preguiçosa, e a da sogra, que contava os dias para regressar à «civilização» e engenhosamente preparava o seu querido filho Miguel para suceder ao pai, mesmo que para isso tivesse de passar por cima do herdeiro.

Maria arrancou-a ao sonho:

- Mamãe, então a lição?

Leopoldina riu:

- E não se lembra da partida do avô?

-Para o céu, mamãe? - perguntou a princesinha, os olhos abertos de espanto.

Leopoldina suspirou, comovida:

- Pois é, às vezes esqueço-me de que o avô morreu. Foi há tão pouco tempo... mas o que estava a perguntar era se se lembrava da partida para Portugal.

Maria fechou de novo os olhos, depois abriu-os, tapando-os com a mão porque a luz magoava os seus olhos claros, e acenou que não com a cabeça:

- Sei que eram muitos e muitos, quatro mil acho que foi o que o pai disse, os que se foram embora na esquadra inglesa que veio buscar o avô, porque a mãe sempre que falava nisso ficava triste, mas lembro-me também - e soltou uma gargalhada - porque fiquei com muitos e muitos quartos e muitos criados só para mim!!!

Leopoldina fez-lhe cócegas, e numa voz que procurou manter firme, apesar da vontade de rir:

- Maria, ser rei, imperador, rajá, é ser humilde, é prestar um serviço aos outros... Anda o seu pai a proclamar a Carta, a de cá e a que fez para Portugal, baseada nos mais nobres princípios liberais, e a menina Maria quer é que a levem numa liteira em ombros, e a sirvam de joelhos. Filha... filha...

Maria riu:

- Mãe, conte-me outra vez o meu nascimento e o meu batizado...

Leopoldina continuou a sorrir, encostando a filha contra si.

- Nessa altura o papai não era mau, pois não? E «ela» ainda nem existia...

A imperatriz gelou por dentro, ferida de mágoa e de culpa. Pobre Maria da Glória, que mãe era, para deixar que a sua filha estivesse a par destes dramas sórdidos; que uma criança de dentes de leite ainda intactos no seu sorriso soubesse de amantes e traições, pusesse em causa a bondade do próprio pai? Crescia-se tão mais depressa nesta terra, que ora era Paraíso, ora Inferno, este país que Leopoldina amava tão profundamente, este país de que conhecia os minerais e as pedras, o nome das árvores e dos animais, este país de gente tão boa e generosa, onde o pecado não estava no corpo nu dos índios com que se cruzava nos passeios pelo mais fundo das matas, mas na alma destes falsos cristãos, desta corte, de gente mesquinha e tão fraca, tão ignorante e tão inculta, mas tão

sobranceira e tão sem valores. Tinha de responder à filha, e fazer das tripas coração para restaurar a imagem do pai, do imperador:

- Que disparate, Maria, não consinto que fale assim do seu pai. Sabe muito bem que o pai não é mau, tem é mau génio, aliás como uma Maria da Glória que eu cá sei, tão doce e tão meiga, mas que também tem fúrias, e atira com sapatos pelos ares, e dá sapatadas nos irmãos...

- Mas não bato na mãe - exclamou, angustiada, a criança.

Leopoldina não estava à espera daquele dedo na ferida, certo, mas há muito que se habituara a disfarçar, a mentir quando lhe perguntavam se era feliz, se estava tudo bem. Retorquiu, rápida:

- Maria da Glória, o que é que está para aí a dizer? Não lhe expliquei que a mamãe teve uma tontura? Não sabe que a senhora D. Domitília é minha camareira, e é natural que me acuda quando me sinto mal, como é natural que se sente à mesma mesa que o pai?

Mas Maria também já tinha aprendido o jogo. Sentou-se direita e disse, encerrando o assunto:

- Pois é, mãe, tinha-me esquecido.

E, desembaraçando-se dos braços da mãe, anunciou:

- Está muito calor. Vou chamar a Rosa para lhe trazer o seu remédio, e vou buscar o caderno e os lápis, e a mãe vai contar-me o meu nascimento e o meu batizado, e eu vou escrever tudo, pode ser?

Leopoldina acolheu com alívio as tréguas.

Maria sentou-se numa cadeira de verga, com almofadas que a ajudavam a chegar à altura da mesa. Em cima, o tinteiro azul, e na

sua mão gordinha, a pena encarnada, raiada de amarelo e turquesa, que a mãe mandara adaptar da pena de um dos seus pássaros mais bonitos. A sua frente um caderno grande e pautado, que a tia Maria Luísa lhe enviara.

- Estou pronta, mamãe. Conte devagarinho para eu ter tempo de escrever, sem esborratar - exclamou Maria, entusiasmada com a proeza de redigir a sua «autobiografia», como a mãe lhe chamou.

Leopoldina sentia-se estonteada, perdia sangue, estava certa de que este bebé não sobreviveria, mas, apesar dos pedidos da marquesa de Aguiar e da insistência da dedicada Rosa, insistira que agora tinha de acabar a aula que estava a dar à filha.

- Então vamos começar.

Maria anuiu.

«Cheguei ao Rio de Janeiro, depois de três meses de viagem, num dia de muito calor, e cheia de sonhos. Quando entrei na baía não queria acreditar que era possível existir um sítio tão bonito na Terra - os morros, de alturas diferentes, pareciam vulcões verdes a sair da água, uma muralha a rodear o mar, e a areia era tão branca como nunca tinha visto. Bem, o teu pai foi ter comigo ao barco, e fiquei logo apaixonada por ele, era mesmo como esperava. Depois casámos, uma festa enorme, e comecei a desejar, mais do que tudo, que o Altíssimo me mandasse um bebé...»

Maria olhou-a, curiosa, como se fosse difícil imaginá-la a querer um filho, ansiosa para que a barriga crescesse, quando, desde que se lembrava de si, a mãe tinha estado sempre à espera de um bebé, um a seguir ao outro, sete ao todo, contando com os dois manos que tinham morrido bebés, e agora pela oitava vez em «estado interessante», como dizia.

Leopoldina percebeu aquele olhar, e riu:

- É verdade que sempre me viu grávida... mas estive quase um ano casada sem sombra de bebé, e já estava a ficar preocupada. Quando soube, nem me atrevi a contar a ninguém, só à sua querida tia Maria Luísa. Escrevi-lhe, cheia de esperanças de que fosse mesmo um filho, mas pouco depois o seu pai descobriu e ficou tão, tão contente...

Não lhe disse como tinha sido duro descobrir que o marido era um homem acostumado a que lhe fizessem sempre a vontade, que dizia tudo o que pensava com rudeza e grosseria, sem se preocupar com os sentimentos dela. Mas também não era justo que lhe dissesse, porque aqueles primeiros anos tinham sido, de facto, felizes. Acreditara que Pedro a amava e a verdade é que ele mostrava sempre arrependimento, chorava quando a via chorar, e se tinha «casos», que sabia que sim, não os trazia para casa... É verdade que semanas antes do parto, num gesto de incompreensível crueldade, a obrigara a devolver à Áustria a sua ama de infância e o seu médico de confiança, que se angustiaram tanto de a deixar nesta terra tão quente, tão selvagem, tão diferente. E sem nenhum outro médico em quem confiasse. Mas a ama de Pedro, que continuava no paço e se arrogava direitos quase de mãe, mãe que ele na prática não tinha, intrigara o suficiente para levar o seu «menino» a ordenar que partissem.

Maria respeitou o silêncio da mãe, enquanto se entretinha a dar pevides ao papagaio que estava pousado na balaustrada da varanda, mas tinha tantas perguntas para fazer, que a certa altura não resistiu:

- Mas a mãe sempre me disse que tinha a certeza de que era um rapaz. Não ficou triste quando descobriu que afinal era uma rapariga, eu?

Leopoldina mudou de posição na chaise longue, escondendo um esgar de dor, e ordenou:

- Maria da Glória, está a trabalhar, volte já para a mesa e recomece a escrever...

Maria, que tinha dificuldade em ficar quieta, obedeceu, e, de novo com a pena na mão, insistiu:

- Mãe, diga lá, o pai queria um filho, não era?

Leopoldina encolheu os ombros:

- O pai ficou tão feliz de ter uma filha, que nunca mais pensou no rapaz. Andava consigo ao colo todo o dia, e a ama Florica ficava doida porque ele estava sempre a ir buscá-la ao quarto, e passeava consigo por todo o lado, e ela sem saber de si.

Maria franziu o nariz e escreveu, satisfeita. Lembrava-se. Lembrava-se de como o pai a punha às cavalitas, já ela tinha 3 ou 4 anos, lembrava-se de como a montava na sela à sua frente no cavalo, lembrava-se daquele dia em que o pai recebera o embaixador inglês, sem a tirar do colo, e o senhor, fardado e aperaltado no meio de uma tarde de calor terrível, olhara com inveja para o imperador do Brasil, vestido com umas calças de linho brancas, de tamancas nos pés, um chapéu de palha na cabeça, e uma menina, Maria, a sua filha mais velha, ao colo...

Depois franziu o sobrolho, os olhos fixos no rosto de Leopoldina, tão parecido com o dela:

- Mãe, então porque é que o pai mudou tanto? Porque é que se zanga tantas vezes, sem eu perceber porquê? É por causa da Isabel Maria? - acrescentou, baixinho.

A imperatriz virou os olhos para o horizonte, enevoadado com o calor do dia, e esforçou-se para controlar a voz:

- Não, Maria, é só porque anda cansado, porque tem muitas preocupações. Manter unido este Brasil tão grande não é fácil, e por

isso é que hoje teve de partir com tanta pressa...

Mas Maria viu como a mãe mordia o lábio sem dar por isso, como a sua cara se tornava dura e tensa, tão magoada, tão infeliz.

Sabia que diziam que era uma menina mimada e caprichosa como o pai, ouvia muito bem as açafatas queixarem-se das suas birras, e as damas da mãe murmurarem, mal ela virava as costas, que «a princesa Maria da Glória tem o génio dos Bragança», mas guardava essas cenas para longe da vista da sua querida mãezinha. Desde sempre, desde que se lembrava, pelo menos, evitava tudo o que a pudesse fazer triste, mais triste ainda.

- A Florica dizia sempre que eu era do tamanho de um porco bravo quando nasci e que a minha mãe quase tinha morrido ao trazer-me ao mundo. Era mesmo, mãe?

Leopoldina sorriu, espantada:

- Um porco bravo? Ai meu Deus, como é que eu hei de educar princesas quando as amas falam dessa forma à vossa frente? A rainha de Portugal, comparada a um porco...

Maria riu:

- Mas era ou não era?

- Era grande, realmente era, tinha e tem os meus ossos pesados, mas com quem se parecia mesmo era com o seu pai. Exceto os olhos, que foram sempre claros como os meus. Mas a Florica tem razão, Maria, o médico era mau, você era o meu primeiro bebé, e foram seis horas de grande sofrimento, mas acredite que mal olhei para si, esqueci tudo. Depois tocaram os sinos e começaram as festas...

Contou-lhe como o seu batismo acontecera com toda a pompa e circunstância na Capela Real, no Convento de Nossa Senhora do

Carmo, de como o avô João e a avó Carlota Joaquina tinham sido escolhidos para seus padrinhos, falou-lhe dos retratos que mandara pintar dela, pequenina e rechonchuda, e que agora estavam em casa do avô Francisco na Áustria, e em casa da tia Luísa, em Itália, e depois estendeu-lhe a mão e pediu:

- Maria, chama a Rosa para me ajudar? Tenho de me ir deitar.

Mas a Rosa, vinda misteriosamente da sombra, chegou antes mesmo de Maria ter feito menção de se levantar.

Maria deixou-se escorregar para o chão de pedra fresca, o vestido aberto em seu redor, a cabeça encostada à perna da cadeira, o braço, de vez em quando, a afastar uma melga, perdida em pensamentos.

Aos 7 anos não era ingénuo, e percebera há muito que a mãe era uma prisioneira na própria casa, a quem só eram consentidos longos passeios nas florestas e entreter-se com a sua coleção de minerais e preciosidades de todo o Mundo, obrigada a viver numa ala do paço, para onde todos os dias se retirava logo depois do jantar, e onde ficava, enquanto os capangas do pai montavam ronda para ter a certeza que dali não saía.

Ouvira as damas da mãe dizer que o pai não agia por ciúmes de que a sua mulher pudesse sair ou receber gente de quem ele não gostava, mas porque assim podia «ir à sua vida», lembrava-se de que a expressão era essa, «ir à sua vida», sem receio de que ela o surpreendesse num momento inconveniente.

Sabia que a mãe tinha apenas duas ou três amigas verdadeiras, porque as outras percebiam que era Domitília quem mandava no pai, e era a ela que prestavam vassalagem. Há dias, o pai levava-a a ver umas terras no fundo do jardim, para lá das fontes que o avô João construía, para lá da alameda de árvores frondosas que o avô João plantara, no fundo do lago e do rio, mas ainda perto,

suficientemente perto para que a mamãe pudesse ver da janela, o palacete que estava a construir com todo o luxo, para a «outra». Que estranho se tornara este paço. Jurou a si mesma que quando fosse rainha, rainha de Portugal, ai da mulher que se chegasse perto do seu marido, ai do seu marido se a traísse com outra mulher. Fosse seu tio, seu primo, fosse quem fosse. Ai isso jurava-o, perante Nossa Senhora da Glória, sua padroeira e madrinha do coração.



Deitei-me já dia, ia o Sol atrás da palmeira mais alta do jardim, porque não quis deixar a imperatriz, porque não confio em nenhuma das suas damas, mas acabei por a deixar com D. Francisca Castelo Branco, que, embora tenha cometido o grave pecado de apresentar a amante Domitília à imperatriz, a pedido do imperador, não é tuna mulher má, apenas fraca.

Antes dela, estive no quarto de D. Leopoldina com frei António Arrábida, de quem gosto do fundo do coração, um homem sério, sincero e sereno, que há muito faz parte desta família. Ficou desesperado por ver o estado da imperatriz, e sei que, como diretor espiritual do senhor D. Pedro desde jovem, se culpa certamente por não ter conseguido educá-lo como desejava, de não ver acatados os seus sermões e as suas reprimendas, que sei serem constantes (e sei-o, porque quando o frei desaparece por dias ou semanas dos almoços e jantares, e alguém pergunta onde para, é o próprio D. Pedro que nos conta, entre risos, que o pobre «amuou» porque ignora os seus raspanetes, e se incomoda pouco quando lhe recusa a absolvição).

D. Leopoldina pediu-lhe que rezasse missa ali no quarto, e acabámos todos de novo em lágrimas.

O resultado foi que dormi um sono curto e sobressaltado, em que primeiro julguei sonhar, mas depois tive a certeza de ouvir o imperador a regressar, o cavalo levado para o estábulo, as botas cardadas a subirem as escadas até ao patamar, depois a estacarem por segundos, e de novo a ganharem pressa em direção aos aposentos da imperatriz. Sentei-me na cama, com o coração a bater descompassado, e estendi a mão para as contas do rosário, e pedi a Deus Nosso Senhor que a protegesse. Pedi, imagine-se, que a noite com a amante, na luxúria de que nunca se cansa, o tivesse acalmado e trazido à razão.

Só aqui, no segredo do meu diário, posso confessar que, então, fiz o que não devia, nem podia ter feito: atravessei a antecâmara, apenas com uma manta sobre a minha camisa de dormir, e aproximei-me da porta do quarto da imperatriz.

Ouvi a voz cantada de D. Pedro a saudar a mulher, a cumprimentar com tanta graça frei António, que não lhe devolveu a gargalhada, e a lançar o inevitável piropo sobre a pobre da D. Francisca Castelo Branco, que bateram ambos em retirada, felizmente para o corredor, senão ter-me-iam apanhado neste ato vergonhoso de espionagem. Depois, ouvi ranger as tábuas da cama, e adivinhei que D. Pedro se sentava ao lado de D. Leopoldina e, pelo tom da voz que me chegava, lhe pedia perdão. Não entendi as palavras, mas também não precisava de as ouvir, tantas vezes aqueles pedidos sentidos e dóidos tinham sido repetidos ao longo dos anos. Como a minha pobre D. Leopoldina se deve sentir cansada de arrependimentos que não duram mais do que minutos, como se deve sentir enganada por tantos e tantos anos se ter deixado levar por eles, convencida de que era a juventude do marido que o levava a agir assim, certa de que o seu amor seria suficiente para o resgatar aos maus caminhos, segura de que os filhos, sim, que quando os filhos chegassem se decidiria a ser um bom pai de família.

Dei por mim a recordar que quando o meu próprio marido morrera há nove anos, na miséria depois de ter servido três Bragança, como me vai acontecer a mim, tinha pouca ou nenhuma consideração por este jovem, que acreditava não ter a força de carácter para ser rei, quanto mais imperador. Se o visse agora, ele que sempre foi um homem da justiça, tímido, mas honrado, coraria de vergonha, e provavelmente poria em causa a lealdade ao seu soberano.

Foi a voz de D. Leopoldina que me resgatou de pensamentos tão desleais, porque afinal D. Pedro é rei, escolhido por Deus, por muito que ele próprio, pelo menos no papel, se prefira considerar uma escolha do povo, desde que o povo queira o que ele quer, mas esse é outro assunto, para divagar num outro dia.

O que importa é que, naquele quarto, a imperatriz, apesar de doente e magoada, repetia com coragem a ameaça de partir e de levar consigo os filhos, insistia, com palavras duras e firmes, que não compactuaria mais com a pouca-vergonha da relação com Domitília, exigia que aquela mulher fosse corrida de novo para São Paulo, que os seus filhos não lhe fossem impingidos, que Pedro se comportasse como um imperador, como um exemplo para os seus súbditos.

Pedro escutava-a em silêncio, e ela, mais mãe do que mulher, persuadia-o:

- Não é possível que governe um país em crise, que enfrente os seus inimigos, que seja capaz de convencer Portugal e a Europa a aceitar a independência do Brasil, se não consegue renunciar a um capricho de amor, e comportar-se como um rei.

E apesar do esforço, e do ar que lhe faltava, insistia:

- Pedro, e como é que os portugueses vão aceitar Maria como sua rainha, como é que vamos enviar para o meu pai, como é que vamos vencer aqueles que querem aclamar Miguel como rei de Portugal, se o imperador nem tempo tem para receber os

embaixadores ou discutir os contratos, porque está demasiado ocupado a construir palacetes para a sua amante? Esquece-se de que até a legitimidade de Maria ao trono é posta em causa por aqueles que alegam que depois da Independência, ao anunciar que ficava, ao renunciar ao título de princesa da Beira para a nossa filha, e de o ter substituído por um título brasileiro, implicitamente renunciou aos seus direitos à coroa portuguesa?

As lágrimas saltaram-me dos olhos, queria entrar por ali adentro e abraçá-la, dizer-lhe que desistisse daquele homem. Escutei, com pena e horror, um pranto imenso, em que, entre soluços vindos do fluido da alma, implorava:

-Pedro, nós temos quatro filhas e um filho, o imperador que o senhor sempre quis... porque me magoa assim?

Encostada à porta, o coração na garganta, tapei a cara com as mãos. Do outro lado, os soluços do imperador juntavam-se aos dela. Já sabia o que ia acontecer: D. Pedro ia agora jurar que não voltaria a ver Domitília, convicto, naquele preciso segundo, de que era sincero, que mal saísse dali iria convocar os embaixadores e os ministros, dar ordens e escrever cartas, mas amanhã tudo estaria igual...

Ouvi a porta bater, e os passos do imperador afastarem-se, e voltei rapidamente para o quarto. Horas depois, o imperador partia, primeiro para se reunir com o governo, e daí para a frente de batalha.

O sorriso de Leopoldina quando a encontrei mais tarde na varanda dos papagaios, com D. Maria da Glória deitada ao seu lado, dizia-me que pelo menos o encontro servira para a serenar, e quem sabe levá-la a acreditar, uma vez mais, que desta é que tudo iria mudar. Enquanto ele estiver fora, pelo menos Domitília não estará com ela, e não terá o desprazer de aparecer no paço.

Ainda vinha a pensar na bênção que seria passar uns largos meses sem me cruzar com a cara de Titília e da sua camarilha, quando fui interceptada por tuna das criadas de quarto da imperatriz, que me perguntou:

- Senhora, que faço a este vestido?

Olhei o vestido coçado e sem forma que a criada me mostrava, e senti um misto de pena e desespero. Lembro-me tão bem de quando D. Leopoldina chegara ao Brasil. Esperei-a, com o meu marido e uma multidão de gente, no cais, a baía cheia de barcos coloridos por bandeirinhas de todas as cores, e a praça coberta de flores garridas, as melhores colchas penduradas das janelas, tal e qual como em Portugal. Vira-a desembarcar, alta, ruiva, os olhos muito verdes, elegante e atraente. O seu vestido de cetim verde, o peito generoso de tuna jovem de 20 anos a espreitar pelo decote, e o sorriso rápido, a alegrar-lhe as feições e a fazer-lhe brilhar os olhos, tinham contagiado de entusiasmo a corte e os populares, que a tinham saudado com «vivas» de entusiasmo. Nove anos depois, e oito gravidezes mais tarde, estava transformada numa mulher gorda, embora a cara mantivesse as feições suaves e delicadas e os olhos (pelo menos quando estava feliz ou entusiasmada) ainda mantivessem a vivacidade. Apenas com 28 anos, Leopoldina era tuna estrela cadente, esquecida pela corte brasileira, esquecida até pela sua família distante, que lhe escrevia com cada vez menos frequência. Apesar de ser a melhor das mães, da sua cultura imensa, da sua dedicação às causas dos mais pobres, perdera muito do gosto pela vida e, suspeitava eu, não sabia como desembaraçar-se dos conflitos interiores, que o amor ao marido e aos filhos, o sentido do dever, e o sentimento de injustiça, de raiva e de solidão lhe provocavam. Distantes iam os dias, pensei, em que fora regente, se envolvera na política, em que dissera o «sim» à Declaração de Independência, em que constava a sua assinatura, ao lado da de José Bonifácio, o primeiro-ministro amigo e admirador da sua intuição e inteligência, agora no exílio só porque se recusara a

aceitar Domitília, a aceitar que o imperador do Brasil se comportasse como um jovem sem responsabilidades.

Olhei de novo o vestido, tão gasto e usado, sem sombra de vaidade, e senti raiva. Todos se pareciam ter esquecido de que foi esta mulher que concebeu a bandeira do Brasil, o verde de Portugal e o ouro da Áustria, que, lúcida e perspicaz, perante a ameaça portuguesa escreveu ao marido, em incursão pelo Norte, acampado junto do rio Ipiranga (e já envolvido com a paulista, se a pobre imperatriz soubesse o que aí vinha...), aconselhando-o a «colher o fruto que está maduro», e que ao fazer tudo isto renunciara, com consciência absoluta do sacrifício que a escolha implicava, a voltar alguma vez à «sua» Europa, sabendo que o seu adorado pai nunca aceitaria os princípios liberais que o marido abraçara (para já não falar nas sociedades de pedreiros-livres que agora o controlavam). E era agora esta mulher que estava reduzida a quatro ou cinco vestidos disformes, porque o marido nem a mesada lhe pagava? Uma pobre, que ia abrindo as pernas e o ventre aos impulsos do marido, parindo filhos para que ele pudesse somá-los aos bastardos e mostrar ao mundo como estava em forma a sua «máquina triforme», como brejeiramente comentava com a corja de amigos de baixa condição que o rodeavam; sempre em forma, mesmo que os seus validos contassem nas cozinhas que a «doença» já o tomara, e o deixava por vezes impotente, apesar das artes e artimanhas que a amante utilizava para lhe dar novo ânimo, a amante e a irmã, que também engravidara dele, e sabe-se lá quantas mais, porque certamente não se ia manter «fora de ação» nesta sua incursão militar...

Corei com os meus próprios pensamentos, e corou de novo, ao registá-los nestas páginas, guardadas a sete chaves, mas correspondem de tal forma à verdade que julgo que, se os confessasse, nem penitência frei António me mandaria rezar. Gomo verdade é que a pobre criada de quarto ficou ali espedada, com o vestido na mão, esperando tuna resposta.

Caí em mim e mandei-a lavar e passar o vestido, porque sabia que D. Leopoldina ia perguntar por ele, se é que algum dia voltaria a vestir-se... Devo ter suspirado, com falta de fé, porque a rapariguinha abriu os dentes brancos atua sorriso enorme:

- Deus será bom com a nossa senhora, D. Francisca, e a senhora vai voltar a vestir este vestido, vai. Vai vesti-lo quando for pelo mato procurar mais bichos para mandar à irmã, ou quando se perder pelos caminhos a dar esmola aos pobres...

Mandei-a seguir a toque de caixa, que nemca fiai de dar muita conversa, porque tudo o que se diz é depois comentado, mas se estes criados e caboclos votassem, tenho a certeza absoluta de que o Brasil seria governado por unia imperatriz.

Paço de São Cristóvão, 23 de novembro de 1826

Marfa foi encontrar a mãe, apoiada no braço de Rosa, a passear pelo seu jardim, como chamava ao pedaço de terreno que transformara numa enorme horta. Leopoldina adorava as rosas e as flores exóticas, mas ensinar os escravos da Quinta da Boa Vista a cultivar uma horta com espécies europeias era um passatempo que tinha começado há muito, e que já na altura fazia sorrir o sogro. «E até Pedro», pensava agora, inspirando mais fundo.

No campo ao lado pastavam ovelhas e vacas suíças, que pedira à sua irmã Luísa que lhe mandasse, porque gostava de leite de vaca, e acreditava que os príncipes precisavam de o beber para crescerem fortes. Divertida, lembrou-se de quando lhe pedira que enviasse búfalos, porque gostava do queijo feito a partir do seu leite, obrigando o pobre embaixador a desalfandegar os animais, perante o espanto de todos, embora, verdade seja dita, animais estranhos era coisa banal no porto do Rio de Janeiro. Infelizmente, nem todas as suas importações sobreviviam, porque as pobres criaturas torravam com o inclemente sol do Rio de Janeiro.

Vendo Maria chegar, com a pequenina Xica pela mão - eram inseparáveis aquelas duas, pensou Leopoldina, satisfeita -, chamou-as:

- Meninas, apanhem-me aí esses morangos para que o chefe nos faça uma bavaroise para o almoço - disse.

- Mamãe, a Xica vai comer todos, não fica nem um no balde - queixou-se Maria, enquanto a irmã mais pequenina ia enchendo a

boca de sumo vermelho, e o vestido aos poucos se tingia da mesma cor.

Leopoldina pediu a Rosa que a levasse até ao banco de madeira, à sombra da enorme tília que plantara pouco depois de ali chegar, e incitou a mais pequenina a vir para o seu colo, indiferente às mãos lambuzadas.

- Maria, quero esses morangos inteirinhos, ouviu? E vá dizendo o nome de todas as hortaliças em francês, alemão e português, porque se a minha doença é pretexto para escapar às lições, pelo menos vai treinando as línguas.

Maria ignorou a ordem e perguntou antes:

-Mamãe, na Áustria o seu pai tinha um cozinheiro, e a sua mãe outro?

Leopoldina corou por instantes:

- Maria, se fizesse o que lhe peço, em lugar de perguntas tontas, ficávamos todos a ganhar com isso...

Maria, esperta, repetiu a pergunta em francês, e depois em alemão, sempre a mesma, os joelhos na terra, indiferente ao pó que se colava ao vestido, os olhos fixos na mãe.

«O raio da criança é teimosa... como eu, mas bastante menos paciente, o que talvez seja bom, mas é capaz de ser muito mau, se aquele menino Miguel continua prepotente e maldoso como era», pensou para consigo Leopoldina.

Maria não desistia:

- Mãe?

- Ai Maria, que perguntas. Não, no palácio de Viena não havia dois cozinheiros e duas cozinhas diferentes, mas havia muitos cozinheiros na mesma cozinha, porque eram sempre muitas, muitas pessoas para almoçar e jantar. E aqui é assim, porque o seu pai gosta de comida portuguesa, ou melhor brasileira, e eu continuo a preferir a comida da minha juventude, e por isso tenho cá o François, que, como sabe, é francês...

Maria sentiu-se de repente mesquinha, e quis emendar-se:

- Mãe, ainda bem que é assim, porque eu também gosto muito dos pratos do seu chefe, e é bom que seja assim, porque preciso de estar habituada a essa comida, não é? Porque senão, quando chegar à Europa, não gosto de nada, não é?

Leopoldina sentiu os olhos a picar. Era tão genuína, a sua Maria. Inteligente, rápida, mas pouco esforçada, como ainda ontem escrevera à sua irmã a contar, mas generosa e de coração grande. Não sairia do Brasil tão culta, nem tão educada como o desejaria. Deus sabia como tinha sido triste o episódio de Maria Graham, a única mulher nestes longos anos com que fora capaz de conversar de igual para igual, filha de um almirante inglês, culta e viajada. Guardava a memória das tardes que tinham passado juntas, como das mais agradáveis dos últimos anos. E tinha depositado nela tantas esperanças: era ouro sobre azul. Uma mulher culta que podia ensinar as suas filhas a serem as princesas que Leopoldina desejava que fossem, prepará-las para que não passassem por provincianas quando um dia casassem com um príncipe europeu, e que ao mesmo tempo estaria ali naquela casa, como uma aliada, uma amiga.

Pedro ficara entusiasmado a princípio. Tinha de reconhecer que o marido se preocupava com a educação das filhas, e que reconhecia que a sua própria formação académica fora deficiente ou mesmo má. Era o primeiro a incitá-las a estudar, e chegava a ser mesmo exigente e duro (e no dia seguinte, indiferente ou complacente,

suspirou!), e vira na preceptora inglesa a oportunidade para as pequeninas. Aceitara mandá-la a Inglaterra comprar material escolar e livros, mas de repente, de um dia para o outro, anunciara que a demitira. Antes mesmo de ela ter começado. Argumentara que não era bom que as filhas do imperador do Brasil, num tempo em que os brasileiros olhavam com tanta desconfiança quem ali não tinha nascido, fossem educadas por uma «estrangeira». Passara pela vergonha de despedir a sua amiga por carta, e chorara dias a fio de amargura: tudo lhe era roubado. Tudo. Confessara-se nesse dia a frei António, e pedira desculpa pelo ódio com que falava daquela gente que a rodeava: «Padre, só ciúmes e invejas, só intrigas e maldade. Sentiram-se preteridas, perceberam que Graham tinha o que elas não tinham, que era culta, percebia aquilo de que eu falava, tinha lido os livros que eu li, e não aguentaram o ciúme. Mas para quê? Que lhes interessa o que conversava com Maria Graham, se não estão minimamente interessadas naquelas discussões? E agora? Agora quem é que ensina as minhas filhas? Agora quem é que tem mão na Maria, que precisa de disciplina, de ser obrigada a estudar, porque ou dá ordens às mestras, ou pura e simplesmente as ignora, e bate com a porta. Padre, peço perdão pelo meu ódio, pela minha revolta, mas como pode o pai dos meus filhos consentir que estes ciúmes mesquinhos ponham em causa o futuro das nossas filhas? O futuro do futuro imperador, padre?»

Mas sabia que frei António, coitado, não podia mais fazer do que garantir-lhe que não pecava, e prometer falar a Pedro. Mas ambos sabiam que o imperador só ouvia quando lhe convinha.

Maria interrompeu-lhe, como sempre, os pensamentos, pousando-lhe no colo um balde enorme de morangos.

- Mamãe, chegam?

As bochechas encarnadas, o suor a cair-lhe pela cara, as sardas marcadas por chapéus sempre esquecidos. Leopoldina tomou o

rosto da sua filha querida entre as mãos e beijou-lhe a ponta do nariz:

- Chegam, minha querida. Vamos chamar o François, e esperar que as suas irmãs não o intercetem pelo caminho, senão não há bavaroise para ninguém.

Nessa tarde, depois do almoço, Leopoldina voltou à sua chaise longue na varanda dos papagaios. Januária e Paula partilhavam a rede de linho presa à parede, que balouçavam com os pés no chão, e o Pedro, que faria 1 ano dentro de dias, brincava no parque de madeira que a ama havia montado ao pé da imperatriz. Xica entretinha-se com um carrinho de linhas, depois de ter recebido vários ralhetes por ter tentado dar pevides aos papagaios e acabado quase sem dedos. Maria sentava-se, de novo, na mesa de verga, a pena na mão. Felizmente, Bela tinha sido chamada pela mãe para lhe provar uns vestidos, e Leopoldina suspirou de felicidade: tudo valia a pena, para poder assistir àquela cena. Os olhos pousaram no bebé Pedro, os cabelos louros encaracolados, os olhos claros, «tão austríaco, como nós», escrevera ainda há dias ao seu pai.

E agora, o que vinha aí? Um outro rapaz? Desejava-o muito, mas tinha medo. Não podia olhar para Pedro sem se lembrar de João Carlos, que morrera com pouco mais de 1 ano, e de Miguel, que o Altíssimo levava poucos minutos depois de nascer. As suas filhas eram saudáveis, grandes, Januária Maria, de cabelo mais escuro, Paula Mariana uma grande mistura, mas decididamente Maria da Glória e Francisca Carolina eram mais alemãs, mas mesmo Pedro, embora sem problemas de saúde, graças a Deus, parecia mais frágil do que elas. Seria a epilepsia dos Bragança, de que o imperador também sofria e que tanto o assustava, que tornava os homens da família mais fracos? - afinal, também tinha apenas um cunhado, e muitas cunhadas.

A mão escorregou-lhe de novo para a barriga, e um pensamento fê-la estremecer:

De que sexo seria o novo bastardo de Domitília, que mais dia, menos dia voltaria a engravidar, estava certa disso? Também ela dera à luz um Pedro, que morrera com apenas vinte dias de vida, sem que a mãe sequer estivesse ao seu lado, porque viajava com os imperadores para a Baía, indiferente à doença do filho, que ficara com os avós. O bastardo, Pedro de Alcântara Brasileiro, tivera umas exéquias dignas de filho de imperador, com a presença de altos dignitários da corte que, na ausência de ordens explícitas do pai, decidiram embalsamar a criança e promoveram cerimônias religiosas na igreja do Engenho Velho. Os oportunistas eram sempre assim, preferiam pompa a mais do que o risco de o ofender com pompa a menos. Tinha a mesma idade do seu Pedro, que fora poupado, e olhando agora para o sorriso do seu bebê, que lhe estendia uma roca mordiscada, que Deus lhe perdoasse, mas ainda bem que não sobrevivera... Já bastaria a este Pedro II do Brasil a herança de um Império cheio de contradições e diferenças, um Império que, desconfiava, o pai lhe deixaria um dia delapidado e inseguro, quanto mais se o tivesse de disputar com um rival, apadrinhado por uma mulher tão ponderosa e tão má como a marquesa de Santos - título que se recusava a pronunciar alto.

Maria, que estivera entretida com os lápis de várias cores, de repente exclamou:

- Mãe, conte-me como foi a aclamação do pai, porque a mestra quer que eu escreva sobre isso...

Leopoldina sorriu-lhe, deixando claro que sabia bem o que a filha queria ouvir, a parte da história que, desde pequena, já lhe contara vezes sem conta. Mas, entrando no jogo, concordou:

-Eu conto, se as meninas Januária e Paula deixarem de se balouçar assim, que ainda acabam no chão.

- A mãe só vai contar porque a Maria quer ouvir aquela parte em que ela entra - começou Januária, mas calou-se perante o olhar

cansado da mãe, as olheiras pesadas...

Paula atalhou, sempre conciliadora:

- Conte, mãezinha, a Xica e o Pedro nunca ouviram, de certeza.

Leopoldina estendeu a mão e deu-lhe uma festinha na perna em agradecimento.

- Então, vou contar. Quando o vosso avô João voltou para Portugal, com a avó e os tios...

- E a bisavó Maria num caixão - acrescentou Paula.

- Sim, e a bisavó Maria, que só deixou de ser rainha quando morreu, e cujo corpo foi para Lisboa, nessa altura, o papai ficou como representante da coroa portuguesa no Brasil. Mas as Cortes em Lisboa não quiseram aceitar o Brasil como um país independente, queriam continuar a governá-lo como se fosse uma terrinha portuguesa, até porque muitos que lá vivem nunca viram como o Brasil é grande, rico e poderoso. Nessa altura os portugueses e os brasileiros começaram a ficar zangados uns com os outros. E os portugueses, com medo de que os brasileiros se proclamassem independentes, e que pedissem ao pai para ser o seu imperador, começaram a mandar soldados....

- E aí a mãe e o José Bonifácio decidiram que o Brasil devia ser independente, não foi? - gritou Maria, entusiasmada, quase entornando o tinteiro.

Leopoldina riu:

- Afinal sabe a história, ou não?

- Vê, mãezinha, como ela sabe - aproveitou imediatamente Januária para dizer.

- Bem, não importa, vou continuar a contar. É verdade que a mãe era regente nessa altura, porque o pai tinha ido a São Paulo pacificar umas escaramuças, e é verdade que o grande político que era, e é, José Bonifácio pediu a minha ajuda para tomar algumas decisões. Por azar, porque preferia que o vosso pai cá tivesse estado, foi nessa altura que recebemos uma declaração de guerra de Portugal, e a Assembleia Geral achou que era tempo de declarar a independência. Mas a decisão era do pai...

- Mas o pai disse que foi a mãe que lhe escreveu a dizer para ele dar o «Grito do Ipiranga» - interrompeu de novo Maria.

- E tu lembras-te, não? - exclamou Januária, irritada, esquecendo-se dos olhos cansados da mãe...

- Por acaso até me lembro, quase me lembro, tinha 2 anos, o Pedrinho tem 1 ano e já sabe imensas coisas...

Leopoldina deu uma gargalhada - há muito tempo que não se sentia tão feliz, abençoadas crianças.

- Então o pai decidiu que o Brasil devia ser uma nação independente, mas como o Brasil é tão grande, e com tantas diferenças, tinha de ser um império, uns Estados Unidos do Brasil...

- E o pai e a mãe passaram a ser imperadores do Brasil? - perguntou Paula.

- Isso mesmo, filha. O pai foi aclamado no dia 12 de outubro de 1822. Saímos do paço em carruagens pintadas de novo com as armas do Brasil, e fizemos todo o caminho até à Capela Imperial por baixo de arcos de flores...

E na carruagem - e virou-se para Maria, que estava corada de excitação - ia eu, e a Maria da Glória, com um vestido branco de rendas, porque era então a nossa única filha, a filha mais velha, a continuação da nova dinastia brasileira...

- Ainda bem que nasceu o Pedro - disse Januária, deitando a língua de fora à irmã.

Maria encolheu os ombros:

- Mamãe, conte, e depois fomos à varanda, eu lembro-me...

Leopoldina riu:

- Já viu tantas vezes os desenhos do Debret, que é impossível não se lembrar. Mas fomos chamados à varanda do paço, o largo cheio, cheio, de gente, toda a gente vestida a preceito, os criados de libré, as senhoras e os senhores nos seus melhores fatos, e você foi a mais aclamada. Tinha 2 anos, mas ficou muito direita e muito sorridente, o pai pegou-lhe ao colo para a multidão a ver, e gritaram todos «Viva, Maria da Glória, Viva Maria da Glória».

- Porque julgavam que eu ia ser a próxima imperatriz do Brasil? - perguntou Maria, quase como se falasse para si mesma.

- Porque gostavam de si, porque gostavam do seu pai, que tinha tido a coragem de dizer «Fico», e de lutar pelo Brasil, aos olhos dos outros contra o seu próprio pai, mas na verdade por ordem dele, que tinha pressentido o que ia acontecer e lhe dissera para aceitar ser imperador.

- E agora vou-me embora, para ser rainha do país que os brasileiros odeiam? Eu, que deixei de ser princesa da Beira, para ser princesa do Brasil, vou para Portugal... E se eles não gostam de mim, mamãe?

Leopoldina olhou para a filha, os olhos toldados pela emoção, e tentou responder com indignação:

- Não odeiam nada, Maria, que disparate. O seu pai abdicou em si, e os portugueses ficaram contentes pela promessa de uma rainha

Bragança, filha de D. Pedro, neta de D. João VI, que vai levar com ela uma Carta Constitucional liberal...

- Mas, mamãe - disse Maria, subitamente a sentir-se uma migalha assustada no Universo -, a avó Carlota Joaquina quer que seja o filho dela, o tio Miguel, a subir ao trono! E o papai sabe disso, por isso é que quer que eu case com ele. Mas e se o tio Miguel não quer casar comigo, se vão ser todos maus para mim, e vou ficar longe de si e dos manos, como a mãe ficou tão longe do seu pai, da sua querida irmã e de todos os seus manos?

Januária e Paula pararam de balouçar a rede, Xica fechou a mão com força sobre o carrinho de linhas com que brincava, e até o Pedrinho deixou de bater com a roca na borda do parque, e ficou parado a olhar.

Leopoldina sentiu o coração apertar-se, e os pulmões colarem-se às costas, como se nunca mais fosse capaz de respirar. Estendeu a mão em direção à filha mais velha, que respondeu ao gesto precipitando-se para o seu abraço:

- Maria, vai tudo correr bem, vai tudo correr bem. Mas agora vão lanchar, que já são horas.

Enquanto as via atravessar a sala a caminho da copa, fechou os olhos e pensou: «Que razão tinha eu, quando ainda há dias escrevi à mana Luísa e lhe disse, lembro-me bem das palavras exatas, que "a cada dia mais convencida estou de que apenas paixão mútua e amizade podem fazer um casamento feliz, e que nós, pobres princesas, somos apenas dados, que se jogam e cuja sorte ou o azar depende do resultado". Pobre Maria, como gostava que pudesse casar por amor, na idade certa, em lugar de lhe ser imposto um tio, dezassete anos mais velho do que ela, apenas quatro mais novo do que o seu próprio pai, um homem de 25 anos com uma menina de 7... Dados que rolam sobre um tabuleiro de jogo, e que no meu

acabaram nesta tragédia... Que a sorte seja generosa com Maria, com todas as minhas filhas», suspirou.



Uma das criadas ajudou-me a trocar a roupa do dia e a preparar-me para me deitar. Sentei-me no meu toucador para que a criada me desmanchasse o carrapito, e reparei muna madeixa branca que nunca vira antes. Era certamente resultado da agitação dos últimos tempos, pensei.

Nasci em Lisboa e casei ainda criança com o meu tio, Fernando de Portugal e Castro, como agora a pequenina Maria vai fazer. Vim para o Brasil quando Fernando foi nomeado vice-rei. Depois voltei para Portugal, para finalmente regressar de novo ao Brasil, dama de D. Maria e depois de D. Carlota Joaquina, quando a família real fugiu de Napoleão. Tinha ponderado regressar, quando os reis de Portugal regressaram, mas estava já demasiado presa a D. Leopoldina, aos pequeninos infantes, e era aqui que estavam todos os meus amigos e amigas - que faria eu, de volta àquele país, sem nada que lá me prendesse?

Dei por mim a estremecer, e a criada perguntou-me o que era, e parou de escovar, com medo de me ter magoado a desembaraçar o cabelo.

- Não foi nada, Isaura, só imia brisazinha mais fresca, que entrou por essa janela, graças a Deus, senão ainda estorricamos aqui vivos - disse-lhe eu.

Ela soltou tuna gargalhada livre, com aquela alegria que este povo tem, e sem cerimónias levantou a saia, como se quisesse apanhar o ar fresco por baixo dela, exclamando «Vossemecês põem tanta roupa em cima do corpo, que não sei como aguentam». Repreendi-

a, mas ela insistia que se Deus nos pôs no inundo assim, então é porque queria que andássemos assim...

Mandei-a calar, o dia tinha sido demasiado longo e difícil para conseguir distrair-me por muito tempo com estas conversas, quando bateram à porta com força. Era Rosa, que me pedia que me deitasse no quarto de D. Leopoldina, porque ardia em febre e delirava.

A açafata iluminou-me o caminho até aos aposentos da imperatriz. A luz da vela iluminava o quarto que se enchia de sombras sempre que tuna corrente de ar entrava pela janela escancarada. Apesar da escuridão daquela noite, sem luar, percebi imediatamente que D. Leopoldina não estava bem: agitava-se na cama, gemendo, os cabelos ruivos espalhados na almofada branca ensopados de suor.

-Não, não quero passar nem mais um minuto neste barco, Pedro, tira-me daqui, Pedro, não me faças sofrer mais - dizia a minha pobre senhora, e tive de enxotar dali a criada que me acompanhava, que iria certamente repetir nas copas os delírios da imperatriz. Mandei-a buscar um chá de ervas, e pedi a Rosa que fosse procurar lençóis lavados para mudarmos a cama, ensopada, e quando as vi sair, e tive a certeza de que tinham fechado a porta atrás de si, comecei a falar:

-Sou eu, a Maria Francisca, senhora D. Leopoldina, não se aflija, está aqui em casa, comigo e com os seus filhos...

Leopoldina respondeu à minha voz, os olhos muito abertos na minha direção, mas não tinha a certeza de que me via. Nunca fora sua confidente, a imperatriz reservava os seus desabafos para as cartas e o embaixador, mas disse-me que me estava profundamente reconhecida pela minha fidelidade, coitada, são poucos de facto os que lhe têm sido leais.

Pedi-me desculpa, imagine-se, a mão gelada, a testa a arder em febre:

-Não ligue, minha boa amiga, imaginava-me a bordo ainda... naquela horrível viagem à Baía, acho que desde aí não estou bem, primeiro as dores nas articulações, com toda aquela htnidade, agora isto...

Pobre imperatriz. Não lho podia dizer, evidentemente, mas não havia ninguém na corte inteira, no Rio de Janeiro inteiro, que não tivesse comentado aquela viagem. A história corria, inclusivamente, à boca fechada nos cafés e nas tabernas, nas praças e nos mercados. Quantas vezes não discuti o assunto com frei António, e sei bem que o embaixador austríaco no Rio, o Mareschal, escreveu preocupado ao imperador da Áustria, queixando-se do atentado à honra da imperatriz perpetrado pelo próprio marido. Embora não goste do arrogante alemão, partilho completamente a sua opinião, também eu acho que D. Leopoldina se deveria ter recusado a partir no mesmo barco que o marido e a amante, e a fechar-se no seu camarote e tomar as suas refeições sozinha, enquanto a marquesa de Santos jantava na mesa de gala, à esquerda de D. Pedro, e para cúmulo com a nossa pequenina Maria da Glória, então com 6 anos, ao seu lado direito. Não sei como é que a minha senhora permitiu aquele desaforo público, permitiu que a «outra» se apresentasse ao lado do imperador nos desfiles pelas ruas da Baía, enquanto ela ia à frente muna liteira à frente dos cortejos, digna, triste, atraindo a si o carinho das gentes do povo, mas a abrir terreno para a amante, que depressa se tornava muna concubina oficial que mostrava ao mundo que tinha o rei na palma da mão.

D. Leopoldina apontou para o copo de água que estava na sua mesa de cabeceira, e apressei-me a levá-lo aos seus lábios gretados, quase o entornando quando ouvi a imperatriz perguntar-me:

- Culpa-me, senhora marquesa? Culpa-me por ter permitido que essa mulher, essa Pompadour, mas ignorante e sem nível, mostrasse a todos que é ela que governa o meu marido, que é ela que dorme com ele e o manipula como tuna marioneta?

Engasguei-me com o embaraço. Mas a minha senhora não esperava uma resposta, e presumia com segurança os meus pensamentos:

- Se calhar tem toda a razão. Mareschal zangou-se comigo, disse-me que não devia ter consentido naquela fantochada, que não podia ter consentido que Pedro a fizesse conviver com a nossa filha Maria, que se risse com ela, que aparecesse a cavalo ao seu lado, como se fosse ela a mãe, ela a mulher... mas que podia eu fazer? Fui educada a manter os meus sentimentos para mim, educada para a reserva, para aguentar o que for preciso por razões de Estado. Que posso fazer, que podia fazer, senhora D. Francisca? Transformar-me numa Domitília, arrancar os cabelos à mulher, lançá-la ao mar e esperar que os tubarões a devorassem?

Ao dizer isto, cortou a escuridão do quarto com gargalhada amarga, que me fez estremecer. Mas queria continuar a desabafar.

- O que vou dizer-lhe, D. Francisca, atribua-o, por favor, à febre, à morte que me vai levar em breve, e guarde-o para si, peço-lhe: a verdade é que fui educada para casar com tun príncipe, com uni rei. Um homem que, também ele, soubesse que não podia sujeitar a sua mulher legítima, a mãe dos seus filhos legítimos, às humilhações a que Pedro me tem sujeito. Infiéis, os homens sempre foram, ouvi histórias desde pequena de casos, e affaires, não sei se o meu pai traiu a minha mãe ou a minha madrasta, mas se o fez, posso jurar-lhe que o fez em segredo, sem que essa mácula caísse sobre nenhun de nós. Como podia estar preparada para fazer frente a uma mulher do calibre de Domitilia? Mas, sobretudo, como podia estar preparada para fazer frente a uni marido que não tem respeito por si mesmo, que não respeita os seus súbditos, que não respeita a sua mulher e a sua família? Como? Diga-me, como?

Fiquei em silêncio, não sabia o que responder. Tantas vezes me achara capaz de lhe dar conselhos, fizera mesmo julgamentos precipitados, de que era acomodada de mais, que não o tentava

seduzir como a outra fazia, mas agora olhava-a e percebia-a. D. Leopoldina tinha razão - que podia a pobre ter feito com um homem caprichoso e autoritário, mas sedutor e amoroso quando queria, o que podia ter feito ela ali, tão longe de todos aqueles em quem confiava?

Mas não podia ficar calada. Estiquei-me para a frente, e voltei a molhar o pacho colocado sobre a testa, e fui falando, baixinho:

- Só podemos agir segtmdo a nossa consciência, na certeza de que Deus Nosso Senhor vê tudo, sabe tudo, e nos receberá no Céu, dando-nos então a recompensa de tudo o que sofremos nesta Terra...

Leopoldina fez-me aquele seu sorriso doce. Sentiu que tinha de continuar:

- Sabe, eu vi a educação que o senhor D. Pedro recebeu, aliás como o seu irmão Miguel. Não digo nas letras, que isso ficou aos mestres, mas aquela que recebeu dos seus pais. Ainda a senhora D. Maria estava bem, e já se preocupava com aquele casamento, de uma menina que na altura tinha 12 anos quando chegou a Lisboa e o filho, mais velho e, se me permite, paz à sua alma, um pouco estranho também. O senhor D. João era introvertido, religioso, metido com os seus livros e plantas, e não era capaz de contraditar a mulher, a sua sogra, que, como sabe, nunca, deixou de conspirar contra ele, porque queria poder, mais poder, o poder que agora procura em Portugal através do seu cunhado. Chegaram aqui ao Brasil, tinha o senhor D. Pedro 9 anos, e desde então viveram separados, com os filhos divididos entre pai e mãe, ou seja, entregues a si mesmos, uniu país sem hábitos de corte, onde todos os protocolos que trazíamos pareciam ridículos e desajustados.

Leopoldina entusiasmou-se:

-Quando cheguei, e durante muitos anos, estranhei que a vida da corte acontecesse só na igreja. Aquelas missas sem fim, o meu querido sogro embevecia-se com a música que mandava compor para cerimónias intermináveis, sentia-se bem ali entre os padres e as freiras. Se soubesse a falta que senti dos bailes, da alegria e da dança! As senhoras vestiam-se a preceito, mas para ir à missa... Depois com Pedro tudo mudou um pouco, e ao que consta agora, com ela, há festas e bailes, e abre os cordões à bolsa para mobilar a casa com tudo o que há de melhor, e eu vivo do dinheiro que vou pedindo ao embaixador que peça da Áustria, e Deus sabe quantas dívidas vão ficar, quanta gente pobre, quantos escravos vou deixar desvalidos porque não fazia sentido que não os ajudasse, famílias que vivem aqui na quinta e não têm o que dar de comer aos filhos...

Estava cada vez mais comovida. Há tanto tempo que vivia neste paço, e nunca D. Leopoldina falara assim comigo. Sem ter um marido e filhos com quem partilhar os meus sentimentos, sentia-me, naquele momento, tão sozinha como a imperatriz. Que tempo desperdiçado em que nos podíamos ter ajudado mutuamente, nem que fosse com estes desabafos. E agora Leopoldina só falava como se fosse partir. Disse-lhe, entre lágrimas:

- Senhora, não fale sempre assim como se estivesse tudo acabado. Isto vai mudar, o senhor D. Pedro vai cansar-se daquela mulher, vai voltar para si... admira-a tanto, pede-lhe os seus conselhos para a política, é a senhora que escreve as cartas a pedir soldados, a pedir fundos para a guerra. E os seus filhos, espreitei-os todos quando estavam na varanda dos papagaios: tão bonitos, todos juntos, tão próximos, tão amigos...

A imperatriz sorriu, aparentemente mais tranquila, e pediu mais um gole de água. Apesar de ofegante, e do tempo que passava, continuou:

- Viu a Maria? Está tão engraçada, tem tanto do pai, naquela forma espontânea como diz as coisas. E aquela alegria que também

é dele, porque sim, D. Francisca, apesar de tudo, ainda me apaixona a alegria e o entusiasmo do Pedro, a forma como ele se atira para as coisas sem pensar, mas com tuna vontade enorme de viver... Tenho a certeza de que, apesar de uni pouco magoada com ele, a Maria e o pai vão ter sempre imia ligação especial. Ainda se lembra de como ele a levava às cavalitas, andava com ela todo o dia ao colo, quando ela era bebé de fraldas e os homens nem costumam ligar?

Acenei que sim. Ninguém podia negar a paixão que o imperador tinha por crianças, a facilidade com que lhes pegava, brincava com elas. Havia dias em que fazia de cavalo no chão do quarto de brinquedos e as deixava trepar por ele acima.

Falar de Maria era dos assuntos favoritos da imperatriz, por isso fiquei contente quando deixou Domitília por momentos e se concentrou na filha.

- Tenho medo que ela seja uni pouco preguiçosa, como ele - disse-me, mais divertida do que preocupada. - É esperta, muito inteligente mesmo, mas se puder fugir ao trabalho metódico e disciplinado foge... Ainda há semanas escrevi à minha irmã Luísa a dizer-lhe que as meninas tinham adorado os vestidos que lhes mandou, embora o de Maria estivesse pequeno, ela é grande para os seus 7 anos, mas que mostrara bastante menos interesse pelos livros enviados...

Dei por mim a tranquilizá-la, lembrando-lhe que livros via a criança desde que nascera, porque todos os dias chegavam caixotes deles ao paço, que Leopoldina comprava e lia compulsivamente. Já tecidos ricos e vestidos bonitos era coisa mais rara, naquela casa austera, e não admirava nada que as infantas delirassem com as roupas que a tia lhes mandava de Itália.

Confesso que me apeteceu acrescentar que ela própria não teria perdido nada se em lugar de encomendar balanças para pesar as suas ricas pedras, e espanadores para limpar a coleção de raridades

que crescia todos os dias muna das alas do paço, tivesse pedido à irmã que lhe mandasse vestidos decotados e tiaras, chapéus, luvas e plumas, como aquelas com que agora Domitília usava com todo o descaramento.

Dei um salto, quando a imperatriz me leu de novo os pensamentos - seria da febre, ou possuía agora poderes desconhecidos?

-Acredite que já fui vaidosa, e que percebo a Maria - disse-me, para acrescentar: - Só espero que não engorde como eu, e não esteja tantas vezes em estado interessante como eu estive.

Corei e desviei o assunto:

- Mas lembro-me, agora que me fala disso, de um vestido lindo de seda que a senhora D. Maria Luísa lhe enviou em tempos... julgo que nunca a vi vesti-lo.

Leopoldina olhou para o teto da sua cama de dossel, e ali manteve os olhos fixos, até que me respondeu:

- O senhor D. Pedro não deixou que o usasse. Disse que não era próprio de uma mulher séria, acusou-me de me querer fazer desejar por outros homens...

Senti o sangue fugir-me da cabeça, e apertei a mão contra o braço da cadeira. Que estranho era este homem, que perverso, capaz de minar aos poucos a confiança de uma mulher nos seus atributos, roubando-lhe a oportunidade de se mostrar, para depois a acusar de ser gorda, disforme, de se fechar em casa, e de não ser atraente... Mas consegui dizer:

- Tinha ciúmes de si, é bom sinal.

Leopoldina riu baixinho:

- Foi o que na altura quis acreditar, e por isso aceitei, quase que achei uma forma de lisonja. Mas posse, D. Francisca, é coisa diferente de amor... e aprendi à minha custa que imputamos aos outros os maus pensamentos que temos nas nossas cabeças. Nunca pensei em atrair outro homem senão o meu marido, mas ele nunca pensou em mais nada senão em seduzir outras mulheres, como uni caçador que não pode ver uma lebre aos saltos num bosque. Espero que Maria tenha mais sorte...

Procurei consolá-la, não a podia deixar embrenhar-se agora na angústia do casamento da filha. Enchi-me de coragem:

- Dizem que o senhor D. Miguel não é mulherengo, e como sabe, D. Leopoldina, casei com uni tio, e fui tuna mulher muito feliz.

Leopoldina apertou-me a mão:

- Sabe, no outro dia escrevi ao meu pai e pedi-lhe que tivesse uma conversa séria com o meu cunhado. Como sabe, o Miguel tem estado na corte austríaca, e espero que a aprender a comportar-se... Fiquei muito animada porque o meu pai, e a minha irmã, me responderam a dizer que ele estava diferente. E prometeram tomar conta da Maria, educá-la também, porque vai precisar, coitadinha, de se habituar a uni protocolo bem mais rigoroso do que aquele que se vive muna chácara no Rio de Janeiro. Sei que o meu pai tem conhecimento do que tenho sofrido aqui - pouco lhes conto nas minhas cartas, que, como sabe, são sempre abertas e lidas, mas o senhor embaixador tem levado notícias, a senhora Graham também lhe escreveu já de Londres. Acredito que o meu pai não vai deixar que o destino da filha se repita na neta que tanto ama, e Portugal é mais próximo da Áustria...

Leopoldina não chegou a acabar a frase, subitamente contorceu-se de dores, e gemeu alto:

- Vou perdê-lo, vou perdê-lo, está a vir. Socorro, Nossa Senhora da Glória, socorro...

Fiquei por momentos paralisada, mas depois gritei por Rosa a plenos pulmões.

A açafata entrou de imediato, e ambas puxámos para trás os lençóis da cama. Tingidos de sangue, não deixavam dúvida de que a imperatriz tinha razão: o bebé, ainda tão prematuro, e tão maltratado pela violência do pai e pela ansiedade da mãe, cansara-se de esperar.

Os gritos ecoaram pela casa, misturando-se as vozes e ordens, cavalos montados por criados ensonados que corriam em busca do médico, o irmão de Rosa, com a ordem explícita de ir buscar o curandeiro da aldeia mais próxima, frei António chamado a vir depressa.

Fiquei no quarto até de madrugada, e vi a pobre imperatriz dar à luz um rapazinho, que nasceu já morto.

Estenderam-lhe o bebé, envolto em panos, e D. Leopoldina beijou-o, desenhando-lhe tuna cruz na testa. Sem lágrimas, mordendo o lábio com força, disse baixinho:

- Vai, meu filho, vai ter com o Altíssimo, que em breve lá estarei contigo.

Quando regresssei ao quarto para finalmente me deitar, ajoelhei-me junto da relíquia de Santiago de Compostela, que lhe tinha sido dada pela mãe em pequena, e rezei com toda a minha Fé, pela pobre imperatriz.

O médico, antes de partir, confidenciara-me que desde a noite em que Leopoldina fora pontapeada e caíra, o bebé estava de certo morto. As febres faziam temer que a septicemia já tivesse começado há uns dias. A imperatriz não delirava quando dizia que corria perigo

de vida. Pela janela aberta, na ânsia de uma pequena aragem, ainda ouvi os soluços de Rosa na varanda ali ao lado. Confessara-me, embora sabendo-nie contra estas magias, que o curandeiro da sua aldeia vira o mal a espalhar-se, e dissera-se impotente para o curar. Todo o seu poder e a sua magia não chegariam para a salvar...

Mas Rosa, pelos vistos, não desistia: tuna aragem trouxe-me o cheiro de tuna vela, que certamente a pobre açafata acendia à mãe de santo. Não precisava de escutar as palavras para saber a oração: por esta hora, Rosa imploraria que os espíritos levassem a vida do homem que arruinara a vida da sua senhora, que morresse ele, e que morresse a outra, mas que a sua senhora ficasse junto dela, junto dos seus filhinhos.

Enterrei a cabeça na almofada e, entre soluços, fiz minhas as palavras de tuna escrava.

Paço de São Cristóvão, 7 de dezembro de 1826

- **M**enina, esteja quieta que a queimo - protestava a criada, que com um ferro quente enrolava o cabelo de Maria, para que caísse em canudos, como a imperatriz gostava de a ver.

Mas Maria não conseguia ficar quieta, e num gesto impaciente sacudiu a mão da criada, soltando um grito:

- Ai, queimaste-me.

A criada, aflita, pousou o ferro e pegou-lhe na mão.

-Venha, menina, rápido, que lhe faço um curativo na cozinha - disse, levantando-a da cadeira onde estava sentada e puxando-a em direção à copa.

Maria soprava na mão e seguia-a, vociferando insultos, quando ambas pararam no patamar das escadas, estarrecidas. Branca, pálida como a cal, Leopoldina, ainda de camisa de dormir, coberta por um roupão de seda oriental, com um padrão de pássaros e flores exóticas, preparava-se para descer as escadas, apoiando-se em Rosa de um lado e no corrimão do outro, quando os gritos da filha a fizeram parar.

- Maria da Glória, o que é que se passa, filha, que maneiras são essas de falar? - perguntou, a voz firme, apesar do ar de fantasma que tanto assustou a criança.

Maria engasgou-se e tossiu. Sabia bem que não podia fazer queixinhas da criada, nem tão-pouco conquistar a compaixão da mãe mostrando-lhe a queimadura na mão, por isso escondeu o braço atrás das costas e respondeu, afogueada:

- Foi o meu mau génio, mamãe, peço muita desculpa...

- A mim, Maria? Pelo que ouvi, não é a mim que tem de pedir desculpa...

Maria, corada, virou-se para a criada, abraçou-a e pediu-lhe desculpas sentidamente:

- Desculpa, queimei-me por estupidez minha, e fui malcriada, peço perdão.

A criada, os olhos na fragilidade assustadora da imperatriz, aconchegou a sua menina junto a si. Pobre criança, quem não andava com os nervos em franja naquela casa?

Leopoldina olhou a filha, preocupada. Como seria a partir de agora? Quem lhe explicaria que sob nenhum pretexto podia deixar-se levar pela ira, quem lhe faria frente, quando ela tinha aquela espontaneidade do pai, que levava a que lhe perdoassem as piores ofensas, como tantas vezes ela tinha perdoado? Recordava-se de ter escrito a Maria Luísa, tinha Maria uns 2 anos, a queixar-se de que não a deixavam castigar a criança, castigos suaves, mas disciplinadores, que sabia terem sido importantes - mas, até na educação das suas próprias filhas os amigos de Pedro se tinham intrometido, pensou com raiva.

Chamou-a a si e a filha veio a correr, escondendo a cara na suavidade da seda, entre pássaros e flores, o cheiro da mãe, aquele cheiro só dela:

- Mãe, prometo, prometo que nunca mais me porto mal. Deixe-me ir consigo para baixo - insistiu.

Leopoldina segurou a mão queimada e deu-lhe um beijo suave:

- Vá tratar a queimadura, que espero por si no salão.

Maria ficou encostada à balaustrada de pau-santo, a ver a mãe descer penosamente degrau a degrau. Lá em baixo, de mão estendida para acolher a da imperatriz e a beijar, estava o antigo ministro do pai, José Bonifácio de Andrada, de quem a mãe gostava tanto, e o pai, de repente, tão pouco.

A criada pousou-lhe a mão no ombro, e descolou-a da balaustrada:

- Venha, menina, essa mão precisa de um curativo, senão a menina vai ver a coceira que faz...

Maria deixou-se levar, procurando manter tanto tempo quanto conseguisse os olhos lá em baixo: quando chegasse ao seu tempo de reinar, não deixaria que ninguém decidisse por ela quem devia ou não ser seu amigo, quem devia ou não escolher para ministro. Teria muitos filhos e cuidaria deles, como a mãezinha tomava conta de si e dos manos, mas mandaria muito e bem, e o tio Miguel teria que perceber que a rainha era ela. Nunca, mas nunca, deixaria que a esquecessem numa ala de um palácio, agissem sem lhe dar satisfações, e a obrigassem a suportar gente reles, muito menos amantes do seu marido. E nesse momento quis muito partir, e um dia ser rainha de Portugal.

Maria foi procurar a mãe, a mão envolta numa ligadura improvisada pela Celeste do jardim das plantas medicinais, que cobrira a queimadura com uma mistela de ervas que, de facto, aliviavam a dor. A criada procurou convencê-la a voltar aos aposentos, para lhe encaracolar o lado direito do cabelo, mas Maria recusou, desta vez educada, mas com firmeza. Queria ir ter com a mãe, insistia.

A casa estava escura, como em todas as horas de grande calor, as portadas fechadas, a humidade a condensar contra os vidros, mas hoje, além de sombria, estava tão, tão estranhamente silenciosa, pensou.

Espreitou no salão, mas as cadeiras estavam vazias, correu à casa de jantar, mas não viu ninguém, atravessou o pátio, e nem viva alma. Com o coração a bater com força no peito, correu em direção à copa, e gelou:

Criados, criadas, açaфatas, cozinheiros, jardineiros e toda a sorte de pessoas que trabalhavam ali no paço alinhavam-se contra a parede, numa fila a perder de vista, e a senhora sua mãe dava a mão a beijar a um por um, e a cada um dirigia uma palavra especial, perguntava por um filho ou um pai doente, agradecia um cuidado especial, recomendava repouso ou juízo, e um por um cada um deles desfazia-se em lágrimas.

Maria procurou o rosto da sua mestra, os olhos da sua Florica, o sorriso tranquilizador da marquesa de Aguiar, mas nenhuma delas lhe retribuía o apelo, ignorando-a, como se não a vissem ou estivessem tão perdidas que não sabiam o que dizer.

Puxou pelo braço de Jaime, que estava ali mais próximo, e perguntou, destrocada:

-Jaime, por favor, diz-me tu, o que é que se passa?

- A senhora imperatriz quis despedir-se de todos nós - respondeu o cocheiro, controlando a comoção na voz.

Maria teve um momento de esperança. Talvez a mãezinha fosse ter com o pai, era isso, de certeza. Talvez o tivessem combinado quando o pai passara lá em casa para falar com a mãe, e ela ficara tão mais bem-disposta, talvez o pai tivesse finalmente entendido que Domitília era uma mulher má e mandasse a Bela para casa dela, e

tudo ficaria como dantes. E o pai, estava certa, voltaria a andar com ela às cavalitas, o pai ensinaria o Pedrinho a caçar e a montar a cavalo, e o bebé que estava na barriga da bruxa nunca chegaria a nascer. Se o da mãe morrera, o de Titília não podia, não podia nascer.

Ficou encostada à porta, até que sentiu uma mão na sua. A marquesa de Aguiar, de quem gostava tanto, apertava-lhe a mão e pedia-lhe coragem. Coragem? Coragem para quê, queria perguntar, mas as palavras não saíam. Frei António, que entrara silenciosamente atrás dela, pousou-lhe as mãos nos ombros, com aquele seu jeito suave, e disse-lhe ao ouvido:

- Deus vai velar pela sua mãe, senhora D. Maria da Glória, e por nós todos, mas agora venha comigo até ao jardim, vem?

Maria voltou-se para ele, e o padre baixou-se à sua altura e olhou-a nos olhos:

- A mãe vai para a Áustria, para o pé da querida tia Luísa e do avô Francisco, é isso? - conseguiu perguntar.

Frei António, em lugar de responder, deu-lhe a mão e convidou:

- E se fôssemos dar uma voltinha ao museu da sua mãe, para conversarmos um bocadinho?

Maria seguiu-o, silenciosa.

Gostava do Real Museu que o avô João tinha criado para a mãe, para a distrair das saudades da coleção de raridades que deixara em Viena, e que agora ocupava uma série de salas do paço, mais salas ainda desde que o avô João fora para Lisboa com a sua corte, soldados e criados. Era dos sítios onde mais feliz tinha visto a mãe. Lembrava-se de a ver mostrar ao pai uma nova peça acabada de chegar e de como, então, ele partilhava com ela o entusiasmo, estudando os detalhes, rindo às gargalhadas, passando-lhe a mão

pelos cabelos. Lembrava-se, ou lembrava-se de lhe terem contado, talvez fosse mais isso, que o pai e a mãe andavam sempre com ela ao colo, e que fazia grandes birras para sair dos seus braços. Parecia que ouvia a voz da mãe a contar-lhe: «Você era a primeira coisa minha, a primeira coisa minha nesta terra nova onde tudo me era desconhecido, mas, mais do que tudo, era a primeira coisa nossa, minha e do teu pai... A Florica era a mais dedicada das amas, mas a verdade é que durante muito tempo não fez muito mais senão andar atrás de mim e de si», dizia a rir, para acrescentar: «Ainda hoje, querida, é a mais preciosa de todas as minhas raridades.»

De mão dada com frei António, Maria continuava calada, os olhos agora presos num manto de plumas, de listas beges e laranja - que pássaro teria penas daquele laranja, mais laranja do que o laranja das laranjas portuguesas, pensou. Ao vê-la abrandar, o frade parou para olhar para o manto, fechado entre dois vidros. Sorrindo, perguntou:

- Porque é que olha para ali, senhora D. Maria da Glória?

Maria, subitamente entusiasmada, contou-lhe:

- Lembro-me que os meus pais receberam o rei Tamehaimaha II e a rainha Tamehamalu, que fugiam num navio inglês das ilhas Sandwich, não sei bem porquê, acho que foi como aconteceu quando os avós deixaram Portugal. O meu pai deu um anel de brilhantes enorme à rainha, e uma espada mesmo bonita e valiosa ao rei, e o rei deu ao meu pai este manto lindo, e a mim uma boneca de palha, com uma saia rodada, e um colar de flores. Quando se foram embora o meu pai pôs-me o manto sobre os ombros, eu tinha 4 ou 5 anos e ficava tão comprido que arrastava pelo chão, mas senti-me muito importante. Depois mandou-me andar pela sala, e eu fazia vénias a brincar, e o meu pai dizia à minha mãe, que ria, de me ver ali debaixo daquelas penas todas: «Leopoldina, a Maria da Glória vai ser a mais bonita das rainhas.»

Frei António apertou-lhe a mão com força:

- E vai, senhora D. Maria da Glória, e vai...

Maria abriu os seus enormes olhos azuis, e pela primeira vez confessou:

- Quero muito ser rainha, para o meu pai e a minha mãe terem orgulho de mim, mas queria ser rainha aqui, ao pé de vocês todos... ou então que os pais e os manos viessem comigo... Esteve quase para acontecer assim, não esteve, frei António?

O frade acenou que sim com a cabeça:

- Não sei muito dessas coisas, mas falou-se que o seu avô, o senhor D. João, ficaria aqui no Rio, que seria a sede do reino, e seria o seu pai a voltar para Portugal, como regente...

- O meu pai, e a mamãe e todos nós?

Frei António hesitou:

- Como lhe disse, só lhe posso contar o que fui ouvindo, mas o que se dizia era que o avô João queria que os netos, o futuro da dinastia, ficassem no Brasil com ele, que a senhora D. Maria da Glória ficasse...

- Eu? Ficava cá sem a mãe? Mas eu tinha 2 anos quando o avô João foi para Lisboa, e a mãe não se separava de mim...

O frade atalhou, rápido:

- Nem foi preciso a sua mãe dizer nada, o seu pai disse logo que não deixava os filhos, e como a sua mãe estava à espera de bebé, ainda quiseram que o senhor D. Pedro fosse sozinho, mas depois houve aí umas escaramuças na cidade, e acabaram por decidir que devia ir o seu avô, e ficar o seu pai...

Frei António já estava arrependido de se ter metido por esta conversa, pela História recente do Brasil, em que tudo mudava tão depressa que era difícil encontrar o fio à meada, em grande parte por culpa das constantes mudanças de opinião do senhor imperador.

Felizmente, Maria distraía-se facilmente:

- Porque é que viemos ver as coleções da mãe? - perguntou, enquanto experimentava os pesos na balança preciosa que Leopoldina ficara tão feliz quando o avô Francisco Iha enviara da Áustria.

Chegava o momento difícil. Frei António encheu os pulmões de ar. Como dizer-lhe que tinha sido, apenas, a única coisa que lhe tinha passado pela cabeça para a resgatar daquela cena macabra da imperatriz, como um espírito a pairar pela casa, em despedidas e agradecimentos, como se quisesse deixar as contas da alma saldadas? Como explicar-lhe que, em breve, só aqui no silêncio destas salas de pé-direito tão alto, nestas campânulas de vidro, nestes mostruários de pedras preciosas e raridades, encontraria a essência da sua mãe?

Maria estacou frente a um cesto de palha carcomido tecido em redor de um homem mumificado, sentado e vestido, de que só se viam os ossos dos pés descalços e a cabeça, ou melhor a caveira, que saía do invólucro como que a buscar ar. «O corpo mumificado de um Aymara Titicaca, cuja tradição obriga a que se coloquem dentro da cesta os objetos pessoais do morto.» Lera tantas vezes a etiqueta que a mãe escrevera com a sua letra desenhada e segura. Com a intuição das crianças, sobretudo a de uma criança que tinha nascido e crescido neste ambiente de intrigas e conspirações, desarmou o pobre frade, indo direta ao assunto:

- Quer dizer-me que a minha mãe está a dizer adeus às pessoas porque vai morrer?

Direita, os seus cabelos arruivados a emoldurarem uma cara branca e sardenta, a boca do pai, os lábios salientes e gordos, parecia pronta a comportar-se como uma austríaca: engolir as emoções como uma rainha.

Não fora isso que vira a mãe fazer, vez após vez, perante as humilhações do pai, perante a morte dos seus bebés, frente aos olhares gulosos dos capangas do imperador, que lhe vigiavam todos os passos? Não fora isto que vira a mãe fazer quando escondia as lágrimas que esborratavam a tinta das cartas que escrevia à sua querida irmã Luísa, ao seu pai e ao seu tio, e sempre que passava um dia, e depois outro, sem que essa família distante lhe escrevesse de volta? Não fora assim que assistira a que, aos poucos, despedissem os políticos e as camareiras de quem mais gostava, a separassem dos empregados favoritos, dos embaixadores que a respeitavam, de tudo o que lhe dava alegria?

Frei António, emocionado, virou-se para a múmia para a qual Maria olhava, de mãos atrás das costas, e, de costas agora voltadas para a criança, respondeu:

- Senhora D. Maria da Glória, os médicos dizem que a sua mãe está muito doente, e ela sentiu hoje a necessidade de ver e falar com as pessoas de quem gosta, de lhes dizer isso mesmo, para se sentir mais em paz consigo mesma, mas isso não quer dizer que vá morrer... Deus Nosso Senhor quer que estejamos sempre preparados para o momento em que Ele nos queira levar para perto de si...

- Deus não precisa para nada da minha mãe, mas eu e os meus manos, sim - respondeu Maria, de repente casmurra e decidida, para acrescentar num tom altivo:

- Este passeio está terminado. Boa tarde, frei António.

E virando-se de novo para a múmia, envolta no seu cesto, ficou a ouvir os passos do frade, sem outro remédio senão afastar-se.

Quando ouviu a porta do fundo fechar-se sobre os gonzos, sentou-se num dos banquinhos junto da janela, olhou a mata cerrada e verde, cheia de vida, que subia até ao topo dos morros, e deixou as lágrimas caírem-lhe pela cara. No «cesto» da mãe, como no de Aymara, ia colocar a sua boneca favorita, a Maria Pequeninina como a mãe lhe chamava, porque também era loira e de olhos claros. Assim, fosse para onde fosse a mãe, iria com ela.



A luz do candelabro de seis velas que trazia na minha mão trémula projetava sombras assustadoras no corredor. Tive medo de tropeçar e de o deixar cair, deitando fogo à casa, mas respirei fundo, e continuei o caminho para o meu quarto, rezando baixinho.

Pousei a única luz que tinha em cima da escrivaninha, e retirei a chave da gaveta do fio grosso de prata que trazia ao pescoço: precisava do meu diário, precisava de desabafar, precisava de escrever o que me ia na alma, nesta noite que era a mais terrível de que tinha memória.

Fiquei estarecida quando cedo pela manhã, com apenas algumas horas de sono, deparei com a imperatriz, de roupão, vagueando pela casa, em despedidas emocionadas. Mal tive uma oportunidade, segurei com força o braço da imperatriz e guiei-a de novo para os seus aposentos, antes que desfalecesse à frente de todos, ou fosse motivo de galhofa e escárnio dos espiões de Domitília, que a esta hora já a teriam avisado de que o estado de saúde da imperatriz se deteriorara irremediavelmente. Imaginar a corte da amante a ridicularizar D. Leopoldina enchia-me de raiva, mas sabia que era exatamente isso que estaria a acontecer...

Aceitei, pouco depois, o pedido de D. Leopoldina para que todos os filhos fossem chamados ao quarto, e foi com o coração a sangrar que vi chegar Maria da Glória, Januária, Paula, Francisca, e Pedro ao

colo da ama. Numa voz fraca, ordenou-lhes que se sentassem na sua cama, e por milagre encontrou forças para conversar com naturalidade, perguntar-lhes pelos estudos e brincadeiras. Até sorriera quando a ama do pequenino imperador lhe mostrara como ele já era capaz de dar palminhas, e estava exímio a mostrar onde a galinha punha o ovo.

Ao cair do dia, no entanto, as dores voltaram, mais fortes do que nunca, e numa agonia imensa D. Leopoldina implorou-me que chamassem o médico e o padre. Apesar dos medicamentos do clínico, e das mezinhas de Rosa, as dores não cediam, e a minha adorada imperatriz alternava entre o sono e o delírio.

Uma das suas outras damas ficara com ela até às dez da noite, e a essa hora eu viera substituí-la.

Subitamente, a imperatriz acordou, os olhos azuis muito abertos, a mão, nervosa, a puxar para longe da testa uma mecha de cabelo que nos últimos meses se tornara branca.

- Marquesa, peço-lhe que aceite escrever uma carta que lhe vou ditar - disse-me, e eu respondi que achava boa ideia que escrevesse ao pai, à irmã, e desabafasse, e que com todo o gosto transcreveria as suas palavras.

- E entrega a carta a Mareschal? Diz-lhe que tem de seguir em segredo, que ninguém a pode ler? Marquesa, consegue levá-la daqui, sem que os espiões de Domitília, os homens do meu marido, a leiam, a desviem?

Assegurei-a de que sim, sem saber se seria capaz de cumprir a missão, mas confiante em que Deus Nosso Senhor me havia de iluminar, me havia de ajudar. Rosa deu-lhe mais tinta colher do remédio que o médico havia deixado, e segurei-lhe na mão até que a febre desceu, e conseguiu adormecer. Só saí de junto dela quando a sua respiração ficou regular e serena, atrevendo-me a beijar-lhe a

testa, pobre menina, tão sozinha e tão triste, a quem toda a alegria foi roubada.

Que prova foi ouvir a sua mágoa, a sua dor, e transcrevê-la em silêncio, escutar os seus soluços e gemidos, sem poder consolá-la.

Rosa saiu imediatamente, pelas portas do fundo, só espero que tenha conseguido - espero que sim, rezo que sim - fazer chegar a carta a Mareschal, através dos caboclos da fazenda, que amam esta minha senhora mais do que toda a corte junta.

Antes de a enviar, no entanto, copiei-a, para que a possa mandar de novo se acontecer alguma coisa à imperatriz ou se os homens de Rosa não chegarem ao seu destino.

Guardo-a aqui, entre estas páginas, escondida. Escondida com a minha angústia de ter sido testemunha de tanta dor tamanha. Mas esta carta é o testemunho do compromisso que assumi de velar pelas princesas, pelo Pedrinho, pelo menos até que D. Pedro volte e me destitua do paço, como certamente fará. Zangado consigo próprio, encontrará depressa um bode expiatório, mas pouco me importa isso agora, ou depois. Mas mesmo que me mande embora daqui, não deixarei de cumprir a ordem que recebi, juro-o por Deus. Se ao menos tudo desse um volta-face, e o imperador da Áustria tivesse dó da filha e dos netos e os mandasse buscar. Mas enquanto essa ajuda não chegar, que Nossa Senhora da Glória me dê forças para cumprir o prometido.

Paço de São Cristóvão, 10 de dezembro de 1826

A casa continuava envolta num silêncio perturbador. Só as cigarras continuavam a sua chinfrineira, indiferentes aos dramas daquela casa erguida no meio do matagal que lhes pertencia. A mãe estava doente, não se podia fazer barulho, disse-lhe Florica logo de manhã. Ao ver a cara preocupada da sua menina, acrescentou logo:

-Sabe que o chefe François fez um enorme piquenique, com tudo o que a menina Maria mais gosta, e vamos dar um passeio grande de carruagem, com as manas.

-Vamos ao jardim Botânico, e andar de barco na lagoa? E se calhar até podemos ir à praia, e correr na areia - exclamou Maria, subitamente radiante.

- Se quiser... acho que a senhora marquesa de Aguiar ainda não tinha decidido o destino...

- E também quero subir ao morro de Santa Teresa, porque a mãe gosta muito do chá de taperibá que se faz com as folhas que crescem ao pé do miradouro e eu quero trazer-lhas...

- Já me parece muito passeio, mas diga isso à senhora marquesa, que ela é capaz de deixar que vá, pelo menos a alguns desses sítios, mas agora vista-se e vamos tomar o pequeno-almoço, que não podem sair sem comer.

Maria e as irmãs foram ao Horto Real, e deram um passeio de barco na lagoa, protegidas por aquela fortaleza de montanhas, hoje

envoltas em névoa. E Maria e as irmãs subiram a Santa Teresa, e cada uma delas apanhou um ramo de taperibá para trazer à mãe doente.

Januária ainda protestou com a ama da filha de Domitília:

- A Bela não pode apanhar flores para a mamãe, porque foi a mãe dela que pôs a minha mãe doente.

Maria puxou-a para junto de si, pôs-lhe o braço à volta do pescoço e disse-lhe, de forma a que só as duas ouvissem:

- Januária, não digas isso, porque a ama da Bela foi escolhida por «Ela» e vai fazer-lhe queixas, e depois apanhas tu, e apanha a mãe por tabela.

Januária baixou os olhos, e as duas afastaram-se, com Paula no encalço, em direção a outro arbusto florido, longe de Bela e da criada.

Mas de volta ao paço não as deixaram subir ao quarto da mãe.

Januária gritou com a criada, Paula tentou correr pelas escadas de serviço, mas foi apanhada pela mão forte da sua ama, Xica choramingou encostada à porta do quarto, mas Maria, estranhamente obediente, estendeu as flores à marquesa de Aguiar, e pediu-lhe baixinho:

- Por favor, entregue-as à minha mãe, e peça à Rosa para fazer com elas aquele chá de que ela tanto gosta...

Depois escapou-se para a varanda dos papagaios, e escondeu-se na rede de pano, tapando a cara com o linho branco, em silêncio.

Seria assim que se sentia um morto? A cara tapada com um pano, como vira algumas vezes? Concentrou-se. Tinha de rezar, de rezar muito. Tinha de pedir à Senhora da Glória, à sua patrona, tinha de

pedir à mãe de santo e a todas as forças da Natureza que salvassem a mãezinha. O barulho das cigarras era ensurdecedor, e estranhamente hoje não a sossegava. Tapou os ouvidos com as mãos, e acabou por adormecer.



Sento-me aqui, em frente da minha escrivaninha, e nem forças tenho para escrever. Mas depois obrigo-me, como quem se quer libertar do veneno da mordidela de tuna serpente, e para isso tem de chupar a própria ferida. Sento-me aqui, por momentos, porque em breve terei de voltar ao quarto onde a minha querida imperatriz perde as forças, coberta já por um manto de alheamento, que é menos doloroso do que a ver sofrer. Sento-me aqui, porque os acontecimentos deste dia têm de ficar escritos, e só depois serei capaz de voltar para a sua beira, com o coração mais apaziguado.

Hoje foi Deus que me inspirou, tenho a certeza disso, quando de manhã decidi que era preciso tirar as crianças do paço, porque não podiam mais suportar este ambiente lúgubre, este silêncio confrangedor, e mandei que saíssem a passear, senão daqui a pouco estão doentes dos nervos, se não for do corpo. E ainda bem que dei ordens às damas que as acompanharam para permitirem à pequenina Maria da Glória que fosse ao morro de Santa Teresa, com as irmãs, apanhar flores e folhas para o chá da mãe, porque o que hoje aconteceu neste paço não foi para os olhos e ouvidos sensíveis de crianças, embora a esta hora pelo menos a pequenina Maria já foi certamente posta a par do horror que aqui se passou, infeliz menina, que talvez encontre algum consolo nos braços da sua Florica, que a embalará até que adormeça.

Os espíões de Domitília disseram-lhe que a imperatriz morria, que outra maneira há de dizer o que se passou? Fizeram-lhe certamente chegar o prognóstico do médico, que não lhe dá mais de umas horas, um dia no máximo, ou intercetaram a carta que o ministro

Paranaguá, chamado ao paço, escreveu a pedir o regresso imediato do imperador. O que sei é que ela soube, e em lugar de se fechar em casa, e pedir perdão a Deus pelos seus pecados, que mataram a minha rainha, teve o desplante sem nome de se apresentar aqui no paço. Vestida já de preto, mas como se fosse para um baile, tantos anéis e colares que não sei como aquele pescoço e aqueles dedos não caem com o peso, uma ostentação que só tem por objetivo vexar ainda mais D. Leopoldina.

Quando, lívida de aflição, uma das criadas me veio dizer que a marquesa de Santos se preparava para entrar nos aposentos da moribunda, primeiro olhei-a estarecida, e depois perdi a cabeça.

- Essa mulher, que não respeita nem traia mulher no leito da morte, não entra aqui.

Frei António e os ministros concordaram comigo.

Lembro-me de que o mordomo-mor do paço, o marquês de São João de Palma, vociferou, tão indignado quanto eu:

- Não é possível fazer tamanha crueldade à imperatriz, que não mereceu nada do que recebeu em vida, quanto mais nesta condição.

Mas fui eu que lhe fui dizer, na cara, que não aceitaria tamanha afronta. Fechei a porta do quarto da imperatriz, pus-me à frente dela, da irmã, dos cunhados, e de toda aquela corja, e, com a maior frieza de que fui capaz, disse-lhe, omitindo propositadamente a fantochada do título:

- A senhora D. Domitília devia ter vergonha na cara. Volte para sua casa, e deixe a pobre imperatriz em paz.

Refilou que era camareira da imperatriz, que ninguém lhe podia vedar a entrada dos aposentos da senhora que jurara servir, choramingou, a cretina, como se a estivesse a ofender ou a acusar injustamente, e, claro, acabou por me ameaçar com o dedo, de que

seria expulsa do paço, eu e aqueles «senhores que aí estão dentro, e que sei bem quem são», gritando, para quem a quisesse ouvir, que «o meu senhor D. Pedro não vai consentir tamanha afronta».

- Assim será, senhora D. Domitília, mas agora quem sai é a senhora - disse-lhe com redobrada convicção.

A sua voz tinha atraído ao patamar os empregados, e as criadas, que a olhavam tão fora de si, que temi um linchamento ali mesmo. Temi e desejei, Deus me perdoe.

Felizmente, um dos cunhados não aguentou o desprezo no meu olhar, e mesmo a irmã Benedita teve consciência de que Domitília estava a ir longe de mais, e, pegando-lhe no braço, levaram-na, entre ameaças histéricas, para longe desta casa, e antes que as meninas chegassem. Sei que Domitília não mente, sei bem que o imperador, mesmo nestas penosas circunstâncias, vai despedir e ostracizar quem fizer frente à sua amante, como já despediu e ostracizou ministros e amigos de longa data. E ela, e a família e os amigos, não veem mais nada senão a sua ambição de poder.

Mas julgo que ficaram assustados com a multidão que aos poucos vem enchendo estes jardins: já corre a notícia da doença terminal da imperatriz, e é espantoso como chega tanta gente humilde, que acende velas e reza novenas, acende incensos e entoia cânticos que me são desconhecidos. Pedem pela vida da sua imperatriz, e Paranaguá garante-me que, se morrer, vingarão o seu desgosto na mulher a que até o homem mais humilde nesta terra atribui a causa da sua morte.

Sei que a esta hora Domitília já escreveu a D. Pedro, e a sua carta cruzar-se-á certamente com a de frei António. Mas o imperador não chegará a tempo, em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, está a dias e dias de distância, e eu ficarei sempre sem saber se volta para chorar a mulher e mãe dos seus filhos, ou para aplacar a raiva da sua amante. Que Deus nos ajude a todos.

Paço de São Cristóvão, 11 de dezembro de 1826

Marfa não conseguia dormir, apesar das canções de embalar de Florica. Mas fingiu dormir, fechando os olhos com força e tentando fazer a respiração ritmada de quem adormeceu, para que a deixasse sozinha. Quando a ama se retirou, saiu silenciosamente da cama e abriu a janela do seu quarto no segundo andar, que dava para a entrada principal do paço. Espantada, viu as luzes tremelicantes e percebeu que eram velas, velas nas mãos de gente que rezava e entoava cânticos. Eram os verdadeiros amigos da mãe, que vinham rezar por ela, entendeu por fim, comovida. Os soldados tinham feito uma barreira no cimo da escadaria principal, por ordem de um capitão, mas também eles se juntavam às orações. De vez em quando um choro, ou um grito, cortava aquele zunzum distante.

Olhou para o céu cheio de estrelas, de que já tinha desaparecido a Lua, e perguntou-se se era para ali que a mãezinha iria agora, se era ali que estavam o avô João e os manos Miguel e Carlos.

Ao jantar, ouvira as criadas na copa a falar da visita de Domitília ao paço, de como insistira em ver a mãe, e de como a marquesa de Aguiar, frei António e os outros a tinham impedido de entrar nos seus aposentos. Que raiva que sentia, que pena que tinha de não ter ali estado, para a mandar expulsar de casa, afinal, a seguir à sua mãe, estava ela, Maria da Glória, Rainha de Portugal e dos Algarves, d'Aquém e d'Além-Mar em África, Senhora da Guiné e da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia, etc., etc., e Princesa do Grão-Pará.

Uma carruagem subia a alameda, e as pessoas iam-se afastando pacificamente para a deixar passar. Quando se aproximou, Maria reconheceu-a logo como a carruagem de D. José Caetano, o bispo do Rio de Janeiro, a cruz pintada nas portas, as cores da farda dos cocheiros a anunciar quem ia lá dentro.

- Vai dar-lhe a extrema-unção - disse baixinho para si mesma, o nó na garganta a apertar-se com mais força. Saltou do banco que encostara à janela, e enfiou o vestido que ficara pendurado na cadeira por cima da camisa de noite. Depois abriu a porta, passou pela ama adormecida e subiu a correr, os pés descalços, até ao quarto da mãe.

Naquele preciso momento, a marquesa de Aguiar abria a porta ao senhor bispo, e frei António beijava-lhe a mão. Maria aproveitou a distração para se esgueirar pela outra porta, onde chocou com Rosa, que soluçava como uma criança.

- Rosa, a minha mãe está a morrer? - perguntou, a voz estranhamente serena.

A criada da mãe, a mulher que lhe era mais dedicada desde sempre, olhou para a princesinha, o vestido desapertado nas costas, os pés nus, e aconchegou-a a si. Maria aconchegou-se ao peito grande da escrava negra, e pediu-lhe:

- Quando o bispo sair levas-me lá? Para eu me despedir dela?

Rosa apertou-a contra si com mais força, e manteve-se com ela ao colo, na sombra do quarto, como já estava acostumada.

Maria viu D. José Caetano chegar perto da cama, tirar de um saco de veludo escarlate pequenos frascos de vidro, com uma tampa de ouro que resplandecia à luz do enorme candelabro que tinham colocado na mesinha próxima. Não conseguia distinguir todas as pessoas que ali estavam, mas viu-as ajoelharem-se em redor da

cama, enquanto o bispo ungia a testa e o peito da imperatriz e encomendava a sua alma a Deus. A mãe parecia dormir, mas de repente viu-a virar a cabeça para o canto onde Rosa se escondia sempre, e perguntar:

- Rosa, estás aí?

A escrava estremeceu, como é que a senhora a chamava assim, com tanta gente mais importante do que ela em seu redor, mas Maria, os braços em redor do seu pescoço, insistiu:

- Rosa, a mãe está a chamar-te, vamos depressa...

E, apertando mais os braços à sua volta, insistiu:

- Rosa, a mãe chamou-te, e eu vou contigo, não tenhas medo.

Ao verem a mulher sair da sombra com a princesa-rainha ao colo, um sussurro de espanto correu pelo quarto, mas nem Rosa, nem Maria olhavam as caras que as rodeavam, ou se importavam com o que pensavam.

Leopoldina viu-as aproximar-se, e a boca tremeu na tentativa de um sorriso:

- Minha Rosa, minha Maria, não chorem. Não chores, Maria, deita-te aqui ao meu lado, vês como Deus me vai levar, sem dor, nem medo, para junto dele?

A rainha de Portugal escorregou para o abraço da mãe, que estendia a outra mão a Rosa, que a beijava sem parar, e deixou a cabeça cair sobre a almofada, exausta.

Maria não sabia dizer quanto tempo depois sentiu a marquesa de Aguiar a pegar-lhe ao colo, e a levá-la dali para fora.

- A minha mãe morreu, senhora D. Maria Francisca?

- Só morre, minha querida filha, quem não vive no coração daqueles que a amam - soluçou a marquesa de Aguiar, abraçando-a com força.

Maria limpou as lágrimas com as costas da mão e disse, entre soluços:

- No meu, nunca vai morrer, no meu nunca vai morrer.



Perdi-a. Sinto um vazio imenso, tuna derrota total. A minha fé vacila. Não a minha Fé em Deus Nosso Senhor, nem na Virgem Maria, que certamente intercedeu para que fosse dada paz à mulher mais extraordinária e bondosa que jamais existiu, mas a minha fé na Humanidade, nos homens que me parecem ser feitos mais à semelhança de Belzebu do que do Altíssimo.

Enviei agora, por um Marescial comovido, de olhos encarnados pelo esforço para não chorar, uma carta minha para o imperador da Áustria e outra para Maria Luísa Bonaparte, dando a triste notícia, renovando o meu compromisso, e dizendo que Maria foi a última pessoa a falar com a mãe viva, e que tem tido tinha coragem e uma serenidade admiráveis para tuna menina de 7 anos, tão próxima como era da mãe, ainda por cima. As irmãs são mais pequenas, e o irmão um bebé, por isso aceitarão tudo isto com mais naturalidade, mas Maria, Maria foi a primeira e a única filha durante anos, a que restava quando a morte levava os irmãos.

É verdade que é cedo, muito cedo ainda para que tenham realmente consciência do que aconteceu, e os dias que se seguem vão ser longos e dolorosos. Espero que D. Teresa e Florica sejam capazes de proteger D. Maria, porque imagino como a condessa de Itapagipe estará intimamente feliz e cheia de esperança de que o lugar vago seja preenchido pela sua verdadeira ama, Domitília, e

que o imperador a volte a encher de benesses como tem feito até aqui - primeiro baronesa, há um ano, agora condessa de Itapagipe, e em breve marquesa...

O caixão da imperatriz, depois do corpo pronto, vai descer para o salão de baile, as janelas já estão cobertas de panos pretos, a sala parece um tímlulo, coitadinhos dos infantes que ali terão de entrar para o derradeiro beija-mão.

Sinto-me empossada pela mãe destes meninos, e temo já o regresso de Domitília e da sua trupe, todos fazendo-se dos mais inconsoláveis dos amigos, prontos a tomar de assalto o paço e as princesas. Assusta-me, e sei que a minha senhora pensava nisso noite e dia, que possam fazer alguma coisa contra Pedro. Agora Domitília não descansará enquanto não engravidar de novo, na esperança de ser ela a mãe do futuro imperador do Brasil.

Tenho de velar com especial cuidado também por Maria. Preciso da ajuda de frei António, e acredito que o embaixador austríaco não vai deixar de me consultar, sabendo como sabe do teor daquela carta, e da vontade da imperatriz que serviu. Farei tudo para que saia rapidamente do Rio de Janeiro, para junto do avô como a mãe tanto desejava, para longe da influência desta gente tão reles, deste imperador tão cata-vento, que me parece pouco capaz de defender consistentemente o direito da sua filha ao trono.

Pensarei nisso depois, agora tenho de ir para junto dela.

Maria bateu agora mesmo à porta do meu quarto. Estendeu-me a sua boneca favorita, que a tia Maria Luísa lhe mandou de Itália por a ter achado tão parecida com a sobrinha, e pediu-me, a voz trémula:

- Senhora D. Maria Francisca, pode pôr a Maria Pequenina no caixão com a minha mãe?

A comoção deixou-me sem palavras, ajoelhei-me e tomei-lhe dos braços a boneca querida e jurei à filha, como jurara à mãe, cumprir o seu pedido.

E agora, esborrato as letras deste diário, com as lágrimas, que afinal ainda tinha por chorar.

Paço de São Cristóvão, 13 de dezembro de 1826

Segurara na mão da mana Januária e da mana Paula Mariana com força. Era a mais velha de todas, tinha de proteger as mais pequeninas, pensou, nem a mãe esperaria dela outra coisa.

- Não acredito que a mamãe esteja ali dentro - disse Januária, batendo com o pé, como quem se prepara para fazer uma birra.

- A mana tem razão, Maria, a mamãe nunca ficaria ali quieta dentro, sabendo que estávamos aqui - acrescentou Paula, a voz meiga, entrecortada por faltas de ar, malditos pulmões.

Maria sentiu os olhos encherem-se de lágrimas - não as chorara todas?, perguntou a si mesma, surpreendida, enquanto olhava em seu redor, à procura da marquesa de Aguiar, Mareschal, ou frei António, alguém que a pudesse ajudar. Sozinha não seria capaz de explicar a morte da mãe às manas, explicar que ali debaixo daquele pano de veludo preto, com galões de ouro, com as armas do Brasil, estava de facto o corpo da mamãe magnificamente vestido, dentro de um caixão de pinho português, fechado à chave, sobreposto por um de chumbo com as armas imperiais, coberto finalmente por um último de cedro.

José Bonifácio de Andrada viu-a ali perdida, as três meninas da imperatriz perdidas e sem mãe, e veio em seu socorro. As suas mãos grandes e quentes pousaram-se sobre os ombros da rainha-

pequenina, trazendo-lhe a força de que precisava. Na sua voz forte e segura tranquilizou as manas:

- Altezas, ouvi-as perguntar se a mamãe estava ali dentro, e posso-vos responder que é claro que não está. A vossa mãe está no Céu, de onde olha pelas filhas queridas.

Percebendo que chegavam para levar a urna, apertou com mais força o ombro de Maria e, pedindo-lhe que fosse sua cúmplice, continuou:

- E agora que já está escuro lá fora - disse, apontando para a noite que descera, quente e escura -, o que é que a mamãe vos diria?

- Banho, rezar e cama! - disse Paula, repetindo a frase que D. Leopoldina lhes repetia todas as noites.

- Isso mesmo! Por isso vamos chamar ali a Florica, que acabou de entrar, e com todo o juízo vão com ela...

Januária olhou-o, desconfiada:

- E a Maria também vai para a cama?

Bonifácio sentiu o corpo de Maria tornar-se rígido sob o seu toque, e, com uma voz de quem não admite discussões, atalhou:

-A senhora D. Maria fica aqui mais um bocadinho comigo, mas mal acabarmos a conversa é claro que também se vai deitar, que têm sido dias longos e difíceis.

- Obrigada - disse-lhe Maria, voltando para ele os seus olhos azuis. - Obrigada por me ter deixado ficar, e obrigada por ter dito às manas aquilo de a mãe estar no Céu, porque sabe o que sinto? Que a mamãe está no meio da mata, escalando até ao cimo de um morro, livre das zangas do papai, rodeada de borboletas que tenta

apanhar com o seu camaroeiro novo, encantada com as cores dos papagaios. E quando está calor toma banho numa cachoeira e dorme a sesta à sombra de uma tília...

Bonifácio aconchegou-a a si, as lágrimas nos olhos, e disse baixinho:

- Obrigado, senhora D. Maria, consolou-me mais do que todas as orações do mundo.

Maria puxou-o pelo braço:

- Oiço cavalos, tantos cavalos - disse, correndo para a janela, assustada.

No terreiro em frente do paço, a cavalaria em uniforme de gala, seguida de gente sem fim a cavalo, conselheiros, políticos, autoridades, abria alas por entre a multidão, a que se tinha juntado todo o pessoal da casa. Maria viu, de relance, Rosa e Malvina num pranto incontido, e quando olhou para a carruagem puxada por oito cavalos, cobertos de panos escuros, os olhos tapados, percebeu que Jaime era um dos cocheiros, o seu Jaime ia levar a mamãe para o seu último repouso.

Agora o ruído vinha de dentro de casa, passos pesados subiam as escadas de pedra, ressoavam no corredor de madeira, e abriam de par em par as portas do salão. O cardeal, monsenhores, padres, gente e mais gente, entravam na sala e dirigiam-se para a urna da mãe. José Bonifácio tentou segurá-la por um braço, mas Maria partiu disparada em direção ao caixão.

Quando acordou na cama, chamou por Florica:

- O que aconteceu? Já acabou tudo?

A ama beijou-lhe os cabelos e sossegou-a:

- Amanhã vamos pôr umas flores ao Convento da Ajuda, menina, mas agora durma, agora durma que a Florica está aqui à sua beira, e canta para a adormecer.



A casa está finalmente mergulhada em silêncio. Foi preciso dar um calmante a Maria da Glória, e a ama Florica permitiu que Januária e Paula dormissem na cama da irmã. Temi pela saúde de Paula, já tão frágil.

Foi um dia terrível, duro, que nunca mais tinha fim, e partiu-me o coração, ou o que resta dele, ver a pequenina Maria da Glória correr para o caixão, sem querer deixar que a mãe saísse de casa, como se só naquele momento tivesse tomado realmente consciência de que não iria acordar do sono, ou voltar de sua viagem.

Não lhe permitimos que ficasse para as novenas e rezas, mas julgo que foi importante para ela, como foi para mim, ver como a sua mãe era adorada e venerada, como as ruas estavam cheias de gente, e a multidão seguia o féretro no seu caminho para o Convento da Ajuda, em oração e cânticos.

A consternação é geral, e disse-me o frei António que o Exército teve de intervir quando uma turba de gente apedrejou a casa de Domitília, de onde ela e os seus familiares foram obrigados a sair pela porta dos fundos, escoltados por soldados, estando escondidos em parte incerta. Tudo se sabe, e o povo não dorme. Corre a história de que a amante do imperador envenenou a imperatriz, mas mais chocadas estão as pessoas com os maus tratos a que D. Pedro a submetia - muito sinceramente, e para bem dos príncipes, espero que não volte decidido a vingar Domitília, como ela garante a toda a gente que vai acontecer. Se o fizer, avançando contra aqueles que foram leais à mulher, suspeito que não será imperador por muito tempo.

Há pouco fui ao seu quarto, onde Rosa mantém uma vela acesa frente à imagem de Nossa Senhora da Glória. Sob o toucador do quarto está tuna carta, com o selo do imperador. Nunca a chegou a ler, talvez lhe tivesse dado algtn consolo, talvez a tivesse tranquilizado. Depois encolhi os ombros, e senti-me invadida por tuna raiva imensa. Lembrei-me de como hoje mesmo, enquanto velávamos a minha senhora, ouvi o embaixador da Áustria comentar com o ministro Paranaguá que Domitília recebera tuna nota do senhor D. Pedro, em que este declarava que a vingaria, nem que tal lhe custasse a vida. Pela data da chegada, deve ter escrito a uma e a outra no mesmo dia. Deixei a carta cair de novo em cima da mesa, como se tivesse peçonha. Que homem é este ? Será que a morte da arquiduquesa, da mãe dos seus filhos, o fará mudar? Porque será que nem mesmo quando escrevo estas palavras acredito nelas?

Paço de São Cristóvão, 15 de dezembro de 1826

A rainha estava à mesa de estudo, a mestra à frente, o livro de Geografia aberto no mapa de Portugal. Nem a morte da mãe permitia que a rotina dos seus estudos fosse interrompida por muito tempo, pensou, ligeiramente irritada, batendo com os pés contra a mesa, até que D. Luísa a mandou estar quieta.

- A senhora D. Maria da Glória quer que lhe façam perguntas sobre o seu reino e ficar sem resposta?

Maria parou de balouçar os pés e endireitou as costas. Não, a verdade é que não queria.

Voltou a concentrar-se no mapa e a procurar a terra de que D. Luísa lhe tinha dito o nome, quando ouviu o galope de cavalos, e o barulho de botas a baterem na terra, e os gritos para Jaime, ordenando-lhe que viesse buscar os cavalos.

Deu um salto na cadeira e exclamou:

- D. Luísa, é o papai, o papai voltou - e sem pedir mais autorizações correu pelo corredor, em direção à porta principal. Quando chegou ao patamar, uma voz doída trovejava pela casa:

- Deus Eterno, porque me arrebataste a minha muito amada imperatriz? - dizia o pai, um dos joelhos sobre o primeiro degrau das escadas, como se não tivesse força para subir as escadas. Os guardas da porta continuavam hirtos, e os criados que passavam

estacaram, sem saberem se deviam ficar a olhar para o imperador na sua dor, ou fingir ignorá-la e continuar com o que faziam.

Mas Maria, subitamente, não teve vontade de descer as escadas a correr. Teve medo do pai, daquela voz de trovão, das ordens gritadas. E quando viu que ordenava a um criado que lhe trouxesse imediatamente à sua presença a marquesa de Aguiar, frei António e o camareiro-mor, percebeu que, antes de se lembrar dos seus queridos filhos, o pai ia tratar da vingança prometida à «outra». Este não era o pai das cavalitas, o pai que ficava junto da sua cama quando tinha febre, este não era o pai que a mãe lhe tinha querido «vender» nestes últimos dias. Recuou instintivamente, e sem se virar abriu a porta e entrou como um caranguejo na sala azul. Só esperava que o pai não decidisse vir para aqui tratar dos seus assuntos.

Os passos nas escadas fizeram-na tremer. Escondeu-se num canto, por detrás de um canapé, e esperou. Respirou de alívio quando percebeu que o pai se sentara na biblioteca, na sala ao lado, e que era para ali que as pessoas se dirigiam. Encostou o ouvido à parede, e escutou a conversa. O pai mandava embora do palácio os melhores amigos da mãe? Sentiu-se subitamente enjoada, quase a vomitar. Abriu a porta enorme da sala azul, espreitando pela frincha: no corredor estava a marquesa de Aguiar em lágrimas, e frei António consolava-a baixinho, dizendo-lhe que tudo ia acabar bem...

Maria jurou a si mesma que nunca, nunca iria trair os seus súbditos leais. Podiam ameaçá-la com o que quisessem, mas os amigos a quem desse o coração seriam donos dele para sempre.



Pronto, já está. O imperador chegou hoje ao paço e a sua voz de trovão ecoou pela casa. Chamou por nós, por mim e por frei António, pelo pobre do camareiro-mor, e pelos vistos já tinha

chamado o ministro Paranaguá, porque ele chegou segundos depois. Colocou-nos direitos contra a parede, como se um pelotão de fuzilamento estivesse pronto a disparar, e disse-nos que prescindia dos nossos serviços a partir daquele dia, e que tínhamos até ao pôr do Sol para sair do paço.

Frei António perguntou de que é que éramos acusados, e eu disse-lhe que estava incumbida pela imperatriz de velar pelos seus filhos.

O que fui dizer! Gritou comigo como um possesso, dizendo que velar pelos filhos velava ele, e que me aproveitara da fraqueza da imperatriz para me insinuar junto dela, que tinha sido eu que lhe metera na cabeça os ciúmes, as intrigas contra as damas que escolhera, e tivera o desplante máximo de a incitar a revoltar-se contra ele, o seu marido, que sempre a amara mais do que tudo.

Confesso que fiquei estupefacta, e até eu, que o conheço de menino, só posso pensar que enlouqueceu, porque se esquece a todo o momento do que aconteceu de facto, cego por esta doença, que isto não é amor, com que Domitília o contagiou. Será que Rosa tem razão, e a paulista usa de magia negra para o manter preso e escravo dos seus desejos, das suas ambições?

Depois soltou num pranto, cheio de pena de si mesmo, é isso mesmo, é pena de si mesmo o mal de que sofre, e, quando chora, chora por ele e não pelos outros, como se a culpa lhe fosse sempre alheia - roubam-lhe a mulher, que jura que amava e respeitava, e tentam agora privá-lo da (outra) mulher que ama, e no segundo em que diz estas coisas julgo que acredita nelas profundamente, e não vê nos seus amores, nem no seu estatuto, nem no seu papel de pai, qualquer incompatibilidade. Para D. Pedro, o desejo legitima tudo, e como ele deseja tanta coisa, e tanta coisa diferente, o resultado está à vista.

Extraordinário senhor absolutista, que se diz liberal, mas que não consente que ninguém lhe faça frente ou o contradiga.

Saí da sala branca como a cal e frei António deu-me o braço, sentando-me num dos bancos do corredor, enquanto mandava vir um copo de água com açúcar. Na minha angústia, reparei que D. Maria me espreitava pela porta entreaberta da sala azul, assustada, sem entender o que se passava, sem perceber porque é que o pai por qual tanto esperava não ia a correr para junto dela para a consolar pela perda da mãe. Vi-a a morder o lábio, zangada, e percebi que bastou ver quem eram aqueles que saíam daquela sala cabisbaixos para entender que o pai castigava os criados que tinham defendido a mãe contra Domitília. Nem a morte da mãe a salvara da «outra».

Frei António puxou-me depois para um canto e disse-me que ignorasse o aviso do imperador - é claro que era preciso sair da vista dele por uns tempos, mas depressa voltaria a si, já tinha assistido a outros acessos de loucura como este, «mas passam depressa», garantia-me. E foi ele que me disse que não éramos as únicas vítimas: os ministros foram demitidos, exceto dois, um que estava com ele no Rio Grande do Sul e o outro porque era amigo íntimo de Domitília. A razão? O relatório que lhe tinham enviado com os detalhes da morte e cerimónias fúnebres da imperatriz dizia, claramente, que quando o povo soubera das razões que a própria D. Leopoldina alegara para a sua doença, reagira em fúria, sendo necessário rodear de segurança «certas casas» e «determinadas pessoas». D. Pedro tomou este depoimento como se o governo desse crédito ao falatório, considerando-os indignos da sua confiança. Assim, sem mais. Despachou-os a todos, e parece indiferente à moça que estes gestos fazem ao seu prestígio e ao seu nome.

Chorei, ali à frente de todos, tal a angústia: para onde iria, e como manteria a minha promessa à imperatriz, se o perigo agora era ainda maior? A morte de D. Leopoldina, tão recente ainda, e em

circunstâncias tão dolorosas, em lugar de o impelir a afastar-se da amante, de a castigar mesmo pelo desprazer de se ter querido impor à imperatriz no seu leito de morte, leva-o a assumir abertamente o partido de Domitília. «Que do Céu a imperatriz não veja isto», soluçava eu, tão destroçada que pouco me ralavam as aparências.

Baixinho, frei António pediu-me que me encontrasse com ele, ao fim do dia, no jardim da imperatriz, e prometi lá estar. Fugi para o meu quarto e, deitada sobre a minha cama, chorei como tuna menina pequena.

Foi com os olhos inchados, e o vestido em desalinho, que me encontrei com frei António no jardim.

- Não posso ficar longe dos príncipes - repetia, casmurra, agarrada àquela frase que representava todo o meu propósito de vida.

Frei António concordou, e falou-me do seu plano:

- Lembra-se de D. Mariana Carlota?

Olhei-o, surpreendida. Claro que me lembrava. Como é que podia não me lembrar? D. Mariana Carlota era, como eu, viúva de um juiz-conselheiro, o Verna de Magalhães, tão amigo do meu marido. Depois da sua morte, ela, tal como eu, tinha sido acolhida no paço, só que, ao contrário de mim, era linda, a mulher mais bonita que alguma vez vi. E uma mulher bonita próxima de D. Pedro era, e continua a ser, lenha ao pé do fogo. O inevitável aconteceu, e o imperador assediou-a sem o menor decoro. Mas Mariana, dama de Leopoldina, recusou com toda a clareza os seus avanços. A imperatriz amava-a muito por isso. Mas o amor da imperatriz também não chegou para a salvar do desprezo do imperador enfeitado, e a pobre Mariana recolhera-se na sua chácara, aqui próxima da Quinta da Boa Vista, onde só eu e D. Leopoldina a íamos visitar, porque a corte inteira, com o seu seguidismo habitual, a

considerara proscrita, como sempre acontecia com todos os que caíam na desvalia do senhor D. Pedro.

A minha cara deve ter-se iluminado de alegria:

- Frei António, como é que é possível que não me lembrasse de D. Mariana? Tenho a certeza absoluta que me acolhe, a certezinha mais absoluta. E assim ficava próxima do paço, e na melhor das companhias.

Frei António sorriu, satisfeito:

- Tomei a liberdade de me antecipar...

E estendeu-me um envelope selado com as armas dos barões de Belmonte, enquanto dizia:

-Falei também com Jaime, que é da máxima confiança, para a levar lá amanhã de madrugada, antes de toda esta casa acordar. Deve partir, julgo eu, sem grande alarido e despedidas, e esteja descansada que digo apenas a D. Teresa onde é que D. Maria da Glória a pode encontrar...

Rindo, acrescentou:

- E pode ter a certeza absoluta que aquela menina saberá chegar até si, sempre que o entender...

Sorri-lhe, com os olhos cheios de lágrimas, e recordei-me de como D. Leopoldina me contara que a filha se orgulhava de ter aprendido crioulo com o criado da cavalaria do paço. Jaime e Rosa eram, na realidade, os únicos elos com o paço em que podia confiar.

No meu quarto li a nota curta de Mariana, que me convidava para ficar com ela o tempo que desejasse. Dizia que tínhamos muito que conversar. Confidenciou-me frei António que o ministro da Áustria quer que seja ela a tomar conta do pequeno imperador, porque é a

ímica que lhe merece confiança, e sabe que seria a escolha da imperatriz. Agora que eu caí em desfavor, seria um milagre se Mariana fosse convidada a voltar. Talvez Marescial tenha agora poder para levar o imperador a mudar de ideias. Não é coisa difícil.

Paço de São Cristóvão, 16 de dezembro de 1826

Marfa tinha prometido a si mesma ser fria, tratar o pai com distanciamento, vingar-se nele. Mas quando o imperador entrou no quarto de brinquedos, onde tentava ensinar as letras à pequenina Xica, levantou-se de um salto e foi a correr para ele, seguida das irmãs.

O imperador beijou e chorou e chorou e beijou cada um deles, sentando-se no chão, com os seus meninos à volta, o pequenino Pedro ao seu colo, como se nunca dali tivesse saído.

Quando a ama lhe trouxe Isabel Maria, passou Pedro para o colo de Maria, e abraçou a filha ilegítima com força, soltando em soluços.

Maria sentia as lágrimas virem-lhe aos olhos, mas Januária batia o pé e protestava:

- Papai, pare com isso, já!

Pedro olhou-a, espantado, mas Januária não hesitou:

- Papai, o papai abraça a Bela? Mas ela não é filha da nossa mãe, ela não é órfã como nós, ela é filha da senhora que fez morrer a nossa mãe!

Maria olhou assustada para o pai, temendo a reação, e as amas na sala paralisaram no sítio onde estavam, mas Pedro deu uma gargalhada, e puxou Januária para si, fazendo-lhe cócegas:

- Se voltas a dizer uma coisa dessas, minha tonta pequenina, o pai pendura-te pelos pés da palmeira mais alta do jardim. Bela é minha filha, como tu, e gostava muito da imperatriz, como a mãe dela também gostava...

E, pondo-se de pé, desafiou:

- Quem é que quer fazer uma corrida comigo até ao jardim? Maria, não tinhas uns morangueiros para me mostrar? - acrescentou, esticando a mão para a filha mais velha.

Maria apertou o punho cerrado, como se não a conseguisse abrir e estender para o pai, mas também não lhe resistiu:

- Quero, pai, eu e a mamãe ainda há dias colhemos muitos para uma bavaroise...

Pedro anuiu, os olhos cheios de lágrimas:

- A vossa mãe gostava tanto de morangos...

E, estendendo os braços sobre a ninhada que tinha em sua volta, exclamou:

- Durante oito dias o pai é só vosso. Vamos fechar-nos aqui, não deixar que ninguém de fora nos venha maçar, e vamos fazer todas as coisas que a vossa querida mãe gostava. Concordam?

Maria esqueceu o caixão coberto de preto, as lágrimas da marquesa de Aguiar, o afastamento de frei António, e deixou-se envolver pelo imperador.

Oito dias com o pai só para ela e para os manos, oito dias em que podia perguntar-lhe pelo tio Miguel, por Portugal, saber se agora, que a mamãe já não estava, continuavam decididos a mandá-la para casa do avô Francisco, havia tanta coisa que queria saber.

O pai colocou Paula às costas, porque se cansava sempre mais a andar, e entregou os mais pequeninos à ama:

- Vamos então ver esses morangos...

Sentaram-se no mesmo banco em que há tão pouco tempo tinha estado com a mãe, falaram do enterro, das pessoas que rezavam por ela, dos sinos que tocavam nas igrejas e que até ali se ouviam...

- E se agora fôssemos dar um passeio até um bocadinho mais longe?

Maria pressentiu tudo. Nervosa, insistiu:

- Papai, porque não vamos lá aos talhões de cima ver as vacas que a mãe mandou vir da Áustria?

Mas Pedro, com passos largos, descia na direção da casa proibida, e Maria não teve outro remédio senão segui-lo.

- Papai, porque é que não levamos as manas a ver a cachoeira, está tanto calor, podíamos molhar os pés - insistiu, os seus 7 anos a esgotarem argumentos.

Pedro cantarolava agora o Hino do Brasil, satisfeito:

- Maria da Glória, canta comigo, quer embora sejas rainha de Portugal não podes esquecer nunca o hino do país onde nasceste... Sabes que és a única rainha europeia que não nasceu na Europa?

Maria distraiu-se por momentos:

- É verdade, papai?

- Claro que é verdade, o teu pai, o imperador do Brasil, mentia-te?

Maria insistiu:

- Mas, papai, agora que a mãe morreu, vai mandar-me para lá? É que a Xica ainda precisa muito de mim, e a Paula Mariana não tem estado muito bem dos pulmões, e como a mamãe já cá não está...

O imperador estacou, subitamente, comovido:

- Não sei o que vou fazer sem os conselhos da vossa mãe - disse, a voz embargada pela emoção.

Maria também sentiu a sua voz tremer:

- Não chore, papai, o papai também precisa de mim, vê? É melhor eu deixar Portugal, por agora...

O imperador enxugou as lágrimas com um grande lenço de linho, e riu:

- Acho muito bem, voto que fiques por cá. Já uma vez propus a Miguel que voltasse ao Rio para casar contigo, vou insistir... Ele gostava tanto desta cidade, e há sete anos que está longe...

Maria olhou para o caminho, e viu mais perto o solar da marquesa, aquele em que o pai investia tanto dinheiro e tempo:

- Papai, estou cansada, vamos para casa?

Mas Pedro, como uma criança, fazendo-se surpreendido, exclamou:

- Já que estamos aqui, vamos só ali abaixo ver as obras... Maria, já viste como está bonito? E é bom para a Bela, que fica com a mãe aqui tão perto.

Januária trocou olhares com Maria, e em coro disseram:

- Não queremos continuar este passeio, o papai prometeu que ficava oito dias connosco, sem ver ninguém.

Mas o imperador já não as ouvia. Lá ao fundo, as irmãs reconheceram a silhueta de Domitília, mas nem precisaram de se recusar a continuar, porque subitamente D. Pedro disse às duas criadas que os acompanhavam:

- Levem os meninos para cima, que são horas do banho e do jantar.

E acelerou o passo, a cara iluminada de alegria, em direção ao grande portão que agora separava a quinta do solar da marquesa de Santos.

Maria bateu o pé e gritou zangada, mas o pai nem se virou. Quando a criada a chamou, declarou, no seu estilo mais altivo:

- Trata da tua vida, que eu trato da minha!

E, desesperada, começou a correr de regresso ao paço, o suor a cair-lhe pela cara, o vestido a impedir-lhe os movimentos.

A ama Florica dissera-lhe que a marquesa de Aguiar partira para uma chácara perto, e que Jaime sabia qual era. Tinha de lhe falar, soluçou.

Ao lado da cavaliariça, Jaime voltava de um recado, numa pequena caleche, puxada por apenas um cavalo.

Maria gritou:

- Jaime, leva-me à marquesa de Aguiar.

O cocheiro não pareceu surpreendido, e, parando a carruagem, esperou que Maria entrasse.

Depois, sem dizer nada, fez o chicote assobiar, e o cavalo partiu a trote. Maria limpou o suor à manga e tirou os sapatos, esfregando os pés doridos pela correria. A sensação de que desobedecera ao pai

e à criada enchia-a, subitamente, de satisfação. Enganavam-se se julgavam que mandavam nela.

Pouco depois, a caleche parou à frente da casa de D. Mariana Carlota, conhecia-a perfeitamente, viera cá várias vezes com a mãe, que continuava a visitá-la, apesar de o pai não permitir que se falasse no nome dela no paço, não se lembrava bem porquê, mas, bonita como D. Mariana era, não lhe custava muito adivinhar.

E foi desalinhada e despenteada que o criado a conduziu à varanda onde D. Mariana estava sentada, ao lado de D. Maria Francisca. Ambas se puseram em pé, assustadas, quando viram quem chegava, mas Maria, sem conseguir dizer nada, precipitou-se diretamente para os braços da marquesa de Aguiar e, escondendo a cara no seu vestido, soluçou:

- D. Maria Francisca, o papai não voltou para nós.

A marquesa de Aguiar ordenou a Jaime que levasse a princesa a casa, depois de lhe ter lavado a cara e enxugado as lágrimas. Disse-lhe, sem ter de mentir, que os filhos eram o que o pai tinha de mais precioso, que Maria era a primogénita muito amada, e que ela, que conhecera o pai desde pequenino, jurava-lhe que ele se modificara no dia em que pegara ao colo, pela primeira vez, na recém-nascida Maria.

- Não posso ficar aqui consigo e com a senhora D. Mariana? - perguntou Maria, olhando para a dona da casa na esperança de que não negasse o pedido de uma infanta, de uma rainha.

Mas D. Mariana fez-lhe uma festa no cabelo e explicou:

- Tanto eu como a marquesa de Aguiar tínhamos o maior prazer em que ficasse, mas hoje vai ter de voltar depressa, antes que o seu pai fique preocupado, e a condessa de Itapagipe a mande procurar...

Maria percebeu que punha em risco as damas da sua mãe, se continuasse a teimar, e entendeu que discretamente lhe pediam segredo.

Anuiu:

- Eu volto já, e não digo onde fui, conto que fugi para a mata, como a mamãe fazia... Mas posso voltar a vê-las? Posso voltar mais vezes?

A marquesa de Aguiar trocou um olhar com D. Mariana e assentiu:

- Agora vá depressa, para não levantar zangas nem suspeitas, mas sabe o caminho e regresso sempre que quiser.

E, apertando-a contra si, acrescentou:

- Sempre que precisar!



Acabei de receber um bilhete de Philippe Leopold Wenzel, barão de Mareschal, e ainda estou em sobressalto. Que me pode querer? Diz que vem às oito horas, depois do jantar, porque precisa urgentemente de me fazer algumas perguntas... O que será que sei que ele não sabe, o homem mais bem informado desta cidade, sempre pronto a ouvir mexericos, que num serão saltita de casa em casa a escutar aqui e ali, e que conheceu as confidências da imperatriz muito mais tempo do que eu? Olho o cartão e tomo consciência de que nem o primeiro nome do embaixador da Áustria conhecia, tão habituados estamos a falar dele como «Mareschal», usando apenas o título para alguma pergunta direta. Dou por mim a olhar para o espelho, coisa que já não faço há semanas, desde que a imperatriz adoeceu, e reparo como os meus cabelos embranqueceram, como as rugas se acentuaram. Sinto que pareço

muito mais velha do que sou, sofri as consequências da longa doença do meu marido, e, por que não dizê-lo aqui, no segredo destas folhas, 1un casamento que, embora sereno e feliz, foi mais de amizade e companhia do que de paixão - casar com um tio trinta anos mais velho não é certamente a história de princesas com que sonhamos desde meninas.

Adiante. Mesmo que quisesse pôr um vestido mais bonito, mesmo para este insignificante encontro, não tenho outro de luto, e se o imperador não respeita o luto, a camareira-mor da imperatriz respeita. Vou apenas pentear de novo este cabelo, talvez volte a fazer aquela trança de que Fernando tanto gostava, e que disfarça esta madeixa branca...

Vou tentar ser o mais rigorosa possível nos detalhes deste encontro, sem me deixar levar por pensamentos que não têm cabimento aqui, nem em nenhum outro lugar. Marescial chegou pontual, e, para minha surpresa, é nitidamente companhia frequente de Mariana - surpresa, aliás, que os divertiu a ambos e me deixou meia embaraçada. Mariana convidou-o a sentar-se conosco na varanda, que este verão tem sido invulgarmente quente, nem as noites arrefecem. Quis tmi whisky, em lugar de um café, e serviu-se a si mesmo, como se se sentisse absolutamente em casa. Olhei para ele, provavelmente pela primeira vez, e gostei do que vi. Não é muito alto, e mais exercício e dieta não lhe fariam mal nenhum, mas o seu cabelo loiro e os seus olhos azuis, o bigode arruinado e o sorriso rápido, tornam-no atraente. Com todo o descaramento, perguntou-me que idade tinha, e, depois de uns minutos de embaraço, disse-lhe:

- Senhor embaixador, se quer mesmo saber, tenho 44 anos, feitos em setembro, mas sei que pareço muito mais...

Fiquei desconcertada quando nem sequer me tentou contradizer, nem tão-pouco insistiu que parecia muito mais nova, ou outra frase desse tipo, com que um cavalheiro rebate sempre a menção da

idade de uma senhora. Reparei que Mariana ria, divertida com o à-vontade do senhor embaixador, e corei até aos cabelos quando pediu licença para se retirar e nos deixou sozinhos. Ainda fiz um protesto parvo qualquer, mas ela acenou-me já lá de dentro. Quanto a Mareschal, sentou-se ao meu lado no banco comprido e, como se fizesse apenas uma constatação, disse:

- Nunca tinha reparado nesses seus olhos verdes, são muito bonitos...

Corei ainda mais, se tal fosse possível, confusa. Pensei, por momentos, em perguntar-lhe que idade tinha, que me falasse mais de si, mas achei que era completamente a despropósito. Mas Mareschal antecipou-se:

- Não é justo perguntar-lhe a idade sem lhe dizer a minha: tenho 41 anos, e estou no Brasil desde que a imperatriz chegou, já há muitos anos, portanto. Tal como ela, apaixonei-me pela paisagem, pelo Rio de Janeiro e os seus morros, e, tal como ela, e como qualquer bom austríaco, odeio o calor. Que ainda odeio, aliás, e se não se importa vou-me servir de novo desta bebida que me arrefece...

E lá se levantou de novo, direito à garrafa.

Enquanto se servia, foi falando:

- Sou por formação oficial de Cavalaria, mas pouco antes do casamento da senhora D. Leopoldina optei pela carreira diplomática, e tive a sorte de ser logo enviado para o Rio de Janeiro, para a acompanhar. Hoje sou ministro plenipotenciário, o que é um nome pomposo para o mesmo ordenado - disse com tuna gargalhada, para acrescentar, mais sério:

- Ao contrário da senhora D. Maria Francisca, não sou viúvo, pela simples razão de que nunca me casei... a mulher certa mmca esteve

disponível - acrescentou enigmaticamente.

Confesso que, por essa altura, eu já olhava para o horizonte, sem saber o que fazer desta conversa, sem saber como entender o prazer imenso que tinha em escutá-lo, procurando desviar dele o meu olhar. Não senti que se estivesse a insinuar de uma forma deselegante, ou ordinária, mas antes parecia-me a conversa mais íntima que alguma vez tinha tido com um homem, ainda para mais desconhecido, e que de tuna maneira desconcertaste me tocava.

Talvez pressentindo o efeito que tinha sobre mim, Marescial mudou de tema, tão abruptamente como começara este:

- Mas vamos ao que interessa, senhora marquesa. Já deve ter percebido que eu e a senhora estamos no mesmo barco, para já não falar na senhora D. Mariana, que navega nele há muitos anos, e espero que possa ter agora um papel de novo relevante...

Seria de facto de confiança? Sempre quisera pensar que sim, mas também havia quem me dissesse que as intrigas da corte eram a sua sobremesa favorita. Mantive-me calada, a respiração menos ofegante.

Leu-me os pensamentos:

-Não tenha medo. Sei bem a fama de coscuvilheiro que tenho, faz parte do ofício, preciso de falar para que falem, mas acredite que sei bem distinguir as pessoas e as confidências. Nunca a senhora D. Leopoldina me contou fosse o que fosse que não tenha calado, ou por suas ordens transmitido exclusivamente ao seu pai...

- Ou a Metternich - disse eu, antes de pensar, sem poder esquecer o primeiro-ministro austríaco que dominava a Europa.

Mareschal deu tuna gargalhada:

-É rápida, a senhora. Não lhe conhecia esse seu lado perspicaz, mas sabia-a corajosa, e não me esqueço de que fez frente a Domitília, impedindo-a de entrar no quarto da imperatriz, nem de que foi a senhora que escreveu a última carta que D. Leopoldina ditou...

Corei, mas contra-ataquei de imediato:

- Portanto, o que conversarmos aqui hoje só chega aos ouvidos do pai da senhora D. Leopoldina e ao primeiro-ministro de um país que só muito relutantemente reconhece o Brasil como uma nação independente.

Riu de novo.

- Ainda bem que nos entendemos.

E sentando-se ao meu lado de novo, demasiado perto, julgo eu, continuou:

- Estamos no mesmo barco, porque queremos a mesma coisa, ou seja, proteger os filhos da imperatriz, já que por ela, infelizmente, já nada podemos fazer (e quando disse isto, pela primeira vez desviou os olhos e percebi que o rosto se contraía de comoção), porque queremos tirar os netos do arquiduque Francisco 1 das garras de Domitília e da sua gente. Tenho razão ou não?

Disse-lhe que sim, com um acenar veemente da cabeça. Disso estava certa.

Chegando-se ainda mais perto, Marescial estendeu-me unia carta.

Dei um grito, surpreendida ao ver umas folhas com as armas do imperador, que tonta sou por ainda me surpreender, mas não suspeitava de que estes espiões tivessem tempo e meios de fazer cópias integrais das cartas, julguei que seriam notas apontamentos...

Peguei no papel a medo e li. Nela o senhor D. Pedro declarava o seu amor pela «sua Titília», dizia-lhe que já a tinha vingado, e que a vingaria sempre, nem que isso lhe custasse a vida.

Olhei para Marescial, horrorizada:

- A vida? Um imperador dá a vida pela Pátria, pelos filhos, mas não por tuna mulher divorciada, com filhos de uns e de outros, e que o usa para subir socialmente, e levar de caminho toda a sua família - comentei, escandalizada.

O embaixador sorriu-me, divertido:

- É a primeira carta que lê do senhor D. Pedro?

Chocada, respondi que obviamente que sim, o que era verdade, e ele deu tuna gargalhada triste:

- Há algumas que são bem explícitas, e bem vulgares, não sei que escola teve este príncipe, mas foi das casas de senhoras pouco virtuosas, de estrebarias e das piores companhias, pela linguagem que usa... Sabe como é que se autointitula quando escreve a esta mulher inqualificável?

Fiquei sem saber o que dizer. Que podia eu comentar sobre a vida sexual do imperador, se até do assunto sabia pouco? Acenei com a cabeça que não.

- Demonão!

Mareschal parecia, agora, divertir-se com o meu embaraço, e, pousando a sua mão sobre a minha, incitou-me a continuar a ler.

Mas o que li a seguir chocou-me ainda mais do que as revelações anteriores.

D. Pedro escrevia: «Espero ansiosamente vê-la para junto ao seu peito depositar minhas lágrimas pela morte da minha amada esposa!»

«Não é possível! », exclamei. «Declara o amor à esposa e quer chorá-la no colo da amante?»

Marescial encostou-se para trás, bebeu mais um golo do seu whisky, e perguntou:

- O imperador é um homem de uma sinceridade única, e a essa sinceridade genuína tiro o chapéu. A senhora D. Maria Francisca acha possível amar duas mulheres ao mesmo tempo, digo amar de facto?

Desta vez empalideci, e fiquei a olhar para ele estarecida, muda. Aos poucos o meu coração começou a bater mais devagar, e fui capaz de reencontrar a voz:

- Não sei, senhor embaixador, talvez seja possível, o coração tem espaço para muita gente, mas do que tenho a certeza é que quando amar uma mulher magoa tão profundamente outra, aquela que se assumiu perante Deus e os homens, e mesmo assim se continua a manter a relação como se nada fosse, então não, não acho que seja amor por duas mulheres, mas amor acima de tudo por si próprio.

Julgo que olhou para mim como se me visse pela primeira vez e, num tom direto, disse a despropósito (mas como me soube bem!):

- Dizem-lhe com frequência que é bonita, D. Maria Francisca. Esse cabelo escuro realça os seus olhos verdes, e para além do mais é rápida e inteligente.

E antes que eu pudesse dizer fosse o que fosse, como, por exemplo, que só podia ser lisonja o elogio, logo em casa da mulher mais bonita do Rio, tossiu e voltou ao seu tom coloquial:

- Ora aqui está um dilema irrelevante, quando o homem em questão é o imperador do Brasil e tem a honra de ser casado com uma mulher como a arquiduquesa Leopoldina...

De repente, que estúpida, compreendi o que o angustiava verdadeiramente, e sem pensar, levada pelos vapores do seu copo de álcool, ou pela magia na noite, respondi:

- Já entendi, o que o preocupa não é o facto de o imperador eventualmente amar duas mulheres, o que o deixa angustiado é que agora a imperatriz morreu, e D. Pedro pode ficar nas mãos de apenas tuna...

Marescial pôs-se de pé de um salto e começou a andar de um lado para o outro da varanda:

- É preciso distrair o imperador, é preciso voltar a casá-lo com uma mulher séria, que possa ser uma boa mãe para os príncipes, que os consiga educar como devem ser educados, e que traga de novo prestígio à família imperial brasileira. Já basta o que os europeus pensam do Brasil e dos seus habitantes, quanto mais se lhes dermos de mão beijada este escândalo. O mais urgentemente possível. São essas as ordens que receberei de Viena, sem sombra de dúvida.

- E o que será da rainha de Portugal, de D. Maria da Glória? - perguntei, angustiada.

- Quando a história da morte da imperatriz circular pela Europa, e vai circular até pelos jornais, como aqui já circula, D. Miguel terá a faca e o queijo na mão e as hipóteses de a rainha chegar ao trono serão poucas ou nenhuma...

Abri a boca, assustada:

- Mas, senhor embaixador, não pode ser, eu prometi à senhora D. Leopoldina...

- Pois prometeu, sei que prometeu, e por isso é que lhe quis falar com tanta urgência (e quando disse isto pareceu-me, com que vergonha o confesso, que me olhava como se a partir de agora tivesse outros motivos para me procurar).

Tentei que o seu olhar não me distraísse, e respondi:

- E o que é que eu posso fazer? Fui expulsa do paço, retirada do serviço daquela casa...

Sorriu-me:

- Vai ver que pode fazer muito, e está na casa certa para isso. Mariana é a pessoa ideal para tomar conta do príncipe D. Pedro, temos de convencer o imperador a reconhecer que não há outra mulher no Brasil que possa dar-lhe a segurança e a educação de que precisa...

Sorri, entusiasmada com a ideia:

- Era uma escolha excelente, a única escolha, não podemos deixar D. Pedro nas mãos da temperamental condessa de Itapagipe, nem os príncipes entregues àquela camarilha. Mas acha que é possível? Acha que o imperador a aceitaria de volta?

Mareschal devolveu-me o sorriso:

- Não tenho muitas cartas na manga, mas tenho algumas... Os versos contra o imperador já circulam nos pasquins, os jornais liberais acusam-no de ser um liberal de fachada, que demite ministros porque estes lhe chamam a atenção para os erros que comete, e se comporta como um rei absoluto. Os tempos não estão fáceis, mas a corte, os embaixadores e os políticos ainda estão dispostos a prestar vassalagem à amante, porque sabem do seu poder. D. Pedro é impulsivo, não é burro, e sabe que precisa do apoio da Áustria, da Europa. Além disso, a senhora marquesa sabe como é o imperador do Brasil. Um homem de momentos de

depressão e angústia, capaz de todas as cedências para se sentir bem consigo próprio. Assustado com o conteúdo da carta que D. Leopoldina escreveu ao pai...

Interrompi-o, assustada:

- O imperador conhece essa carta?

Mareschal riu:

-Gosto tanto da sua ingenuidade, marquesa. Se a senhora D. Francisca conhece as dele para a amante, não conhecerá D. Pedro a última carta que a mulher escreveu ao arquiduque da Áustria, ainda para mais a dizer mal dele?

Dei por mim a pôr a mão na boca, angustiada. Será que Mareschal achava que eu a tinha mostrado a alguém? O embaixador encolheu os ombros e continuou:

- É claro que sei que não a mostrou a ninguém, mas há sempre muita gente envolvida no envio de tuna carta do Paço de São Cristóvão para tun sítio tão distante como Viena - disse-me com ironia, lendo-me os pensamentos. - Mas o que importa é que estará ansioso por agradar ao sogro. E o sogro, que eu represento, exige que D. Mariana seja a camareira-mor do seu neto herdeiro do trono. Voilà!

Respirei fimdo, um misto de sentimentos que nem eu entendo bem. Nada podia ser melhor do que saber que Mariana estaria junto do pequenino Pedro e das suas irmãs, próxima de Maria da Glória também, mas por outro lado não era difícil perceber que nesta rodada ficava eu de fora.

Olhei para as tábuas do chão da varanda e estremeci. Mareschal deu por isso:

- Não se preocupe, senhora marquesa. Preciso de si para me ajudar a planejar o futuro dos pequeninos Habsburgo Bragança. Neste momento, marquesa, só confio em Mariana e em si.

E dizendo isto, beijou-me a mão, e despediu-se.

Não me atrevi a perguntar-lhe quando voltava. Nem lhe disse que Maria me tinha procurado. Mas também, para quê, Mareschal, depois daquela carta, sabe bem que o luto do imperador é um «luto à imperador».

IO

Convento da Ajuda, 25 de janeiro de 1827

Marfa ia sentada ao lado do pai, que lhe dava a mão e lhe elogiava o vestido.

- É novo, papai. A tia Luísa mandou mais seda de Itália, e a condessa de Itapagipe pediu à melhor costureira do Rio para o fazer, só para este dia.

Pedro olhou para a filha, tão crescida para os seus quase 8 anos, e sorriu-lhe, orgulhoso:

- És a filha mais bonita que um pai pode ter, e vais ser a mais bonita rainha de Portugal.

Maria sentiu o peito inchar de orgulho, não havia nada melhor do que um elogio do pai, e o pai fora, neste último mês, um pai sempre presente.

Coçou o braço dorido, e mesmo assim sorriu:

- Papai, ainda me dói o sítio onde me vacinou contra a varíola.

O imperador encolheu os ombros:

- E a mim pouco me importa, filha. Tive varíola, ia morrendo da doença, e garanto-te que é melhor doer-te o braço do que apanhares a doença.

Januária, que ia sentada à frente na carruagem, entrou logo na conversa:

- Eu não me queixo - disse, procurando resgatar a atenção do pai daquela irmã que, além de mais velha, tinha o título de rainha, mas que sobretudo parecia ultimamente fazer brilhar os olhos do pai.

O imperador riu:

- A vossa querida mãe bem dizia que Maria era mais parecida com ela, e tu, Januária, tinhas tudo de portuguesa e saías a mim.

Maria sentiu-se picada, e respondeu, quase ingénua, mas não completamente:

- É mentira, papai. Tenho o cabelo e os olhos da mamãe, mas todos os criados quando faço uma birra dizem sempre - e esganiçou a voz, imitando - «a menininha é igual ao seu pai».

O imperador deu uma gargalhada:

- Com que então é isso que dizem de mim, é? Que faço birras, e tenho mau génio como a menina Maria.

Januária e Paula riram - quando o pai ria, riam sempre todos, tal o alívio de perceber que estava bem e feliz, embora fosse preciso estar bem atento ao virar do vento.

Maria respondeu-lhe, com um sorriso também, levando a provocação mais longe:

- Não, papai, eu é que sou parecida com o senhor.

Pedro abanou a cabeça, divertido:

- Mal sabe o mano Miguel a mulher que lhe calhou em sorte, logo ele que é tão senhor das suas opiniões. Vai fazer-lhe bem uma menina brasileira ao lado, sem aquele acanhamento das mulheres europeias, insípidas e incapazes de brincar...

Maria olhou-o com um olhar que se tornara subitamente duro:

- A mamãe não era assim, lembro-me que ela dantes, quando eu era mais pequena, brincava e ria com tudo. Até consigo, papai.

O rosto do imperador escureceu, como se uma nuvem tivesse tapado o Sol. Januária atirou um pontapé à irmã. Depois de um mês em que o pai tinha estado sempre com eles, do almoço à ceia, levando-os a passear de carruagem e a cavalo, molhando com elas os pés nas águas do lago, e até as deixando ir brincar na areia branca das praias, vinha agora Maria irritá-lo com referências à mamãe. E Januária não sabia bem porquê, mas o pai odiava que lhe lembrassem que a mãe outrora tinha sido feliz...

Pedro ficou calado, e Maria arrependeu-se de ter levado a provocação longe de mais. Pendurou-se no seu braço, procurando conquistá-lo de novo, mas ele olhava lá para fora e protestava:

- Por que raio as ruas por onde passamos estão ladeadas de soldados? Julgam que o povo me odeia, e está pronto a assassinar-me? A mim, o primeiro imperador do Brasil, que sempre amaram...

As três filhas não responderam, mas quando chegaram ao Convento da Ajuda, o pai saltou para fora da carruagem, antes mesmo de esta ter parado, e, ignorando quem o queria cumprimentar, foi direto ao chefe da guarda pedir satisfações.

Maria, que tinha lido em segredo alguns dos jornais que falavam do pai, e escutara Rosa e Jaime a dizer que o povo culpava o imperador pela morte da sua senhora, suspirou. Se ao menos não tivesse assistido a tudo, por detrás daquela porta, poderia agora defender com convicção o pai de todas as acusações, mas assim...

Saída do luto mais cerrado, a corte aproveitava esta cerimónia para arejar os seus melhores vestidos e joias.

Maria gostou da forma como o pai a mantinha sempre ao seu lado, indicando-a como a rainha, e levando todos os senhores mais importantes, e todas as senhoras com nome, a beijarem-lhe a mão, com uma pequena vénia - afinal, estava sempre a esquecer-se, mas já era uma mulher casada, pensou, rindo baixinho.

Era boa a sensação de que lhe prestavam vassalagem, era boa a sensação de que por muito que Domitília quisesse, por muitos títulos que o seu pai lhe desse, nunca chegaria a ser respeitada como ela, apesar de ainda só ter 7 anos.

Subitamente, no entanto, gelou. Domitília aproximava-se de ambos num passo seguro, o vestido de cetim preto, disparatadamente decotado, alargava abaixo do peito, deixando perceber uma barriga de grávida, que parecia empinar de forma a tornar ainda mais proeminente.

Olhou em redor, angustiada, procurando os olhos da marquesa de Aguiar ou de frei António, uma âncora para o turbilhão de sentimentos que voltaram do fundo de si, como se ali tivessem estado escondidos durante este mês em que o pai e os seus cuidados atentos tinham ocupado todo o seu coração, mas não havia marquesa de Aguiar, nem frei António à vista, exilados que estavam pelo imperador.

As pessoas tinham quase aberto alas para a chegada da favorita, e percebia-se pela cara de muitos que a gravidez que Domitília expunha nesta ocasião, logo nesta, equivalia a uma bofetada na cara. Alguns viraram mesmo costas, e desistiram de dar ao imperador as suas condolências, outros ficaram parados, estupefactos, ansiosos por ver a reacção do imperador. E não esperaram em vão, porque Pedro fez o escândalo que os seus piores inimigos desejavam: abraçou-a efusivamente, e colocou uma mão aberta sobre a sua barriga, descaradamente, para lhe perguntar, entre piscadelas de olho:

- E como vai esse menino, senhora marquesa?

E ela, deliciada e sorridente, retorquiu alto e a bom som:

- Será certamente um rapaz, meu senhor. Meninas já temos que cheguem, não?

Maria sentiu-se empalidecer. Meninas? Referia-se a Bela ou a ela e às manas? Punha-as no mesmo saco a todas? Como se ela e as manas fossem suas filhas? E o pai sorria, consentia, e agora ainda lhe punha o braço sob o cotovelo e encaminhava-a para a sala onde uma ceia seria servida, como se fosse a sua mulher, a mulher da sua vida?

Uma mão pousou no seu ombro com força. Virou-se, assustada, e viu que era a de Mareschal, o melhor amigo da mãe, o representante do seu querido avô Francisco, que tinha crescido a adular.

Deu por si a murmurar:

- Barão, o que vai ser de nós, o que vai ser de mim e do meu irmão Pedro? E se ela envenena o Pedrinho, e ele morre como a minha mãe e os meus manos?

Desajeitadamente, o embaixador passou-lhe o braço à volta do pescoço, e, baixando a cabeça, sussurrou-lhe ao ouvido:

- Nada disso vai acontecer, Sua Alteza, que o seu avô não deixa, que a sua mãe, que vela por si lá do Céu, não o permite.

Maria olhou-o diretamente nos olhos, e sentiu-se mais segura. Respirou fundo, e entrou atrás dos outros para a sala.

Mais tarde, pensou, amanhã logo de manhã, vou visitar a marquesa de Aguiar.



Fui às cerimónias finebres por minha conta e risco. Sentei-me na parte de trás da igreja, e tentei passar despercebida, o véu preto sobre a cara ajudou a evitar cruzar olhares com tanta gente que me conhece. Rezei pela minha senhora, e vim-me embora o mais discretamente que pude.

Mariana não quis ir, está tão habituada à sua vida de isolamento que me pergunto se, caso o plano de Marescial resultar, se habituará à agitação e às intrigas do paço, mas depois lembro-me que quando comparada com ela nada sei dos meandros da corte, nem das suas ligações.

Já eram dez da noite quando ouvi os criados abrirem a porta a Marescial. Já não estranham, é visita frequente, a inica ponte entre mim e o mundo.

Insiste agora para que lhe chame Philippe, mas não consigo ainda, mas confio nele, não sei nada do que sente por mim, mas confio que serve a mesma causa que eu.

Entrou visivelmente alterado. A sua afeição por D. Leopoldina torna-se mais visível à medida que o conheço melhor. Percebo que com humor, e tuna aparência de leveza e até de superficialidade, comum aos diplomatas, fingiu-se sempre distante e até crítico às vezes, mas suspeito que gostava mais dela do que lhe seria permitido, do que a sua honra lhe permitia revelar alguuna vez. Do que D. Leopoldina suspeitava... Não lhe pergunto diretamente, nunca o farei, mas talvez esteja aí a explicação de se ter mantido solteiro. Ou então sou eu, que entre o ciúme de unia mulher viva, ou o de uma mulher morta, prefiro o segundo.

Que disparates digo desde que escrevo uni diário, que Deus me perdoe, Deus que vê tudo, e lê estas linhas também...

Dizia que vinha alterado, e mal entrou na sala e fechámos a porta para que os criados não nos ouvissem, deixou-se cair nuas dos sofás e disse, direto:

- Domitília está grávida do imperador...

Sentei-me na cadeira em frente, estupefacta:

- Grávida? Mas como? Foi concebido antes ou depois da morte da imperatriz?

Marescial fez uru sorriso triste:

- Depois não foi, a não ser que use uma almofada para simular uma barriga daquele tamanho... dizem-me que está de dois meses, por isso terá sido antes de D. Pedro ter partido para o Rio Grande.

De repente veio-me à memória o som dos cascos do cavalo a chegar na madrugada depois da cena do beija-mão, de como eu própria tinha rezado para que unia noite de luxúria o tivesse apaziguado...

- Sim, deve ter sido antes - respondi baixinho, como se tivesse presenciado a concepção.

- Aquela mulher não tem vergonha, sabe o que dizia a todos? Que estava certa de que era uru menino! «Um Pedrinho para fazer as vezes do meu querido Pedro de Alcântara Brasileiro que morreu» - disse Mareschal, imitando a voz afetada de Domitília, provocando-me o riso com o seu esforço para falar num brasileiro paulista apesar dos «rr» carregados da sua língua materna.

- Não é possível. E o imperador? Vexou-a, ignorou-a pelo menos? - perguntei, ainda com alguma esperança de que D. Pedro se comportasse à altura do seu lugar, ainda para mais nas exéquias da mulher legítima.

- Qual quê - suspirou Mareschal. - Pôs-lhe a mão na barriga, e deu-lhe o braço para a levar para a ceia.

Fiquei estupefacta, mas pelo que me contou, desta vez, a corte não reagiu como habitualmente, tendo muitas famílias optado por não cear, regressando a casa, e o bispo do Rio de Janeiro, disse-me o embaixador, recusara-se discretamente a sentar-se à mesa do imperador, pedindo escusas para se ausentar.

- Se Domitília tem um rapaz, acredito que o Pedro pequenino corre riscos. Não vejo que a marquesa de Santos, ou algum daqueles capangas, hesite em envenená-lo ou em fazer-lhe mal... um acidente, uma queda de cavalo, é tão fácil...

Mareschal olhou para mim, preocupado:

- Vou ter de contar tudo o que se está a passar nos meus relatórios para a Áustria. Vou pedir que me enviem dinheiro para contratar mais vigilância para o príncipe. É urgente colocar Mariana no paço, é a minha prioridade. Conhece bem a ama da criança?

Disse-lhe que sim, que era uma escolha da imperatriz, que já fora ama de Paula e de Francisca, e que era de uma dedicação imensa a D. Leopoldina, que a tinha salvo dos maus tratos de um marido violento (ironia!) e a acolhera como a uma filha.

Mareschal ouviu, mas insistiu:

- Peço-lhe que se encontre com ela e que reforce a ideia de que o príncipe corre risco, que seja ela ou alguém da confiança dela a cozinhar para ele, que seja ela a escolher as criadas que o acompanham... mas não chega. Mande uma nota ao imperador a pedir-lhe que me receba amanhã de manhã... com a cena de hoje bem fresca, acho que estarei suficientemente indignado para o obrigar a ceder.

E, voltando-se para mim, insistiu:

- Logo ao primeiro almoço fale com Mariana, e estabeleçam um plano para o dia a dia da criança - com a sua ajuda, a condessa que faça a escala dos criados e professores do pequeno imperador. Não quero que seja deixado sozinho com nenhum deles, por mais de confiança que lhe pareçam. Que escolha aqueles que não gostam uns dos outros, para que se denunciem mutuamente...

Confesso que mesmo tendo vivido no paço tantos anos, numa casa dividida em duas alas ocupadas por dois «partidos», nunca tinha imaginado esquemas tão subtis e requintados, que mais pareciam tirados de um folhetim novelesco. Mas sim, tinha de concordar, fazia sentido...

Marescial estava entusiasmado com os seus planos, e Maria da Glória fazia parte deles:

- Quanto à «sua» Maria - disse, trocista mas bondoso -, vou pedir ao avô que a mande ir para Viena. Não pode crescer neste ambiente devasso, já vimos o resultado que deu com o seu pai e o seu tio, e precisa de disciplina, de estudos, não pode andar por aqui à solta como tuna indiazinha.

Concordei. Maria da Glória era um encanto de criança, crescida para a idade, mas facilmente influenciável e manipulável por estes adultos sem moral, nem escrúpulos. Por muito que me custasse vê-la partir, era o que D. Leopoldina mais queria para a filha, e lá no Céu ficaria certamente mais descansada no dia em que a primogénita deixasse o Rio em direção à Europa.

O embaixador levantou-se, julguei que para se despedir, mas, para meu espanto, e o meu coração ainda salta quando o recordo, estendeu-me as mãos para me ajudar a levantar do cadeirão e, aproveitando o balanço, puxou-me para os seus braços, e apertou-me contra si. Os meus cabelos roçaram nos seus, a minha cara ficou afogueada contra o seu peito, até que também os meus braços se apertaram em redor do seu corpo, e assim ficámos por momentos,

para depois nos despedirmos convencionalmente. Foi quase um abraço de amigos, que digo, foi mais, tanto mais do que um abraço de amigos.

Foram apenas uns minutos, mas talvez os minutos mais felizes que conheci até hoje. Suspeito que isto se chama paixão, mas agora só quero dormir, fechar os olhos e imaginar que aqueles braços ainda estão em meu redor.

II

Paço de São Cristóvão, 26 de janeiro de 1827

Marfa acordou aos gritos. Olhou em redor, para o quarto que lhe era tão familiar, e percebeu que tinha estado a sonhar. Sentou-se na cama, ofegante, com medo de fechar de novo os olhos. No seu pesadelo, a mãe chorava a um canto, enquanto a barriga de Domitília crescia, crescia, crescia, até que rebentava como a casca de um ovo, deixando sair, em vez de um pinto, um menino feio, de pelo preto que crescia por todo o corpo, como um urso dos livros de histórias que a tia Luísa mandava da Europa, e o pai pegava-lhe ao colo e dizia a toda a gente «Veem como o imperador do Brasil é bonito, muito mais bonito do que o deslavado do Pedrinho». E a mãe chorava com ainda mais força, e chamava por ela, «Maria, não deixes, não deixes que façam mal ao nosso Pedro».

A ama Florica devia estar por perto porque chegou minutos depois:

- Já passa, já passa, foi só um sonho mau - dizia.

Maria, a voz trémula, só perguntava:

- Florica, o meu mano Pedro está bem? Florica, já viste o Pedro hoje...

Florica, que sabia da gravidez de Domitília, benzeu-se e beijou a medalha de Nossa Senhora da Glória que trazia ao pescoço:

-Credo, menina, então não havia de estar bem. Vá, vou vesti-la, e vai lá ter com o mano e dá-lhe a papa de aveia da manhã, está

bem? A ama Izza até agradece a sua ajuda.

Maria enxugou as lágrimas, e quando entrou no quarto de brinquedos do seu único irmão, e o viu de caracóis loiros e olhos azuis, a brincar com cubos de madeira de várias cores, que empilhava já com perícia, correu a pegar-lhe ao colo e a enchê-lo de beijinhos.

O bebé riu, satisfeito, e Izza encorajou-a:

- D. Maria, já viu que ele consegue dar uns passos sozinho? Ora pegue-lhe aí pela cintura e ponha-o direito, e vai ver como ele vem até mim.

E Maria, fascinada, viu o pequenino imperador a dar uns passos em direção à ama que o recebeu, fazendo-o saltar nos braços.

- Vou dizer ao pai que o Pedro já anda - disse a rainha de Portugal, correndo para fora da sala antes que alguém a pudesse impedir.

O imperador estava sentado à mesa do primeiro almoço, o jornal nas mãos, quando a viu entrar afogueada:

- Papai, o Pedro já anda, o Pedro já anda...

O imperador pousou o jornal e sorriu-lhe, satisfeito:

- Já sei, minha tonta, estive lá hoje de manhã e vi. Mas agora não posso ir, e tu também não, porque, para além das lições a que não podes faltar, tens de preparar tudo porque vamos partir.

Maria olhou-o, entusiasmada:

- Vamos para a chácara, fugir deste calor? - perguntou.

O pai acenou que sim, mas a resposta deixou-a sem palavras:

- A marquesa de Santos não pode ficar aqui na cidade com estas temperaturas, porque o bebé corre risco de não se desenvolver... Por isso vamos todos, e vai ser bom estarmos lá todos, longe dos olhares destes urubus - acrescentou.

Maria ficou corada de fúria e, perdendo a cabeça, gritou:

- O papai pode ir, mas eu não vou. E as minhas manas e o meu mano também não. A mamãe nunca nos deixaria ir com essa senhora para lado nenhum, muito menos para a chácara onde passámos tanto tempo juntos, quando a Paula esteve doente - ou o pai já nem se lembra de que a Paula esteve tão doente?

Pedro levantou-se, furioso, e abanou a filha pelos ombros violentamente. Maria estava demasiado zangada para ter medo:

-Julga que me vai fazer o mesmo que fez à mamãe? Eu sou rainha de Portugal, o meu avô é arquiduque da Áustria, e vou para a Europa para longe de si, e dessa jararaca, e levo os manos comigo. Todos. Pode ficar com a Bela, e esse que vai nascer...

E antes que o pai a pudesse esbofetear, como a mão em movimento indicava que ia acontecer, fugiu pela porta aberta para a varanda dos papagaios, e daí deixou-se escorregar por entre o espaço da balaustrada, para a grama lá em baixo, levantou-se, esfregou os joelhos esfolados e começou a correr.

Pedro, de cabeça tão perdida como a filha, preparava-se para correr atrás dela, quando a voz de Domitília o fez estacar:

- O que se passa aqui? Não estamos a preparar-nos para partir?

Hipnotizado, virou-se para trás e deixou que ela o beijasse na boca e lhe passasse a mão brevemente entre as pernas. Como se fosse outro, o imperador mordeu-lhe a orelha e sussurrou:

- E a senhora não pergunta se o meu coiso está melhor hoje?

Numa gargalhada conjunta, viraram as costas à varanda de portas abertas e foram preparar as malas.

Num canto da sala a ama Florica, que viera procurar Maria, observava, estarecida.

Maria correu que nem uma louca, quando percebeu que atrás dela vinham outros passos. Durante um bocado não olhou para trás, temendo que fosse o pai ou um dos criados enviados por ele, mas foi percebendo que os pés que a seguiam eram de criança também. Exausta, dobrou-se sobre a cintura, a dor de burro a impedi-la de continuar, e olhou para trás de relance.

Era uma das escravas, que tinha mais ou menos a sua idade e com quem brincava desde que o pai a comprara quando tinham estado na Baía. Malvina aproximou-se, também ofegante, e disse-lhe:

- Majestade, o Jaime chamou por D. Maria, e pediu-me que viesse a correr dizer-lhe que tem a carruagem pronta.

Maria agradeceu, ainda bem que o Jaime percebera que se preparava para correr até à chácara de Santo António, mas, virando-se para a escrava, disse-lhe num tom autoritário:

- Vais onde eu for, mas bico calado. Esfolo-te viva se disseres a alguém onde fomos...

Malvina acenou que sim com a cabeça, e em silêncio voltaram até às traseiras da cocheira, onde Maria entrou para a carruagem, depois de um «obrigada» gritado a Jaime, que segurava os cavalos.

Só a marquesa de Aguiar, pensava Maria, podia dizer-lhe o que fazer.

Quando o criado anunciou a chegada do barão de Mareschal, ministro da Áustria, Pedro soltou-se dos braços de Domitília, com um

bocejo:

- Tenho de ir, minha querida, o homem que faz as vezes do meu sogro está à minha espera.

Mas quando viu a faixa preta em redor do braço do embaixador deixou cair o sorriso. Era raro ver o embaixador tão carrancudo, e subitamente lembrou-se de que também era suposto ele estar inconsolável.

Mandou-o sentar:

- Senhor embaixador, diga lá o que o traz por cá - perguntou.

Mareschal foi direto ao assunto:

- Senhor imperador, o seu sogro pretende saber com urgência quem é a dama que velará pelo seu neto Pedro.

O imperador sentiu um impulso de protestar contra esta pressão da Áustria, mas de repente lembrou-se de que lá em cima Domitília fazia as malas, e uns dias de prazer e sossego o esperavam na chácara, e encolheu os ombros:

- Pelo meu filho velo, antes de mais, eu próprio - ainda disse, mas, ao ver içarem-se as sobancelhas de Mareschal, perguntou:

- E o meu sogro, ou melhor, o seu mandante, tem alguma ideia de quem deveria ocupar esse lugar?

Mareschal mudou o tom, para um outro mais sedutor, e, trauteando os dedos na secretária de pau-santo que tinha em frente, disse:

- O «mandante», como o senhor D. Pedro a mim se refere, teve uma ideia, que julgo pode servir o imperador de várias formas...

- Então diga lá, homem...

Mareschal deixou-se cair para trás na cadeira e começou:

- Julgo que neste momento convém ao senhor D. Pedro escolher alguém «independente», por assim dizer, e acima de qualquer suspeita...

Pedro fez-lhe sinal de que continuasse.

- Alguém que já tivesse dado provas de lealdade à senhora D. Leopoldina, e de que me fosse possível dar as melhores referências ao arquiduque Francisco.

Pedro impacientou-se:

- Desembuche, homem, que não tenho o dia todo.

Mareschal sorriu (enquanto cruzava os dedos da mão escondida no bolso):

- Estava a pensar na senhora D. Mariana Carlota, condessa de Belmonte...

Pedro pôs-se de pé de um salto, uma expressão de divertimento na cara:

- A Verna de Magalhães? - perguntou, com uma gargalhada. - É a escolha perfeita, meu querido barão. Vai ser uma pedrada no charco de toda essa gente que me acusa de ser um homem cruel e sem sentimentos, de ter uma vida devassa e de favorecer apenas alguns.

E depois, passando a mão pelas patilhas loiras, não resistiu a perguntar:

- Meu amigo, diga-me, a senhora continua tão bonita como era?

Mareschal teve vontade de lhe dar um murro naquela cara sorridente, mas respondeu com um riso cúmplice (Meu Deus, pensou, o que a diplomacia pede a um homem!):

- Linda. Mas...

Pedro nem o deixou acabar:

- Sim, sim, claro que me comprometo a não fazer avanços junto da senhora, por muita pena que tenha... a não ser que ela mude de ideias, e o deseje.

Mareschal nem queria acreditar que tudo tivesse sido tão fácil:

- Posso então perguntar à senhora se estaria disponível?...

- Não me conte histórias, barão, ou acha que acredito que estivesse a falar-me neste nome, sem se ter assegurado primeiro que a senhora aceitaria a proposta?... Diga-lhe que comece já amanhã. Vamos todos para a chácara, mas a ama do meu filho já me tinha dito que ele está adoentado e não convinha mudá-lo de ares, e eu, senhor barão, com a saúde de um filho meu não brinco...

«A ama protegeu a criança, não a deixou ir com Domitília para a chácara», recordou Mareschal já na carruagem, satisfeito. Tinha de elogiar a marquesa de Aguiar pela sua competência. E, estranhamente, sentiu-se feliz por ter mais esta boa notícia para lhe dar.



As notícias que Mareschal me trouxe ontem deixaram-me, no entanto, preocupada. Esta harmonia entre pai e filhos não vai durar, se a marquesa de Santos for viver para o solar praticamente nos jardins da quinta, e que todos os dias cresce em tamanho e luxo, e

muito menos se o imperador decidir casar com ela, a pretexto desta nova gravidez.

Mas não estava à espera que os efeitos da revelação de ontem se dessem tão depressa, como os círculos que unia pedra atirada à água provoca, e que se vão alastrando até perder de vista.

Pensava nisto tudo, e no abraço de Philippe, confesso, quando logo de manhã, quando o ar ainda estava fresco e andava a regar o canteiro de roseiras de D. Mariana, o mínimo que posso fazer para retribuir a hospitalidade, ouvi uma carruagem chegar, e entrar pelo portão a minha Maria da Glória, com uma das escravas-meninas atrás, que mandou para a cozinha, dizendo-lhe que queria falar comigo a sós.

Já não a via há algumas semanas, e tive o cuidado de não me precipitar a perguntar-lhe como estava. Preferi antes passar-lhe a mangueira para a mão e falar das flores e dos pássaros, do tempo e da humidade, como se o nosso encontro fosse absolutamente diário e familiar. Perguntei-lhe pelos príncipes, pelo pai, por notícias de Lisboa, e acabámos sentadas num banco de pedra debaixo de uma enorme tília.

E foi aí que ela me confessou, angustiada:

- D. Maria Francisca, a Domitília está à espera de bebé.

Fingi nada saber. Era de facto um golpe tão baixo, mas tão assustadoramente esperado, que ainda agora ficava sem saber o que dizer.

Maria da Glória pareceu ficar satisfeita com o efeito que a notícia provocou. E voltou à carga:

- Não acha bem, pois não? Só pode ser do meu pai, senhora marquesa, pela maneira como ele pôs a mão sobre a barriga dela, como a olhou.

O que podia responder? Nem valia a pena contar-lhe histórias de embalar, que noutros tempos tinham servido para esconder evidências. Por isso, com toda a sinceridade, confirmei:

- Não acho bem, D. Maria da Glória, não acho mesmo nada bem...

- O papai tem passado tanto tempo connosco em casa, tem sido tão bom que... - e interrompeu a frase, que lhe custava visivelmente acabar - ... que nem tenho sentido muito a falta da mãe.

A culpa que sentia era imensa, e só pensei em apaziguá-la:

- A sua mãe teria ficado tão feliz com isso, sabe, não sabe? Nada a deixava mais contente do que ver o senhor D. Pedro brincar com os filhos, e repetia sempre que era o melhor dos pais.

A pobre criança parecia mais leve, como se um peso se tivesse levantado dos seus ombros:

- É verdade, não é? A mãe também passava os dias a contar como o pai andava comigo às cavalitas, e agora ele tem andado com a Nica e o Pedro às cavalitas, e a Bela, claro, ele adora a Bela, e agora vai adorar o novo filho - terminou, com amargura na voz.

- Não misture as coisas - disse-lhe, apertando uma das suas mãos entre as minhas. - O amor que o seu pai lhe tem a si e às suas manas, e ao imperador pequenino, não é igual àquele que tem pelos seus outros filhos, porque ele gostava da sua mãe de outra maneira...

Maria da Glória olhou-me, os olhos muito abertos, e pela sua resposta tive a certeza de já ter falado de mais. Disse-me, com naturalidade:

- Amava a minha mãe como se ama as mulheres e os maridos com quem se casa, o amor que é abençoado por Deus, mas depois é

natural que procurem amantes, como Domitília, por causa da cama e do sexo, não é?

Saiu-me um grito - meu Deus, como é que estas crianças aprendiam estas coisas, que terra era esta em que o corpo assumia tanta naturalidade tão grande que tanta princesa, que dentro de uns meses faria 8 anos, falava dele assim.

Repreendi-a, suavemente:

- D. Maria da Glória, não pode falar assim... e além disso, é mentira. O casamento é um sacramento, e os homens e as mulheres casados partilham tudo isso, não é necessário que um homem procure outras mulheres fora do casamento...

A princesa olhou-me genuinamente desconfiada, e não era para menos, ainda no outro dia Marescial e eu tínhamos feito as contas e D. Pedro, aos 28 anos, já tinha mais de vinte filhos conhecidos, apenas cinco deles legítimos...

- Pois é, senhora marquesa, e o pior é que toda a gente diz que o meu marido - e pronunciou a palavra com um certo orgulho, apesar de tudo - também gosta de mulheres, e até que não queria casar comigo mas com a princesa Luísa da Baviera, mas que o pai dela não deixou...

D. Miguel era muito mais velho do que ela, era mais do que natural que se apaixonasse por mulheres da idade dele, mas senti a urgência de a sossegar:

- As informações que tenho não são as mesmas que as suas, senhora D. Maria da Glória.

A criança olhou para mim, ansiosa:

- Não? Ouviu outras coisas?

- Ouvi coisas bem melhores, e ouvi-as à sua mãe, que não só o conhecia, mas sobretudo que recebia cartas de quem tem convivido com ele nos últimos anos, na corte do seu avô Francisco. E esses dizem que mudou muito, que não anda a correr atrás das mulheres, e que se tem dedicado aos estudos... Além disso dança bem - acrescentei.

Maria sorriu, satisfeita:

- Gosto tanto de dançar. A mamãe estava sempre tun bocadinho triste, e nunca queria bailes no paço, não era? A D. Francisca foi feliz com o seu marido?

Ri-me, e fiz-lhe cócegas:

- As pergmtas que faz! Sei que sabe que o meu marido era também meu tio, mas não sabe que tinha mais trinta anos do que eu quando casámos aqui no Rio de Janeiro.

- Trinta? - perguntou Maria, de boca aberta. - O Miguel só tem mais dezoito anos do que eu, e já assim parece-me que estou casada com o meu pai. Sabe, preferia casar com uni príncipe que não tivesse nada a ver com o Brasil, um príncipe europeu, como aqueles de que a minha mãe falava, que se vestem muito bem, e usam perfuunes bons, nunca suam como aqui, são muito educados com as senhoras, deixam-nas passar sempre à frente, e nunca as traem, porque são bons cristãos, e vivem em casas com lareira no inverno, em palácios no meio de florestas verdes, com rios cristalinos a correr, que gelam no inverno e onde se patina.

Confesso que a minha gargalhada foi tão aberta que quase a ofendeu. Como o pai, tão parecida com o pai em tantas coisas, olhou-me sem saber para que lado ia cair o seu humor, mas felizmente decidiu-se por se rir também. Apressei-me a explicar:

- Desculpe, só me ri porque parecia mesmo a sua mãe a falar da Áustria, quantas vezes a ouvimos, não foi?

Maria assentiu com a cabeça, e depois comentou:

- Mas é verdade que os homens de lá não são bem iguais aos nossos. Olhe para o barão de Marescial, é um daqueles homens de que a minha mãe falava, apesar de aqui suar, porque quem não suar neste calor detestável, mas não tem nada a ver com os amigos do meu pai, pois não?

E aí fui eu que escondi a cara, fingindo apanhar um malmequer do chão. Não lhe podia dizer que também achava que Philippe era especial.

Maria tagarelou pela manhã fora. Só quando viu a escrava espreitar da porta da cozinha, com um ar assustado, confessou:

- Tenho de voltar, porque fugi de casa depois de uma violenta discussão com o meu pai, e a coitadinha da Malvina e o Jaime ainda são postos de castigo, por me terem deixado desaparecer... mas, senhora marquesa, tinha de me vir despedir de si.

Espantei-me.

- Não, não vou para Portugal, é muito pior. O papai disse hoje que vamos todos para a fazenda.

E depois, deitando a língua de fora, como a criança que realmente era, acrescentou:

- Toda a gente ficou zangada com a barriga da marquesa ontem nas cerimónias, e o papai ficou ainda mais furo por quase toda a gente ter fugido a cumprimentar a marquesa, e hoje declarou, logo de manhã, que vamos todos, nós e ela, para fora por uns tempos.

E encolhendo os ombros, conformada:

- Ainda protestei, e disse ao papai que fosse com a outra, porque a mamãe mmca nos deixaria ir com ela, mas ele queria-me bater.

Depois, lançando-me os braços espontaneamente ao pescoço, acrescentou ao meu ouvido:

- Vou pedir à Rosa que faça um feitiço para «ela» perder o bebé.

E antes que eu pudesse dizer algtnna coisa, estendeu-me a mão a beijar, e dirigiu-se à carruagem, onde ordenou ao Jaime que a levasse de volta, com a pobre escrava a tentar acompanhar-lhe o passo.

Volto ao meu diário pela segunda vez hoje. Mareschal apareceu para jantar, e desta vez Mariana não desapareceu, como se fosse [mia fada casamenteira, como lhe chamei no outro dia (e ela, de resposta, só riu!).

Philippe vinha com uni ar de felicidade total, e a notícia que trazia era de facto extraordinária: o imperador, sem discussão, aceitou o regresso de Mariana para camareira-mor do pequenino Pedro. Vi como os seus olhos ficaram cheios de lágrimas, quando o barão lhe deu a notícia, é de facto imenso o seu amor à senhora D. Leopoldina, e aos seus filhos, para aceitar voltar assim para a boca do lobo, que é aquele paço, que é o nosso senhor D. Pedro, mas é simultaneamente o reconhecimento perante todos de que a virtude compensa. Pobre Mariana, depois da alegria, olhou para mim, aflita, e disse:

- Maria Francisca, vou precisar de si, de volta ao paço, muito em breve.

Mareschal pousou a colher e riu:

- Para vencer aquela camarilha, senhora D. Mariana, era preciso que a marquesa de Aguiar levasse consigo um batalhão do Exército,

e muitos urubus para devorarem os cadáveres das vítimas que aquela gente que vive no paço assassina todos os dias.

Acenei a cabeça de uni lado para o outro, entre o choque e o divertimento, mas Mariana ria às gargalhadas.

- Sempre tão expressivo, senhor embaixador. Basta-me que o senhor, o frei António e a marquesa se mantenham meus aliados... e de toda a ajuda que Deus Nosso Senhor me puder dar.

A seguir ao jantar deixei-os a discutir os detalhes, porque o imperador pediu que Mariana começasse logo que possível, e fui ver a Lua, tão redonda e cheia de luz que enchia o céu e apagava as estrelas. Se calhar, que vergonha, Philippe achou que o fazia de propósito, para o levar a seguir-me... numa noite de lua cheia. A verdade é que segui, e quando vi o seu vulto senti as pernas a tremer, e tive de tossir várias vezes, antes de ser capaz de lhe dizer que a senhora D. Maria da Glória me fora ver hoje, para se queixar de que o pai a queria levar com Domitília para a fazenda.

Mareschal pousou a mão ao de leve no meu ombro:

- Tem cumprido bem a sua promessa. Sabe que o imperador não leva com ele o filho, porque a ama lhe disse que a criança estava adoentada e não podia viajar...

Olhei-o, ansiosa:

- Doente?

- Não, não se preocupe, já inc informei, está ótimo, o que lhe estou a dizer é que a ama está a seguir as suas ordens com todo o rigor...

Corei:

- Gosto muito dela, e ela gostava muito da senhora D. Leopoldina... como agora vai gostar da Mariana... todos eles vão encontrar nela uma verdadeira mãe.

Philippe passou-me a mão devagarinho pelo cabelo, e disse baixinho:

- Sente-se tão dividida, a minha pobre Francisca. Por um lado fica feliz por os príncipes encontrarem tuna mãe, alguém que cuide deles, por outro sabe que não é a Francisca que lá está, por causa de tuna grave injustiça...

Meu Deus, como este homem me lê por dentro. Apertei as mãos com força para não chorar, mas deixei que me puxasse contra ele por mis momentos.

Paço de São Cristóvão, 23 de maio de 1827

Marfa entrou na sala de jantar e olhou de relance para a mesa comprida, onde, sob o enorme lustre de cristal, estava um bolo enorme, com as letras «BELA», em tamanho gigante. Em redor da mesa, que há tantos meses não era usada, estavam os mais improváveis comensais, dos odiosos seguranças do pai à avó e às irmãs e o irmão de Domitília, que lhe causavam asco, e alguns nobres da corte, que desprezava por se terem aliado à marquesa de Santos contra a mãe. Januária, Paula e Xica estavam sentadas, de seguida, à esquerda do pai (com um lugar ainda vago, para ela, Maria), mas à sua direita, numa cadeira enfeitada com hibiscos e flores de todas as cores, estava Isabel Maria, a duquesa de Goiás, que hoje fazia 3 anos. Domitília dava ordens a torto e a direito e mandava servir o almoço, numa excitação que deixava Maria da Glória agoniada - há meses que a senhora agia no paço como se fosse a dona da casa, a barriga a crescer, perante o ar satisfeito do seu pai. Trocou um olhar rápido com a condessa de Itapagipe, e compreendeu que esta lhe pedia serenidade. Afinal, já tinha 8 anos, feitos há um mês e celebrados com bem menos pompa, a pretexto de que a família ainda estava de luto, e era rainha de Portugal. Procurando manter as costas direitas e a cabeça levantada, como lhe ensinava o mestre de protocolo, em silêncio procurou o seu lugar e sentou-se.

Subitamente, quando um criado o servia de mais vinho, D. Pedro puxou para trás a cadeira, que caiu com estrondo ao chão, e saiu precipitadamente da sala. As vozes foram-se calando, à medida que as pessoas entendiam o que se passava, e, antes que a mão da aia

a pudesse segurar, saiu a correr atrás do pai, procurando-o pelos corredores, tentando perceber para onde fora. Domitília veio atrás dela, igualmente assustada, e ambas ouviram fechar com estrondo a porta do quarto de Leopoldina, que Rosa mantinha como um santuário.

Maria olhou para Domitília em triunfo, como quem diz «é no quarto da minha mãe que o meu pai se esconde», mas a marquesa respondeu-lhe, brusca:

- E se o seu pai pressentiu uma crise de epilepsia, a senhora vai continuar a achar graça?

A epilepsia, que horror, tinha-se esquecido completamente dos ataques do pai, mas tinha assistido a vários, dois deles em público, e guardava deles a imagem terrível do pai deitado no chão, o corpo a estremecer, alguém a correr para lhe pôr um lenço ou um guardanapo debaixo da língua, e depois, depois de o pior ter passado, da humilhação e raiva que o pai sentia, do esforço que fazia para se levantar e continuar o que estava a fazer, para não dar parte de fraco, mas que tinha sempre um resultado patético, acabando por ser levado em braços, para os seus aposentos ou para a sala mais próxima.

Aflita, fez a Domitília, pela primeira vez na vida, um pedido:

- Corra, vá ver o que se passa... que eu chamo o médico.

Domitília começou a subir as escadas, mas a meio fez-lhe sinal:

- Não chame o médico, que seu pai não quer que se saiba destas coisas. Vá para a mesa, e diga que o senhor imperador teve uma indisposição.

Maria anuiu, obediente, mas depois de ter dado o recado à sala em silêncio esgueirou-se de novo pelas escadas de trás, e foi o mais rapidamente que podia para a porta adjacente ao quarto da mãe.

Espreitou pelo buraco da fechadura, e deu com o pai sentado numa cadeira baixa, agarrado ao retrato da mãe, o retrato pintado que Rosa mantinha na mesinha com uma vela sempre acesa, a chorar em desespero.

- Tenho tantas saudades da minha querida mulher. Amava-a tanto, faz-me tanta falta - soluçava, como uma criança, perante uma Domitília que tentava disfarçar o desprezo, mas inteligentemente não dizia nada.

- Deus não foi justo ao levar-ma. Ao deixar os meus filhos órfãos, e eu que nem estava cá na doença para a velar, na hora da morte para lhe dizer o quanto gostava dela - continuava, a voz embargada.

Até Maria temeu pela sua sanidade: como era possível que o pai estivesse ali diante da amante com uma barriga de sete meses, grávida do terceiro filho do imperador, como era possível que o pai tivesse feito tanto mal à mãe, e agora chorasse como uma criança? Clamando contra Deus, e o infortúnio, quando o infortúnio nascia da sua vontade? Seria isto arrependimento? Sabia bem como era arreperder-se do mau génio, de como ficava mesmo triste quando a mãe lhe chamava a atenção para a forma como magoara uma criada ou, pior, a própria mãe. Seria isso?

Domitília parecia estar a perder a paciência:

- Pedro, filho, porque é que te deu para isto agora? - perguntou, e Maria chocou-se com a forma informal como o tratava.

Pedro puxou-a para o seu lado, encostou a cabeça ao seu ventre dilatado, e lamentou-se:

- De repente, naquela casa de jantar, vi-a ao topo da mesa, sorridente, o seu cabelo ruivo como o de Maria, os seus olhos azuis como os da minha filha mais velha, e senti umas saudades imensas...

Maria sentiu-se feliz. Fazia o pai lembrar-se da mãe! Era uma sensação boa, e era um poder que poderia usar a seu favor, pensou. Domitília mudou de expressão, e zangou-se:

- Por Deus, Pedro, você se comporta como um menininho, vendo assombração, um imperador que larga a mesa cheia de convidados e sai de rompante, deixando toda a gente numa aflição, porque se recorda da mulher que morreu... Levante-se daí e venha para baixo, que sua filha Bela, e todos os convidados, estão apoquentados com a sua ausência, logo mais tarde chora Leopoldina - disse numa voz ríspida, a que estranhamente D. Pedro obedeceu com ar de cachorrinho que acabava de ser repreendido com uma sapatada no nariz.

Maria abriu a boca de espanto. De facto, Domitília tinha uma força, um admirável domínio sobre o seu pai. Imaginou por momentos como reagiria a mãe perante uma das cenas do pai e percebeu a diferença: D. Pedro tinha de ser tratado à bruta, mal, como uma mãe trata um filho desobediente.

Deixou-se escorregar para o chão, as costas contra a porta de madeira - e como gostava do cheiro -, o barulho familiar das cigarras ao fundo, e rezou:

«Mamãe, desculpe-me, mas acho que vou lidar com o tio Miguel, com os homens da minha vida, como Domitília faz... De que lhe serviu ser educada, fingir que não via as afrontas que papai lhe fazia? Perdeu sempre. Quando for rainha de Portugal vou bater o pé, ser teimosa, determinada como Domitília, que consegue tudo o que quer.»

Uma corrente de ar fê-la estremecer. Sorriu:

«Não se preocupe, mamãe, nunca vou ser vulgar e má como ela. Quero apenas aprender aquele jeito de fazer valer a minha vontade,

para não acabar presa na ala de uma casa, sem direito, sequer, a escolher a professora dos meus filhos, como lhe aconteceu a si.»»



Agora que vivo aqui sozinha, graças à generosidade de Mariana, que se mudou para o paço, começo a compreender porque gostava ela deste sossego, desta maneira de viver, em que somos senhoras e donas do nosso tempo. Hoje, estava a bordar uma toalha que quero dar a D. Maria da Glória quando partir, sentada no meu banquinho, no vão da janela que agora é a minha favorita, porque dá para o caminho de onde todos os dias espero a visita de Mareschal_ Já nos encontrámos no Dentro da cidade, passeámos juntos no Horto Real, e há dias marcámos encontro na Real Biblioteca, mas nesses momentos falamos de nós, das fofocas de todos os dias, mas nunca do imperador e da família porque as paredes neste Rio de Janeiro têm ouvidos, se é que os coqueiros são surdos.

Hoje o dia tinha nascido cinzento, e a chuva forte fustigava o vidro com tamanhas bátegas que tive medo que o telhado desta casa viesse abaixo. Bordava a minha almofada, um lado de mim a dizer «Francisca, por que raio há de o homem vir até aqui aos arrabaldes com este temporal», e outro a convencer-me de que sim, de que talvez, só talvez, o interesse que manifestava já há meses por mim tivesse ultrapassado a conveniência de me ter simplesmente como aliada para os seus planos.

Ganhou a Francisca otimista, pensei, quando vi a sua carruagem parar à porta, e atirei a costura para me precipitar ao seu encontro, para me recordar a tempo de que havia uru criado para a abrir...

Mareschal, Philippe como agora lhe chamo às vezes, só às vezes, entrou molhado como um pinto, apesar de a distância do portão à porta ser curta.

Mas mal o criado lhe levou a capa e o chapéu, puxou-me pelo braço como tuna criança excitada:

- Entre rápido, para a sala, tenho notícias escaldantes.

Fechei a porta e olhei-o, o cabelo desgrenhado, mas o sorriso tritmfante:

- Ele chamou-me ao paço, é de lá que venho agora, porque queria pedir a minha ajuda...

Olhei, espantada:

- Ajuda? - quis saber, desconfiada.

- Sim, estava sentado no seu cadeirão de couro, no escritório, as portadas semicerradas, na quase escuridão. Começou por me dizer que tinha muito em conta a minha opinião - o que j á não dizia há alguns anos! -, e que nunca chegara a agradecer-me tudo o que eu fizera pela sua querida Leopoldina - mais estranho ainda.

Confesso que, ao ouvir isto, fiz tuna careta, de nariz franzido, como se fosse unia menina da escola, mas Mareschal continuou.

-Depois queixou-se de que era um incompreendido, que amara muito a mulher, mas que sabia que o sogro julgava que a tinha maltratado, e como é que eu achava que ele podia desfazer essa ideia errada... E antes, felizmente, de eu ter tido tempo de responder, continuou o rol de queixas, dizendo que sabia que os jornais e os pasquins o vilipendiavam, que o acusavam de, afinal, ser uni monarca absoluto, quando era um liberal de coração e atos, e que em cima de tudo isto os políticos brasileiros o condenavam por perder demasiado tempo com os assuntos de Portugal, enquanto em Portugal os seus informadores lhe contavam que uni movimento crescente o dava como estrangeiro, preferindo o seu irmão Miguel...

- E nem tuna referência a Domitília, ao seu mau comportamento?
- perguntei, incapaz de ficar mais tempo calada.

Mareschal puxou-me para mais próximo de si (que felicidade sinto quando a sua mão prende a minha...) e deu tuna gargalhada.

- A confissão não ia passar pelos piores pecados, mas desta vez fui direto a eles. Disse-lhe, com tuna frontalidade que até a mim me surpreendeu, que era impossível mudar a opinião que o arquiduque Francisco tinha dele, enquanto mantivesse tuna relação com a mulher que todos consideravam a causa da morte da filha, e enquanto insistisse em educar os seus filhos legítimos com os seus filhos naturais, colocando-os todos debaixo do mesmo teto.

- E D. Pedro rebentou muna das suas fúrias? - quis eu saber.

- Não, estranhamente não.

Abri a boca de espanto:

- Significa que Domitília lhe satisfaz aquele desejo da carne insaciável, mas que começa a sentir falta de chão, falta da credibilidade de que precisa para vencer todos estes movimentos de oposição. E conhecemos bem D. Pedro, dá-se mal, muito mal, quando se sente mal-amado, quando não pode fazer o papel do herói adulado.

- Não quero ser maldosa, mas só por pena de si próprio, por medo do que daí pode vir, é que há alguuna hipótese de que decida mudar, que decida acabar essa relação - e mesmo que o deseje, não sei se o consegue. Domitília tem sobre ele um poder imenso, e sabemos como, usando os filhos, é fácil de manipular...

- Foi por isso que joguei a carta que temos estado a preparar: disse-lhe que se arriscava a perder Portugal e o Brasil, se não se tornasse mais respeitável, e que só se tornaria mais respeitável se casasse com uma princesa de sangue, tuna princesa bem cotada na

Europa, que provasse que não era o monstro que faziam dele, e que pudesse educar os netos do imperador Francisco como deveriam ser educados, se um dia pretendia que assumissem o Império brasileiro, e as filhas casassem nas famílias reais que importam.

- E ele, como é que reagiu?

- Da maneira que reage sempre que decide perseguir uma nova ideia, um novo projeto...

- Pôs-se de pé, como novo, e começou a fazer planos - concluí eu, que o conheço desde pequeno.

Mareschal afagou-me o cabelo e trocou:

- É tão espertinha a minha Francisca, foi exatamente isso que aconteceu.

«Minha Francisca», tinha dito «minha Francisca», por momentos não consegui pensar em mais nada, mas, temendo fazer figura de parva, tossi, e concentrei-me de novo.

Mareschal, como se não desse por nada, continuava a explicar-me:

- Disse-me que ia imediatamente escrever ao sogro a confessar o seu arrependimento, e a prometer ser um bom cristão. Pediu-me que fizesse um relatório a dar conta da sua mudança de caráter, a falar da sua tristeza inconsolável, a contar como os príncipes precisavam de uma mãe, e a sugerir que talvez fosse boa ideia que casasse com uma das irmãs mais novas de Leopoldina, que assim seriam tias e mães dos infantes.

Olhei-o, estarrecida:

- O arquiduque nunca vai consentir: uma segunda filha mandada para além-mar, para as garras do mesmo homem?

Mareschal acenou com a cabeça, contristado.

- Infelizmente, se esse for o interesse político de Metternich, o imperador vai obedecer-lhe, mas não sei, as cartas de Leopoldina foram muito explícitas, houve muitos relatos de Domitília, até os pasquins de lá publicaram a história desta nova gravidez. Quando o deixei o imperador parecia um miúdo, aos saltos, com o novo brinquedo, mas ou me engano muito, ou concretizar este projeto vai ser bem mais difícil do que imaginámos...

- Conhecendo o imperador, se demorar muito a concretizar, mudará rapidamente de ideias. E se as noivas europeias lhe derem com a porta na cara, vai recusar-se a sujeitar-se a tal vexame, fazer-se de vítima, dizer aos políticos brasileiros e ao seu povo que se esforçou, mas que são «eles», sempre os outros, os de fora, que o desprezaram, e, puxando a brasa à sua sardinha, insinuará que o desprezo não é para o maltratante, mas para o nosso país...

Mareschal anuiu:

- Isso é tudo verdade, mas não deixa de ser um princípio, é preciso agora insistir, trabalhar a ideia, deixá-lo perceber que não tem outra forma de restaurar o seu prestígio. Que casar com Domitília seria a sua morte política, isso, sinceramente, acho que já percebeu.

A impaciência do imperador não era compatível com a lentidão de todos estes processos, que implicavam idas e vindas da Europa para o lado de cá do Atlântico.

Virando-me para ele, perguntei:

- Falou de Maria da Glória?

Mareschal beijou-me, meu Deus, beijou-me como nunca fui beijada, um beijo doce e firme, com uma paixão a que correspondi com sentimentos que nunca até hoje conheci. Confesso que só

agora, aqui no meu quarto, com o meu diário aberto à minha frente,
me voltei a lembrar da pobre rainha de Portugal.

Paço de São Cristóvão, 3 de julho de 1827

— **S**enhora D. Maria da Glória, o seu pai chamou-a - disse o criado, depois de ter respeitosamente batido à porta da sala de estudo.

A professora olhou a aluna, como que para confirmar que não era mais um truque para se escapar aos livros, mas, vendo-a tão surpreendida, disse-lhe:

- Levante-se, D. Maria da Glória, o seu pai está à sua espera.

Maria ainda fez menção de guardar o detestável caderno de Aritmética, mas a professora insistiu:

- Caso o assunto não seja demorado, quero-a de volta imediatamente. Não queremos ir para a corte do seu avô fazer más figuras, pois não?

Se os olhos da rainha queimassem a professora desapareceria em fumo, e saiu esforçando-se para não correr - de há uns tempos para cá, toda a gente a proibia de correr...

D. Pedro estava sentado por trás da sua secretária de madeira escura, coisa rara, pensou a filha, enquanto se aproximava para o beijar, e ele a levantou ao ar, rindo:

- Estás cada vez mais pesada. Quando fizeres 9 anos, filha, já nunca mais te posso atirar ao ar...

Maria não gostava que fizessem referência ao seu peso. Ouvia as aias e as criadas dizer que, embora alta para a sua idade, era gordinha, e as bochechas rosadas que herdara da mãe não ajudavam a dar-lhe o ar elegante que tanto queria ter.

O pai percebeu a expressão preocupada da filha e comentou, divertido:

- Tens de ter cuidado com o que comes, senão o teu marido devolve-te à procedência, o que também não era pior, querida filha, porque me custa tanto imaginar que um dia vamos ter de nos separar.

Maria olhou-o num misto de susto e entusiasmo, ignorando o comentário à sua figura:

- Papai, é agora que vou para a Europa?

A presença constante de Domitília, que, apesar da gravidez, continuava a dar ordens no paço como se fosse sua casa, e as cartas que recebia do avô e da tia Luísa a perguntar quando é que os ia conhecer, tornavam cada vez maior a sua vontade de partir.

- Não, não te vais nada embora, minha filha - disse o imperador, num tom sentido. - Chamei-te para dizer que nomeei o meu irmão Miguel, e teu marido, lugar-tenente e regente do reino de Portugal.

Maria pensou uns segundos e perguntou:

- O tio Miguel vai substituir a tia Isabel Maria na regência de Portugal? Até que eu tenha que idade?

Pedro abanou a cabeça como se estivesse espantado:

- Não me digas que a professora de História de Portugal nem isso te ensinou? Não sabes que só podes ser rainha, em Portugal, na melhor das hipóteses aos 15 anos...

Maria pôs-se a contar pelos dedos, e o pai perdeu a paciência:

- Pelos dedos, Maria? Faltam sete anos, sete anos em que tens muito que aprender, inclusivamente a fazer contas de cabeça.

Maria deu uma gargalhada, a sua boa disposição a sobrepor-se ao amuo, e o pai juntou-se ao riso, tão iguais que eram nesta inconstância de temperamento. Subitamente Maria parou, e disparou:

- É verdade que o papai vai casar outra vez?

Pedro estacou, espantado:

- Não há nada que não se saiba nesta terra? É verdade, escrevi ao avô, a perguntar se alguma das tuas tias quer casar comigo, e o marquês de Barbacena procura na Europa uma princesa de sangue que queira ser imperatriz do Brasil e mãe dos meus filhos.

- Ai, minha não vai ser, era o que faltava que a rainha de Portugal tivesse outra mãe, para além da Senhora da Glória e da mãezinha que está no Céu - protestou.

Pedro pousou-lhe a mão na cabeça:

- Quando ela vier, tu vais-te embora... por isso, se fosse a ti, não me preocupava.

Maria pediu licença para sair, e voltou lentamente para a sala de aulas. Tudo tinha prós e contras, pensou: não queria que Domitília continuasse a fazer de mãe, ou a ocupar lugar no palácio, mas também lhe custava imaginar que um dia a mana Xica e o mano Pedro olhariam para outra mulher e lhe chamariam mãe, pequeninos de mais para se lembrarem bem da mãe Leopoldina. Entrou pensativa na aula...



Maria esteve cá hoje e contou-me que D. Miguel foi nomeado regente de Portugal, e que sonhava com o dia de partir para a Europa.

Disse-lhe que eram boas notícias, que mais podia fazer, mas pelo que tenho ouvido nada é ou será tão simples como parece. Deram-me nota, de fonte segura, de que há tino movimento forte que quer Miguel no poder, e que a sua mãe Carlota Joaquina não se cansa de o convencer a tomar o lugar do irmão, como já o incitara antes a tomar o lugar do pai. Soube, por Marescial, que o príncipe, que tem estado a viver em Viena, recebeu tuna carta de D. Carlota a dizer-lhe que se jurasse a Carta estaria condenado ao Inferno, convencida que está de que D. Pedro, que se esquece que é também seu filho, é pedreiro-livre (que é!), e pretende acabar com as monarquias europeias, valha-nos o disparate, porque este rei não imagina que seja possível reinar sem querer, poder e mandar. Contudo, apesar das ameaças da mãe, D. Miguel jurou a Carta, mas Marescial diz que não sabe com que convicção. Vai fazer agora 25 anos em outubro, idade em que atingirá a maioridade, e volta para Portugal nessa altura - temo que a distância do irmão, que sempre admirou e tentou imitar, as seduções do poder, e as chantagens da rainha bruxa, que não há outro nome para lhe chamar, o levem a usurpar o trono.

Mareschal, que está dentro de tudo isto há tantos anos, diz que a causa miguelista tem, além do mais, argumentos fortes, porque ao assiunir o Império brasileiro, tirando à filha mais velha aqui nascida o título português de princesa da Beira, e substituindo-o por um título brasileiro, Pedro renunciou de facto aos seus direitos, e aos direitos dela ao trono de Portugal.

Suspeito, e o embaixador austríaco suspeita comigo, que Metternich estará mais interessado em que seja um rei absolutista a

governar Portugal, justamente n'um momento em que as revoluções e a anarquia ameaçam as coroas da Europa e Espanha está numa situação explosiva. Maria ficaria assim no trono de Portugal, mas como fantoche ou princesa consorte, e Miguel seria o rei de facto.

Se ao menos t'na princesa europeia de uma Casa real de prestígio quisesse casar com D. Pedro, tudo seria diferente, para o Brasil, para Portugal, e sobretudo para Maria. Porque com o casamento viria certamente a aliança que levaria países-chaves, como a França e a Inglaterra, e evidentemente o Império Austro-Húngaro, a apoiarem a causa da menina-rainha, contra alguma tentativa de lhe roubarem o trono.

Maria reparou que eu estava mais pensativa do que conversadora, e talvez por isso despediu-se cedo e partiu, não sem antes me dizer:

- Se está a pensar no casamento do meu pai, esqueça isso, senhora marquesa. Doinítia nunca o vai libertar...

Ainda a tentei chamar, para que não nos despedíssemos assim, mas já ia no topo da ladeira...

Paço de São Cristóvão, 13 de agosto de 1827

A notícia corria a cidade, ainda os sinos não tocavam para a missa das oito horas. Na sacristia o padre ouvia a nova do sacristão: Domitília dera à luz e o imperador queria que a missa fosse de Ação de Graças pelo acontecimento.

- Mas é um rapaz? - perguntou, sem conseguir esconder o nervosismo, o pobre pároco. O sacristão, endireitando-lhe a sotaina, a transpirar com o esforço porque o senhor estava cada vez mais gordo, murmurou:

- Isso não, valha-nos a Senhora da Glória! Foi uma menina, mais uma, que o reino do Brasil estava perdido se nascesse mais um bastardinho Pedro de Alcântara Brasileiro.

O prior, que ouvia aliviado, sentiu-se na obrigação de tossir, reprovadoramente:

- Que temos nós a ver com isso, senhor Mateus?

Ao que o homenzinho se apressou a responder, enquanto se esticava para tirar do armário os paramentos de festa:

- Não devíamos ter nada, senhor padre, mas temos tudo! O senhor D. Pedro anunciou que vinha à missa das oito, e a queria rezada pela intenção da pequenina princesa Maria Isabel de Alcântara Brasileira, e que fôssemos pensando na grande festa do seu batizado.

O prior olhou para o paramento encarnado debruado a ouro, e teve uma tontura:

- Mateus, homem, arrume lá esse paramento de dia de festa, que amanhã é que é dia da nossa padroeira.

Mateus insistiu:

- Qual foi a parte que o senhor prior não ouviu? O imperador do Brasil está a chegar para ouvir a Santa Missa, que encomendou que fosse rezada por Domitília e a sua nova filha...

Agora era o prior que suava. Desde que este escândalo tórrido com a paulista começara, a Igreja já engolira sapos sem fim. O imperador rasgara o assento de batismo da primeira filha Isabel Maria, porque a dizia filha de pai incógnito, mandando-o substituir por certidão em que se assumia pai e, depois de uma guerra sem quartel com o bispo, o governo insistira em dar um funeral de Estado ao bastardo Pedro que morrera quando pai e mãe estavam ausentes na Baía, para já não falar na vez em que o imperador pressionara a Igreja para conceder o divórcio a Domitília, de um primeiro casamento de que tinha dois filhos adolescentes. E agora isto...

O sacristão estava, intimamente, a divertir-se com o embaraço do prior.

- E a nova princesa já tem título, duquesa do Ceará - acrescentou, ufano por estar sempre tão bem informado.

A missa começou às oito horas e alguns minutos na Capela Real.

O imperador estava fardado, no seu posto, uma cadeira dourada e carmim colocada no altar e onde todos os domingos e dias santos ouvia missa, e nas varandas da família real viam-se as caras das princesinhas, Maria da Glória e a condessa de Itapagipe, na

primeira, aquela que sempre estivera reservada para a imperatriz Leopoldina, e as irmãs na do lado, com as suas aias.

A palavra correrá a cidade, e a igreja estava cheia.

Maria da Glória comentou com a filha da condessa, aproximadamente da sua idade:

- Já viste, Maria Teresa, como as senhoras têm o cabelo arranjado, as tiaras a segurar-lhes os cabelos, as pérolas ao pescoço? Devem ter sabido do nascimento da filha de Domitília antes de nós e passado a noite a arranjar-se para este momento. A má-língua e a intriga nesta corte são mais eficientes do que os tambores e os fumos dos selvagens na floresta, bem dizia a minha mãe.

Maria Teresa sentiu o toque da mão da mãe sobre o ombro. O melhor era não abrir a boca, nem comentar nada.

Maria entendeu o gesto:

- Condessa, não podemos ter medo dos espíões da marquesa de Santos, eu pelo menos não tenho... não escondo de ninguém que dava tudo para não estar nesta igreja, e que não vou rezar por criança bastarda nenhuma. Só vou rezar, isso sim, por não ter sido um rapaz.

A condessa passou-lhe a mão pelo cabelo, como se estivesse a endireitar-lhe um dos canudos arruivados, e Maria acrescentou, a voz comovida:

- Mas não podemos, nem por um minuto, deixar de vigiar o Pedro. Acredito bem que aquela corja é capaz de tentar envenená-lo...

A condessa e a filha benzeram-se:

- Não diga uma coisa dessas, D. Maria da Glória!

Teve pena de não lhe poder dizer que já tinha prometido à marquesa de Aguiar redobrar a vigilância em redor da criança, nunca a deixando com menos de três damas diferentes, de preferência que se odiassem mutuamente. Desse ódio mútuo pretendia as queixinhas necessárias a manter o pequeno imperador em segurança.



Só tenho tempo para tuna nota rápida, porque assenti em ir a uni baile em casa de José Bonifácio, a que Mareschal também vai. Foi ele que insistiu, e confesso que senti uma grande alegria em que quisesse encontrar-se comigo num lugar público, mesmo que esteja mais do que entendido que diante dos outros nos ciunprimentamos apenas como conhecidos, ou amigos, que toda a gente sabe que somos.

Durante estes meses tenho evitado os acontecimentos sociais, não só porque o luto por D. Leopoldina me tirava a vontade destes encontros, como também porque as grandes festas que têm acontecido envolvem sempre Domitília e aqueles que decidiram bajulá-la como se fosse ela a legítima mulher do imperador. Todos os dias vejo crescer o seu palácio, e sei que em breve, muito em breve, se mudará para lá com a sua corte, que hoje em dia já inclui embaixador, adidos de negócios e artistas, todos na esperança de que apadrinhe as suas causas e as leve ao conhecimento do imperador. Os amigos de Domitília estão em todos os lugares de Estado, o que obviamente leva a gente a murmurar, e o prestígio do imperador a cair aos trambolhões.

Imagino que Mareschal esteja desesperado. Passado o alívio de saber que a marquesa de Santos não tinha dado à luz um rapaz, veio a consciência de que o senhor D. Pedro não resiste a um bebé, a um filho, metia emoção que até comove, se não parecesse em muitos momentos que exhibe um troféu que prova a sua virilidade.

Mareschal está preocupado porque teme que se saiba que o imperador está com tuna doença venérea, o que não é de admirar com a vida que leva, e para o provar queria que lesse uma outra carta que o imperador escreveu à marquesa. Protestei e pedi-lhe que ma deixasse, para que a lesse sozinha, porque, mesmo com a nossa intimidade crescente, teria sido incapaz de a ler à sua frente. E não imaginava eu, na altura, os termos em que o imperador escreve, como quando diz «Não quero deixar de te dar parte que hoje a Tua Coisa vinha espremendo algũa hmunidade, mas podes estar certa que não é nada», e o resto nem consigo transcrever.

E a gonorreia, o que se suspeita ser, de D. Pedro seria a gota de água na tragédia que tem sido encontrar-lhe noiva. O marquês de Barbacena já partiu há semanas, mas as notícias são desanimadoras, todas as mulheres elegíveis lhe dizem que não, e diz-me Mareschal que as irmãs de Leopoldina protestaram com fúria à simples menção de que o ctuúiado se atrevera a pedi-las em casamento.

Gomo se isto não chegasse, há agora mais tuna criança da criatura, e não tenho dúvida que em breve o imperador a juntará à sua ninhada sob o teto do paço, porque ser médico, professor e tutor das crianças ainda parece ser a única coisa que lhe dá algunna alegria.

Mareschal está preocupado com a ideia de que Domitilia ganhou de novo, porque as suas promessas de que voltaria para São Paulo mal acabe o resguardo vão ser revogadas pela certa. Bastou ver, diz ele, o orgulho com que o imperador mandou rezar missa pela recém-nascida, a quem deu já o título de duquesa do Ceará, nada mais, nada menos do que duquesa... O que dirá no próximo relatório que fizer para a Áustria?

E como se isto não bastasse, a causa da minha rainha vai ficando para segundo plano. Enquanto anda de volta do berço da menina, não tem tempo para ler os pedidos e os avisos que lhe chegam de

Portugal. Tenho medo que quando der pelo que por lá está a acontecer seja tarde de mais. E depois o que será de Maria da Glória, que cresceu a sentir-se rainha de um reino que não conhece e que, se tudo continuar assim, nunca chegará a ver?

Tenho de insistir com Mareschal - afinal, que avô é este que não quer a sua neta junto de si, que ignora os apelos de proteção que a sua filha lhe fez na hora da morte? Quando digo a Philippe que os austríacos devem ser homens de coração frio, ri-se e diz-me que nasceu no Luxemburgo. E corro até às orelhas, e sinto-me a mulher mais feliz do Mundo.

Santuário de Nossa Senhora da Glória, 20 de agosto de 1827

Xica bocejou e encostou a cabeça ao ombro da irmã. Maria passou-lhe o braço em redor dos ombros, e a irmã mais pequenina disse-lhe baixinho:

- Mana, esta capela é tua, não é?

Maria sorriu, e respondeu-lhe ao ouvido:

- A mamãe dizia sempre que sim. Dizia sempre que a Igreja de Nossa Senhora da Glória, aqui em cima deste morro, com vista sobre a cidade, era da minha madrinha no Céu, a que me deu o nome.

O pai, que estava ao seu lado, fez-lhe sinal de silêncio. Como sempre, estavam sentados na tribuna de madeira lateral ao altar, de onde viam os padres de cima, e as pessoas encostadas do lado direito, mas dos outros só ouviam as vozes. A família real podia ver sem ser observada, um pouco mais acima do que os restantes.

Xica calou-se por uns momentos, mas depois não resistiu, apontando para a Virgem, no nicho do altar principal, no topo dos degraus de madeira de pau-santo, numa igreja onde a madeira escura e brilhante ladeava todos os arcos de pedra.

- Mana, a Nossa Senhora que tem o Menino ao colo podia ser a mamãe, não podia? E o menino, o Pedro - insistiu, como quem pede que lhe realizem um desejo.

Maria sorriu-lhe:

- Podia, Xica, mas acho que a nossa mãe era mais bonita, e o Pedro tem caracóis mais loiros e bonitos do que os daquela imagem.

Xica olhou, pensativa, e Januária entrou na conversa:

- O papai disse-me que esta imagem da Senhora é muito parecida com aquela que está na igreja de Vila Viçosa, de onde vêm os nossos avós Bragança. O pai diz que se lembra de ter a minha idade e de lá ir rezar...

Paula, que passava muito mais tempo do que as irmãs a devorar livros, porque os pulmões não a deixavam correr lá por fora como elas, corrigiu:

- A Senhora de Vila Viçosa é muito antiga, e o Menino tem pombinhos na mão - dizem que foi D. Nuno Álvares Pereira, que é o nosso antepassado, que a trouxe de Inglaterra e a deu à Congregação de Nossa Senhora da Conceição. Depois o nosso avô D. João IV tornou-a padroeira de Portugal.

- Se é assim, a mana Maria da Glória não vai ter o nome da padroeira de Portugal - lançou logo Januária, a eterna ciumenta. E, virando-se para a irmã mais velha, disparou:

- Lá é melhor usares só o Maria...

Maria encolheu os ombros e respondeu, mais alto do que queria:

- A mãe de Jesus é só uma, pouco importa isso dos nomes, e de resto a mãe tratava-me sempre por Maria, nas cartas que escrevia ao avô Francisco e aos tios, sempre por Maria, por isso lá ninguém me conhece por outro nome.

O imperador virou-se para as filhas e pôs um dedo zangado em frente da boca, e a voz do padre voltou a encher a igreja.

Hoje era o dia da padroeira e a cerimônia nunca mais terminava, mas depois vinha a parte boa, a festa no largo que rodeava a capela, os jogos nos bancos de pedra que ladeavam o murete que protegia o miradouro, a vista deslumbrante sobre o mar, as ilhas que ponteavam as águas, e as copas das árvores que iam descendo para a costa e sobre as quais cresciam, como um manto, as buganvílias roxas à procura do sol.

E os foguetes! Maria gostava tanto do fogo de artifício que enchia os céus que agora no inverno ficavam escuros mais cedo, gostava das estrelas que formavam, dos cachos de estrelinhas que desciam depois daquele estrondo maior.

Voltou a concentrar-se na missa, mas por pouco tempo, porque Xica insistia, desta vez com Paula, sempre tão delicada e suave:

- Paula, aqueles anjos grandes, com asas que se dobram como folhas de palmeiras - dizia, apontando os azulejos -, são os que têm os nossos nomes?

Até a condessa de Itapagipe, que estava a tentar fingir que não ouvia o tagarelar da mais pequenina, teve de esconder uma gargalhada.

Maria anuiu com a cabeça, e repetiu baixinho, como se recitasse uma oração: - Maria da Glória Joana Carlota Leopoldina da Cruz Francisca Xavier de Paula Isidora Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga de Bragança.

E Xica, a rir, imitou-a, na sua voz cantada: - Francisca Carolina Joana Leopoldina Romana Xavier de Paula Micaela Rafaela Gabriela Gonzaga de Bragança.

O olhar do pai desta vez calou-as. Se continuassem assim iam diretas para casa, e adeus festa, adeus foguetes.

Seguiram a procissão pelas ruas do Bairro da Glória, que tinha vindo a crescer em redor da Ordem Imperial de Nossa Senhora da Glória do Outeiro. O facto de ser o lugar que os imperadores visitavam constantemente, fazendo parte dos percursos a cavalo de D. Leopoldina, levou a que muitas das famílias enriquecidas com o ouro, e agora o café, construíssem ali as suas casas senhoriais.

A irmã e o cunhado de Domitília estavam entre estes novos-ricos, promovidos a barões de Sorocaba por generosidade do imperador, que escandalosamente distribuía títulos e benefícios por toda a família Castro, sobretudo quando os maridos generosamente cediam as esposas à sua luxúria - Benedita tinha sido seduzida, e dera mesmo à luz um filho a D. Pedro, mas agora todo o caso estava abafado e escondido, até porque os ciúmes de Titília eram famosos no Rio de Janeiro e arredores.

Mas esta noite o imperador não parecia disposto a fazer concessões ao temperamento caprichoso de Domitília, a que o resguardo depois do parto recente obrigava a ficar fechada em casa, enquanto todos saíam para se divertirem.

Por isso, D. Pedro, que descia a rua bem-disposto, com Maria pela mão, disse logo que sim ao convite da «cunhada», como comentaram imediatamente os presentes, e o seu grupo de amigos habituais, onde a ralé se misturava com algumas ovelhas tresmalhadas da nobreza antiga, entrou a cantar pelos portões da quinta que abriam para a ladeira.

Benedita estava linda, comentou o imperador, enquanto lhe passava uma mão sensual pelos braços cobertos apenas por uma écharpe, e roçava com as suas patilhas e bigode no seu rosto maquilhado. Maria tentou que o pai lhe soltasse a mão, subitamente incomodada por toda aquela sensualidade que sentia no ar, e ficou a olhá-los naquele jogo de sedução que já começava a entender, de tanto o ver à sua volta, mesmo entre os criados e os escravos da quinta, os seus corpos negros e brilhantes em danças à luz das

fogueiras que acendiam ao cair da noite, nos campos por trás do paço. Embaraçava-a, mas mentiria se dissesse que não a atraía, e muitas vezes à noite, no calor dos lençóis de linho, imaginava que um dia seria o seu, o corpo desejado por um homem.

Os músicos tocavam alto, e os convidados faziam um círculo, para que o imperador abrisse o baile, cá fora no pátio, por baixo das árvores, decoradas com bandeirinhas com a imagem da Senhora da Glória. Puxando para si Benedita, o pai, mais bem-disposto do que há muito tempo Maria o via, dançou com ela uma e outra dança, e Maria reparou que por detrás dos leques as senhoras já falavam, imaginando (ou talvez não fosse imaginação) que a baronesa aproveitava a ausência da sua irmã mais nova para recordar a D. Pedro o prazer de momentos passados.

Num impulso, atravessou os pares que entretanto se tinham juntado ao casal, e puxou pelo braço do pai:

- Papai, dance comigo - pediu.

Pedro olhou para a filha, que tanto lhe recordava a mãe, pediu licença a Benedita e, tomando a filha nos braços, rodopiou com ela pelo espaço, levantando-lhe os pés do chão, e fazendo-a dobrar-se pela cintura. Os presentes riam, divertidos, e Maria sentia-se nas nuvens. Como era bom ter o pai só para si.

Quando o primeiro estrondo do fogo de artifício se ouviu, os músicos pararam de tocar, e toda a gente se precipitou para o gradeamento virado para o mar, e durante uma hora espantaram-se com as novas criações dos mestres do fogo. Pegando na pequenina Xica ao colo, e com as suas três filhas junto a si, o imperador sentia-se profundamente feliz.

Talvez a melancolia que a morte de Leopoldina trouxera estivesse finalmente a desaparecer - da Europa viria uma princesa linda e seriam outra vez uma família alegre e unida, pensou, satisfeito.

Nessa noite só chegaram ao paço pelas onze e meia, e quando entregou Francisca à ama, e deitou Paula Mariana com um beijo na testa, disse a Maria e a Januária, que o seguiam de quarto em quarto ansiosas por que a noite não acabasse:

- Amanhã vou partir para a fazenda, prepará-la para fugirmos para lá umas semanas, nadarmos nos rios, e brincarmos todos os dias.

Maria e Januária encostaram-se às pernas do pai, que colocou os braços em redor das duas, baixando-se para lhes beijar os cabelos e lhes dar as boas-noites.



Hoje fui num passeio, quase peregrinação, à Igreja de Nossa Senhora da Penha de França, pousada neste penhasco a setenta metros do mar, lá em baixo, no centro de um vale a perder de vista, onde de cada vez me espanto, como se fosse a primeira, com a quantidade de verdes diferentes que se entrelaçam nesta mata. Gostaria tanto de saber pintar, e poder captar numa folha de papel a vista que tenho desta rocha onde me sento agora, à sombra dos cachos de flores amarelas de tuna chuva-de-ouro, uma cassia fistula, como diria o meu marido Fernando com o seu desejo de rigor.

A Maria apareceu há dois dias lá em casa, de manhã cedinho, com a pobre da Malvina a trotar atrás, e parecia outra criança: as bochechas cheias de cor, os olhos brilhantes de entusiasmo, a contar-me como dançara com o pai em casa da baronesa de Sorocaba, e de como o senhor D. Pedro se preparava para as levas, «só a mim e às manas», para a chácara. Não quis desiludi-la, porque me pareceu convencida, como se calhar todos os cariocas, de que Domitília depois do resguardo mínimo voltaria para São Paulo, mas suspeito que vai ficar decepcionada. Disse-me Marescial que, embora fosse essa a decisão primitiva, o nascimento da criança já lhe dera a volta à cabeça, e Domitília teria em breve de novo todo o poder que

desejava. O que sei é que o solar da marquesa continua a crescer em tamanho e luxo, e, pelo pau-santo e os carpinteiros que lá vejo a trabalhar, não é casa a que a marquesa de Santos vá virar as costas.

Não sei o que se terá passado entretanto, mas o «meu» barão mandou-me tuna nota curta a pedir que escolhesse um local longe do paço para nos encontrarmos. Escolhi a Igreja da Penha de França, porque queria dividir com ele este cenário e, quem sabe, rezar com ele nesta igreja, onde um dia gostava de me casar - que digo eu, que sonho eu, nunca trocámos palavras nesse sentido, e ele ainda por cima mais novo, só vai mantendo esta amizade, ou pouco mais do que isso, para passar o tempo. Não me importo, não quero pensar nisso agora. Vou parar de escrever, e guardar este meu caderno precioso, que só a loucura me fez arrastar para aqui. Depois, mais tarde, talvez volte a escrever em casa, na segurança do meu quarto.

As notícias que Philippe tinha para me dar eram empolgantes e assustadoras, tudo ao mesmo tempo. Ao que parece, ontem à noite, quando a baronesa de Sorocaba, a Benedita de Castro aqui para nós, que se não uso o título de Domitília, que considero uma desconsideração por aqueles que têm uma distinção por feitos realmente merecidos, também o desta irmã Castro não me merece o mínimo respeito... Adiante: o que me disse foi que Benedita chegava a casa tarde, quando um tiro de pistola estilhaçou o vidro da carruagem em que seguia sozinha, não a matando por um triz. Chamou a guarda, chamou o marido, que pelos vistos tinha ido para a fazenda de Santa Cruz com o imperador - lá se vai o sonho de Maria da Glória de tunas férias apenas com as irmãs de sangue e o pai -, pedindo-lhe que regressasse com urgência. Mareschal foi chamado de madrugada ao paço, onde um imperador furibundo e impaciente lhe disse que o atirador era um oficial da Cavalaria, íntimo de Domitília e que tinha sido visto com o irmão desta, José de Castro. Possesso, D. Pedro gritava que só lhe faltava agora que a amante andasse a matar por ciúme, visivelmente temendo, disse-me Philippe, que um dia a loucura da mulher a levasse a atirar sobre o

próprio imperador, porque julgava-a bem capaz de tudo quando sentisse que perdida por cem, perdida por mil.

Mareschal aproveitou o episódio para reforçar a sua tese de que a paulista tinha de ser devolvida a São Paulo, e todo o romance terminado, sob risco de que o imperador perdesse credibilidade e fosse, ainda por cima, acusado de dar cobertura a tini crime. Era preciso deixar a guarda investigar até ao fim, prender os culpados, e castigar Domitília.

Aí o imperador ficou pálido, a cara da cor das patillas platinadas pelo sol, e disse:

- Não vou deixar que a polícia investigue isto até ao fim, Mareschal, não me peça isso, vou apenas dizer a Titília que deve escapar-se rapidamente para fora do Rio, para ficar longe do encalce da investigação...

Mas foi a frase a seguir, diz Marescial, que o deixou estarrecido.

- Francisca - dizia-me ele -, sabe o que é que àquela hora da madrugada ele já tinha feito?

Disse-lhe que não e ele, contente pelo impacto que a novidade ia causar em mim, e com muita razão, porque desta não estava mesmo à espera, contou:

-Tinha passado diretamente em casa da marquesa de Santos e trazido consigo para o paço a pequenina recém-nascida, com uma semana de vida.

Não quis acreditar, mas ele jurou-me que era verdade, e a pequenina Maria Isabel de Alcântara Brasileira, a duquesa do Ceará, estava já nos aposentos da sua irmã Bela, com a ama de leite, que obviamente viera por arrasto.

Mareschal estava de cabeça perdida:

- Francisca, o que digo desta vez ao arquiduque Francisco? Que os seus netos agora convivem e brincam não com uma filha de Domitília de Castro, mas com duas?

Não lhe invejo o emprego, comentei a rir, mas a verdade é grave, a verdade é que com a criança na sua ninhada, as duas isabéis da sua Domitilia em casa, e a dificuldade em arranjar rapidamente tuna mulher que lhe cale o desejo, com doença vénerea ou sem ela, dou quinze dias para que tudo esteja exatamente na mesma, ou pior. O imperador vai escrever-lhe a mandá-la partir, ela vai implorar mais uns dias para se recompor, o imperador vai visitá-la para se certificar de que está bem, com este seu gosto de curandeiro e médico, este prazer genuíno que tem de velar por aqueles que ama na doença (sentir-se-á amado e útil, nesses momentos? Ter-lhe há ficado a carência de uma mãe que velasse por ele, entregue ao pai e a tuna ama rabugenta e possessiva, como foi?), e vai ceder. Pelo «coiso», pelo coração, não sei porquê, mas esta mulher tem-no completamente na mão.

Estremeço quando escrevo isto - há em mim uni momento de inveja. Como gostava de ter a facilidade de seduzir que ela tem, como gostava que Philippe fosse meu...

Paço de São Cristóvão, 16 de março de 1828

As carruagens sucediam-se a chegar ao paço. Primeiro a dos .ministros, logo seguida pela de Mareschal, e todos juntos subiram a escadaria, e passaram pelas sentinelas da porta como se não as vissem.

Maria brincava com Januária no pátio do tanque, mas ambas ficaram imobilizadas como estátuas quando ouviram o camareiro-mor anunciar os nomes, frente à sala de trabalho do pai.

A comitiva parou por momentos à porta, e Maria reparou que entre ela estavam o marquês de Barbacena, que julgava na Europa à procura de uma mulher para o pai, e dois outros senhores que nunca vira antes, mas que pela forma como estavam vestidos eram portugueses, de certeza.

Estranhamente, não falavam entre si, e até Mareschal, que à distância lhe fez uma vénia divertida, parecia menos bem-humorado do que o costume.

Também há semanas que ninguém andava bem-disposto naquela casa, com o pai a vociferar contra o descaramento das princesas europeias que não o queriam para marido, e Maria por várias vezes se tinha sentido magoada quando ele, sem freio na língua, acusava D. Leopoldina de ter, com as suas queixinhas, intrigado contra ele lá do outro lado do mar. Ouvira-o protestar com Mareschal contra o avô Francisco, insultado porque já lhe tinha escrito a pedir perdão e a jurar mudar, e o avô, pelos vistos, pouco caso fizera das suas promessas.

Januária sentou-se ao seu lado, na borda do tanque, os olhos postos naqueles homens, e perguntou:

- Achas que a nossa madrasta vai ser boazinha?

Maria encolheu os ombros:

- Melhor do que Domitília é com certeza, pelo menos se vier de lá talvez seja mais parecida com a nossa própria mãe do que esta mulher.

Com a chegada ao paço de Maria Isabel, de quem o pai cuidava como se fosse uma ama, o seu crescente favoritismo por Bela, a somar ao facto de continuar a ir dormir todas as noites ao luxuoso solar da marquesa por quem estava, visivelmente, apaixonado, as irmãs estavam ainda mais unidas contra a mulher que consideravam culpada não só da morte da mãe, como dos raspanetes e reprimendas que recebiam do pai.

- O pior é que ninguém quer casar com ele e vir para esta terra tão distante, depois do que ouviram dizer dele - suspirou Maria.

- E pior ainda - disse Januária, que, apesar da recém-encontrada fraternidade, não conseguia evitar umas bicadas - é que as aias dizem que por seres filha dele, por sermos filhas dele, vamos ter mais dificuldade em arranjar marido. Eu não me importo, sou Januária porque nasci no Rio de Janeiro e não quero deixar esta casa, nem os manos, nem os meus cães, mas tu...

Maria olhou-a de relance, com algum desprezo, e num tom ligeiramente pomposo respondeu à alfinetada:

- Quando lá chegar eu mostro-lhes que sou uma rainha diferente daquilo que o pai é, mais parecida com a mãe...

A conversa foi interrompida pelo barulho de murros na mesa, e gritos, a voz do pai a ecoar pelos corredores compridos da casa.

Maria pôs-se em pé, deu a mão a Januária e aliciou-a:

- Anda, vamos ouvir às portas...

Januária seguiu-a, mas avisou:

- Tu, com essa mania de escutar às fechaduras, ainda vais arranjar sarilhos a sério.

Mas aceitou ajoelhar-se com ela num canto do salão amarelo, contíguo ao escritório do pai, e encostar a orelha ao respirador que deixava ouvir tudo.

Os dois portugueses, um de cada vez, tentavam explicar ao imperador que o seu irmão Miguel, mal desembarcara em Lisboa, e depois de ter jurado fidelidade a D. Maria II e à Carta Constitucional, tinha demitido os ministérios, dissolvido a Câmara de Deputados, e começado a perseguir os liberais.

- E eu ouvi-o, senhor D. Pedro, ouvi-o com a mão sobre a Bíblia Sagrada, a dizer «Juro fidelidade ao senhor D. Pedro IV e à senhora D. Maria II, legítimos reis de Portugal» - dizia um deles.

Pedro trovejava:

- É claro que ouviu, seu bruto, porque foi com essa informação que tornei efetiva a minha abdicação à coroa de Portugal, nunca o teria feito se suspeitasse que o meu irmão me trairia. E agora, meus senhores, e agora o que fazemos, daqui, de tão longe, e na certeza de que a Assembleia brasileira nunca me dará autorização de pegar nas tropas e enviar uma armada contra Lisboa?

Mareschal, Maria conhecia-lhe a voz, tentava fazer mais perguntas:

- Senhor D. Pedro, espere, que temos de recolher ainda mais alguns dados do problema. Diga-me, que decisão tomou o regente

acerca da sua mulher, D. Maria da Glória?

Maria sentiu o corpo a tremer sem parar, e a pele, já branca, estava tão branca, que Januária se assustou:

- Mana, queres que chame alguém?

Maria mandou-a calar, e encostou de novo o ouvido à parede.

O silêncio na sala durou o que pareceu uma eternidade, até que o tal português respondeu:

- Lamento informar o senhor imperador que D. Miguel anunciou que dava por desfeito o casamento com a sua sobrinha, a rainha D. Maria II.

Maria levantou-se e desatou a correr. Januária foi atrás dela mas, ofegante, desistiu no princípio do roseiral. Sabia que iria direita à marquesa de Aguiar. Pobre mana, que sarilho. D. Francisca saberia, melhor do que ela, o que lhe dizer.



Meu Deus, como queria que as minhas profecias estivessem erradas, como desejei hoje que a senhora D. Leopoldina, com a sua imensa capacidade de resignação e o seu amor insuperável aos filhos, aqui estivesse, quando a pequenina Maria da Glória entrou pela casa dentro, lavada em lágrimas.

Finjo para mim mesma que sou mãe desta menina, a mãe que a mãe designou na Terra, e todas as noites peço à Senhora da Glória que me ilumine para ser a melhor das mães, mas nestes momentos percebo que não sei nada e posso tão pouco.

A minha rainha de Portugal, sempre tão segura de si, parecia unia boneca de trapos, que me caiu no colo sem cerimónias, nem

protocolos, e se abraçou a mim em solutos incontrolados.

Com dificuldade consegui que me dissesse o que se passava - tenho de confessar que até tive medo que algum dos capangas do pai, que rondam como lobos aquela casa e as minhas meninas, tivesse abusado dela nun momento de loucura, como sei que fazem com as escravas mais novas, sem que os pais as possam proteger ou sequer atrever-se a queixar-se, mas felizmente não era nada disso. Mas para D. Maria da Glória, a notícia era devastadora: ouvira um embaixador português dizer que o seu tio, D. Miguel, depois de ter assinado o contrato de casamento, depois de lhe ter jurado fidelidade perante os deputados, anunciou que não casaria com ela.

Tentei trazê-la à razão, mas Maria, apesar dos seus quase 9 anos, sentia-se uma noiva, não, uma mulher despeitada e abandonada pelo marido, envergonhada perante o mundo, como se não prestasse para nada.

Mandei a criada fazer um chá de tília, embrulhei-a numa manta quente, porque tremia de frio, e procurei ajudá-la a perceber que, bem vistas as coisas, o tio a libertara de um compromisso terrível, o de casar com ele. E que bem melhor tinha sido que se revelasse agora pelo que é verdadeiramente, do que se o tivesse feito quando ela já estivesse na Europa, sozinha e desamparada, sem todos nós ao seu lado.

Só tive vontade de desenrolar o papiro dos defeitos do rapaz bruto e malcriado que conheci aqui no Rio, mas, quando há anos lhe andamos a esconder os seus defeitos e a ressaltar as qualidades, faria figura de mentirosa e oportunista, e isso não quero.

Repeti-lhe a frase da mãe, das princesas que não passam de dados, que já ouviu tantas vezes, mas de que pela primeira vez entendeu o significado.

Por fim foi ela própria, com aquele otimismo que felizmente lhe chega do pai, e que suplanta a melancolia da mãe, que me disse, embora com usina voz ainda trémula:

- Se calhar a minha mãe ficava contente que o Miguel tenha acabado com tudo, porque assim vou poder ser eu a escolher o meu marido, não é?

Agarrei-me à nota de esperança com unhas e dentes:

- É exatamente isso. Já viu que a sua mãe dizia que um casamento feliz é feito de amizade e paixão. Sentia alguma coisa dessas pelo seu tio Miguel?

Maria acenou que não com a cabeça, e eu abracei-a com força:

- Agora vai poder escolher o seu príncipe, que vai reinar consigo, ajudá-la a ser a melhor das rainhas.

Olhou-me, preocupada:

- Não sei se vou ser rainha, agora, senhora D. Francisca. O Miguel vai proclamar-se rei a seguir, vai ver que sim. Depois desta afronta ao meu pai, depois de fazer tudo ao contrário do que jurou, e de ter deitado fora a Carta, vai continuar em frente. Quer ser ele o rei, e se calhar vai casar com a tal Luísa da Baviera de quem gostava - e o pai dela agora deixa, porque ele é rei de Portugal.

Abanei a cabeça, e espantei-me com a sua lucidez. Não lhe menti:

- Acho que a senhora D. Maria da Glória é capaz de ter razão. Mas o facto de se proclamar rei não quer dizer que as coisas fiquem assim. Ainda no outro dia Maria Granam me dizia que o embaixador em Londres, e muitos outros portugueses, não querem rui retorno a rmia monarquia absoluta, e se assim for vão reagir.

Maria limpou a cara ao vestido, como a criança que era, e disse:

- E eu vou reagir com eles. Se não quer casar comigo, o problema é dele, e só fico a ganhar. Mas eu é que sou rainha de Portugal!

Confesso que gostava de ter a fé dela. Temo que a cabeça estouvada do nosso imperador, os assuntos de Domitília, e a instabilidade política nacional, o distraiam de seu trabalho sério e persistente pela causa de D. Maria. Espero a chegada de Philippe - a cada dia que passa me é mais indispensável, e mais confio na sua perspicácia. Além do mais, Maria disse-me que o barão de Mareschal estava na reunião, por isso saberá dar-me mais detalhes do que esta criança que escuta às portas!

Paço de São Cristóvão, 10 de maio de 1828

Sempre que o pai não ficava em casa de Domitília e aparecia ao pequeno-almoço no paço, insistia em sentar-se à mesa grande com ele.

O imperador achara graça à decisão que Maria tomara no dia em que fizera 9 anos, há dois meses, e sobretudo à «explanção» que lhe fizera para justificar a mudança da copa das crianças para a mesa dos grandes.

Muito direita, e compenetrada, explicara-lhe que agora que a situação em Portugal era grave, agora que tio Miguel era inimigo, passaria a ler os jornais e a discutir política.

- Papai, não podemos ficar aqui sentados, a deixar que o seu mano lhe coma as papas na cabeça - dissera, determinada, no primeiro dia em que o novo regime fora instituído.

Pedro sorriera-lhe, do outro canto da mesa:

- Gosto muito de ver a minha filha interessada em política, porque, aliás, tem a quem sair - sabe que foi quando a sua mãe foi regente...

-...que tratou da independência do Brasil - respondeu Maria, arrumando o assunto. Não ia dar ao pai desculpas para contar histórias do passado, de que ainda por cima saía sempre como a vítima inocente, quando ela bem sabia como as coisas se tinham passado realmente. Por isso continuou:

- Papai, tem de me mandar para a Europa, para casa do avô Francisco.

Pedro estremeceu. Acusavam-no de ser um pai-galinha, e era-o de facto, não gostava nada da ideia de enviar a filha para longe, nem sequer a sua Domitília para São Paulo, como Mareschal insistia todos os dias, nem Isabel Maria para uma escola em Paris, como Barbacena pedia, quanto mais a sua filha para a corte do sogro, que sabia nunca lhe ter perdoado.

Quis desviar o assunto, falar de como estava bom o suco de goiaba, mas Maria não o deixou:

-Papai - insistiu -, o senhor sabe que o tio Miguel se vai proclamar rei, não sabe?

Pedro, sentindo-se acusado de nada fazer contra o que todos diziam ser uma evidência, protestou:

- Maria da Glória, nada de exageros, concordei em falar contigo de política, mas ainda vais ter de estudar muito as tuas lições - e ao que sei és bastante preguiçosa! - antes de vires comandar a estratégia que o imperador do Brasil segue.

Maria encolheu os ombros, como se tudo o que o pai lhe dissera tivesse entrado por um ouvido e saído pelo outro:

- Não quero mandar no senhor, mas quero que me envie para a Europa, quando o marquês de Barbacena for para lá para continuar a procurar uma mulher para si.

E antes que o pai pudesse protestar, atacou:

- Pense bem, paizinho, eu vou dar visibilidade ao Brasil, e vou mostrar como o pai não deixa que o seu irmão, mesmo sendo seu irmão, desfaça os juramentos que fez. Sabe o que é que eles dizem por lá agora?

Pedro, surpreendido, franziu o sobrolho - o que podia a filha saber que ele não sabia? Com quem falava, quem é que lhe metia tudo isto na cabeça?

Maria não esperou pelo interrogatório:

- Oiço aqui e ali, leio os jornais, papai, e as pessoas comentam e julgam que não escuto nada. Mas isso não importa, o que importa é que lá pela Europa dizem que o imperador do Brasil está tão ocupado a dar bailes no palácio da marquesa de Santos, que pouco se importa com a governação do Brasil ou de Portugal...

Pedro deu um salto, atirando para trás a cadeira, que caiu com estrondo:

- A menina Maria da Glória vai para o seu quarto, de castigo, e já!

Maria sabia que tinha de ficar por ali, mas levantou-se devagar, insolente, e saiu da sala com um «Até amanhã, papai».

Quando nesse mesmo dia, no Palácio Imperial, onde se reunia com os seus ministros, o embaixador de Portugal pediu para ser admitido com urgência, Pedro não queria acreditar. Poderia Maria ter informadores mais rápidos do que os dele? Por adivinhação, ou por mérito, não sabia qual, mas quando o representante de Portugal lhe anunciou que a 25 de abril passado, há mais de dez dias, portanto, o Senado de Lisboa havia proclamado Miguel rei absoluto, e o povo gritara na rua «Viva D. Miguel, rei absoluto!», ficou chocado. Quando lhe disseram que uma parte dos nobres portugueses pedia ao irmão não só para se sentar no trono, como ainda para convocar os antigos três estados do reino, e para revogar a Carta, a Carta que jurara sobre a Bíblia, a Carta que ele, o imperador do Brasil, dera a Portugal, sentiu um murro no estômago e a raiva a explodir, mas, controlando-se com dificuldade, conseguiu não dar parte de fraco.

Perante o olhar dos seus ministros, retorquiou:

- Meus senhores, isto é uma reunião de ministros do Brasil, são os assuntos do Brasil que necessitam da nossa atenção. De Portugal, senhor embaixador, trataremos depois.

E o embaixador português foi conduzido à porta em silêncio. Era então esta a postura que o senhor D. Pedro assumia? Tendo perdido a coroa portuguesa, agarrava-se com unhas e dentes há que ainda era sua, abandonando a causa da filha...

Ao sair do palácio cruzou-se com Mareschal, que lhe disse de chofre:

- Se os liberais portugueses querem ganhar esta guerra contra o absolutismo, D. Maria II é a única carta que lhes resta.

O embaixador acenou como se tivesse acabado de confirmar isso mesmo, e Mareschal insistiu:

- Temos de aproveitar este momento para preparar a ida da senhora D. Maria para a Europa, ou será uma rainha que nunca se sentará no trono que é seu por direito.

O embaixador português sorriu, irónico:

- Infelizmente, acho que o senhor embaixador é o único europeu a pensar assim. O seu Metternich, que foi tutor de D. Miguel, está por esta altura a esfregar as mãos de contente, pouco se importando com o futuro da neta do arquiduque, que certamente reputa de uma selvagemzinha nascida em terras de Vera Cruz.

Mareschal respondeu, decidido:

- Vê, está a dar-me toda a razão. Quando virem que não é assim, quando estiverem com D. Maria da Glória, tão parecida com a mãe, tão europeia de feições, apoiada pelo seu avô, e provavelmente pelos reis de Inglaterra, tudo mudará de figura.

O embaixador coçou a barba rala, e concedeu:

- Talvez, talvez, e bem precisamos de alguma luz para a nossa causa, que nos próximos dias vai resultar em sublevações em Portugal, porque os liberais portugueses não aceitarão esta decisão pacificamente, e esta menina tem luz...

Para acrescentar, encolhendo os ombros:

- Talvez o senhor ministro seja capaz de persuadir o imperador, já que a mim, pôs-me literalmente na rua...

Mareschal franziu o sobrolho. O embaixador português era bem capaz de ter razão: D. Pedro preferia um pássaro na mão do que dois a voar.



Aconteceu aquilo por que tanto ansiava: pelas cinco da tarde, já o Sol se punha, o imperador mandou chamar-me ao paço. Nem tive tempo de mudar de vestido, passei só a minha écharpe de seda verde sobre os ombros e entrei para a carruagem que mandou para me buscar, os pés na lama em que se tornou o jardim depois de um dia de trovoadas e chuva.

Já sabia das notícias de Portugal, e que Mareschal insistia com D. Pedro que a única forma de reagir à tentativa de usurpação de D. Miguel seria enviando a rainha-menina para o campo de batalha que neste momento é a Europa, antes que seja tarde de mais e as monarquias que importam reconheçam o novo rei, acreditando que lhes dará mais segurança do que um imperador liberal a governar à distância, ou uma menina de 9 anos...

Sabia das notícias, mas não sabia o que D. Pedro me queria, e foi um alívio quando na escadas do paço encontrei frei António, o meu

caro frei António, e pude entrar acompanhada por ele - o que fazia sentido, já que tínhamos saído juntos.

D. Pedro recebeu-nos na biblioteca, com o seu melhor sorriso, e, com o charme que indubitavelmente possui, saudou-nos como se fôssemos os seus melhores amigos. Mandou-nos sentar, disse-nos que falta temos feito no paço, como se não tivesse responsabilidade nenhuma no facto de ali não estarmos há mais de um ano, e andando de um lado para o outro da sala, como sempre faz quando quer evitar o olhar dos seus interlocutores, anunciou-nos que vai mandar a senhora D. Maria da Glória para a corte do seu «querido sogro», pedindo-nos que regressemos a São Cristóvão imediatamente para ajudar a rainha a preparar-se para partir. Virando-se para mim, como se o assunto me dissesse diretamente respeito, acrescentou, com a voz embargada com a comoção que a ideia de ver partir a sua filha mais velha lhe provoca:

- Já pedi ao barão de Marescial que venha todos os dias falar com a minha filha sobre a corte austríaca, e o que a espera por lá.

E eu, corando como uma menina de escola, sentindo-me uma criança ingénua por ter pensado que a minha ligação com Philippe se mantinha longe das conversas de toda a gente, limitei-me a assentir com a cabeça e a murmurar que teria todo o gosto em voltar.

A frei António pediu o mesmo, acrescentando, como se o tivesse visto na véspera, que precisava de se confessar, dos seus conselhos espirituais, e que ajudasse a preparar a pequenina rainha para o embate da mudança de cultura. Querendo explicar-se, insistiu:

- Tinha 9 anos quando saí de Lisboa, a minha filha terá 9 anos, se Deus quiser, quando lá chegar, mas o frei António era já um homem feito quando viemos, e voltou a Portugal tuna ou duas vezes, por isso, com esse seu jeitinho, é capaz de fazer mais por ela do que eu.

Por esta altura já tinha os olhos cheios de lágrimas, e segurando-me na mão, para meu embaraço, disse-me, comovido:

- Os pobres dos meus filhos perderam a melhor das mães, e eu, e eu, a melhor e a mais amada das esposas, como a senhora marquesa sabe melhor do que ninguém.

Baixei a cabeça, com medo de que a minha expressão me traísse, porque sinceramente ainda não perdoei o que ele fez a ela, e a injustiça que me fez a mim. Pouco importa isso agora, o que interessa é voltar para junto de D. Maria da Glória, e ajudá-la a preparar-se para partir. Vai custar-me tanto vê-la embarcar, esta filha que adotei, mas tenho a certeza de que vou sentir o consolo de ter cumprido o prometido à imperatriz. Não me esqueço de que ainda tenho de velar pelas outras três meninas, e vigiar atentamente o pequenino Pedro. Esse, ainda corre todos os perigos.

Deixei o paço com o coração aos saltos. Queria tanto ter-me precipitado pelas escadas acima até aos aposentos das princesas para lhes dar a notícia de que regressava, mas contive-me. Agradei o convite e retirei-me.

Em casa mandei uma nota a Marescial a dar-lhe conta do que acontecera, e quando tunas horas depois me veio visitar lancei-me nos seus braços e chorei como tuna criança. Pobre Philippe, bem murmurava que as mulheres não se entendem, se nem eu entendo se choro de alegria ou de tristeza, quanto mais os outros.

Disse-lhe, entre lágrimas, que sinto que vou perder tanto quanto vou ganhar, porque tenho medo, muito medo de que o ministro plenipotenciário da Áustria no Brasil não continue a visitar tuna camareira no paço do imperador, mas não lhe falei dos meus receios, não quero obrigá-lo a nada. Mas sabe Deus o que me custou não lhe perguntar quais são os seus sentimentos em relação a mira, qual o seu grau de compromisso... Se calhar nunca o vou

saber, agora que cumprimos a parte mais importante do nosso plano conjunto, fazer partir para Viena a rainha de Portugal.

Paço de São Cristóvão, 10 de junho de 1828

Marfa estava em pé, os braços abertos em cruz, enquanto Florinda Esteves, a costureira mais famosa do Rio de Janeiro, ajustava as mangas, e duas ajudantes marcavam a bainha de um vestido de gala, de seda verde, de um verde-esmeralda.

Florinda ia palreando como os papagaios da gaiola da mamãe, pensou Maria, cheia de vontade de rir, assegurando a rainha de que o decote em barco, a cintura marcada com um cinto e uma fivela, e sobretudo aquelas imensas mangas em balão que estreitavam por altura do cotovelo e fechavam no punho com um pedra preciosa, era exatamente o que se usava «este inverno» na corte austríaca.

A marquesa de Aguiar, que assistia à prova, trocou um olhar divertido com Maria à menção da estação do ano, porque Florinda, com toda a sua pompa e certezas, esquecia o facto de que Maria da Glória chegaria à Áustria em pleno verão, esperando-se que os figurinos do ano passado, aqueles em que a senhora certamente se inspirara, ainda estivessem na moda. Com orgulho na sua menina, comentou:

- Este verde, senhora D. Maria da Glória, torna os seus olhos ainda mais bonitos, acredite que vai fazer furor.

Maria sorriu-lhe, agradecida. Era tão bom tê-la de novo junto de si, sobretudo agora que se preparava para partir. Desde que o pai, há exatamente um mês, lhe anunciara que o avô Francisco esperava por ela, a vida do paço rodava em seu redor. D. Pedro redobrou o horário das suas lições, e essa parte não tinha graça nenhuma, até

porque, a certa altura do dia, já não sabia se falava em francês, alemão ou português, mas tudo o resto era divertido. O pai a princípio não queria abrir os cordões à bolsa, mas Maria não hesitou um segundo, ao contrário da sua mãe, em recorrer à chantagem, acusando-o diretamente de favorecer a amante em detrimento dela e das manas.

Pela primeira vez na vida, confessava a um Mareschal escandalizado que estava disposta a usar o facto de o imperador querer manter a relação com Domitília em segredo, em seu favor.

-Pensei que nunca iria querer que o papai voltasse a casar, mas agora, meu querido barão, percebo que é a única solução, a única que protege as manas e o mano Pedro, por isso vou esforçar-me para ajudar o marquês de Barbacena a encontrar uma noiva de quem eu goste... Entretanto, para o conseguir, para fazer boa figura do lado de lá do mar, tenho de usar os meus métodos para que o pai financie o meu guarda-roupa, dê ao meu tutor pedras preciosas e outras coisas para presentear as pessoas que for encontrando - a mamãe dizia sempre que os europeus não resistiam às nossas raridades...

Mareschal ficava sem saber bem o que dizer a esta menina que parecia ter tão pouca noção dos limites entre o bem e o mal, o correto e o incorreto, temendo que o rigor moral, mesmo que muito hipócrita, das cortes europeias fosse um choque para ela. «E um choque maior ainda para os que a receberem», pensou, mas não disse.

O que vale é que Maria não esperava, nem queria, ouvir sermões. Do embaixador e amigo da mãe desejava detalhes sobre aquilo que a esperava, conselhos de como devia agir:

- Sei que Palmela entregou o lugar de embaixador em Londres ao visconde de Itabaiana, o ministro do Brasil naquela cidade, e que os liberais que apoiam a minha causa estão a ser perseguidos em

Portugal, e a fugir para Inglaterra - é assim não é, senhor embaixador?

Mareschal confirmava.

- E diga-me, senhor embaixador, a minha missão é ser o mais simpática e sedutora que puder, de forma a que as potências europeias percebam que sou eu a legítima herdeira do trono do meu avô João, e que é preferível apoiarem a minha causa do que a do meu tio Miguel - que além do mais é um mentiroso, e jurou fidelidade e casamento e não cumpriu...

Mareschal voltava a dizer que sim com a cabeça, por uma vez na vida sem palavras.

A ama Florica sentou-se na cadeira junto da cama, e cantou para a sua menina, até a ver adormecer. Com a mão na mão adormecida da rainha, deixou as lágrimas rebolem-lhe pela cara. Acabara de saber que não tinha sido integrada na comitiva de Maria pela condessa de Itapagipe.

O sono de Maria também estava longe de ser tranquilo. Via-se de mão dada com a mãe, num passeio pela mata, a mãe a apanhar uma jalapa-do-campo, a puxar-lhe suavemente o cabelo, e a colocar a flor encarnada por detrás da orelha, dizendo, a rir, que parecia uma indiazinha de pele clara; ouvia-se depois o rugido de uma onça, e a mãe pegava-lhe ao colo e corria, corria, corria pela floresta, tropeçando nos juncos, ferindo-se nos galhos, procurando salvar-se e salvá-la do animal. Agitada, rebojava-se na cama, o calor húmido da noite a tornar-lhe o sono ainda mais agitado, a cara da onça a transformar-se na de Domitília, nos braços do pai, os gemidos de prazer dos dois enrolados juntos na rede da varanda de madeira de uma casa, que era engolida pelas chamas. Paula, doente, com falta de ar, que chamava por ela, e o som longínquo, por entre as ondas do mar que batiam no casco de um navio, queria voltar, queria fazer-lhe um chá, chamar a Rosa para vir salvar a irmãzinha, mas o barco

não mudava de rumo, as velas cheias pelo vento, a empurrá-lo para a frente. E Maria chorava, encostada ao varandim da popa, os morros do seu querido Rio de Janeiro a desaparecerem, o Pão de Açúcar já um ponto no céu, e Xica, a sua pequenina Xica, num pranto sem fim ao colo da ama, os braços estendidos para a água como se esperasse que ela voltasse e a segurasse junto a si, como fazia quando caía e esfolava um joelho.

Acordou com um grito, e Florica, que adormecera na cadeira, abeirou-se dela, assustada:

-Tem febre, menina? - dizia enquanto lhe passava a mão pelos cabelos ensopados.

Maria sentou-se na cama, e implorou:

- Florica, acende uma luz, tenho medo do escuro.

A porta abriu-se e a marquesa de Aguiar entrou com uma vela na mão, e perguntou, preocupada:

- O que aconteceu, senhora D. Maria?

Maria abanou a cabeça de um lado para o outro e pediu desculpa:

- Não foi nada, não foi nada... Só um susto.

Florica e a marquesa trocaram um olhar entendido: depois da animação e da excitação dos planos feitos de dia, vinha, com a noite, o medo do desconhecido.

A marquesa sentou-se ao lado da ama e disse-lhe:

- D. Maria, nunca é fácil partir, mas o marquês de Barbacena e a marquesa de Itapagipe vão tomar conta de si, e vai ver que os portugueses que a vão receber são homens capazes de dar a vida por si...

Maria mordeu o lábio e passou a mão pelos cabelos, ainda assustada com as imagens que lhe tinham povoado os sonhos:

- E vocês tomam conta da Xica e da Paula? Sabem que a Paula não tem muita saúde, e a Xica, a Xica precisa sempre do meu colo quando esfolta o joelho e cai...

Flórica deu-lhe a mão e assegurou-lhe:

- Pode partir, menina, que aqui a sua Flórica vai velar pelas manas como velou por si.

- E eu, senhora D. Maria, não farei outra coisa - acrescentou a marquesa de Aguiar, escondendo a desconfiança de que, mal a rainha partisse, o imperador se encarregaria de a pôr fora de novo, e para ser sincera não sabia se queria ficar, habituara-se a ter o seu espaço, habituara-se a ter Philippe.

Mas, sossegada, Maria encontrou a paz de que precisava para partir.



Desde que, há quase um mês, voltei para o paço não tenho tido tempo de escrever. Com os preparativos da viagem de D. Maria os dias passam a correr. Ainda agora me tinha sentado à escrivaninha, escrivaninha onde comecei este diário, quando ouvi um grito vindo do quarto da pequenina rainha, e pus-me de pé de um salto para ir saber o que se passava.

Que sensação estranha a de andar, de novo, nos corredores do palácio, com uma vela na mão e uma manta sobre os ombros, assustada e apressada como naqueles tempos, mas afinal era apenas um pesadelo, pobre criança. De dia salta e corre eufórica, e os mestres queixam-se de que é incapaz de ficar sentada quieta

durante as lições, mas à noite, quando fica a sós com os seus pensamentos, deve sentir um terror imenso com a ideia de deixar esta terra quente, que é a sua, por outra que não conhece. É verdade que de tanto ouvir a mãe falar desse inundo, dos detalhes que ela lhe contava da sua infância, dos seus hábitos e rotinas, das cartas que leu do avô e das tias, vai partir com a sensação de que regressa, de aliena forma, a casa, mas temo, e Mareschal diz-me que tenho razão, que nada corresponda já às memórias tingidas pela saudade da imperatriz. Afinal, já passou mais de uma década, e se o Brasil onde D. Leopoldina desembarcou já não é aquele em que estamos, quanto mais a Áustria, Inglaterra e França, onde as revoluções e as reformas têm sido imensas.

Espero que o seu jeito carioca, junto com toda a educação que recebeu da mãe, encantem os europeus como me encantam a mim e a Philippe.

E por falar em Philippe, que estranho foi tudo, ao princípio. Cruzar-me com ele nas escadas, ou a atravessar um salão e cumprimentarmo-nos como se fôssemos apenas conhecidos. Mas Mareschal é um homem corajoso, reconheço-o, e se no cumprimento do seu dever me trata com formalidade, não deixou de me convidar para me encontrar com ele aqui e ali, nem me retirou da sua confiança ou me privou das suas confidências.

Sei que a esta hora o imperador já deve ter cópia de todos os bilhetes e cartas que trocámos, mas já estou como a senhora D. Maria da Glória, também eu tenho os que troca com aquela mulher que com uni poder sobrenatural continua a mantê-lo preso pelo desejo, numa relação tão intensa que há momentos em que, apaixonada, me pergunto se o que os une não é também unia paixão. Pelo menos a dele, porque a ela acho-a demasiado fria e calculista para se entregar de alma e coração.

Ainda hoje, ao fim do dia, me encontrei com Mareschal no Horto Real, entre as árvores exuberantes, os manacás em flor e as flores

de lótus que cobrem as águas.

Andámos durante muito tempo, e depois sentámo-nos num banco, e Philippe segurou-me com força a mão. Estivemos calados uns segundos, como se aquele toque nos preenchesse e matasse as saudades, mas quando Mareschal voltou a falar não foi (como eu desejava) sobre nós.

-Barbacena está desesperado porque o imperador continua a mentir-nos a todos. Ontem, estive com ele no paço, e juntos ameaçámos D. Pedro com a nossa demissão. Não podemos continuar a fazer figura de ursos, a jurar nos nossos relatórios que Domitília já saiu do Rio, quando o imperador continua a encontrarse com ela e apagar-lhe todas as extravagâncias, para não falar no facto de continuar a manter as filhas naturais junto dos legítimos...

Olhei-o, estarrecida - não pelo imperador, confesso, mas pela ideia de que Mareschal possa abandonar o seu cargo e o Brasil, e ele sorriu-me, tranquilo:

-Não se preocupe, fazer chantagem com o imperador é fácil. Levá-lo a prometer coisas é tarefa rápida, a cumpri-las é que é quase impossível - disse-me, com uma gargalhada.

Embora tenha garantido a pés juntos que já não tem nada com a senhora, prometeu voltar a escrever-lhe e a pedir-lhe que saia do Rio de Janeiro.

Chegou ao ponto de lhes mostrar uma carta, que tinha recebido dela, em que a criatura, de forma venenosa e acintosa, diz que sai até ao final do mês e que dispensa os conselhos do imperador porque, ao contrário dele, não é um cata-vento que anda ao sabor da opinião dos assessores. A verdade, diz-me Mareschal, é que já conseguiu que D. Pedro lhe desse unia série de prédios e chácaras, para além de se ter apropriado de todo o rico mobiliário e quadros do palácio que ele lhe cedeu.

Depois marcaram a data de saída de D. Maria para o dia 2 de julho, e voltaram a dizer-lhe que se a comitiva que partia com ela levava a impressão de que Domitília ainda ficara pelo Rio, os danos seriam incalculáveis. Acreditam que o assustaram de facto, tanto com o melindre da situação interna no Brasil, onde o descontentamento cresce, como com as notícias da guerra civil que grassa em Portugal, pobre país, de como Palmela se demitiu de embaixador em Londres, e os nobres que apoiam a sua causa se juntam à espera das suas ordens, já havendo milhares de exilados liberais em Inglaterra.

Tenho medo que seja tarde. Muito tarde para D. Maria. Temo que embarque e não a deixem desembarcar, temo que os homens corajosos que se batem por ela não sejam suficientes para vencer os portugueses que preferem o senhor D. Miguel. Que triste é tudo isto...

Gomo me enche de preocupação o facto de D. Pedro enviar a filha entregue à condessa de Itapagipe, aquela Ana Romana que não me merece a menor confiança. Julgo que ao ver Domitília partir terá tido o bom senso de deixar de falar nela (pelo menos quando se cruza comigo não me olha da forma acintosa com que olhava, o que quer dizer que entendeu que o vento está a mudar...) e se aliar ao marquês de Barbacena (desse sim, gosto muito), para lutar pela causa de D. Maria da Glória. Suponho que o fará, porque leva consigo a Maria Francisca, um ano mais nova do que a rainha, e quererá garantir-lhe um bom casamento do lado de lá do Atlântico. O suficiente, talvez, para moderar aquele génio.

Foi, decididamente, com o coração pesado que deixei o embaixador. Temos de ter Fé em Deus, e acreditar que a mãe da rainha vela por ela lá do Céu.

Capela de Nossa Senhora da Glória, 28 de junho de 1828

Ainda estava escuro quando Maria escapou da cama e dos seus aposentos, atirou um vestido sobre o corpo, levou os sapatos na mão para não fazer barulho a descer as escadas, e, depois de os ter calçado à pressa, correu até à cocheira onde acordou Jaime, adormecido sobre fardos de palha, e lhe pediu que a levasse à Capela da Senhora da Glória, a tempo de voltar para o pequeno-almoço, sem que ninguém desse pela sua saída. Queria ajoelhar-se, por momentos, na capela da sua madrinha, um sítio de memórias felizes, e pedir ao Altíssimo que a protegesse, a ela que partia, e que protegesse os que ficavam, os manos e sobretudo o pai, pobre pai, que, levado pelos seus impulsos, só fazia asneiras.

Jaime protestou, disse que não, que tinha medo de ser castigado, mas cedeu, e numa carruagem discreta, sem as armas pintadas, levou-a até lá.

Esgueirando-se para dentro da capela, pela porta da sacristia, que sabia sempre aberta, acendeu duas ou três velas junto do altar e ajoelhou-se aos pés da Virgem, a cara escondida entre as mãos, os olhos cerrados em oração.

Partiria no dia 5 de julho, a data adiada uns dias, para que passasse algum tempo sobre a partida da marquesa de Santos, que só ontem saíra para São Paulo, carruagens e carros a cavalo carregados do recheio do palácio, uma partida com pompa e circunstância, para dar bem nas vistas que se fora embora, mas sobretudo para deixar claro que o amante pagava caro a destituição da sua amante oficial.

Maria só tinha 9 anos, mas nove anos no Paço de São Cristóvão, como dizia frei António com um sorriso triste, valiam vinte anos noutra lugar da Terra, e percebera perfeitamente que o pai desejava que a comitiva que a acompanhava na sua viagem para a Europa fosse a portadora da notícia de que o imperador vivia sozinho e celibatário, chorando a dor da morte da mulher legítima, e na esperança de que alguma princesa se apiedasse dele, e dos seus filhinhos. Inspirou e soltou um suspiro profundo: o pai vivia de tal forma estas histórias infantis, que acabava por acreditar nelas e confiar que os outros também o faziam. Porque, suspeitava, mal ela partisse, a marquesa de Santos encontraria um pretexto para voltar para o imperador. Além do mais, ouvira os capangas do pai, que continuavam no paço sem se saber muito bem a fazer o quê, a comentar entre eles que D. Pedro, posto «à míngua de mulher», depressa voltaria para a feiticeira, ou para outra qualquer - e Maria, com um encolher de ombros, deu consigo a pensar «que seja outra qualquer», para depois se benzer em contrição.

Quando saiu da capela, olhou a sua cidade ali de cima, sentiu o cheiro das flores que se abriam à chegada do sol, olhou o céu de um azul ainda suave mas já cheio de urubus, e sentiu um arrepio: E se nunca, mas nunca mais, voltasse àquele lugar?

Jaime chamou-a da carruagem, nervoso com o castigo que o esperava, e Maria aproximou-se depressa, sem querer arranjar sarilhos àquele seu criado tão dedicado.

- Vamos embora, Jaime - disse, com a voz a tremer.

E enquanto se debruçava da janela, para ver as ruas por onde passava, guardando para sempre a memória dos lugares, veio-lhe pela milionésima vez à cabeça a frase da mãe: «Nós, as princesas, somos como dados nas mãos de um jogador.» Queria acreditar que a mão que lhe saíra seria boa. Ia dançar, conversar, conhecer um príncipe de verdade, e com ele entrar triunfante em Portugal, onde

seria magnânima com Miguel, e ficaria para a História como a mais poderosa e justa das rainhas...

Chegou ao paço com a alma mais leve. Se era para partir, que a partida chegasse depressa.



De Lisboa chegam-me cartas terríveis. No dia de anos da rainha D. Carlota Joaquina, o Senado de Lisboa aclamou D. Miguel como rei absoluto. Tremo ao pensar o que se estará neste momento a passar em Lisboa. Mas as notícias demoram a atravessar o oceano. Queira Deus que a rainha-menina não esteja a embarcar numa viagem sem volta. Que a senhora D. Leopoldina vele por ela lá do Céu e que Nossa Senhora da Glória ilumine o espírito do avô austríaco. Protegei a minha menina, que parte sem saber o que encontrará do outro lado do oceano. Diz-me a minha amiga Leonor da Câmara, que de Lisboa me escreve, que D. Miguel justifica a recusa do casamento com a sobrinha com o medo da loucura, do que o sangue próximo pode trazer aos seus filhos. Convicto da loucura do pai, a que acredita ter escapado (dizem as más-línguas que por não ser filho do rei!), conhecedor da epilepsia do irmão Pedro, a que também escapou, desejava garantir uma linha de sucessão «limpa», sem as nódoas dos seus antepassados. Quando li o que me escreviam, confesso que rua lado de mim entendeu o que sentia, porque também eu temi pelos filhos do meu tio que depois nunca cheguei a gerar, mas o outro reagiu com raiva: o filho favorito de D. Carlota Joaquina, ambiciosa e mesquinha, não se preocupa com a herança que a mãe lhe deixa e que transmitirá aos que vierem a seguir? Confesso que saber que o casamento com aquele senhor não será imposto à minha menina é a imica coisa que me consola, embora compreenda também que sem esta ligação o país se vai esventrar, irmãos contra irmãos, muna luta sangrenta que arrasará rua país já tão pobre e delapidado por Napoleão.

Marescial também teve notícias. Há insurreições liberais em todo o país. Estava preocupado porque D. Pedro, fechado num quarto escuro, recusava-se a receber os emissários liberais, demasiado inconsolável com a despedida da «sua Titília» para que lhe falassem destes distúrbios.

Barbacena põe em causa a partida, mas Mareschal insiste que D. Maria tem de sair daqui rapidamente, porque será a bandeira que dará alento aos que dão a vida por ela e pela causa liberal. Esperemos que D. Pedro se decida a sair do casulo, pelo menos para se despedir de Maria. Não tenho dúvidas nenhuma de que estará no cais, pronto a abraçar a filha querida, e a mostrar ao mundo diplomático, e aquele que embarca, que é rua imperador de apenas 29 anos, com rua país glorioso e rua futuro brilhante a oferecer à mulher que tenha a coragem de se aventurar a regressar no navio que agora parte.

Cruzei-me com Mareschal, apenas por minutos, no pátio do paço. Disse-me, baixo, que D. Pedro pediu a Barbacena que a jovem noiva deve ter quatro qualidades: nascimento, formosura, virtude e educação. Depois, percebendo a dificuldade que o amigo antevia em encontrar tuna mulher que reunisse tudo isto, e ainda estivesse disposta a casar com ele, apressou-se a acrescentar que a ter de transigir em algum dos requisitos, então que fossem ignorados o nascimento e a educação. Desconfio que as minhas gargalhadas, tão raras, devem ter atraído damas e criados às janelas do saguão. E fiquei com um sorriso nos lábios por todo o dia. Bem precisava dele.

Baía do Rio de Janeiro, 5 de julho de 1828

A despedida no cais tinha sido emotiva, e o pai chorara como uma criança abraçado à filha, mas Maria, estranhamente, só sentira o lábio tremer, e os olhos encherem-se de lágrimas, quando a sua pequenina Xica lhe dissera:

- Mana, logo à noite contas-me uma história para eu adormecer?

De repente, essa frase tão descabida tinha-a levado a tomar consciência de que esta era uma viagem sem retorno. Nunca mais, era uma ideia insuportável. Olhou em volta para o cais cheio de gente, da multidão que vinha despedir-se de si, os ministros e as damas na fila da frente, os criados do paço mais atrás, e um mar de pessoas de todas as cores, que lhe acenavam com lenços brancos, como se fosse uma santa numa procissão. Mas mais do que as pessoas, era a praça, a pedra das casas, as flores dos jacarandás, o cheiro das especiarias, o movimento, a vida daquela cidade, que até a mamãe tinha dito que não se encontrava em mais lugar nenhum do Mundo.

A fragata brasileira Imperatriz, batizada com o nome da sua mãe, era grande, e tinha de o ser, porque a comitiva também o era. Criadas e criados, açafatas e damas, uma Casa digna de uma rainha, como dizia o pai, que subitamente tivera um acesso de megalomania, desejoso de que, à chegada, todos ficassem impressionados com a riqueza do país de origem desta menina. O comandante era o visconde de Sousel, a sua camareira-mor a condessa de Itapagipe, e a filha, Maria Francisca, as suas damas, e como tutor o marquês de Barbacena, José Caldeira Brandt. E criados

e criadas, e cozinheiros e padres, mais de vinte, para desespero de Barbacena, que bem perguntava a Mareschal, e a quem o queria ouvir, quem é que ia pagar as despesas de toda aquela gente quando desembarcassem em Génova. «Todos menos as minhas queridas Florica e marquesa de Aguiar», pensou, zangada, a rainha.

Maria pediu para ficar sozinha na popa do barco, porque queria despedir-se da cidade onde nascera. Olhou as ilhas, o verde das florestas que desciam até ao mar, as palmeiras mais altas, as torres das igrejas, os morros mais altos, as encostas em que o café tinha substituído as árvores, e a cor, a cor das árvores encarnadas e azuis. Imaginou o que teriam sentido os descobridores portugueses a chegar, e a dar com aquilo tudo, sem quererem acreditar que aquilo fosse um mar, e não um imenso rio, e imaginou o que sentira o seu avô João, ao chegar ali fugido de Portugal, e o pai de 9 anos, e anos depois a mãe, com tantas esperanças...

Quando já só via o mar, pôs a mão no bolso e tirou uma carta que a marquesa de Aguiar lhe dera discretamente quando a estreitara contra si. Uma carta em que prometia amá-la para sempre.

II PARTE

«Iludiu os espiões do tio Miguel, e fugiu de Lisboa para vir ter comigo. Odeio as suas ordens, mas quando choro é a primeira a enxugar-me as lágrimas.»

Maria II

«Acredito que posso ajudar a instruí-la como unia rainha de hoje deve ser instruída. Mas só conseguirei moldá-la se for feliz, e deixarem de lidar com ela com as armas da traicão.»

Leonor da Câmara

Fragata Imperatriz, Gibraltar, 2 de setembro de 1828

Quando o marquês de Barbacena passou por ela e se inclinou numa vénia mas não disse palavra, Maria percebeu que algo não estava bem.

Encostada à amurada, olhava o enorme rochedo à sua frente, árido e nu, como se fosse um dos morros do Rio de Janeiro, mas apenas um. Depois de dois meses rodeada por água, sentia um enorme conforto ao ver terra firme. Então Gibraltar era isto?

Durante a viagem, a mestra obrigara-a a estudar os mapas, as monarquias europeias, os costumes das cortes, mas nem sempre prestara grande atenção. Das intenções de Barbacena conhecia, no entanto, todos os detalhes, e sabia que o plano era aportar aqui para abastecimento de água, seguindo para Génova, onde seria recebida por uma comitiva do avô Francisco que a acompanharia até Viena. Viena, a palavra incessantemente pronunciada pela mãe como um «abracadabra» mágico. Seria tudo o que imaginara?, pensou, estendendo uma das mãos para o céu que lhe parecia desbotado, comparado com aquele a que estava habituada a ter sobre a cabeça.

Lá atrás, na popa da fragata, reparou que Barbacena se despedia de dois desconhecidos que regressavam a terra num pequeno escaler.

Esforçava os olhos para tentar distingui-los quando sentiu uma mão pousada sobre o ombro e, sobressaltada, virou-se. Era a mão da condessa de Itapagipe, que a chamava:

- O marquês de Barbacena pede-nos para nos reunirmos na sala.

Maria olhou-a, preocupada:

- Há pouco passou por mim, mal-humorado. Quem são aqueles homens? O que é que se passa, D. Ana?

A condessa limitou-se a insistir:

- Vamos ouvir o que nos tem a dizer.

O marquês já a esperava. Com ele estava um senhor que nunca vira, mas que lhe foi apresentado como sendo o comendador Ildefonso Bayard, enviado de Londres pelo visconde de Itabaiana. Esse sim, sabia bem ser o embaixador do Brasil em Inglaterra, e que agora acumulava também os negócios de Portugal, desde que o marquês de Palmela se demitira e partira para lutar contra o tio Miguel.

Ficou feliz quando o visconde se inclinou para lhe beijar a mão, tratando-a como a rainha que a cada dia mais se sentia, sobretudo desde que viajava com uma corte só sua e todos a tratavam com uma deferência que, francamente, lhe agradava.

-Más notícias, senhora D. Maria - disse o marquês.

Maria manteve os olhos nos dele:

- Não pense, senhor marquês, fale.

Barbacena riu:

- Tem razão, senhora D. Maria, mas o que lhe quero dizer não é fácil. O seu tio foi aclamado rei de Portugal, já prestou juramento como rei absoluto. Usurpou o trono que por direito lhe pertence a si.

Maria sentiu subitamente o balanço do barco, ela que se orgulhava de não ter enjoado uma só vez. D. Miguel 1, rei de Portugal. Como era possível que traísse assim o irmão, como era possível que os portugueses o quisessem a ele, e não a ela? Guardou os pensamentos para si, procurando que a sua expressão não denunciasse o que sentia, como o pai lhe recomendara tantas vezes. Num tom solene, afugentando o medo, declarou:

- O meu avô Francisco vai ajudar-nos a recuperar o que legitimamente me pertence.

Barbacena teve vontade de lhe dizer que o avô Francisco, e Metterniche que o controlava, seriam os últimos na Terra a fazer tal coisa, mas conteve-se.

- Soubemos estas notícias pelo senhor comendador Bayard, que traz consigo a sugestão de que mudemos o destino de chegada, rumando diretos a Inglaterra, país onde já se encontram centenas de exilados liberais. A sua presença junto deles reforçará a causa da rainha legítima, e animará os homens que lutaram por Vossa Majestade.

Maria olhou de novo para Bayard, reconhecendo a bondade da sugestão.

- Está a pedir-me uma opinião, ou a informar-me simplesmente de uma mudança de planos? - perguntou, rígida, como acontecia sempre que não sabia bem o que era esperado dela.

Barbacena escondeu o sorriso:

- Não tendo possibilidade de consultar o senhor D. Pedro, tomei a decisão, enquanto último responsável pela segurança de Vossa Majestade. Partimos para Falmouth, e o comendador Bayard assegurará que seja recebida com todas as honras devidas a uma rainha.

Maria gostou do que ouviu. Desde que a recebessem como rainha, e não a devolvessem ao Brasil humilhada, dava-se por satisfeita. Além disso, confiava em Barbacena. Olhou pela escotilha para as águas azuis que batiam contra o casco e respingavam nos vidros: estava do outro lado do Mundo, longe da família e de todos os que a amavam realmente, que outro remédio tinha senão confiar? E esperar que, lá de cima, a sua mãe velasse pela filha mais velha, aquela que, afinal, concretizava o seu sonho de voltar a casa.



Chamo-me Leonor da Câmara, tenho 47 anos, feitos em maio, idade para ter juízo. Sou solteira, vivo em Lisboa em casa da minha única cunhada, Mariana, marquesa da Ribeira, e encarrego-me da educação do meu sobrinho Francisco, da mesma idade que D. Maria II. Idade mais do que suficiente para ter juízo, certamente, mas não o tenho, e continuo a desejar lutar por aquilo em que acredito. E a minha insatisfação com o estado do país vem de longe.

Assisti com preocupação à chegada de D. Miguel a Lisboa. Servi como dama a rainha Carlota Joaquina, conheço-a desde que eu era menina, nascida que fui no Rio de Janeiro, e nestas notas que agora tomo apenas para mim posso confessar que nunca suportei a sua prepotência e mesquinhez, ao ponto de ter pedido, já em Lisboa, a exoneração do Paço de Queluz. Conheço também o infante, aquele a que me recuso a chamar rei, e até consigo entender que tenha chegado ao que chegou, chantageado por aquela mãe e seduzido pelo poder, que os defensores de tuna monarquia absolutista lhe ofereceram. Terá começado, no regresso do Rio de Janeiro, por se sentir zangado com a forma como o seu pai foi (mal)tratado pelas Cortes, sendo depois levado a atos no mínimo insensatos por uma mãe venenosa e manipuladora e, é justo dizê-lo, por um pai ausente e enlouquecido. A estadia, ou o exílio, junto de Metternich tê-lo-á tornado mais polido, mais disciplinado, até mais instruído, mas

certamente que o inebriou com a certeza da divindade do poder real, ou não fossem a Áustria, a Prússia e a Rússia os últimos bastiões das monarquias absolutas. E é uni rei absoluto que D. Miguel pretende ser. como entendi quando dissolveu as Cortes e mandou prender e perseguir os que defendem a Carta, aqueles que, como eu, acreditam que são os homens que colocam o poder de Deus nas mãos de uni soberano justo, que deve reinar ouvindo o povo que jurou servir.

Quem tenha assistido à cerimónia do passado dia 23 de junho, no Palácio da Ajuda, não ficou com a mais pequena sombra de dúvida de como D. Miguel pretende reinar. Nas semanas anteriores, em Lisboa, não se falava de outra coisa: a ordem era de que os procuradores, os membros da Igreja e os ministros comparecessem vestidos seguindo o antigo costume, e as costureiras trabalharam noite em dia para recriar as farpelas dos seus antepassados que as traças já haviam devorado, tal o tempo que tinham permanecido fechadas em arcas. Quanto à multidão que se reuniu frente ao palácio, engalanado como nunca ninguém o havia visto, julgou estar perante tuna recriação teatral de unia cena de há duzentos anos. Acredito, mesmo, que o povo tenha sido seduzido por toda aquela imponência, como sempre é, esquecido de que representava uni recuo nos seus direitos, no progresso do país. Mas quem assistiu à cerimónia ficou verdadeiramente estarecido: D. Miguel, seguro de si e sem o nervosismo que se lhe vira no juramento da Carta, perante as Cortes, chegou, entre trombetas e charamelas, manto real sobre os ombros e cetro de ouro na mão, o chapéu de plumas brancas a esconder-lhe a cabeça, como no quadro da aclamação de D. João IV simbolicamente pendurado muna das paredes. Recebido por unia assistência solene, dirigiu-se então a um trono imponente, todo ouro e carmesim, coberto por um véu, retirado apenas no momento em que subiu ao palanque para o ocupar. Num seguindo momento, ajoelhou-se sobre unia almofada de veludo, com franja de ouro, passou o cetro para a mão esquerda e, colocando a direita sobre uma Bíblia encadernada a ouro, prestou juramento, mas desta vez

em voz alta e firme - força que lhe vinha certamente de saber que cumpria finalmente a vontade da sua mãe Carlota Joaquina, que aos 73 anos chorava na «plateia», não cabendo em si de contente por ver no trono o seu filho dileto. Nos dias que se seguiram, foi o fim de qualquer esperança de que estivesse disposto a conciliar-se com uni regime parlamentar, com a perseguição das tropas liberais, que recuaram para a Galiza, e a derrota da incursão dos membros da junta liberal no Porto, que voltaram no mesmo barco em que tinham chegado, rumo a Inglaterra. O marquês de Fronteira, o meu tio, o marquês do Lavradio, e tantos outros fugiram antes que fossem lançados nos cárceres da Guarda Real, vendo os seus bens apreendidos.

O marquês de Palmela, que corajosamente pediu a exoneração do seu lugar de embaixador em Londres, sabia do meu descontentamento. Sabia que também eu abraço a causa liberal, a de tuna monarquia constitucional, símbolo de um país moderno, que desejamos, e, mais do que isso, de que precisamos urgentemente.

Mas, ainda assim, não estava à espera do que aconteceu hoje. Sobressaltámo-nos quando o criado anunciou que estava à porta uni marinheiro inglês que me queria entregar uma encomenda. Troquei uni olhar preocupado com a minha cunhada, que estes não são tempos seguros, e os espiões da Guarda Real estão em todo o lado, e mandei-o entrar, o mais rapidamente possível, que se os criados de casa não são de absoluta confiança, as pessoas que passam na rua ainda o são menos. Na tampa de uma pequena arca pintada estava tuna carta de Palmela. Mandei que se lhe servisse um café, enquanto me retirei para a salinha para a ler. Eram apenas dez linhas, em que me informava de que a senhora D. Maria II estaria a chegar à Europa, pretendendo-se que se exilasse em Londres. E depois vinha o mais surpreendente: pedia-me que aceitasse a responsabilidade de ser a dama e mestra da rainha, e, em caso afirmativo, que engendrasse maneira de chegar a Londres o mais rapidamente possível. Eu, em Londres? Como conseguiria sair do país? Teria as capacidades necessárias para o cargo?

Não sei a resposta a estas perguntas, mas também não sou tuna mulher de perder tempo. O marinheiro esperava a resposta, e tê-la-ia. Numa folha de papel escrevi uni «aceito», e nada mais. Dos detalhes da viagem teria de ser eu a tratar, e quanto menos dissesse aquela folha, que a qualquer momento a guarda podia intercetar, melhor. Entreguei-a ao rapaz, e vi-o partir. Tomara a decisão mais importante da minha vida, agora só podia contar com o segredo e o apoio da minha cunhada, porque todos aqueles em que confiava não estão em Portugal.

Mariana esperou que voltasse à sala, e conversámos. Ambas concordamos com Palinela. Em Viena, a rainha seria prisioneira do seu próprio avô, mais inclinado a favorecer um rei absoluto como D. Miguel, que ainda para mais passou os últimos anos na sua corte, do que uma criança, ainda por cima mulher, que teme que venha imbuída das ideias do seu pai, que odeia por todas (e algumas, boas) razões. Mesmo sendo sua neta.

Não vale a pena escondê-lo, pelo menos nestas páginas: não tenho grande opinião do arquiduque Francisco, que deixou a filha morrer às mãos do marido, ainda pior opinião tenho de D. Pedro e da sua natureza leviana e debochada, e mais do que isso temo os danos irremediáveis que o seu comportamento escandaloso terão na causa da senhora D. Maria. Sei que agora procura desesperadamente uma esposa que lhe devolva a credibilidade, mas Palmela diz-me que a missão não se revela fácil, e que a principal razão por que o imperador permitiu a vinda da filha para a Europa foi porque acreditou que lhe poderia servir de carta de recomendação, e não porque esteja realmente empenhado em apoiar a Causa e tudo o que ela implica...

Talvez Palinela não seja tão sensível como eu às infidelidades do imperador, porque os homens escondem entre si essa estranha e imoral solidariedade, mas sei-o preocupado com a instabilidade do seu carácter, e sobretudo a volúpia com que muda de opinião: a

causa liberal portuguesa precisa do apoio de D. Pedro, e D. Pedro está, na maior parte dos dias, com a cabeça noutro lado...

Daí a importância desta menina-rainha, que promete tudo, que pode ser tudo. Daí a minha resposta ser sim, não poder ser outra senão uni «aceito».

Amanhã tenho de escrever a pedir conselhos ao meu querido primo Francisco de Almeida, Francisco Lavradio, exilado em Paris, onde se asslune abertamente como ministro da causa liberal junto dos franceses.

E será amanhã, também, que vou pensar em como chegar a Inglaterra, iludir a vigilância sob a qual D. Miguel tem os seus nobres, receoso de que nas cortes estrangeiras conspiremos contra ele, como vou falsificar os documentos para no cais passar pela guarda. Mas agora vou dormir, que felizmente quem tem a consciência tranquila nunca perde o sono.

Falmouth, Inglaterra, 22 de setembro de 1828

- Não me enervem mais! - gritou Maria, atirando com o livro que segurava na mão à pobre mestra, instruída para intensificar as lições, desde que o destino da viagem mudara.

Os últimos vinte dias tinham sido cansativos, e Maria estava pelos cabelos.

- Já não aguento ouvir falar em inglês, já não consigo aprender nem mais um nome de um castelo ou de uma terra...

Barbacena, que descia aos aposentos de Maria, para lhe dizer que dentro de algumas horas estariam a aportar em Inglaterra, teve vontade de rir. Determinação não faltava à rainha, o que não era mau, mas agora não era o momento ideal para revelar o seu temperamento autoritário, pensou, enquanto batia à porta do camarote real, sem saber como ia ser recebido.

Mas a Maria que o mandou entrar era uma criança encantadora, com o ar mais sereno e seráfico do mundo, linda no seu vestido branco de rendas, o cabelo em duas tranças, presas atrás da cabeça com um laço.

- Bom dia, senhor marquês, é hoje que chegamos? - perguntou, com a maior das delicadezas.

Barbacena beijou-lhe a mão:

- Dentro de duas horas vamos aportar a Falmouth, e, se tudo correr como esperado, Vossa Majestade vai ser recebida com todas as honras de uma rainha de um país aliado.

Maria, imperceptivelmente nervosa, insistiu:

- Hoje mesmo vou ter de falar em inglês com quem estiver no porto para me receber?

Barbacena sorriu-lhe:

- Hoje mesmo espero receber a bordo os representantes de Sua Majestade, o rei George IV, mas se lhes falar em francês, não haverá qualquer problema.

Maria franziu o nariz, num gesto infantil:

- Sei que tem gasto comigo muito tempo, e espero ter aprendido tudo o que me ensinou, mas ainda sou capaz de misturar os nomes e os títulos, e de não saber bem os protocolos deste país... É que até agora, e durante toda a viagem, só me falaram em alemão...

Barbacena sorriu-lhe, confiante:

- Uma rainha que fala brasileiro, português, francês e alemão corretamente pode falhar umas palavras em inglês. Quanto ao resto, só tem de dar a mão a beijar e ser como é, senhora D. Maria, porque acredite que preferirão a sua sinceridade e franqueza a artifícios.

Maria abriu o sorriso, satisfeita:

- Ah, então se é só isso, vai correr bem.

Barbacena admirou-lhe, pela milionésima vez, a segurança. Seria uma boa rainha, estava certo.

Barbacena, fardado a rigor, esperava em pé no convés. O visconde de Sousel, ao seu lado, murmurou:

- Deve ter sido isto que sentiu o marquês de Sande ao chegar com D. Catarina de Bragança a Inglaterra.

Barbacena franziu o sobrolho:

- Julgo que nesse tempo os ingleses tinham sido avisados com um bocadinho mais de antecedência. Temo, sinceramente, que as boas influências de Itabaiana não tenham sido suficientes para garantir a receção de que precisamos - se a senhora D. Maria não for recebida como rainha de facto, a causa liberal sofre um forte abalo.

O visconde de Sousel voltou a colocar os binóculos junto à cara, enquanto falava:

- Pelo que Bayard nos disse, o governo de Sua Majestade pende para D. Miguel, além de que é muito mais fácil assumir um facto consumado do que apoiar uma guerra em favor de uma criança, que chega sob a égide de um imperador liberal...

Barbacena acenou, angustiado:

- Espero que os amigos que fiz quando estive em Londres a negociar o reconhecimento da independência do Brasil ainda estejam nos seus postos... digo-lhe, Sousel, a diplomacia é tudo menos um jogo limpo.

-Nem de resultado certo, o que é particularmente dramático quando sabemos que já há centenas de exilados portugueses num campo montado para os acolher em Portsmouth... pelo menos Palmela conseguiu que não os expulsassem - suspirou o visconde, impaciente porque um nevoeiro espesso o impedia de perceber se o castelo sobranceiro ao mar e os barcos no porto estavam engalanados.

Barbacena concordou, mas insistiu, quase como se procurasse tranquilizar-se a si mesmo:

-Itabaiana é um ás nestas coisas. Acredito que tenha conseguido ser dúbio quanto ao caráter da vinda da rainha. Suspeito que terá dado a impressão de que se trata de uma visita de passagem, o que à partida nos garantia a oportunidade de, uma vez nos nossos postos em terra, prolongarmos a estadia, conseguindo que esta menina sem trono atraia sobre si todas as simpatias.

O visconde deixou cair os binóculos, que baloiçaram contra o peito, seguros na correia de couro, e riu:

- Se depender da força desta rainha, a causa está ganha.

Barbacena juntou-se ao riso:

- É a mais encantadora das crianças, mas tem génio. Bem lhe disse que o tema da escravatura é sensível em Inglaterra, e espero que não se lembre de gritar com uma das suas criadas em frente de ninguém.

O som de foguetes e apitos de navios sobressaltou-os:

- Não se vê nada, com este maldito nevoeiro, mas parece-me que estão à nossa espera - disse o visconde, entusiasmado.

Barba cena fez um discreto sinal da cruz. Que o Altíssimo abençoe esta menina, rezou, olhando para bandeira de Portugal içada bem alto no mastro do Imperatriz.



Meu primo,

Acredito que já saiba, por Palmela, do convite que me foi feito. Não entro em detalhes, porque, como sabe, o correio não é seguro. Queria só dizer-lhe que o aceitei, e que estou a fazer todos os preparativos.

Sei que a rainha, louvado seja Deus, chegou sã e salva a Inglaterra.

Esperemos que lhe deem o acolhimento que lhe é devido, e fiquem do nosso lado. Sei que está segura na companhia de Barbacena, Itabaiana e Palmela, e confio que a marquesa de Palmela, mãe de tantos filhos, acolha como sua esta menina, mas acredito que posso ajudar a instruí-la como uma rainha de hoje deve ser instruída. Tenho a singular sorte de ter conhecido e me correspondido tanto com a imperatriz Leopoldina, como com Maria Granam, a mestra escolhida, mas escoraçada por D. Pedro, e espero que o que aprendi delas me ajude a conseguir compreender e ajudar melhor Sua Majestade. Mais recentemente, a marquesa de Aguiar tem-me posto a par da vida agitada da rainha desde que a mãe morreu, e sei que posso sempre recorrer ao seu auxílio em caso de dúvida.

Envio-lhe tuna lista de livros e material escolar que lhe ficava muito grata se me conseguisse fazer chegar a Londres. Embora espere que a rainha tenha tuna professora de inglês, língua que não domino por completo, e de áreas específicas, como a dança e a música, quero que a base da minha instrução seja feita em francês, língua franca neste nosso mlmdo. De Lisboa levarei os livros portugueses que considero indispensável que leia, e de tudo o resto lhe falarei de viva voz, ainda a melhor forma de ensinar...

Poderia voltar a Queluz para ir buscar os meus livros antigos, mas não me atrevo a chamar a atenção sobre mim, ou sobre os meus atos, porque sei que D. Miguel sabe certamente da chegada da sua sobrinha à Europa, e suspeitará de mim.

Digo só que me custa deixar a minha cunhada e o meu sobrinho Francisco, que são a minha família mais próxima, mas parto na esperança de que este exílio que nos impomos não dure muito tempo. Para nosso bem, e o de Portugal.

Que Deus o acompanhe,

Leonor da Câmara

Lisboa, 22 de setembro de 1828

Bath, 30 de setembro de 1828

Uma longa fila de carruagens percorria a estrada que ligava Falmouth às termas de Bath, onde o rei de Inglaterra oferecera à rainha de Portugal a estada de uns dias, para descansar da viagem, dando tempo ao marquês de Barbacena para encontrar em Londres uma casa para a rainha.

Maria estava ainda a sentir o balouçar do barco, depois de quase três meses sem pôr pé em terra firme, mas a paisagem em seu redor fascinava-a de tal maneira que quase se esqueceu das tonturas de que se queixara de manhã. Muitas das árvores pareciam em fogo, as folhas de um encarnado-vivo, e outras de ramos despídos, preparadas para o outono, que não fazia ideia do que era. Estava frio, húmido e caía constante uma chuva miudinha, nem sabia que havia chuva assim.

- A senhora D. Maria deseja uma manta para pôr sobre os ombros? - perguntou uma voz, e Maria virou-se para olhar o marquês de Palmela, que conhecera apenas há algumas horas.

Ao seu lado, o seu filho Alexandre, de 16 anos, bonito, loiro, com o cabelo ondulado e uma pele tão branca como a sua, sorria-lhe e estendia-lhe uma manta de xadrez, prestável.

«Gosto mais do filho do que do pai», disse para si mesma, escondendo o riso.

Estendeu a mão para a lã quente e cobriu os ombros com ela, voltando a sua atenção para quem viajava na carruagem:

- D. Pedro, já vive em Inglaterra há muitos anos? - perguntou ao marquês de Palmela, que sabia leal ao seu pai e à sua causa.

Palmela sorriu:

- Fui nomeado embaixador de Portugal em Inglaterra há já mais de dez anos, e a minha mulher e os meus filhos vivem comigo em Londres. O Alexandre já conhece, acaba de regressar de Portugal, onde esperava estudar na Universidade de Coimbra, mas acabou envolvido na luta pela senhora D. Maria, sentenciado ao degredo na Índia. Felizmente conseguiu fugir para Inglaterra.

Maria olhou-o com admiração redobrada:

- Obrigada, Alexandre - foi a única coisa que conseguiu dizer, tomada de um súbito embaraço, de que saiu perguntando:

- Agora estuda onde?

Alexandre baixou a cabeça num gesto de agradecimento e respondeu, bem-disposto:

- Frequento a Universidade de Londres, e antes disso estudei na Real Academia Militar de Sandhurst.

Maria, tomando consciência de que interrompera o marquês de Palmela, pediu-lhe para continuar:

-Dizia que espero em breve apresentar-lhe a minha mulher, que está ansiosa por a conhecer, e os meus outros filhos. Mas não sei se sabe que agora já nem embaixador sou.

Maria franziu o nariz. Sabia, é claro que sabia, julgavam que era uma criança? Engoliu a irritação momentânea.

- Estou-lhe muito grata pela sua coragem - disse, num tom mais protocolar, recordando-se de repente que este homem fazia tudo por

ela. - E lamento que a expedição a Portugal tenha corrido mal - acrescentou.

Palmela fez um esgar embaraçado. A sua incursão resultara numa derrota, e em consequência dela estavam agora mais de mil homens emigrados em Portsmouth.

- Julgo que não teria corrido bem a ninguém - reagiu.

Maria percebeu que não devia insistir, preferindo perguntar pelos seus súbditos que, como ela, estavam exilados nesta terra.

O rosto de Palmela animou-se por uns momentos:

- Sabem da chegada da sua rainha, e estão animados com isso. Acreditam que o governo inglês, na presença de Vossa Majestade, apoie a nossa causa e nos dê meios para voltarmos a lutar... Tinha mesmo pensado que seria bom se a senhora D. Maria os visitasse, e sei que ontem à noite acenderam todos uma vela no parapeito das janelas para a receber, mas...

- Mas então porque é que não me levou até lá? - atalhou Maria, desconcertada.

Alexandre trocou um olhar com o pai, como quem diz, «é preciso cuidado com o que se diz, que a rainha tem génio», mas o marquês respondeu diplomaticamente, como era seu timbre:

- Porque o marquês de Barbacena entendeu que não a devíamos perturbar depois de uma viagem tão longa com beija-mãos e histórias tristes, pelo menos não antes de descansar...

Maria ajustou-se no banco, ligeiramente impaciente:

- Não estou cansada, e se é preciso fazer, faz-se. A rainha não se recusa a nada que seja importante - acrescentou, altiva.

Alexandre, que olhava para fora da janela, exclamou:

- Senhora D. Maria, veja, veja, a Cavalaria do rei espera-a à entrada desta cidade.

Maria olhou para onde Alexandre apontava, entusiasmada:

- Abrem alas à minha passagem... e são tão bonitos estes uniformes.

De um lado e do outro da estrada um batalhão de Cavalaria saudava a chegada da rainha de Portugal, e nas ruas mulheres e crianças vinham entregar flores e queriam ver a menina-rainha a quem tinha sido roubado o trono.

Palmela incitou uma Maria nervosa a abrir a janela e a estender a mão pequenina para aqueles que a queriam tocar, e a agradecer as flores que lhe entregavam.

- Sabem quem eu sou? - perguntou, espantada.

Alexandre sorriu-lhe, um sorriso franco e divertido:

- Dizem «rainha Maria», chamam-na pelo seu nome. A história da rainha de Portugal tem estado nos jornais, e as pessoas falam e comentam.

E virando-se para o pai, sorriu-lhe, entusiasmado:

- São boas notícias, não são, pai?

Palmela anuiu. Eram boas notícias, de facto. George IV dedicava o seu tempo e os seus homens a dar à causa portuguesa uma visibilidade inesperada. E se a opinião pública fosse favorável a uma intervenção, o governo seria levado a agir.

Maria, com um grande ramo de flores no colo, sorriu-lhe:

- O meu pai gostaria de ver como me acolhem. Vou contar-lhe, e assim talvez não se zangue com o marquês de Barbacena por ele não lhe ter obedecido - disse, e o marquês de Palmela tomou nota: a rainha, que conhecia o pai como ninguém, temia aquilo em que ele próprio já pensara, ou seja, que o imperador reagisse por as suas ordens não terem sido cumpridas.

Quando chegaram ao alojamento que lhes estava reservado, era a Infantaria que rodeava a porta da estalagem e inclinava a cabeça à passagem da rainha. Maria estava deliciada com o facto de ser o centro de toda a atenção. A mãe certamente não se importaria que tivesse mudado de rumo, a mãe de certeza absoluta se orgulharia da filha que era acolhida assim na Europa de que tanto falava.

Ao jantar, depois de um banho tomado numa enorme tina de madeira, com água quente que criadas traziam das grandes cozinhas, perguntou ao marquês, sentado à sua direita:

-Quando é que posso agradecer ao rei George esta simpatia?

Palmela olhou sorridente para Freemantle e Clinton, os enviados do rei, que também os acompanhavam, e disse:

- Senhora D. Maria, terá de perguntar a estes senhores.

Ligeiramente corada, mas mantendo-se muito direita, Maria repetiu a pergunta em francês, pedindo desculpa por não se expressar em inglês, «mas ainda não me atrevo», disse com uma graça enternecedora.

Freemantle respondeu, com um sorriso:

- Sua Majestade ficará feliz por saber que a fez feliz, e logo que esteja melhor vai recebê-la, com toda a certeza.

- Em Windsor - acrescentou Maria, desejosa de mostrar que se não dominava a língua, pelo menos sabia os nomes dos palácios dos reis...

- Em Windsor - disse Freemantle, bem-disposto. - Mas o castelo está em obras de remodelação. Terá de ser um bocadinho paciente, porque o rei só a quererá receber quando o puder fazer com a pompa que a senhora D. Maria merece.

Maria riu, como qualquer menina de 9 anos riria, ao ouvir o seu nome pronunciado daquela maneira, e Freemantle atalhou:

- Como vê, o meu português não é grande coisa, mas terei todo o gosto em aprender.

Maria olhou-o com o seu ar mais meigo:

- Se me ensinar inglês...

E toda a gente à mesa riu.

Alexandre acompanhou-a até à sala da estalagem, enquanto o pai e os outros homens acendiam os seus havanos e eram servidos de vinho do Porto. A lareira ardia, e Maria apontou, fascinada:

- Um dos livros que a minha tia Luísa me mandou quando era pequenina tinha uma lareira exatamente como esta! A minha mãe contava-me que em Viena as lareiras eram tão grandes, que nos dias mais frios ela punha o seu banquinho de madeira lá dentro, mesmo lá dentro, e bordava ali perto das chamas.

Sentaram-se nos bancos, e Maria chegou-se ao fogo, como se quisesse tornar mais viva a memória da imperatriz.

- Alexandre, o rei George IV tem filhos?

Alexandre negou com a cabeça:

- É uma história triste. O rei, que na altura era só regente, era pai de uma única filha, Charlotte, a herdeira que todos queriam ver rainha. Que depois casou com o príncipe Leopoldo de Saxe-Coburgo.

- Conte, o que aconteceu a seguir? - perguntou Maria, impaciente.

- Depois a princesa Charlotte ficou à espera de bebé, e o país enlouqueceu de alegria, porque era o primeiro bebé que nascia na família real há vinte e dois anos, ou seja, desde que a própria princesa nascera. Gostavam muito dela, mais do que...

- Mais do que do regente. Do regente que é agora o rei - avançou Maria, muito rápida a intuir o que ficava por dizer.

Alexandre ficou visivelmente perturbado. Era preciso ser mais diplomata, mais cauteloso nas palavras, pensou. Mas, apesar de pressentir que o colocava numa posição incómoda, Maria insistiu.

- O regente não era nada popular. Era conhecida a sua vida dissoluta, gastava muito dinheiro, e o divórcio da mulher, da mãe da princesa Charlotte, foi um processo difícil. Mas tudo isso aconteceu há mais de dez anos. Agora as pessoas gostam dele...

Maria suspeitava que o embaraço de Alexandre nascia de saber da vida agitada do seu pai e de ter medo de ferir suscetibilidades. Precisava de conhecer mais sobre a vida de George IV e da sua filha Charlotte, mas decididamente o mais velho dos filhos Palmela não era a pessoa certa para lhe dar os pormenores mais escaldantes, por isso voltou a terreno seguro:

- O que é que aconteceu ao bebé e à princesa?

- O bebé, que ainda por cima era um rapaz, nasceu morto, e a princesa morreu no dia seguinte.

Maria comoveu-se, e para esconder a cara virou-a para a lareira, e remexeu na lenha com um dos espigões de metal que encontrou

pendurados ao lado:

- Coitado do rei, e do marido... A minha mãe também morreu depois de o meu irmão ter nascido morto.

Alexandre ficou aflito. Que estúpido fora, então não estava farto de saber da morte da imperatriz Leopoldina. Maria apressou-se a tranquilizá-lo:

- Não faz mal, gosto de falar da mamãe, e ninguém quer falar comigo dela, sabe?

Alexandre, sensível, apressou-se a dizer:

- O meu pai conheceu a senhora imperatriz quando estive no Brasil, e disse que era uma senhora encantadora... Também conheceu a senhora D. Maria, que era então uma bebé de um ano, e diz sempre que era uma criança linda, de quem a sua mãe e o seu pai tinham imenso orgulho.

- O marquês conheceu-me em bebé? Não sabia, mas sim, a minha mãe falava dele, e o meu pai também, claro, mas conte-me mais coisas sobre Inglaterra. Devia ter ouvido melhor a minha mestra, mas, para dizer a verdade, tentaram ensinar-me tantas coisas ao mesmo tempo, que acho que não fixei nem uma...

- Também me acontece exatamente isso, quando me dizem coisas de mais de uma vez só. Mas conto-lhe aos bocadinhos, fique descansada - sossegou-a Alexandre.

- Quem vai herdar o trono, então? - perguntou Maria.

- Se o rei não tiver mais nenhum filho, o que é provável, dado que já tem alguma idade...

A rainha deu uma gargalhada, que desanuviou o ambiente:

- Alguma idade, Alexandre? É velhíssimo - disse, franzindo as sobrancelhas enquanto fazia contas, para acrescentar:

- O rei George tem 66 anos, não vive com a mulher e já nem sequer tem amantes...

Alexandre olhou-a, chocado. Como é que uma criança falava assim, seriam verdade todas as histórias que diziam que a vida no paço era dissoluta... Cabisbaixo, comentou:

- Aos 9 anos, todos os adultos parecem muito velhos... mas ele ainda pode ter um filho, se Deus assim o quiser.

Maria olhou-o, espantada, este rapaz era completamente ingénuo ou fazia-se?

- Aos 66 anos, duvido. Mas, e se Deus não quiser, quem vem a seguir?

Alexandre sentiu-se tentado a amuar, mas Maria fez-lhe uma careta, divertida, e o primogénito Palmela sorriu:

- Se não tiver filhos, o herdeiro será o seu irmão, o duque de Clarence, o príncipe William.

- Ah, e o duque tem filhos?

- Não, vivos não tem - rematou, contrariado, preparado já para os comentários sarcásticos da rainha.

- Pois, e esse também já tem 63 anos...

-Mas a mulher, a princesa Adelaide de Saxe-Coburgo-Meiningen, é muito mais nova do que ele. É uma história triste, porque as suas duas filhas morreram em pequeninas - disse Alexandre, que gostava muito da duquesa de Clarence.

- Então e quando ele morrer? - insistiu Maria, de novo impaciente. Porque é que o rapaz não lhe dizia logo o que lhe interessava, em lugar de se perder na genealogia da família real inglesa?

A expressão de Alexandre era misteriosa, e murmurou:

- Nesse caso, a rainha será a pequenina Vitória, filha dos duques de Kent. Porque o pai já morreu - acrescentou.

Maria entusiasmou-se:

- Pequenina, pequenina de que idade?

- Pequenina porque só tem 9 anos - disse Alexandre.

- Nove anos? Nove anos não é pequenina, Alexandre. Nove anos tenho eu, e sou rainha de Portugal.

O filho do marquês de Palmela escondeu a sua vontade de rir:

- Tem razão, senhora D. Maria. Nove anos não é pequena.

Nessa noite, Maria adormeceu a pensar na princesa que podia herdar a coroa. Queria conhecê-la: se um dia seria rainha do Império britânico, era importante que ficassem amigas... Duas mulheres no trono de dois países aliados, parecia-lhe mesmo muito bem. Decididamente, queria saber mais sobre esta Vitória.



Meu primo,

Uma nota breve, só para agradecer a sua, e que muito alento me deu. Parto dentro de dias, já está tudo tratado. Um dos criados da minha cunhada Mariana conseguiu que os meus baús de viagem fossem carregados no paquete, sob o nome falso que escolhi (e que

não revelo por segurança). Assim vou poder sair de casa apenas com uma inala pequena, para não levantar suspeitas.

É uma ilusão, porque, por muitos cuidados que se tenha, há sempre alguém que fala. Ainda ontem achei suspeita a visita da condessa de Ega, que visivelmente vinha farejar as minhas intenções, perguntando-me por diversas vezes porque me recusava a ir a todos os bailes e não aceitara o convite para um lanche em Queluz, onde a senhora D. Carlota Joaquina esperava reconciliar-se comigo. Falsos amigos, falsos todos eles.

Ao meu sobrinho Francisco ainda não disse nada, com medo de que por palavras, ou atos, traia a sua emoção, mas vou deixar-lhe uma carta em que tudo explico. Julgo que entenderá, porque pertence a unia família em que entendemos os sacrifícios pelas grandes causas.

Quanto à viagem, vai ser bem mais longa do que imaginava, porque é demasiado perigoso viajar diretamente para o destino. Terei de ir à Madeira, e de lá lhe enviarei nova carta, sem novas, certamente, porque tenciono fechar-me no camarote e sair o menos possível, a pretexto de enjoo.

Sei que Barbacena está preocupado que o governo de esquerda inglês seja, contra todas as expectativas, mais pelo absolutismo, que não defende, do que pela causa da liberdade, que advoga, mas não temos outro remédio senão confiar em Deus, e esperar que o pobre Palmela consiga o crédito que procura desesperadamente. Disse-lhe que não se preocupasse com o pagamento dos meus serviços, desde que me ofereçam o pão nosso de cada dia.

Que Deus o abençoe,

Leonor da Câmara

Lisboa, 30 de setembro de 1828

Hotel Grillon, Londres, 11 de outubro de 1828

-É a primeira vez que passo os anos do meu pai longe dele - queixou-se Maria, quando a aia a veio levantar de manhã.

Erguendo-se sobre as almofadas, estremeceu, num misto de frio e de cansaço:

-Este quarto está gelado, desde que cheguei que tenho sempre frio. Nunca mais me vou queixar do calor, como me queixava todos os dias no Rio - disse, puxando para si uma das mantas que tinha sobre a cama, pedindo a uma das criadas para lha pôr em redor dos ombros.

- Hoje não me apetece sair da cama, tragam-me aqui o pequeno-almoço - ordenou.

A aia, que tirava do armário um dos seus vestidos, olhou-a, preocupada:

- Sente-se bem, senhora D. Maria? Frio, temos todos, é uma mudança brusca de clima, e o senhor marquês de Palmela já mandou comprar mais agasalhos...

Maria olhou o dia cinzento lá fora, e teve ainda menos vontade de sair de baixo dos cobertores:

- Não estou doente, só cansada, e hoje temos a receção dos anos do papai em casa do marquês de Palmela, por isso tenho de descansar, vão ser uma tarde e uma noite longas.

Trouxeram-lhe o almoço num tabuleiro grande, mas Maria sentiu falta dos sumos e da fruta, queixou-se desta mania de beberem chá a toda a hora em vez do café com leite de que tanto gostava, e acabou de novo enrolada nos cobertores.

- Deixem-me - ordenou.

Fechou os olhos e imaginou-se a correr pela madeira polida do seu paço, em direção à varanda dos papagaios, os braços da mãe à sua espera, do cheiro a terra molhada depois das chuvas, da cor dos jacarandás e dos hibiscos, do sabor da fruta apanhada das árvores, dos primeiros passos de Pedro, dos olhos verdes de Xica, da mão de Januária na sua, e de Paula Mariana, sempre pálida mas feliz, a ler-lhe alto uma história. E como parecia estranho este ruído de cascos de cavalos e chiar de carruagens, em lugar do canto ensurdecedor das cigarras...

Os olhos encheram-se de lágrimas, não os abriu, não os queria abrir porque quando voltasse a ver aquele quarto lembrar-se-ia de que estava longe, tão longe de casa. Agora já não era Maria da Glória, a menina do pai, mas uma rainha sem reino. Pelo menos a princesa Vitória, com que nos últimos dias tanta gente a comparava, não precisava de sair de casa para ser rainha...

Maria deixou que a vestissem. A condessa de Itapagipe insistira num vestido branco, com uma faixa azul-clara que apertava atrás num grande laço, as mangas em balão, e uma gola larga de renda, meias brancas (e quentes!) e uns sapatos rasos de seda, toilette que achara demasiado infantil, mas ninguém ouvira os seus protestos. Calara-se, compreendendo que a ideia era de que surgisse aos convidados, entre eles os embaixadores de vários países da Europa, como uma menina frágil, suficientemente crescida para demonstrar carácter e convicção, mas ainda uma criança que precisava do apoio de todos para herdar o trono que o pai lhe legara.

O passeio de carruagem pelas ruas agitadas acordou-a daquela sonolência que a engolia desde manhã, como se não estivesse bem desperta e tudo não passasse de um daqueles sonhos estranhos. Quando os cavalos pararam em frente a uma casa imponente de tijolo encarnado, janelas grandes de guilhotina, um gradeamento de ferro em volta, e os degraus que levavam a uma porta grande de madeira antiga, e Maria foi envolvida por vozes de crianças, que lhe chegavam por uma das janelas abertas, sentiu-se de novo viva. A casa do marquês de Palmela, mesmo no Centro de Londres, em South Audley Street, tinha sido transformada, desde a sua chegada, numa embaixada improvisada, e o aniversário do imperador do Brasil, pai da rainha, era o pretexto para a sua primeira recepção oficial.

À porta, para a receber, em lugar do mordomo ou de um criado, estava uma mulher linda, de cabelo muito preto e sedoso e olhos muito escuros, com um sorriso acolhedor e aberto.

- É a senhora D. Eugénia, a marquesa de Palmela - disse baixinho o marquês de Barbacena, mas Maria já tinha subido as escadas depressa, irresistivelmente atraída:

- Senhora D. Maria, desculpe a confusão desta casa. Insisti com o meu marido para que a trouxesse mais cedo, porque queria apresentar-lhe os meus filhos, e que se sentisse aqui como em sua casa...

Maria sorriu-lhe, e deu-lhe a mão, sentindo-se de repente reconfortada.

- Fiquei tão contente quando ouvi as vossas vozes pela janela. Lembrei-me dos meus irmãos, sabe, sou a mais velha, e desde que me recordo vivi com a voz de meninos pequeninos à minha volta - disse, no seu português cantado do Brasil.

- Imagino as saudades que deve ter de casa - respondeu a marquesa, apertando a mão da rainha com mais força.

Maria abanou a cabeça, não se atrevendo a falar, não fosse a voz sair tremida, os anéis do cabelo a baloiçarem-lhe sobre a cara, e a marquesa de Palmela achou-a bonita, embora um bocadinho rechonchuda de mais. Talvez fossem os meses sedentários a bordo, e nesse caso depressa a comida inglesa e a idade lhe afinariam as linhas do rosto, pensou.

- Venha, entre para a sala e deixe-me apresentar-lhe os meus filhos. O meu marido prepara os discursos, adora papéis, por isso só estamos nós - disse, abrindo a porta para uma sala de paredes forradas a seda, o piano num canto, os cadeirões dourados, estofados de veludo encarnado-escuro, com um ar tão aconchegado e confortável, que Maria soltou um suspiro de satisfação. Alexandre, que já conhecia, avançou para lhe beijar a mão e a saudar, sorridente, dizendo baixinho:

- Troco a História de Inglaterra pela do Brasil, pode ser?

Maria riu, descontraído imediatamente. Queria dizer-lhe que precisava de saber mais sobre Vitória, mas a marquesa de Palmela já lhe apresentava os outros filhos:

- Prepare-se, são muitos nomes!

Eugénia, que lhe parecia muito mais velha do que ela, com 15 anos, fez-lhe uma vénia e beijou-lhe a mão. Domingos, que veio a seguir, era apenas um ano mais velho, Manuel Vicente da sua idade, e Maria Ana acabara de fazer 7 anos, o cabelo loiro quase branco e uns olhos enormes.

- A minha irmã Januária tem a sua idade, mas tem o cabelo castanho como o da sua mãe - disse Maria à criança.

Maria Ana fez-lhe uma vénia atrapalhada, e protestou:

- Mas eu gosto mais do meu cabelo!

Maria desatou a rir:

- Acho muito bem, e a Januária também gosta mais do dela, por isso estão ambas contentes - disse, aproximando-se de uma outra rapariga, que quase parecia gémea de Maria Ana.

A marquesa percebeu a interrogação:

- É a Teresinha, de 5 anos. Os meus filhos são todos muito próximos, a Isabel e a Maria já na Graça de Deus... - Por um segundo uma nuvem cobriu-lhe os olhos, mas o sorriso depressa voltou:

- Alexandre nasceu em Cádiz, Domingos e Manuel em Londres, depois Maria Ana, Teresa e Rodrigo em Lisboa, e agora Catarina e Ana de novo em Inglaterra.

A rainha observou-os, pensativa:

-Alguns são como eu, portugueses que nunca viram Portugal...

- O que importa é onde temos o coração, e o de todos nós está em Portugal - sossegou-a a marquesa. - Rodrigo, tenha calma, que já o apresento - disse, rindo para o Rodrigo de 4 anos que puxava a saia de D. Maria, e todos riram.

- Senhora D. Maria, esse menino impaciente é o Rodrigo, e aquela a Catarina, de 2 anos. Finalmente ali - disse apontando para um berço de folhos brancos - está a Ana, que fez há dias quatro meses.

Maria correu para o berço, para ver a mais pequenina dos Palmela:

- É tão bonita, posso pegar-lhe ao colo? - exclamou, entusiasmada.

A marquesa levantou a filha e passou o corpo quente da bebê para os braços de Maria, que a apertou contra si, enchendo-a de beijos.

- Lembro-me tão bem dos meus manos assim. O Pedro é o mais pequenino, mas já fez 1 ano, por isso há muito tempo que não tenho um bebê ao colo - disse a rainha, sentando-se num banco baixo.

Maria não disse que quando partira do Rio havia uma bebê lá em casa, Maria Isabel de Alcântara Brasileira, que fazia questão de ignorar. Não suportava imaginar o pequeno imperador a celebrar os seus 2 anos, rodeado das duas filhas de Domitília, quem sabe se a mais nova levada pelo pai às cavalitas, como fizera consigo...

A informalidade do almoço, com todos os Palmela mais velhos à mesa, contrastou com a formalidade da receção oficial. Sentada num verdadeiro trono, Maria estendeu, durante o que lhe pareceram horas a fio, a mão a beijar, a senhores de farda de gala, a senhoras com idade para serem suas avós, gente que disfarçava mal a curiosidade com que a olhavam.

Finalmente, o marquês de Palmela fez um discurso empolgante, mas de que Maria não conseguiu perceber nem metade, distraíndo-se a olhar para os vestidos das senhoras, os retratos dos antepassados do marquês pendurados em molduras douradas e pesadas ao longo da sala.

Depois das palmas e de terem bebido à saúde do seu pai, o marquês de Palmela fez as despedidas e permitiu que uma Maria exausta passasse à sala, onde os Palmela mais novos cantavam em redor do piano.

Maria deixou-se afundar numa cadeira confortável, e Alexandre sentou-se numa outra à sua frente, a meias com a mana Eugénia.

- Olham para mim como se fosse um dos papagaios que a minha mãe mandava do Brasil para os jardins zoológicos de Viena - queixou-se Maria.

Alexandre e Eugénia riram:

- Vossa Majestade é mesmo uma ave rara - concordou Domingos, que ouvia a conversa, encostado à cadeira do irmão mais velho, e todos desataram a rir. Maria olhou-os, surpreendida - para dizer a verdade, não estava nada habituada a que se rissem dela, e não estava certa de gostar. Sorriu por delicadeza, apenas.

Alexandre reparou imediatamente que ela amuava, e disse, preocupado:

- Não se ofenda, senhora D. Maria. O meu irmão está só a brincar. Os convidados olhavam muito para si porque queriam guardar a sua imagem, queriam poder descrever aos outros como é a rainha que todos servem mas nunca viram. Mas de si só podem dizer coisas boas...

Maria pareceu satisfeita, mas a marquesa de Palmela, que a observava discretamente, enquanto bordava junto à lareira, pensou que lhe faltavam irmãos, primos, amigos mais velhos, que lhe permitissem ir sendo contrariada com aquela franqueza de que só os da mesma idade, e muito próximos, são capazes. Uma menina-rainha, rodeada de uma corte de adultos bajuladores, poderia facilmente tornar-se obstinada e despótica. Insistiria com o marido, para que a trouxesse muitas vezes ali a casa. Estava certa de que Leonor da Câmara seria a primeira a concordar.



Meu primo,

Espero que amanhã seja de vez, porque é mais desgastaste a antecipação dos perigos do que enfrentá-los. Depois da chuva e do vento, hoje acordámos sob um céu limpo, aquele céu que só Lisboa tem, mas sem uma pinga de vento. Contudo, espera-se que amanhã haja condições para partir.

Recebi mais uma visita da condessa de Ega, que subitamente indaga por mim constantemente, e falei-lhe na ida para Valença, usando o temporal para justificar a minha demora em partir para junto da minha tia - os vapores para o Porto também têm estado impedidos de sair, e sabe Deus que viajar agora pelas estradas de lama, e infestadas de bandidos e de revoltosos de um ou de outro partido, é mais perigoso do que nos fazermos a mar alto, onde os piratas até parecem anjinhos. Julgo que a convenci, mas de qualquer maneira lisonjeia-me pensar que D. Miguel me considera uma peça tão preciosa do puzzle, ao ponto de perder tanto tempo a pensar em mim.

Sei que os meus temores se revelaram fundamentados, porque Palmeira diz-me que o duque de Wellington, embora agradado com a nossa rainha, irrita-se por considerar que a decisão de a levarmos para Londres é uma forma de os encostarmos à parede, e, como sabe, os ingleses odeiam sentir que há alguém mais esperto do que eles. Sendo assim, fingem que acreditam que a rainha está em Londres de passagem, e que em breve partirá para a Áustria, onde aguardará o casamento com o tio. Solução que, inevitavelmente, todos acham mais fácil, pobre criança, pobres de nós. Quanto aos soberanos ingleses, não avançam com o convite para conhecer a rainha, mas acredito que o impasse se deva de facto aos achaques do rei, receios agravados pelo medo de ter herdado a loucura do pai.

De qualquer forma, Palmela afirma que a correspondência entre Barbacena e lord Aberdeen, que tem a pasta dos Negócios Estrangeiros, é diária, embora cá para mim é certamente Palinela que as escreve em nome dele, não o podendo fazer no seu, já que o governo inglês teimosamente recusa-se a reconhecê-lo como

embaixador da rainha. O que demonstra uma casmurrice grande, já que D. Pedro, finalmente, e não era sem tempo, enviou a todas as embaixadas europeias tuna declaração de que abdicou na senhora D. Maria e que ela é a legítima rainha de Portugal o que devia chegar para os levar a decidir-se por ela, embora, claro, continue a haver quem arglunente que tanto uni, como o outro, são agora estrangeiros, e que D. Pedro, ao escolher o Brasil traindo Portugal, perdeu irrevogavelmente o direito à coroa portuguesa. Que mais precisam para provar aquilo que Palmela não se cansa de arglunentar, ou seja, de que Inglaterra está mais do que obrigada, pelos tratados de aliança entre os dois países, a apoiar a causa de tuna rainha a quem foi usurpado o trono? E é clara a questão, pelo menos para mim, mas a diplomacia nunca foi o meu forte, porque não gosto de águas turvas.

Espero que tudo se resolva pelo melhor, enquanto eu navego por outras águas que, com franqueza, me metem, apesar de tudo, menos medo.

Que Deus o abençoe,

Leonor da Câmara

Lisboa, 11 de outubro de 1828

Laleham House, 1 de novembro de 1828

Marfa não ficara feliz por sair do Centro de Londres, onde estava tão perto dos Palmela, das lojas e da agitação das ruas, que a fascinavam. Ficara muito espantada quando as pessoas com que se cruzava na rua lhe diziam «God bless you, my little queen», e se juntavam em pequenos grupos para a seguir (ao ponto de chegarem a ser cansativos, queixou-se a um Barbacena estupefacto), e lia e relia as notícias que iam saindo nos jornais sobre a sua chegada a Inglaterra. A sua preferida era uma crónica sobre a receção aos embaixadores, que a descrevia como «bonita e bondosa, com modos e inteligência muito superiores à idade».

Mas Barbacena queria tirá-la da cidade o mais rapidamente possível, e impor-lhe uma rotina disciplinada, que incluísse um horário apertado de estudos, aulas de dança e de música, para que a sua real pupila fizesse a melhor figura quando fosse recebida na corte.

Por isso aqui estavam, já há mais de uma semana, em Laleham House, a meia hora de carruagem de Londres, uma casa razoavelmente grande, mas a milhas de distância da pompa dos palácios por onde passara no caminho até cá.

A condessa de Itapagipe explicara-lhe que não tinham dinheiro para alugar ou comprar nenhuma daquelas casas de família, e que mesmo esta, onde a corte de vinte pessoas cabia confortavelmente, fora cedida por um tal lord Lucan, amigo do marquês de Palmela.

Maria gostava do estilo clássico da casa, de linhas direitas, com um pequeno pórtico grego sobre a porta principal, e muitas janelas, a norte e a sul, sobre o enorme parque que a rodeava. Gostava menos do horário de estudos que o tutor lhe tinha imposto. Desobedecia-lhe sempre que podia, e contava com a cumplicidade da condessa de Itapagipe, sabendo bem que ela adorava contrariar o marquês. Nos dias escuros, como o de hoje, recusava-se mesmo a levantar-se da cama, comendo chocolates e lendo novelas românticas até que uma dama a conseguisse convencer a sair para ir dar um passeio nos intervalos dos aguaceiros.

E escrevia cartas, esperando ansiosamente pelas respostas, mas até agora só a marquesa de Aguiar lhe escrevera, contando novidades do paço, das manas e de Pedro, incluindo no envelope umas pétalas das rosas da mamãe, que apesar do tempo da viagem ainda guardavam o seu perfume. Escrevera-lhe de volta, cheia de saudades, a pedir um caracol do cabelo de Xica para o seu medalhão, e a perguntar porque é que o pai não dava notícias. Desde que chegara, nem uma carta do imperador, e percebia, pela cara de Barbacena, que também os relatórios que lhe enviava todas as semanas não obtinham resposta.

«Senhora D. Francisca, o papai está bem? Não teve mais nenhum daqueles ataques que o deixam sempre tão derreado que não consegue escrever? Passa-se alguma coisa?», dissera na última, sem ousar perguntar diretamente pela «outra», e se era por causa da «outra» que o pai se esquecera dela.

Mas a marquesa de Aguiar, como sempre, soubera ler nas entrelinhas, e respondera-lhe dizendo que estava tudo bem com os manos, mas que a pequenina Maria Isabel de Alcântara Brasileira tinha morrido, com um ano e meio. Sabia que não precisava de dizer mais. Maria imaginava o pai no paço, a banda preta em redor da manga de linho da sua camisa branca, choroso e triste, sentindo-se o mais miserável dos homens, convencido de que a morte da sua filha mais nova era mais um castigo contra si. Atirara a carta à

lareira num impulso, e ficara a vê-la incendiar-se numa chama laranja viva que por minutos dava mais calor, mas depois desaparecia em farrapos pretos, e ainda tentou estender a mão para a resgatar, mas já ia tarde.

Que lhe importava que tivesse morrido a filha de Domitília, certamente castigo de Deus contra a mulher que levava a sua mãe, e o seu mano, à morte?, pensava agora, enquanto caminhava pelo quarto de um lado para o outro, sem saber o que fazer ao tempo.

Subitamente, lembrou-se do vestido verde. Do vestido verde que a costureira do Rio lhe fizera, guardado à espera do dia em que o rei a convidasse para Windsor, em que fosse apresentada à corte. Abriu as portas do roupeiro de madeira de cerejeira e olhou-o ali, entre todos os seus outros vestidos, o vestido de gala verde, pensado para lhe realçar a cor dos olhos, e a deixar irresistível. A sua raiva contida tornou-se em fúria, e como lhe sabia melhor a fúria do que a tristeza! Saiu do quarto, batendo a porta com estrondo, e desceu as escadas em direção ao escritório do marquês de Barbacena. Não bateu, as rainhas não batem à porta dos seus criados, disse para si mesma, e apanhou à secretária o seu tutor, espantado com a sua entrada repentina.

Nem tempo teve de se pôr de pé para a saudar, porque Maria disparou à queima-roupa:

- O que leva o rei George a nunca mais me convidar para Windsor? Porque é que não recebo a visita dos príncipes? Será que sabem que estou aqui, perdida no meio das vacas e das ovelhas, neste campo verde afastado de tudo?

Barbacena sentiu vontade de a mandar para o quarto de castigo, mas sabia que não podia. Inspirou profundamente e respondeu com sinceridade:

- Não sei porque é que o rei não voltou a escrever. Já pus a questão ao marquês de Palmela, que imagina que a doença de Sua Majestade o impeça de convidar a rainha de Portugal... Mas vou insistir com Freemantle, estou certo de que o convite chegará por estes dias...

Não teve tempo de dizer mais nada, porque foram interrompidos pelo toque na porta de um dos criados, que trazia uma carta com o selo real.

Maria olhou para o envelope cheia de esperança. Vinha endereçado em seu nome, e Barbacena estendeu-lho, mas Maria, repentinamente sem voz, fez-lhe sinal para que a lesse.

O marquês devorou-a de uma vez, e depois começou a traduzi-la para português:

«Mal a minha saúde o permita, teria o maior prazer em receber Vossa Majestade em minha casa, onde Vossa Majestade pode estar certa de contar com a mais cordial recepção - e aí terei a felicidade de renovar a Vossa Majestade, em pessoa, a certeza da minha consideração e afeto por si.

Minha querida irmã e prima,

O irmão afeiçoado de Vossa Majestade,

George R»

Maria olhou-o, ligeiramente irónica:

- Vou para cima rezar pela saúde do rei George IV de Inglaterra - disse, virando as costas e saindo da sala sem mais uma palavra. Barbacena controlou a vontade de lhe dar um grito. Se fosse sua filha ficava hoje sem jantar. Quisesse Deus que D. Leonor chegasse depressa e fosse, como Palmela assegurava, a mulher com a formação e o pulso necessários para velar e educar esta menina.

Olhando de novo a nota que segurava na mão, sorriu. Podia não ter data marcada, mas esta carta de George IV era o renovar de uma esperança.



Meu primo,

Escrevo-lhe todos os dias porque dou em doida se não «falar» com alguém, presa na cabina deste barco que já suporto com dificuldade. Pode sentir-se lisonjeado, porque prefiro conversar consigo, mesmo sem obter resposta, do que entabular conversa com o criado que todos os dias me traz o almoço, tun rapazito que não se cala e me receita mil mezinhas para o enjoo.

No Funchal esperava-me tuna carta de Barbacena, e soube-me bem receber notícias da nossa causa, já que os jornais da Madeira repetem apenas aquilo que Lisboa lhes dita, ainda mais radicais com medo de serem engolidos pelos liberais que, felizmente, mantêm o bastião dos Açores.

Percebi que a nossa rainha escapou por pouco a um sequestro austríaco. Para lhe dizer a verdade, estranhava a passividade do avô perante o «desvio» da neta para Londres, quando tinha tudo pronto para a receber, e uma comitiva de receção já em Génova. Não me enganei, porque o conde Lebzelttern chegou por estes dias a Londres, para reclamar a rainha. Ao que parece, a troca de palavras com Barbacena foi dura, e o delegado austríaco chorou-se dela no ombro dos ministros Wellington e Aberdeen, que, como imagina, estavam muito mais desejosos de agradar a tuna grande potência do que de fazer a vontade aos liberais de um país tão pequeno e insignificante como Portugal. Felizmente, o imperador do Brasil encontrava-se muni dos seus dias bons quando escreveu a declaração de poderes que torna Barbacena o único responsável pela filha, e, depois de a ler de trás para a frente e de frente para

trás, Aberdeen achou por bem não se meter ao barulho, e disse que, face à vontade do pai, não podia fazer nada.

O austríaco ainda tentou mexer os cordelinhos, mas a opinião pública inglesa está a favor da «little queen», e a corte também, donde o perigo dali por agora parece afastado.

Mas tome nota das minhas palavras, meu querido primo, porque asseguro-o de que quem vai desautorizar Barbacena será o próprio D. Pedro. Primeiro, porque não gosta de ser desobedecido, e segtmdo, e mais importante, porque ainda mantém a esperança de que o sogro lhe dê em casamento, se não uma outra das suas filhas, pelo menos algtnna prima.

Se a missão de Bayard, que ficou com a tarefa de encontrar uma princesa casadoira, falhar redondamente, D. Pedro mandará regressar a filha ao Brasil e destituirá o pobre do Barbacena. Tomara a mim não ser uni bocadinho cigana capaz de adivinhar o futuro.

E com esta me despeço, na consciência de que estas semanas aqui metida no porão de uni navio me devem estar a fazer mal ao juízo.

Espero que a minha próxima carta já seja de Londres.

Que Deus o guarde,

Leonor da Câmara

Alto mar, 1 de novembro de 1828

Laleham House, 3 de dezembro de 1828

Marfa estava de volta a Laleham House, depois de uns dias em casa dos marqueses de Palmela em Londres. O Dia da Independência Nacional fora o pretexto para mais um jantar na embaixada improvisada, seguido de um espetáculo de que gostara. Mas gostara, ainda mais, dos serões sentada com os filhos dos marqueses, a bordar uma bandeira para mandar entregar aos emigrados de Plymouth, em sinal da sua gratidão, e na esperança de que em breve fosse o estandarte de uma nova incursão. Durante aqueles dias pensou muitas vezes que se o tio Miguel a não tivesse rejeitado (e ainda lhe custava admitir que assim fosse), poderia ser apenas uma rainha que vai às festas, e abre os bailes, mas que depois deixa a política enfadonha para o marido e os ministros, e se rodeia de filhos tão bonitos como ela e os manos, tão bonitos como estes dez «palmelas». Mas, melhor ainda seria, pensou, se pudesse escolher um marido bonito (o tio Miguel não era nada tão bonito como o pai!), a quem amasse apaixonadamente e que fosse tão gentil com ela como era o marquês com a mulher, e já estavam casados há dezoito anos!

Sem saber porquê, recordou-se, de repente, de Alexandre. Lisonjeava-a a atenção que lhe dava, porque aos 16 anos poucos rapazes se interessam por raparigas de 9 anos, quase 10, é verdade, e mesmo sendo essa rapariga rainha, que importava ser rainha num país onde nem era convidada para um único dos palácios. E Alexandre, pelo que percebia, frequentava-os todos, e era convidado para os bailes de jovens da corte, enquanto os dias passavam e dela ninguém se lembrava.

Haviam falado de Vitória. Eugénia, a irmã de Alexandre, sabia muito mais sobre ela do que o irmão, que estava pronto a recitar a genealogia da família real inglesa, nomear os nomes das batalhas e das leis, mas parecia completamente desinteressado dos detalhes e da intriga, que, pensou Maria, era sempre divertida quando não nos tem como alvo.

Ficara a saber que a filha dos duques de Kent era órfã de pai, que morrera quando tinha apenas oito meses. Vivia num palácio chamado Kensington, nos arredores de Londres, muito protegida pela mãe, que não a deixava ir a festas promovidas pelo rei, nem chegar-se perto dos filhos bastardos do herdeiro, os seus primos Fitzclarence, alegando que a princesa precisava de mostrar ao povo que sabia bem distinguir «a virtude do vício».

Maria sentiu-se momentaneamente embaraçada - será que os Palmela sabiam que os filhos bastardos do seu pai viviam na mesma casa que ela e os irmãos, e que a mãe, tal como a duquesa de Kent, também não os queria perto dos seus filhos? Esperava sinceramente que não, ou julgá-los-iam uns selvagens, sem moral nem lei.

-E a duquesa suporta a amante? - perguntou, sem consciência de que a palavra não entrava oficialmente em casa dos Palmela.

Alexandre entrou de novo na conversa, abrindo muito os olhos em direção à irmã para que não abrisse mais a boca - era proibido falar da marquesa de Santos, e não queria que dissesse qualquer coisa que pudesse magoar a pobre rainha:

- Estes filhos são todos de uma ligação anterior ao casamento com a duquesa - e não deu detalhes sobre a atriz irlandesa que fizera o furor da má-língua da corte durante anos. Desde que casou com a princesa Adelaide, são muito felizes...

Maria voltou a conversa de novo para Vitória:

- Mas se a mãe não deixa a princesa Vitória ir à corte, e se trata mal o príncipe herdeiro, não reconhecendo os seus filhos, ele não pode escolher deixar o trono a outra pessoa?

Alexandre acenara que não com a cabeça:

- Ela tem um único primo legítimo, o príncipe George, mas é irmão de um tio mais novo do que o seu pai, por isso está ela primeiro.

Maria recordava tudo isto, olhando sem atenção um compêndio de Geografia, quando a condessa de Itapagipe entrou na sala de estudo e a chamou:

- Senhora D. Maria, o marquês de Palmela chegou, e o marquês de Barbacena pede-lhe o favor de descer.

O tom de voz da condessa era seco e duro. Maria levantou a cabeça, surpreendida, mas a condessa já virara costas, e os seus passos ecoavam no corredor.

«Foi ela que chegou», percebeu Maria. Levantou-se e foi até à janela embaciada pelo calor do quarto, abrindo com o bafo uma clareira por onde conseguia ver lá para fora. A carruagem do marquês de Palmela estava parada à porta, e os criados descarregavam dois grandes baús, que vinham presos atrás.

D. Leonor da Câmara chegara, finalmente. E a condessa de Itapagipe mostrava bem com que espírito iria receber a «rival», aquela que a partir de agora seria a aia da rainha, para além de mestra. Maria sorriu, um sorriso trocista. Era verdade que não encarava com grande entusiasmo a «disciplina» e o «rigor» que os adultos gabavam em D. Leonor, mas, por outro lado, que prazer lhe dava meter a condessa de Itapagipe na ordem, tirando-lhe o pouco poder que ainda tinha sobre o seu dia a dia. Não se esquecia, nunca se esquecia, mesmo quando prometia ao seu confessor perdoar, que D. Ana era uma escolha de Domitília.

Desceu as escadas sem pressa. A nova mestra teria de entender desde o primeiro minuto quem era a rainha, mas a verdade é que já sentia uma imensa admiração por esta mulher que se atrevera a fugir à vigilância de Miguel e da guarda, para embarcar num paquete às escondidas, só pelo desejo de a servir. Além disso, uma inimiga do seu tio era, à partida, sua amiga, com a vantagem de que lhe poderia falar de Portugal, de Portugal tal como estava, porque, afinal, como é que podia ser rainha de um país que não conhecia?

Tencionava observá-la dos pés à cabeça. Caso se parecesse com Maria Graham, aceitá-la-ia de coração aberto, como se lhe fosse enviada pela mamãe, com uns anos de atraso...

Barbacena e Palmela estavam de pé, e numa cadeira à sua frente sentava-se uma senhora alta, o cabelo preso num carrapito, e uns olhos brilhantes, ligeiramente sapudos, enrolada numa manta de xadrez encarnado, com uma chávena de chá na mão.

Quando viu Maria, levantou-se de imediato, e a expressão era de entusiasmo genuíno:

- Senhora D. Maria da Glória, que bom é encontrá-la finalmente - disse, antes que os seus anfitriões tivessem tempo de a apresentar. Depois de uma vénia, pôs-lhe as mãos nos ombros e olhou-a como quem avalia uma obra de arte:

- É ainda mais bonita do que o retrato que tenho de si.

Maria foi apanhada de surpresa:

- Tem um retrato meu? E porque é que me chamou Maria da Glória?

Leonor da Câmara voltou a deixar-se cair na cadeira:

- Desculpe, nem lhe pedi licença para me sentar, mas ainda tenho as pernas bambas pelo balouçar do paquete, e acredite que estou

farta de mar e de barcos para uma vida - ainda por cima não quis sair do camarote durante toda a viagem para não dar nas vistas, porque os espiões do senhor D. Miguel estão em todo o lado.

Maria sentiu-se contagiada pelo espírito de aventura desta senhora, que era muito mais velha do que a mãe, mas magra e ágil, com ar de quem não se importava de pegar numa espada e lutar num campo de batalha...

- Ai, desculpe, senhora D. Maria, pus-me aqui a falar e nem lhe respondi às perguntas. Sabe porque é que tenho um retrato seu? Porque me correspondia com a sua mãe e Maria Graham, ainda se lembra de Maria Graham?

Maria, invulgarmente silenciosa, acenou que sim com a cabeça, mas D. Leonor nem esperou pela resposta:

- Conheci a sua querida mãe quando estive no Brasil. Foi pouco tempo, porque depois voltei com o senhor D. João, mas continuei sempre a escrever-lhe. Por vezes pedia-me livros e eu enviava-lhos, e uma vez, imagine, mandou-me um papagaio de um amarelo-ocre...

Maria não conseguiu conter um grito de alegria:

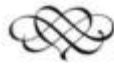
- Era para si o papagaio ocre? A mãe disse-me que era para uma amiga em Portugal, mas não me disse o nome, ou não me lembro. A minha mãe estava tão contente com aquele exemplar. Esteve na gaiola da varanda dos papagaios muito tempo, à espera de portador seguro...

Os olhos de Maria brilhavam de excitação, e Barbacena olhou discretamente para Palmela: nunca se tinham atrevido a imaginar que tudo corresse tão bem, temiam mesmo que a rainha já estivesse envenenada pela condessa de Itapagipe e pelos criados.

Depois de mais uma troca de histórias, Leonor da Câmara pôs-se de pé e estendeu a mão à rainha, naquele misto de respeito e afeto que a conquistava sempre:

- Mostra-me os meus aposentos, e vamos falando enquanto subimos as escadas e me instalo? - sugeriu.

Maria aceitou a proposta com entusiasmo, e desapareceram de mãos dadas pelas escadas acima. Barbacena, que viera até à porta do escritório vê-las subir, percebeu o barulho de portas que se fechavam no andar de cima - a condessa de Itapagipe e as amigas estavam certamente fora de si de irritação. Começavam as intrigas a sério. Desta vez a teimosia da senhora D. Maria iria ser muito útil. Ninguém a convenceria a trair uma amiga.



Meu primo,

Finalmente conheci a senhora D. Maria, e achei-a encantadora. Primeiro olhou-me como se me estivesse a avaliar de alto a baixo, e acho que consegui passar a prova, porque me recusei a adotar um estilo subserviente e desinteressante, que é o que mais tem conhecido. Percebe-se imediatamente que é tuna criança que perdeu cedo a ingenuidade em relação à Htunanidade, e faz pena perceber que desde sempre foi obrigada a procurar destrinçar se quem tem pela frente é amigo ou inimigo, se pertence ao partido do pai ou da mãe, se é uma espia infiltrada da marquesa de Santos, um inimigo miguelista, ou alguém que por outro motivo a lisonjeia para fazer uso dela.

Contudo, como lhe falei da minha ligação com a imperatriz e com lady Granam, e empolguei os perigos da minha viagem, em lugar de a tornar o centro de tudo, julgo que consegui algutuls créditos. Aceitou acompanhar-me aos meus aposentos, e quando dei por isso

estava a ajudar-me a abrir o baú onde trouxe todos os livros que quero usar para lhe ensinar mais e melhor. Olhou-os com um certo horror, e mais horrorizada ficou quando tirei da mala um relógio que me entretive a preencher durante a viagem. Entreguei-lho, como se fosse a coisa mais natural do mundo, e vi-a morder o lábio enquanto o leu, deixando entrever que está pouco habituada a rotinas de trabalho. Iremos com calma, mas com firmeza, porque, meu primo, para além de lhe querer dar a segurança e o afeto de que precisa uma menina sem mãe, não esqueço por um minuto que esta é a rainha em que depositamos toda a esperança de um Portugal mais educado, onde o progresso liberte da miséria tanta e tanta gente.

Barbacena continua o encanto de sempre, e leva a tarefa de tutor com um zelo imenso. Já me deu a ler os relatórios que faz diariamente e que todas as semanas envia ao imperador. Ontem tinha escrito que a rainha está a cada dia mais bonita, porque cresceu e está menos gorda, e tem sido tratada por um dentista de renome aqui em Londres, que lhe endireita os dentes, que cresciam sobrepostos. É, de facto, uma criança francamente bonita, mas suponho que terá tendência para engordar, como, aliás, a sua mãe, e vai competir-me vigiar a sua dieta, e controlar o cozinheiro brasileiro que veio com a comitiva do Brasil. Percebo que o calor e os costumes no Rio de Janeiro incitavam a muitas horas dentro de casa, e aqui, de facto, estamos em pleno inverno - mas vou procurar que se encontre com frequência com os pequenos Palmela, que certamente patinam no gelo, montam a cavalo e jogam ténis. Vamos ver.

Deixo a Palmela a missão de o pôr a par da situação dos emigrados e da notícia de que Wellington os quer ver dispersados, receando o que podem engendrar mil homens, alojados em más condições e sem nada que fazer, exceto imaginar conspirações e vinganças.

Preocupada também eu estou com o bloqueio que a condessa de Itapagipe e as suas «meninas» me vão fazer, mas espero, com

delicadeza, devolver a ordem a esta casa, sem grandes conflitos. A nossa pobre rainha precisa de tudo menos de vinte gatos-pingados à luta por causa dela.

Que Deus o guarde,

Leonor da Câmara

Laleham House, 10 de dezembro de 1828

Alexandre chegou com o seu pai, de surpresa. A rainha não foi capaz de esconder a alegria quando D. Leonor a chamou para lhe dizer que tinha uma visita. Quando viu o filho do marquês, sentado num dos sofás de couro da biblioteca, confortavelmente instalado a ler um livro, teve dificuldade em não se precipitar para os seus braços:

- Alexandre, veio salvar-me do tédio destas lições que nunca mais acabam - disse-lhe, a sua voz cantada a fazê-lo sorrir.

- Bom dia, senhora D. Maria, sim, vim salvá-la, e mais do que isso, a senhora D. Leonor da Câmara permitiu-me convidá-la para um passeio.

Maria olhou por cima do ombro para se certificar de que ninguém a ouvia:

- Não acredita como a vida mudou por aqui - suspirou. - Agora tudo tem horas, parece que entrei para um colégio militar - disse, com um ar de enfado que só provocou mais riso em Alexandre.

- A minha mãe disse-me que a senhora D. Maria ia demorar um bocadinho a habituar-se aos horários de D. Leonor, mas vai ver que depois gosta de tudo o que vai aprender e saber.

Maria pensou em bater o pé, zangada. Não gostava que andassem a falar dela, muito menos que a tratassem como uma criança que precisava de ser educada, muito educada era ela, por obedecer a

toda esta gente, como se não fosse uma rainha de verdade. Mas o medo de que Alexandre troçasse dela obrigou-a a engolir a ira, e a responder:

- Tenho saudades da sua mãe, e desconfio de que se engana muito. Nunca vou gostar destas lições todas, nem de voltar a passar a limpo cartas inteiras para o meu pai, só porque me esqueci de pôr uma letra aqui ou uma letra ali, e a senhora D. Leonor acha que ele se vai importar com isso.

E depois, com raiva:

- Já lhe escrevi dezenas de cartas, e o papai não respondeu a nenhuma, por isso pouco importa se o português está bom, mau, ou assim-assim...

Alexandre teve pena dela, mas desviou o assunto:

- Vamos aproveitar para sair, antes que mudem de ideias ou o meu pai seja obrigado a voltar para Londres?

Maria esqueceu a irritação, e tocou para que a criada lhe trouxesse o casaco e as luvas.

- Onde vamos? - perguntou.

- Para o jardim, porque quero ensinar-lhe uma coisa que me dizem que ainda não aprendeu - respondeu Alexandre.

- Não quero aprender nem mais uma coisa - refilou Maria, mas deixou que a criada lhe vestisse o casaco, e aceitou calçar o último grito da moda, as botas Wellington novinhas em folha que Barbacena lhe comprara - as botas de salto baixo, de pele de vaca muito suave, que a divertira saber que tinham o nome do primeiro-ministro, porque tinham sido inventadas por ele para ganhar Waterloo.

Alexandre pendurou um saco a tiracolo, em que a rainha nem reparou, e abriu uma das portas vidradas que abriam para as traseiras:

-Venha, senhora D. Maria, antes que a mandem aprender Latim ou História - troçou, e Maria, sorrindo, saltou o degrau para o jardim.

A neve muito branca contrastava com os azevinhos cheios de bagas encarnadas, e as árvores despidas pareciam dançarinas ao vento. Lá ao fundo, o pequeno lago estava gelado, mas era para ali que Alexandre a levava.

-Para onde vamos? - perguntou Maria, a tentar acompanhar-lhe o passo, feliz como há muito não estava, como se pouco lhe importasse que o rei George a convidasse ou não para Windsor, ou que o pai lhe escrevesse, ou deixasse de escrever, esquecida até de que no Rio de Janeiro era verão, e a areia das praias tão macia como a neve, só que bem mais quente.

-Vamos aprender uma coisa nova, parecida com dançar, de que sei que gosta muito - disse Alexandre.

Maria sorriu, as maçãs do rosto encarnadas do frio, os olhos mais azuis, porque o vento gelado levava-os a chorar.

-Ensinam-me a dançar para fazer boa figura quando, um dia, o rei me prestar atenção, mas pelo menos é uma coisa de que gosto mesmo - disse, subitamente despreocupada.

Alexandre sacudiu a neve de um tronco grosso, e sugeriu que Maria se sentasse. Depois abriu o saco e de lá de dentro tirou uns objetos metálicos e estranhos, que Maria reconheceu de imediato:

- Patins, patins para o gelo - gritou, excitada, ajoelhando-se ao lado dele, para lhes tocar. - Vi uma vez uns num livro que a minha

tia Maria Luísa me mandou, e a mamãe contou-me que em pequena era o que mais gostava de fazer.

Alexandre pediu-lhe que se sentasse de novo e tirasse as botas:

- Desculpe a falta de cerimónia, senhora D. Maria - mas Maria hoje estava mais do que preparada para deixar de lado todos os protocolos. Hoje, muito melhor do que ser rainha, era ser amiga de Alexandre, e aprender a patinar no gelo, como a sua mãe tinha feito em menina.

Foi a aluna mais entusiasta imaginável, e ao fim de meia hora já conseguia aguentar-se em pé por uns longos minutos, até, entre gargalhadas, se estirar no chão, para se levantar com a ajuda da mão que Alexandre lhe estendia - como gostava do conforto daquele gesto.

Da janela do primeiro andar da casa, a condessa de Itapagipe olhava a cena, comentando-a com desprezo:

- É isto que Barbacena quer? Chama uma mulher que diz ilustrada, e um dos seus primeiros gestos é deixar a rainha sozinha com um rapaz no meio de um lago, a fazer aquelas figuras? A mim ninguém me engana, tudo isto é um esquema do Palmela, que deseja a rainha apaixonada pelo seu filho, está mais do que visto. E esta Leonor da Câmara faz parte da camarilha - vociferou, despeitada.

Mas Maria queria lá saber do que se dizia entre as paredes de Laleham House. Hoje estava livre e feliz.



Meu caro primo,

Os dias avançam lentos, e confesso que há momentos em que morro de saudades de Lisboa, do meu sobrinho Francisco, do conforto da minha sala, e do sossego de tuna casa onde ninguém intrigava.

Mas hoje nem tive tempo de me perder em nostalgias, porque Palmeia chegou de manhã cedo e sem avisar. Percebi que o assunto era grave, e Barbacena teve a bondade, como tem sempre, de me incluir na reunião que se fez no seu escritório. Palmela estava lívido, e o primo sabe que fazer um embaixador empalidecer à frente de outros é sinal de coisa grave. Trazia a notícia de que um português fora apanhado pela guarda inglesa, depois de o dono de um bar o ter denunciado. O homem ébrio tratara de se gabar, ao que parece mun inglês perfeito, de que ia envenenar a rainha de Portugal. Louco, contou o plano de se introduzir na casa da rainha como ajudante de cozinha, e de colocar o veneno no prato que lhe seria servido.

A guarda revistou o seu quarto num hotel no submundo de Londres, e encontrou arsénio e imla carta com as ordens que o tresloucado repetiu, abençoada cerveja.

O criminoso sabia que só desde que eu aqui cheguei se mudara o hábito de a rainha tomar as suas refeições na mesma mesa do que todos nós, para a pôr a almoçar e jantar numa mesa sozinha, como manda o protocolo.

Tudo pareceu tão grave e tão sério, que lord Aberdeen mandou chamar o marquês e achou por bem pô-lo a par do que se passava. Palmela procurou interrogá-lo em português, mas o homem, já sóbrio, não abriu a boca, nem contou quem lhe pagava o serviço. O pobre marquês diz que teve vontade de o torturar para extorquir informação, mas nenhuma ameaça surtiu efeito. Vai passar uns tempos na cadeia, por posse do veneno, e Aberdeen prometeu a Palinela que depois disso será repatriado para Portugal, já que nada

se consegue provar - a carta é anónima, e o homem garante que o arsénio era um medicamento que lhe tinha sido receitado.

Tanto Barbacena como eu ficámos gelados com as revelações. A partir de hoje vamos voltar à mesa de Estado, e manter-nos vigilantes. O que mais me preocupa é que certamente é alguém de dentro que passa a informação. Não quero acreditar que alguém, que aqui vive connosco, e serve a rainha, conspire para a matar, mas estamos numa terra perigosa, e este aviso veio tornar reais todas as outras ameaças que Palmela e Barbacena já receberam. Palmela teme que, para além dos absolutistas mais fanáticos, haja liberais zangados com o que consideram ser o abandono do imperador do Brasil à sua causa, e se queiram vingar.

É urgente, de facto, que o rei George IV passe das palavras aos atos - se esta menina tivesse o apoio e a proteção real de uma potência como a inglesa, tudo seria mais simples. Barbacena ficou incumbido de ir a Londres apelar a Freemantle, camareiro do rei - temos de tentar a linha direta, porque a dos políticos não passa da cepa torta.

Felizmente, até para que a rainha não ouvisse nem suspeitasse desta conversa, o pequeno mais velho dos Palmela veio com o pai, trazendo recado de Eugénia, tuna nota em que me dizia que me enviava um exímio professor de patinagem no gelo para uma primeira lição à rainha. Abriu um saco e mostrou-me dois pares de patins, e confesso que dei tuna gargalhada de felicidade, coisa rara nos últimos tempos. Lembra-se que lhe disse, neste meu tagarelar por escrito, que esperava que as crianças Palmela ajudassem a rainha a integrar-se em Inglaterra, até porque muitos cresceram aqui, falam a língua e têm os costumes dos «nativos»? Pois Eugénia ajuda-me como esperava. Autorizei a rainha a ir com o jovem Alexandre, que me parece muito educado e excelente rapaz.

Voltou feliz como nunca a tinha visto, a cara rosada pelo frio. Julgo que hoje até me perdoou o horário rígido, as lições e os

trabalhos, e abraçou-me antes de se deitar. Quando a condessa de Itapagipe a veio repreender pela fraca figura que fizera no jardim «com uni homem» - é de uni falso pudor inacreditável esta amiga da famosa marquesa de Santos, querendo obviamente atingir-me a mim -, a rainha mandou-a calar-se, dizendo-lhe que tuna rainha pode receber quem quer no seu jardim, e que os maus pensamentos ficam com quem os tem. Noutra altura tê,-Ia-ia repreendido pelo seu tom altivo e sobranceiro, mas desta vez, confesso, meu primo, fingi que não ouvi. Mas lamento, lamento que estas intrigas em que esta menina cresceu a obriguem depois a recorrer ao poder e à altivez para se impor. Que outra arma tem?

Mas o que será de nós se a rainha de Portugal não souber negociar, ser flexível e ouvir? Como será se só souber cortar cabeças quando a contrariam, certa de que tem o poder todo na mão? Não é para educar tuna rainha assim, certamente, que Palmela e Barbacena a confiam a mim.

Vou ter de lhe moldar os modos, mas só o conseguirei fazer se for feliz, e se deixarem de lidar com ela com as armas da traição. Eugénia mandava também dizer que as próximas lições deveriam ser em Londres, e pediu à rainha que lhe desse a honra de lá ficar uns dias, sob o pretexto de que a senhora D. Maria deveria ajudar as filhas a bordar tuna outra bandeira.

Vou sugerir a Barbacena que nos deixe ir. Afinal, estamos tão próximos do Natal, e até a mim sabia bem um tempo com alguém em quem confio e com quem tenho o que conversar, e D. Maria só tem a ganhar por passar mais tempo num ambiente de família. Quanto a Alexandre, terei de ficar de olho naqueles dois. Vão dizer que é uni esquema do marquês, sei que vão, mas não lhe vou roubar o primeiro amigo que tem, para calar as línguas viperinas, porque essas inventarão logo outra coisa qualquer.

A carta já vai longa, meu primo, mas queria só dizer-lhe que vou tratar com mais respeito as decisões do imperador, porque,

pensando bem neste seu desejo de que a filha comesse com todos, está certamente o medo de que fosse envenenada. Sabe o senhor D. Pedro, melhor do que nós, os perigos que ele e a filha correm.

Até breve, e que Deus o guarde,

Leonor da Câmara

Laleham House, 18 de dezembro de 1828

As aulas de dança eram as suas favoritas. Uma das salas tinha sido .despida de todos os móveis, exceto do piano, que fazia parte do recheio da casa que lord Lucan cedera ao seu amigo Palmela, e o chão fora encerado, de forma a que os pés deslizassem sobre a madeira. A escolha do professor recaiu sobre aquele que dava aulas de dança à princesa Vitória, um francês exótico, acompanhado de um pianista e de um cão de colo, daqueles de orelhas pontiagudas e focinhos irritantes, sempre com um enorme laço na cabeça.

Barbacena escondia com dificuldade o riso sempre que lhe falavam «do artista e do amigo», cujas toilettes originais deixavam chocados o pobre do camarista e os criados da casa, mas divertiam todos os outros. Mas feliz, feliz, estava o professor quando trocava as botinas por umas sapatilhas pretas e rodopiava pela sala.

Maria aprendia os novos passos da quadrilha, quando um criado veio pedir desculpa por interromper, mas que a senhora D. Leonor pedia-lhe que fosse urgentemente para os seus aposentos, onde tudo lhe seria explicado.

Maria bateu o pé, zangada:

- Nunca me interrompem durante as lições de que não gosto - mas o professor consolou-a:

- Ma petite Marie - disse, informal -, espero por si o tempo que for preciso, mas vá, vá, deve ser importante.

Maria agradeceu-lhe com um dos seus magníficos sorrisos, e correu pelas escadas até ao seu quarto, onde uma D. Leonor pela primeira vez agitada dava ordens às criadas que preparassem o vestido, as meias e o xaile, enquanto ela própria tirava do estojo uma pequena caixa de blush e uma escova de cabelo:

- Senhora D. Maria, desculpe tudo isto, mas não sei o que aconteceu, não chegou o aviso a tempo, e a verdade é que o senhor Freemantle está a chegar, e vem da parte do rei George IV.

Maria bateu palmas, excitada:

- Acha que é um convite, acha que é finalmente um convite, um baile de Natal?

Leonor da Câmara sentiu vontade de responder que de George IV podia vir tudo, temperamental e hipocondríaco como era, ao ponto de a sua história fazer parecer a de D. Pedro a de um menino de sacristia, mas conteve-se:

- Acho que é o mais provável, mas agora vista-se depressa, e deixe a criada pentear-lhe o cabelo sem protestos - acrescentou no seu habitual tom, sereno e direto.

Maria levantou os braços obedientemente enquanto a criada lhe tirava o vestido de dança, e outra lhe enfiava um vestido de veludo azul, com uma faixa de um outro tom, solene e pesado, como a ocasião exige, dissera uma das aias.

Aguentou pacientemente que lhe prendessem o cabelo numa trança enrolada, deixou que lhe puxassem os cabelos da frente e os frisassem com o ferro quente, e não encheu as bochechas de ar quando lhe aplicaram um pouco de pó.

Agitou-se na cadeira, brincando nervosamente com a pulseira pousada no toucador, quando ouviu tocar à porta e anunciar a chegada do emissário real, e saiu do seu quarto, com um último

olhar para o guarda-fato, onde o vestido verde lhe parecia pedir que encontrasse uma festa digna de o usar...

«Cresci tanto, espero que ainda me sirva», murmurou para si mesma enquanto descia as escadas, «devagar, muito devagar, uma rainha não tem pressa», dizia baixinho, recordando os ensaios que fizera no seu querido Paço de São Cristóvão, sob a orientação serena da marquesa de Aguiar.

Freemantle olhou para a rainha com aprovação. Crescera, estava ainda mais bonita, e o seu amo, o rei de Inglaterra, ia gostar do que via. Recordar-lhe-ia a sua filha Charlotte, mais loira do que esta menina, mas com os mesmos olhos azuis, a pele alva, que talvez no verão fosse sardenta, e a recordação nostálgica provavelmente torná-lo-ia especialmente carinhoso e generoso, o que seria bom para a causa da rainha.

Fez uma vénia profunda e beijou a mão que Maria, com toda a naturalidade, lhe estendia.

Sentados em desconfortáveis cadeiras de costas altas, e numa sala gelada, porque não tinha havido tempo de a aquecer, e não havia dinheiro para manter tudo quente e confortável à espera de visitas que nunca chegavam, Freemantle agiu como se estivesse na mais formal das ocasiões:

- Vossa Majestade, o rei queria saber se lhe dava a honra de uma visita, nesta segunda-feira, pelas duas horas, no Palácio de Windsor.

Maria fazia algum esforço para seguir o inglês propositadamente pausado do camareiro de George IV, e percebeu o essencial.

- Se o meu tutor concordar, terei o maior prazer em aceitar - disse com o seu ar de menina mais bem-comportada do mundo.

Barbacena, que ouvia a conversa junto da janela, avançou um passo e, com uma vénia para ambos, acrescentou:

- Seria uma imensa honra...

Maria voltou a chamar sobre si a atenção:

- E o rei sente-se melhor? - perguntou, solícita.

- Bastante melhor, Vossa Majestade, suficientemente bem para cumprir o prometido, embora não garanta que esteja em forma para dançar consigo...

Maria corou, será que já sabiam que gostava de dançar?, mas manteve a calma.

- Conversaremos, então, e pode mostrar-me as obras que fez em Windsor...

Freemantle sorriu:

- Tenho a certeza de que Sua Majestade terá todo o gosto em mostrar-lhe as novidades e toda a maquinaria que mandou instalar no palácio para o tornar mais confortável. Mas haverá muita gente que a quer conhecer.

Maria sorriu. Não tinha dificuldade nenhuma em falar com quem quer que fosse, desde que o pudesse fazer em francês. Freemantle assegurou-a de que francês estava perfeitamente bem...

Nessa noite Maria sonhou que o vestido verde era tão curto, tão curto, que D. Leonor a impedia de sair para a festa, obrigando-a a ficar na cozinha, com uma vassoura na mão. Alexandre esperava por ela na carruagem, mas ela não conseguia abrir a porta, e ele desistia de aguardar, e mandava o cocheiro seguir para Windsor.

Acordou com um salto, o suor a correr-lhe pela testa, as mãos húmidas, os soluços a baloiçarem-lhe o peito.

Ao seu lado viu Leonor da Câmara, aflita. Ouvira-a gritar o seu nome e viera a correr, um roupão atirado sobre os ombros, a camisa de noite de flanela quente à vista, os pés descalços, porque nem tempo tivera de calçar as pantufas.

- D. Leonor - disse a rainha, estendendo a mão para lhe tocar, na ânsia de se certificar se era a do sonho ou a real.

- Senhora D. Maria, estou aqui, o que foi? - disse-lhe com uma voz invulgarmente meiga, afastando as duas criadas que entretanto se tinham levantado sobressaltadas.

Maria contou-lhe o sono, atrapalhada, mas omitindo a referência a Alexandre...

Leonor da Câmara aconchegou-a nos lençóis, tapou-a melhor com o édredon de penas, e disse-lhe baixinho:

-A senhora D. Maria anda a ler demasiadas histórias da Gata Borralheira. Deixe lá que não quero ser a madrasta má, prefiro o papel de fada madrinha. Amanhã de manhã experimentamos esse vestido, para ver se lhe cabe, e se não couber a senhora D. Eugénia há de saber o nome de uma boa costureira para cá vir ajustá-lo.

Maria, num gesto invulgar, puxou a mão da senhora para si e beijou-a, deixando-a segura na sua mão durante um bocadinho. Que saudades tinha dos abraços da ama Florica, dos sorrisos da marquesa de Aguiar, do colo do pai, e das mãos do Pedrinho, presas na sua, quando aprendia a andar. Que saudades tinha de correr para a mãe, e de se afogar nos seus braços, e ali ficar fingindo que dormia, na lassidão de uma tarde na varanda dos papagaios.

As lágrimas silenciosas caíram-lhe pela cara. A sombra do dossel impedia que fossem vistas.

- Obrigada, D. Leonor - disse baixinho, e a senhora debruçou-se e beijou-lhe carinhosamente a testa:

- Durma bem, senhora D. Maria.

Caro primo,

Uma nota muito rápida, em resposta à sua carta de ontem, só para lhe confirmar que o rei George IV receberá a rainha de Portugal em Windsor, já na segunda-feira. Freemantle correspondeu ao pedido de Barbacena e disse-nos que quando informou o rei da importância de que o convite se revestia para a causa da rainha, Sua Majestade foi rápido a tomar uma decisão, esquecendo-se dos seus achaques, tal o desejo de «socorrer a donzela em perigo», ao que parece foi a expressão que usou. Temos ordens para gastar o que for necessário, para que a rainha se apresente à recepção com toda a pompa. Espero, primo, que isto seja o princípio da reviravolta de que precisamos tanto.

Até breve,

Leonor da Câmara

Castelo de Windsor, 22 de dezembro de 1828

A marquesa de Palmela e as filhas já estavam em Laleham House quando Maria acordou. Acordar, é uma forma de dizer, porque não tinha conseguido pregar olho, tal a excitação dos últimos dias.

- Passei a noite a ensaiar os passos e as vénias - disse Maria, sorrindo para Eugénia mãe e Eugénia filha.

- E os nomes, o mais difícil são os nomes - disse Eugénia filha, que estava tão excitada como a rainha, porque era também a sua primeira receção oficial.

- O marquês de Barbacena apareceu na minha sala de estudo com o retrato do rei, e dos duques de Clarence, mas só espero que o pintor não tenha sido daqueles que quer lisonjear quem lhe paga o quadro, e eu não seja capaz de reconhecer nenhum - dizia Maria, a rir.

Leonor da Câmara tranquilizou-as:

- Não é preciso decorar o nome de ninguém, vão-lhe sendo apresentados.

- Mas quando nos dizem vinte nomes de seguida fica uma nuvem preta na cabeça, e já nos parecem todos iguais. E como é suposto que seja eu a começar a conversa, porque Barbacena insistiu mil vezes que ninguém fala com a rainha sem ter sido ela a fazer uma pergunta, convém que me lembre de com quem estou a falar - respondeu Maria, preocupada.

- Agora não pense nisso, senhora D. Maria, ao seu lado estarão o meu marido e o marquês de Barbacena - disse-lhe a marquesa de Palmela. - E agora comecem a vestir-se, senão não há tempo.

Maria sentiu uma alfinetada de ciúmes. Que pena tinha de não ter ali, como Eugénia, a sua mãe, de não ir a esta receção com ela, de a ouvir dizer-lhe que era a menina mais bonita de Inglaterra e arredores.

Eugénia leu-lhe os pensamentos, e atalhou:

- Senhora D. Maria, a costureira conseguiu baixar-lhe a bainha?

A manobra de distração funcionou. Maria apontou para o vestido de seda suspenso no armário, armado e engomado, e a cara iluminou-se com um sorriso:

- Ainda teve de descer cinco centímetros, e apertou ainda um bocadinho a cintura.

Leonor da Câmara sorriu-lhe:

- Não admira que o marquês de Barbacena tenha escrito ao seu pai a dizer-lhe que está mais alta, mais magra e ainda mais bonita.

Maria fez um sorriso satisfeito, e não desviou os olhos. Era, felizmente, uma criança alegre, pensou a marquesa de Palmela, porque senão toda esta agitação em torno da sua vida tê-la-ia tornado acabrunhada e triste.

Mas de triste, de facto, a rainha de Portugal não teve nada naquela manhã de preparativos, atalhados pelo meio-dia:

- Ainda são duas horas de viagem até ao Castelo de Windsor - explicou Eugénia.

- E os vestidos vão enrodilhar-se todos, e não sei como é que esta trança em cima da cabeça vai resistir até lá - protestou Maria, que tirava e punha um colar de pérolas, sem saber se o levava ou não.

- Não o leve, senhora D. Maria, acredite que já brilha por si - disse-lhe Leonor, carinhosa, e Maria, despedindo-se dela, deu-lhe um beijo na testa:

- Tenho pena que não venha connosco, mas fique acordada, porque quando voltar conto-lhe tudo, tudo, tudo - disse naquele estilo afetuoso que tinha uma marca de quem vinha de uma terra quente, onde o toque fazia parte dos gestos do dia a dia.

Quando descia as escadas, com cuidado para não tropeçar no vestido, Maria reparou que lá em baixo, junto da porta para a rua, estava Alexandre, vestido a rigor, e tão bonito. Recebeu-a no último degrau, beijando-lhe a mão e murmurando:

- Está deslumbrante.

Maria levantou os olhos e, quando viu os dele, acreditou. E sentiu um conforto imenso dentro de si. Não sabia porquê, mas era mesmo importante que Alexandre a admirasse.

Barbacena estava mais nervoso do que Maria. Empenhara todo o seu tempo e o dinheiro que Palmela conseguira desencantar, para que a comitiva real chegasse com pompa e circunstância. «A primeira impressão conta tudo», repetia incessantemente, enquanto tratava dos detalhes. Duas carruagens reais, seguidas pela do visconde de Itabaiana, com a dos marqueses de Palmela a fechar.

Barbacena falava sem parar, como se o nervosismo lhe tivesse desatado a língua.

-Não me dê nem mais uma instrução, senão ainda desaprendo o que aprendi - disse Maria, subitamente zangada.

Barbacena inclinou a cabeça, arrependido:

- Não ligue, senhora D. Maria, vai correr tudo bem, são já manias de velho.

Maria não teve tempo de lhe responder, porque o barulho de cavalos e tombetas a fez olhar pela janela:

- A guarda de honra para nos escoltar, gosto tanto destas fardas encarnadas com botões dourados, e mais do que tudo destes barretes altos pretos, de pelo, parecem soldados de um jogo do Pedro... Já devemos estar perto. - E, colando a cara à janela, exclamou:

- Está ali em cima daquele monte, é enorme o castelo, nunca vi um castelo tão grande, tão imponente. Não admira que as obras nunca mais acabassem. - Maria não continha a excitação:

- Só espero que uma das inovações de que Freemantle nos falou seja um aquecimento para este castelo enorme, senão vou morrer de frio só com este vestido...

Barbacena deu uma gargalhada, mas nem teve tempo de responder porque as cornetas soavam, e um criado fardado abria a porta da carruagem.

O marquês de Palmela estava ao seu lado, antes que tivesse tido tempo de pensar no que devia fazer a seguir. Baixinho, disse-lhe:

-Vamos subir esta escadaria, porque o rei vai recebê-la ali em cima, no patamar. Ainda se sente doente, não está em condições de a vir receber aqui a baixo.

Mas o duque de Clarence já vinha a descer, para lhe dar o braço:

- Boa tarde, prima, fez boa viagem? - disse em francês, para alívio de Maria, que se obrigava a olhar para quem falava com ela em

lugar de para as gigantescas tapeçarias e quadros, de um luxo como nunca tinha visto igual.

- Sim, obrigada - foi tudo o que a rainha de Portugal conseguiu responder, subitamente esquecida do nome do irmão do rei, e da sua história. «Ah, já sei», recordou uns degraus mais acima, «é pai de dez filhos ilegítimos, cinco rapazes e cinco raparigas, e as duas filhas legítimas morreram...» Pelos ilegítimos não podia perguntar, não queria falar das que tinham morrido, mas de repente recordou que Alexandre elogiara com entusiasmo a princesa Adelaide:

- Gostava de conhecer a princesa Adelaide - foi capaz de dizer, já quase lá em cima.

O duque de Clarence, que adorava crianças e tinha netos «bastardos» da idade de Maria, apertou-lhe a mão com força, e inclinou-se para lhe segredar ao ouvido:

- A Adelaide está ansiosa por a conhecer. A nossa filha mais nova teria a sua idade...

Maria, felizmente, não precisou de responder, porque ali estava o rei.

- Minha pequenina rainha de Portugal! Maria, prima, que prazer em recebê-la aqui - exclamou George IV. Com a sua casaca decorada de medalhas, o rei saltitava entre um pé e o outro, efusivo, e num impulso beijou-lhe a testa. Maria pensou depressa, «velho e louco», mas deixou-se abraçar, como se fosse uma boneca.

- Linda, linda, não é linda - gritava o rei, para os cortesãos que a rodeavam. Maria olhou à volta, o coração a bater-lhe descompassadamente perante tantos rostos estranhos, mas ali estavam Palmela e Barbacena, um pouco atrás, mas como um farol à vista.

- Vamos para dentro, que se morre aqui de frio. Fechem-me essas portas, por amor de Deus - continuava o rei, dando-lhe a mão e puxando-a para um corredor a perder de vista, um tapete encarnado a meio, as paredes cheias de quadros de antepassados, nas suas molduras de ouro, os móveis tão bonitos, que lhe apetecia tocá-lhes.

- São loucos, todos loucos, minha pequena Maria, a minha família é uma família de loucos - dizia George, apontando para este e para aquele retrato -, mas nós vamos sentar-nos no sofá mais quente da sala amarela, mesmo perto da lareira, só eu e a rainha de Portugal, antes de começarmos com as apresentações.

Uma mulher bonita, olhos cinzentos, cabelo já esbranquiçado, e um colar de pérolas lindo a adornar-lhe o colo que o vestido de decote em barco deixava descoberto, aproximou-se:

-Meu querido irmão, posso quebrar o protocolo e apresentar-me?

Maria reconheceu-a imediatamente, era tal e qual a imaginava. Com uma vénia graciosa, foi a primeira a dizer:

- Princesa Adelaide...

A duquesa de Clarence comoveu-se:

- Meu Deus, no meio de toda esta confusão, sabe quem sou.

E puxando-a para si, abraçou-a:

- Está tão bonita, minha pequenina, e que bem lhe fica esse verde. Temos muito que conversar.

Mas o rei tirou-lhe Maria dos braços, e reivindicou:

- Aqui o rei sou eu - disse com um sorriso trocista -, e é comigo que a nossa prima-rainha vai conversar. Estive a tentar convalescer

mais depressa para a poder receber, para a Adelaide me roubar já a companhia?

Maria sorriu-lhe, ligeiramente assustada com tanta efusividade - teria de lembrar a Barbacena que esta família real não se comportava como os outros ingleses -, deixando que o rei a arrastasse para uma sala imponente, o sofá prometido, um de entre muitos, junto da lareira.

Sentou-se primeiro o rei, que, batendo na almofada ao lado, insistiu que ficasse bem perto, enquanto os convidados iam enchendo a sala, todos de pé, até que George IV se decidisse a mandá-los sentar. Mas ao rei eram-lhe indiferentes os calos das senhoras, ou o reumático dos senhores, por isso não disse nada, entretido que estava a pedir a Maria que lhe contasse a história da sua vida. A rainha começou por recitar aquilo que Barbacena lhe recomendara, mas em breve já se tinha esquecido do guião e falava abertamente, os gestos infantis a acompanharem as descrições das plantas e dos animais do seu Brasil natal, as graças das suas irmãs mais pequenas, as histórias da mãe.

George IV, por seu lado, mostrava-lhe as três ordens portuguesas que recebera, dadas pelo «bom rei João VI», pela ajuda a Portugal.

- Fomos fiéis a Portugal, como manda a aliança, e faremos tudo para que o seu tio deixe o trono que lhe roubou e o devolva à menina-rainha que a ele tem direito.

Maria respondia com um sorriso contente.

- Vai ver que vai ser rápido - continuava o rei, e Barbacena e Palmela, que se tinham colocado estrategicamente perto para ouvir fragmentos do que se dizia, olharam um para o outro, satisfeitos.

Maria, que perdera por momentos a postura rígida de «pupila» de Barbacena, perguntou:

- Mas o seu governo não pensa o mesmo que o meu querido primo, pois não? Parecem mais inclinados para apoiar o meu tio.

O rei deu uma das suas gargalhadas históricas, que os seus súbditos conheciam bem:

- Wellington, Wellington, venha cá - disse, fazendo sinal ao primeiro-ministro, que conversava com um homem que Maria reconheceu ser Aberdeen e outros dois que nunca tinha visto.

Lord Wellington aproximou-se imediatamente, e o rei disse alto:

- Wellington, meu amigo, temos aqui uma rainha de 9 anos que está tão espantada como eu, com as incongruências do nosso sistema.

Wellington beijou a mão a Maria, escondendo para si a vontade de comentar que a idade mental de ambos seria muito próxima, mas respondeu como se estivesse realmente interessado na questão:

- Alguma dúvida que possa esclarecer, minha senhora?

Maria procurou os olhos do tutor, arrependida de ter sido tão franca, mas o rei não lhe deu tempo de hesitar:

- Repita lá, minha querida prima, o que me acabou de dizer.

Sem outro remédio, Maria endireitou as costas para se sentir maior e repetiu:

- Sua Majestade dizia-me que apoiava a minha causa, e eu disse-lhe que o rei parecia ter uma opinião e o seu governo outra...

Wellington conteve a surpresa. Não estava decididamente à espera de uma pergunta destas de uma criança. Olhou para Palmela e Barbacena, como que a acusá-los de terem ensaiado a rainha, e os

dois marqueses entreolharam-se preocupados, desesperados por não se poderem incluir na conversa.

O rei dava gargalhadas cada vez mais altas:

- Fantástico, prima Maria, fantástico, conseguiu deixar sem pio o pomposo do meu primeiro-ministro, coisa que nem eu, nos melhores dos meus dias, consigo. Ai que não me posso rir tanto, que a hérnia nas costas não perdoa.

Apesar de desconcertada, Maria acompanhava o riso do rei com um sorriso aberto:

- Lord Wellington - disse Maria, com o seu ar mais angélico -, não queria meter-me em política, estava só a tentar perceber...

Wellington não perdeu nem a compostura, nem a ironia, e olhando para Maria, mas respondendo ao rei, retorquiu:

- Como Vossa Majestade sabe, neste país o povo não deseja colocar todo o poder nas mãos de um rei. Com boas razões...

O rei ficou subitamente zangado. Não era só o pai que mudava de humor de um segundo para o outro, pensou Maria, enquanto o soberano se punha em pé, com a ajuda de um criado atento, e dizia:

- Adiante, deixemos esta conversa para outro dia, que não me parece que a nossa pequena Maria queira saber mais nada sobre os podres da política nacional, já lhe basta estar aqui num exílio forçado. - E batendo palmas, chamou a si os convidados:

- Vamos começar as apresentações.

Durante quase uma hora, Maria, ao lado do rei, foi apresentada a um ror de gente sem fim. Não foi capaz de reter um nome, e as caras misturavam-se numa banda de narizes e olhos, cabelos e joias, como se fossem peças de um jogo que ainda estivesse por montar.

Seguiu-se um banquete, e Maria abriu a boca de espanto quando entrou na casa de jantar de Windsor, tentando guardar na memória todos os detalhes das paredes forradas de quadros, de pé-direito tão alto como nunca vira, as portas de madeira, pintadas a ouro, os reposteiros de um veludo rosa-vivo e uma claraboia imensa, por onde entrava a luz da Lua e se viam as estrelas a brilhar no céu. A mesa, de um comprimento sem fim («quem está numa ponta não faz ideia de quem se senta na outra», murmurou, espantada), cheia de comida, servida em salvas de prata e taças de cristal, tudo de um tal tamanho, que se sentiu um dos habitantes de Lilliput, nas histórias de Gulliver que a mãe lhe contava.

- Majestade, venha sentar-se nesta pequena mesa - disse-lhe a princesa Adelaide, levando-a pela mão em direção a uma mesa redonda, a única com lugares sentados. O rei, felizmente, distraíra-se a conversar com um dos seus irmãos, e a duquesa de Clarence aproveitou o espaço para lhe perguntar se estava a suportar o frio, o que aprendia nas lições, perguntas de resposta fácil, como confidenciou depois Maria a Leonor da Câmara. Maria só queria fazer uma pergunta, mas sabia que tinha de ser discreta, porque, afinal, estava perante a futura rainha de Inglaterra, quando finalmente George IV morresse e o duque de Clarence herdasse o trono.

- Não há primos da minha idade?

Adelaide respondeu sem hesitações:

- Muito poucos, mas a mais próxima do trono é uma rapariga.

Maria esperou que o seu ar de surpresa parecesse genuíno:

- Uma rapariga, como eu?

Adelaide pensou «se te contasse que só George IV tem vinte e cinco filhos ilegítimos e quando casei o meu marido já tinha dez filhos de uma atriz, todos eles aqui presentes hoje, para não falar

nos netos com que se deleita», mas manteve a voz segura, e até meiga, quando respondeu:

- Sim, Alexandrina Vitória, Drina como lhe chamamos, e que tem a sua idade.

Maria olhou em seu redor, ansiosa:

- Está cá? Gostava de a conhecer.

Adelaide fez um sorriso enigmático:

- Foi convidada, mas hoje não está. O meu cunhado morreu, e Drina vive um pouco afastada da corte, porque a sua mãe não acha que sejamos boa companhia...

Maria sobressaltou-se. Como é que era possível que a única herdeira do trono de um Império poderoso como este não se desse com os tios a que iria suceder.

Adelaide riu-se do ar espantado da rainha de Portugal:

- As famílias, e as famílias com poder, nunca são assunto fácil, como a minha querida sabe...

Maria anuiu com a cabeça, e pensou que se calhar a princesa nem sabia o quanto, e Adelaide continuou:

- O pai de Vitória, o duque de Kent, era irmão do meu marido e do rei, evidentemente. Um homem encantador, que casou com uma das irmãs do príncipe Leopoldo.

- Leopoldo de Coburgo, viúvo da princesa Charlotte - disse Maria, rápida.

Adelaide pareceu satisfeita:

- Vejo que tem estudado a nossa História.

Maria sentiu-se atrapalhada - se dissesse que sim, talvez Adelaide não lhe contasse mais nada sobre Vitória... Optou pelo silêncio, que esperava passasse por modéstia, e a princesa continuou:

- A irmã do príncipe Leopoldo, Victoire, era viúva, já com dois filhos, mas apaixonou-se e casou com o meu cunhado, e ficou à espera de bebé pouco depois. Esse bebé é Vitória, que neste momento é a herdeira. Simplesmente, por motivos que agora pouco importam, após a morte do seu pai, tinha ela oito meses...

Maria exclamou, como se não soubesse de nada:

- Só oito meses? Coitada, não se deve lembrar do pai... eu pelo menos lembro-me bem da minha mãe. Tinha 7 anos quando morreu - disse, agitada.

Adelaide fez-lhe uma festa rápida:

- É triste perder os pais, quando somos ainda pequenos...

Maria não queria comover-se, e insistiu:

- Mas a princesa Vitória ficou a viver em Inglaterra?

- Vive em Londres. A mãe tem muito orgulho na filha, e Vitória vive com a mãe nos aposentos que o rei lhe cedeu no Palácio de Kensington. Tem muitas lições, como a Maria deve ter, e a duquesa de Kent só a deixa dar-se com algumas crianças que considera serem a melhor companhia para a filha...

Maria entendeu a crítica, mas não resistiu:

- Nunca sai de casa? Gostava de a conhecer...

Adelaide sorriu:

- Vou convencer o duque a darmos um baile para meninas da sua idade, e aí de certeza que a duquesa de Kent a deixa ir, mas talvez eu, antes disso, consiga convencê-la a fazer-lhe uma visita.

Talvez a cunhada, que sonhava com o dia em que Vitória fosse rainha de Inglaterra, que a preparava com os melhores professores, se sentisse seduzida a apresentar a princesa a uma criança que já era rainha, mesmo antes de ter feito 10 anos.

Maria olhou-a cheia de esperanças:

- Acha mesmo? Talvez nos pudéssemos encontrar ainda antes do Natal, talvez pudesse ir visitá-la a Kensington...

Adelaide olhou para Maria, e pensou no contraste que faziam estas duas crianças, uma rainha de nome, mas sem trono, e pelo que sabia com poucas possibilidades de o recuperar, a outra sem o nome, mas a ser preparada para herdar um Império. Mas a pequena Maria parecia-lhe uma criança mais livre, mais feliz, do que a prisioneira Vitória, que ainda dormia no quarto da mãe, e a quem só deixavam descer as escadas de mão dada com uma dama, convencendo a criança de que alguém poderia vir por trás e lançá-la pelos degraus abaixo, na tentativa de a verem desaparecer da face da Terra.

Gostava francamente de Vitória, e fazia-lhe pena vê-la fechada nos quartos do palácio, apenas com os cães e as bonecas por companhia - fazia-lhe bem brincar com outra criança, pensou, decidindo que haveria de encontrar maneira de as levar a conhecerem-se.

Apertou a mão da pequena Maria:

- Vou fazer todos os possíveis.

Mas o rei George estava de novo concentrado na sua mais recente «boneca», e chamava já mais gente à mesa, para conversarem com

ela. Depois pôs-se em pé e, levantando o copo, exclamou:

- À saúde da rainha de Portugal - e todos os convidados levantaram o copo.

Barbacena e Palmela foram os primeiros a erguê-lo. Maria viera e vencera. O sucesso da recepção estava à vista.

Era hora das despedidas. Quando Maria descia as escadas, acenando um adeus a toda a corte que se juntara para a ver partir, o rei exclamou alto para que todos o ouvissem:

- É soberba esta menina. Tanto charme, tanta compostura.

O duque de Clarence deu o braço à mulher e disse-lhe ao ouvido:

- O que ele faz para irritar a duquesa de Kent.

E Adelaide respondeu:

- Talvez seja a lição de que a nossa cunhada precise, para perceber que manter a Drina longe de nós não a vai ajudar em nada.

Mal as portas estavam fechadas, e a carruagem balouçava sobre as pedras da calçada que descia de Windsor, Maria perguntou:

- Portei-me bem?

Barbacena pegou-lhe na mão e beijou-a:

- Melhor não podia, estou muito orgulhoso de si, senhora D. Maria. Hoje mesmo vou escrever ao seu pai a contar tudo.

Maria deixou-se cair para trás, tapando-se com uma manta quente, e minutos depois estava a dormir. Só tinha pena de não ter tido nem um minuto para falar com Alexandre.



Caro primo,

A noite já vai longa, mas tinha de lhe escrever a dar notícias da primeira receção da nossa rainha pelo rei. Estava tudo preparado ao mais ínfimo detalhe, mas a rainha, diz-me Barbacena, portou-se extraordinariamente. Digo-lhe, primo, que estava linda, num vestido de crepe e seda, mangas em balão, que apertavam a partir do cotovelo, uni vestido de decote descaído. Uma mulher em miniatura, o cabelo (mais escuro pela falta de sol do que quando chegou do Brasil) alisado à frente, com uma trança enrolada e decorada com flores de diamante. Mas o melhor de tudo são as feições, tão doces e ingénuas, e a alegria rápida a iluminar-lhe a cara. Não me custa nem por um minuto acreditar que tenha conquistado toda a família real, como Barbacena garante que aconteceu. O marquês diz que a princípio parecia tímida, mas que depois a loucura do rei George a deixou mais à vontade. Loucura, foi essa a palavra que usou, e na família de Hannover qual deles é que não o é, mas que tanto pode dar para a paixão rápida, como para o ódio, e neste caso tivemos a felicidade de que o rei detestasse D. Miguel e adorasse a rainha.

Maria veio particularmente entusiasmada com a promessa que lhe foi feita, de um encontro com a pequena Drina, como lhe chamam em família.

Barbacena e Palmela ficaram entusiasmados com a ideia - o primeiro passo é sentar a nossa rainha no trono, mas tudo será mais fácil se, no futuro, a aliança dos nossos dois países fosse acompanhada por tuna amizade sólida entre as duas rainhas.

Nem os comentários irónicos de lord Wellington parecem ter arrefecido o entusiasmo de Palmela de que o soberano obrigue o governo a mudar a sua posição em relação a Portugal. Vamos ver.

Boa noite, primo, porque a vela já está a acabar, e a sua paciência para ler os relatos que lhe vou fazendo certamente também. Mas acredite, não tenho ainda aqui ninguém em quem confiar os meus pensamentos, por isso sirvo-me de si como um diário. Espero que não leve a mal, mas as suas respostas prontas animam-me a continuar.

Que Deus o abençoe,

Leonor da Câmara

Palácio de Kensington, 30 de dezembro de 1828

- **E**stá ali, está ali - disse Maria a Leonor da Câmara, que a acompanhava nesta visita não-oficial à duquesa de Kent e à princesa Vitória, que finalmente a tia Adelaide conseguira marcar.

Kensington era uma vila nos arredores de Londres, e o palácio ficava no cimo de um pequeno monte, rodeado de árvores e campos verdes.

- D. Leonor, olhe, olhe tantas chaminés, tantas alas de uma mesma casa, é como se começassem a construir numa ponta e cada um fosse acrescentando mais um bocadinho - explicava Maria. A quantidade de chaminés continuava a fasciná-la, assim como os limpa-chaminés, que via passar nas ruas, as caras chamuscadas, as vassouras com as suas pontas espetadas.

- Mas é exatamente assim, senhora D. Maria. Os palácios vão crescendo com as famílias que os vão ocupando...

- Lembro-me agora que o meu pai falava muitas vezes no Paço de Sintra, que vinha desde os mouros, e que tinha duas chaminés enormes...

Leonor assentiu com a cabeça:

- Vai gostar do Paço de Sintra. É um sítio lindo, tenho a certeza de que será um dos seus paços favoritos...

- Acha que estou bem vestida? - perguntou, de repente tímida.

- Está linda, senhora D. Maria - disse-lhe a mestra, puxando-lhe a saia do vestido branco, com uma gola de renda junto ao pescoço.

Passando as mãos no cabelo anelado, voltou a perguntar:

- E a pulseira de pedras do Brasil que lhe trazemos? Acha que vai gostar? A duquesa de Clarence disse que ela só gosta de bonecas e de cães... Eu não brinco com bonecas desde o dia em que a minha mãe morreu - disse, subitamente séria. Não ia contar a Leonor onde estava a sua boneca favorita, a Maria da Glória Pequenininha, porque senão ainda começava a chorar...

Leonor da Câmara percebeu que não era a altura de lhe perguntar porquê, e acrescentou num tom mais ligeiro:

- Podem passear no jardim, hoje está um dia lindo, e poucas meninas devem saber tanto de plantas e flores como a senhora D. Maria - disse, encorajadora. - Sabe que só agora começam a chegar a Inglaterra espécies vindas do Brasil, e da Ásia, como os hibiscos, os rododendros e as camélias de que me está sempre a falar?

Maria olhou, animada:

- Será que tem cameleiras no jardim? Ou ervas de cheiro, sei distinguir a salsa dos coentros, o que é muito difícil, e os ingleses põem hortelã em tudo, devem ter hortelã nas estufas, não?

A carruagem não parou na porta principal, e percorria agora a estrada paralela ao muro de tijolo, em direção a uma porta lateral. Maria olhou D. Leonor, subitamente de sobrolho carregado:

-Não me recebem no pátio central? - perguntou, preocupada.

-Não é falta de respeito, senhora D. Maria, mas simplesmente porque a duquesa de Kent só ocupa uma parte dos aposentos, tem apenas direito a parte de um andar, e a entrada é aqui pelo lado.

Maria abanou a cabeça, incrédula:

- Não admira que a duquesa de Kent não goste do rei e dos cunhados, D. Leonor. Tem algum sentido deixar o palácio vazio, e dar à herdeira do trono um cantinho, cujo acesso é ainda por cima pela porta dos criados? Se me perguntar, vou-lhe dizer que tem toda a razão em estar zangada.

Leonor teve vontade de se benzer de susto:

- Não se esqueça de que as suas palavras têm o peso das de uma rainha - disse, diplomata.

Mas Maria, que descia os degraus da carruagem, ripostou, amuada:

- Muito gostam de me lembrar que sou rainha quando vos convém...

«Isto pode não correr bem, isto pode não correr nada bem», murmurou para si mesma a pobre professora.

Vitória era mais pequena do que Maria, mas os seus cabelos loiros e olhos azuis eram muito parecidos com os da rainha de Portugal. Com um vestido branco de uma renda trabalhada e uma cintura delicada, marcada por uma faixa azul, parecia também mais nova e mais frágil.

Tinham sido apresentadas pela duquesa de Clarence, que depois tentara convencer a cunhada e as preceptoras de ambas as crianças a saírem com ela:

- Deixem-nas sozinhas, senão não vão ter qualquer hipótese de se conhecerem melhor - insistiu.

Leonor preparou-se para a seguir, mas a mãe e a preceptora de Vitória não arredavam pé.

- Vitória nunca fica sozinha, em circunstância alguma, por precaução - explicou a mestra Louise Lehzen, e a mãe da princesa anuiu com a cabeça:

- É demasiado importante para Inglaterra, para que possa correr perigo, e além disso tem inimigos, pobre criança.

Leonor da Câmara olhou para a duquesa de Clarence, que arregalou os olhos ao céu, com impaciência:

- Por amor de Deus, minha querida, que disparete. Inimigos? Aqui, dentro do palácio? Uma criança tem de ter algum espaço para si, estamos aqui na sala do lado...

Vitória ouviu a discussão com impaciência, e de repente bateu o pé, zangada:

- Mãe, por amor de Deus, não me envergonhe em frente destas pessoas, saia, por favor.

Maria olhou para a cara da duquesa de Kent, acreditando vê-la enfurecer-se, mas não, a mãe de Vitória parecia assustada, e pronta a pedir desculpa.

Embaraçada, justificou-se:

- Ninguém acreditaria que esta é a minha terceira filha, pela forma como manda em mim, mas é uma criança encantadora quando quer - disse, mas a verdade é que foi saindo do quarto de brinquedos, para não sofrer mais nenhum vexame. Lehzen, no entanto, não arredou pé, sentando-se num cadeirão no outro canto da sala, com um livro na mão, enquanto dizia:

- Podem ir, eu fico.

A porta fechou-se, e Maria deixou-se escorregar para o chão. Por educação, não ia dizer a esta menina arrogante que as crianças que

ainda brincam com bonecas não falam assim à mãe, mas calou-se.

Fascinada com os móveis em miniatura de cada uma das salas e quartos, as cópias ao detalhe de quadros dourados, os pratos e os talheres sobre toalhas brancas de renda, esticou a mão e começou a brincar.

- Quem é que a deixou mexer na minha casa de bonecas? - disse Vitória, altiva, mas Maria continuou a abrir portas de armários e a mexer nos vestidos em miniatura como se não a tivesse ouvido.

Vitória enfureceu-se:

- Estou habituada a que me peçam autorização antes de mexerem nas minhas coisas - insistiu.

Maria olhou-a, trocista, e, para espanto da princesa, respondeu-lhe num alemão fluente, que a apanhou desprevenida:

- Vê-se que vive sozinha, Vitória. Eu nunca tive um brinquedo em que as minhas irmãs mais novas não mexessem, e a minha mãe nunca, mas nunca, me deixaria falar assim a uma convidada em minha casa.

A pequena Vitória parou, estarrecida. «E o que se fazia agora?» Nunca ninguém, novo ou velho, se atrevera a falar-lhe assim.

- Parece-me que não lhe explicaram bem quem é que eu sou - disse, muito direita, e sem sair do mesmo sítio.

Maria, que se concentrava na cama de dossel da casinha de bonecas, sentiu a mostarda subir-lhe ao nariz, largou o que tinha na mão e pôs-se de pé de um salto, ficando dez centímetros mais alta do que a outra criança:

- Não quero ser malcriada, prima Vitória, mas parece-me que se esqueceram é de lhe dizer a si quem é que eu sou! A minha

professora disse-me que a prima era muito inteligente e estudava imenso, mas sinceramente não me parece que sirva para muito - disse, zangada, voltando a falar francês.

Vitória estava insegura. Era uma criança inteligente, habituada a ver cumprida a sua vontade à primeira, mas que se arrependia depressa dos seus excessos, que, aliás, confessava todos os domingos, antes da missa.

Porém, pedir desculpa, e pedir desculpa a outra criança, era um assunto diferente.

Tentou mais uma vez:

- Vou ser uma boa rainha. Estou a estudar para saber servir os meus súbditos, e desenvolver o país e o Império, mas não posso permitir que entrem no meu quarto e mexam nas minhas coisas - disse, batendo o pé.

Maria bateu o dela, com ainda mais força:

- E eu já sou rainha de Portugal desde os 7 anos, filha de uma arquiduquesa da Áustria, da imperatriz e do imperador do Brasil, e quando me convidam para casa de alguém não me passa pela cabeça que seja preciso estar com salamaleques e vénias, ainda por cima quando se trata de uma criança mais nova do que eu. E que nem sequer sabe se vai, ou não, um dia chegar ao trono!

Vitória olhou-a, com os seus olhos muito abertos, como se a quisesse comer, e de repente Maria deu uma gargalhada:

-A minha irmã Januária fazia essa mesma cara, eu costumava dizer que estava a fingir que era o lobo mau da história do Capuchinho Vermelho. Acabe com isso, Vitória, ou quer mesmo passar o resto da tarde sozinha nesta casa enorme? É que se não me deixa mexer em nada, vou-me já embora... Vá, mostre-me o palácio, nunca vivi num palácio deste tamanho - acrescentou num

tom mais suave, dando-lhe uma hipótese de sair airosamente da situação.

Vitória orgulhava-se de dizer a verdade, e odiava a mentira sinuosa e a lisonja com que tantos a adulavam. A forma como Maria a confrontava fascinou-a e a sua gargalhada cristalina contagiou-a:

- Quer mesmo ver o palácio? - perguntou, aproveitando a saída que Maria lhe dava.

- Quero ver a sala em que foi batizada. A minha professora disse-me que era aqui no palácio... - respondeu a rainha de Portugal.

Vitória lançou um olhar a Lehzen, e Maria olhou para a mulher que adormecera sobre o livro.

- Vamos, antes que ela acorde - disse.

Percebeu a hesitação de Vitória, mas repetiu a proposta:

- Só vamos a uma sala no palácio, nem sequer saímos destas paredes, venha, se quer sair rainha de um Império não pode ficar à espera que a sua preceptora acorde...

Vitória sentiu-se picada:

- Mas eu nem desço as escadas sem ser de mão dada com alguém, porque podem empurrar-me...

Maria olhou-a, incrédula:

- Com 9 anos?

- Não é pela idade, a minha mãe diz que é perigoso, porque há pessoas que me querem matar...

Maria olhou-a como se estivesse a ponderar a probabilidade de alguém querer assassinar a herdeira do trono:

- Não acredito nada, sabe? - disse, como se pensasse alto. - Quem é que ficaria a ganhar com a sua morte? Ninguém! Não há mais ninguém para herdar o trono, e de resto a duquesa de Clarence diz que gosta de si como de uma filha, o marido dela faz truques de magia com moedas que aparecem atrás da orelha, não me parece nada o género de mandar matar ninguém, e o seu tio, o rei, sinceramente pareceu-me bastante louco, mas falou de si com muita simpatia, e queixou-se que queria que estivesse com ele na corte, mas que a sua mãe não deixava.

Vitória olhava-a, cheia de admiração. O francês da rainha de Portugal não era grande coisa, anotou, nem a fluência das suas frases, mas fascinava-a aquela maneira tão prática de analisar os problemas.

- Vamos - disse Vitória de repente -, vou mostrar-lhe o quarto onde esteve preso o menino da selva, e o quarto das lágrimas, e a sala da cúpula onde fui batizada.

Maria saiu atrás dela, em passos leves para não acordar a preceptora alemã.

- O quarto do menino da selva? - perguntou, enquanto atravessavam salas húmidas e frias, escuras, porque as portadas estavam fechadas, com um ar abandonado - pobre princesa, o rei era mesmo um forreta se não lhes dava dinheiro para viverem melhor do que isto.

- Sim, há quase cem anos encontraram um menino numa mata aqui perto, que não sabia falar, andava nas quatro patas - e riu, pela primeira vez abertamente -, gatinhava com as pernas e os braços como os bebés, e trouxeram-no para aqui. Meteram-no naquela jaula ali - e apontou para uma jaula feita de paus, que agora estava

vazia- e chamaram médicos para o observar, e depois convidavam pessoas para virem olhar para este menino-animal, que acabou por morrer...

Maria olhou para as sombras que a luz fazia nas paredes, ligeiramente assustada:

- No Brasil havia histórias estranhas, e os escravos às vezes eram postos em jaulas como animais, a minha mãe e o meu pai não deixavam, mas nunca ouvi falar de nenhum menino da selva... coitado.

- Pois é, coitado - disse Vitória. - Mas vamos agora ver a sala das lágrimas.

Correram por mais um corredor assustador, até uma porta, que Vitória abriu. A porta de um quarto, com uma cama de dossel magnífica e, na cómoda de embutidos, estavam frascos e frascos de vidro, cada um com uma etiqueta de papel pardo.

- De quem era este quarto, de quem eram estas lágrimas? - perguntou, de repente nervosa, porque lhe lembrava de alguma maneira o quarto da mamãe no Brasil.

- Este quarto chama-se Room of Royal Sorrow, e depois traduziu para francês, o quarto dos desgostos reais...

- Mas de quem são as lágrimas? - perguntou Maria, aflita.

- Da princesa Charlotte. O tio Leopoldo quis guardar estes frascos, para nos lembrarmos das lágrimas que ela chorou durante dois dias para ter o filho, e as que chorou depois de saber que ele tinha morrido - disse Vitória, num tom dramático.

Maria sentiu-se empalidecer:

- Da sua tia Charlotte? Que morreu no dia a seguir a ter o bebé, a que teria sido rainha? - perguntou de um fôlego, recordando a história que lhe lembrava sempre as saudades da sua mãe, a brutalidade do seu pai, tudo aquilo de que fugia, tudo aquilo que queria esquecer.

Vitória olhou-a, com admiração. Afinal, ao contrário do que Lehzen lhe dissera, a rainha de Portugal não era uma ignorante, tinha a História recente de Inglaterra na ponta da língua.

- Sim, é por ela ter morrido que eu sou tão importante - respondeu com naturalidade. - Mas há dias em que gostava de não ser - confidenciou -, não gosto nada de viver aqui fechada, de nunca ir à corte, de a mãe e o Conroy, que odeio, não me deixarem ir aos bailes e dançar.

Maria fez uma pirueta, e riu:

- Gosta de dançar? É a lição de que mais gosto, e acho que o meu professor também é o seu. É francês, muito estranho mas muito simpático, que aparece sempre com uma cadelinha ridícula, de laço na cabeça.

- O mestre Syms? Não acredito! São as minhas lições favoritas também. Temos mesmo de ir a um baile e dançar até de madrugada - disse Vitória, os olhos a brilhar de entusiasmo.

- A tia Adelaide disse que ia dar um baile de meninas, e achava que a esse a sua mãe a deixava ir...

Vitória acenou que sim com a cabeça:

- Se calhar, se calhar, se for a tia Adelaide a pedir...

E de repente, preocupada:

- Vamos, vamos, porque se não chegarmos ao quarto de brinquedos antes de a Lehzen acordar, fico de castigo, e então é que não vou a baile nenhum. - E por delicadeza não acrescentou «porque acham que a rainha de Portugal é má companhia e me leva a fazer coisas perigosas».

- E a sala do seu batizado? - protestou Maria, ofegante, enquanto a tentava acompanhar.

- Conto-lhe depois - disse Vitória, levando-a direta à sala de brinquedos. Abriam a porta devagarinho, e Lehzen ainda dormia. Vitória sentou-se no chão e Maria fez o mesmo, e enquanto brincavam com a casa de bonecas Vitória contou-lhe como o rei proibira os pais de fazerem um batizado com a cerimónia que desejavam, e ainda fizera uma tal fita em relação aos nomes que lhe queriam dar.

- Não queria que fosse Vitória, como a minha mãe que é Victoire, não queria que me chamasse Georgina, porque não desejava dar-me o seu nome, não queria que me chamasse Charlotte, porque era o nome da filha, e por fim, quando o arcebispo de Cantuária já desesperava, com a água à meia hora na mão, e a minha mãe a chorar baba e ranho, lá vociferou «Pronto, ponham o nome da mãe, mas só a seguir ao do padrinho», que é o czar da Rússia, e lá fiquei Alexandrina Vitória.

- Não admira que a sua mãe deteste o rei - disse, indignada, Maria, e Vitória desta vez deu uma gargalhada:

- Ao pé de si, querida prima Maria, eu afinal nunca digo o que penso!

Nessa noite, quando se ajoelhou junto da cama para rezar à imagem de Nossa Senhora da Glória que a marquesa de Aguiar lhe dera à partida do Rio de Janeiro, Maria agradeceu a Deus ter sido a filha primogénita e muito amada de Pedro e Leopoldina, a Maria da

Glória querida dos brasileiros, e quando se deitou e fechou os olhos, o sono levou-a à varanda dos papagaios, onde a voz da mãe lhe contava todos os detalhes das festas do seu batismo, dos cantos e das danças nas ruas, dos arcos de flores, das pessoas que saíam à rua para a ver passar numa liteira decorada com galões de ouro, ao colo da sua mamãe. Que sorte tivera, suspirou, enquanto se virava para o lado e adormecia, feliz.



Meu caro primo,

Antes de mais, Bom Ano Novo. Espero que o próximo ano nos traga a mudança por que tanto esperamos. Por aqui a aceitação da nossa rainha tem sido fulgurante, e hoje acompanhei a senhora D. Maria a visitar a princesa Vitória, a esperança de Inglaterra. Para mim foi tuna visita importante, porque a conversa que mantive com a duquesa de Kent, a duquesa de Clarence e a preceptora alemã da criança foi muito elucidativa, nem sempre no melhor sentido. Se achamos que a nossa rainha vivia num ambiente conturbado e promíscuo, não sei o que dizer desta. A pobre D. Vitória vive enclausurada num palácio com algumas salas magníficas, mas que em geral está mal cuidado, bolorento e escuro, presa, e acho que o termo é bastante literal, por tuna mãe (muito encantadora, mas nervosa e assustadiça) dominada por uni homem de tuna condição social inferior e que me parece (pela conversa com a duquesa de Clarence) tuna criatura sem escrúpulos, que ao controlar a duquesa pretende controlar a futura rainha, e ganhar muito com isso.

A duquesa de Clarence, aliás, explica a ligação estreita, demasiado estreita, entre a senhora D. Vitória e a preceptora alemã como resultante da revolta que a criança sente contra o «amigo» da mãe, que, ao que parece, a trata com bastante agressividade e autoritarismo. Imagine que a preceptora alemã não a deixa um minuto sozinha (hoje, e apesar da insistência, nem aceitou sair do

quarto de brinquedos para que as duas crianças se conhecessem melhor!)., chegando ao cúmulo de lhe ler uma história enquanto se veste, para que não converse com as criadas ou com qualquer um dos seus serviçais. Como é possível que uma futura rainha cresça assim alheada do mundo, enredada numa teia de medos, que tem como único objetivo, está bom de ver, levá-la a confiar apenas nos que alegam defendê-la de tais inimigos?

No meio de tudo isto a normalidade da princesa, em si, só pode surpreender. É encantadora à vista, mais pequena do que a senhora D. Maria, e com o cabelo de um louro mais escuro, e parece-me muito inteligente e culta - perguntou-me coisas sobre Portugal que, meu primo, suspeito serem desconhecidas da nossa pequena rainha.

Mas não julgue que só a ela vi qualidades. Senti-me muito orgulhosa da nossa rainha, é segura de si, determinada, exprime-se com imensa facilidade e de forma cativante, e o seu charme e a sua simpatia permitem-lhe levar a água ao seu moinho, sem a menor dificuldade. Que os adultos ficam sempre encantados, vejo a todo o momento, mas confesso que não esperava que conquistasse a princesa da maneira como conquistou, porque tenho a certeza, pela forma como, no final do dia, a pequenina Vitória olhava para a sua prima Maria, que a nossa rainha conseguiu estabelecer uma espécie de supremacia sobre ela, talvez porque tenha trazido luz a uma existência tão escura. Porque a senhora D. Maria tem, de facto, uma alegria contagiante, uma forma confiante de se entregar às pessoas e ao futuro, sem medo, como se estivesse certa de que há um anjo da guarda que vela por ela. Não duvido de que muito desta sua maneira de ser resulta do Brasil onde nasceu, mas quanto mais a conheço mais certa estou de que o amor constante e apaixonado da sua mãe fez dela o que ela é.

Bem, vou deitar-me, que já é muito tarde, e os meus olhos acusam o cansaço de tantas horas a escrever com tão pouca luz. Peço-lhe que entregue os meus votos de Bom Ano também ao meu tio, seu pai.

E que Deus vos abençoe,

Leonor da Gâmara

Clarence House, 19 de janeiro de 1829

Alexandre não conseguia concentrar-se nos livros que tinha à frente. Pôs-se em pé, caminhou até ao quarto de vestir da irmã mais velha, onde Eugénia conversava alto com Domingos.

- E se fizessem menos barulho? Os manos pequeninos todos juntos fazem menos chinfrim do que vocês - protestou.

Mas como resposta só recebeu uma almofada atirada com força por Eugénia, e as gargalhadas de Domingos.

Num tom de quem não dava grande importância ao assunto, Alexandre perguntou:

- A que horas chega a senhora D. Maria?

Não a via desde o dia de Natal e, por inexplicável que fosse, sentia a sua falta. «Que disparate, para que é que quero mais crianças nesta casa», disse a si mesmo, com remorsos por tratar, mesmo que só no segredo da sua cabeça, a rainha de Portugal de forma tão irreverente.

-Se fizessem menos barulho tinham ouvido a carruagem chegar - disse Domingos, e Alexandre sobressaltou-se. O silêncio caiu sobre o quarto por milésimos de segundo, até que Eugénia insistiu:

- Vá lá abaixo, Alexandre, empate-a um bocadinho, porque se a mãe vê o estado em que este quarto está no dia em que recebemos a rainha, põe-nos de castigo.

Feliz com a desculpa, que ainda para mais lhe granjeava alguns créditos junto da mana, Alexandre desceu os degraus dois a dois, parando para respirar fundo e compor o casaco antes de entrar na sala, onde D. Maria já estava sentada a brincar com os mais pequeninos, soltando exclamações de alegria quando o bebé lhe fez um enorme sorriso.

- Senhora D. Eugénia, estão tão queridos. Se imaginasse o bem que me faz brincar com eles, levava-os todos os dias a Laleham House - dizia, entusiasmada, e a marquesa olhava-a, comovida.

Quem a visse no encontro mensal aos exilados, hirta e altiva, esticando a mão para a dar a beijar sem a menor hesitação, teria dificuldade em imaginá-la com um bebé ao colo, e as outras crianças pequenas a treparem-lhe por cima.

- Sabe, acho que vou ter dezenas e dezenas de filhos - dizia, fazendo rir a marquesa, que achava imensa graça a estes exageros dramáticos de D. Maria, e adorava quando se descontraía e deixava voltar o sotaque cantado às suas palavras.

Alexandre sorriu para a mãe. Também ele sentia um aperto no coração quando a via assim.

Maria pressentiu que havia mais alguém na sala e virou-se, com o bebé apertado contra si, e ao ver Alexandre exclamou:

- Olha o meu professor de patinagem, que desapareceu!

Alexandre beijou-lhe a mão e sentou-se próximo, subindo para os joelhos um dos seus irmãos.

- Bem preferia dar-lhe lições de patinagem no gelo, a ir para as aulas - respondeu, subitamente envergonhado.

- Amanhã é domingo, por isso tem de me levar ao ringue de patinagem de Hyde Park. Pode, não pode? - perguntou à marquesa,

que se desmanchou a rir.

- Amanhã logo se vê, senhora D. Maria, não sei se depois de uma tarde de baile vai ter pernas que aguentem a patinagem - respondeu.

- Ah, pois é, o baile... Alexandre, prometa que não me abandona - implorou-lhe, os olhos azuis brilhantes. - O mestre Syms diz que eu já sou capaz de dançar todas aquelas coisas, mas tenho medo de me enganar, e de repente toda aquela gente cair uma em cima da outra por minha culpa. Já estou a ver o título do Morning Chronicle.

A marquesa e o filho riram, e Alexandre deu por si a dizer:

- Estarei lá sempre ao seu lado, Vossa Majestade, mas haverá melhores partidos do que eu.

Maria nem deu pelo tom quase magoado, mas a marquesa de Palmela olhou o filho, discretamente, e ficou preocupada.

O próprio Alexandre pareceu ter-se surpreendido a si próprio, e apressou-se a acrescentar:

- Promete-me uma dança?

Maria estendeu-lhe a mão:

- Quer já? Estou a brincar, mas logo à noite por mim ficaria muito feliz de dançar todas as vezes consigo, porque pelo menos pisava os pés a um português que teria de certeza a hombridade de não se queixar.

O primo William recebera-a no hall de entrada com uma saudação efusiva, e a tia Adelaide abraçara-a com genuíno afeto, afastando-a depois para a ver melhor, elogiando-lhe o vestido branco com um decote drapeado, os ombros à vista, e o pescoço alto e sem joias, porque as meninas não usavam joias nestas tardes dançantes, que

Maria rapidamente percebeu não terem nada de desprezível, como o convite fizera crer. Como Eugénia Palmela, também Maria conseguiu convencer a preceptora a deixá-la encurtar a bainha do vestido, que deixava ver as meias brancas e as bailarinas douradas, com pequenos lacinhos.

- Vitória está cá - disse-lhe a duquesa ao ouvido, enquanto a levava para uma sala cheia de gente, velhos e novos, que se calaram quando a viram chegar. Maria esteve tentada a olhar para o chão, mas lembrou-se das recomendações de Barbacena, e manteve a cabeça erguida, correndo as caras que se voltavam para ela com curiosidade e em que depois, satisfeita, via admiração.

-Quantas pessoas estão? - perguntou Maria, baixinho, porque aos seus olhos pareciam mais de quinhentas pessoas, de entre as quais as meninas pareciam menos de metade.

Adelaide apertou-lhe o braço, encorajadoramente:

- Parece muita gente, porque ainda não as conhece. Mas olhe, Vitória está ali, a precisar de alguém com quem conversar.

Maria teve vontade de lhe acenar, mas conteve-se. Vitória, no entanto, tinha-a visto, e fez-lhe um pequeno gesto com a mão a assinalar o facto.

- Mas espere, antes disso tenho de a apresentar a tanta, tanta gente que me pediu expressamente para ter a honra de a conhecer - disse Adelaide, e durante mais de uma hora Maria fez e recebeu vénias, tentando em vão decorar os nomes mais estranhos.

A certa altura, sem saber como, reparou que Vitória estava ao seu lado. Aproveitando a oportunidade, pegou-lhe na mão e disse, com um sorriso de alívio:

-Uma cara conhecida. Vamos fugir e ver este palácio também? - propôs.

Vitória deixou a mão presa na de Maria, e puxou-a em direção a um reposteiro de veludo pesado:

- Venha, há aqui uma sala, onde podemos falar.

E puxando a cortina, entraram as duas para uma salinha forrada de estantes, cheias de livros:

- É o gabinete do meu tio William.

Maria deixou-se cair num cadeirão, os braços ao lado do corpo, os pés em cima de um banquinho, e riu:

- Estou exausta.

A princesa inglesa olhou-a com admiração. Era um bocadinho estranha esta prima rainha, tão diferente daquilo que imaginava ser quando um dia chegasse ao trono, e no entanto fascinava-a, envolta numa novela digna dos romances que lia às escondidas, em que um tio mau ficava com tudo e a heroína era obrigada a esconder-se e a lutar contra tudo e contra todos para o vencer.

- Há muita gente que também não gosta do meu tio que é rei, nem tão-pouco do irmão dele, o duque de Clarence, que vai herdar o trono a seguir - admitiu de repente.

Maria endireitou-se na cadeira, para a ver melhor:

- Como lhe disse no outro dia, os dois foram muito simpáticos comigo, mas achei o rei um bocadinho louco. O duque de Clarence parece mais normal - constatou, com franqueza, e Vitória abriu a boca, chocada:

- Dizer essas coisas do rei é traição e dá direito a cortarem a cabeça a quem as diz.

Maria pareceu ficar aflita:

- Peço imensa desculpa, não quero ofender ninguém, mas é mesmo assim, não é? E a Vitória disse que havia gente que não gostava dele, também é traição, não é?

Vitória corou, não sabia bem se de zangada ou de envergonhada, e Maria atalhou rapidamente:

- Acho que Inglaterra vai agradecer quando a Vitória for rainha, como julgo que em Portugal vão perceber que sou muito melhor do que o meu tio.

- Ele foi casado consigo, não foi? - perguntou Vitória, agora curiosa.

Maria abanou a cabeça, ligeiramente embaraçada:

- Sim, assinou os papéis e tudo, mas depois não quis casar comigo, o que de certa maneira foi uma pena, porque agora não andávamos todos a lutar uns com os outros, mas por outro - disse, pensativa - não ia resultar. Porque quero ser rainha, e se fosse meu marido, aposto que queria ser ele a decidir tudo...

Vitória olhou-a, espantada, feliz com a descoberta de que não era só ela que pensava assim:

- Quando for rainha, se for algum dia rainha - acrescentou apressadamente -, ou fico solteira como a rainha Isabel, ou só caso com um homem que saiba que é meu súbdito.

Maria deu uma gargalhada:

- Eu solteira, não quero ficar, Deus me livre, quero casar e ter muitos filhos, e além disso há coisas boas quando se dorme com um homem...

Vitória olhou-a, absolutamente chocada, mas Maria nem prestou atenção, continuando:

- E agora que posso escolher, vou escolher um príncipe lindo, cheio de charme, quem sabe se o vou encontrar hoje à noite.

E pôs-se de pé, consciente de que já estavam fugidas da sala há muito tempo.

- Venha, Vitória, vamos dançar. O mestre Syms diz que ninguém dança melhor do que a Vitória, até fiquei com um bocadinho de inveja - disse, com toda a sinceridade.

Vitória abriu um sorriso de contentamento. Era mesmo especial, esta rainha de Portugal. Seriam as duas as melhores rainhas que a História alguma vez conheceria, jurou a si mesma.

Barbacena veio ao seu encontro, zangado:

- Desapareceu, senhora D. Maria? Estou farto de a procurar.

Maria encolheu os ombros e respondeu, trocista:

- Lamento, senhor marquês, mas havia assuntos para tratar.

Barbacena sentiu aquela mistura de sentimentos que o tomavam muitas vezes quando estava próximo da rainha. «Ai se fosse minha filha», pensou, mas depois olhou para aquele rosto determinado e sentiu um enorme respeito. A menina-rainha sabia o seu lugar, e pôr os outros no lugar deles - podia condená-la por aprender bem a lição?

- A duquesa de Clarence recebeu muitos pedidos de pais ansiosos de que os filhos dancem com Vossa Majestade, mas também não sabia de si.

Maria deu-lhe o braço, e teve de se conter para não dar saltinhos de alegria:

- A sério? E são bonitos?

Felizmente, Adelaide veio ao seu encontro:

- O príncipe de Lieven, filho do embaixador da Rússia, pediu a honra da primeira dança.

Maria sentiu-se subitamente embaraçada, e olhou em volta sem saber o que procurava, até que encontrou os olhos de Alexandre, num grupo de rapazes da idade dele, e sentiu-se sossegar - pelo menos estava ali perto, pronto para a resgatar. Menos nervosa, respondeu a Adelaide:

-Espero não me enganar em nenhum dos passos - disse, enquanto a duquesa de Clarence a apresentava ao embaixador da Rússia e ao filho, que lhe fez uma profunda vénia.

Logo nos primeiros momentos da quadrilha, esqueceu todos os medos. Os pés pareciam ensinados, e a música envolvia-a completamente, ainda bem que naquela intrincada dança não havia tempo para grandes conversas, porque, para dizer a verdade, nem o nome do príncipe fora capaz de memorizar.

Cruzou-se com Vitória várias vezes, e ao dar-lhe a mão murmurou, «gostei muito da nossa conversa», e na vez seguinte foi Vitória que lhe disse «temos de nos encontrar depois disto para falar».

Quando se sentava de novo, viu Alexandre aproximar-se:

- Senhora D. Maria, dá-me a honra da próxima dança?

Maria pôs-se de pé de um salto:

- Estava a ver que nunca mais me convidava, que achava que era nova de mais para dançar consigo - disse de um sopro.

Alexandre deu-lhe o braço até junto dos outros pares:

- Sabe que idade tinha a minha mãe quando casou, que idade tinha quando eu nasci?

- Como sei que a sua mãe tem 30 anos agora, e como sei que o filho tem 16 anos, podia fazer as contas, mas se me dissesse poupava a minha cabeça - mas não diga nada da minha preguiça a D. Leonor - respondeu a rir

Alexandre riu também:

- Tinha 12 anos quando casou com o meu pai, que na altura acabara de fazer 17 anos, e ia partir para Cádiz, como embaixador. Depois, eu nasci em Espanha, tinha a minha mãe 13 anos...

Não havia mais tempo para conversar, porque a dança tinha começado, mas enquanto trocava de pares e procurava que os pés lhe obedecessem, pensava no que Alexandre lhe tinha dito. Doze anos? Onde estaria aos 12 anos? Olhou à volta. Talvez a sorte estivesse do seu lado, talvez aos 12 anos pudesse dar o seu próprio baile, no seu próprio palácio, rodeada da sua corte, e Vitória fosse uma das suas convidadas. E nessa altura teria de casar, e de dar um herdeiro ao trono, um rapaz, sim, o seu primeiro filho seria um rapaz, para que os portugueses tivessem um príncipe onde depositar a esperança, um príncipe da paz, que fosse símbolo do futuro... Naquele momento a mão de Alexandre tocou a sua, e teve vontade de que não a soltasse nunca.

Maria sentou-se na sege, ao lado do marquês de Barbacena, as maçãs do rosto ainda afogueadas, e começou a falar sem parar.

- Viu, viu que o duque de Clarence bebeu à saúde da rainha de Portugal, e que me sentaram rodeada de todos os embaixadores importantes, numa mesa só para nós?

Barbacena, que estava tão delirante como a sua rainha, acenava com a cabeça, satisfeito.

- E a senhora D. Maria está de parabéns. Soube sempre o que dizer, foi tão generosa e simpática com todos...

Maria, sem cerimónias, tirou os sapatos e puxou um pé para o esfregar:

- Tem de dizer ao meu pai que me esforcei tanto, tanto, que até tenho os pés em ferida, e a cabeça em água - disse, enquanto massajava os dedos, que tinham suportado uma longa noite numas sabrinhas douradas.



Caro primo,

Falta pouco para a meia-noite, e a nossa rainha acaba de se deitar, depois de um baile em casa dos duques de Clarence, de que veio tão entusiasmada e feliz, que me contagiou com a sua felicidade. Barbacena confirmou que, de facto, foi recebida como a convidada de honra e tratada com todas as deferências.

Nesta noite, passada aqui com os Palmela, consigo até olhar o futuro com otimismo. De facto, se somarmos a simpatia que a rainha colhe, ao facto de o imperador do Brasil ter finalmente autorizado que o marquês de Palmela fosse oficialmente nomeado ministro da Rainha, dando à nossa estadia aqui e à Causa um estatuto menos marginal, há razões de esperança. De esperança também foi a partida dos nossos soldados para a ilha Terceira, que se mantém fiel, como sempre, aos liberais, e onde obviamente Palmela quer instalar a sede do governo de D. Maria, para que se possa dizer que a rainha é já de facto rainha reconhecida em território português.

Do Brasil contamos apenas com esse gesto, porque financiamento nenhum, e o interesse do imperador continua a ser apenas pontual, que o diga o pobre Pahnela, que todos os dias contrai mais tuna dívida para nos sustentar a todos. A marquesa de Aguiar vai-me pondo a par do que por lá se passa, e pelos vistos D. Pedro continua ligado a Domitília, mais presos um ao outro do que nunca, apesar dos avisos que lhe chegam de que a ser assim não haverá pela Europa mulher nenhuma a aceitar a sua proposta. E depois não é apenas Domitília. Segundo me conta a marquesa, e Barbacena recebeu a mesma informação, o imperador continua a ter de provar a sua virilidade junto de todas as mulheres que apanha. A notícia de que teve um novo filho, valha-nos Deus, de uma tal Joana Mosquera, felizmente ainda não surgiu nos jornais por aqui, mas está confirmada, assim como a gravidez da costureira francesa, casada ainda por cima. Quando D. Maria me mostrou no outro dia o vestido verde de que tanto se orgulha, e me disse o nome de quem lho fizera, senti-me a empalidecer: o vestido de gala da rainha de Portugal é obra de usina adúltera, que traz no ventre um seu meio-irmão? Até para romance de cordel é puxado. Pelos vistos, Marescial anda a tentar apagar os fogos, ansioso por que estas loucuras não destruam o esforço daqueles que por aqui andam a tratar de encontrar um casamento. Diz-me Barbacena que agora o imperador estabeleceu inclusivamente um prémio para quem conseguir levar a bom termo a tarefa.

Mas se é preciso cumpri-la para sossegar a luxúria e o amor-próprio de D. Pedro, então de facto, meu querido primo, espero que surja por aí alguma mártir. Mas que digo, meu Deus, estou a ficar azeda e rabugenta, já para não falar de velha e coxa, que esta oportunidade e este frio constantes deram cabo das minhas articulações.

Com os desejos de um ano bom para todos aí de casa,

Leonor da Câmara

Laleham House, 20 de fevereiro de 1829

Entre gargalhadas, Maria, Alexandre e Eugénia entravam em casa depois de mais uma aula de patinagem, provavelmente a última deste ano, porque os dias pareciam finalmente estar a ficar um pouco mais quentes, quando se cruzaram com D. Leonor. A mestra de Maria apontou para a mesa da entrada, onde uma carta com as armas do imperador do Brasil esperava sobre a salva de prata da correspondência.

Maria ficou subitamente pálida, e as cores que o vento frio lhe trouxera ao rosto desapareceram:

- Uma carta do meu pai? - perguntou, a medo, e Alexandre e Eugénia discretamente passaram para a sala, pressentindo que era um daqueles momentos em que se quer estar sozinho.

- É uma carta do senhor D. Pedro - disse-lhe, sorrindo, Leonor da Câmara. - Porque é que não vai lê-la para o seu quarto de estudo, que eu explico ao Alexandre e à Eugénia que vem ter com eles à hora do almoço? Pelos livros que o Alexandre trazia debaixo do braço, deve ter muito que estudar...

Maria agradeceu, e precipitou-se para a sua sala, com a carta nas mãos trémulas. Desde que chegara esta era a primeira carta que lhe era dirigida diretamente, e sentia um misto de excitação e receio ao abri-la. Ao buraco da fechadura, como sempre, ouvira Barbacena dizer que o pai, zangado com as constantes negativas que recebia das princesas europeias, ameaçava com o regresso da filha ao Brasil, dizendo que não a queria nessa Europa onde tinham decidido

humilhá-lo a si e aos seus. Seria esta carta a ordenar-lhe que voltasse? Maria não queria voltar. Sentia saudades, é claro que sentia, e havia dias em que sentia a falta dos manós, dos hibiscos em flor, dos jacarandás incendiados de roxo pelos caminhos, da floresta impenetrável, da varanda dos papagaios, da marquesa de Aguiar e de tudo o que deixara para trás. Deixar para trás! Era essa a frase que explicava tudo: não queria voltar à estaca zero, a um palácio de São Cristóvão onde Domitília era senhora e rainha, não queria que ela, e a canalha que a rodeava, se rissem na sua cara, a tratassem como uma rainha a fingir, que só se sentava em tronos nas salas do pai.

Respirou fundo, e deixou a faca cortar o papel, abrindo o envelope. Desdobrou a folha, e a letra do pai comoveu-a: era tão impulsiva e desarrumada como a sua, e ocupava a folha sem norte ou sul, como se o escritor não controlasse a mão.

«Minha muito querida e adorada filha», leu, e pousou por momentos a carta em cima da mesa, saboreando as palavras, que parecia escutar em lugar de ler. Uns segundos depois voltou os olhos para a folha onde o imperador se queixava da falta que lhe fazia e lhe dava notícias das últimas graças de Pedro, das vezes em que as manas incessantemente lhe perguntavam quando é que a mana Maria voltava.

Mas o pai não estava contente. Estremeceu quando leu: «Se em lugar de passares tanto tempo na cama, tu estudasses, então as tuas cartas não teriam erros nenhuns.»

Sabia que não estudava tanto quanto devia, e que não tinha paciência de rever e passar as cartas a limpo, como tanto lhe recomendavam, mas era injusto dizer-lhe que ficava os dias na cama, injusto para ela, e injusto para D. Leonor, que nunca a deixaria escapar-se assim às obrigações.

Não era preciso muito para ter a certeza de que as intrigas no Paço de São Cristóvão se teciam em redor do seu pai, como sempre tinha acontecido. Não era difícil imaginar como esta informação distorcida chegava aos ouvidos do imperador: a condessa de Itapagipe escrevera a Domitília, que por sua vez deixara a nota cair, como quem não quer a coisa, para que D. Pedro a apanhasse e a lesse. Nessa altura, depois de estar segura de que absorvera o que estava escrito, taparia a boca, fingindo-se chocada, dizendo naquele seu timbre paulista duas oitavas acima: «Pedro, que menino mau, lendo carta que não é para si.»

Mas a verdadeira ameaça vinha já na linha seguinte, como pressentira: «De tudo isto te falarei à vista, pedindo contas a ti e às tuas damas.» À vista? O pai dava o seu regresso próximo como certo. Pousou a carta, foi à porta da sala e chamou, numa voz que quis controlada:

- Senhora D. Leonor, pode chegar aqui, por favor?

Ao ouvir as queixas do imperador, e a confirmação de que tencionava mandar regressar a rainha, manteve a mesma expressão:

- As cartas demoram muito a chegar ao Brasil. A senhora D. Maria já melhorou muito a sua escrita, e vai melhorar ainda mais. Na próxima não haverá razões de queixa.

Maria olhou-a, ansiosa:

- Mas o papai parece indicar que me quer de volta. Sabe de alguma coisa? O marquês de Barbacena falou-lhe de alguma data?

- Não se preocupe agora com isso. Na política tudo muda muito rapidamente, e em breve vamos ter novas dos nossos soldados na Terceira, aqueles que têm consigo a bandeira que a senhora D. Maria lhes bordou. Vamos rezar a Deus para que as próximas novas

sejam boas, e entretanto estudar mais e melhor... Mas agora tem dois convidados à espera para almoçar.

O rosto de Maria iluminou-se:

-Ai, que horror, esqueci-me que deixei o Alexandre e a Eugénia plantados.

E saiu apressada para ir ter com eles, deixando Leonor a pensar que, felizmente, a pequenina Maria da Glória tinha dentro de si o sol do país onde nascera.



Caro primo,

Uma nota rápida - a senhora D. Maria recebeu carta do pai, que lhe falou como se a partida estivesse marcada. Barbacena e Palmela receberam esta notícia com pavor, já que vem ao encontro das ameaças que o imperador também lhes fez diretamente. Para a rainha seria uma tragédia. Só aqui em Londres, e apesar das dificuldades financeiras, tem a possibilidade de receber a educação de que urgentemente precisa, tanto a formal, que cabe a mim e aos professores que Barbacena contratou, como a mais informal, aquela que só se ganha pelo convívio com gente que a tem de forma natural. Os costumes da família real inglesa, e de muitos que a rodeiam, podem-nos parecer menos recomendáveis, mas a verdade é que o nível do padrão cultural e político que aqui se respira é alto, o respeito pelas leis e pela liberdade, o avanço social, no cuidado com os mais pobres e desprotegidos, tudo isso se respira aqui.

O pai critica-lhe os erros ortográficos na imica carta que lhe escreveu, pobre criança, e são de facto inadmissíveis, e só fica bem ao imperador desejar que a filha tenha tuna educação melhor do que aquela a que ele teve acesso, mas por isso mesmo não a deve

interromper agora. É perfeitamente verdade que a rainha escreve de forma descuidada e pouco atenta, e culpo-me por não ter insistido em reler as cartas que lhe enviou, mas parecia-me unia intromissão demasiado escandalosa na sua privacidade. Entendo que a partir de agora terei de o fazer, já que D. Pedro insinua que a culpa é, também, das damas da rainha. Ou seja, minha, que sou a sua mestra. Apesar da animosidade que lhe sinto, sou obrigada a aceitar a crítica, mas não posso sentir-me bem com a insinuação que faz de que as falhas resultem da indulgência com que é tratada, nem de que seria possível que lhe permitíssemos que ficasse todo o dia na cama, como afirma. Talvez tenha acontecido antes de aqui chegar, e provavelmente a informação chegou-lhe desfasada pelo tempo. Esta, meu primo, é a minha interpretação benevolente, porque a outra é a de que nesta casa, e entre as damas da rainha, há quem me queira ver destituída. Imagino que esta partida, caso se venha a dar, me prive de continuar ao serviço da minha rainha, que a cada dia estimo mais, mas caberá sempre ao imperador avaliar da minha utilidade...

Por isso, caro primo, encontre-me uma noiva para o «Homem» como a partir de agora me vou a ele referir, que talvez assim se fique pelo Brasil, satisfeito, e nos deixe velar pela rainha.

Desculpe mais este desabafo, mas as suas respostas são sempre tão cheias e encorajadoras, que acabo por não resistir a fazer de si o meu diário.

Que Deus o abençoe, a si e ao tio,

Leonor da Câmara

Castelo de Windsor, 20 de maio de 1829

Quando Vitória entrou na sala, ficou primeiro espantada, e depois ligeiramente perturbada. O rei, vestido, como sempre, de forma exuberante e colorida, sentava-se num sofá, ao lado da rainha de Portugal, conversando animadamente, e em francês ainda por cima, rodeados por toda a família real. Pior ainda, de olhos postos em Maria estava o príncipe herdeiro dos Orleães, que achava particularmente encantador.

Quando ouviu o seu nome anunciado, George IV exclamou:

- É a minha outra querida sobrinha que chega. Tragam-ma para aqui para o sofá, que a quero do meu outro lado.

Mas a mãe de Vitória estava ainda mais perturbada do que ela, e apertando-lhe com força o ombro, esmagando os folhos do vestido de organdi que estreava para a festa, murmurou entre dentes:

- Finge que não ouviste nada. Era o que faltava, que a futura rainha de Inglaterra fosse tratada como uma boneca por aquele velho senil.

Vitória, que não sabia mentir, respondeu também baixo:

- Não fale assim, mãe. E se o rei me chama, não vou fingir que não o oiço. Largue-me o ombro, agora! - disse mais alto, e a duquesa de Kent, preocupada com o que poderia transparecer, não teve outro remédio senão sorrir para a esquerda e para a direita e, numa voz melosa, incitar a filha a ir ter com quem a chamava.

Maria sorriu-lhe, encantada. Para dizer a verdade, já não sabia o que dizer ao senhor, que ainda por cima a desconcertava com frases como «Vá lá, dê-me a patinha!», como se fosse um cãozinho. Vitória beijou a mão ao tio, sorriu-lhe, encantadora, e, vencendo o momento de ciúme, piscou o olho a Maria, dizendo:

- Se o rei nos quisesse acompanhar ao baile, ficávamos as duas muito contentes. Ensaíamos muito para este dia, não foi, prima Maria?

Maria entrou imediatamente no jogo, pondo-se também de pé, e ambas as meninas ajudaram o pobre homem a levantar-se, provocando nos presentes risos escondidos por detrás dos leques. George IV disse logo que se sentia muito lisonjeado por as entregar aos pares que as esperavam.

- Não posso dançar, infelizmente, mas sobrinho George, chega aqui e dança com a tua prima, e tu aí, Alexandre, não é como te chamas?, leva a tua rainha para esta quadrilha, e não lhe pises os pés.

Maria trocou um olhar com Alexandre, e ambos tiveram imensa vontade de rir, mas nenhum esqueceu que por ali todos os ouvidos estavam prontos a apanhar e a usar como fosse preciso qualquer comentário que pudessem fazer.

Mas Alexandre não resistiu a dizer-lhe, chegando-se o mais próximo que podia:

- Estão todos encantados consigo, Majestade. Só se ouvem comentários à sua educação e à sua beleza.

Os olhos azuis de Maria brilharam de alegria:

- Obrigada por me dizer isso - respondeu, antes de ser levada por um outro par.

«Mamãe, espero que se orgulhe de mim, espero que me olhe lá de cima e eu seja tudo o que quis que fosse», pensou baixinho. A felicidade de sentir que fora capaz de superar as expectativas de Palmela, Barbacena, D. Leonor e, também, de Alexandre, via-se na sua expressão, que encandeava.

A marquesa de Palmela ia circulando e recebendo cumprimentos, e aceitava-os como súbdita, mas por dentro sentia-os como se fosse mãe daquela rainha de 10 anos.

- É muito mais bonita e real do que Vitória, que é baixa e tem a aparência de uma criança absolutamente vulgar - ouviu comentar um dos conselheiros do rei, mas uma das convidadas era da opinião contrária:

- Que exagero, Charles, é mais baixa, admito, mas repare como dança, ou como ri e fala com as pessoas? É uma mistura encantadora de rainha e de criança, com uma forma de estar completamente diferente da portuguesa. É outra educação...

Eugénia sentiu-se estremecer de irritação. Olhavam para estas duas meninas como se fossem objetos num leilão, não tivessem alma, nem sentimentos.

Do outro lado da sala, a voz do rei interrompia a dança.

- Estou gordo e cansado e não me consigo levantar desta cadeira - dizia o rei -, mas tu, William, leva a rainha de Portugal para a ceia. Infelizmente, não posso ser eu a fazê-lo, mas já que vais herdar o meu trono, herdas também a amizade que tenho à rainha de Portugal. Se morrer logo à noite, o que espero aconteça só depois do meu cálice de vinho de Porto, bem entendido - e deu uma estrondosa gargalhada -, cabe-te a ti defender a causa desta pobre menina, a quem o troglodita e empoeirado tio roubou o trono.

Maria paralisara ao ouvir a referência ao seu nome, assustada e sem saber bem o que era esperado dela. Deveria agradecer, ir ao encontro do duque de Clarence, ou esperar que fosse ele a vir buscá-la?

Felizmente, a tia Adelaide salvou-a, aproximando-se e chamando o marido, que com humor lhe disse:

- Desculpe tirá-la dos braços de homens mais bonitos e mais novos do que eu, mas se me der a honra de a conduzir até à casa de jantar, posso pelo menos sentá-la à mesa.

Maria estampou um sorriso nervoso na cara. Esta família real deixava-a confusa e perturbada, nunca mais iria queixar-se da sua. Perdida nos seus pensamentos, não reparou que vinha em sua direção um grupo de senhoras, e quando embateu contra uma delas, escorregou e caiu no meio do chão.

Os frescos pintados no teto rodaram como se a Terra se tivesse virado ao contrário, e os candelabros pareciam mover-se como se fosse baloiços num jardim. Estonteada e assustada, começou a chorar, subitamente tão frágil e indefesa, tão longe de casa, tão perdida, e sem dar por isso esfregava a cara com os punhos como uma criança.

- Só tem 10 anos, a coitadinha - ouviu ao fundo à pequena multidão que a rodeara.

- Pobre criança, é de mais para ela toda esta atenção, toda esta responsabilidade - dizia alguém.

- Ao menos Vitória tem uma mãe que vela por ela, enquanto esta, nem mãe, nem pai - acrescentava outra pessoa.

O rosto do marquês de Barbacena surgiu por cima do seu, e os seus braços seguraram-na com força:

- Por favor, deem-lhe espaço, deixem-na respirar - e ajudou-a a levantar-se, segurando-a com força contra si.

Maria cobria a cara com os braços e soluçava:

- Tenho vergonha, tenho vergonha, agora o que é que faço?

Barbacena sentou-a numa das cadeiras vazias, sossegando-a com a sua voz serena, mas foram a marquesa de Palmela e a duquesa de Clarence que chegaram a correr e a abraçaram:

- Não tem importância, Majestade, toda a gente cai, não tem importância nenhuma - dizia a tia Adelaide, aflagando-lhe o cabelo, enquanto Eugénia lhe limpava as lágrimas e a cara, com um lenço de renda com cheiro a alfazema.

- De qualquer maneira, já é muito tarde, já dançou muito, e temos de regressar a casa porque o dia foi longo - insistiu a marquesa de Palmela, e a duquesa de Clarence anuiu:

- O meu cunhado esquece-se que isto é um baile de meninas pequenas, por muito reais que sejam. Senhora D. Maria, venha agora comigo despedir-se do rei, sem grande alarido, e vai ver que ninguém se lembra mais do que se passou.

Maria mordeu o lábio, determinada. Podia ter chorado por momentos como uma criança de 10 anos, mas não ia sair dali como se fosse um bebé a recolher aos braços da mãe. Não queria dar a ideia de que a rainha de Portugal era uma menina frágil e chorona. Nem ao rei de Inglaterra, nem a Alexandre.

Insistiu em dançar mais três danças, e depois então despedir-se. Quando saiu ainda viu Vitória, uns pés pequeninos nuns sapatos dourados de laços grandes, a rodopiar pela sala. Noutro dia falariam.



Caro primo,

Barbacena confirmou-me que a princesa Amélia Augusta Eugénia Napoleão de Leuchtenberg será a nova mulher do senhor D. Pedro. Não teve tempo de me dar grandes detalhes, porque estava a sair para o baile que George IV deu em honra da nossa rainha, mas vinha tão satisfeito que não conseguia esconder a notícia de ninguém. Devemos-lhe os parabéns, porque me disse que os esforços do primo foram fundamentais para convencer o tutor da princesa a aceitar a proposta de casamento, trabalho facilitado, ao que parece, por o rei da Baviera e a sua mulher serem inimigos de Metternich e do imperador Francisco da Áustria. Imagino que lhe terá dito que era a primeira escolha, com esse charme irresistível que os Lavradio tiveram sempre! E suponho que estará tão encantado como ele com a beleza da princesa. Mostrou-me o retrato que vai enviar para o imperador e tenho de reconhecer que, se é tão bonita (e ele diz que é mais) como o pintor a retratou, está de facto preenchido o requisito da beleza em que o senhor D. Pedro colocou tanta ênfase.

Sinto pena dela, contudo. Tem apenas 17 anos, e vai para tão longe. Só espero que o imperador a saiba respeitar, e que tenha a delicadeza de limpar a cidade das suas amantes e companheiras, mais ou menos ocasionais, para que a pobre duquesa não seja obrigada a vida semelhante à da pobre D. Leopoldina.

O contrato de casamento será assinado aqui em Inglaterra, no dia 30 de maio, e até essa data Barbacena teme que os austríacos ainda tentem intervir, porque afinal esta vai ser a madrasta do neto do imperador da Áustria, e futuro imperador do Brasil. Contudo, tendo em conta que a alternativa é deixar os infantes aos cuidados de uma

Domitília, até uma segunda mãe liberal e da «dinastia» de Napoleão lhe deve parecer tuna bênção.

Continuo com a secreta esperança de que, satisfeito e entretido com a perspectiva de uma nova esposa, o imperador desista de mandar a rainha D. Maria seguir para o Rio. A ver vamos.

Vou agora mandar preparar tuna botija quente, que apesar do mês ser de maio por aqui está frio, e um chá de tília, porque Palmela mandou um escudeiro informar-me de que a pobre senhora D. Maria deu tuna queda no baile que, embora sem nenhuma importância, a deixou frágil e desorientada.

Aguardo com ansiedade a sua versão dos acontecimentos, pedindo-lhe desde já abrigo em Paris, caso o imperador não me queira no Rio de Janeiro - mas disso falaremos mais tarde.

Que Deus o abençoe,

Leonor da Câmara

Laleham House, 29 de junho de 1829

O marquês de Palmela andava de um lado para o outro da biblioteca, os punhos fechados, como se o seu único desejo fosse esmurrar alguém, bem em cheio no nariz para o partir aos bocadinhos. O marquês de Barbacena, por seu lado, enterrava-se na poltrona de couro, o rosto abatido, e uma carta na mão. Quando Leonor da Câmara entrou com D. Maria, ambos se viraram para elas:

- Senhora D. Maria, o seu pai quer que regresse o mais rápido possível ao Brasil, na mesma fragata que levará a senhora D. Amélia para o Rio - disse Palmela, procurando que a voz lhe saísse tranquila.

Maria olhou-o, aflita. Era mais do que evidente que o seu tutor e o seu ministro discordavam da ordem do seu pai, que a achavam desastrosa mesmo, e ela não sabia o que dizer.

- Posso fazer alguma coisa para dissuadir o meu pai? - perguntou, tentando conter as lágrimas.

Barbacena acenou que não com a cabeça:

- Julgo que não, senhora D. Maria.

E tentando ser mais jovial:

- Vamos passar o inverno a um clima quente, é só isso, mas em breve estaremos de volta e, entretanto, aqui o nosso ministro vai tratando da nossa causa.

- Talvez no Brasil, mais próxima do meu pai, consiga que nos dê mais apoio, mande mais dinheiro, seja mais duro com Miguel - acrescentou Maria, olhando para Palmela, que lhe parecia ter envelhecido nestes últimos dias.

Palmela inspirou fundo, e disfarçou:

- Tem toda a razão, senhora D. Maria, vai fazer bem ao seu pai ver com os seus olhos como cresceu e está bonita, ouvi-la contar o que por cá viu e ouviu, e quem sabe, talvez lhe consiga explicar que sem o apoio do Brasil, sem o apoio do imperador, nada será possível.

Leonor da Câmara continuava calada, e subitamente Maria afligiuse:

- A senhora D. Leonor vai comigo, não vai? Não me deixe agora. Prometo que estudo tudo o que me mandar estudar, mas não quero ir sem si - implorou.

Leonor ia dizer que não conhecia as ordens do imperador, quando Maria insistiu, no seu tom mais autoritário:

- Senhor marquês de Barbacena, pouco me importa se o meu pai mandou dizer ou deixou de dizer se D. Leonor ia comigo. É uma prerrogativa da rainha decidir quem são as suas damas. E eu digo que D. Leonor vai.

E depois, aflita:

- Quer dizer, não lhe quero dar ordens a si, senhora D. Leonor.

A professora riu:

- Aceito muito bem ordens, D. Maria, sobretudo vindas de si, a quem jurei servir.

Pousando-lhe a mão carinhosamente no ombro, acrescentou:

- Nem podia ser de outra maneira, porque não quero que deixe de estudar durante os meses da viagem de regresso...

- Bem, pelo menos isso está decidido! - constatou, mais consolada. - E quando partimos?

- Nos últimos dias de agosto. Terei de representar o imperador na cerimónia do casamento, na capela do palácio dos príncipes de Leuchtenberg no dia 2 de agosto, e ainda é preciso organizar tudo. A senhora D. Amélia embarca primeiro...

Maria, angustiada, queria aquela conversa terminada, desejava acima de tudo ficar sozinha:

- Fico à espera que me diga a data. Há amigos de quem me quero despedir com tempo - acrescentou, virando-se para sair da sala.



Caro primo,

Está confirmado. Barbacena recebeu ordens e vamos partir dentro de um mês. Peço-lhe que venha até Londres, porque os dois marqueses estão devastados. Palmela vê tirarem-lhe o tapete debaixo dos pés, logo quando tudo corria pelo melhor. Mas Barbacena está mais machucado. A carta que recebeu hoje retira-lhe a guarda da rainha, imagine. Intrigas aqui da condessa de Itapagipe, que, sem nada que fazer, conspira e escreve todo o dia. Tirar a guarda da rainha a um homem que dedicou cada dia deste longo ano a proteger e a velar pela menina, é de uma injustiça que brada aos céus. E castigo, sabemo-lo, por não ter levado a rainha para Viena, supondo o senhor D. Pedro, ou querendo supor, como é seu hábito, que é por isso, e não pelos maus tratos que infligiu à filha do imperador da Áustria, que viu dificultado o seu segundo casamento. Ou talvez não tenha gostado da clareza com que Barbacena lho

disse na carta em que lhe escreveu. Agora deu a guarda da rainha ao marquês de Palma, em agradecimento pelo papel que desempenhou a desencantar-lhe D. Amélia - francamente, como o suportarei quando chegar ao Brasil, não sei, e peço-lhe, meu primo, que use de toda a sua influência para o fazer entender que tuna vez no Rio a rainha tem de ser tratada como rainha que é, com Casa própria, ou será engolida pela corte brasileira, perdendo toda a força que com tanto mérito capitalizou aqui nesta cidade, e uni pouco por toda a Europa.

Espera, há mais, acabo de receber a notícia e retomo a escrita para lha dar. Imagine que chegou carta nomeando um governo de regência em nome de D. Maria, sob a presidência de Palmela. Que sentido faz tudo isto? Tira com tuna mão, dá com a outra?

Agora mais do que nunca, peço-lhe que se lhe for possível, primo, venha até cá e apoie sobretudo Palmela, que afinal é quem fica com a batata quente na mão - vejo-o tão perturbado com as dívidas actunuladas, com a renda da embaixada que não consegue pagar, as despesas desta casa, e sobretudo com o encargo dos emigrados. São o seu nome e a sua honra que estão em jogo, mas também a segurança e a honra da mulher, que acolheu a senhora D. Maria como tuna mãe, e dos seus filhos.

Espero que me diga alguma coisa em breve.

Que Deus o traga seguro,

Leonor da Câmara

Laleham House, 25 de agosto de 1829

Marfa sentou-se frente ao último baú de viagem que faltava fechar. Pedira às criadas que a deixassem sozinha, garantiu-lhes que queria ser ela a embalar os seus objetos mais queridos.

Olhou em redor do quarto, percorrendo as paredes, parando em cada quadro, nas cortinas de flores de que tanto gostava, e depois pousou o olhar durante muito tempo nos patins que Alexandre lhe oferecera. Era uma ironia levá-los para o Brasil, talvez para deslizar pelas dunas de areia fina, pensou enquanto os cantos da boca se abriam num ligeiro sorriso, mas não era capaz de os deixar ficar. Significavam tudo o que tinha aprendido nestes meses, mas, mais do que isso, ligavam-na a Alexandre, e através dele a toda aquela família que queria guardar dentro de si. Um dia, quando Alexandre acabasse a universidade, talvez fosse ao Brasil estudar plantas e minerais, como prometera, talvez a convidasse a voltar com ele, para que de novo patinassem juntos num lago gelado de Inglaterra.

Quem sabe se isto de ser rainha não passava de uma fantasia, e estivesse antes destinada a ser mãe de onze filhos, numa chácara perdida, abandonando de vez o sonho de reinar num país que nem sequer conhecia e pelo qual, para ser verdadeira consigo mesmo, o pai se parecia interessar muito pouco.

Passou o dedo, com cuidado, pela lâmina do patim, que pousara no colo. Não tinha vontade nenhuma de conhecer a madrasta, que era pouco mais ou menos da idade de Alexandre. Custava-lhe regressar ao Rio, não só como rainha exilada, como ainda sendo

«portadora» da mulher que ia substituir a sua mãe junto do seu pai, a mulher a quem teria de chamar mãe, e que o seria de facto para os seus irmãos. Como reagiria Januária, habituada agora a ser a mais velha da casa? E Xica, não suportaria ver a sua Xica ao colo desta mulher, mais uma que o pai acolhia na sua alcova, nem tão-pouco o Pedrinho a lançar-se nos seus braços. E a pobre Paula? Certamente que, com o seu humor doce, faria tudo para que todos estivessem bem, como sempre.

Ajoelhou-se junto da mala e arrumou os patins, embrulhando-os na manta de xadrez que a duquesa de Clarence lhe dera, chorando. Ia ter saudades desta tia Adelaide, tão generosa, que a fizera prometer que lhe escreveria muitas vezes. Tinham vindo a Laleham a duquesa e o duque, que lhe disse estar envergonhado pelo facto de o governo não respeitar a promessa de ajuda à rainha legítima de Portugal, garantindo-lhe que se fosse ele o rei, as coisas seriam diferentes. Maria teve vontade de rir, porque achava o futuro rei de Inglaterra quase tão excêntrico como o irmão, embora se vestisse de cores menos garridas e não lhe pedisse a «patinha» como George IV. Decididamente, pensou, enquanto estendia a mão para a carta que ficara em cima da pequena escrivaninha, a princesa Vitória ia ser uma bênção para Inglaterra, como ela poderia ter sido (ainda poderia ser?) para Portugal.

«As mulheres sabem muito melhor o que querem do que os homens», dissera-lhe Vitória na carta que lhe escrevera, pedindo desculpa por não lhe vir dizer adeus pessoalmente, mas a mãe arrastara-a para mais uma digressão, «na esperança de aumentar a minha popularidade e de me dar a conhecer aos meus futuros súbditos, mas Maria, acredita, não há nada que mais deteste do que estes longos jantares em que sou obrigada a sorrir e a cumprimentar mil desconhecidos, ainda por cima sabendo que só me ganha o ódio dos meus tios. Mas a verdade é que, por saberem isso mesmo, os jornalistas não perdem a oportunidade de publicar as nossas viagens nos seus jornais». Despedia-se assinando Drina, e jurava escrever-lhe todas as semanas. A duquesa de Kent juntara à

carta um embrulho com um colar de corais, e um cartão em que afirmava o gosto de a ter conhecido e os votos de que voltasse em breve. Maria agradeceu-lhe, mas pediu a D. Leonor que revesse a carta, porque não queria, decididamente, fazer o papel de analfabeta que regressa à selva, como comentou com a professora, que deu uma genuína gargalhada, e nem sequer a repreendeu pelos quatro erros que encontrou. Estava tão bem-disposta desde que o primo Lavradio chegara de Paris, que até aceitara interromper as lições nestes dias que antecediam a partida.

Fechou o baú com convicção, e chamou pela criada para lhe dizer que estava pronto, aproximando-se da janela para ver carregar as carruagens que a levariam a Portsmouth, de onde partiria o Imperatriz. Que agora se chamava Amélia, recordou, torcendo o nariz. Era esta a velocidade a que, em tudo, o pai esquecia a mamãe.



Quase chorei quando hoje recebi das mãos da minha querida marquesa de Palinela este caderno, com tuna capa linda de flores secas e um cadeado de chave:

- Vai precisar de desabafar, e não há nada melhor do que um diário para o fazer - disse-me, abraçando-me com força, sabendo bem, como eu sei, que parto sem saber ao que vou, e sem ter a mais pequena ideia de quando regresso.

Ainda não parti, e já dou uso a estas páginas, que substituem por agora as cartas ao meu primo Lavradio, porque tenho a alegria de o ter aqui comigo. Aceitou o meu convite e apareceu à porta de Laleham House sem aviso, tomando rapidamente o comando da situação, permitindo que Barbacena ultimasse todos os preparativos da partida, e ainda da viagem de D. Amélia, e que Palinela tivesse alguém ao seu lado neste momento que me confessou ser o mais

angustiante da sua vida - e com o que Palinela já viveu e sofreu, é uma afirmação de peso. Percebo em absoluto as suas razões, porque, como diz, embora a rainha seja tuna criança, a sua presença dava uma importância real à sua causa, era garantia do apoio do pai, e tornava mais fácil mover a aliança de países estrangeiros. Agora esta partida, tudo isto, parece-lhe, a ele e a nós, uma abdicação, ou, pelo menos, a indicação clara de que não se pretende a restauração a curto prazo.

Palmela estava tão angustiado, que até foi Lavradio que acompanhou a rainha a Windsor, onde se despediu do rei, e é ele que tem feito as honras da casa aos membros da família real que, com unia enorme simpatia e tuna simplicidade que me encanta, vieram até cá dizer adeus à senhora D. Maria.

Foi também ele que trouxe notícias que nos alentaram. As nossas forças conheceram tuna importante vitória em Vila da Praia, na ilha Terceira, e Saldanha parece continuar imparável.

Vamos agora para Portsmouth, onde a senhora D. Amélia já nos espera - pobre criança, suponho que terei de a apoiar também, já que a condessa de Itapagipe e o seu grupinho de damas já se declararam inimigas viscerais daquela que vem destronar a patrona Domitília. Se for sensata, e se quiser ouvir os meus conselhos, que lhe darei se mos pedir, tratará imediatamente, após a chegada, de correr do paço com toda a gente que por lá estiver, criados ou damas, ou mesmo amas, que serão certamente afetos ao «regime antigo», como por delicadeza costtuno dizer. Exceção feita a D. Mariana, que toma conta do pequeno imperador como uma mãe, e a frei António, que se manteve sempre leal a Leopoldina. Estou certa de que a senhora D. Maria quererá a marquesa de Aguiar em sua casa, se a tiver, que nunca mais voltou ao paço, que até há semanas era ainda dominado por Domitília e a sua filha Belinha - diz-me o meu primo que o imperador lhe pediu que tratasse de tudo para que a rapariga começasse a estudar já em setembro no Colégio do

Sagrado Coração em Paris, o que significa que D. Pedro está de facto ansioso por começar tuna nova vida.

Leonor da Câmara

Fragata Amélia, Portsmouth, 29 de agosto de 1829

No cais de embarque, Alexandre deixou-lhe na mão um anel de esmeralda verde, murmurando:

- Não perde nunca o brilho, por muito tempo que passe, por muito longe que vá.

Maria deixou a pedra escorregar para um dos seus bolsos e respondeu, também baixo:

- Procure nas páginas do seu livro de Matemática.

Deixara dentro do livro de Alexandre um medalhão com uma madeixa do seu cabelo, sinal de que permanecia para sempre junto dele.

Os abraços e os beijos das pequeninas Palmela, de uma Teresa agradecida pelo vestido verde, e uma Maria Ana radiante com os colares que lhe deixara, separaram-na de Alexandre.

Serena, mas visivelmente comovida, a marquesa de Palmela tornou tudo mais fácil:

-Olhe, ali está o marquês de Palma, não o quer cumprimentar, senhora D. Maria. - Mas a rainha nem se voltou.

Pouco lhe importavam as ordens injustas do seu pai. Barbacena era, e continuava a ser, o seu único tutor, não aceitava que o demitisse do cargo, e pouco lhe interessava se Palma se ofendia ou

não. Mas o marquês de Palma também não estava interessado em guerrilhas, e pediu a Barbacena que a acompanhasse. Barbacena estendeu o braço a Maria:

- Dá-me a honra desta viagem, Majestade?

A gargalhada de Maria quebrou o gelo, e, depois de um abraço apertado à marquesa de Palmela, aceitou o braço do marquês e embarcou. A madrasta esperava-a lá em cima, e abraçou-a, num gesto rápido. A rainha de Portugal observou-a rapidamente. Era bonita, e parecia simpática, mas tinha semanas a bordo para a avaliar, agora eram os que estavam em terra que lhe enchiam o coração.

Da amurada, silenciosa, acenou até os perder a todos de vista, até Alexandre ser apenas um pontinho no horizonte. Pôs a mão no bolso e tirou de lá de dentro o anel, enfiando-o no dedo, comovida. «Nunca mais o vou tirar», disse para si mesma, com as certezas que se tem aos 10 anos.



Abro de novo o meu diário. Confesso que prefiro o estilo epistolar, saber a quem escrevo, imaginar as reações de quem lê, do que escrever por escrever, ainda para mais temendo que as minhas confidências sejam tini dia vasculhadas por alguém que não me diz nada, ou me quer mal. Mas a partir de agora, e durante dois meses, é o meu único escape para a agitação interior que sinto. Tenho Barbacena, é verdade, e a rainha, que me faz tanta companhia, mas não posso pesar com as minhas dúvidas a paz de espírito nem de um, nem de outro.

Pouco depois de ter embarcado, desci ao meu camarote e ao adjacente, que pedi que fosse guardado para sala de aulas de D. Maria, e tratei de arrumar as minhas coisas, pondo por ordem livros

e cadernos, num exercício que tem sempre o condão de me tranquilizar. Além do mais, agora sento-me a escrever rodeada de objetos que conheço - até o retrato do meu sobrinho Francisco já pendurei, e é um bocadinho da minha família e do meu país que segue comigo.

A imperatriz Amélia pareceu-me afável, e bonita é-o, sem dúvida nenhuna. Não quero precipitar-me, mas parece-me que tem firmeza de caráter e que sabe muito bem o que quer. Talvez, como espera Barbacena, que tem a melhor das opiniões dela, seja capaz de trazer alguma estabilidade àquela família, quem sabe até, com tanta juventude e beleza, manter o imperador fiel. Não será fácil a sua ligação com D. Maria, que a verá sempre como uma substituta de tuna mãe que adora acima de todas as mulheres e que lhe foi tirada nas circunstâncias mais cruéis, mas, tendo em conta que a alternativa era Domitília, julgo que a rainha vai encontrar forma de se entender com ela.

Comoveu-me vê-la a despedir-se de Alexandre. Sei que é o amor por mn irmão mais velho, que nos ensina e ampara, mas seria uni amor impossível se uni dia passasse disso. Que digo, que escrevo? Disparates de uma solteirona que viu o seu único grande amor morrer, e que nunca mais amou, nem foi amada.

Pareceu-me muito óbvia a presença do irmão de D. Amélia. Compreendo que faça sentido ser acompanhada por alguém da família próxima, mas ou me engano muito ou alguém imaginou um casamento real... Augusto é alto, louro, de bigode e patilhas claras, e parece-me que sabe usar o seu encanto, mas só espero que o imperador não tenha uni daqueles seus impulsos impensados e decida casar a filha com o jovem - Portugal precisa primeiro de acolher e aceitar a sua rainha, sem apêndices que a tornem ainda mais suspeita aos olhos do povo. Já basta o clamor absolutista de que ela e o seu pai são «estrangeiros» que se tentam apoderar do trono português.

Meu Deus, quanta coisa quero resolver nuns só dia. Tenho de me ir arranjar para o jantar, na certeza de que esta viagem tem tuna grande vantagem sobre a última que fiz, naquele pacote malcheiroso: desta vez posso sair do quarto.

Solar da Marquesa, 10 de dezembro de 1829

Acordou no novo quarto, as janelas sobre o jardim e a Quinta da .Boa Vista, e lá ao fundo o Paço de São Cristóvão. Pedira para lhe deixarem os reposteiros abertos, porque queria olhar para fora sem sair da cama.

Sabia que a casa em que vivia, e que era agora a Casa de Portugal, no Rio de Janeiro, fora construída e decorada para a marquesa de Santos, mas decidira deitar tudo isso para trás das costas. O que importava é que agora era sua, só sua, e das damas que escolhia ter à sua volta, sinal que o pai dava de que era acolhida e tratada como rainha de Portugal. De qualquer modo, a decoração era diferente, completamente diferente, aliás, pensou com um riso divertido, enquanto olhava os móveis meios desconchavados que o pai mandara buscar a este e àquele palácio, para preencher as paredes e o chão vazios, porque Domitília, despeitada, levava todo o recheio da casa para São Paulo, quando o pai a despachara para lá, nas vésperas da chegada da nova mulher. Nem uma mesinha ou uma cadeira ficara para amostra, dizia-lhe o próprio pai, rindo, e passando-lhe o braço pela cintura:

- O que se há de fazer, filha? Cometem-se os erros, arcam-se com as consequências, e adiante, que para a frente é que é o caminho.

Maria também não era de perder demasiado tempo com remorsos e recriminações, e por isso aceitou o palácio ainda novo, fingia não ouvir quando lhe chamavam o Solar da Marquesa, e encheu os salões de gente, tentando recriar as festas e os bailes de Windsor. Bastante mais quentes, embora, a avaliar pelos vestidos das

senhoras que importavam a moda de Londres e Paris, ninguém diria, como escrevia divertida a Vitória, com quem trocava cartas quase diárias.

Apesar do regresso, e de estar instalada tão perto do paço onde nascera, a sua vida mudara e gostava da recém-conquistada independência, da corte que a rodeava e que, reconhecia, lhe tornava a vida muito agradável, com a sua obediência e a sua constante lisonja. Não era parva, confiava mil vezes mais num elogio, ou numa reprimenda, de D. Leonor ou da marquesa de Aguiar, que alegria fora reencontrá-la!, e até de Mareschal, do que nas falinhas mansas da maioria dos seus novos amigos.

«Não podemos acreditar em nada do que dizem, nem quando nos juram que estamos mais magras», escrevera-lhe Vitória, numa carta que chegara ainda ontem, e até D. Leonor desatara a rir quando lhe lera alto aquele bocadinho. A princesa Vitória era única.

Conseguira convencer o pai a permitir que Rosa entrasse ao seu serviço, a sua querida Rosa, que deixara o paço e vivia na sua vila e se comovera tanto, tanto quando a voltara a ver, gritando que era a sua Leopoldina regressada dos mortos. Gostava quando lhe diziam que era igual à mãe, e mais ainda quando dava pelo pai a olhá-la, embevecido mas triste, e sabia que lhe recordava Leopoldina. «É bem feita», pensava para si, e alegrava-se um bocadinho, por saber que D. Amélia não fizera esquecer a verdadeira imperatriz, como confidenciara a frei António, que voltara a ser o seu confessor. «É pecado?», perguntara, e frei António, rindo, garantira-lhe que em Roma talvez fosse, mas que ali e no Céu, onde Deus era pai, não o era certamente.

Dali a bocadinho entrariam as criadas com o seu primeiro almoço, e deliciar-se-ia com as frutas e os sumos, o pão e a voz cantada daquelas mulheres, que lhe pareciam bem mais alegres e felizes do que as inglesas, ou mesmo as portuguesas, reconhecia com alguma preocupação. «Eu sei que são muito respeitáveis, D. Leonor, mas tão

sérias e chatas», refilara um dia, quando a mestra lhe proclamara as virtudes das mulheres portuguesas, e a mestra fingira não perceber que falava dela.

Bocejou e pensou que não era verdade quando afirmava ter gostado de todas as mudanças. Algumas desagradavam-lhe profundamente, como, por exemplo, ver o pai a obedecer que nem um cordeirinho à madrasta, e a madrasta com o seu querido mano Pedro nos braços, a cabeça cheia de caracóis loiros, mas que nos primeiros dias chorava sempre que se aproximava dele. Também não gostava dos comentários maldosos de Januária, por muito que a marquesa de Aguiar lhe pedisse paciência, porque era difícil para a irmã ver chegar duas mulheres à vida do pai, e as duas tão bonitas e tão capazes de atrair e manter a atenção do imperador. Encheria-a de preocupação ver que Paula Mariana estava ainda mais magra e delicada, e que a ama não a largava dois minutos, sempre com um xarope atrás, para lhe calar a tosse que tanta ansiedade já dera à sua mãe. E mais, havia mais de que não gostava. Não gostava de que o pai não deixasse que Xica fosse mais vezes a sua casa, a sua querida mana Xica. Tinha agora 6 anos, e o imperador insistia que era uma princesa brasileira, não sendo bom, dado o «estado das coisas», que se misturasse demasiado com a irmã.

Perguntara a Mareschal qual era de facto o «estado das coisas», e o embaixador austríaco explicara-lhe, com uma calma que o papai não tinha, que nunca como hoje houvera uma animosidade tão grande entre portugueses, ricos e cheios de poder, e a população brasileira nativa, ou pelo menos nascida em terras brasileiras, brancos pobres, mestiços, negros e escravos.

- Afinal, não mudou assim tanto, porque lembra-se que a minha mãe gastava todo o seu tempo e dinheiro a ajudar aqueles que toda a gente esquecia?

Mareschal acenara o seu acordo. De facto, a situação só se tinha agravado, com a raiva do povo mais aberta e manifesta, com lugar

já nas páginas dos jornais.

Lembrava-se de ter contestado:

- Mas o meu pai é imperador do Brasil, foi ele que lhe deu a Constituição e que decidiu ficar, e sou eu a rainha de Portugal, porque é que isso há de fazer confusão aos brasileiros?

Mareschal aparentemente tinha ficado sem resposta, e fora a marquesa de Aguiar, passando-lhe a mão suavemente pelos cabelos, como que a recuperar o tempo perdido longe desta sua «filha», que a tranquilizara, garantindo-lhe que não passavam de intrigas políticas que depressa se desvaneceriam.

A porta abriu-se, e o tabuleiro cheio de comida, de todas as cores e sabores, entrou pelas mãos de uma criada, fardada a rigor.

- Bom dia, Malvina, é tão bom ver-te em minha casa - disse-lhe Maria, radiante por rever a escrava que tantas vezes a seguira nas suas fugas do paço, em tempos que agora lhe pareciam tão distantes, quase impossíveis.

Ainda bem que não tivera a educação que a princesa Vitória estava sempre a atirar-lhe à cara que lhe faltava, porque senão, em lugar de poder falar com quem a servia, e através delas saber os zunzuns e as intrigas da corte, seria obrigada a ouvir ler alto um enfadonho e instrutivo livro qualquer.

Por momentos, o brilho da esmeralda do seu anel captou a sua atenção, e suspirou. Augusto, o irmão da imperatriz, era simpático. Muito mais velho do que ela, mas talvez ainda mais atraente por isso, sedutor e divertido, e o pai parecia estar entusiasmado com o cunhado. Rodou o anel no dedo. Se ao menos Alexandre aqui estivesse.



Meu caro primo,

Não se ria com o remetente desta carta. É mesmo verdade, a sua prima Leonor trocou Lisboa, e depois Londres, pela casa da famosa amante. Se não fosse tão sério até podia ter graça. Tenho de aprender com a minha real pupila a ser capaz de ignorar os detalhes que me desagradam, e a aproveitar o que a situação tem de bom. E de bom, bom, só tenho a amizade da marquesa de Aguiar, que, posso dizer-lhe, está noiva de Mareschal e tão feliz, que comove. Tudo o resto são más notícias para o nosso pobre país e para a restauração de D. Maria.

A imperatriz Amélia parece estar a adaptar-se bem, e o imperador na fase do encantamento, fazendo-lhe todas as vontades. E se há tuna coisa que entendi ao entrar neste luxuoso solar, de um bom gosto indubitável, com as salas de paredes pintadas com frescos dos melhores artistas europeus, a escadaria, as portas e janelas de pau-santo e um chão embutido que brilha como se fosse um espelho, é que conduzido pela luxúria o imperador abre os cordões à bolsa. Julgo que terá sido por aqui ter vindo, constatando a diferença do investimento que o marido fez na casa da amante e no paço onde «só» alojava a esposa e os filhos, que a jovem imperatriz exigiu obras de remodelação em São Cristóvão e orçamento para encomendar móveis, loiças, tecidos e tudo o mais. Como diz Mareschal, D. Amélia age assim por se saber menos aristocrática do que D. Leopoldina. «A falta de berço esconde-se com a opulência», refila o embaixador, que servia apaixonadamente a sua arquiduesa.

O certo é que a imperatriz bem se pode entreter com a decoração, porque, para tristeza do Homem, ainda não espera bebé, o que, aliás, o deixa de cabeça perdida, inquieto que conste por aí que aos 30 anos está velho e não consegue engravidar a esposa.

Pela minha parte, tenho pena dela. A ameaça de Domitília está sempre presente, ou não estivesse para dar à luz, dentro de meses, um novo filho do imperador. Sabia disso? Sabendo-se, como se sabe, a forma como fica ligado às crias, e o volte-face que deu aquando do nascimento da última, a pobre D. Amélia deve estar a pedir à Virgem que o marido não decida ir visitar a parturiente.

Pela minha parte, continuo a manter a rotina dos estudos, e D. Maria esforça-se e tem capacidade para aprender, mas nada neste ambiente é propício a traia educação mais rigorosa e séria. E pena, porque temo que chegue ao trono demasiado impreparada. Bem a vejo rir-se com as cartas solenes que a princesa Vitória lhe escreve, e em que nitidamente tenta cultivar a prima com o que vai aprendendo. Embora compreenda que D. Maria aceite mal estas lições pomposas, pressinto que a futura rainha de Inglaterra percebeu bem que para reinar em paz no século XIX são precisas todas as armas que só a educação nos pode dar.

A carta já vai tão longa, espero que tenha a paciência de a ler, mas se não tiver, não se importe, porque já me prestou um enorme serviço ao dar-me a oportunidade de a escrever.

Que Deus o guarde,

Leonor da Câmara

Solar da Marquesa, 30 de maio de 1830

Marfa entrou na Sala do Olimpo, e foi saudada com «vivas». Continuava francamente alta para os 11 anos, feitos há poucas semanas, a cara sarapintada de sardas, porque nem os chapéus salvavam a pele dos efeitos da luz deste Sol, e francamente bonita. E continuava a adorar ouvir «vivas», pensou a marquesa de Aguiar, divertida.

A notícia de que fora aclamada rainha na ilha da Madeira chegara ao Brasil a uma velocidade invulgar, e D. Pedro fizera questão de que fosse celebrada com pompa, naquela que era, afinal, a embaixada de Portugal no Rio de Janeiro.

Nostálgico, o imperador saiu do escritório da águia napoleónica pintada no teto, presságio de que um dia casaria com alguém da sua dinastia, pensou, esquecido de que a mandara pintar para a amante, e passou às outras salas. Tinha decididamente bom gosto, concluiu ao olhar os deuses gregos nas paredes, cenas de primavera na sala para a qual abria aquela em que estava, numa sucessão de divisões que de portas abertas formavam um salão enorme, agora cheio de gente que vinha celebrar esta vitória.

- Papai, o senhor está bem? - perguntou com um acento brasileiro que voltara, para desespero de D. Leonor.

- Estou bem, mas triste, porque quando olho para si penso em sua mãe, e quando vejo esta casa lembro-me da marquesa de Santos e da minha filha que agora dela nasceu, a minha pequenina Isabel

Maria, que vem ocupar o lugar da que Deus me levou - respondeu o imperador, sem a menor hesitação.

Maria zangou-se, vermelha de fúria:

- Pai, isso não tem sentido nenhum. Que se lembre da minha mãe, entendo...

O pai não a deixou continuar, tão furioso como ela:

- Filha, que cenas são essas? A bater o pé ao seu pai? Quem é que se julga?

-A rainha de Portugal - disse Maria, entre dentes, consciente de que não podia atrair a atenção sobre a discussão.

Mas Pedro pouco se importava com a assistência:

- Rainha de Portugal, há de ser, porque não se esqueça que por enquanto é menor, e sou eu que trato destes assuntos. Se esta casa e esta corte lhe dizem o contrário, é bom que pouse de novo os pés na terra.

Maria estava gelada por dentro, mas sentiu a urgência de o apaziguar, sentia sempre medo quando o via tão zangado, a imagem da mãe no chão, dobrada sobre si mesma, nunca lhe sairia da cabeça:

- Papai, sei que tenho 11 anos, e sei que conto consigo para tudo, não queria desrespeitá-lo, desculpe.

Pedro gostava de ouvir pedir perdão, e mal sentiu que a discussão estava ganha transformou-se:

- Minha filha, quem lhe pede desculpa sou eu, fico triste quando me lembro do passado, mas isto passa. Estou muito feliz com a sua aclamação na Madeira. Vá, venha, vamos brindar ao seu trono...

Arrastando a filha para o centro da sala, mandou que os criados servissem o champanhe.

- Não lhe disse que a Nossa Senhora da Glória iria ouvir as nossas preces?

Maria acenou com a cabeça que sim. Não se atrevia a levantar os olhos, com medo de os cruzar com os de Leonor da Câmara ou Mareschal, Barbacena ou Bonifácio. Sobretudo, não suportava que a sua querida marquesa de Aguiar lesse tudo o que lhe ia lá dentro.

Instintivamente colocou uma mão sobre a outra, para sentir o conforto que o anel de esmeralda lhe dava. E pela milionésima vez pensou, se ao menos Alexandre aqui estivesse.



Caro primo,

Fiquei muito contente com a partida de Palmela para os Açores, a fim de presidir a um governo de regência em nome de D. Maria. Temos governo liberal em terra portuguesa, e esse facto deixa-me cheia de esperança. Menos feliz fiquei, obviamente, com o desespero da pobre marquesa de Palmela, com os credores de D. Maria à perna, tudo porque o pai da rainha não cumpriu a promessa de pagar as dívidas.

A marquesa de Aguiar esteve aqui em casa há pouco. O casamento próximo com Marescial impediu-a de aceitar o lugar de dama que D. Maria lhe ofereceu, mas é visita diária. Hoje veio pela noite e, como D. Maria ficou a jantar por São Cristóvão, conversámos. Não mo disse abertamente, mas nitidamente a informação que colheu vinha de Marescial, e confirma que não contem com ajuda por este lado, não acreditem nas promessas e ladainhas que vos transmitirem, porque a indiferença que D. Pedro tem à causa da rainha é tão grande, que julgo que ninguém acredita

sem ver. Afasta, com uma gargalhada, quem lhe fale no assunto, e quando a própria rainha pergunta pelos seus assuntos, responde com um «Minha filha, não está contente de estar próxima de seu papai?» e outras sensaborias do género. É estranho como um homem que reage com tanta aparente emoção a algumas coisas demonstra tuna frieza gélida com outras. E a causa portuguesa é tuna delas. Quando soube da morte da senhora D. Carlota Joaquina teve uns assomos de raiva contra o irmão, acusando-o à boca cheia de todas as vilanias, mas depressa esqueceu o assunto. Se lhe falam de Portugal, fala da recém-nascida filha de Domitília, e se perguntam da possibilidade de uni financiamento, diz, com o ar mais sério do mundo, que vai mandar rezar uma missa pela «ventura da filha».

Gostava de lhe dar novas melhores do que estas, mas acho melhor saber com o que podem contar, do que viverem na ilusão. Quanto à rainha, o seu feitio naturalmente teimoso e autoritário não ganha nada com os exemplos paternos.

Que Deus o abençoe,

Leonor da Câmara

P.S. - Para dizer a verdade o que lhe desagrada, neste momento, é que D. Amélia não engravide, como se fosse tuna mancha na sua reputação - que aliás deve ser, porque os relatórios médicos secretos não revelam dúvidas de que sofre de unia doença venérea recorrente, pobre rapariga, que provavelmente acaba doente também.

Solar da Marquesa, 13 de julho de 1830

Ao segurar na mão a carta que acabara de receber de Vitória, Maria interrogou-se porque é que era incapaz de encontrar palavras para dizer a Alexandre, mas não lhe faltavam nenhuma quando se tratava de escrever à princesa de Kent. E o contrário também devia ser verdade, porque Alexandre limitava-se a mandar-lhe «saudades» pelas cartas da marquesa de Palmela. Por sermos raparigas?, pensou para si mesma, e sentou-se disposta a abrir o envelope. Guardava-as sempre para ler quando estava sozinha, para que ninguém a interrompesse. Desconfiava que Vitória copiava o estilo do romancista que estava a ler na altura, e por isso as cartas ora eram cómicas, cheias de conselhos, ou num estilo mais de notícia de jornal, quase como se fossem uma descrição feita na terceira pessoa. Não se enganara quando suspeitara que esta tinha de ser sobre o enterro do tio George e a coroação do tio William. Sentou-se mais confortável na poltrona do seu quarto, e começou a ler:

Querida prima Maria,

Escrevo-te para te dar detalhes do enterro do rei, que imagino gostes de saber. Ainda bem que Deus o levou, porque coitado estava a sofrer imenso, que aquele vinho do Porto do teu país vingasse nas pessoas, dando-lhes uma gota horrível, e os ingleses bebem muito, por isso não é o único a sofrer assim.

Qualquer pessoa sensata teria a certeza de que a morte de um rei seria suficiente para pôr a família de acordo, pelo menos durante umas semanas, mas a minha família, como sabes, não é nada fácil e por isso houve uma discussão enorme entre a minha

mãe e a tia Adelaide, a rainha Adelaide, melhor dizendo, acerca do lugar que eu devia tomar no cortejo fúnebre. Finalmente lá acordaram em que seguiria logo atrás dela, como segunda na linha da sucessão, e confesso que me senti muito importante com um vestido preto de renda, a gola e os punhos brancos, e um chapéu com um véu a cobrir-me a cara, apesar de eu só ter 11 anos e a Lehzen ter achado «absolutamente disparatado».

Mas o melhor foi depois do enterro, quando as pessoas na rua gritavam vivas à rainha Adelaide, e ela sentou-me em cima do muro que nos separava da rua, e as multidões berraram «Vivam as duas rainhas, vivam as duas rainhas». Achei-os todos muito generosos, e se um dia for de facto rainha vou ser uma rainha muito justa, porque terá sido para isso que Deus me pôs no trono.

Bem, mas quando cheguei à carruagem para voltar para casa, a minha mãe e aquele a quem chamo, como sabes, o espião JC, deram-me um raspanete enorme. Não percebi porquê, e fui mesmo malcriada com a minha mãe, dizendo-lhe que a tia Adelaide, quer dizer a rainha Adelaide, fora mais do que generosa em mostrar-me assim às pessoas. Mas depois olhei para Lehzen e calei-me. Em casa, ela explicou-me aquilo que era aparentemente óbvio, ou seja, que a minha mãe não quer que a rainha faça de mim sua filha, porque tem medo de que se esqueçam dela, ou a mandem embora de Inglaterra. Cá para mim são coisas do spy JC, porque a pobre da rainha é sempre tão boa comigo.

Por isso um dia fabuloso, quer dizer, é mau dizer que o dia de um enterro do rei é um dia bom, mas percebes o que quero dizer, ficou quase estragado...»

Depois continuava por ali fora a perguntar por Maria, pelo Brasil, a agradecer os colares de pedras coloridas que lhe mandara, e terminava a dizer que esperava que a revolução em Paris, que tinha deposto o rei Carlos X, um rei absoluto, e colocado no trono Luís Filipe de Orleães (o pai do duque de Orleães que tinham conhecido

em Londres), era bom sinal para a causa da rainha portuguesa, e despedia-se prometendo voltar a escrever em breve.

Maria pousou a carta e encostou-se para trás na cadeira. Tinha pena de Vitória, lá fechada naquele palácio enorme mas triste, como o menino da selva de que lhe falara quando o visitara, às mãos de um homem sem escrúpulos, que queria controlá-la. Ainda bem que a princesa tinha Lehzen, dizia constantemente D. Leonor. E ainda bem que ela tinha Leonor, os nomes das duas mestras das duas rainhas começavam com um L, pensou a rir. Agora precisava que alguém lhe explicasse porque é que a princesa inglesa achava que a queda de um rei em França a podia ajudar...



Primo,

Obrigada pela informação sobre a queda de Carlos 1 e a subida ao trono de Luís Filipe de Orleães. Quero acreditar que é uma cartada forte para a causa da nossa rainha. Mareschal diz-me que Wellington também tem os dias contados, e que os liberais ingleses voltarão ao poder. O repúdio do absolutismo em França terá certamente que levar ao repúdio do absolutismo em Portugal. Talvez agora as grandes potências tenham mais facilidade em apoiar e financiar a guerra que travamos. D. Maria recebeu tuna carta da pequena Vitória, em que a princesa notava isto mesmo. A nossa rainha, infelizmente, precisou que lhe explicasse a relevância da questão, mas como estava interessada em dois minutos entendeu tudo.

Tenho de ir, saudades a todos, e por favor escreva-me rapidamente com mais novas.

Leonor da Câmara

Solar da Marquesa, 10 de setembro de 1830

Marfa estava sentada no jardim, à sombra do enorme cajueiro, quando ouviu a voz de Xica, do outro lado do muro.

Uns minutos depois, lá estava ela a abrir o portão, e vinha de mão dada com Augusto, conversando como uma gralha, com aquela alegria contagiante.

- Ah, mana Maria, está aqui no jardim - disse, e correu para ela, abraçando-a com força. - A mãe Amélia deixou-me vir visitá-la porque o Augusto concordou em fazer o favor de me trazer. Não foi uma sorte?

Maria sorriu para Augusto, que lhe beijava a mão:

- É um favor que não me custa nem um bocadinho - confirmou Augusto, com um sorriso sedutor.

Xica escutou-o, a cabeça de lado, os olhos verdes a dançarem, e disse logo:

- Claro que não lhe custou, porque a queria vir ver a si, e eu servi só de desculpa. Vai casar com ele? - insistiu, perante o embaraço da irmã e do «tio».

- Mana, o sol fez-lhe mal à cabeça - disse Maria com firmeza, abrindo-lhe os olhos para lhe mostrar que passara das marcas.

Xica ficou aflita:

- Não posso perguntar? Mas perguntei-lhe a ele e disse que sim, que queria... e é muito melhor do que o tio Miguel, que tem sido mau para o pai e lhe roubou o trono - insistiu.

Maria fez sinal a uma das criadas:

- São horas de ir lanchar, Francisca de Bragança.

Sozinha com Augusto, fez-se um silêncio, que Maria quebrou:

- Quando é que se vai embora, Augusto?

Ele sorriu-lhe, divertido:

- Não quer responder à pergunta que a sua irmã lhe fez?

Maria sorriu:

- Numa outra altura, talvez, mas agora quero saber quando é que parte de novo para a Europa.

Augusto sentou-se no murinho de um dos canteiros, e com a mão no coração, num gesto teatral, voltou à carga:

- Sinceramente acredita que me pudesse ir embora? Só irei se vier comigo...

Nunca nenhum homem lhe falara assim, e aos 20 anos, e com os tiques da corte de Munique onde sempre vivera, Augusto parecia-lhe um homem feito. Era tão diferente de Alexandre, incapaz deste teatro todo, pensou Maria. Não podia dizer que lhe desagradasse ser cortejada, nem que se importasse que, nos últimos bailes, Augusto a apertasse com mais força e lhe passasse a mão pelos ombros, fingindo afastar uma mosca ou um mosquito.

- Desconfio que o senhor anda a ler demasiadas novelas - respondeu, os olhos postos no chão, fingendo-se chocada.

Mas antes que se ofendesse, de facto, ou retirasse definitivamente a proposta, Maria concedeu:

- Fico contente de saber que não vai partir. A sua irmã deve estar muito feliz. Lembro-me da minha mãe me dizer sempre como lhe tinha custado ficar aqui sem amigos, porque naquela altura o meu pai os mandou todos embora - acrescentou, com algum azedume.

Augusto, inteligente, mudou de assunto:

- Vamos ver se a menina Francisca precisa que este seu professor lhe dê mais uma lição de equitação. Vínhamos cá saber se queria ir assistir, mas depois - sorriu - perdemo-nos com outros assuntos...

Xica já vinha lá de dentro a correr e, ofegante, exclamou:

- Mana, mana, sabe que há uma passagem secreta de sua casa para a nossa? Posso voltar por lá para o paço, posso?

Maria pôs-se de pé, espantada:

- Uma passagem secreta? Que fantasia é essa?

- Não é fantasia, quer ver? O Jaime tinha-me falado nela, e agora quando fui à copa para me darem o lanche, estava lá uma escrava, que não sei o nome, a comentar com outra. E eu pedi para ver, e levaram-me à porta que dá para o túnel... tem sítio para pendurar lanternas e tudo. Augusto, o Augusto pode ir comigo, não pode?

Maria olhou para ambos, estupefacta. Nem um, nem outro sabiam que acabava de compreender o mistério que a fascinara sempre: como é que o pai, quando dizia que tinha «cortado» com Domitília, entrava e saía do paço para ir visitar a marquesa de Santos, sem que ninguém desse por nada.

Olhou subitamente para Augusto, como quem diz «depois explico, mas temos de a distrair», e Augusto entendeu o pedido (mais um

crédito a seu favor, pensou), e, pegando às cavalitas na pequenina Xica, protestou:

- Outro dia, outro dia, princesa, porque agora é hora da nossa lição de equitação, e vai já daqui a cavalo - disse, relinchando.

Xica riu às gargalhadas:

- Venha connosco, mana.

Maria foi. Mais tarde, quando a casa estivesse em silêncio, encontraria forma de ir ver com os seus próprios olhos a passagem secreta.



Caro primo,

Nem sei por onde começar esta carta, recebida há minutos a notícia de que o marquês de Barbacena foi demitido do seu lugar de chefe do governo, acusado, imagine-se, de ter «roubado» dinheiro ao orçamento público. Espanto-me, já nem eu sei porquê, mas a verdade é que não esperava que o imperador se virasse contra Barbacena, que tem sabido governar de forma serena e conciliadora.

É verdade que nos últimos tempos o Homem tem sido muito contestado. E insensatamente repete, seja muna reunião de ministério ou muna sala cheia de convidados, que os liberais bem podem «roncar», que lhes faz orelhas moucas, e são múltiplas as situações em que ralha aos deputados, os chama à pedra e recusa qualquer crítica no parlamento .

Acredite que tenho dificuldade em distinguir os irmãos! E aflige-me muito que a nossa rainha veja todas estas cenas, e observe, suspeito que até com admiração, o comportamento do pai, que parece sempre tão seguro de si e destemido.

Temo que, desta vez, o imperador tenha ido longe de mais, porque os brasileiros veneram Barbacena. Recordo as palavras de Mareschal e de Bonifácio, que se perguntavam, há alguns meses, se o imperador não ia dar por si sem nenhuma das coroas. O pior é se sem esta, volta atrás e quer usar a da filha!

Por favor, mande-me rápido todas as reações que aí se fizerem ao que aqui se passa, e dê-me novas da frente. Preciso delas para manter o moral!

Da sua prima, que muito o estima,

Leonor da Câmara

P. S. - Barbacena mandou ao imperador uma carta antes de se retirar para a sua chácara, urna carta que é de cortar o fôlego. Cito-lhe apenas este parágrafo, tão demolidor, mas tão verdadeiro:

«Senhor D. Pedro, um dos tios de V. M. acabou os seus dias numa prisão em Sintra. V. M. poderá acabar os seus em alguma prisão em Minas, a título de doido, e realmente só um doido sacrificaria os interesses de uma nação, da sua família, da realeza em geral, aos caprichos e seduções de criados e caixeiros portugueses, que, aliás, constituem a escória do que há de mais vil e ignorante na Europa civilizada. »

41

Paço de São Cristóvão, 6 de abril de 1831

Marfa acabara de adormecer quando Leonor da Câmara entrou pelo seu quarto, agitada:

- Acorde, senhora D. Maria, acorde, temos de ir ao paço, que o seu pai chamou-nos com urgência.

Maria abriu os olhos, assustada, mas rapidamente recuperou o sangue-frio, vestindo-se depressa, aceitando a capa com capuz que a dama lhe entregava.

A carruagem estava à porta, e as duas entraram nela e mandaram o cocheiro pôr os cavalos a um trote rápido em direção ao paço.

- Há luz em todas as janelas - exclamou Maria, o coração a bater acelerado.

Leonor apertou-lhe a mão, com força, e não disse nada. A carruagem ainda não tinha parado, e já Maria abria a porta, pronta a saltar. Correu pelas escadas acima, parou por segundos na grande entrada, e precipitou-se pelo segundo lance de escadas na direção de onde vinha a voz do pai.

Estacou à porta da sala, ao ver que a madrasta chorava compulsivamente, enquanto o pai assinava papéis postos sobre a sua grande secretária, falando alto com o embaixador de França, a quem ia pedindo mais papel, ou mais penas. José Bonifácio estava sentado, parecendo ainda mais velho, os olhos no infinito, como se já tivesse desistido de argumentar, e o embaixador inglês retirava

livros de uma das muitas estantes que forravam as paredes daquele escritório.

- Papai, o que aconteceu? - gritou, e Pedro respondeu, sereno:

- Vamos embora, minha filha.

- Embora, papai, porquê e para onde, papai? - perguntou Maria, resistindo ao impulso de correr para ele e segurar-se às suas pernas, como fazia em pequena.

- Não querem um imperador nascido em Portugal, mesmo quando ele passou 23 anos no Brasil, e lhe dedicou a vida? Então, se não querem, abduco no seu irmão Pedro, que é nascido e criado nesta terra, e vou-me embora.

Maria tapou a boca, estarrecida:

- Papai, o papai não pode ir embora, não pode abdicar...

- Ai posso, posso, e já o fiz. Prefiro sair com honra a ser enxovalhado, a que me chamem nomes e me insultem. Não vou chamar os soldados, sou um monarca constitucional e saio um monarca constitucional. Ofereceram-me a coroa do Brasil, aceitei-a e honrei-a; não me querem, vou-me embora.

Maria respirou fundo, mas não chorou, e olhou com desprezo para a imperatriz, que não parava de fungar, escondendo a cara num lenço ensopado:

-E nós, papai, vamos com o senhor! - disse, numa voz determinada.

Amélia soltou um gemido:

- Maria, não entendeu o que o seu pai disse? O seu pai quer partir, mas as crianças ficam cá, o meu Pedrinho fica aqui, de novo sem

mãe...

Maria sentiu o chão e o teto andarem à roda, e Leonor da Câmara, que estava dois passos atrás desde que a conversa começara, estendeu os braços para a impedir de cair:

- Papai, eu não fico!

Pedro olhou-a, impaciente:

- É claro que não fica, filha. Então, se todo este sarilho é por acharem que dou mais atenção a Portugal do que ao Brasil, o que ficava a rainha de Portugal a fazer no Rio de Janeiro?

- E os manos? Não vai deixar aqui os manos, com esta gente na rua que lhes pode fazer mal, sem o papai e D. Amélia para os proteger, e a mamãe enterrada na Ajuda - exclamou Maria, em pânico.

Pedro agarrou no papel que acabara de assinar, e brandiu-o no ar:

- Isto aqui, Maria, é um decreto que nomeia aquele senhor ali - e apontou para José Bonifácio - tutor dos meus quatro filhos, tutor daquele que é, a partir de amanhã, o imperador do Brasil.

Maria olhou para José Bonifácio, como se acabasse de dar por ele:

-Bonifácio, convença o meu pai a não fazer uma coisa destas.

Mas o novo tutor dos príncipes do Brasil, pondo-se de pé, encolheu os ombros:

- Senhora D. Maria, acredite que já tentei tudo...

- Mas e quando partimos, quando é que vamos? - perguntou Maria, e Pedro passou por ela em direção à porta:

- Agora mesmo! Não suporto despedir-me dos meus filhos acordados, vou dizer-lhes adeus enquanto dormem.

E, virando-se para um criado, ordenou:

- Peça que me tragam a minha coroa imperial...

Maria deu um grito:

- Não pode fazer isso, papai, não se pode ir embora sem se despedir, eu não posso ir embora sem dizer adeus aos manos...

Pedro estacou ao pé da porta e olhou para a filha com um ar ameaçador:

- Maria, comporte-se como a rainha que é. Uma rainha que em breve vai sentar-se no trono, isso lhe garante o seu pai, porque hoje deixo a coroa do Brasil ao seu irmão Pedro, e vou para a Europa lutar por aquela que lhe pertence a si, e que o assassino do meu irmão lhe roubou.

E virando-se para Leonor da Câmara:

- E a senhora, por favor, trate de fazer as malas. Quero a minha filha amanhã a bordo do Volage, que o embaixador britânico já pôs à nossa disposição.

E com uma D. Amélia chorosa no encalço, deixou-os a todos.



Meu primo,

Aconteceu o pior, D. Pedro abdicou, e viaja para a Europa apenas como duque de Bragança. Escrevo à pressa, só para lhe dizer que embarcamos hoje. Depois não sei quando poderei voltar a escrever.

Apesar de não ser totalmente inesperado, pois as batalhas nas ruas sucediam-se, com mortos e feridos, estamos todos chocados. O imperador, como imaginava, age como se tudo isto fosse a cena final de tuna ópera, e acredito que mergulhado no seu papel - que representa na perfeição, diga-se de passagem -, mas a nossa rainha está em estado de choque, e D. Amélia destroçada, por deixar as crianças, sobretudo o mais pequenino, de que tem cuidado como um filho. Não consigo imaginar o choque que estes quatro príncipes sentirão amanhã quando acordarem e o paço estiver vazio.

Que Deus nos proteja a todos, mas sobretudo Sua Majestade.

Leonor da Câmara

Castelo de Meudon, Paris, 22 de agosto de 1831

Marfa correu para ele, esquecida de tudo, dos protocolos que dizem que uma rainha não corre, do vestido que lhe prendia os movimentos. Alexandre mantinha-se em sentido, e só o sorriso aberto revelava o que sentia. Ao chegar perto, o cabelo solto a cair-lhe pelos ombros, a respiração ofegante, a pequena rainha parou, subitamente inquieta:

- Alexandre, sou eu, sou eu - disse-lhe, lançando-se-lhe nos braços.

Alexandre esqueceu a pose, esqueceu o dever, esqueceu a responsabilidade de irmão mais velho, como gostava de se imaginar, e apertou-a contra si, rodopiando-a no ar, beijando-lhe o cabelo, esta menina de 12 anos que nunca lhe saía do pensamento.

Depois voltou a si, afastou-se e beijou-lhe a mão respeitosamente, pedindo-lhe mil desculpas, atrapalhado.

Maria prendeu as suas mãos nas dele, deixou-se cair num banco de pedra do jardim do palácio, e jurou com convicção:

- Paris vai ser sempre a minha cidade favorita!

Chegara há menos de dois dias de Londres, onde, por capricho do pai e vergonha sua, fora impingida, não havia outro termo, na corte de William IV, por morte do rei George, e pior do que isso, diretamente nos aposentos da rainha Adelaide. Contou a Alexandre:

- Logo depois de chegar a Brest, o meu pai escreveu-lhes a exigir que eu fosse acolhida com todas as honras devidas a uma rainha, mas, mais ousado ainda, que a tia Adelaide me recebesse nos seus próprios aposentos. Alexandre, imagine só, a pobre senhora, obrigada a envolver-se nesta confusão política, com o governo a dizer que não tomava partido nem pelo meu pai, nem pelo tio Miguel, e a rainha sem saber o que fazer.

Sorrindo-lhe, acrescentou:

- A única coisa boa, na verdade, foi estar com Vitória de novo, poder vê-la muitas vezes, mas diplomaticamente foi um desastre. Lembra-se dos nossos bailes, Alexandre, em que me trataram como uma rainha de facto? Desta vez não houve nem pompa, nem circunstância. É claro que o papai se ofendeu, tirou-me dali e alojou-nos a todos num hotel, onde, sinceramente, me senti prisioneira. Rodeou-me das más companhias que trouxe do Brasil, com ordens de que vigiassem todos os meus gestos, lessem as minhas cartas, controlassem as visitas.

Estendendo-lhe de novo a mão, como quem se certifica de que estava ali, de carne e osso, murmurou:

- Imagine a minha desilusão quando soube que o Alexandre e toda a sua família se mudaram para Paris. Nem podia escrever-lhe. Quando descobri que abriam as cartas, passei a mandá-las por portadores seguros, mas sabe o que aconteceu a seguir? Observavam à luz a folha seguinte do bloco, onde ficava a cópia do que escrevera! Eu e a Leonor da Câmara tínhamos medo daquela tropa de bandidos. O meu pai hesitava. Desconfio que ainda hoje hesita, tem vontade de reivindicar a coroa para ele, e sinceramente não sei se não era melhor para todos. Sabe que, de vez em quando, ainda fala em casar-me com o meu tio Miguel?

O rosto de Alexandre endureceu. O imperador traía-os a todos quando parecia alinhar com a estratégia austríaca que ainda queria

ver a questão de Portugal saldada com o casamento da tia com o sobrinho, mantendo o regime absolutista.

Maria parou, como que para o deixar digerir a informação que lhe dava, e depois continuou:

- A gota de água foi quando o próprio lord Palmerston disse ao papai que antes de mais nada era preciso que o próprio imperador soubesse o que queria! Até o poderoso ministro dos Negócios Estrangeiros inglês percebeu o cerne da questão.

Maria continuava a segurar-lhe a mão com força:

- Não fique atrapalhado, Alexandre. Sei perfeitamente que o seu pai lhe deve ter dito muito do que hoje lhe conto. O que é certo é que um dia o senhor D. Pedro se fartou e ala que se faz tarde, em menos de vinte e quatro horas mandou-nos fazer as malas e mudar-nos para Paris. Paris onde o rei Luís Filipe e a rainha Amélia também já estavam amuados, porque o imperador preferira a aliança inglesa. Sentiram-se uma segunda escolha, mas não podiam ter sido mais simpáticos para mim. Instalaram-nos nesta casa - disse, apontando com a cabeça para o pequeno palácio -, vieram visitar-me quando cheguei, e os filhos foram encantadores. O resultado é que agora o meu pai anda muito satisfeito, de caçada em caçada, de festejo em festejo, e o seu... e o seu pai desesperado, à espera de dinheiro e reforços na ilha Terceira.

Alexandre não sabia bem o que dizer. Quantas e quantas vezes sonhara reencontrar Maria, desde que a rainha partira para o Brasil. Concentrara-se nos estudos, tentando esquecê-la, tentando esquecer que não tinham futuro juntos, e quando o imperador não mandara o dinheiro prometido para saldar as dívidas que Palmela contraíra em seu nome, a família fora obrigada a sair de Inglaterra. Nessa altura inscrevera-se na Sorbonne, e estudara mais ainda. Não se atrevera a escrever à rainha, limitando-se a pedir à mãe que acrescentasse um «saudades do Alexandre» no final das suas cartas,

e aos poucos perdera a esperança de a voltar a ver. E agora o imperador do Brasil transformara-se em duque de Bragança e aparecera na Europa, aparentemente encabeçando a luta da sua filha pelo trono. Aparentemente, porque em Paris recusava-se a receber os homens que lideravam a causa da rainha, e o dinheiro continuava a faltar para financiar as expedições que já estavam no terreno, criando um descontentamento enorme e mal disfarçado entre os portugueses exilados. Quanto a D. Miguel, só via vantagens no desnorte do irmão, rei absoluto num Portugal dividido e ensanguentado.

-E a senhora D. Amélia como está? - perguntou, procurando mudar o rumo da conversa, empurrando-a para lugar mais seguro.

Maria fez uma careta:

-O bebé nasce dentro de meses, e lá vem mais uma meia-irmã ou um meio-irmão. A filha mais velha de Domitília, a Belinha que a minha mãe não queria no paço, nem próxima de nós, está aí, e vive agora debaixo da asa da duquesa de Bragança, veja lá as voltas que o mundo dá.

Alexandre sorriu:

- Dá voltas, mas muda pouco, senhora D. Maria.

Maria devolveu o sorriso:

- Leva-me a patinar de novo? No Brasil, lembrava-me tantas vezes das nossas lições no lago gelado em frente de casa, lembra-se?

O mais velho dos Palmela teve vontade de a chegar a si, de a proteger desta camarilha de que vivia rodeada. Maria estava muito mais alta, mas os olhos mantinham o brilho, a expressão iluminava-se com a mesma velocidade, e não aprendera, apesar dos esforços e das orações de Leonor da Câmara, a conter os seus impulsos. Aos 12 anos era, de facto, indomável, e se os liberais ganhassem a sua

causa, se o seu pai, Saldanha, Terceira e todos os outros que estavam nos Açores e planeavam tomar o continente, conseguissem recuperar o trono para lho entregar, seria uma rainha determinada. Senhora do seu nariz.

Maria observava-o, extasiada:

-Sei que está a pensar que vou ser uma rainha muito teimosa...

Vendo-o corar de novo, exclamou de alegria:

- Ah, ah, ainda sou capaz de lhe ler os pensamentos. Vê, vê Alexandre, como somos feitos um para o outro?

Alexandre tapou-lhe a boca com a mão, e Maria, ainda tão menina, procurou mordê-la:

-As rainhas não mordem - disse-lhe Alexandre, descontraído, sentindo-se de novo mais à vontade, como se brincasse com uma das suas irmãs mais pequenas.

- Venha, vou levá-la de regresso a casa, antes que chegue por aí a senhora D. Leonor, e nunca mais me deixe visitá-la.

Maria deu-lhe o braço, segredando:

- Subornei o criado francês para me deixar entrar pela porta da cozinha, por isso vá pela da frente, está bem? A duquesa de Bragança ficará feliz por receber a sua visita - disse-lhe piscando o olho, e desapareceu tão depressa como chegara.



Meu primo,

Como sabe, estivemos em Londres, a desfazer o que já estava feito, sendo a rainha obrigada a andar sempre atrás da duquesa de Bragança, aparecendo em público sem distinção alguma, posta à mesa frente a toda a gente, não só abaixo do pai e da madrasta, mas também de outros portugueses. A rainha foi tratada com a amizade e a ternura de sempre, mas sem a glória da outra vez. Viveu rodeada de brasileiros e homens da confiança do imperador, gente de má índole, e constantemente vigiada. Depois, um dia, o imperador acordou com a lembrança de que o governo inglês não a tratava como rainha e, tendo a certeza de que não, certeza que lhe chegou cara a cara com lord Palmerston, mandou-nos a todos seguir imediatamente para Paris. E aqui estamos.

Os conselheiros têm sido como figurantes do teatro: Ele é que fala, Ele é que escreve, Ele é, enfim, quem tem ouvido «Não» a tudo e todos. Até estou com dó d'Ele, porque tudo lhe sai torto; mas não é possível ser de outro modo, e o pior é que nós é que pagamos.

Primo, espero que, sendo embaixador de Portugal aqui em França, seja capaz de mudar o modo como a nossa rainha é tratada. Sabe o que é que desejava?

Que a rainha de França tomasse à sua conta esta infeliz menina desamparada, para a tirar das mãos das bruxas. Mas se for o mesmo «diplomata» a tratar da vida dela aqui, como lá, os resultados serão necessariamente os mesmos. Pobre menina! Confio muito na providência, na justiça da sua causa, mas é bom que se trabalhe e que o primo empregue todos os meios que puder. Não se lembre do Homem, lembre-se só da rainha, porque os nossos serviços são a ela e não ao pai. Adeus, meu primo, vou ficar muito contente quando lhe couber muna parte da glória de restaurar o trono da rainha e restabelecer o sossego de Portugal.

Leonor da Câmara

P. S. - Apesar de se ter dado como garantia as joias da rainha, o imperador só conseguiu angariar três mil libras, o que é uma miséria, e não vai chegar para nada. O imperador não quer usar do seu dinheiro, alegando que precisa dele para sua segurança pessoal, mas talvez o primo, Palmela ou outro sejam capazes de conseguir que emprestem mais à causa, agora que o pai da menina cá está. A dificuldade é conseguir que ele assuma liderar a sua luta, o que me parece complicado, mas possível.

Paris, 25 de setembro de 1831

Os vestidos das primas Orleães eram deslumbrantes, e a rainha Amélia decidira que era preciso que as costureiras fizessem iguais para a rainha de Portugal. Maria, direita para que lhe tirassem as medidas, sorria para Clementina, dois anos mais velha do que ela, e com quem fizera uma amizade instantânea:

- Clem, sabe quem é que vai ao baile de logo à noite?

Clementina piscou-lhe o olho, entre risinhos:

- Aquele em que está a pensar, de certeza absoluta.

Maria não conseguira manter em segredo a sua admiração por Alexandre. Há uma semana que vinha ter com elas ao jardim, e por duas vezes conseguira convencer Leonor da Câmara a levá-la a casa dos Palmela. Sentira uma emoção enorme ao regressar à sala de estar de D. Eugénia: Domingos já tão alto e crescido, e todos os outros quase irreconhecíveis. Pegara no bebé mais pequenino ao colo, comovida, com a memória de que do outro lado do mar estava Pedro, procurando por toda a casa a mana mais velha e o pai, sem os conseguir encontrar. As mais pequeninas lembravam-lhe Januária, Paula e Xica, a mana Xica, pouco mais do que abandonadas à sua sorte. Como estaria a tosse de Paula? Já escrevera à marquesa de Aguiar para que a vigiasse e não se esquecesse de levar Xica para a chácara e de lhe dar muito mimo.

Clem repetia a pergunta:

- Maria, onde é que está com a cabeça? Disse-lhe que o Alexandre de Sousa Holstein ia hoje ao baile, e se usar aquele vestido verde que lhe emprestei, vai ver que ele não consegue olhar para mais ninguém.

Maria, os olhos brilhantes, olhou-a, espantada:

- Sabe que era verde o meu melhor vestido quando estive em Londres aos 9 anos? Será que ele se lembra?

Clem riu:

- Mal se livrar desses alfinetes todos, podíamos ir ao lago dar de comer aos patos, quem sabe quem é que encontramos por lá...

A rainha acenou com a cabeça, impaciente com o tempo que demorava a prova. Gostava de Paris, gostava destes jardins de buxos aparados, os amores-perfeitos alinhados a fazer as bordas, dos caminhos de pedrinhas que ziguezagueavam por meio dos canteiros. Não havia palmeiras, nem matas, nem morros, nem o grito do urubu, e as cigarras aqui também não cantavam, mas pelo menos as pessoas pareciam mais divertidas, mais prontas a dançar e a brincar do que em Londres, e o pai entregara-a à família real francesa com uma liberdade que desconhecia até agora.

Suspirou ao pensar em Leonor da Câmara. Percebia que a mestra não aprovava estas meninas que lhe pareciam demasiado «sabidas», que apanhava a beijar homens mais velhos e em cenas ousadas que nenhuma menina de bem devia sequer imaginar, mas recusava-se a ficar em casa a aprender a gramática portuguesa ou a rezar no oratório, como pretendia.

- Deixe-me ir, D. Leonor! Vou com a Clem e com os irmãos dela - dizia, omitindo, sem saber porquê, o nome de Alexandre.

Leonor acabava por deixar, com vontade de ver a sua menina feliz, mas vincava mais uma ruga. Maria não estudava há meses, ainda

mostrava menos interesse do que dantes pela política, e dava ideia de que a única coisa que ambicionava era ser mais uma dama numa corte alegre e festiva.

Maria viu-o mal entrou na sala das Tulherias. Usava a farda do Exército português, alto, elegante, um sorriso tímido nos lábios, mas uns olhos interessados que absorviam tudo à sua volta. Parecia tão mais velho do que ela, devia certamente achá-la uma criança, gostar dela como os irmãos gostam das irmãs mais novas. Se ao menos se lembrasse que a mãe casara aos 11 anos...

Com o coração agitado, percebeu que falava a uma, duas, três raparigas mais velhas do que ela, os decotes a revelarem formas de mulher, e sentiu raiva do seu corpo de menina, num vestido de menina, uma faixa na cintura, um fio de pedras e brilhantes em redor do pescoço, substituindo os adornos naturais...

Clem pôs-lhe uma mão no braço e sussurrou-lhe:

- É muito bonito, mas é tão sério, meu Deus!

Maria protestou:

- Num baile dos reis de França será, mas quando passeamos pelos campos e me diz o nome dos pássaros e das plantas, e me conta de que é que são feitas as estrelas, não é nem sisudo, nem soturno.

Clem, com todo o desembaraço, acenou a Alexandre, apontando para Maria, cujo rosto se tingiu de vermelho-vivo. «É parva», protestou, mas sentiu as pernas tremerem quando o viu dirigir-se a elas.

Subitamente não encontrava palavras, mas Clem fez a despesa da conversa, empurrando-os para uma valsa, antes que pudessem protestar.

-Alexandre, não sei dançar valsas, odeio valsas - queixou-se, mas dançaram juntos, ágeis, a mão dele na sua, deixando que a levasse. Quando a trouxe de volta à cadeira, Maria olhou para o chão. Alexandre estranhou o silêncio:

- Magoei-a? - perguntou, ansioso.

Maria ergueu a cara e os seus olhos mergulharam nos de Alexandre.

- Nunca. Sei que nunca me magoaria.

E, num impulso, deu-lhe um beijo na cara:

- Prometo-lhe que só danço a valsa se for consigo, nunca, nunca mais quero dançar a valsa com mais ninguém.

Alexandre deu uma gargalhada:

- Senhora D. Maria, não deseje a si mesma uma coisa dessas... seja o que for que o futuro nos reserve, saiba sempre que acima de tudo quero que seja muito feliz.

O criado entregou-lhe uma carta com as armas dos duques de Kent. Uma carta de Vitória, pensou, feliz, e pediu a Leonor que a deixasse abri-la já:

- Depois estudo a Carta, está bem, agora deixe-me ler esta! De certeza absoluta que conta tudo sobre a coroação do rei.

Leonor assentiu:

- Mas lê-a aqui sentada à mesa, e depois continuamos os trabalhos - exigiu.

O sobrolho de Maria franziu-se com irritação:

- Às vezes parece que se esquece de quem sou - disse, zangada. E, despótica, apontou para a porta: - Faça o favor de sair. Chamo-a quando estiver pronta a recomeçar a lição.

Leonor olhou-a, incrédula, mas obedeceu-lhe, e mal a mestra saiu da porta, Maria sentou-se numa das cadeiras próximas da janela, os pés erguidos sobre uma outra, e abriu a carta.

A tinta estava esborratada, Vitória estivera a chorar enquanto escrevia. Leu, ansiosa. Era inacreditável a crueldade da duquesa de Kent, que proibira Vitória de ir à coroação do rei, porque William IV do Reino Unido não aceitara que a sobrinha viesse logo atrás de si na procissão até ao altar. A Vitória tanto fazia em que lugar ia, o que queria era ir, mas a mãe não cedera. Desde o berço que preparava uma rainha, não podia permitir que a rebaixassem, ponto final.

«Nada me conseguiu consolar, nem as minhas bonecas me consolaram», escrevia a pobre Vitória, ainda mais sozinha agora que o tio Leopoldo era rei da Bélgica, um país novo que convidava para rei quem lhe apetecia, que coisa estranha.

Maria suspirou. Nas últimas semanas não tinha pensado nisso, tão divertida estava a ser apenas uma dama nas festas de verão de uma corte mundana, mas a verdade é que estava na mesma situação da princesa herdeira do Império britânico. Uma e outra esperavam a sua vez. E pensando bem, a vez de Vitória podia chegar antes da sua, se o papai não se decidisse a partir para guerra, se o papai não escolhesse lutar para que o trono de Portugal fosse seu.

Chamou Leonor. Agora apetecia-lhe ter com quem falar.

Pedro entrou nos aposentos da filha, eufórico. Aproximou-se de Maria e abraçou-a efusivamente como se não a visse há anos, e, beijando-a na testa, anunciou:

- Filha, hoje o teu nome foi aclamado em Lisboa. Trezentos homens da Infantaria saíram à rua e gritaram «Viva D. Maria II. Viva a Carta». Estás a ouvir, filha? Já gritam o teu nome, está quase...

- E deixaram-nos gritar? - perguntou Maria, espantada.

- Ainda conseguiram atravessar meia cidade, mas acabaram derrotados na Praça da Alegria. As barbaridades que o meu irmão e os seus correligionários têm feito vão virar-se contra eles. Há muita gente ferida e morta, as famílias estão cansadas de estar divididas, e tu comesças a ser a esperança de um Portugal diferente, tu e a Carta.

E com as mãos nos seus ombros, olhando-a de frente, perguntou, subitamente zangado:

-Já leste a Carta? Já sabes o que a Carta diz, ou a tua mestra anda a perder tempo a ensinar-te a Bíblia?

Maria manteve o seu olhar:

- Já li, sim senhor, e não diga mal de Leonor da Câmara, que se dou ainda muitos erros de ortografia, ou se não estudo o suficiente, não é culpa dela.

Nervosa com o confronto, soltou-se das mãos do pai e chegou-se à janela, procurou assustar a ansiedade que a tomava, olhando os jardineiros que regavam a relva. Roeu as unhas, e quando deu por isso pôs a mão no bolso, maldito hábito que viera não se sabe de onde, agravado nos tempos em que se sentira tão presa e sozinha naquele hotel de Londres...

Pedro voltou a aproximar-se, de novo meigo:

- Filha, só quero que estejas preparada para ser rainha. Longe vai o tempo em que os reis se consideravam divinos. Hoje é preciso merecer o lugar, ter a formação necessária para conduzir os destinos de uma nação.

Maria conteve a vontade de lhe dizer que não seria difícil fazer melhor do que Pedro e Miguel.



Caro primo,

Uma nota rápida, para lhe dizer que o vi ao fluído da sala, mas não achei oportuno falar-lhe. O imperador continua rodeado desta gente, e tem aproveitado mal todas as oportunidades de encontrar apoios e financiamento para a causa, mesmo quando os reis de França promovem jantares para esse mesmo efeito. Fala de caça, do «seu Brasil», dos filhos, mas não trata do negócio, como se pretende dele. Mas que lhe digo, primo, se sei que sabe de tudo o que se passa, e sofre mais do que ninguém.

Espero que tudo se resolva depressa, porque se a rainha passa muito mais tempo aqui temo que a sua cabeça fique oca e se habitue a tina vida que nunca terá quando regressarmos a Lisboa. Percebo o seu deshonramento, mas não posso condescender, está sobre os meus ombros a responsabilidade de a tornar capaz de assumir o seu lugar. Esforço-me para que estude, mas nada. Alexandre de Sousa Holstein é tuna boa influência, sei que gosta dele mais do que de todos os outros, e tenho a certeza que nos passeios que fazem juntos lhe incute mais bom senso e sabedoria do que eu em seis horas de lição, por isso confesso-lhe que tenho sido mais liberal nos encontros que lhes permito juntos, do que se o rapaz fosse outro.

Até breve,

Leonor da Câmara

Paris, 1 de dezembro de 1831

Marfa foi chamada ao quarto para ver a bebé recém-nascida. Beijou-a com indiferença, cumprimentou a madrasta com frieza. Uma D. Amélia grande e uma D. Amélia pequena, não tencionava gostar nem de uma, nem de outra.

«Ainda bem que é uma rapariga, porque temia que fosse mais um Pedro, e suportaria mal ver o meu pai babado com um filho varão, afeiçoando-se a ele e esquecendo o nosso Pedrinho, e quem sabe metendo na cabeça que era ele o futuro rei de Portugal. Sabe como os pais são com os rapazes, e como o povo prefere sempre um rei a uma rainha», escreveu a Vitória.

«Quando tiver filhos, quero que sejam todos rapazes. Assim o meu marido ficará satisfeito comigo e com o bebé, e o povo português terá um herdeiro varão. Se uma rainha for mãe de muitos filhos homens, julgo que lhe perdoam ser mulher», confidenciara na mesma carta. Mas quanto a esta meia-irmã pequenina, tencionava ignorá-la, porque afinal não era mais do que a filha dos duques de Bragança, pensou com maldade. Uma criança sobre a qual os seus filhos teriam sempre precedência. E tencionava ter muitos...

Quando a sege parou frente a casa dos Palmela, sentiu o coração dar um salto. Seria possível que tivesse visto entrar o marquês, o senhor D. Pedro? Mas como, se estava na Terceira, se Alexandre ainda há dias estivera com ela a fazer um embrulho de cigarros e charutos para lhe mandar?

Correu pelos degraus acima, atravessou o corredor e abriu a porta da sala onde habitualmente toda a família estava reunida. A lenha crepitava no fogão, mas só as duas mais pequeninas brincavam num canto com as bonecas:

- Onde é que está a vossa mãe? - perguntou, com um pressentimento terrível.

Ana apontou para o andar de cima, sem dizer uma palavra, voltando aos pratinhos das bonecas, e Catarina concordou com a cabeça, sentando-se na cadeirinha alentejana, certamente parte da mobília portuguesa dos marqueses.

Maria subiu as escadas com o coração apertado, e no patamar encontrou a senhora D. Eugénia:

- Senhora D. Maria, não a esperávamos tão cedo - disse, surpreendida, dobrando o joelho numa vénia e beijando-lhe a mão.

Maria percebeu como a sua mão tremia:

- O que é que aconteceu? Será possível ter visto o senhor D. Pedro entrar há minutos, ou sonhei? E onde está o Alexandre, a Eugénia, o Domingos... - As perguntas caíam em catadupa.

Eugénia deu-lhe o braço até ao corredor que dava para os quartos.

Sentou-se com ela num banco corrido de palhinha e explicou-lhe:

- O Alexandre está muito doente, uma afeção dos pulmões, o médico esteve cá, diz que é grave, mas espera que com os remédios a crise passe...

Maria ficou sem palavras. Alexandre doente? Alexandre gravemente doente? Agora que, ao fim de tanto tempo, se tinham reencontrado.

O marquês de Palmela fechou com cuidado a porta do quarto do seu filho mais velho, vindo ao seu encontro:

-Majestade, que honra é vê-la aqui... - e depois, deixando-se cair no lugar livre do banco, escondeu a cara nas mãos.

Maria roeu as unhas, sem saber o que dizer. Porque é que todos aqueles que amava lhe fugiam sempre, como areia entre os dedos?

Paris, 8 de maio de 1832

Marfa pegou na linha e no pano e sentou-se entre as suas damas, que bordavam. Precisava de um pretexto para baixar a cabeça e não deixar que lhe lessem os olhos, encarnados de chorar. Alexandre ia partir, por recomendação dos médicos, para os Açores, onde há três meses estava o senhor D. Pedro, que num impulso agarrara na espada, deixara Paris e juntara-se aos seus homens, lutando pela coroa que, afinal, decidira que pertencia de facto à filha.

Durante todo o inverno, Maria fizera-lhe visitas diárias, e havia dias em que o herdeiro dos Palmela parecia melhor e em que jogavam às cartas, ou viam juntos enciclopédias de plantas, e a rainha apontava-lhe as que aprendera a conhecer no Brasil e falava-lhe delas, com entusiasmo. Mas, sem se saber porquê, voltavam os dias escuros, em que Alexandre conseguia pouco mais do que fazer-lhe um sorriso e estender a mão febril para levar a dela aos lábios gretados, na menção de a beijar. Nesses momentos, pedia-lhe, numa voz débil, que lhe falasse das espécies mais raras que D. Leopoldina encontrara e mandara para a Europa, pedia-lhe que contasse como eram as cachoeiras, lhe dissesse como Jaime armava as armadilhas para os papagaios, e lhe descrevesse o recorte das montanhas contra o céu azul, e como era quente o mar que batia nas praias de areia branca.

Maria, emocionada, provocava-o:

- Tarda nada quer que lhe imite o som infernal das cigarras.

Alexandre ria, um riso baixinho, que tantas vezes acabava num ataque de tosse a que acudia a mãe, sempre atenta num canto, a fazer o seu tricot.

Quando as folhas verde-alface começaram a surgir nas árvores, e os pássaros de novo a cantar, os lagos dos jardins de Paris a partir o gelo e a água a correr de novo pelos canais, Maria teve esperança, esperou que Alexandre ficasse de novo bom, que a luz da primavera devorasse as sombras.

Mas Alexandre ficara pior, e os médicos e boticários que o acompanhavam sugeriram os Açores como a última esperança, a mudança de ares que o podia salvar.

Despedira-se dele ontem à noite, disfarçando a angústia.

- Encontramo-nos em Lisboa - dissera-lhe ele, quando se debruçara para o beijar.

- Encontramo-nos em Lisboa - respondera ela, mas sabia, sabia no mais fundo de si, que nunca mais o voltaria a ver.

Nessa tarde recebeu uma carta de Vitória, em que contava que a mãe lhe dera um diário: «A minha mãe sabe que, à medida que me torno mais velha, consigo perceber melhor este sistema estranho que me rodeia, e que sou capaz de guardar para mim os pensamentos. Espera saber os meus segredos através destes livrinhos, onde me incita a desabafar. Tenho a certeza, e ela não me desmentiu, que tenciona lê-los depois. Ela e o «spy JC», como chama agora a Conroy. Pior para eles.»

Agora, com a carta da amiga na mão, deu por si a pensar que não havia páginas suficientes no Mundo inteiro que pudessem conter a sua dor.



Primo,

Dê-me notícias, estou muito ralada. Sei que se bateu às portas de Paris com o senhor João Oliveira e Daun, o cada vez mais sobranceiro e lunático Saldanha, porque andava por aí a dizer mal do Homem, numa altura em que tudo fazemos para dar a D. Pedro credibilidade, e a insinuar que a rainha é tuna déspota, e não serve ao país. Que ódio. Sei que não morreu, disseram-me pelo menos isso, mas mais nada. O seu mau génio, primo, só lhe pode trazer problemas, e os tempos não são para perder a cabeça, embora se entenda o desespero que provoquem.

Sinceramente, deveria ter desconfiado de que se passava qualquer coisa de grave, porque o procurei por duas vezes em sua casa, mas nunca estava, e o seu criado pareceu-me preocupado. Julguei que fossem as dificuldades financeiras de que me falou, porque é duro o papel que lhe deixaram quando partiram: como pode angariar mais verbas para a luta, contrair empréstimos em nome do Homem, se agora tudo passa pela decisão da imperatriz, e ela não decide nada sem falar com o marido, incomunicável e indeciso, esteja onde estiver.

Bem dizia o primo que compreendia que o imperador não quisesse levar Saldanha com ele, mas a verdade é que debaixo das barbas do Homem talvez fosse menos perigoso do que à solta em Paris, onde promete mundos e fluidos, fala de mais, e, despeitado por não ser integrado na força que segue para Portugal, quer dar nas vistas de outra forma. Pelo menos na guerra teria melhor uso para a espada e menos tempo para a língua.

Dê-me notícias rápido. Hoje partem a marquesa e Alexandre, que Deus lhe valha, e se quiser mandar alguma nota para o imperador

sabe que tem ali portadores seguros. A rainha está inconsolável,
pobre menina.

Que Deus o abençoe,

Leonor da Câmara

Paris, 27 de junho de 1832

Marfa estava sentada na borda do tanque de pedra, a mão a levar a água como um remo, pensativa. Clem e as damas da corte francesa tinham continuado o passeio, e se esforçasse os olhos ainda as via ao longe, a desaparecer no horizonte. Parara naquele tanque onde há um ano Alexandre lhe explicara como se alimentava um nenúfar, as raízes sem terra. Recebera uma carta dele a semana passada, quatro ou cinco linhas apenas, com uma letra trémula, em agradecimento por aquela que lhe escrevera.

Ao longe ouviu uma voz que a chamava, mas julgou que sonhava.

Quando levantou os olhos viu Domingos, que se aproximava a passos largos, a sua aia e Leonor da Câmara deixando-se ficar para trás.

Abriu os olhos com força, procurando não chorar, o peito subindo e descendo rápido, à medida que o coração batia mais depressa. Queria antecipar-se à notícia que Domingos lhe trazia, mas não era capaz.

- O Alexandre morreu, senhora D. Maria - balbuciou o pobre rapaz, tentando manter-se firme, tão firme como os seus 14 anos lhe permitiam. E Maria mordeu o lábio, com a força que 13 anos tão sofridos a tornavam capaz.

- Conte-me tudo, Domingos, conte-me como foi...

Domingos sentou-se ao seu lado, a mão na água como a da rainha, como se o frio aliviasse a dor, e contou:

- Só sei o que a mãe nos escreveu hoje. Diz que Alexandre foi um herói até ao fim. Insistiu em vestir o seu uniforme de soldado de Artilharia, a espada na bainha, e em assistir a partir de uma sege à revista que o imperador fez à guarnição de sete mil e quinhentos homens que hoje partia para o continente, que hoje partiu para tomar o Porto. A minha mãe não o tentou sequer desaconselhar, percebendo que era mais importante que morresse feliz e orgulhoso, sabendo que a senhora D. Maria poderia finalmente ser rainha no seu reino, do que fechado num quarto...

O corpo da menina-rainha tremia em soluços silenciosos, as lágrimas a caírem numa cadeia cada vez mais grossa pela sua pele branca e sardenta, pingando a água do lago de pedra. Domingos, comovido, limpou os olhos molhados à manga do casaco, mas continuou:

- O meu pai estava ao lado do imperador, e passou revista aos soldados, diz a minha mãe, com os olhos postos na sege, os olhos presos aos do meu irmão, para onde olhavam como que hipnotizados todos os nossos homens. Quando terminou, a minha mãe, com aquela coragem que só ela tem, perguntou a Alexandre se não era melhor pedir os últimos sacramentos, e o meu irmão quis saber se não os podiam adiar um bocadinho mais, só para deixar que o meu pai partisse primeiro... partisse antes de saber, ainda com alguma esperança. Mas a minha mãe disse-lhe que não, que se sentiriam todos melhor se recebesse a última bênção de um padre, e Alexandre morreu pouco depois.

Domingos respirou fundo, tentando manter a voz firme. Maria recuperou a sua:

-O seu pai partiu para Portugal? E a sua mãe ficou ali sozinha, com o corpo de Alexandre, sem ninguém, nenhum de vocês perto

dela, Alexandre, o seu filho mais velho, que sempre fez as vezes do seu pai quando ele parte...

Domingos anuiu:

-Espero que a minha mãe chegue ou hoje ou amanhã. Estamos todos cá para a receber...

Maria levantou-se abruptamente, e despediu-se dele com um beijo na testa. Domingos ficou a vê-la partir, sem saber como mitigar a dor da rainha, e a sua.



Caro primo,

Sei que está em Londres a procurar que as potências intervenham em favor da nossa causa, que outra solução não se vê, com as nossas tropas entrincheiradas no Porto, cercadas pelos miguelistas, a morrer de fome, de cólera e de tifo.

Sei que tem procurado que a imperatriz o apoie na sua tentativa de encontrar fundos. Disseram-me também que os ingleses não querem comprar os dois palácios no Rio de Janeiro que o imperador está disposto a vender, mas que aceitariam emprestar contra uma hipoteca. Digo-lhe só que não conte com ela, que não vai tomar uma decisão sem que o Homem lhe dê tuna ordem por escrito. Julguei que aquele medo que sente em relação a ele se dissipasse quando se sentisse em segurança numa corte europeia, próxima da sua família e dos seus irmãos, mas nada parece ter mudado. Continua triste e calada, de volta do berço da filha, rezando pelo marido que teme que morra em combate. Nem a notícia dos desvarios do Homem a parece afetar. Se fosse eu, e soubesse que o meu marido me tinha enganado com uma freira, pode ter a certeza,

primo, que lhe vendia os prédios todos. Talvez seja por isso, por ser demasiado independente, que nunca casei.

Tudo o que precisar, mande dizer.

Da sua prima que muito o estima,

Leonor da Câmara

Paris, 15 de junho de 1833

- **D**ava tudo para voltar ao Brasil - suspirou Maria, que, aos 14 anos, estava mais alta e bem mais larga do que Clem. Sentada no fundo da cama da princesa francesa, experimentava «chapéus de boneca», como lhes chamava, mas como quem cumpre um ritual enfadonho, que não serve para mais nada senão para ajudar a passar o tempo.

Clem deixava que uma criada lhe penteasse o cabelo com uma escova de tartaruga, e olhou a amiga de soslaio:

- Anda a repetir a mesma coisa desde que...

Maria acabou-lhe a frase:

- Não tenha medo de o dizer, Clem, desde que a minha irmã Paula morreu, seis meses depois de Alexandre... Mas sabe, a morte da Paula foi ainda mais dura de uma certa maneira, porque estão lá sem família, sem pai, nem mãe, nem irmã mais velha, já imaginou? E se lesse a carta de Januária percebia como o meu coração ficou em ferida, implorava ao papai para voltar, implorava-me a mim que regressasse, e sabe que eu e ela nunca nos demos muito bem.

Clem não conseguia olhar para a rainha. Não se imaginava longe dos seus dez irmãos. Maria nem parecia dar por ela:

- Sabe o que é que a Januária dizia? Que ela e a mana Xica tinham jurado não comer açúcar durante seis meses, açúcar, Clem, a coisa melhor que o Brasil tem, em ação de graças por o Pedro não

ter morrido também! Já viu o que é duas pobres meninas sentirem que depende das suas orações a vida do imperador?

Nervosa, atirou os chapéus para a outra ponta do quarto, sem cerimónia:

- O meu pai se calhar também vai morrer, naquelas batalhas todas. Já não sei se quero aquele maldito trono que tanto trabalho dá a toda a gente!

Clem abriu a boca, chocada:

- Não diga isso, Maria, depois...

- Oh não, Clementina de Orleães, só me faltava que também me pusesse sobre os ombros o peso da minha coroa!

Clem já conhecia a amiga. Mudou rapidamente de assunto:

- Deixe-os lá a lutar, e conte-me histórias de Vitória. Quero tanto conhecê-la. Já percebi que os meus pais pensam em casar o meu irmão mais velho com ela.

Maria olhou-a, surpreendida. Tinham-no conhecido em pequenas, e Vitória de facto falara-lhe do possível pretendente, mas secretamente, nos últimos meses, pensara que seria o marido ideal para si.

Clem apanhou a expressão de espanto e riu:

- Não se preocupe, que o que não falta nesta família são rapazes. Diga-me lá qual é que preferia? O Henri acha-lhe imensa graça, e François é quase da sua idade, mas tem a vantagem de ser o meu irmão favorito... E se Vitória ficasse com o Fernando, seríamos todas primas e cunhadas entre nós, era bom, não era?

Maria corou. Henri parecia-lhe demasiado sisudo, dava-lhe raspanetes porque falava muito alto, mas François, o príncipe de Joinville, era parecido com Alexandre, alto e loiro, e brincava imenso com ela...

- Que parvoíce - disfarçou. - Mas se quer saber de Vitória, vou ter de lhe falar de animais: tem agora um cocker spaniel chamado Dash, e não fala noutra coisa, e pediu-me um nome para a égua que o rei lhe deu quando fez anos, e sugeri-lhe Rosa, um nome português, e que me lembra sempre a Rosa, criada da minha mãe, que me mimava muito.

Clem riu com o disparate de pôr o nome de uma pessoa a um cavalo, e depois usou a sua prerrogativa de prima mais velha:

- Vá, é a sua vez de se pentear. Hoje temos de ir às compras, porque não pode chegar a Portugal sem nada para vestir.

Pelo menos Clem acha que um dia vou conhecer o país de que sou rainha há tantos anos, pensou. Às vezes sentia que mais ninguém acreditava realmente.

Caro primo,

Não me admira nada que tenha apresentado a sua demissão. Tudo isto é de dar em loucos. Fico contente que Palmela tenha sido promovido a duque, merece-o, mas Saldanha a marechal, a conde e a comandante-geral do Exército, depois dos sopapos que o primo lhe deu pelo mal que dizia do imperador e da rainha, e das intrigas que fazia em prejuízo da causa, é insuportável. Compreendo a sua sensação de injustiça, tanto mais que veio para o exílio e serve o rei aqui em Paris, porque é em Paris que o Homem o quer. Quer ou não quer, não sabemos bem, porque a camarilha dos abrasileirados que o Brasil fez bem em correr ao pontapé não deixa que ninguém de virtude e bom senso se chegue perto da imperatriz. Ainda por cima já devem ter chegado aos ouvidos da pobre o último escândalo, só

espero que a minha menina nunca fique a saber disto. A freira deu agora à luz mais um Pedro de Alcântara, este não é Brasileiro, mas da Terceira. Como é que é possível tanta falta de respeito, tão pouca contenção, mesmo aos 33 anos, quando a fúria dos impulsos devia estar já controlada. E mais estragos continuará a fazer, pode estar certo disso. Felizmente, a esquadra de barcos que Palinela finalmente conseguiu comprar já avançou para o Algarve, para atacar pelo sul. Deus esteja com eles e permita que tudo isto acabe depressa.

Até breve, e que Deus esteja consigo,

Leonor da Câmara

Portsmouth, 16 de setembro de 1833

Marfa vivera os últimos meses com enorme entusiasmo. Mas ao saber que a «esquadra dos vapores» comandada pelo almirante Napier conseguira levar os absolutistas a abandonarem Lisboa, só sentia vontade de festejar. No dia 24 de julho, o duque da Terceira fora recebido triunfalmente na cidade, e quatro dias depois D. Pedro chegara vindo do Porto. «O trono é teu», escrevera-lhe o pai, pedindo as suas orações e gratidão para todos os que tinham sido capazes de realizar a proeza. Menos soldados, menos meios, menos apoio popular, mas uma estratégia bem planeada e uma vontade forte das tropas liberais tinham finalmente realizado o sonho, dizia. O país ainda estava longe da paz, mas as potências estrangeiras já tinham reconhecido que em Portugal reinava D. Maria II. Até Inglaterra enviara para Lisboa um embaixador, contara-lhe, feliz como nunca a vira, D. Leonor.

No dia em que o pai lhes dera «ordem de marcha», ajoelhou-se a seus pés, beijando-lhe a mão:

- Senhora D. Maria, Vossa Majestade - dizia, e Maria, rindo, mandou-a levantar:

- Ainda a mando prender por traição. Então só agora é que me considera rainha?

Os Palmela também faziam as malas. De alguma forma, pensou Maria, este regresso a Portugal teria o condão de sossegar um pouco a dor da mãe de Alexandre. Pelo menos estariam todos

juntos, e o duque de Palmela - teria de se habituar a chamar-lhe assim - poderia finalmente chorar o filho.

Comovera-se ao despedir-se de toda a família Orleães. Na noite antes da partida Clem dissera-lhe, entre lágrimas:

-Mantemos o plano? Maria de Portugal e Vitória de Inglaterra casam com Orleães, e assim ficamos cunhadas!

Maria sorriu-lhe:

- E tu, casas com quem?

Clem suspirou, pensativa:

- Só tens um irmão, e está no Brasil, e se casasse com ele tinha de ir viver para lá e não me servia de nada ser tua cunhada, ou de Vitória, por isso, não sei, temos de arranjar algum primo próximo.

Leonor da Câmara, que ouvia a conversa, sorriu. Rainhas ou princesas, todas as raparigas pensavam no mesmo. Estava tão feliz pelo regresso, tão eufórica com a vitória de que duvidara tantas vezes, que lhe apeteceu juntar-se à conversa das crianças, jurando-lhes que estava certa de que, de uma forma ou de outra, seriam felizes.

A notícia de que seria preciso ir a Portsmouth, em Inglaterra, para embarcar para Lisboa, deixou Maria numa excitação. Escrevera a Vitória implorando-lhe que encontrasse maneira de lá ir ter, para se verem pelo menos mais uma vez, antes da sua partida para Portugal. Leonor da Câmara tentara explicar-lhe que não seria certamente possível que a duquesa de Kent corresse com a filha à vila costeira, mas foi a primeira a ficar surpreendida com a resposta. A duquesa e Vitória teriam todo o gosto em visitar a rainha D. Maria II e a duquesa de Bragança, e a sua filha, no dia 16 de setembro, dizia a nota.

Agora que esperava Vitória, Vitória de carne e osso, Maria sentia-se subitamente envergonhada e sem nada para lhe dizer. Como era possível que a língua estivesse atada, quando todos os dias, durante todos estes anos, contavam uma à outra os seus segredos, sabiam da vida uma da outra mais do que as pessoas que as rodeavam de perto.

Vitória estaria aí a chegar tarda nada, o jardim fora engalanado para a receber, assim como toda a estrada, onde uma banda de música a cada cem metros esperava a passagem daquela que os ingleses já consideravam a sua futura rainha.

Procurou uma outra janela que tivesse uma vista melhor para o caminho, nesta casa desconhecida que lhes fora emprestada apenas por dez dias, o tempo de visitar Windsor e prestar a sua homenagem ao rei William, beijar a mão à tia Adelaide, conforme instruções do pai, que queria que as relações entre os dois países fossem as melhores.

Primeiro ouviu os cascos dos cavalos, e depois viu a carruagem. Gritou o nome de Leonor, que se aproximou para as ver chegar.

Os criados abriram a porta, e Maria, ladeada pela duquesa de Bragança, esperou que a duquesa de Kent e a princesa Vitória descessem, mas de repente Maria saiu a correr, incapaz de esperar mais um minuto.

- Vitória - disse antes de a estreitar nos braços, e a pequena princesa, mais baixa e mais morena do que ela, surpreendida, deixou-se abraçar, os braços caídos ao longo do corpo como uma boneca.

Maria recuperou o seu humor:

- Pareces uma das tuas bonecas! Esquecia-me de que vocês os ingleses não gostam de abraços, nem de beijos, mas fazem mal, a

vida é tão curta...

A duquesa de Kent afagou-lhe o cabelo:

- Mas eu abraço, porque sou «estrangeira» neste país - disse, rindo. - Está tão alta e tão bonita, Maria - comentou de seguida, e Maria retribuiu o sorriso.

- Posso levar comigo Vitória? - perguntou, aproveitando as boas graças em que parecia estar.

A duquesa de Kent pareceu hesitar um momento, mas Maria insistiu:

- Levá-la comigo para o quarto ao lado não é para Portugal - disse, naquele seu tom de quem não admitia uma recusa. Afinal, disse depois a uma D. Leonor eternamente espantada com os desaforos da sua aluna, «ali a rainha era eu!».

Vitória deixou-se arrastar pela mão, e quando viu a porta fechada, sentou-se numa cadeira e riu às gargalhadas:

- Já me esquecia do que é a Maria II de Portugal ao vivo. Até a minha mãe ficou em sentido - e as lágrimas de riso caíam-lhe pela cara abaixo.

Maria juntou-se às gargalhadas:

-Desculpe! Faço as coisas sem pensar, mas queria tanto, tanto estar consigo, perguntar-lhe pelo Dash e pela Rosa, pelo spy JC.

Vitória pôs o indicador em frente da boca, em sinal de silêncio:

- Não diga esse nome, nem aqui! Felizmente, esse senhor sem carácter não teve o desplante de vir, mas continua a aterrorizar-me.

Maria olhou-a de alto a baixo:

- É por causa dele que está mais magra?

Vitória, séria, concordou:

- Odeio estas viagens pelo país, fico enjoada e com dores de cabeça, só quero voltar para casa, e estar com os meus cães, os meus papagaios, obrigada, Maria, por aquele que tem tantas cores que a marquesa de Aguiar me mandou em seu nome, e a minha égua - terminou rindo. - E o pior, o pior é que os reis odeiam estas minhas digressões, que são autênticos atos de rebelião, e a pobre da tia Adelaide é que sofre. Ela bem quer estar comigo, mas entre os ódios da minha mãe e os do rei, não há hipótese.

Maria recordou a tia Adelaide, de quem gostava tanto.

- Talvez um dia me possam visitar em Portugal, agora que está tudo pacífico.

Vitória pareceu querer dizer alguma coisa, mas hesitou e calou-se. Não lhe parecia justo dizer a Maria, na véspera de a pobre embarcar no Soho, que estava à sua espera no cais, que, pelo que lera nos jornais, Portugal estava tudo menos em paz, e que nem sequer D. Miguel ainda saíra do país, continuando os seus apoiantes a deter a maior parte do território.

Maria percebeu que Vitória se preparava para lhe dar uma lição de política, e encolheu os ombros:

- Não tenho lido os jornais, estive em viagem, e de qualquer maneira não acredito em metade do que dizem. Amanhã embarco com o Domingos, e tenho muito tempo para ouvir os detalhes todos.

Vitória encostou a cabeça ao braço e observou-a, como quem observa um quadro.

Maria, incomodada, perguntou-lhe o que fazia.

- Tento guardá-la para sempre na memória.

A rainha sorriu-lhe:

-Vou escrever-lhe todos os dias, contar-lhe tudo. E um dia vai visitar-me, e eu espero por si no cais. A rainha de Portugal recebe a rainha do Império Britânico, já estou a ver o título dos jornais.

Rio Tejo, 22 de setembro de 1833

-Domingos, olhe, olhe para Lisboa! Que bonita que é a cidade, a subir para o castelo! E há tantos barcos no rio, e veja como as pessoas se apinham nas margens, a gritar por mim...

Maria não cabia em si de contente. Aos 14 anos chegava finalmente a Portugal, e de um relance queria certificar-se de que tudo era como imaginara durante todos estes anos de espera, todos aqueles que tinham passado desde que ao colo da sua mãe, no aconchego do Paço de São Cristóvão, ouvia descrições da cidade dos seus avós, da cidade onde nascera o seu pai.

Para Domingos também tudo era novo, e a emoção tirava-lhe as palavras. Finalmente ia saltar para dentro das imagens, que até agora eram apenas pinturas a óleo, ou gravuras, nas paredes da sala, a Lisboa dos seus pais e irmãos mais velhos, mas que nunca conhecera. A Lisboa que agora o pai conquistara, ao lado do ex-imperador, e que se rendia, eufórica, à sua rainha legítima.

Por uma fração de segundo trocou um olhar com D. Maria, e uma sombra cobriu-lhe o sorriso. Tanto um, como outro, sabiam bem que era Alexandre que devia estar nesta amurada, que era Alexandre o guia e o amigo que Maria desejava.

Maria murmurou:

- Não fique triste, Domingos, o Alexandre vê-nos lá de cima, onde está de certeza ao lado da minha mãe, que não perdia esta aclamação por nada neste mundo.

Domingos deu uma gargalhada: só Maria, para imaginar o Céu como uma bancada de um grande teatro, onde em cena estava a chegada da rainha de Portugal a Lisboa, mas sempre gostara deste lado luminoso e divertido da rainha.

Leonor da Câmara, que se aproximara de ambos, sorriu também. Tinha a certeza de que os lisboetas, e um dia os portugueses, iam gostar da franqueza desta rainha, que trazia nas suas raízes brasileiras um lado solar que fazia falta a uma corte demasiado macambúzia e protocolar, algo que o reinado de D. Miguel não fizera nada para diminuir. Olhou de relance para a ex-imperatriz Amélia, que, com a filha ao colo, observava em silêncio a chegada à cidade que agora ia ser a sua.

- D. Leonor, estamos a chegar ao Terreiro do Paço, não é? Ali, aquele cais das colunas, onde atrás estão alinhadas as carruagens à minha espera - exclamou Maria.

- Tem toda a razão... e veja, vem aí uma dezena de escaleres, com o seu pai, Saldanha, o almirante Napier.. - reparou Domingos, vendo que D. Pedro, fardado a rigor, com todas as medalhas ao peito, acenava vigorosamente à filha.

- Senhora D. Maria, este vai ser um dia longo e cansativo, mas guarde dentro de si todos os momentos, porque este é o dia por que tanta gente deu a vida - disse-lhe, solene, Leonor da Câmara, e Maria, num impulso espontâneo, abraçou-a:

- Não me vou esquecer disso, a sério que não vou. E lembra-se como a Vitória disse que ia ser a melhor das rainhas? Eu prometo o mesmo. Vou fazer uso de tudo o que ensinou, e com a ajuda do meu pai, que espero que ainda seja regente por muitos e muitos anos, vou unir o país e as famílias, esquecer as vinganças, e tornar a vida dos portugueses mais fácil.

Leonor passou-lhe a mão pela cabeça, com cuidado para não desmanchar o penteado que demorara tantas horas a fazer, e fez-lhe uma pequena cruz na testa, como uma mãe faria a uma filha de quem se despedia.

Maria nem teve tempo de entender o gesto, porque a voz do pai já ecoava na fragata, subida em três tempos a escada de corda de acesso a bordo.

- Maria, minha querida filha - disse, abraçando-a -, vês como gritam por ti? Vês como o teu pai te deu o trono?

E soltando-a, pôs o braço em redor de Saldanha, o «louco» como Maria lhe chamava dentro de portas, que baixou o joelho ao chão numa vénia teatral e lhe beijou a mão:

- Vossa Majestade, D. Maria II de Portugal, aqui tem um soldado e um homem ao seu serviço, hoje e para toda a sua vida - declarou, numa voz embargada.

Maria agradeceu-lhe, solene também, e D. Pedro bateu nas costas do seu general, anunciando:

- Filha, estás perante o marechal de Saldanha, que acabo de promover ao mais alto cargo do Exército, porque é graças a ele que estamos aqui hoje, que finalmente a rainha se reúne ao seu reino.

E comovido, abraçou a sua menina de novo:

- Maria, deixei todos os meus outros filhos por causa de ti, e foi a minha ausência, tenho a certeza, que matou a pobrezinha da Paula - soluçou.

Maria mordeu o lábio, zangada:

- Pai, não fui eu que o obriguei a sair do Rio de Janeiro, e se tem saudades dos seus filhos, eu também tenho dos meus irmãos.

Mas ficou a falar sozinha, porque o novo regente do reino de Portugal avançava já para a sua querida esposa e a sua adorada filhinha, como exclamava alto. Maria controlou a irritação, respirou fundo, e concentrou-se de novo nos recém-chegados. O pai não tinha emenda, e não era aquela madrasta, que todos insistiam que chamasse mãe, que lhe ia dar a volta. Pouco importava, pensou, agora teria próximo de si o duque de Palmela e a sua querida duquesa de Palmela, e tantos outros dispostos a ajudá-la. E além disso, e deu por si a sorrir, em breve teria marido!



Caro primo,

Que emoção estar de novo em Lisboa, na minha Lisboa, na sua Lisboa, na Lisboa de todos os portugueses, este castelo sobre o rio, este rio que marcou a nossa História, como ponto de partida e de chegada.

Hoje, ao ver o entusiasmo com que o povo recebeu a rainha, os duques de Palmela de novo em Portugal, e o pequeno Domingos, que agora é o herdeiro do título, a chegar com a rainha, tive um momento de esperança, uma sensação de dever cumprido.

Segui na carruagem até à nossa Sé, as paredes sóbrias de pedra a marcarem a Fé de tantos séculos, e rezei com todas as vozes que se levantaram ao Céu no Te Deum, dando graças a Deus pelo fim de um regime de terror e pelo início de um outro, que se deseja de liberdade e igualdade, de respeito pelas pessoas, e de progresso.

Ao contrário do que a euforia do Homem indica, a situação está longe de estar controlada. Lisboa é «nossa», mas o Exército continua nas suas linhas de combate, e, ao que me diz fonte segura, não temos mais do que Lisboa, porque às portas da cidade os miguelistas ainda detêm o terreno, e D. Miguel está ainda em

Portugal, e com mais homens. Queira Deus que não estejamos a agradecer o que ainda não é certo...

Pela minha parte, primo, julgo que o meu tempo estará a chegar ao fim. Pressinto-o já há muito, mas quando vi a forma como os quartos estavam distribuídos aqui no paço, tendo-me sido atribuído um bem longe dos aposentos da minha senhora, tive a certeza. Não tenho dúvidas de que D. Pedro vai assumir a regência como se fosse rei, e que D. Amélia tem todo o interesse em que assim seja. E a nossa rainha, ainda tão criança, embarcará sem protestos nesta usurpação discreta. Irrita-se com o pai, por o considerar imprevisível e despótico? Por vezes sim (julgo que nunca esquece a morte da mãe), e outras tantas tem consciência de que não é justo para quem o serve e procura levá-lo a corrigir os seus gestos, mas a maior parte do tempo aceita as coisas como são, com naturalidade, e que mais se pode pedir a unia filha? Mas é boa menina, e se fosse bem aconselhada seria capaz de ser justa e firme, mas suspeito que vai continuar rodeada destes energínnenos, que além do mais confundem o liberalismo por que lutámos com vendetas contra a Igreja, e que só saberão semear o ódio e a divisão entre aqueles que deram a vida a restaurar o trono.

Tenho a consciência tranquila, e não me vendo por dinheiro algum, por isso só me resta continuar a servir como melhor sei a rainha, e adormecer feliz num quarto na minha cidade, entre estes lençóis de linho, com o cheiro suave da barrela de que tinha tantas saudades.

Dê notícias,

Leonor da Câmara

Palácio das Necessidades, 24 de novembro de 1833

Marfa estava sentada frente à lareira, o bordado pousado sobre um banquinho, rodeada das suas damas que bordavam também. O dia acordara frio e húmido, a chuva batia com força contra a vidraça das janelas, e a sala, embora tivesse sido recentemente remodelada, era desconfortável, escura e fria.

- Quando, no Rio de Janeiro, dizia que odiava o calor, não queria dizer que preferia trocá-lo por isto - dizia a rir, esfregando as mãos para as aquecer.

As damas riam por rir, porque, a bem da verdade, já nem uma restava das que tinham nascido e crescido no Brasil, devolvidas há muito à procedência, mas fingiam compreender o que a rainha dizia.

Maria dava por si a lembrar-se constantemente do Rio de Janeiro, e as cartas que recebia das irmãs deixavam-na mergulhada numa enorme nostalgia. Januária e Xica queixavam-se amargamente de solidão e das saudades da irmã e do pai, sobretudo desde que Bonifácio fora afastado da sua tutoria, e passavam cada vez menos tempo com o Pedro, que, segundo contavam, crescia a olhos vistos, mas era tímido e medroso, abandonando com dificuldade o colo de D. Mariana, que por sua vez defendia ciosamente o seu menino, talvez excessivamente, a avaliar pelo que Bonifácio contava nas cartas que também lhe escrevia.

Lisboa era muito diferente do que imaginara, e sobretudo estes dias escuros de inverno deixavam-na triste, estranhamente ainda mais triste do que aqueles que passara em Londres, mas nessa

altura, suspirava, havia Alexandre e as lições de patinagem no gelo para lhe animar os dias, para já não falar na possibilidade de se refugiar em casa dos Palmela, e de conversar com Barbacena, de quem gostava tanto. E as intrigas não eram melhores aqui do que em qualquer lado. As damas dividiam-se em grupinhos, cochichando umas sobre as outras, e finalmente percebia a hostilidade que sentiam em relação a Leonor da Câmara, que estava sempre tão próxima da rainha e parecia querer ditar todas as regras. Mas a pior inimiga da sua mestra, estava certa disso, era a madrasta, que não esquecera os tempos em Paris em que sentira o desprezo de Leonor, impaciente com as suas indecisões.

Enquanto voltava para o bordado, as mãos já menos geladas, pensou que precisava de pedir à marquesa de Aguiar que lhe mandassem papagaios e plantas raras. Mandaria fazer uma gaiola enorme para a varanda, protegida do frio, e seria ela própria a supervisionar o novo jardim, como a mãe fazia sempre lá no Paço de São Cristóvão.

As damas tinham mergulhado no silêncio, em respeito pela rainha, quando a porta do salão se abriu de repente e o pai surgiu na sala, o sobrolho carregado, aquela expressão que Maria conhecia tão bem, e temia tanto.

- Bom dia, pai, que alegria vê-lo, nesta manhã tão escura.

Mas D. Pedro ignorou-a:

- Senhora D. Leonor, pode fazer as malas e retirar-se do paço - vociferou, e Maria empalideceu, fechando as mãos com força.

A sua dama mais querida, a sua professora, tratada assim, sem mais nem porquê? Indignada, levantou-se, decidida a protestar, mas o pai empurrou-a para baixo, a mão pressionada com força no seu ombro. E Maria sentiu aquela garra forte, deste ser que se transformava de belo em monstro, e deixou-se ficar, como se alguma

coisa vinda de longe, vinda de dentro, a impedisse de ser ela própria, de reagir.

Leonor, por seu lado, estava já de pé, surpreendentemente serena, os olhos nos olhos do imperador, que baixou os seus, incomodado, esta mulher incomodava-o, sempre o incomodara, das poucas mulheres em que o seu charme não resultava, se não fosse quem era já a teria submetido ao seu corpo, domando-a como domara tantas outras, que afinal só o desdenhavam porque o queriam, era isso por certo, pensou, sossegando-o a ideia de que era ele quem estava por cima, e a solteirona que não conhecia homem, uma quarentona rezingona, que escondia sob a capa da coragem aquilo que era, afinal, desejo...

Mas D. Leonor parecia, aos olhos de todos, tudo menos uma mulher presa da luxúria pelo regente de Portugal. Num tom desgastado, disse-lhe:

- Acusada de quê, senhor D. Pedro?

A sua voz era gelada, e teve o efeito desejado. D. Pedro recuou, para junto da lareira, camuflando-se com as damas que se tinham posto de pé à sua entrada, e respondeu, mais inseguro:

- Acusada de quê? Ainda pergunta? De ser contra a Carta, de procurar envenenar a rainha com os seus ideais absolutistas.

Maria abriu a boca, chocada. Absolutista, a sua mestra? Será que o pai estava sob o efeito de alguma droga?

Leonor ria, ria como se estivesse frente a um louco. D. Pedro pareceu nervoso, mas insistiu:

- Todos os conspiradores se escondem por detrás da surpresa. Sei bem que envenena a rainha contra o seu pai, contra os liberais. Mas não sou ingrato. Os seus serviços serão compensados.

Leonor corou de fúria, mas manteve o olhar frio:

- Tanta generosidade só pode comover - vociferou, zangada. - Se não sabe que não há ouro nenhum do Mundo que me compre, que me fizesse consentir em separar-me da rainha, está profundamente enganado, e de facto conhece-me mal.

Pedro queria reagir, mas havia qualquer coisa naquela mulher que lhe lembrava Leopoldina, uma força que o transformava num rapazinho a receber uma descompostura da mãe. Protestou, mas Leonor não acabara ainda:

- As suas acusações são graves, e tenho direito ao bom-nome. Contra a Carta? Absolutista? Nem sentido têm, mas ofendem. Faça o favor de pôr tudo isso pôr escrito, que lhe darei a resposta que merece, e encaminharei o caso para o tribunal.

Maria, inspirada pela segurança da professora, entrou no combate, no tom mais ríspido que conseguiu:

- Pai, que intriga é esta?

Com um gesto mandou sair da sala as damas, que fugiram dali o mais depressa que puderam, ansiosas por espalhar a boa nova, e de cabeça perdida gritou:

- Qual é a acusação, diga-me? Ou esquece-se de que Leonor da Câmara está ao serviço da rainha, e não ao seu?

Mas foi Leonor que lhe respondeu:

- Não se desgaste a defender-me, Majestade. O que tinha de ser será, e pode estar certa de que não me perde. Estarei sempre perto, sabe sempre onde me pode encontrar - e, deixando uma Maria em soluços, virou as costas a D. Pedro e saiu.

Esta cena não era nova, pensou Maria, com a mão no peito, onde lhe faltava o ar. Zangada, protestou:

- Vá lá, pai, conte! Quem é que lhe meteu na cabeça que a minha dama mais querida era contra si?

O imperador, irritado com a humilhação, gritou de novo:

- Contra mim, pouco me importava, mas contra o regime constitucional não posso aceitar! Como podias ter como professora uma mulher que não acredita na Carta, que quer o poder absoluto?

Maria não queria acreditar:

- O pai não sabe o que diz? Está a ter um ataque como teve no dia em que despediu a marquesa de Aguiar do paço, depois de tudo o que ela fez pela mãezinha! Não há ninguém mais constitucional do que D. Leonor, pai. Quantas vezes é que a pobre senhora me avisou contra o absolutismo, elogiou o regime inglês, me massacrou com as vantagens da Carta. Pai, não é nada disso. A pobre é vítima de intrigas de uma outra mulher qualquer, como a marquesa de Aguiar foi das de Domitília...

Pedro corou de fúria. Não queria que lhe lembrassem Domitília, de quem todos os dias sentia saudades, não queria que lhe atirassem à cara os seus erros passados. Gritou:

- Quem é que a menina Maria se julga? Se tem um trono...

Mas Maria também lhe virava as costas, saindo a correr atrás de Leonor. De que valia a pena ser rainha, se era para isto? Se nem podia fazer frente ao pai, dominado agora por uma Amélia? Se a madrasta julgava que sem Leonor se aproximaria dela, estava muito enganada.

Tinha de crescer, tinha de casar, tinha de ser senhora na sua casa, senão como é que alguma vez seria rainha de um país? Fechando-se

no quarto, lançou-se sobre a cama num pranto. O que daria para ter ali a sua mãe, o que daria para ter ali a boneca, a Maria Pequenininha, que deixara partir com a mamãe...



Caro primo,

Nunca pensei que o desprazo do Homem fosse tão grande. Saio agora do paço, neste minuto, e vou para casa da duquesa de Palinela. De lá pensarei na resposta a dar ao regente. Disse-lhe que dama da rainha continuaria até ao fim da minha vida, mas que guardasse as suas pensões ou subornos, e que levaria o caso às Cortes. Não se acusa assim uma dama da rainha sem provar a acusação, mas a verdade é que sei que o Homem ganha a guerra, porque me afasta da minha menina.

Primo, nunca mais me enderece ou mande entregar uma carta a esta morada. Enquanto o Homem aqui viver, não voltarei a entrar neste paço, mas peço-lhe que volte depressa, e tome o meu lugar junto da pobre rainha, que não o será de facto enquanto este monstro estiver vivo.

Não imagina o vazio que sinto por deixar aquela que amo acima de tudo, que servi com toda a dedicação, e por quem daria a vida. Percebo agora, melhor do que nunca, como se sentiu a marquesa de Aguiar quando este Homem a expulsou do palácio, a obrigou a deixar os infantes às mãos desta criatura e de Domitília.

Venha depressa, primo, console-me a mim e proteja a rainha, por quem tanto lutou.

Leonor da Câmara

III PARTE

«Vitória é a melhor das amigas, e sei que procura sempre protegernos, mas a sua arrogância por vezes é intolerável. De Portugal, sei eu.»

Maria II

«Maria diz que a vida de uma rainha casada é fácil. Só se for a dela. que faz tudo nas costas do marido, mantendo a aparência de esposa dócil e obediente.»

litório, 10(11/1(1 de hil-hilerrcr

Palácio de Queluz, 24 de setembro de 1834

As pesadas cortinas de veludo estavam corridas, e apesar das velas acesas, no quarto apenas se percebia o vulto de D. Pedro deitado, a barba longa e esbranquiçada que ninguém cortava havia semanas. Maria correu para junto do pai e deu-lhe a mão:

- Não morra, papai, não morra... pense em mim, que vou ficar sozinha, pense nos manos, pense no Pedrinho, na Xica e na Januária que todos os dias esperam que o senhor volte para junto deles...

Pedro sorriu-lhe, e, apesar da falta de ar, encontrou forças para responder:

- Coitadinha da minha Maria, que aos 15 anos vai ser rainha sozinha, coitadinho do seu pai, que vai desta Terra tão novo, e sem rever o Brasil, o único sítio onde Pedro é Pedro, onde Pedro foi Pedro. Talvez o Paraíso seja parecido com o Rio de Janeiro, talvez tenha morros altos e verdes, e a água do mar tão azul e transparente como a de lá...

Maria passou-lhe os dedos pelos cabelos, suavemente, e não conseguiu deixar de sorrir: o verdadeiro Pedro era aquele que, antes de mais, tinha pena de Pedro. Olhou-o de novo, como se o quisesse guardar na memória. Como estava envelhecido, aos 35 anos.

Mais calma, sentou-se no banquinho ao seu lado, ignorando o choro de Amélia, que se via viúva tão nova, com uma filha pequenina ao colo, e ainda por cima na dependência de uma enteada.

- Sabe, papai - disse, regressando instintivamente ao brasileiro da sua infância -, acho mesmo que o Céu deve ser igual ao Brasil, e o senhor vai poder cavalgar por lá como tanto gosta, caçar o seu almoço, e acompanhá-lo de uma cachaça como aqui não existe, sabendo que cumpriu a sua missão...

Pedro voltou a sorrir, e também ele regressou ao português cantado:

- A missão de deixar uma rainha no trono de Portugal, e um filho no trono do Brasil, é bom, sei disso, filha minha, mas sabe o que queria mesmo? Regressar vivo ao Brasil...

Maria conteve a vontade de rir alto. Sabia bem porque é que o pai preferia a liberdade do Brasil a todas as promessas do Céu, onde certamente a mãe e o próprio S. Pedro o impediriam de encontrar uma moça em cada capelinha.

Levantou-se e inclinou-se para lhe beijar a testa.

Pedro estremeceu:

- Maria, não deixes que o teu mau génio tome conta de ti. Ouve Palmela, Saldanha, os amigos do teu pai, tem cautela com o usurpador, que pode regressar, interessa-te por tudo, não deixes que decidam por ti, mas não decidas sem ouvir os teus conselheiros.

Os olhos de Maria encheram-se de lágrimas, e esfregou-os num gesto infantil, deixando cair a cabeça sobre o peito do pai:

- Papai, prometo, prometo...

Se ao menos não fosse rainha. Se ao menos pudesse chorar como uma qualquer menina que perde o pai. Mas acabava de partir deste mundo o único homem que a podia estreitar contra si, o único que a podia sentar ao colo e atirar ao ar.

Fechou os olhos com força, e por segundos viu-os aos três: a mãe, o cabelo ruivo a brilhar ao sol, estendia os braços para uma Maria, de vestido branco de rendas, que cavalgava nos ombros do pai, e riam juntos, as gargalhadas cristalinas abafadas pelo barulho das ondas que quebravam sobre a areia. Era esse o pai que queria guardar na memória. O outro, enterrá-lo ia com este corpo que agora descansava inerte na mesma cama e no mesmo palácio onde nascera.



Escrevo «Vitória» na primeira página deste diário, tenho tantos que a arca que Lelizen me deu para os guardar já está quase cheia. A mãe ainda lê tudo o que escrevo, mas não me importo - se não gostar, paciência.

Este começa com tuna noticia triste, o pai da rainha D. Maria morreu. Morreu de uma doença contraída pelo seu desbragado comportamento imoral, e que o tinha vindo a enfraquecer aos poucos, ouvi a Lehzen comentar. Tenho pena da rainha, mas não posso dizer que lamente muito, ele pareceu-me sempre um ser inconstante, incapaz de defender uma ideia dois dias seguidos.

Felizmente não foi uma morte inesperada, e Maria diz-me que as Cortes já a declararam maior, e que jurou a Carta, que suspeito nunca leu, a avaliar pelos queixuunes da pobre D. Leonor da Câmara.

Escrevi a dar-lhe os meus sentimentos. Ficar sozinha aos 15 anos, rainha de um país de rastos, saído de tuna guerra fratricida, não é um cenário animador. Alexandre vai-lhe fazer imensa falta.

Maria é bonita, adorável, divertida e consegue fazer-me rir, mesmo nos dias mais sombrios. E corajosa, não tem medo de nada, e invejo a maneira como desrespeita as regras quando lhe convém,

mas suspeito que não vai ter a paciência e a diplomacia necessárias para deixar que outros governem sem interferir, a Maria está habituada ao posso, quero e mando. Mas a verdade é que o Dash, que é o cocker spaniel mais inteligente do mundo, obedece-lhe como a ninguém, por isso talvez os políticos portugueses façam o mesmo.

O tio Leopoldo, que é o melhor conselheiro do mundo e um pai, já me escreveu a pedir que influencie Maria no sentido de um casamento com um dos seus sobrinhos, e meus primos. A esta hora já está em campo...

Por aqui, o rei está cada vez mais doente e mais zangado com a minha mãe, e a minha mãe zangada com ele e com a tia Adelaide, mas como não lhes resta outra alternativa, é provável que um dia eu venha mesmo a ser rainha. Se até lá o spy JC não me matar - pretende à força que o nomeie meu conselheiro, mas nem morta. Ele e a minha mãe apanharam tanta fúria, e aquela criatura chegou a empurrar-me. Se julgarem que esqueço tudo isto, enganam-se. O que me vale é Lehzen, que guardará a minha vida com a dela. Bem, tenho de ir estudar...

Palácio de Kensington, 30 de setembro de 1834

Palácio das Necessidades, 10 de outubro de 1834

O que sente uma filha, incumbida de levar o coração do pai, arrancado do seu peito, para o depositar na cidade do Porto, cidade que o imperador insistira em homenagear com este último gesto?, perguntara a Vitória na carta que hoje lhe escrevera. Mas conhecia bem de mais a resposta, pensou Maria, esfregando os olhos cansados de chorar, e deixando o corpo exausto cair sobre a cama. Palmela estivera com ela e com a duquesa de Bragança, quando lhes trouxeram a campânula de ouro onde a dádiva do imperador seria para sempre guardada, e Maria ordenara-lhes que não a abrissem, recusara-se a ver. E madrasta e enteada tinham aceite a sugestão de Palmela de que a cerimónia de entrega à Igreja da Lapa fosse adiada para fevereiro. Era cedo de mais para se sujeitarem de novo a banhos de uma multidão emocionada, decidira Palmela.

Desde que o imperador morrera que Maria se multiplicava em cerimónias de homenagem ao rei-soldado, e as decisões da governação pesavam agora sobre os seus ombros. Dava por si, vezes sem conta, à espera de ver o pai entrar na sala e tirar-lhe os papéis das mãos, e na sua voz forte mandar que se fizesse exatamente o contrário do que ela acabara de decidir. Sentia a falta do seu abraço forte, da sua autoridade e da sua proteção.

E o vazio que o seu pai brasileiro deixara, como tantas vezes dizia na intimidade, tornara ainda mais pesada a ausência das manas, de frei António, da marquesa de Aguiar, de Rosa, de Jaime, de todos aqueles que tinham estado ao seu lado no dia em que enterrara a mãe.

Aconchegou-se melhor às almofadas, e sorriu no escuro. Agora era rainha de facto, sozinha, mas rainha, e não ia deixar que mais ninguém decidisse quem eram, ou deixavam de ser os seus amigos, nem que se aproveitassem da sua idade para a manipular e usar. Ia mandar. Decidir. Escolher. E escolhia casar com um homem que fosse só seu, lhe desse o apoio e o amor de que precisava, e os filhos que Deus lhe quisesse enviar - só assim, numa casa cheia de gente a que pudesse chamar sua, se sentiria de novo segura.

Suspirou, puxando os cobertores até ao pescoço, tentando criar um ninho apertado como aquele que Florica lhe fazia com os lençóis. Com um homem ao seu lado, pensou de novo, seria capaz de enfrentar as discussões que a cansavam. Nem um mês passara desde que o seu pai morrera, e já se tornara na sede de todas as intrigas...

Nomeara o duque de Palmela chefe do seu primeiro ministério, esperando que todos ficassem satisfeitos, mas afinal nada corria como imaginara: não passava um dia que não lhe batesse à porta um conde, um duque ou um marquês, um sargento, um general ou um marechal, a fazer queixinhas disto e a protestar contra aquilo, alegando que Palmeia só nomeava os seus amigos, ou chorando-se pelo facto de ter sido esquecido, enumerando longas e fastidiosas listas de feitos, deixando-a tão aflita e confusa, que a cabeça estalava de tal forma que a obrigava a ir deitar-se num quarto escuro, exigindo que ninguém a perturbasse. O marechal Saldanha era o pior de todos, tão adorável num momento, rancoroso no seguinte, entusiasta pouco depois, e amuado como uma criança logo a seguir...

Mas a verdade é que quando mandava chamar Palmela e lhe perguntava pelo estado das coisas, irritava-a porque a tratava como se fosse uma das suas filhas, e não precisava de saber detalhes, mas apenas de confiar. Quando estava prestes a explodir, controlava-se repetindo a si mesma «Palmela é dos bons», e não como muitos desta sua nova corte, gente que nunca lutara por ela,

burgueses enriquecidos com o comércio e que agora queriam a bênção real para sedimentar o seu estatuto. Onde estavam quando desembarcaram em Londres? E quem lhe garantia que não eram amigos do tio Miguel, que a assinatura da Convenção de Évora Monte obrigara a deixar Portugal para sempre, mas que ainda tinha aqui os seus partidários e espiões?

Decididamente, precisava de um marido. Para a ajudar a governar, e para outras coisas, pensou com malícia...

Virando-se na cama, riu para si mesma, ao recordar-se subitamente da pobre Maria das Dores, uma das suas damas mais novas, que ainda no outro dia lhe perguntara se não tinha medo da primeira noite... Chocara-a quando lhe dissera, sem rodeios, que ansiava por perder a virgindade, porque devia ser coisa boa, já que não conhecia ninguém que a quisesse de volta.

Todos os dias, desde que chegara à Europa, se espantava com o terror ao corpo que as meninas pareciam ter, enquanto os rapazes, pelo que lhe era dado saber, não se coíbiam de roubar o prazer a pobres criadas, perante o ar complacente dos pais. Não tinha medo da primeira noite, isso não tinha, mas reagia mal à ideia de que passaria a um papel secundário, a consorte de alguém.

Nesse instante, pensou em Alexandre. Se Alexandre estivesse vivo, poderia ter sido ele. Zangou-se consigo mesma. Era preciso pensar no futuro, no príncipe Augusto, duque de Leuchtenberg, como o seu pai pretendia. Seria Augusto, Augusto que, pelo menos, conhecia o seu Brasil.

A rainha não esquecera o duque, nem o seu corpo alto e forte, o bigode loiro que colava com as patilhas, os gestos seguros, e o charme perigoso com que derretia todas as mulheres, com que a tentara derreter a ela. Quantas e quantas vezes procurara beijá-la, quantas vezes quase a pedira em casamento, mas nessa altura havia Alexandre, uma esperança longínqua, mas acesa. Se casasse com

Augusto, pensou, teria de lhe manter a rédea curta, ou acabaria tão enganada como a mãe, e isso, prometia a si mesma, isso nunca iria acontecer. Reconfortada com a ideia, adormeceu.

- Deixam-me casar com um príncipe estrangeiro, neste país com tanto medo de estrangeiros, onde o meu pai e eu fomos vilipendiados por termos nascido longe e vindo de fora? - perguntou a um duque de Palmela aliviado por desviar o assunto das contas públicas e da falta de dinheiro.

- Não me parece que se levantasse problema, tendo em conta que é um homem liberal, reconhecidamente adepto de uma linha constitucional, enteado de Napoleão Bonaparte, irmão da imperatriz viúva...

Maria, subitamente, entusiasmou-se:

- Achava um bom casamento para uma filha sua?

Vendo o duque apanhado de surpresa, insistiu:

- Como tantas vezes me trata como se ainda fosse uma criança, aliás como se fosse sua filha, para o bem e para o mal - acentuou com um suspiro teatral-, não deve ter dificuldade em responder-me.

Palmela corou, e subitamente os seus olhos ficaram vazios de expressão, e a rainha sentiu os seus toldarem-se de lágrimas, e, numa voz trémula, pediu desculpa.

-Peço-lhe desculpa, senhor D. Pedro... sei que quando falamos deste assunto surgem logo as memórias mais felizes, e que tragicamente agora se tornaram nas mais tristes...

Palmela sorriu-lhe docemente, depois de passar o lenço rapidamente pela cara:

- Uma rainha não pede desculpa, muito menos a um súbdito tão imperfeito como eu, senhora D. Maria, mas sim, tem razão, quantas e tantas vezes me lembro de si pequenina mas já tão rainha, a entrar em nossa casa em South Audley Street, dependendo da nossa proteção... E lembro-me dos meus filhos à sua volta, procurando a atenção que Vossa Majestade lhes concedia com tanta simplicidade, e agora, Alexandre já cá não está...

Maria mordeu o lábio, comovida, mas a sua voz saiu firme:

- Nem imagina como lhe agradeço, a si e à senhora D. Eugénia, o acolhimento que me deram. Mas agora devo tomar uma decisão, e fiz-lhe uma pergunta.

O duque pôs-se de pé e caminhou de um lado para o outro da sala, como fazia sempre que pensava alto:

- O marechal Sá da Bandeira é a pessoa certa para negociar esse casamento, embora pouco haja a negociar, já que...

-...já que a minha boa madrasta deve ter tratado de todos os detalhes - disse a rainha, divertida. - Apesar disso, agradecia-lhe que olhasse por tudo, para que fosse bem aceite pelos portugueses, bem negociado, essas coisas todas...

Quando Palmela saiu da sala, com a promessa de concretizar o casamento e apressar a chegada do duque, Maria pegou na pena e começou a escrever. Queria dar a notícia a Vitória. Sentia-se orgulhosa por andar sempre uns passos à frente da futura rainha do Império Britânico.



Recebi uma carta em que Maria me conta que vai casar com Augusto de Leuchtenberg. Sei que o tio Leopoldo não vai ficar

contente.

Paciência. Pelo menos Maria tem a sorte de casar com alguém que já conhece, e de quem gosta. É tmi soldado, com a disciplina do Exército, é instruído e constitucional. Tem 24 anos, mais nove do que a rainha, o que é bom, porque terá a maturidade que ela não tem, e a experiência do inundo que lhe falta. Pode ser uma boa solução, bem melhor do que se tivesse optado por um dos Orleães, como era provável depois da sua estadia em França, e de Clem lhe fazer a cabeça com fantasias.

Além disso, talvez a reconcilie com a madrasta, que agora passa a cunhada, sem deixar de ser mãe da meia-irmã - meu Deus, em que confusões se metem os reis e as rainhas.

Escrevi-lhe de volta para lhe dar os parabéns efusivos, e a pedir mais detalhes. Há momentos em que suspiro por ter a liberdade dela. Por aqui a vida está cada vez mais difícil, com as guerras da família a atingirem um ponto insuportável: a minha mãe e o spy JC espalham o boato de que sou doente e frágil, alegando que não é boa ideia que a coroa passe diretamente para mim. Eles, que me fizeram correr o país, sujeitando-me a exames públicos, em que bispos e políticos eram o júri, tudo para provar ao povo como sou inteligente e instruída, agora querem fazer de mim tuna imbecil, porque querem a regência, porque desejam o poder. Conteí tudo isto a Maria. Talvez assim ela perceba que há mais gente metida em camisas de onze varas. Bem, tenho tantos trabalhos de latim e estudos políticos, que é tuna inconsciência estar aqui a escrever no meu diário.

Palácio de Kensington, outubro de 1834

Palácio das Necessidades, 25 de janeiro de 1835

Marfa saltou da cama com um entusiasmo que fez rir a sua criada de quarto, que lhe trazia o pequeno-almoço num tabuleiro:

- Estás louca, Lurdes, tenho lá tempo para comer na cama? Não ouviste os tiros dos canhões e os sinos a replicar? - perguntou, enquanto abria os reposteiros e a janela de par em par.

- Não se vê nada - disse, inclinando-se sobre a balaustrada, como se quisesse tocar o rio que corria lá em baixo. - A fragata que traz o meu marido já chegou mas não a vejo daqui...

E depois, falando sozinha:

- A esta hora a minha madrasta-cunhada está a chegar a bordo para receber o irmão...

- Senhora D. Maria, meta-se para dentro, aí ao frio, às sete horas da manhã, no mês de janeiro, ainda apanha uma pneumonia, Deus nos valha - exclamou a criada.

Maria soltou uma gargalhada:

-Por amor de Deus digo eu, Lurdes. O meu primeiro marido não quis casar comigo, e ainda me tentou roubar o trono, e agora estás a dizer que morre a noiva antes da noite de núpcias?

A pobre Lurdes benzeu-se, assustada.

- As coisas que a senhora D. Maria diz - refilou, e a rainha, fechando a janela, pousou-lhe uma mão num ombro, meiga:

- Não liguês ao que digo, Lurdinhas, estou tão feliz que são só disparates. Quando vires o senhor D. Augusto vais perceber porquê... Estão prontos os quartos dele? Fizeram a cama com os lençóis de linho novos? E os pintores acabaram as portas? Espero que o cheiro a tinta não seja insuportável, mas paciência, sempre é melhor do que o mofo que aqueles aposentos tinham...

- Senhora, está tudo em ordem...

Maria sorriu:

- Só me resta comer.

E como acontecia sempre que estava nervosa, devorou o pão, os cereais e o café que vinham no tabuleiro, queixando-se pela falta das frutas do seu Brasil. Tinha de pedir às manas que lhe mandassem pés de maracujá e todas as outras espécies de que tanto gostava, e se não dessem fruto, talvez iluminassem os jardins de Lisboa com as suas flores, pensou, olhando com saudade para as miniaturas de Januária, Paula, Xica e Pedro penduradas ao lado da sua cama. Não passava um dia que não as olhasse.

Um bater discreto na porta fê-la pousar a chávena e interromper os pensamentos nostálgicos. A duquesa de Palmela, elegante para os seus 37 anos, e a filha Eugénia pediram licença para entrar, e Maria sentiu a alma mais leve, numa felicidade agridoce.

Eugénia beijou-lhe a mão e entregou-lhe um embrulho, que Maria abriu entusiasmada.

Eugénia explicou:

- Em Lisboa, só fazia sentido oferecer-lhe um Santo António, o santo das noivas...

A duquesa de Palmela acrescentou:

- A bênção de Deus, e da sua mãe que está no Céu a velar por si, já a tem, e é isso que importa...

Maria agradeceu-lhe e, puxando pela mão de Eugénia, pediu:

- Ajudam-me a vestir?

A sua camareira-mor, a marquesa de Ficalho, que chegava com a filha Margarida, entrou devagar, com um sorriso postiço. A rainha nem reparou no gelo com que cumprimentaram a duquesa de Palmela, mas a duquesa tomou nota: as Ficalho não lhe iam perdoar que neste dia tão importante tivesse primazia sobre elas.

A criada preparava os ganchos, porque Maria insistia que queria o cabelo numa trança presa em cima, «faz-me parecer mais magra e elegante», insistia, quando se ouviu de novo bater à porta.

A criada foi surpreendida por um criado vestido com a libré da Casa Palmela. Ia dizer-lhe que a rainha não estava disponível, mas Maria, ao perceber quem era, levantou-se da cadeira frente ao toucador:

- Deixa, sei o que é. Pede-lhe que ponha os papéis na minha mesa de trabalho, já lá vou.

Deixando a criada com a escova na mão, dirigiu-se para a sala ao lado e, pegando na pena, molhou-a no tinteiro e assinou o decreto que nomeava Leonor da Câmara marquesa de Ponta Delgada. Olhou a sua assinatura, com satisfação. Gostava de usar o poder para fazer justiça. Neste dia em que virava uma página da sua vida, queria saldar a imensa dívida de gratidão para com a sua mestra. Voltando para o toucador, sentou-se e refilou:

- Silvina, vê lá o que fazes ao meu cabelo, que não quero que o príncipe se mande daqui.

Eugénia e a duquesa de Palmela olharam-se de soslaio. Nada conseguia apagar de vez as expressões que a rainha trouxera do Brasil. Ainda bem que com o marido falaria em francês...

Augusto entrou no grande salão decorado de novo para esta grande recepção. Mesmo na luz cinzenta deste dia de inverno brilhava, tão seguro de si, tão sedutor...

Era difícil manter a formalidade quando se tinham conhecido no convés de um barco, nas cadeiras de verga de um pátio, em passeios a cavalo pela mata, entre o grasnar dos patos selvagens e dos urubus, risos e gargalhadas, e piropos que iam muito para lá dos comentários que era permitido fazer a uma senhora numa corte europeia...

Augusto manteve a postura de um soldado, piscando-lhe discretamente o olho, enquanto se dobrava numa vénia para lhe beijar a mão.

Maria respondeu com um sorriso, e dispensou com um gesto impaciente os salamaleques da madrasta, cuja solicitude eufórica a irritava.

Depois seguiu-se o almoço, o passeio pelo jardim, o jantar de gala, sempre rodeados de gente e mais gente, sem a oportunidade de trocarem uma palavra a sós. «Não haviam os casamentos de correr mal, se não deixam os noivos sossegados», pensou Maria quando, finalmente, o protocolo permitiu que a rainha recolhesse aos seus aposentos.

Recusara-se a deixar fechar as portadas, queria dormir ao luar, insistira. Subitamente ouviu a porta ranger, e sentou-se na cama, excitada: teria Augusto a coragem de vir aos seus aposentos na noite antes do casamento?

Mas o vulto que chegava junto da cama era o de uma mulher.

- Senhora D. Leonor - exclamou, estendendo os braços para abraçar a sua mestra.

- Minha querida menina, não a podia deixar casar sem um beijo meu, sem a minha bênção e o meu presente - disse Leonor da Câmara, estendendo-lhe um pequeno relicário de Nossa Senhora da Glória. - Aceite-o como uma lembrança minha e da senhora marquesa de Aguiar, a quem pedi que mo enviasse do Rio de Janeiro.

As lágrimas caíram pela cara da rainha, num soluço incontável:

- A minha padroeira, Leonor, a Senhora a quem a minha querida mãe foi roubar o meu nome - soluçou. - Obrigada, senhora marquesa de Ponta Delgada - consegui dizer.

Leonor passou-lhe as mãos pelo cabelo e ordenou:

- Posso não ser mais a sua mestra, mas já para dentro da cama, que não pode apanhar frio. Amanhã é a celebração do seu casamento, e quero desejar-lhe todas as felicidades do mundo.

Maria escorregou para dentro dos lençóis e, estendendo a mão para a prender na dela, implorou:

- Fique aqui comigo até eu adormecer. Protege-me dos pesadelos e dos sonhos maus?

Leonor anuiu com a cabeça e, puxando uma cadeira, sentou-se junto dela, rezando baixinho.



Maria casa hoje. Dizem-me que Augusto é um mulherengo, espero que não lhe parta o coração. O coração da rainha é grande, mas muito remendado, e suspeito que se pode desfazer mais facilmente

do que parece. Penso muitas vezes que somos ainda mais frágeis do que as outras mulheres, porque não temos forma de fugir ao que decidem por nós, e somos obrigadas a esconder os nossos sentimentos de mil olhares curiosos, para não dizer maldosos. Não posso confessá-lo a ninguém, mas sinceramente não me parece que as mulheres tenham qualquer vantagem em casar, ficando para sempre servas dos seus maridos, sem bens próprios, quase sem vontade própria.

Mas que disparate, escrever tudo isto num dia em que só devia pensar na felicidade de Maria. O tio Leopoldo diz-me que Maria tem sido insensata na escolha das pessoas que a rodeiam. Ao que parece, deixou que tuna iinica família, os Ficalho e os Melo, é o que me diz. a rodeiem, sem perceber que com isso acicata invejas, e que ficou na mão de interesses pessoais e de um único ponto de vista... Mas quando não se tem ninguém é fácil cair nestas armadilhas, mas quanto menos preparados estamos para o exercício do poder, pior. É o que dizem os meus professores e o meu tio.

Palácio de Kensington, 26 de janeiro de 1835

Sé Catedral, Lisboa, 26 de janeiro de 1835

Augusto deu-lhe o braço à saída da igreja e, chegando a boca ao seu ouvido, murmurou:

- Não lhe garantia que um dia seria minha?

Disse-o enquanto lhe passava a mão suavemente pelo braço, ericando-lhe a pele, num arrepio.

- Custa-me esperar por hoje à noite - murmurou de novo, enquanto, galante, ia sorrindo à esquerda e à direita.

Maria não sabia o que responder. Fora-lhe dito que o casamento só seria consumado quando completasse 16 anos, e a madrasta, agora cunhada!, assegurara-a que antes dessa idade era cedo de mais, mas resistiria a deixar-se seduzir por este homem que, com a bênção da Igreja, era já seu marido?

Sentia vontade de se entregar ao prazer que estava certa que Augusto lhe saberia dar, nem que fosse pelas lições que certamente recebera das moças mais bonitas do Rio de Janeiro! A garganta apertou-se num nó, seria isto aquilo que a mãe sentia quando o marido saía da sua cama quente para a de outras mulheres?

Sorriu e acenou para o povo que gritava o seu nome. Não ia deixar que o passado a assombrasse. A partir de agora queria ser feliz, tinha o direito de ser feliz.

Augusto aproveitou a passagem entre a multidão em direção à carruagem engalanada, para sussurrar de novo:

- Mal posso esperar para a ter na minha cama.

Maria estremeceu, mas quando levantou os olhos cruzou-os com os da duquesa de Bragança, e sentiu neles um aviso de cautela.

Era verdade que uma mulher que se fazia esperar valia mais... e podiam namorar, tocar-se, deixar-se beijar como nunca fora beijada até então, sabia que a mãe desejava que esperasse...

Quando a porta da carruagem se fechou, beijou-o por segundos na boca, e foi a sua vez de dizer baixinho:

- Temos muito para descobrir antes desse dia...

Os gritos e as ovações da multidão que enchiam as ruas estreitas tomaram-lhe toda a atenção. Depois de anos de guerra e desgraça, de fome e de morte, Lisboa festejava este casamento com euforia. A rainha-menina casava com um garboso príncipe, como nos contos de fadas. Quando tudo faltava no país, e os governos e os políticos se sucediam, uma festa fazia esquecer, pelo menos por um dia, que o liberalismo ainda não os libertara de nada, e que na prática D. Maria era rainha apenas de Lisboa, Sintra e arredores, porque o resto do país continuava dividido e em luta.



A mãe, a Lehzen e eu fomos hoje à missa para rezar pela felicidade do casamento de Maria. Aqui ninguém fala em casar-me, mas o rei meteu na cabeça que o meu nome deveria ser mudado para Charlotte, o nome da minha prima, a princesa real que morreu de parto. Porque Vitória é sinónimo de estrangeiro, e ninguém quer tuna rainha britânica com tun nome alemão, diz ele.

Fiquei muito calada quando a minha mãe me contou. Ela que me deu o seu próprio nome, contra tudo e contra todos, naquela sinistra

cerimónia de batismo, nem pestanejava. «Se for preciso mudar, mudamos», disse-me. Gomo se tudo o que sou, tudo o que fui nestes quinze anos, não representasse nada. Que inveja tive hoje de Maria, rainha, casada, senhora da sua casa e do seu reino. Tenho a certeza de que não aceitaria que lhe mudassem o nome! E eu, quando um dia for rainha, também não me deixarei usar como agora fazem. Charlotte Regina? Não me parece.

Palácio de Kensington, 26 de janeiro de 1835

Palácio das Necessidades, 10 de fevereiro de 1835

Os dias sucediam-se felizes. Maria e Augusto tinham ido a Mafra e a Sintra, passear, montar a cavalo e caçar, ao São Carlos ouvir ópera, a casa dos duques de Palmela dançar, e o Palácio das Necessidades enchia-se de gente todas as noites, os candelabros de centenas de velas acesas, a orquestra a tocar até de madrugada.

Maria e Augusto conseguiam, de vez em quando, escapulir-se para um canto do jardim para namorar em paz, mas que dificuldade era afastar as damas, a cunhada, as tias, a meia-irmã e toda aquela gente que, de repente, insistia em rodeá-los a toda a hora e a todo o minuto.

«Têm medo que engravide do meu marido, é? Grande escândalo, de facto», protestava Maria, desabrida. Mas hoje Augusto conseguira arrastá-la para a biblioteca vazia, e deixava a mão escorregar para lugares proibidos, sossegando-a com palavras:

- Tenha calma, o dia está quase a chegar... Falta pouco mais de um mês para que faça 16 anos, e então...

Maria estremecia com o toque da pele na sua pele, mas subitamente, respirando fundo, zangou-se:

- Não tenho tempo para estas coisas. Há um país para governar, e só Palmela e Saldanha chegam para me pôr a cabeça em água - como é que é possível que nem esses se entendam? Começo a perceber a impaciência do meu pai, no Brasil, com os ministros e os políticos. Lutaram pela Carta, deram a vida para me restituir o trono,

e agora que os inimigos ainda estão longe de derrotados, discutem uns com os outros dia e noite.

Augusto fez-lhe uma festa carinhosa no cabelo:

-Porque é que insiste em não me deixar falar com eles? Sou comandante-chefe do Exército, até o desvairado do Saldanha me deve respeito, tenho mais experiência destas coisas.

Maria fulminou-o com os olhos:

- Do meu povo trato eu, e que nem lhe passe pela cabeça ocupar o meu lugar! Pode ser tudo isso e muito mais, mas em Portugal, a rainha sou eu.



A carta para a Maria seguiu esborratada com as minhas lágrimas. Tenho estado com febre tifoide, e, vendo-me às portas da morte, o depravado de John Conroy, com a cumplicidade da minha mãe, queria que assinasse um documento a confirmá-lo como meu secretário particular. A querida Lehzen entrou de repente e viu como me torturavam, a minha mãe com a mão a forçar-me a agarrar minha caneta, JC com o papel estendido, e eu a arder em febre, recusava-me. Perdeu a cabeça?, gritou-lhe, e pô-los fora do meu quarto. Como é que é possível que tua mãe faça uma coisa destas a uma filha? Preferia ser órfã como a Maria, a ter tua mãe assim. A Lehzen mandou chamar o Dr. Clark, que imediatamente proibiu visitas, até da minha mãe, e agora que estou um bocadinho melhor quer que adote outra rotina, que apanhe ar fresco, em lugar de passar horas e horas à secretária e a estudar. Insiste que faça exercício com pesos para melhorar a minha musculatura, porque sou demasiado magricelas. Para dizer a verdade, com esta doença pareço um verdadeiro cabide. Consolou-me contar tudo isto à Maria, sei que está longe, mas não tenho outra amiga mais perto, e as suas

cartas incisivas e diretas, tão francas e até ingénuas, ajudam-me muito. Põe tudo preto no branco, com tuna simplicidade que não tenho mas que me faz bem. Espero que a resposta venha depressa. Entretanto, brinco com o meu querido Dash, porque me tiraram do quarto todos os livros. Não querem que canse os olhos, e, pela primeira vez na vida, não me apetece ler.

Palácio de Kensington, 20 de fevereiro de 1835

Palácio das Necessidades, 22 de março de 1835

A rainha acordou nostálgica e ficou muito quieta e silenciosa a olhar o teto do dossel da sua cama. Estava há menos de um ano em Lisboa, há sete meses mais precisamente, e já tanta coisa tinha acontecido, pensou. E agora Augusto. Uma das damas, com a maldade que todas têm, suspirou, deixara cair a informação de que o seu querido marido fora visto, de capa em redor dos ombros e chapéu enterrado até aos olhos, num bairro de meninas fáceis. Maria fingira ignorar a conversa, dando-a por um rumor venenoso. E mesmo que fosse verdade, pensava agora enquanto se espreguiçava, os homens tinham as suas necessidades, toda a gente o sabia, e depois deste estúpido jejum a que fora obrigado era natural que procurasse satisfação fora de casa. Mas daqui a menos de uma semana, no dia 4 de abril mais precisamente, tudo isso ia acabar. Dar-lhe-ia tanto prazer, seria tão assídua na sua cama, que ele nunca mais sentiria vontade ou necessidade de sair dela.

O céu de Lisboa estava azul, e não ia deixar que estes pensamentos tristes lhe roubassem a alegria. Para isso bem lhe bastavam os políticos, e nos últimos dias Palmela fora tão atacado nas Câmaras e pelos jornais, acusado de incompetência e favorecimento, que suspeitava que mais dia menos dia apresentaria a demissão. E depois? Depois logo se via. Agora esperava-a um passeio a cavalo com Augusto, e Eugénia e Domingos Palmela. Isto é, se Augusto não tivesse feito uma noitada, pensou, irritada.

A criada ajudou-a arranjar-se, a trança loira e grossa, com um laço azul a prendê-la, a saia de amazona que mandara fazer em

Paris e o chapéu de feltro, preso com um gancho.

-Estou bonita, Lurdinhas? - perguntou, rodopiando em frente do espelho, subitamente cheia de saudades da sua Florica, que lhe prenderia certamente uma das rosas brancas da mãe no cabelo e lhe daria um beijo fugido na testa, entoando uma graça qualquer no seu português cantado. Lurdes animou-a:

-Vá, vá, Senhora, que os meninos Palmela esperam por si.

Maria fingiu repreendê-la:

- Sabes que dei o título de marquês do Faial a Domingos, já não o podes tratar por «menino» - e despedindo-se, desceu a escada para o pátio, onde os cavalos estavam prontos e Domingos a esperava, chuviscado por um aguaceiro que abrisse entre as Chagas, onde morava, e as Necessidades.

- A Eugénia não veio? - perguntou Maria, surpreendida, mas Eugénia ficara em casa, adoentada. - E o Augusto, já desceu? - perguntou Maria, e estranhou que Domingos baixasse os olhos, fingindo limpar as botas com a ponta da chibata.

Franziu o sobrolho, zangada. Estava visto que Domingos sabia mais do seu marido do que ela, certamente alguma noitada inconfessável. Decidida, tomou as rédeas do seu cavalo das mãos do cocheiro, e ordenou a Domingos que a ajudasse a montar:

-Vamos, senhor marquês, que o passeio é comprido, porque quero mostrar-lhe o ancoradouro que mandei fazer frente ao Palácio de Belém...

Domingos hesitou, mas a rainha insistiu:

- Nem parece sua essa timidez. Acha que sair em passeio com a rainha e quatro criados como chaperons é perigoso - desafiou, a voz ligeiramente estridente. Se Augusto saía para a noite, porque é que

a rainha estava impedida de passear com um amigo de infância em pleno dia?

Domingos, deixando regressar a sua habitual boa disposição, saltou para o cavalo:

- Vamos a isso, antes que volte a chover.

Da janela do primeiro andar, a duquesa de Bragança viu-os partir. Nervosa, estendeu as mãos ao longo do seu vestido preto, como que a passá-lo a ferro, e dirigiu-se, num passo apressado, para o quarto do irmão. Não resistia a contar-lhe o que vira, a ele e às suas damas que secretamente nos corredores escuros do palácio se guerreavam com as de D. Maria, numa luta surda pelo poder.

Encontrou Augusto no quarto de vestir, rodeado pelos criados, numa hierarquia rígida, em que uns tinham direito a tocar no príncipe, enquanto a outros restava a tarefa de lhe engraxarem as botas, ou de pendurarem numa cruzeta a farda militar.

Saudou a irmã com a voz rouca, e apontando para a cabeça e para a garganta, numa mímica cheia de humor, disse baixo:

- Dói-me a cabeça e a garganta. Não dormi toda a noite.

Nervosa com a palidez do irmão, a duquesa de Bragança pôs-lhe a mão na testa, que fervia:

- Já para a cama, Augusto.

E protestando com o camareiro:

- Não viu que o senhor duque está a arder em febre? Chame o médico, imediatamente.

Augusto franziu o sobrolho zangado, e, num fio de voz, protestou:

- Mana, que fita é essa? Com um golo de vinho do Porto ao pequeno-almoço fico bem.

Mas a cabeça estalava, e o protesto não demorou a ceder à insistência da irmã.

- Não deixe a Maria entrar aqui, que não quero que apanhe isto - disse a tiritar de frio, apesar dos cobertores de papa que já o cobriam.

A duquesa de Bragança hesitou, mas não resistiu:

- Não há perigo, Augusto. A Maria foi passear a cavalo com o Domingos, o senhor marquês do Faial. O filho do duque de Palmela - insistiu, não fosse algum dos criados não ter entendido a insinuação, ou quem era a personagem.

Augusto pressionou a garganta com o dedo indicador, para conseguir rir:

- Ai mana, mana, esse veneno...

Maria abria as portas, uma por uma, deixando-as fechar atrás de si com estrondo. Corria pelo corredor, como uma criança pequena quando imagina que é perseguida por um ladrão e anseia esconder-se na cama da mãe ou da ama. Corria como naquele dia em que tentara chegar ao quarto da mãe, antes do pai e de Domitília, percorrendo os caminhos secretos do Paço de São Cristóvão, com o mesmo terror de não chegar a tempo. Com o mesmo pressentimento de perigo, de morte, de culpa. Ofegante, paralisou de medo ao ver como a pele lívida de Augusto se perdia na fronha da almofada.

Ignorando o médico e o olhar acusador da cunhada, deu os passos que a separavam de Augusto e, ajoelhando-se ao lado da cama, segurou-lhe na mão. Mas a voz saiu forte, como se não admitisse pieguices:

- Augusto, está tão quente... Livre-se de não se pôr bom num instante, porque preciso de si em breve - disse, piscando-lhe o olho. Aproximando-se para o beijar, murmurou-lhe ao ouvido:

- Lembra-se do combinado? Ou já se esqueceu de que faço anos para a semana?

Augusto passou-lhe o braço em redor dos ombros e reteve-a junto a si por uns minutos longos, mordendo-lhe a orelha, enquanto lhe dizia baixinho:

- Pode contar comigo, Maria.

Mas soltando o abraço, deixou-se cair na almofada.

A rainha beijou-o na testa, escondendo a sua aflição, e saiu apressada em direção à capela. Era preciso rezar. Rezar à sua Senhora da Glória. Pedir à mãe que, lá do Céu, intercedesse por Augusto, intercedesse por ela que já não aguentava mais desgostos.

- Não quero os jornais neste paço, ouviram? - gritou Maria.

Espantado, o mordomo-mor baixou a cabeça em assentimento, esperando ouvir uma justificação.

Mas Maria limitou-se a atirar o Panorama para cima de uma cadeira, e saiu da sala. Curioso, o mordomo olhou as páginas espalhadas do jornal de dia 28 de março, e leu: «Príncipe de Leuchtenberg corre perigo de vida».

Pobre rainha, pensou, enquanto ordenava aos criados que apanhassem as páginas que se espalhavam pelo chão.

Maria entrou no quarto do marido que os médicos haviam desistido de salvar. Não acreditava na medicina, não acreditava em Deus, não acreditava em nada, porque nada disto tinha salvo a mãe, Alexandre, a Paula e o pai, as pessoas a quem mais queria no

mundo. Hoje não acreditava em nada. Com os olhos azuis de um vidro que refletia a luz da vela acesa na mesa de cabeceira de Augusto, afastou a madrasta, que chorava descontroladamente junto da cama, ordenando numa voz gelada:

-Deixe-se de histerismos. Caso se salve não precisa deles, e se estiver a morrer, também não.

Estupefacta, Amélia deixou que uma das damas discretamente a sentasse numa cadeira afastada, na esperança de que passasse despercebida. A pobre duquesa de Bragança não sobreviveria a Augusto, assustou-se o duque de Palmela, chamado ao paço perante esta tragédia iminente.

Como na cena final de uma das óperas a que tanto gostavam de assistir no São Carlos, Maria e Augusto abraçavam-se, sozinhos no mundo.

- Não acredito que não vou saborear a sua pele - sussurrou num fio de voz, só para ela, o príncipe.

Maria corou, e deixou a cabeça cair-lhe sobre o corpo:

- É claro que vai... não se lembra que faço anos... - ainda disse, mas a voz não a levou mais longe.

Augusto, que tossia a cada palavra, o ar a miar ao passar-lhe na garganta apertada pela angina, quase que soletrou, num murmúrio:

- Minha querida, vou sonhar que somos finalmente um só.

E fechou os olhos para sempre. Maria abraçou o seu príncipe perdido, os seus soluços a embalarem o corpo já sem vida.

Quando viu D. Amélia correr para o irmão, Palmela deu dois passos largos em direção à rainha, procurando evitar o confronto. Não chegou a tempo. Ao sentir as mãos da madrasta sobre os

ombros, tentando afastá-la do irmão, que morria nesta terra onde só conhecera a morte e a solidão, Maria soltou-se e rugiu:

- Morreu o meu marido, não posso fazer mais do que aceitar a vontade de Deus, mas aqui, minha senhora, mando eu, e, cortados todos os laços que a prendiam a mim, desapareça da minha vista para sempre.

Se ao menos se pudesse esconder na rede da varanda dos papagaios, se ao menos pudesse correr entre os fetos e o mato, em direção aos braços da marquesa de Aguiar, sentir o cheiro da terra molhada depois de uma chuva sem fim, se ao menos o som das cigarras e os beijos de Florica a pudessem sossegar. Mas não tinha mais do que o céu enevado de Lisboa e uma vontade imensa de desistir. Desde os 9 anos que corria sozinha, de cabeça erguida, fingindo não perceber que tudo e todos estavam sempre dispostos a roubar-lhe o que tinha de mais querido. Quando entrou no quarto, estacou gelada: as criadas já tiravam dos armários o vestido preto, o vestido preto que há menos de um ano usara para o enterro do pai. Gritou, zangada:

- Há tempo para isso, tragam-me o almoço.

Havia de engordar tanto, tanto, tanto, que a porcaria do vestido não lhe caberia nunca mais. Zangada, triste, enraivecida, destruída, que lhe importava o nome que os outros quisessem dar à sua dor. Só sabia que doía de cada vez que lhe roubavam o futuro.



Recebi traia carta da duquesa de Palmela e não queria acreditar no que li. Augusto morreu, vítima de uma amigdalite, no dia 28 de março, dois meses depois do casamento. A senhora D. Eugénia achou que me devia dar a notícia o mais rapidamente possível, porque Maria está devastada de mais para escrever. Sentei-me à

secretária, paralisada: o que é que se diz numa altura destas? O que digo a Maria, mas também à duquesa de Bragança, que perde assim o irmão tão amado. Tentei escrever do coração, porque não gosto de cartas formais, que não dizem nada e só dão ideia de que quem escreve quer é despachar o assunto.

Depois, escrevi ao tio Leopoldo, para que me diga o que acontece a seguir. Não quero ser fria, mas sei que o tio Leopoldo achará que esta é tuna oportunidade enviada do Céu, e de facto, sendo amiga como sou de Maria, sei que ficará melhor casando com um dos meus primos. Julgo que ela não amava Augusto, sempre suspeitei pelas suas cartas que o seu coração estava com Alexandre, mas o que aconteceu é brutal, sobretudo para quem já sofreu tanto. Sei que a duquesa de Bragança tem um outro irmão, que certamente quererá casar com a rainha, mas, não sei porquê, acho que desta vez o tio Leopoldo já não vai jogar a feijões.

Palácio de Kensington, 5 de abril de 1835

Palácio das Necessidades, 18 de abril de 1835

Marfa enxugou as lágrimas. Passara o dia todo fechada na sua salinha, não quisera falar com ninguém, ouvir ninguém. Subitamente sentia-se perdida e assustada: que lhe interessava a coroa, o país, fosse quem fosse, se tudo acabava sempre tão depressa, e num desgosto tão profundo? Augusto estava morto e enterrado, e ela só conseguia chorar.

Ouviu um bater de dedos na porta da sua sala, onde fingia trabalhar pela noite adentro, um bater suave, quase assustado. Quem se atrevia a incomodá-la, depois de todas as suas ordens de que a deixassem em paz? O criado, a medo, disse-lhe que na Sala dos Embaixadores estava o cônsul inglês, que pedia para ser recebido com urgência. Animou-se: viria entregar-lhe uma carta de Vitória, uma carta de consolo?

O pobre Meagher entrou visivelmente perturbado.

- Suponho que Vossa Majestade já sabe o que aconteceu? - perguntou, a voz grave.

- O que aconteceu - repetiu Maria, perplexa. O homem brincava com ela? Perguntava-lhe pelo marido morto?

O diplomata corou até à raiz dos cabelos brancos, e, percebendo o mal-entendido, balbuciou, num francês de «rr» carregado:

- Não, senhora D. Maria, falo da turba que está reunida à porta da casa do duque de Palmela, nas Chagas, a pedir a sua morte, e da

fuga do duque e da mulher para minha casa...

Maria olhou-o, estarecida:

- «Morras» ao ministro, fuga do duque? Não sei de nada, julguei que o Exército, os políticos, a corte, o povo, o país, estivessem de luto! Fale, senhor cônsul - instou, furiosa.

- Peço-lhe imensa desculpa, mas julguei que já sabia do rumor de que o senhor D. Augusto foi envenenado...

- Augusto envenenado? Mas esta gente é toda louca?

Maria franziu o sobrolho, ameaçadora.

- E o que é que esse disparate tem a ver com o duque de Palmela?

O cônsul, visivelmente incomodado, e depois de tossir para ganhar tempo, respondeu:

-A história do envenenamento surgiu num impresso colado nas esquinas da cidade, e que um jornal irresponsável publicou...

Maria fez-lhe um sinal de impaciência:

-Não leio jornais, mas porque é que não responde à minha pergunta: o que é que o senhor duque de Palmela tem a ver com esta história disparatada?

-Era o que lhe tentava explicar, Majestade. O rumor diz que foi o duque que o tentou matar.

Maria abriu a boca com um espanto incontido:

- O duque de Palmela agora é assassino? Um homicida que anda a pôr veneno no prato dos príncipes que se empenha em trazer para

Portugal, para casarem com a rainha? Mas a fantochada não tem fim?

-Senhora D. Maria, não lhe posso dar mais razão, mas sabe como são os boatos, sabe como estas coisas correm, e a verdade é que uma multidão enraivecida se juntou à porta do Palácio Palmela ao fim da tarde, aos «morras». Pelas nove da noite, o duque e a família fugiram pelos quintais, até minha casa, onde estiveram escondidos. Cerca das onze horas a Guarda abriu sobre a multidão, que dispersou. Agora que o duque já voltou para casa, e lá está seguro e acompanhado de amigos, achei que era minha obrigação avisar Vossa Majestade. Palmela queria vir pessoalmente, mas implorei-lhe que delegasse em mim a missão, porque não é seguro que saia à rua.

- A Guarda estava lá, e não fez nada? - perguntou, perplexa, a rainha.

Ainda mais embaraçado, o cônsul respondeu:

- Sim, Majestade, a Guarda Nacional estava lá desde o início, mas só decidiu agir horas depois...

Maria não queria acreditar. Pôs-se de pé, levando o embaixador a fazer o mesmo, aproximando-se da janela. Lá fora a noite, como um espelho mágico, refletia a noite da morte da sua mãe, em que o povo enfurecido assaltara a chácara de Domitília, e o Exército passivo deixara que lhe deitassem fogo. Afastou as memórias e voltou-se de novo para o inglês, com uma nova questão.

- Mas o que alegam? Porque é que o duque de Palmela desejaria matar Augusto?

O pobre homem daria tudo para não ser o arauto desta história. Sem pensar no gesto, puxou de uma cadeira, como se desconfiasse que a rainha iria precisar dela.

Maria zangou-se de novo:

- Não sou uma criança, senhor cônsul! Sou a rainha de Portugal, uma rainha viúva...

O embaixador engoliu em seco:

- Não queria ser indelicado, mas é tão nova, ainda pouco mais do que uma criança, e tem passado por tanto...

- Deixe-se disso, e responda à minha questão...

- A turba foi acicatada pelas sociedades secretas dos quadrantes políticos inimigos do duque, estou certo disso, mas o motivo próximo alegado...

O cônsul respirou fundo, e acrescentou de um fôlego:

- Dizem que o queria morto para que Vossa Majestade pudesse casar com o filho...

Maria virou-se de novo para a janela, escondendo o véu que caía sobre o seu olhar. Não era possível uma ironia destas. «Alexandre, Alexandre, onde estás? Porque é que não me proteges, não proteges os teus pais e os teus irmãos?», rezou baixinho. Era mais do que certo de que alguém falara da sua ligação com Alexandre, e agora confundiam os irmãos...

- Para me casar com o Domingos? Como se tal alguma vez pudesse passar pela cabeça do duque de Palmela, que bando de saloios... De onde terá vindo uma ideia como essa?

Ao ver o embaixador embaraçado, percebeu que havia mais:

- Diga-me tudo, por favor...

- Ao que parece, aproveitaram o facto de Vossa Majestade ter sido vista a passear sozinha a cavalo com o marquês do Faial, dias antes da morte do príncipe, e recordaram que lhe deu há pouco o título...

Maria sentou-se na cadeira que recusara há momentos e escondeu a cara com as mãos. Quantas vezes se arrependera por ter julgado Augusto apressadamente naquela manhã, mas, por amor da Virgem, saíra com Domingos, um amigo que conhecia desde os 9 anos, um amigo, nada mais, e agora julgavam-na uma cortesã, capaz até de comprar o amante com um título, prémio de consolação por não se casar com ele? Seria este o seu destino, ser perseguida, vilipendiada, observada a todo o instante?

Levantou a cabeça, subitamente enfurecida:

- Não há limite para a estupidez humana.

O cônsul queria suavizar o embate:

- Não é nada com a rainha, Majestade. Há setores políticos que odeiam Palmela, que fariam tudo para o destruir.

Maria, cansada, acenou com a cabeça. Sabia bem que os absolutistas achavam Palmela revolucionário, os revolucionários o condenavam por ser aristocrata e ter recebido terras, dinheiro e bens, e como se tudo isto não chegasse ainda havia os radicais, zangados porque não eram escolhidos para o governo, e não suportavam a sua ligação com os ingleses, mas para ela eram todos uns seres cansativos e insuportáveis, que nunca estavam contentes, já para não falar nos clubes dos pedreiros-livres, cujas maquinações nem tentava entender.

-Boa noite, senhor cônsul, hoje mesmo vou escrever ao senhor duque de Palmela.

Meagher, perplexo com a rapidez com que era despachado, não teve outro remédio senão fazer uma vénia e sair da sala.



O cônsul britânico deu-nos conta do que se passou em Lisboa. É terrível imaginar que o povo se tenha voltado contra Palinela e a família, que estranho é que se persiga tuna pessoa que fez e faz tanto pelo país. Custa-me que a pobre Maria seja obrigada a passar por tudo isto sozinha. Dizem-me que a confusão no país é grande, e que um dos erros graves foi a incapacidade de chamar à corte e ao governo aqueles que serviram D. Miguel, sobretudo porque os seus apoiantes são ainda muitos. No fim das guerras civis é sempre difícil perdoar, sendo enorme a tentação de fazer uso do poder para a retaliação, mas é um erro, diz o meu professor de Política, e espero ntmca o esquecer. É difícil aos vencedores serem magnânimos, mas a verdade é que a linha dinástica de D. Pedro, ou seja Maria, ainda está longe de se poder dizer segura. Só que quanto mais medo, menos tolerância. A nossa História está cheia de casos que o provam. Mas Maria, a esta hora, estará pouco interessada no que se passou deste lado do mar.

Palácio de Kensington, 19 de abril de 1835

Palácio das Necessidades, 20 de maio de 1835

A rainha sentou-se no terraço virado para o jardim e que decorara de forma a lembrar-lhe as varandas do seu Paço de São Cristóvão, na esperança de encontrar algum sossego. Não a tinham deixado, sequer, fazer o luto pelo marido, eles, os políticos, que se queriam agora imiscuir também na sua vida privada, ditar os seus amores. Palmela demitira-se pouco depois da manifestação à porta de casa, a seguir viera um ministério e depois outro, e agora era Saldanha que chefiava o governo, o velho amigo do pai que lhe garantia que o país a queria ver casada, que o país desejava uma dinastia.

Primeiro resistira, mas logo depois dera pelos botões das flores a abrirem, as folhas verde-alface a nascerem nas árvores, e o rio Tejo de um azul cintilante, a quem a bonança trazia a cada dia mais veleiros, com fitas de cores a enfeitarem-lhes os mastros, e deixara-se contagiar pela primavera que voltara, como voltava sempre.

O país continuava de rastos, os políticos e os partidos, que nasciam todos os dias como cogumelos, não se entendiam, e a ela cabia-lhe encontrar um marido, cujo prestígio fortalecesse a coroa e deixasse claro que a dinastia de Bragança estava no trono para continuar, e com o apoio das potências estrangeiras. Um homem forte que a ajudasse a governar com a Carta que o seu pai lhe deixara, alguém que estivesse do seu lado, de cuja lealdade não duvidasse nunca. O conde do Lavradio, o primo querido da sua D. Leonor, e quem sabe se instruído por ela, parecia tê-lo encontrado. Fernando de Saxe-Coburgo-Gotha, que, além de todas as

qualidades, tinha o trunfo máximo de ser primo direito de Vitória. Agora era preciso que aceitasse.

Pegou na pena e começou a escrever:

«Minha querida Vitória, podes pedir, com a influência que tens sobre o tio Leopoldo, que ele intervenha em meu favor, e convença o teu primo Fernando de que sou a mulher ideal para ele?», escreveu.

Roendo a ponta da pena, pensou: agora era só dar-lhe os parabéns pelos seus 16 anos, e lembrar-lhe que o casamento as transformava em primas de verdade, como Clem sonhara.



Hoje recebi carta da Maria. Tão cheia de si, que só me dá vontade de rir. Diz que me dá este ano o melhor dos presentes de aniversário, ao ponderar casar com o meu primo Fernando, que nem conheço. Mas pelos vistos tenho de trabalhar para vir a receber o meu próprio presente! Mal sabe a rainha de Portugal que não preciso de influenciar o tio Leopoldo, porque já está em campo há meses, desde o dia em que soube da morte de Augusto. Não me admira nada que tenha sido ele a contactar Lavradio, até porque os dois se conhecem bem e de há muitos anos. Inglaterra, para mais, apoiará certamente este casamento, porque pelo menos deixa de lado a influência francesa.

Quanto a mim, tive um dia de anos fantástico. O rei deu-me uns brincos de safira e um livro de orações debruado a ouro, e a mãe fez-me uma surpresa fabulosa, de tal forma que por momentos (curtos, reconheço!) quase me apeteceu esquecer todas as crueldades a que me tem sujeito (mas não esqueço!)., trazendo a Kensington a minha cantora de ópera favorita. Nem queria acreditar. Adoro ópera, adoro cantar, e adoro dançar. Tenho isso em comtun

com Maria. E talvez, um dia, também um marido escolhido de entre os rapazes Saxe-Coburgo, porque não duvido de que casar-me com alguém da família é parte importante dos planos do meu adorado rei da Bélgica.

Palácio de Kensington, 30 de maio de 1835

Palácio das Necessidades, 29 de março de 1836

Marfa abriu as caixas e exclamou, entusiasmada:

- Senhora D. Eugénia, já viu estas camisas de dormir lindas que encomendei de Paris? E olhe, olhe, senhora D. Eugénia, estes chapéus!

A duquesa de Palmela sorriu, condescendente. A alegria com que Maria preparava o seu terceiro casamento era contagiante. Admirava a capacidade que a rainha tinha de ultrapassar dificuldades, um lado risonho e alegre que era certamente a marca «dos trópicos», como a própria Maria dizia constantemente.

Prestes a fazer 17 anos, Maria era francamente bonita, a pele muito branca, os olhos cheios de vida, as maçãs do rosto sempre rosadas, e o cabelo arruivado por um longo inverno. Mas está mais gorda, reparou a duquesa, recordando os avisos que a marquesa de Aguiar lhe fazia sempre, com receio de que Maria se tornasse tão disforme como a mãe após sucessivas gravidezes e muita tristeza.

Maria apanhou-a pensativa:

- Em que é que está a pensar? - quis saber, a voz a procurar esconder a aflição, como se a duquesa de Palmela estivesse a ver nuvens que lhe passavam despercebidas. Eugénia sorriu, abertamente:

- Pensava em como quero que seja feliz, e tenha muitos filhos, tal como eu, e como a sua mãe.

Maria deu uma gargalhada, mas quem a conhecia bem encontrava no seu riso uma sombra de dor:

- Se Fernando chegar a Lisboa são e salvo, e não morrer só de olhar para mim...

A duquesa passou-lhe a mão rapidamente pelo cabelo:

- Que disparate, senhora D. Maria.

Maria mordeu as unhas, esse seu hábito que nada conseguia impedir, e atreveu-se a continuar, com aquela franqueza que a duquesa de Palmela previa que lhe trouxesse muitos sarilhos, e que já tinha um efeito demolidor nos políticos habituados a guardar o que tinham para dizer para quando o alvo das suas intrigas estivesse de costas:

- Sabe, recebi uma carta da princesa Vitória, a contar como adorou o Fernando, que esteve com ela em Londres durante quase dois meses. Diz tanto, tanto, bem dele, desfaz-se em elogios tão sentidos, que sinceramente não sei se devo ficar contente por ser uma pessoa tão dotada, se devo temer que o queira guardar para ela. Ou pior, que o coração de Fernando já venha tomado...

A duquesa de Palmela sorriu-lhe:

- Ciúmes, senhora D. Maria? Sabe que os ciúmes, na dose certa, são uma coisa muito boa para os casamentos.

Maria olhou-a, intrigada, e Eugénia teve pena de que a rainha estivesse rodeada por uma camarilha que não valia nada. Talvez este marido, mais culto e educado do que ela, com outros interesses, fosse capaz de impedir a rainha de se deixar prender por afetos que dava sem pensar, numa lealdade descuidada de razões.

- D. Eugénia, os ciúmes fazem bem a quê? À conta deles, vi a minha mãe morrer lentamente, e a amante do meu pai a tentar

matar a tiro a própria irmã. Não quero que o Fernando me faça ciúmes.

A duquesa de Palmela respondeu numa voz meiga, de quem sabia como este assunto magoava fundo. Era preciso explicar à rainha que era certo exigir um marido fiel e leal, mas que homem nenhum aceitaria ser enjaulado, como um dos animais selvagens que a imperatriz Leopoldina enviava para as coleções europeias.

- Falava de um ciúme suave, uma pontada no coração que nos diz que temos de ser esposas mais dedicadas, prestar mais atenção aos desejos de quem amamos, sem o tomarmos como certo...

A rainha começou a empilhar as caixas que recebera, como se precisasse de atividade para lhe mascarar a ânsia:

- Vitória diz que Fernando é meigo e interessante, que anda por todo o lado com um bloco e um lápis e desenha tudo o que vê, que é sensível e gosta de música, só qualidades. Coitada, acho que ela, fechada naquele palácio há tantos anos, também se encanta com qualquer um... Mas ter-me-ia avisado se fosse mulherengo, não acha?

A duquesa deu uma gargalhada:

- Tenho a certeza de que sim, Majestade. Vai ver que se vai apaixonar por ele mal lhe puser os olhos em cima, e ele por si, sem dúvida nenhuma.

Maria sorriu, satisfeita:

- Acha mesmo? - e Eugénia acenou que sim com a cabeça. Mais uma vez admirava Leopoldina. O seu amor de mãe fora tão forte que deixara na filha um amor-próprio à prova de intempéries. O que, somado à impulsividade do pai, tornava possível que a rainha estivesse sempre pronta a abraçar o amanhã, enterrando longe do coração o ontem. Será que ainda se lembrava de Alexandre?,

pensou com uma ponta de mágoa, ela que nunca o esquecia, mesmo quando um novo filho crescia no seu ventre, como agora estava certa que acontecia.

Maria já ia na porta:

-Venha, venha, vou mostrar-lhe as obras. Não quero envergonhar-me do palácio em que recebo o meu marido, habituado como está às melhores casas da Europa. Aproveitei a partida da minha madrasta e da pequenina Amélia para o palácio da Rua de Santa Marta, e fiz novos aposentos para todos, venha ver, venha...



Só queria que Fernando ficasse mais tempo. Animou a vida neste palácio, dançou comigo até de madrugada, montámos a cavalo, jogámos às cartas, fomos à ópera, e encheu-me a vida, habitualmente tão monótona, de surpresa e entusiasmo. Preferi-o mil vezes ao seu irmão Augusto, é-lhe superior de muitas maneiras, tem mis olhos lindos, uns caracóis louros que emolduram tuna cara perfeita, tuna inteligência viva e uma alegria infantil que adoro nos homens. Que pena tenho de o ver partir. É tuna pessoa excelente, generosa, tem uni coração de ouro, e eu, mais do que ninguém, só quero que seja feliz. Disse tudo isto à minha boa Maria quando lhe escrevi, mas omiti as minhas dúvidas. Não sei como se habituará a Portugal, tão diferente daquilo que conhece. Fernando vai cheio de coragem, espírito de sacrifício e boa vontade, e, sendo naturalmente inteligente e observador, não duvido de que, com bons conselhos e com muita prudência, tudo vá correr bem. O tio Leopoldo escreveu-me a dizer que passou semanas a instruí-lo na política portuguesa e internacional, e naquilo de que vai precisar para ser rei de Portugal e governar com excelência, e já aqui, em Inglaterra, falámos longamente de política. Teve encontros com os políticos de todos os quadrantes, que ficaram com ótima impressão dele, o que lhe vai ser útil se precisar de ajuda. Ou melhor, quando precisar de ajuda,

porque não é fácil, aos 19 anos, ser consorte de tuna rainha tão jovem, frente a um país destroçado por tuna guerra civil, com tuna situação económica próxima da penúria, e um conjunto de políticos que só agora se iniciam na arte e que parecem estar interessados em tudo, menos nos interesses de Portugal. Leva consigo o seu preceptor Carl Dietz, uni professor mais velho, que está com ele desde pequeno, mas muito francamente não sei bem o que pensar do homem. Pareceu-nie muito controlador, sempre a vigiar-nos, mas talvez Fernando tenha pensado o mesmo da minha Lehzen, sem a qual não sou nada. Enfim, vou pedir à minha mãe que mande vir os meus outros primos, Ernest e Albert. Acho que afinal os quero conhecer.

Palácio de Kensington, 29 de março de 1836

Paço das Necessidades, 8 de abril de 1836

Desta vez, Maria não correu para a janela. Nem quis ver o barco ao longe. E muito menos aceitou esperar impávida e serena, que o marido se apresentasse frente ao seu trono dourado e carmim. Desta vez, Maria estava orgulhosa dos seus 17 anos feitos há apenas quatro dias, e decidida a que ao terceiro marido seria de vez, como comentava, entre risos, com as damas, enquanto as criadas apertavam as costas de um vestido acabado de chegar de Paris, azul-clarinho para lhe realçar os olhos, o decote em barco, ousadamente descaído, as mangas estreitas que abriam em balão para fecharem de novo num botão de madrepérola nos punhos, a renda de uma camisa branca a marcar as mãos, demasiado papudas talvez, mas que importava agora isso...

- Vou ao Arsenal esperar o meu marido, não vou permitir que toda a gente o veja, comente e opine antes de lhe pôr os olhos em cima - insistira, e quando Maria insistia, ganhava sempre.

As carruagens esperavam no terreiro frente ao Paço das Necessidades, que felizmente o tempo seco tornava mais apresentável.

- Ainda bem que não está a chover, porque senão Fernando ficava mal impressionado com o lodaçal das nossas ruas, a começar por este terreiro, que temos de mandar calcetar - comentou com Palmela, enquanto entrava para a carruagem da frente, as armas dos Bragança pintadas de fresco nas portas da carruagem real, por sua ordem expressa.

As multidões ladeavam os caminhos desde cedo, na esperança de um lugar com vista, e Maria acenou-lhes, feliz, e o povo gritou «Viva a rainha!», e seguiu a comitiva, os populares na ânsia de serem também eles os primeiros a ver o príncipe estrangeiro.

- Tenho a certeza de que a esta hora estão a fazer apostas de que vou ser repudiada ou que o meu marido me morrerá nos braços - disse Maria, os olhos fixos num pequeno grupo de varinas que riam entre si.

A duquesa de Palmela riu:

- A sua imaginação fá-la sofrer muito mais do que seria necessário, senhora D. Maria.

Maria encolheu os ombros:

- Quero lá saber o que pensam ou dizem. Cansada estou de ouvir os políticos deste país, que todos os dias me garantem que o povo está pronto para me destronar. O povo, senhora D. Eugénia, é um ótimo pretexto para que cada um diga o que quer sem sofrer as consequências.

A carruagem parara no Arsenal, ali junto do Terreiro do Paço, e Maria viu-o no primeiro relance. Alto, pálido, louro, magro na sua farda a que uma faixa encarnado-viva dava cor, era a imagem perfeita dos príncipes de que a mãe lhe falara tantas vezes. Os príncipes da Viena de Leopoldina, os príncipes que desejara para a sua filha.

Fernando aproximou-se e, com uma vénia, beijou-lhe a mão. Olhou-a, tímido.

- Então, a surpresa é boa ou má? - perguntou Maria em francês, com um descaramento que fez respingar algumas das damas, mas que divertiu Fernando.

- A melhor possível - disse, sorrindo -, e espero também não ter sido uma decepção.

Maria não resistiu:

- Ora bem, depois das descrições que Vitória fez de si...

Fernando corou, e Maria estremeceu. Será que se apaixonara pela princesa inglesa? Se sim, era preciso que se desapaixonasse, ponto final.

- Ia dizer que julguei que a minha querida prima tinha exagerado, mas parece-me que não.

- Parece-lhe, diz bem, acho que é melhor esperar para ver, pelo menos mais um bocadinho... - respondeu Fernando.

- Concordo, mais um bocadinho será, embora já estejamos casados para o bem e para o mal, mas sim, esperamos por amanhã, quando nos voltaremos a jurar um ao outro, na Sé de Lisboa. Mas aviso-o - acrescentou, descarada -, depois disso não há retorno. - E um sorriso largo, que deixava ver os seus dentes brancos e perfeitos, deixava claro o seu pragmatismo.

Fernando protestou que não, que é claro que não queria desertar, mas nem teve tempo de proferir uma palavra, porque uma personagem alta, quase careca, um nariz afiado e uma boca num traço fino, intrometeu-se:

- Não deserta nada, que não deixo. A senhora D. Maria é tudo o que imaginávamos.

Fernando apressou-se a apresentá-lo:

- Carl Dietz, Majestade.

- Ah, o famoso preceptor - disse Maria com um sorriso de aprovação.

O duque de Palmela e os embaixadores de França e Inglaterra, que completavam o círculo, entreolharam-se. A ninguém tinha passado despercebido o «nós» majestático do mestre alemão, como se ele e o príncipe fossem uma e a mesma pessoa.



Coitada da rainha de Portugal. Segundo dizem os nossos embaixadores, hoje mesmo começou usina discussão em torno da nomeação de Fernando para comandante-chefe do Exército, que o contrato nupcial prevê. Ao que parece, as Cortes não concordam que uni estrangeiro assuma o lugar, e até poderiam ter alguma razão, se não fosse o absurdo de nunca terem colocado nenhuma objeção a que Augusto usasse tal título. O que mudou em apenas meses? São os dois igualmente estrangeiros. Escreve o embaixador que os liberais portugueses gostavam mais do pedigree liberal do primeiro, e desconfiam da juventude do segundo, que lhes parece um jovem imberbe e inseguro. Como podem ser tão cruéis? Não querem deixar a rainha em paz. Mas o tio Leopoldo fez questão de que Fernando tivesse um lugar importante em Portugal, e diz-me que o comando do Exército é simbolicamente fundamental. Não vejo que ninguém vá ceder, mas temo que, se não o fizerem, Fernando receba ordens da família para repudiar a pobre Maria, e isso não seria justo. Como é que é possível que o conde do Lavradio tenha assinado uni documento que não era para cumprir? Desconfio que foi armadilhado, mas duvido que aceite esta huunilhação. A ver vamos. Vou montar a cavalo por usina hora, senão o médico garante que as minhas terríveis dores de cabeça voltarão.

Palácio de Kensington, 8 de abril de 1836

Palácio das Necessidades, 9 de abril de 1836

- **E**xplique-me, explique-me como é que é possível que os deputados trabalhem e não respeitem o dia do meu casamento. Não respeitam o senhor D. Fernando, como se a sua chegada não fosse suficientemente importante para que assinalem o dia - indignou-se a rainha, perante o novo primeiro-ministro, José Jorge Loureiro, que torcia as mãos, nervoso. Se a rainha se levantava do banquete do seu próprio casamento, se a rainha de longo vestido branco e tiara no cabelo estava ali na sua sala de trabalho, para protestar com o ministro por lhe ter constado que a Câmara de Baixo não interrompera a sessão para celebrar a festa, como reagiria quando soubesse que os trabalhos se tinham destinado a impedir que o príncipe consorte fosse comandante-chefe do Exército? Fernando, espantado com o desaparecimento da mulher, espreitou discretamente à porta da sala de trabalho, e ficou boquiaberto com uma Maria autoritária e zangada, tão diferente da mulher doce e delicada que o acompanhara ao jardim para ver as espécies que mandara vir do Brasil, da Maria que saíra da sege junto às escadas da Sé de Lisboa, e descera a ala da igreja pelo braço do marechal Saldanha, sorrindo-lhe gentilmente quando lhe dera a mão perante o cardeal-patriarca de Lisboa, perante Deus. Nem, tão-pouco, lhe parecia a Maria cheia de vida que viera todo o caminho da igreja para o paço a apontar-lhe os edifícios mais bonitos, a desvanecer-se com a vista para o rio, a trocar graças com Dietz, com um à-vontade que estava pouco habituado a ver em mulheres.

Maria percebeu que o marido ficara ali, estarrecido, e sorriu-lhe abertamente:

-Fernando, entre, estava aqui a resolver uns problemas urgentes.

Fernando cumprimentou o pobre homem, reparando em como estava nervoso, e teve vontade de pegar no lápis e caricaturar a expressão que lhe via na cara para a publicar num qualquer jornal, com uma legenda do tipo «Aqui está o que acontece a quem quer fazer farinha com a rainha».

Maria sentiu necessidade de explicar a razão que a levava a sair da mesa:

-O senhor ministro veio aqui expressamente para nos desejar as maiores felicidades, não é assim?

O ministro acenou afirmativamente com a cabeça. Era a primeira vez que assumia um cargo tão importante, e suspeitava que não o deteria por muito tempo, mas entendia como iria ser daqui para a frente: a senhora D. Maria deixaria o marido de fora de todos os negócios do reino. Fernando também o registou, mas hoje pouco lhe importava.

Passou a mão pelo cabelo de Maria, e ela sentiu a alma derreter-se ao seu toque. Era virgem, tinha chegado virgem a este dia, sabe-se lá como, pensou a rir, mas prometeu a si mesma que não seria virgem amanhã. Era tempo de começar a viver. Despediu o ministro com um aceno de mão.

Os seus cabelos soltos, espalhados pelas almofadas da cama de Fernando, brilhavam ao sol da manhã que entrava pela janela. Maria abriu os olhos, naquele milagre inexplicável que é o acordar, e estendeu a mão para o espaço que horas antes o marido ocupara. Tateou o vazio, e fez-lhe falta o corpo quente e a pele macia de Fernando, e sentou-se de um movimento, assustada: o marido fugira? Não tinham combinado que, dissessem o que dissessem as damas e as camareiras, acordariam juntos, na mesma cama, no mesmo quarto?

Ouviu uma gargalhada, aquele riso transparente de que já gostava tanto, e, tapando-se com o lençol, olhou para o lugar de onde vinha. Fernando, com uma toalha em volta da cintura, estava sentado numa cadeira, o joelho dobrado a segurar um bloco de papel, onde o lápis de carvão corria:

- Não se mexa, Maria, estou a desenhá-la, a desenhar a mulher mais bonita, a rainha mais perfeita...

Maria sorriu, feliz por tudo isto não ser um sonho, por não ter imaginado o toque na pele que a fizera subir aos céus; por acordar mulher casada de facto. Fingiu protestar:

- O que é que vai fazer ao desenho da rainha nua, da rainha que só para si se despiu?

Fernando aproximou-se da cama e beijou-a na boca ardentemente.

- Vou fazer um portefólio pessoal da minha rainha, e guardá-lo para todo o sempre - disse, abraçando-a com força, a barba por fazer a roçar-lhe a pele clara, deixando a marca da sua presença.

Maria sentiu subitamente uma enorme gratidão. Há tanto, tanto tempo que não pertencia a ninguém, talvez desde que o pai a levava às cavalitas, desde que o abraço da sua mãe se tinha solto para todo o sempre. Os olhos encheram-se de lágrimas, e Fernando lambeu-as, sorrindo-lhe:

- São salgadas, têm o sabor dos morros do Rio de Janeiro de que me falou tanto ontem à noite, dos hibiscos do Jardim Botânico do seu avô João...

- ... e do canto dos pássaros e das cigarras?

- E do canto dos pássaros, e do barulho ensurdecido das cigarras, que só posso imaginar - repetiu ele, deixando-se cair ao

seu lado.

Maria jurou a si mesma que o faria feliz. Muito feliz, hoje e para sempre, como jurara no altar. Fernando nunca se arrependeria de ter deixado a sua terra, nunca se arrependeria que fosse com ela, e não com Vitória, que o tio Leopoldo decidira casá-lo. Com um atrevimento que espantava o príncipe, deixou as mãos escorregar sobre o seu corpo, murmurando:

- É de lágrimas e de prazer que se faz um casamento feliz.

Maria olhou-o do topo da mesa do primeiro almoço e sorriu, satisfeita. Que bonito que era, o laço da camisa branca apertado em redor do pescoço alto e elegante, o colete e o casaco de um corte impecável, e na cabeça um chapéu de palha de abas largas.

- Vesti-me para passear consigo - disse, enquanto se sentava, estendendo a mão para uma laranja, que atirou ao ar e apanhou, fascinado com a cor e a textura.

Maria olhou-o, enlevada: tudo parecia comover e encantar o príncipe, que como uma criança se entretinha com o que lhe ia aparecendo à frente.

- O senhor D. Fernando vai passear, mas eu tenho uma reunião de ministros, infelizmente. Odeio política, sabe, odeio mesmo, e só espero que aprenda português depressa, para me poder substituir nestas tarefas tenebrosas...

Fernando olhou-a, desconcertado:

- Não pode dizer que está na sua lua de mel, e delegar em Saldanha ou noutro dos seus ministros?

Maria encolheu os ombros:

- São todos uns imbecis! A verdade é essa, e se não estiver lá para decidir, pode ter a certeza que decidem a coisa mais absurda imaginável...

Carl Dietz acabava de entrar na sala, a cara afogueada, o nariz ainda mais aquilino do que ontem, ou pelo menos a Maria assim o parecia.

Beijou a mão da rainha, com uma vénia longa, e sentou-se ao seu lado, como se Maria não esperasse outra coisa senão ser acolitada por aquele que, por ser mais velho e experiente, era obviamente a pessoa indicada para aconselhar um casal real.

-Senhor D. Fernando, quando se reina um país não há tempo para luas de mel, não é assim? E se o senhor quer coadjuvar nesta tarefa, é preciso que continue as suas lições de português - tomei a liberdade de lhe encontrar um professor durante a festa de ontem, que aqui estará pelas dez horas. Depois gostava de dar uma volta consigo pelo vale de Alcântara, que o vai deixar fascinado.

E virando-se para a rainha, nada incomodado por comentar uma conversa que não se lhe destinara:

-Tem toda a razão, Majestade, tem toda a razão, estes políticos são, regra geral, gente de baixa condição, incultos, que não sabem o seu lugar. Pelo que ouvi durante o dia de ontem, não posso estar mais de acordo consigo: se não for a senhora D. Maria, com toda a sua sageza, a decidir, dá mau resultado certamente.

Maria olhou-o, satisfeita: ora aqui estava um homem sensato, que percebia que por muito que a política fosse, de facto, mais entediante do que passear, alguém tinha de dedicar-se a ela. E Fernando não estava ainda pronto para o lugar e, para ser franca, preferia-o artista, dedicado a desenhar-lhe os cabelos soltos pela almofada, feliz com as suas descobertas, do que a disputar com ela o poder. Porque Fernando talvez não o soubesse, embora

suspeitasse de que Carl Dietz já o tinha entendido, mas a verdade é que não tencionava partilhar o poder com ninguém. Pelo menos por agora.

Entraram juntos na carruagem destinada a levá-los ao São Carlos. Era a primeira vez que surgiam em público, e Fernando estava entusiasmado com a companhia francesa que atuava naquela noite. Maria, o vestido preto cintado e uma écharpe de um encarnado-vivo que condizia com o carmim dos seus lábios, estava linda. Fernando disse-lho por várias vezes, beijando-lhe a mão e segurando-a junto do seu coração, palavras em alemão, misturadas com as francesas, comovendo-a, e simultaneamente fazendo-a rir, sentimentos novos, que desconhecia.

«Que raiva ter de estragar tudo isto», pensou Maria, mas era obrigatório dizer-lhe o que se passava, antes que algum insulto, ou uma pateada, o surpreendesse no espetáculo. Lavradio bem a avisara nessa tarde de que os ânimos estavam acesos.

- Fernando - disse-lhe numa voz que depressa assumiu um tom de indignação -, hoje o Conselho de Estado não foi fácil, porque lhes deu em protestar, à falta de assunto, com a sua nomeação como comandante-chefe do Exército português.

Fernando olhou-a, espantado:

- Mas porquê, se o conde do Lavradio esteve de acordo, se o contrato nupcial foi assinado pelo ministério português, e se é do contrato que consta essa cláusula?

- Porquê? Porquê? Porque há sempre gente descontente neste país, porque lhes deu agora para suspeitarem dos estrangeiros, ciosos da sua independência - protestou Maria, irritada.

Fernando não entendia. Será que não sabiam tudo o que deixara para trás para aceitar este casamento, esta missão? Será que apesar

dos seus casacos importados de Paris, das peles em redor dos pescoços, dos livros em francês e das cantoras de ópera mandadas vir de fora, os portugueses não tinham consciência de que este país era periférico, primitivo, rudimentar, e que mesmo este São Carlos não era mais do que uma imitação de um teatro italiano?

- Fernando, está a ouvir o que lhe estou a dizer? Opõem-se à sua nomeação...

- E o que é que Dietz acha disto tudo? E o tio Leopoldo, tenho de escrever ao tio Leopoldo...

- Dietz acha um absurdo, e o tio Leopoldo também - retorquiu a rainha, ligeiramente impaciente, e antes que o marido perguntasse como o sabia, acrescentou: - Ouviram falar disto, tem vindo nos jornais portugueses, franceses e ingleses, e voltaram a escrever em protesto.

Fernando olhou-a, magoado, e Maria sentiu um aperto no coração:

- Parece-me que me estão todos a tratar como uma criança. Amanhã vou ler o contrato, perceber melhor o que ficou acordado, e depois dou-lhe a minha opinião...

- Amanhã? - gritou Maria, aquela maldita impulsividade contra a qual Leonor da Câmara tanto lhe pedira cautela. Pois herdara-a do pai, tanto se lhe dava, estava com pouca paciência para reflexões sobre o seu carácter. - Não há amanhã nenhum, Fernando, já disse hoje que não aceitava um desaforo destes. A rainha declarou que não se discute mais o assunto, por isso o assunto está encerrado, ponto final, e vai poder vestir a farda, que as fardas ficam-lhe muito bem.

Fernando olhou para fora da janela, procurando controlar-se:

- Já lhe disse, Maria, que vou estudar o problema. Os assuntos de Estado não se decidem por impulsos. Se tiver razão, mantém-se o pedido de nomeação, se verificarmos que é importante para Portugal que renuncie, então renuncio...

Maria resistiu à tentação de encolher os ombros. Deu-lhe um beijo apressado e sossegou-o:

- Então amanhã logo se vê.



A rainha Maria bateu o pé e Fernando foi mesmo nomeado comandante do Exército, depois da demissão de um ministério que se recusou a acatar a cláusula... Embora esteja contente com o resultado, e o tio Leopoldo mais do que todos nós, não acho bom que o povo português perceba que a rainha nomeia governos para cunprirem a sua vontade. Em breve estarão a dizer que é uma monarca absoluta, e que a Carta lhe dá demasiado poder. O embaixador britânico em Lisboa garante que isto não fica por aqui, que também este governo vai cair, já são tantos em tão pouco tempo, que lhes perco a conta.

Mas escreve que do ponto de vista pessoal está tudo a correr o melhor possível, e que Fernando está radiante com Maria, e ela com ele, e que já são muito felizes juntos. Tenho de confessar que nunca pensei que fossem de tal maneira feitos um para o outro, mas nunca tive dúvidas de que o amor à primeira vista, quando acontece, é poderoso. Além disso, Fernando é tão amável e Maria tão boa pessoa, que suponho que tinha de acontecer. Afinal, também gostei de um e de outra instantaneamente... ou quase.

Palácio de Kensington, 20 de abril de 1836

Palácio das Necessidades, 21 de maio de 1836

Marfa estava sentada à escrivaninha quando Fernando entrou e se deixou cair, estafado, numa cadeira:

- Sabe que atravessei o Aqueduto das Águas Livres a pé, do Rato a Monsanto? O Domingos Palmela veio comigo, é um encanto, e os rapazinhos que vendem água nas ruas seguiram-nos em bando, pareciam achar-me uma espécie rara. A mim e ao Dietz, que andava por ali a ler a história do monumento, sob risco de cair lá abaixo.

Maria parou de escrever e observou-o, contente por o ver contente, divertida com as suas histórias, porque todos os dias havia histórias desta Lisboa que o marido explorava e conhecia muito melhor do que ela.

- Sabe o que é que estou a fazer? - perguntou-lhe, apontando para o papel que estava à sua frente.

-Escreve a Vitória, aposto - respondeu Fernando, descalçando as botas enquanto falava.

-Claro que escrevo a Vitória, mas esqueceu-se que também tem de lhe escrever, porque no dia 24 faz 17 anos, e quero que receba cartas nossas no próprio dia. - E apontando para fora da janela, continuou: - O pacote para Plymouth parte às duas da tarde, temos de lá ter as cartas embarcadas antes disso.

Fernando aproximou-se da mesa, e Maria tapou a carta com o braço, rindo:

- Não tem nada com aquilo que lhe escrevo, é conversa de mulheres, não lhe interessa.

Fernando passou-lhe a mão pelo cabelo:

- Gosto quando usa o seu cabelo numa trança larga - disse, puxando na brincadeira o laço de seda que a prendia.

Maria riu, deliciada:

- Olhe que a criada esteve horas a arranjá-la, não a desfaça - ou já se esqueceu que temos hoje baile em casa do marquês de Fronteira?

Fernando brincou com os cabelos, e depois abraçou-a, encostando a cabeça à dela:

-Está aí tão contente por a Vitória fazer 17 anos, e esquece-se que tem a idade dela, ou seja, é uma menina.

-Então dance comigo hoje à noite, porque pega-se à conversa com os outros homens e esquece-se de mim...

- Hoje prometo, mas não pode ser sempre - disse a rir. - Confesso-lhe que estou cansado, temos ido a bailes dia sim, dia não, para já não falar nas óperas e nos teatros, e queria uma noite em casa, só nós os dois...

Maria deixou-se estar, saboreando aquele momento, para depois voltar a Vitória:

- Há uma coisa que ela não tem. Um marido como o meu.

- Não tem, nem nunca vai ter - disse ele, dando-lhe um beijo -, mas não vai ficar muito mais tempo solteira, pode ter a certeza. A minha tia já tratou de convidar os meus primos Ernest e Albert, agora é só esperar para ver de qual é que Vitória gosta mais...

- Duvido que o rei William a deixe casar com um Saxe - riu Maria -, já tem tido problemas de sobra com a mãe de Vitória, e o tio Leopoldo também não é lá muito bem-visto entre os ingleses...

- São estrangeiros - disse Fernando, numa voz trocista.

- Está a brincar, mas é mesmo isso. Não sei porque é que estranham tanto que em Portugal também não gostem deles - disse, pensativa.

Fernando afastou-se, e olhou pela janela para o jardim onde passava horas a plantar novas espécies, para horror dos jardineiros do paço. De facto, quem vinha de fora tinha sempre hábitos diferentes, e as pessoas reagiam à mudança com medo.

- Vitória deve estar radiante por o rei não ter morrido antes da sua maioridade - agora já não precisa de regente e livra-se de vez daquele duo terrível, mãe e John Conroy em conluio.

- Do spy JC, coitadinha da Vitória, o que aquele homem a fez sofrer. Suspeito que este ano JC já não vai à festa... Vai sentir a mesma alegria que senti quando voltei ao Brasil e ocupei a casa luxuosa que o meu pai fizera para Domitília, a mulher...

Fernando olhou-a de soslaio:

- A mulher que tanto magoou a sua mãe. Acredite, não a vou magoar assim...

Maria baixou os olhos:

- Espero mesmo que não, Fernando. Partia-me o coração.



Ontem recebi cartas de parabéns da Maria e do Fernando. A minha querida Lelizen tinha-as guardado para mas entregar logo de manhã. Gosto tanto deles, e juro que farei tudo por Portugal, porque são tão atenciosos e amáveis comigo. Mas o melhor presente de anos que recebi, para além da emancipação de Conroy e da minha mãe, foi a visita dos meus primos Albert e Ernest. Dancei com eles toda a noite no baile que o meu tio William deu em minha honra em Windsor, mas Albert é meio enfadonho, às nove da noite já adormecia por todos os cantos. Fui obrigada a dançar com os pretendentes que o rei acha que seriam mais indicados, mas sinceramente achei-os gordos, pegajosos e feios.

Hoje já rimos muito com o papagaio grande e colorido que um dos meus tios me deu. Veio do Brasil, e lembrou-me tanto as histórias de Maria, que me contava sempre como a mãe se embrenhava nas matas com os indígenas para os apanhar e mandar para a Europa. Albert esteve a ensinar-lhe a falar, coitado do animal, já lhe basta estar muna gaiola nesta terra fria e enevoada, só lhe faltava ter de aprender alemão... Mas ainda nos rimos muito. Tenho de contar à Maria tudo o que me tem acontecido nestes últimos dias, de Albert ao papagaio...

Palácio de Kensington 25 de maio de 1836

Palácio Real de Sintra, 9 de agosto de 1836

Fernando abriu as portas da janela do seu quarto e contemplou a serra de pedras e vegetação rasteira, com o castelo bem firme no topo, ainda envolto no nevoeiro da manhã. Maria saiu da cama silenciosamente e encostou-se às costas do marido, enterrando a cara no seu roupão, os braços em redor do seu peito. Não era baixa, mas Fernando era muito mais alto do que ela, o que era bom, muito bom, porque queria dizer que os seus filhos seriam altos também, o que lhe agradava. Murmurou:

- Conte-me o que vê, porque não vejo mais do que as suas costas quentes...

- Vejo a paisagem mais bonita da Terra, no palácio de que mais gosto de todos os palácios portugueses. Era aqui que queria viver sempre - disse, virando-se e abraçando-a com força.

- Além do mais - acrescentou -, a maioria dos seus políticos desiste de a maçar quando está aqui...

Maria deu uma gargalhada:

- Exceto o mais imprevisível e louco de todos, que daqui a meia hora está aí a aparecer para o convidar a visitar as obras da casa que faz na serra.

Fernando juntou-se ao riso:

- Saldanha é irresistível, mas prefiro mil vezes a sua versão empreendedora, as suas obras mirabolantes e economicamente desastrosas, do que enquanto político, ou, pior do que isso, conspirador na oposição...

Maria voltou para a cama e puxou sobre si a colcha pesada. Podia falar das mil e uma aventuras políticas do país, mas preferiu falar do tempo, o tempo era sempre um tema seguro, aprendera-o ainda em pequenina na sua passagem por Inglaterra.

- Odeio o calor de Lisboa, e todos os anos quero fugir dele o mais depressa possível, o que parece ridículo dito por uma carioca, mas, sinceramente, como é que é possível que em agosto, em Sintra, se tenha frio sem uma manta por cima dos pés?

- Mil vezes este nevoeiro misterioso - disse Fernando, de olhos de novo na serra. - Quero comprar o castelo e a cerca da Pena. E transformar o convento, que encontrei em ruínas, no nosso palácio de verão.

- O dinheiro é seu, e a vista lá de cima é deslumbrante, vê-se Lisboa, o rio Tejo, Mafra, o mar da Praia das Maçãs, os monges sabiam escolher os melhores sítios...

- Quero que este palácio tenha tudo que vi de mais bonito em todos os palácios do Mundo, tudo num só. Conto consigo para ajudar a escolher as plantas para o grande parque que quero fazer em redor, e, claro, a pensar a divisão das salas e dos quartos, dos sítios onde os nossos filhos vão brincar...

Maria gostava de o ver tão entusiasmado. Sabia que a agitação política o consumia, que desesperava por a ver constantemente em reuniões, obrigada a chamar este para substituir aquele, e depois aquele para substituir o primeiro, em negociações e conciliábulos que não levavam a nada. Temia que as finanças do país não suportassem muito mais tempo a falta de produtividade, a falta de

consistência nas leis, as mudanças constantes, sem um rumo, uma estratégia.

Construir um palácio, pensou, era uma boa ideia, que forma brilhante de o ter ocupado com alguma coisa que ele adorava, e simultaneamente engrandecer o património do país. Só podiam ficar gratos ao seu Fernando.

O ponto de encontro era a quinta onde Saldanha investia agora o seu tempo, pouco acima da vila, próximo da Fonte da Sabuga. O marechal esperava os reis, em pé em cima de uma rocha, o óculo encostado à cara, acenando à pequena caravana que fazia este passeio. Fernando entusiasmou-se rapidamente na conversa com os arquitetos, mas Saldanha, sem cerimónia, puxou o braço da rainha, para lhe apontar, num terreno mais abaixo, a Casa Italiana, construída sobre uma torre medieval, que destinava à mãe.

- Vai fazer uma escadaria de centenas de degraus daqui para lá? - perguntou, estarrecida com a escada que descia pela encosta abaixo.

O marechal deu uma enorme gargalhada:

- Majestade, que outra maneira há de ter uma mãe por perto, e logo uma mãe filha do ilustre marquês de Pombal? A minha pobre esposa já faz muito em aturar-me, imagine o que seria da vida dela, se a sogra cá pudesse dar um saltinho a toda a hora?

Maria não conseguia parar de rir.

- Ó Saldanha, não se dê ao trabalho de fazer mais degraus até lá baixo ao paço, porque prometo que só o visitarei com convite formal - comentou, irónica.

Mas Saldanha fingiu não dar pela ironia. Apontou para a estrada e comentou:

- Senhora, olhe quem aí vem. O Dr. Miguel Forjaz, o mais distinto clínico de Sintra, o único que ainda me faz acreditar na medicina, porque a maioria dos médicos são uns vigaristas, que escondem a ignorância com vaidade. Digo-lhe que ando a estudar uma medicina alternativa, e suspeito que as propriedades aqui da Fonte da Sabuga são bem mais potentes do que mil desses elixires que nos fazem engolir quando nos apanham doentes.

A rainha sorriu ao recém-chegado. Das loucuras de Saldanha não esperava nada, mas concordava com o marechal: Forjaz era bom homem, e enquanto estivesse aqui em Sintra preferia recorrer aos seus cuidados do que aos de qualquer outro.

Nessa noite soube a notícia. O duque de Palmela fizera o negócio da sua vida, ao contratar o casamento de Domingos com a pequenina filha do conde da Póvoa, que morrera deixando uma das maiores fortunas portuguesas, bem maior do que a da coroa. A criança ainda só tinha 10 anos, e fora entregue pela mãe à duquesa de Palmela para a educar, enquanto esperava os dois anos a que a lei agora obrigava para a consumação do casamento.

Fernando franziu o sobrolho quando escutou o tom com que o marquês de Fronteira contava a história à rainha, e percebeu que mais uma vez a queriam envenenar contra Palmela. Maria seria sensível ao veneno, pensou, enciumada por ver uma criança entregue aos cuidados da senhora D. Eugénia, que considerava como uma mãe, zangada porque o seu protetor fazia arranjos sem a consultar, desconfiada com o poder e a riqueza que um dos seus nobres acabava de conquistar. Fernando suspirou, cansado. O ciclo vicioso das invejas não tinha fim.



O tio Leopoldo está preocupado com o estado de Portugal, onde a instabilidade ameaça com uma nova revolução. Maria não fala de

nada nas suas cartas, mas o nosso embaixador garante que a tem avisado do descontentamento da população, e de como essa insatisfação está a ser manipulada pela esquerda mais extremista. Haverá eleições em breve, mas a suspeita em relação à seriedade com que são realizadas é grande.

O tio Leopoldo pede-me que tente, discretamente, dizer a Maria que Fernando precisa de um lugar de destaque, para não se sentir humilhado junto de uma mulher tão poderosa. A verdade é que os homens conformam-se mal a uma rainha no trono. E este é um momento único na História da Europa: em Espanha, a pequenina Isabel é rainha, e a rainha Cristina a regente, em Portugal, Maria, e em Inglaterra, talvez uni dia seja eu. Este é o tempo das Irmãs Rainhas, como o tio Leopoldo nos chama às três.

Tenho de ir, porque hoje é a minha última lição de canto com Lablache, foram vinte e seis ao todo, e penso já no prazer que terei em retomá-las na próxima primavera. E o melhor cantor de ópera do Mundo, e sou uma privilegiada por o ter como professor.

N. B.: Quando um dia mandar vou mudar a idade em que as crianças podem trabalhar - hoje a chaminé do meu quarto foi limpa por uni rapazinho de 5 anos que trepou por dentro dela acima, com o bruto do seu «dono» a espicaçar-lhe os pés com a vassoura, para que fizesse o trabalho mais depressa. O Dash ladrou como louco ao patrão, por isso acho que também ele é contra esta crueldade.

Palácio de Kensington, 9 de agosto de 1836

Palácio das Necessidades, 10 e 11 de setembro de 1836

A multidão ia crescendo no terreiro das Necessidades, gritando insultos contra a rainha. Maria, encostada aos vidros, olhava as tochas trazidas pela multidão. Como eram semelhantes os povos, lembrava-se bem da agitação que dominara o Rio de Janeiro, levando o pai a abdicar e a deixar o Brasil. Era o que a esperava?

Passou a mão pela testa. Quando Vitória lhe perguntava pelo estado do país, respondia invariavelmente que estava tudo bem, mas não valia a pena negar a si mesma a crise econômica e social que Portugal vivia. Não valia a pena. Sabia não era a rainha de todos os portugueses, sabia que, ao protestar contra a fraude das últimas eleições, o povo apenas exprimia a revolta contra a carestia de vida, contra o inqualificável aumento do preço do pão. Mas que podia ela fazer? Em tom de troça, já perguntara aos ministros se queriam que se reunisse com os padeiros e lhes impusesse um valor. Porque era a ela que insultavam, quando os cabeças de abóbora dos deputados é que eram incompetentes?

Um som de vidro partido fê-la dar um grito.

- Calma, minha querida. - Fernando estava atrás de si. Há quanto tempo ali estaria? - Foi só um criado que deixou cair um copo...

- Calma? Não lhe disse que as eleições são uma fantochada neste país? Olhe só para o que aconteceu! Isto está planejado pelos mesmos de sempre, os que me querem fora daqui, e aproveitam-se do desembarque dos deputados vindos do Porto, para criar todo este barulho - vociferava Maria, perante um Palmela cabisbaixo e um

Saldanha que acenava que sim com a cabeça, concordando. Se não tinham apedrejado já o palácio, em breve o fariam, pensou Fernando, insistindo que a rainha ficasse sentada no centro da sala, procurando sossegá-la com os seus argumentos.

- Maria, quando não há dinheiro, quando os soldados não recebem há meses, quando se decidiu um imposto sobre os vencimentos dos empregados públicos e o preço do pão dispara, deixando muitos com fome... Quando, ao mesmo tempo, se assiste às dotações generosas e aos rendimentos dos titulares de altos cargos da administração... Quando tudo isto está assim, o povo vai em qualquer conversa...

Maria, zangada, protestou:

- Com tantos ministérios que já tivemos, cá para mim não há já família nenhuma que não tenha enchido os bolsos à conta da rainha e da Nação. Nisso, estou com o povo. Olhe, Fernando, sou capaz de me juntar à multidão, mas para dar «morras» aos políticos!

Saldanha não conteve uma gargalhada, mas os olhos de Palmela brilhavam de irritação.

- Talvez seja melhor desistir do cargo de comandante-chefe do Exército, talvez tenha sido isso que desencadeou esta sublevação da Guarda Nacional, e de qualquer forma é bem visível que não tenho poder nenhum - atalhou o príncipe.

Maria fulminou-o:

- De facto, senhor D. Fernando, agora o que nos faltava era demitir-se. Já não basta estar na iminência de me ver obrigada a abjurar a Carta, ainda lhes vou dar de mão beijada o seu lugar!

Dietz olhava para a rainha com orgulho, e Fernando sentiu que ambos o reprovavam. «Será que não via que o tinha ofendido?», perguntou-se, mas a Maria pouco importava as sensibilidades deste

ou daquele, o que era para se dizer, dizia-se, e quem estava a ser insultada era ela.

-E a Guarda? Onde está a Guarda para conter estes insurretos? Está a confraternizar com eles, está a insultar a sua rainha. Não foi para isto que atravessei o Atlântico tantas vezes!

-Pois não, Majestade - a voz cansada de Palmela ousava interromper os devaneios da rainha. - Não foi para isto que tantos lutaram, perderam vidas e fortunas.

-D. Pedro, de fortunas falamos depois, mas será que se esqueceram todos de que sou uma rainha limitada pela Carta? Convoquei eleições livres, como é meu dever. Diga-me, diga-me o que se espera mais da rainha? Que posso mais fazer? Ir em pessoa controlar cada urna? Se houve desacatos e burlas, que se averigue. Ou então que se queimem as Cartas e o poder volte absoluto para os monarcas!

- Senhora, felizmente esse tempo terminou - disse Palmela perante o olhar irado da soberana. - Os deputados do Douro, onde a oposição alcançou maioria absoluta, desembarcaram ontem em Lisboa. Nem os surdos poderiam deixar de ouvir o alarido, a festa dos populares. Vieram como salvadores da pátria, como homens honrados que vêm impor a moral a Lisboa. Querem retomar a Constituição de 1822, e é isso que farão.

-Não cedo, senhores, não cedo! Sou mulher, mas não cobarde. Não há um homem que me defenda? Nem nesta sala, nem no reino?

Fernando olhou de novo para o terreiro, onde as chamas das tochas tremiam ao vento, ouviu os gritos, percebeu os insultos, para estes insultos o seu português chegava. Virando-se para a rainha, insistiu:

- Maria, o mais sensato é embarcar na esquadra inglesa, que está à nossa espera. Seguros, a bordo, reunimos forças, decidimos o que fazer a seguir.

A rainha olhou-o, furiosa. Não faria como o seu pai, nunca:

- Se o senhor D. Fernando quer partir, parta. A rainha de Portugal morre no trono.

No quarto, sozinha, depois de ter dispensado as damas e as açasafatas, Maria desfazia o laço que lhe prendia o rabo de cavalo. Lá fora, ouvia-se o júbilo do povo. Horas antes insultavam-na, agora louvavam-na porque tinha assinado a ordem de promulgação da Carta Constitucional de 1822. Desprezava-os na sua instabilidade.

Pegou na escova de prata com que desde pequena se penteava, e recordou-se de como gostava de escovar os longos cabelos da mãe. O cheiro do Rio de Janeiro inundou-lhe os sentidos. Mas no espelho não era Maria da Glória que estava refletida, mas uma mulher pálida, as olheiras da noite sem dormir vincadas na pele clara. Era Maria II de Portugal, cansada, mas rainha.

A porta rangeu nos gonzos. Sem se virar, Maria reconheceu Lurdinhas, a sua única criada de confiança, que entrava sem nada dizer. Estendeu-lhe a escova, e Lurdes penteou-lhe os cabelos, em gestos suaves. E a cada gesto, Maria pensava para si mesma como era inadmissível a humilhação que tinha sofrido nessa madrugada. As forças militares a que ordenara que contivessem os insurretos, em vez de lutarem pela rainha, confraternizaram com eles. Mas o mais duro ainda estava para vir. Às duas da madrugada, entrara uma delegação de gentinha que a obrigara a negar a Carta e a aceitar uma Constituição republicana, ou quase.

Fora de uma coragem a toda a prova, recusando os apelos do corpo diplomático e do marido para que se refugiasse num dos barcos da esquadra inglesa, postada no Tejo. Fernando insistira,

nervoso, quase histérico, que embarcassem, mas Maria argumentara, zangada, que não ia fugir, nem abdicar de uma coroa que tanto trabalho dera a obter. «Esquecem-se que foi a minha mãe que assinou a Independência do Brasil, disse ao meu pai para se revoltar contra os pés de chumbo que a queriam intimidar?», protestara. Preferira receber a comitiva, assinar a declaração, o rosto gelado e impenetrável, impressionando os embaixadores que ali se haviam reunido. «E nem 18 anos tem», ouvira-os murmurar, e fora um pequeno consolo.

Lurdes conseguia ler os pensamentos da rainha:

- Majestade, todos viram como é corajosa e todos são testemunhas de como foi forçada pelo Exército a aceitar a Constituição. O país vai reagir, vai ver. O país é pela Carta que o senhor seu pai nos deu. E tenho a certeza que amanhã esses diplomatas estrangeiros que aí estiveram vão espalhar pelo Mundo como a rainha de Portugal é corajosa e os seus primos todos vêm em sua defesa...

-Até lá, Lurdinhas, é vestir-me para a palhaçada final... Chama as damas. Quero o vestido preto e o diadema. Sou rainha de Portugal!

No seu quarto, Fernando pensava na mulher que os diplomatas do mundo lhe tinham arranjado, cheio de admiração. Não se orgulhava do papel que desempenhara, mas o seu dever era proteger a rainha, e nada o preparara, nem os sermões, nem os papéis do tio Leopoldo, para reinar num país onde não havia ordem e o Exército era composto por um bando de homens que desobedeciam às suas chefias, e onde políticos se diziam e desdiziam, sem sombra de lealdade para com os soberanos. Suspirou, olhando o povo que agora cantava «vivas» à rainha, horas depois de pedir a sua morte: quem lhe dera voltar para as suas montanhas, que em breve estariam cheias de neve.

Maria desceu as escadas do paço num vestido de seda preta, a banda encarnada e verde a dar-lhe cor, as insígnias reluzentes. O cabelo preso no alto da cabeça com um diadema, as costas direitas e o pescoço comprido, altiva. Ninguém a diria prisioneira, que era de facto. Fernando, vestido a rigor ao seu lado, com um tique que o fazia pestanejar compulsivamente e que procurava disfarçar, pensava que se ao menos pudesse pegar no lápis e retratar estas criaturas, sentir-se-ia menos ansioso. Dietz acompanhou-os à porta, onde aqueles que se davam agora pelo nome de «patriotas» o fizeram estacar:

- Os estrangeiros não são para aqui chamados - exclamou um, barrando Dietz. Maria trocou um olhar de raiva com o mestre. «Não se enerve, eles hão de pagá-las», dizia, sem palavras.

Os reis entraram para a carruagem, cercada por homens a cavalo, a espada na mão, abrindo alas por entre uma multidão que, estranhamente, já não gritava, como que envergonhada perante o olhar frio da rainha. Num coche atrás, alugado à pressa, seguia-os o visconde de Sá da Bandeira, há pouco empossado na chefia do novo governo, mais um, que a rainha fora obrigada a nomear.

- Já reparaste quem nos segue? O novo ministro da Nação, como Judas, negando três vezes Nosso Senhor Jesus Cristo - sussurrou Maria a um Fernando indignado. Sá da Bandeira assistira silencioso à intimação que os seus correligionários haviam feito à rainha, obrigando-a a ir à Câmara Municipal jurar a Constituição, como se as humilhações da véspera não tivessem chegado.

E foi silencioso que assistiu, também, ao juramento, numa sala arranjada à pressa, no meio de vozes, gritos e gargalhadas, incapazes de fazer silêncio para ouvir a rainha.

- Tanto melhor - murmurou para si mesma Maria, enfeitando o braço de um homem andrajoso que pretendia ajudá-la a descer uns degraus:

- Vá fazer a barba e vestir-se, antes de tocar na rainha - disse-lhe Maria, irritada, pouco lhe importando o murmúrio que se seguiu ao seu comentário. - Finalmente consegui calá-los - rematou com um sorriso irónico, perante o ar estarrecido do marido e das damas que a acompanhavam.

Fernando deslizou suavemente para dentro dos seus lençóis. Maria escondia a cara nas almofadas em desalinho, exausta depois de vinte e quatro horas sem dormir, destruída e vencida. Chegou-se para uma das pontas da cama, sem dizer uma palavra, e encolheu-se ao toque da mão do marido. Que confusão de sentimentos, a que não sabia dar nomes. Por um lado tinha vontade de o expulsar da sua cama, ao marido e aos seus avisos, às suas cautelas, às suas precauções, que a tinham deixado a sentir-se tão vulnerável e desprotegida durante estes dias, mas por outro, como podia desligar-se do homem a quem prometera todo o seu amor, aquele que representava ainda a esperança de vir a constituir uma família, um oásis no meio desta sua vida conturbada e aflita, desta instabilidade política sem fim, e que, apesar de tudo, ficara ao seu lado hora após hora?

Estava desiludida consigo mesma, com todos os que a rodeavam, com o governo, o Exército que a abandonara, obrigando-a a comportar-se como o usurpador, o seu tio Miguel, jurando uma Constituição que não tencionava cumprir, renegando aquilo em que acreditava, e isso doía-lhe, doía-lhe muito. Sabia que não tivera outra alternativa, diziam-lhe os amigos que não tinha outra alternativa, mas era isso que não lhes perdoava, esse deixarem-na sem saída. Não era parva, estava consciente de era necessário esperar para contra-atacar, mas quem estaria a seu lado?

Era verdade que as chefias da função pública se haviam demitido ao saberem dos acontecimentos, e que ao paço tinham ocorrido muitos dos nobres a oferecer-lhe a sua lealdade, mas tudo isso era depois. Depois havia sempre gente que jurava dar a vida por ela. Mas na altura, no momento da verdade, os ministros

transformavam-se em traidores e o seu marido num ser gelatinoso, Palmela cansava-a com os seus apelos a negociações e conciliações, e os embaixadores, de onde podia vir a força, alinhavam com o duque, fazendo homilias sobre a vantagem da monarquia constitucional, como se fosse ela o obstáculo a que funcionasse. Devia ficar agradecida a França ou a Inglaterra por terem uma fragata pronta a cobrir a sua fuga, a salvar-lhe a vida, mas que se recusavam a desembarcar os seus homens para lutar contra quem atentava contra ela, para defender a Carta, a sua coroa? Não lhe parecia, pensou enraivecida, empurrando Fernando, que a tentava beijar.

- Deixe-me! Tenho de pensar, tenho de pensar...

Fernando não desistiu, e, puxando-a contra si, continuou a tocar-lhe o corpo, a passar-lhe as mãos pelos cabelos, «abençoado Fernando, se não serve na frente de batalha, pelo menos que me dê prazer na cama», pensou com uma ponta de amargura, antes de se deixar levar...

Maria agradece-me o apoio da esquadra britânica, mas muna carta amargurada, revoltada. O nosso embaixador diz-me que as ruas de Lisboa vivem na mais completa anarquia, toca a rebate e os soldados e os civis saem armados às ruas, e os mais competentes da nação, como Palmela e Saldanha, não conseguem fazer cair o regime revolucionário que se instalou. Os militares passam frente ao paço e insultam a rainha, e o embaixador garante-nos que as chefias não conseguem manter os seus soldados nos quartéis. Enquanto isto, Fernando é supostamente o comandante-chefe deste Exército desaustinado, que não obedece a ninguém, muito menos ao príncipe, muna desautorização que só pode corroer a sua imagem.

Escrevi a Maria a pedir-lhe calma, que é aquilo que o tio Leopoldo recomenda que lhe implore. Tudo se deve resolver através de eleições livres, e a rainha não se pode envolver em nenhuma conspiração para restabelecer a Carta, por muita vontade que tenha

de o fazer. Julgo que escrevi com diplomacia e cautela, mas temo que neste momento interprete todos os conselhos como críticas. Vou escrever a Fernando, talvez esteja mais recetivo às sugestões dos políticos ingleses, que não têm nada a ganhar em ver Portugal transformar-se de novo num campo de batalha.

Palácio de Kensington, 20 de setembro de 1836

Palácio de Belém, 4 de novembro de 1836

Marfa ignorara as recomendações de Vitória, do rei dos belgas, dos embaixadores em Lisboa. Escutara sem os ouvir. Para que lhe servissem os seus conselhos se, obviamente, não entendiam nada da realidade portuguesa, se imaginavam que estes trastes, estes políticos gananciosos, apoiados em jornalistas sem baias, se podiam comparar aos deputados dos seus parlamentos? De Portugal percebia ela. Nos últimos meses reunira-se com o governo que nomeara sob coação, como se nada fosse. Assinara o que lhe pediam que assinasse, falava-lhes cordialmente, procurando dar ideia de que se conformara. Às escondidas conspirava. Pela porta das traseiras do paço entravam homens da sua confiança com quem preparava «o golpe» que restauraria a Carta. Dietz era dos seus braços-direitos, e Fernando, envergonhado pelo seu papel naqueles dias terríveis, desgostado pelo que via os «seus» soldados fazer, correndo a cidade como se fossem bandidos, encorajara os preparativos. Palmela, informado, reagira com cautela, dizendo que era melhor esperar, seguir os conselhos de Inglaterra, mas Maria já o chamava pelas costas «a Voz» e acusava-o de ser mais papista do que o embaixador inglês. Fernando lembrava-lhe que, odiado como era, o duque teria tudo a perder se alguma coisa corresse mal, mas a rainha encolhera os ombros, com desprezo. «Mais do que eu?», perguntara, mas na realidade não punha sequer a possibilidade de que não corresse bem, certa como estava de que o país estava do seu lado, e se não o país, pelo menos Lisboa e a maioria do seu Exército.

Hoje era o grande dia. Maria encostou-se à balaustrada da varanda do Palácio de Belém, frente ao Tejo onde estavam ancorados as esquadras inglesa e francesa.

- Foi anunciada a restauração da Carta, anunciado o novo ministério, e Lisboa permanece calma. As forças estrangeiras metem-lhes medo, não se vão atrever a protestar - disse a rainha, alegre, para Fernando e Dietz, que estavam ao seu lado.

-Esses patriotas, que de patriota não têm nada, assustaram-se com a ideia de que os ingleses e os franceses estão mesmo dispostos a acabar com a anarquia - respondeu Dietz, igualmente satisfeito.

Fernando olhava preocupado para os soldados que tomavam posições em redor dos muros deste paço que conhecia mal:

-Ainda é cedo, e se é verdade que temos connosco os políticos moderados, olhe para a guarda que nos defende. Oitocentos homens, não é mau, e por cento e cinquenta deles estou disposto a jurar, mas os outros serão leais?

O golpe estava dado. Nomeara um dos seus camareiros ministro, e proclamara a Carta, refugiando-se em Belém, nos arredores de Lisboa, onde a defesa do palácio era mais fácil.

- A multidão aqui só chega de barco - ria Dietz, apontando para o cais de Belém, onde de longe a longe desembarcava um dos aristocratas com casa por estes lados.

Maria deu uma gargalhada. Há dois meses que esperava este momento...

Saldanha entrou pela sala, vermelho como um pimento:

- Se apanho o verme que informou estes tipos de que os ingleses e os franceses tinham ordens para não desembarcar, corto-lhe a

cabeça e espeto-a num pau - vociferava, perante uma rainha lívida.

Lord Howard, o embaixador inglês, que conversava com a rainha, pôs-se de pé, aterrado:

- O que é que diz, marechal?

- Digo o que ouviu. Que os rebeldes já não têm medo dos seus soldados, que corre a notícia que só aqui estão para salvar a família real. E digo-lhe mais: a guarda que aí vem a marchar está com cara de querer facilitar o trabalho ao rei de Inglaterra, mandando-lhe uma menina-rainha para os braços.

Maria bateu o pé, fora de si:

- Porque é que está a dar a batalha por perdida? Temos soldados à porta, e o Conselho de Estado reúne-se dentro de uma hora.

-Tinha, Majestade, tinha, porque preparam-se para debandar, e de qualquer forma são 800 contra 13 mil, fora a ralé que não perde uma oportunidade de entrar nestas coisas, e vem acicatada com a ideia de que os estrangeiros querem tomar o país. E quanto ao Conselho de Estado, pelo menos um membro já não aparece.

Maria olhou-o, assustada:

- Quem? - perguntou, angustiada.

- Agostinho José Freire foi assassinado por militares que o mandaram parar a caminho de Belém, e lhe deram três tiros - a acusação é a de que era um militar que fazia parte das fileiras do usurpador.

Maria sentiu que perdia o chão:

-Assassinado? - repetiu baixinho. Freire já fora seu ministro, mas quem não o fora, pensou num segundo de ironia. Voltamos à guerra

civil, à luta de irmãos contra irmãos, é isto que esta gente quer?

Fernando pôs-lhe a mão sobre o ombro, num gesto rápido, e garantiu:

- Não vai acontecer nada, Maria, vou descer ao encontro dos homens, ainda temos uma guarnição forte...

Fernando ia pegar na espada, tudo o que desejara em setembro passado, mas se era morto como José Freire? Se o seu Fernando morria? Sem Carta, sem Fernando, sem coroa, como ficaria?

O embaixador inglês puxou a cadeira e a rainha sentou-se. O som dos cascos dos cavalos em corrida, o barulho das espadas desembainhadas, deram-lhe um impulso de força, e sem que ninguém a pudesse deter abriu as portas de vidro para a varanda, e dali assistiu a Fernando, os galões da farda e a espada a brilharem sob o sol de inverno, a avançar com um grupo de homens para tentarem impedir um batalhão de desertar. O peito encheu-se de orgulho. Fernando lutava por ela.



Notícias terríveis de Portugal. Que pena tenho dos meus primos. Estávamos aflitíssimos com a situação, porque Carl Dietz escreveu tuna carta desesperada à minha mãe, em que dizia que estava tudo acabado. Felizmente chegou logo depois, muna das nossas fragatas, o duque de Palinela, obrigado de novo ao exílio por o terem «colado» ao golpe de Estado que falhou, e teve a simpatia de me vir contar tudo pessoalmente - pobre homem, garante que sempre se opôs a esta aventura, que defendeu que se esperasse por eleições para derrotar o governo revolucionário, mas que ninguém lhe deu ouvidos. E quando tudo estoirou, os «patriotas» aproveitaram a sorte, pedindo a sua cabeça. A conselho da rainha, partiu, sozinho, deixando em Portugal a família.

Pelo que me disse, Maria e Fernando pediram-lhe que me viesse ver, temendo que as versões dos jornais e dos nossos embaixadores não fossem suficientemente fiéis, como raramente são. A contrarrevolução abortou, e a rainha foi obrigada a voltar às Necessidades, ladeada pelo Exército que a tem mantido, para todos os efeitos, como refém, e a nomear novamente um governo de radicais. Do mal o menos, conseguiram chegar a um acordo, em que os rebeldes aceitaram que o novo Parlamento redija uma Constituição que resulte da fusão da Carta com a Constituição de 1820, o que significa que mantém uma monarquia constitucional. Simplesmente, em troca desta cedência, compeliram a minha pobre Maria a escrever uma carta de agradecimento à Guarda, imagine-se a humilhação. Palmela disse-me que a rainha foi de uma coragem e de um sangue-frio extraordinários, admiro-lhe muito essa força, embora nas decisões pareça por vezes insensata. Lord Palmerston, o ministro dos Negócios Estrangeiros mais perigoso que a Terra viu nascer, escreveu-me um relatório em que diz, e cito, que a situação da rainha «é melhor do que aquela que era, menos má do que poderia ter ficado depois de um sarilho como este, e não tão boa como poderia ter sido se D. Maria tivesse esperado pacientemente até tudo estar maduro para a ação».

Comentei com D. Pedro que o nosso primeiro-ministro tecera os maiores elogios ao meu querido Fernando, dizendo que se tinha comportado com uma presença de espírito admirável e uma coragem extraordinária, mas estranhamente Palmela não me soube dar mais detalhes. Pareceu-me muito cansado e desiludido.

Bem, tenho de ir ler os jornais, que a minha mãe incluiu agora no meu horário de estudos, perante os protestos dos meus tutores, que dizem que a minha educação é mais talhada para um príncipe do que para uma princesa. Tenho de lhe agradecer que não prepare bem para a tarefa difícil que me espera, e a situação da Maria deixa bem claro que para uma mulher reinar como deve precisa de saber o dobro de um homem.

Palácio de Kensington, 19 de novembro de 1836

Palácio das Necessidades, 14 de novembro de 1836

Marfa entrou na sala que Fernando transformara num atelier, as telas pousadas nos cavaletes, e viu-o sentado na mesa onde os pincéis estavam ordenados metodicamente, concentrado a escrever uma carta, no papel timbrado com as armas reais.

O príncipe deu um salto, como uma criança surpreendida a fazer uma asneira, e pôs-se de pé para a abraçar. Maria deixou-se abraçar, procurando perceber com um olhar para quem era a carta, subitamente ciumenta: porque a escrevia aqui, e não na sala, onde escreviam juntos ao fim do dia e partilhavam sempre o que iam dizendo?

Subitamente recordou-se da mãe, de como fingira não ver aqueles versos ordinários que o pai escrevia às mulheres com quem tinha dormido, de como se recusara sempre a ler as cópias das cartas que lhe traziam as camareiras, achando que lhe faziam um grande favor, ou com o desejo de a magoarem, sabia lá ela aos 7 anos distinguir intenções como essas.

-O que é que a traz aqui, minha querida? - perguntou Fernando.

Maria pediu-lhe que fosse ver a horta, que a chuva e o vento dos últimos dias pareciam ter destruído. Quando o marido saiu, Maria precipitou-se para a mesa e leu o que estava escrito.

Os olhos picaram-lhe de lágrimas, lágrimas de raiva. Fernando escrevia uma carta formal à rainha anunciando a sua demissão do cargo de comandante-chefe do Exército, aquele por que ela tanto

lutara, dizendo que o que presenciara na semana anterior deixava claro que não podia comandar uma tropa desordenada, de homens que não conheciam a palavra «disciplina».

«Se tenho então de ser eu a comandá-los, que seja», rosnou para si mesma, pousando o papel. Depois inspirou fundo. Pelo menos não era um recado para uma amante. E não era um marido dedicado e fiel o que queria acima de tudo? Para a tropa arranjaria outro, ou marcharia ela à frente dos soldados.



Maria escreve-me tuna carta curta. Pela letra, escrita à pressa. Diz-me que está tudo bem, mas não pode estar com a demissão de Fernando. O tio Leopoldo diz que era a imnica saída inteligente, porque não podia continuar ciunplice de uni Exército de insubordinados, e desta forma a responsabilidade destes atos intoleráveis fica com quem os comete, mas não acredito que Maria sinta as coisas assim. Mas como não pode atacar Fernando, volta-se contra os ingleses. Garante-me que os portugueses continuam a amar a sua rainha, e que foram os marinheiros ingleses que prejudicaram o golpe, assustando os portugueses. Só me posso rir e desejar que o novo ano que está prestes a começar nos traga a paz de que tanto necessitarmos.

Palácio de Kensington, 20 de novembro de 1836

Palácio das Necessidades, 20 de janeiro de 1837

A criada entrou no quarto e abriu as cortinas em silêncio. A porta ficara entreaberta, sinal que tinham combinado entre elas para assinalar que «o caminho estava livre», ou seja, que o príncipe já recolhera ao seu quarto.

- Lurdinhas, és tu? - perguntou Maria, do fundo dos lençóis.

Lurdes chegou-se mais próxima da cama e, para seu espanto, a rainha mandou-a sentar-se:

- Aqui na beira da cama, mulher, que já estás comigo há tanto tempo que és quase minha irmã - insistiu Maria, um peso no peito, uma vontade imensa de chorar. Agora que se começara a habituar à sua camareira-mor, aos Ficalho e aos Melo em seu redor, tivera de os despedir, porque suspeitava que a desbragada da Margarida, que tão generosamente fizera sua dama, tentara seduzir Fernando. O marido ficara contente com a expulsão da «camarilha», como lhe chamava, o que a deixara mais sossegada - talvez Margarida não tivesse feito estragos, pensou, aliviada. Bem tinha razão a mãe em nunca confiar nas damas que a rodeavam, que estavam sempre do lado de quem tinha o poder, aproveitavam a amizade para pedir lugares, terras e títulos, ou para desviar os maridos, imaginando que dali tirariam mais lucro...

Lurdes, habituada às excentricidades da sua rainha, deixou-se ficar de pé, não fosse entrar por ali alguma dama e despedi-la por abuso de confiança, mas fingiu endireitar os lençóis e os cobertores, num gesto de cuidado.

- Diga, senhora D. Maria...

- Tens filhos? - perguntou a rainha.

- Ó senhora, tenho lá eu, como se a senhora não estivesse farta de saber que não, mas a minha irmã é mãe de uma catrefada de catraios que enchem uma casa, e mais.

Maria riu, e depois desviou o olhar, concentrando-o no dossel que cobria a cama:

- Se ao menos pudesse falar disto à senhora D. Eugénia, mas a pobre está tão angustiada com o Manuel, que tem exatamente os mesmos sintomas do Alexandre, Deus lhe valha. De que é que estou para aqui a falar contigo, que disparate, o que te quero perguntar é: como é que uma mulher sabe de certeza que está de esperanças? Vi a minha mãe muitas vezes em estado interessante, mas só sabia quando a barriga ficava grande e já não cabia na roupa do costume...

Lurdes abriu um sorriso enorme:

- Ai que bom, um menino, sei que vai ser um menino... Tem aí um filho, eu sei que tem, graças ao Altíssimo, já desconfiava por não ver há muito tempo nem a sua cama, nem a sua roupa manchada.

Maria sentou-se, levantando uma mão à cabeça, estonteada:

- De esperanças? Vou ter um filho? Lurdinhas, não digas a ninguém, senão ponho-te na rua, e traz-me a imagem da Senhora da Glória para que lhe beije os pés...

Lurdes apressou-se a ir buscá-la, com todos os cuidados, e Maria rezou uma oração de Ação de Graças.

Estava grávida, ia dar um filho a Fernando. No meio das convulsões políticas, das humilhações, fora capaz de engravidar.

Deus estava com ela, e o trono de Portugal recebia um herdeiro, a dinastia continuava.

Puxou Lurdinhas para si e deu-lhe um beijo na testa:

- Agora nem uma palavra, ouviste? Quero ser eu a dizer ao rei.



Maria e Fernando escreveram-me a contar que Maria está em estado interessante. Um príncipe herdeiro, porque Fernando, muna nota de rodapé, disse-me que ambos torcem para que seja uni rapaz. Mandeí imediatamente tuna carta a Maria, a dar-lhe os parabéns, e já pedi à minha querida Lehzen para lhe começar a tricotar um casaquinho, mas não posso deixar de achar estranho, quase repugnante, engravidar, como será ter uni filho dentro de nós? E o que é que se faz com aqueles novelos engelhados que são os recém-nascidos?

O tio Leopoldo anda atrás de mim para que me decida a casar, e gosto do Albert, sinceramente gosto, e escrevemo-nos todos os dias, mas não tenho vontade de ficar presa pelos votos do matrimónio, e temo que o povo britânico não me receba bem, sabendo-me casada, ainda por cima com um estrangeiro. Hoje esteve cá Mendizábal, o ministro espanhol que já foi embaixador em Portugal, e disse-me que eu era fisicamente muito pareciada com Maria. Nunca tinha dado por isso, o meu cabelo é mais escuro do que o dela, e sou mais baixa, e menos gorda, mas temos os mesmos olhos azuis!

Mendizábal elogiou muito o Fernando, e disse-me que Maria lhe tem tinia amizade e uma obediência enormes, ao menos isso, porque têm ambos tão pouca sorte com a situação do país. Deu-me a boa notícia de que a camarilha que envenena os ouvidos e as ações da rainha já saiu do paço. Talvez assim Maria oiça apenas o marido, e gente com mais bom senso, embora Palmela continue no

e-xílio, Saldanha mude de ideias como um cata-vento, o mau gênio de Lavradio o torne imprevisível, e a maioria dos restantes políticos tenha pouco sentido de Estado.

Tenho de ir para a minha aula de canto. Adoro cantar, e canto todas as noites sozinha, porque é a melhor maneira de melhorar a voz. E lembro-me de Albert enquanto canto, porque ele e Fernando têm as melhores vozes de barítono que conheço.

Palácio de Kensington, 26 de janeiro de 1837

Palácio das Necessidades, 2 de fevereiro de 1837

A rainha entrou em casa com um ramo de camélias brancas na mão. Fernando, que chegava de uma manhã de caça, subiu os degraus das escadas que davam para o jardim a dois e dois.

- Como é que se sente hoje? - disse-lhe, beijando-a na testa e deixando discretamente a mão escorregar-lhe sobre o ventre.

Maria disse alto:

- Desde que deixou a minha cama há umas horas? Vou bem, senhor meu marido.

As duas damas que a acompanhavam apressaram-se a entrar. As intimidades dos reis deixavam-nas embaraçadas, porque é que continuavam a dormir juntos, e a tocarem-se desta forma, quando a rainha já estava com filho?

Maria apontou para as raparigas assustadas e disse a Fernando:

- Que bem que faz o sol e o calor do Brasil aos corpos e às almas, mesmo tão longe do Rio de Janeiro continuo a sonhar todos os dias com as cachoeiras e as praias de areia branca. Sabe que recebi hoje carta da minha irmã Januária? Imagine que a mana Xica se apaixonou pelo príncipe de Joinville.

- A Xica? Mas a sua irmã terá agora quantos anos? Doze, treze?

- Treze anos! Mas isso não importa, o que era importante era que ele se apaixonasse por ela e a trouxesse para a Europa. Já imaginou, Fernando, se a minha mana favorita viesse para perto de mim?

Fernando anuiu, entusiasmado. Sabia bem o que era ter saudades de casa, e percebia que para Maria o Brasil era, no fundo, essa casa perdida.

A rainha pediu uma jarra, e começou a fazer o arranjo das flores em cima da cómoda de pau-santo que viera do Paço de São Cristóvão, quando Dietz pediu licença para entrar.

- Senhora D. Maria, tenho tristes notícias para si.

Maria suspeitava do que se tratava. Há vários dias que Manuel Palmela lutava contra uma afeção dos pulmões.

Tirou duas camélias do arranjo que acabara de compor:

- Não diga mais nada, meu bom Dietz, vou levar estas flores a casa da senhora D. Eugénia.

Fernando passou-lhe o braço pelos ombros:

- Vou consigo, Maria. Ainda por cima o duque continua exilado, pobre D. Pedro, que fica sem mais um dos seus filhos, sem sequer ter a consolação de se despedir dele.



Mandei um bilhete ao duque de Palmela com os meus sentimentos. Manuel morreu, e o duque aqui, longe da família. Que pena, agora que as notícias que me dão são de uma Lisboa calma, e de um Fernando cada vez mais popular. Maria escreveu-me a contar que são muito bem recebidos no teatro, e que a cena de que os jornais falaram há dias, de tuna pedra atirada sobre o príncipe

quando ia a entrar no São Carlos, não foi um protesto político, mas um gesto de um louco. Um pedinte a quem, imagine-se, Fernando dava frequentemente dinheiro, e a quem o negou nesse dia. Pobres dos reis, a quem toda a gente culpa de tudo.

Como sabia que o assunto me interessava muitíssimo, o meu professor de Ciência Política usou hoje o caso de Portugal, ou melhor, o que lê nos jornais ingleses sobre aquele país. Diz que a grande diferença entre o nosso e o deles é que aqui o povo tem bem consciência de que o soberano tem poderes limitados, e que cabe ao governo governar, sendo responsável pelos resultados das suas políticas. Se uma determinada lei provoca mais desemprego, ou fome, a culpa não é do rei, mas do partido em exercício. E pedem-lhe contas no Parlamento ou nas eleições seguintes. Em Portugal o nome da rainha é usado para tudo, e a forma como os jornais falam dos soberanos é tão brejeira e insultuosa, que por aqui daria direito a um processo de difamação e a tribunal. É verdade que o feitiço impetuoso de Maria não ajuda, mas isso não disse ao meu professor.

Claremont, 12 de fevereiro de 1837

Palácio das Necessidades, 4 de abril de 1837

As tochas iluminavam o pátio onde as carruagens deixavam os convidados para o baile dos 18 anos da rainha. Desde a revolução de setembro que na opinião dos aristocratas o paço passara a ser frequentado por gente mal vestida e de nascimento duvidoso, mas mesmo esses tinham deixado em casa a casaca e o lenço preto, para aparecerem com o melhor que as costureiras de Lisboa ou os importadores de Paris lhes haviam conseguido arranjar. Na porta de entrada ardiam tochas, e as escadaria de mármore que levavam ao primeiro andar eram iluminadas por gigantescas velas colocadas em cada degrau. Enormes arranjos de flores, e vasos com palmeiras e fetos, decoravam os corredores.

Maria estava feliz, a barriga proeminente, num corpo que todos os dias mudava de forma, a mão constantemente estendida para o beijo dos seus súbditos.

Saldanha dobrou-se numa vénia longa:

- Majestade, pensar que andei consigo ao colo - exclamou, no seu tom teatral e dramático.

Maria protestou, divertida:

- Marechal, aos 9 anos já era um bocadinho pesada para isso, até porque sempre fui grande para a idade, e dá-me a impressão que, com a fome que este estado me provoca, vou transformar-me numa verdadeira baleia.

Saldanha olhou-a como quem pondera a questão, e teve de ser o marquês de Fronteira a atalhar:

- Senhora D. Maria, nunca a vi tão bonita. Sou daqueles que acham que a gravidez torna as mulheres radiosas.

Maria agradeceu:

- Sabem o que é que me tornava radiosa? Ter ministros menos tolos e que me dessem menos dores de cabeça com as suas birras e caprichos, e já agora que os cofres não estivessem vazios e que alguém quisesse emprestar dinheiro à coroa.

Os convidados que a rodeavam tossiram, sem saber o que dizer. Nos últimos dias os jornais noticiavam que a rainha oferecera as joias da coroa para ajudar a situação financeira do país, mas que os homens de negócios da cidade, apesar de instados pela soberana, se haviam recusado a abrir os cordões à bolsa.

Fernando, percebendo o melindre da situação, deu-lhe o braço:

- Julgo que era tempo de começar o jantar, senão o baile...

Maria fez sinal a Saldanha:

- Hoje quero que seja o senhor marechal a acompanhar-me, já que é aquele que me conhece de mais pequena. Diga-me lá, quando é que temos condições para pôr isto na ordem? - perguntou baixinho a Saldanha, enquanto os convidados os seguiam com o olhar. Estavam certos de que conspiravam.

O marquês de Fronteira sussurrou à mulher:

- Não há aqui uma pessoa que não entenda que a rainha não se conforma a que lhe tenham abolido a Carta.

- Ou não fosse filha de um homem que, pesem todos os defeitos, nunca esteve quieto - respondeu a marquesa, enquanto baixava a cabeça numa saudação a D. Fernando, que ficara um pouco perdido com o abandono da mulher.

- Quanto ao príncipe, vai entretê-lo com filhos e arranjos florais! O homem da casa, suspeito que será esse alemão casmurro que, como ela, ambiciona mais poder.



Maria faz hoje anos, 18 anos, e vive tuna gravidez de três meses. No dia 24 de maio será a minha vez. E aí serei livre, absolutamente livre. A tia Adelaide veio hoje buscar-me, mas não parou para visitar a minha mãe. Desde que o rei soube que tinha ocupado o andar de cima do palácio, contra as suas ordens, cortou relações com ela e proibiu a rainha de lhe falar, e eu metida no meio disto, a tentar gerir as ofensas da minha família com pinças. A rainha disse-me que o rei quer fazer um grande baile para os meus 18 anos, desde que sobreviva até lá, acrescentou entre lágrimas. Acho que ela gosta mesmo dele. Sinto tuna mistura de pena e de entusiasmo, será pecado? Rezo todos os dias para que Deus me ajude a ser a melhor das rainhas. Tenho estudado tanto.

Palácio de Kensington, 4 de abril de 1837

Paço Real de Sintra, 26 de junho de 1837

Maldita escada de caracol. Descê-la a correr, com uma barriga de cinco meses, era uma loucura, mas tinha de encontrar Fernando, tinha de ser ela a dar-lhe a notícia, não queria sequer mandar um criado chamá-lo, porque assim a surpresa não teria o mesmo efeito.

Ofegante, encontrou-o junto do lago no Pátio dos Tanquinhos, em conversa com um dos seus arquitetos.

- Fernando, preciso de falar consigo - disse-lhe, quase sem fôlego, e o arquiteto afastou-se discretamente.

- Por amor de Deus, minha querida, desce assim as escadas, e corre como uma criança, esquecida do nosso filho?

Maria encolheu os ombros:

- Não me interrompa e oiça. Vitória já é rainha.

Fernando, eufórico, esqueceu-se das recomendações:

-Não fica bem celebrar a morte do rei com tanta alegria, mas são notícias formidáveis.

-Rei morto, rei posto, e o pobre do rei estava num sofrimento horrível. Chegou a carta agora. Foi há uns dias, e, apesar da emoção, Vitória conseguiu tempo para nos escrever - disse, acenando com a carta, que trazia na mão.

Fernando sentou-se na borda do lago de pedra, a ler o que a prima contava. O rei morrera aos 71 anos, durante a noite, e o arcebispo de Cantuária, que lhe vinha dar a notícia, foi obrigado a esperar até de manhã numa sala de Kensington, porque a duquesa não deixou que acordassem a filha mais cedo. Quando soube que estavam à sua espera, Vitória desceu de camisa de noite e roupão, e percebeu tudo, quando se ajoelharam e lhe beijaram a mão, dizendo «Viva a rainha».

Maria olhava por cima do ombro do marido, e apontava para umas linhas mais à frente:

- Veja aqui, onde diz que a primeira ordem que deu foi a de que tirassem a cama do quarto da mãe. Extraordinário, não é? Vitória teve de esperar para herdar o imenso Império Britânico para conseguir o direito de dormir sozinha pela primeira vez na vida. E ainda nos chamam loucos a nós!

Fernando acenou com a cabeça, e Maria continuou:

- Não fique preocupado, Vitória vai mandar em tudo e em todos. Se tivesse visto a cena que me fez quando eu tinha 9 anos e me atrevi a tocar na sua casa das bonecas sem lhe pedir licença, não temia nem um bocadinho por ela - comentou, sorridente.



Sou rainha! Escrevo-o com emoção e medo. Mas escrevo-o na mesma, porque apesar de a minha vida ser agora tão, tão atarefada que nem tempo tenho para dar uma festa ao Dasli, quero continuar a anotar tudo no meu diário. É um exercício de reflexão sobre o que se passa, que acredito que me pode ajudar a manter a cabeça fria. Disse isto mesmo na carta que escrevi a Maria e a Fernando, e que espero que já tenham recebido. E agora tenho a felicidade de saber que ninguém lê o que escrevo. Quem se atreveria a ler o diário da

rainha do Império Britânico? A minha mãe não, certamente, que já a afastei do meu dia a dia, e o odioso spy JG, expulsei-o de casa e espero nunca mais tornar a ver na vida.

Tenho passado o dia em reuniões e a ler documentos, mas estou tão agradavelmente surpreendida com o meu primeiro-ministro. Lord Melbourne, que decidi que a partir daqui será referido como Lord M., é o homem mais encantador que já conheci em toda a minha vida. Tem tuna paciência imensa para mim, e todo o tempo do mtmdo para me explicar as coisas, porque é viúvo, e sem filhos, e sinto que sou a grande prioridade da sua vida. Vou escrever a Maria, a dizer-lhe a sorte que tenho. Se a pobrezinha tivesse um lord M. por perto, muitas das desgraças do país seriam certamente evitadas. É preciso confiar em alguém com mais experiência, porque só tenho a sabedoria dos livros. Mas lord M. diz que aprendo depressa e parece muito satisfeito comigo.

Palácio de Kensington, 26 de junho de 1837

71

Paço Real de Sintra, 15 de julho de 1837

Marfa acabava de receber um embrulho do Brasil. Olhou para o remetente, e pediu às damas que bordavam com ela que saíssem. Não queria testemunhas da comoção que sentiria ao abri-lo.

A marquesa de Aguiar mandava-lhe, do Rio de Janeiro, as roupinhas daquele que fora o seu enxoval de bebê, acompanhadas de uma carta, escrita na sua letra segura:

«Dona Mariana deixou-me entrar no paço e procurar nos baús de cânfora as suas roupas de criança, porque estava certa de que a sua mãe guardara os cueiros e os vestidos da sua Maria da Glória. Não me enganei, e aqui vão por um portador seguro que Mareschal me encontrou, lavadas e engomadas, na esperança de que levem a essa criança todo o nosso amor, o meu, o das suas manas, e de todos os que a amamos, com os votos de que esse menino, ou menina, lhe dê toda a felicidade que a Senhora nos deu a nós.»

As lágrimas, tão raras que às vezes supunha tê-las chorado todas no dia da morte da mãe, ou pelo menos na do pai ou de Augusto, caíam-lhe agora pela cara, e enxugava-as com a manga do vestido. Maria da Glória! Há quanto tempo não se lembrava dessa sua identidade perdida, da menina que corria a ala da igreja da sua padroeira pela mão da mãe, aclamada na varanda do palácio, a princesinha a que os brasileiros estavam dispostos a dar o torno. «Mãe, conte-me outra vez o dia do meu batizado», e o riso da mãe ressoou dentro de si, trazendo consigo a memória do ribeiro onde afugentavam o calor.

Passou a mão suavemente por cada um dos vestidos, das toucas, das botinhas bordadas, e escondeu a cara num xaile branco que, podia jurar, trazia consigo o cheiro do jacarandá em flor.

Deixou-se assim ficar, e o bebé que vivia dentro de si pareceu sentir toda aquela emoção, agitando-se sem lhe dar descanso:

- Pedro, vou ser uma mãe tão boa para si, como a minha mãe foi para mim, e um dia, quem sabe, talvez tenha a sorte de conhecer o paço onde nasci, de conhecer o seu tio Pedro, que deixei tão pequenino, sem pai e sem mãe, o imperador do Brasil de quem morro de saudades e de quem herdou o nome.

Nessa noite, nos braços de Fernando, disse-lhe baixinho:

- Vamos chamar-lhe Pedro...



A Maria diz-me que tem a certeza de que vai ser um rapaz. Não sei se essas coisas se podem sentir, mas parece tão segura... Atendendo a que tanto ela como eu nascemos raparigas, quando os nossos pais desejavam acima de tudo um rapaz, desconfio da previsão, mas pouco importa, ela e Fernando parecem tão entusiasmados.

Tão entusiasmados que nem falam de política. Foi o tio Leopoldo que me contou que depois de sucessivos governos que são nomeados e se demitem a uma velocidade assustadora, e de um descontentamento social que resulta da falta de dinheiro nos cofres do Estado, o instável do Saldanha encabeçou uma nova revolta em conjunto com outros marechais, favorável à rainha e à Carta, mas que tem poucas hipóteses de correr bem. Lá está Portugal, de novo, à beira de uma guerra civil, e logo neste verão em que a pobre rainha precisava de sossego. Talvez a poupem, e seja Fernando a

falar com os políticos! Como lhes desejava a sorte que tenho. Lord M. é tão inteligente, tem tão bom coração e é tão honesto. Consulto-o a toda a hora, e guio-me pelos seus conselhos desinteressados. De há unias semanas para cá que institui o hábito de o convidar para jantar pelo menos uma vez por semana, porque me parece bem mostrar publicamente que o estimo e confio nele. Bem o merece. Mas, de facto, tomar decisões com o apoio de um homem como ele é muito mais fácil, embora o tio Leopoldo me diga que está certo de que tenho o bom senso suficiente para fazer as melhores escolhas. E uma escolha que me pede é que proteja as duas rainhas da Península, que não têm a minha sorte. Já estava decidida a isso.

Palácio de Kensington, 18 de julho de 1837

Palácio das Necessidades, 10 de agosto de 1837

Mal o mensageiro chegasse deveria ser encaminhado diretamente para a sua sala, ordenou a rainha. Fernando, que ouviu o recado, quis saber:

- Está à espera de notícias dos marechais? Não acha que devia deixar que fosse eu, ou Dietz, a tratar desse assunto? O médico recomendou-lhe repouso...

No último mês, Maria escrevia e recebia cartas todos os dias, mensagens da frente, da batalha que continuava entre Saldanha e aqueles que queria ver afastados do poder. Há pouco mais de uma semana, os marechais haviam chegado até ao Campo Grande, mas Lisboa não os acolheu, e decidiram rumar mais a norte.

- Não posso abandonar os que lutam por mim - disse baixinho, porque para todos os efeitos a rainha devia manter-se imparcial.

- Maria...

- Já sei, já sei, uma rainha constitucional não toma partido. Veja lá se, depois de tantos sermões, a Vitória cumpre o que pregou? Não fala de mais ninguém senão do seu querido lord Melbourne, todas as suas damas foram sugeridas por lord Melbourne, quero ver o que vai acontecer quando for eleito um governo de oposição, e protestarem que está rodeada apenas de mulheres afetas ao amor da sua vida...

Fernando desatou a rir. Não havia como desmentir que as últimas cartas da rainha Vitória falavam incessantemente do seu querido

primeiro-ministro, e de facto não via como ia gerir as invejas que resultariam desta parcialidade óbvia.

- Coitada da Vitória, nunca teve pai, e esteve tantos anos em cativo, que é presa fácil de um homem cheio de charme como lord Melbourne. Embora lhe coubesse a ele, já com mais de 50 anos, protegê-la das consequências desta óbvia paixoneta.

Maria sorriu, triunfante. Gostava de ganhar batalhas domésticas, embora, verdade seja dita, se as tivesse de perder, preferia perdê-las em casa do que contra os seus ministros, sempre as perdia a favor do seu querido e bonito marido...

- Tenho mais sorte do que a pobre Vitória. Tive pai e agora tenho o melhor dos maridos e conselheiros - disse, inclinando-se para o beijar.

Fernando aproveitou para lhe mostrar o desenho a carvão que acabava de fazer: Maria, a barriga redonda, sob um vestido verde largo, que lhe realçava a cor dos olhos, as maçãs do rosto rosadas e os olhos brilhantes, estava deslumbrante. Pelo menos aos seus olhos.

Maria comoveu-se:

- De repente pareço-me mesmo com a minha mãe... sabe que um mês antes do grande momento, ela lá longe, do outro lado do Mundo, sem família, nem ninguém em quem confiar, e o meu pai mandou embora o médico que viera de Viena, entregando a responsabilidade do parto a um carnicheiro que a ia desfazendo.

Fernando tranquilizou-a:

- Mas para o nascimento do nosso filho terá todos os médicos que quiser, já contei oito que estarão presentes, entre eles o Kessler, que é muito experiente...

Maria levantou-se, subitamente enérgica:

- Tivesse eu tantas certezas em relação aos meus marechais. Vou para a minha sala escrever a Saldanha.

Fernando suspirou, frustrado. Nem agora conseguia que a mulher deixasse o governo do país, ou tivesse a bondade de delegar no marido...

Dietz chegou, e, ao vê-lo a lavar os pincéis, perguntou num tom cortante:

- A rainha não devia estar deitada, e o príncipe a escrever a carta aos militares?

Fernando virou-lhe as costas, irritado:

-O tio Leopoldo ensinou-me que num país constitucional os reis deixam essas tarefas aos políticos eleitos.

Dietz abanou a cabeça, desesperado:

- Neste país, com estes políticos, se não forem os reis a governar, desgraçado do povo!

E saiu à procura da rainha. Fernando olhou para a porta que se fechava e, zangado, murmurou baixinho: «Vai, vai passar horas a discutir batalhas perdidas com a rainha, que este teu aluno só serve para lavar pincéis.»



Maria e os seus marechais. Mais uma vez não resiste a meter a colher no caldeirão, e vai queimar-se. A rainha de Portugal é persistente nas suas lealdades, mas falha nas táticas, e apostar tudo

num soldado como Saldanha é meio caminho andado para a desgraça. Lisboa recusou-lhe todo o apoio, e Saldanha e os seus homens tentam agora que o Norte ceda, mas Maria está cega aos sinais. Fernando escreveu a Albert, preocupado, mas não tem conseguido movê-la, e confia que Dietz tudo faz para deitar mais lenha para a fogueira.

Quanto a mim, voltei às minhas lições de música com o Lablache, e agora duas vezes por semana, o que é uma distração de que preciso tanto. Há dias em que sinto a cabeça estalar, tal a quantidade de papéis e documentos que li, as decisões que tomei, as pessoas que ouvi e a quem tive de dar opiniões e conselhos. Lembro-me muitas vezes da voz do Fernando, e de como cantávamos bem juntos. Maria diz-me que contratou um professor de canto, mas coitada, com a confusão em que o país está, duvido que tenha muito tempo para praticar.

Gostava de ir mais vezes à ópera, mas é sempre tão cansativo ir «oficialmente», tantos salamaleques e cumprimentos, que já por duas vezes fui sem dizer que ia, mas o meu incognito não correu como esperava, e acabou por ser ainda pior. Lord M. planeou comigo as minhas tentativas de passar despercebida, mas agora está arrependido, e suspeito que o tio Leopoldo lhe escreveu a repreendê-lo pela inconsciência. Dizem-me que pode ser perigoso. «Só se toda a gente perceber quem sou, e nesse caso também não tem graça», respondi-lhe um pouco agressivamente, confesso que amuada por ele se ter deixado pressionar pelos meus «tutores», que se esquecem de quem sou.

Palácio de Buckingham, 10 de agosto de 1837

Palácio das Necessidades, 16 de setembro de 1837

Marfa, levantada sobre grandes almofadões, ouvia, vindas da sala ao lado, as vozes das suas damas, que rezavam orações à Virgem pela mulher que dava à luz. Deixando os médicos perplexos com a sua serenidade, a rainha suportava as dores sem um grito, e entre contrações encontrava a energia para trocar da sua «comitiva», como lhe chamava:

-Com oito médicos e dois cirurgiões à minha volta, o meu filho tem é medo de nascer - dizia, perante o olhar embaraçado dos médicos, que não sabiam o que dizer. A rainha desconcertava-os sempre. Se alguma coisa corresse mal, estavam certos de que não seriam tratados com a mesma benevolência.

As bacias de água quente rodeavam a cama, e o fumo de incensos enevoava o ar quente, quase irrespirável, porque os reposteiros estavam corridos, as portadas fechadas, como se lá de fora pudessem vir doenças e pestes.

As toalhas limpas aqueciam num toalheiro, colocado sobre uma braseira, e o boticário real montara uma mesa com todos os químicos e preparados possíveis e imagináveis.

À medida que as dores se foram tornando mais fortes e mais próximas, Maria perdeu as cores, empalideceu, e os seus olhos azuis pareciam faróis numa cara pálida e suada.

Como desejava ali ter Leonor da Câmara e a duquesa de Palmela, como daria tudo para que na sua mão estivesse a mão da marquesa

de Aguiar, na sua testa os beijos de Florica, as magias de Rosa Cabocla, as orações de frei António. Como sentia saudades do entoar das cigarras, o estranho cantar com que sempre mitigara a dor.

Olhou a imagem de Nossa Senhora da Glória, que Lurdinhas colocara em cima de uma mesa próxima, a Senhora que velara pelo seu nascimento, pelo nascimento dos manos, pela morte da mamãe. Mordeu o lábio quando mais uma dor lhe tomou o corpo, e respirou fundo para não chorar. «A Maria da Glória chorava, chorava nos braços da sua mãe, da sua ama, mas a Maria Rainha de Portugal e dos Algarves, que dá à luz o primogénito, o príncipe real, não chora», disse baixinho a si mesma, e os dedos morderam com mais força os lençóis que segurava, num enxovalho.

A respiração tornava-se ofegante, e as vozes dos médicos que a encorajavam soavam cada vez mais distantes, os pingos de suor a escorrerem-lhe pela cara abaixo.

-Está quase, está quase, Vossa Majestade - dizia, caloroso, o Dr. Soares Franco, o mais afável de todos, e teve pena de não lhe poder dar a mão, mas a rainha não toca nos seus súbditos homens, a rainha tem de ser corajosa e forte e provar que ocupa o trono porque o merece, pensava, o ar a apitar ao sair dos pulmões, contraídos com o esforço.

- Já está, a cabeça, vejo a cabeça, já cá está fora...

E o grito de um bebé cortou o ar, e Maria, estonteada e sem ar, estendeu os braços:

- Deem-mo, deem-mo!

As parteiras e os médicos trocaram entre si olhares surpresos. Primeiro era preciso limpar o recém-nascido, apertar-lhe as ligaduras em redor do ventre, vesti-lo condignamente com os seus cueiros de

rendas, passá-lo à ama de leite e depois, depois sim, seria mostrado à mãe, já compostinho e bonito, sem marcas do sangue e dos líquidos de uma natureza que se queria camuflada.

A voz de Maria tornou-se mais forte:

- Não ouviram o que disse? Deem-me o Pedro agora!

Os médicos entreolharam-se: como sabia que era rapaz? Como podia estar tão certa, que nem perguntara sequer, e agora chamava-o pelo nome, sem que sequer as águas do batismo tivessem corrido sobre a cabeça da criança?

O Dr. Soares Franco retirou o bebé do colo da parteira que o lavava, e deitou-o nos braços da rainha, e foi com sangue, suor e lágrimas que Maria o abençoou.

Sentindo-o aconchegado, a rainha passou-lhe um dedo suavemente sobre o nariz, tão pequenino como um pedacinho de pão, a boca, tão cor-de-rosa, e olhou-o fixamente nos olhos muito abertos e claros. Cantou-lhe baixinho uma canção de ninar, como dizia, porque os termos da infância só os sabia em brasileiro. «Vai-te coca, vai-te coca, sai de cima do telhado, deixa dormir o menino um soninho descansado», entoava, afastando o papão da vida do seu filho. Como que paralisados, todos aqueles médicos, cirurgiões, damas e criadas olhavam para a mãe e o seu menino, como se estivessem pintados numa tela, e ninguém sabia o que fazer, interrompidos os rituais que lhes eram familiares.

A voz de Maria quebrou o feitiço:

- Agora sim, agora podem levá-lo para o mostrar ao pai e aos 48 oficiais, mais coisa, menos coisa, que se impacientam na antecâmara.

Estendendo o bebé para a ama, insistiu:

- Não se demorem, quero-o aqui no berço ao meu lado. O meu filho não sai do meu lado, ouviram?

Os tiros de canhão que chegavam dos barcos ancorados no Tejo, os foguetes que cortavam o céu, e os sinos das igrejas a replicar não deixaram ouvir mais nada. Lisboa celebrava o nascimento do herdeiro do trono. A dinastia tinha sucessão.

Fernando olhou embevecido para o príncipe. Desde que nascera, sentia-se o mais feliz dos homens, pai de um rapaz, como tanto desejara. Já se imaginava a ensiná-lo a escalar a serra de Sintra pelas rochas, a montar a cavalo e a caçar, a partilhar consigo o gosto pela arte. Que Deus fosse louvado.

- Um dia, vou levá-lo a conhecer as montanhas do meu país - disse, sorrindo para Maria, que lhe estendeu a mão num gesto meigo:

- Imagino o que sente por não ter cá os seus pais, mas vamos mandar fazer uma miniatura do pequenino, para que vejam depressa como é tão bonito como Vossa Majestade?

Fernando corou, as patilhas mais ruivas ainda contra o vermelho da face:

- Não brinque comigo, Maria.

- Não estou a brincar, Fernando. Por a rainha lhe ter dado um filho, o senhor é rei de Portugal. Pense bem, meu querido, que se tivesse casado com Vitória, nunca poderia ambicionar o título.

Fernando pegou no bebé, encostando-o ao seu ombro e passeando-se pela sala, para esconder o misto de prazer e nervosismo que o novo estatuto lhe provocava. Desviando a conversa, protestou:

- Vai repetir outra vez que Vitória se apaixonou por mim, e que não fora eu já estar casado, me teria proposto casamento?

Maria olhou-o, subitamente muito séria:

- Não, não vou, Fernando, embora tenha a certeza de que é verdade, mas não tenho vontade nenhuma de estragar a nossa felicidade com cenas de ciúmes disparatadas. Diga-me antes o que se murmura nos corredores do paço.

Fernando deixou-se cair num cadeirão mais confortável, deitando o bebé sobre os joelhos:

- Dizem que nunca se viu coisa mais estranha do que um pai e uma mãe, ainda para mais reais, tomarem conta do seu bebé, apenas com a ajuda de uma ama e de uma criada... Que nunca se viu coisa mais estranha do que uma mãe e um pai que instalam o seu recém-nascido no quarto contíguo aos seus aposentos, e que não o perdem de vista todo o dia, impedindo que fique entregue a estranhos.

Maria riu, deliciada:

- Tem tantas teias de aranha na cabeça, esta gente. Porque é que faz mais sentido que uma camarilha mais ou menos desconhecida se aproprie do príncipe, e os seus pais se mantenham distantes, quase visitas de cerimónia? Fui educada ao colo dos meus pais, só com a minha Florica, e a minha mãe, arquiduquesa da Áustria, nunca aceitou separar-se de mim, nem dos meus irmãos, por isso não vejo o que é que estas damas me podem apontar. Venham cá dizer-me que são costumes burgueses, que eu conto-lhes!

A porta entreabriu-se, e a careca de Carl Dietz surgiu:

- Não incomodo? - perguntou.

Maria e Fernando sorriram-lhe, com afeto:

- Entre, Dietz, o senhor também vai educar este príncipe - exclamou Maria.

Dietz ajoelhou-se junto da cadeira onde Fernando segurava o bebé, e tocou-lhe com o indicador na mão, e o pequenino Pedro prendeu-lhe o dedo com força no seu punho cerrado.

- O senhor D. Pedro já sabe que vou ser o melhor dos seus professores. Se mo permitissem começava já a ensinar-lhe as primeiras letras, para que seja mais culto e mais educado do que os seus súbditos. O que não é difícil - acrescentou, irónico. Maria, que os observava, enterneceu-se ao ver o alemão, sempre tão hirto e composto, a desfazer-se em gestos meigos para com o seu filho, para com o filho de Fernando.

- Veja lá, Dietz, se consegue dizer o nome completo do nosso filho, com uma pronúncia portuguesa que se apresente. Fernando já parece um indígena - comentou a rir.

E Fernando repetiu: Pedro de Alcântara Maria Fernando Miguel Rafael Gonzaga Xavier João António Leopoldo Victor Francisco de Assis Júlio Amélio de Bragança, Bourbon e Saxe-Coburgo-Gotha.

Maria, com alguma amargura, comentou:

- Precisava de ter mais nomes, Dietz, porque Pedros de Alcântara é o que mais há neste Mundo, graças à fertilidade e aos maus costumes do meu pai.

Dietz deu uma gargalhada:

-Acredite, senhora D. Maria, não há de facto rainha nenhuma como Vossa Majestade.

Maria acabara de ajudar a ama a enfaixar o bebé e a vesti-lo com um dos vestidos de renda que a marquesa de Aguiar lhe enviara do

Brasil, quando um criado lhe anunciou que um mensageiro de Saldanha chegara ao paço:

- Cremilde, acaba de deitar o príncipe, aconchega-o bem.

A ama dobrou a cabeça numa vénia, pegando no menino ao colo e vendo sair a rainha. Nas casas onde servira as senhoras ficavam deitadas semanas a fio, mas a senhora D. Maria parecia uma das mulheres lá de Cabeça de Carneiro, que pouco depois de dar à luz já estavam a tratar do serviço, «que a vida não para e há que dar de comer às pitas», como dizia a sua mãe.

Discretamente recebeu o soldado, e quando o criado lhe perguntou se precisava de mandar chamar alguém, fez-lhe um sinal de silêncio. Sentou-se na sua sala de trabalho, a luz a entrar pelas duas janelas, quente e acolhedora, e leu a missiva rabiscada de Saldanha. Raios, enfureceu-se, em Trás-os-Montes os marechais haviam sido derrotados pelo exército dos inimigos da Carta, dos seus inimigos. Mordeu o lábio, zangada. Quando o judeu do ministro Sá da Bandeira chegasse ao paço, para triunfantemente lhe dar a notícia, teria de o receber como se nada fosse. Como se a vitória de uns ou de outros lhe importasse da mesma forma. Escrevinhou umas linhas de apreço aos marechais, incitando-os a que não desistissem nunca, esperando que não fossem intercetadas pelo caminho. Que lhe importavam as regras de uns homem que desprezava? Se em criança fora capaz de fugir pela janela e convencer o Jaime a levá-la à marquesa de Aguiar, não era aos 18 anos, rainha e mãe do príncipe herdeiro, que ia deixar que mandassem nela. Dobrou o papel, fechou-o num envelope lacrado e deu-o ao mensageiro, com ordens de que só a entregasse nas mãos certas.



Li o relatório do nosso embaixador em Lisboa. Se o partido da rainha não tivesse sido derrotado, depois de meses de mais uma guerra civil, tudo estaria a correr bem aos reis de Portugal. Mas o cenário político é desastroso, as finanças da nação tuna lástima, e Maria está isolada, tão isolada como há um ano, mas mil vezes mais humilhada. Lord Palmerston diz que estamos a fazer os possíveis para ajudar Portugal, mas que são surdos aos bons conselhos. Todos, a começar, ou sobretudo, pela rainha.

O nosso embaixador trabalha para que se chegue a um acordo e os soldados, e os seus marechais, possam voltar aos quartéis, e tudo se esqueça sem envergonhar de mais os partidários da rainha.

Maria e Fernando escreveram-me a contar tudo sobre o pequeno Pedro, notícias bem melhores do que as do país. Um dia é claro que terei de casar, mas só espero não ficar logo à espera de bebé. Já tive anos de mais presa em casa, para me sujeitar de novo ao cárcere, que tuna criança não é mais do que isso. Quero gozar de toda a liberdade, e este foi o verão mais feliz da minha vida. Adoro Windsor e os campos em redor, onde todos os dias monto a cavalo com lord M., que fez a bondade de aceitar o meu convite, porque sabe que preciso de aprender muito mais e só ele me sabe ensinar. Caçámos, dançámos e discutimos política a toda a hora, do pequeno-almoço à ceia. Dash aceitou bem a promoção a cão da rainha - garanto que não lhe subiu à cabeça!

Castelo de Windsor, 18 de setembro de 1837

Igreja das Necessidades, 1 de outubro de 1837

Fernando sentou-se no fundo do canapé em que Maria estava deitada, por ordem do médico. Exagerara ao querer fazer tudo de uma vez, e uma hemorragia obrigara-a a deitar-se de novo. Fernando suspeitava que o que a deitara realmente abaixo fora assinatura da Convenção de Chaves, que dava por terminada e perdida a revolução dos marechais e obrigava Saldanha e Terceira a abandonar o país, mas sabiamente preferia evitar o assunto.

- Quer que lhe conte como correu o batizado do nosso filho, ou prefere ler nos jornais de amanhã? - perguntou, enquanto balouçava com o pé o berço de madeira de pau-santo, com as armas dos Bragança, em que dormia o pequenino Pedro, já livre do vestido de renda com que a sua mãe também fora batizada.

- Descreva tudo em pormenor, para que um dia o possa contar ao príncipe, como a minha mãe me contava a mim.

- Quer a versão dos contentes ou dos descontentes? - perguntou o rei, com um meio-sorriso cansado.

- Por amor de Deus, Fernando, conte-me a dos contentes, que a daqueles que estão sempre a dizer mal de tudo já me desespera. Deixe-me adivinhar, os que levaram o pálio ficaram contentes, os que não levaram nem o pálio, nem o saleiro de ouro, nem a toalha bordada, disseram mal?

Fernando acenou que sim com a cabeça:

- É mais ou menos isso. Devíamos ter encontrado um objeto para cada nobre desta corte.

- E mesmo assim discutiriam. Um diria que o saleiro era mais pequeno do que a concha da água, ou que o círio, porque tem a fita branca com as armas de Portugal bordadas, era mais importante do que...

Fernando já ria:

- Tem razão, tem razão, não há forma de contentar todos. Quando tudo estava pronto o marquês de Santa Iria, vestido de damasco, levou o bebé à pia batismal, e o Pedro portou-se como um príncipe, os olhos muito abertos como se estivesse a ver tudo, mas com aquela cara séria que ele tem, sabe, aquela em que parece que está a avaliar tudo e todos?

- Então não sei? Escreva o que lhe digo, este vai ser bonito quando for rei. Até os ministros vão ter saudades minhas - disse Maria a rir.

- Pareceram-me bem os três Grandes do Reino, com as três toalhas rendadas sobre o ombro esquerdo, vestidos a rigor, assim como os quatro que levaram o pálio, embora o marquês de Fronteira use sempre estampado na cara um sorriso ligeiramente trocista...

- Trocista? Esse também nunca sabe de que lado está... Se os verdadeiramente grandes cá estivessem, se Saldanha, Terceira e Palmela não estivessem exilados, pode ter a certeza de que o Fronteira não teria chegado a ter esse privilégio - disse Maria, sempre tão sensível à crítica.

Fernando arrependeu-se do comentário. A rainha não o esqueceria, e, para dizer a verdade, achava o sentido de humor de Fronteira bem refrescante numa corte tão macambúzia. Maria chamou-o à realidade:

- E o Dr. Miguel Forjaz? Viu se a água da pia batismal estava morna, ou vai o nosso filho ficar constipado? - perguntou, ansiosa.

O humor do rei desanuviou, e deu uma gargalhada:

- Do senhor D. Miguel Forjaz gosto eu, vê-se mesmo que vem de Sintra, de onde, desculpar-me-á, são os melhores desta corte. Devia tê-lo visto, muito compenetrado, a pôr o cotovelo na água e a mandar o criado juntar-lhe água fria, e depois quente, até que exclamou «Agradabilíssima» e mandou apressar a cerimónia, antes que a água arrefecesse de novo...

A rainha sorriu. Fizera questão de que estivesse no batismo do filho, ignorando o protesto do médico de que não se podia afastar da sua serra.

- Olhe, aí está um que se finge saloio, só para se divertir à conta dos que aqui andam a armar ao que não são, burgueses e nobres deslumbrados, que gastam rios de dinheiro a procurar competir com o que imaginam ser o luxo dos paços. Depois chegam aqui, e desiludem-se ao descobrir-nos pelintras. Esses sim, são verdadeiros provincianos e venenosos que nem boitatás - as cobras de fogo do Brasil - explicou sorrindo, como sorria sempre que usava um termo do seu país natal.

Fernando não resistiu a comentar, divertido, como piscara o olho discretamente ao médico quando o vira acompanhar a criança para a sala contígua à capela, onde um berço estava preparado para o príncipe, que com apenas quinze dias de vida não aguentaria o longo sermão do cardeal-patriarca.

- Sorte teve ele, Maria, escapou ao calor insuportável que estava naquela igreja, porque a guarda não conseguiu limitar o número de pessoas que entravam.

- E a capela estava bonita?

Fernando torceu o nariz. Havia mentiras que lhe custavam, e de facto, habituado à pompa e circunstância de Viena, tinha alguma dificuldade em não ser crítico das cerimónias portuguesas. Até porque a sua sensibilidade artística não lhe permitia ser indiferente, e mesmo sem querer dava pelo buraco na tapeçaria ou pelo coçado de um tecido, feria-lhe a alma um estuque a soltar-se da parede, ou o arranjo apressado de um fresco ou de um frontão.

Maria indignou-se:

- Já vi que estava tudo muito desleixado...

Fernando não desejava conflitos, não queria despedimentos de camareiros, nem ver o pobre do mordomo-mor repreendido. Esqueceu o comentário que ouvira o marquês de Fronteira segredar à mulher, de que a desorganização dava ideia de que o paço se havia convertido no palácio do presidente de uma república, e tentou que a voz soasse convincente:

- Não, que disparate. As paredes, das escadas até à capela, estavam forradas de tapeçarias e a capela tinha as paredes cobertas de veludo carmim. E o povo, o povo estava entusiástico e feliz, entrou na capela até onde pôde, e gritava no terreiro. Deve tê-lo ouvido?

Foi a vez de Maria franzir o sobrolho:

- Confesso-lhe que de ouvir o povo no terreiro estou eu cansada, sobretudo quando lhes dá para vir para aqui aos «morrás» - disse a rainha, que ainda retinha fresca a agitação que a obrigara a negar a Carta.

Fernando fez-lhe uma festa na mão:

- Esqueça tudo isso, Maria, agora temos que educar o Pedro, e depois destes dias de agitação podemos voltar aos nossos passeios.

Maria olhou-o, e suspirou. Para o seu querido marido era sempre tudo tão simples. Apontou em direção ao papel e ao tinteiro pousados na escrivaninha e pediu-lhe que os pusesse na mesinha ao seu lado:

- Vou contar tudo a Vitória, ela vai querer saber... e antes que os embaixadores se ponham a escrever que os reis de Portugal não conseguem dar uma festa de batismo em condições, é melhor que lhe conte a minha versão. A minha versão do batizado de Pedro, e da Revolta dos Marechais - sussurrou mais baixo.

Fernando fingiu que não a ouviu, e, debruçando-se para lhe dar um beijo na testa, encorajou-a:

- Faz bem, minha querida.

Maria segurou-lhe a cara em ambas as mãos e beijou-o nos lábios:

- Agora temos tudo para sermos totalmente felizes.

Fernando não podia estar mais de acordo. Se ao menos os políticos se entendessem e o deixassem gozar a mulher e o filho em paz.



As más notícias primeiro, e depois as boas. A lírica pseudorregência de Saldanha acabou, e o governo de Sá da Bandeira teve a satisfação de ver partir para fora de Portugal dois dos «grandes» do regime liberal. Como Palmela continua em Paris, Fernando e Maria estão mais sozinhos do que nunca. O acordo pressupõe o perdão para os oficiais, que serão reintegrados no Exército, mas se passará de letra escrita num papel à realidade, ainda se está para ver. Embora terrível e secretamente desiludidos,

talvez a rainha e Saldanha aprendam a lição, e a oposição se una para concorrer e ganhar eleições.

As boas notícias são que o batizado do príncipe real correu bem. A carta de Maria chegou depois da do nosso embaixador, que descreveu o batizado do príncipe como tuna cerimónia comovente, participada, mas u m pouco caótica. Ao que parece, foram generosos nos convites, e nas salas do palácio tanto se podia encontrar um mero soldado, como uni marquês, e o corpo diplomático não foi tratado com grande deferência, já para não falar de que não havia talheres para todos. Pareceu-me mesquinha a carta, e compreendo a queixa de Maria de que os embaixadores têm uma postura muitas vezes desagradável, como se fossem superiores aos «nativos». Ainda bem que os meus queridos primos convidaram muita gente, e gente diferente, desde que isso os tenha feito feliz e aumentado a sua popularidade junto do seu povo. Foi o que Maria me disse que aconteceu. Pareceu-me muito feliz com a festa, e diz-me que o meu querido Fernando, que eu mais do que ninguém sei um artista, elogiou a decoração da capela, as vozes do coro, por isso devem realmente ter sido admiráveis. Mais importante do que tudo, o bebé portou-se como um anjo, e nem chorou quando o destaparam para o tingirem com os óleos sagrados. Maria diz-me que é muito bonito, que os olhos e a testa são do pai, e a boca e o queixo dela, e prometeu enviar-me um retrato dele logo que possível. Talvez lhe envie iin dos nossos pintores, para que assegure a qualidade do trabalho.

Castelo de Windsor, 10 de outubro de 1837

Palácio Fronteira, 15 de fevereiro de 1838

Um homem alto, magro, o nariz aquilino e as sobrancelhas carregadas, elegantemente vestido, 30 a 35 anos, não sabia dizer, pediu licença para a cumprimentar. A sua voz era forte e envolvente, e havia qualquer coisa na sua pose que deixava Maria desarmada. Porque se sentia sempre agradavelmente desconcertada quando o via? Costa Cabral não fazia aquelas vénias que tanto a enervavam, e tinha uma segurança que se impunha. Não tinha sequer razões para confiar nele, porque, embora lhe parecesse mais moderado por estes dias, pertencera aos rebeldes que a haviam obrigado a jurar a Constituição. E, no entanto, ficava-lhe sempre a sensação de que podia confiar nele, quase uma memória de reconhecimento, mais do que de conhecimento, não sabia explicar porquê.

- António Bernardo da Costa Cabral, ao serviço de Vossa Majestade - disse o homem, deixando que a mão ficasse na sua, por mais tempo do que era delicado.

Sem cerimónias, Costa Cabral falou-lhe de política. Não da festa, nem do tempo, nem tão-pouco do nascimento do príncipe, mas de política.

- Sei que não tem razões para confiar em mim, mas queria dizer-lhe que hoje me arrependo de ter contribuído para dar tanta força à Guarda Nacional, que age mais como um bando de malfeitores do que como uma força do Exército.

A rainha respondeu-lhe, num tom cínico:

- Respeito um homem que reconhece os seus erros, sobretudo se estiver disposto a emendá-los.

- Se não estivesse não a incomodaria com este assunto. Na juventude cometemos atos de que nem sempre nos orgulhamos, e não me orgulho de ter estado associado a um grupo que obrigou a rainha, sob ameaça, a jurar o que a rainha não desejava jurar. Mal vai um país onde os reis são obrigados a submeterem-se à vontade de um Exército desgovernado, aos caprichos de uma população manipulada que grita o que lhe ordenarem que grite, para no dia seguinte clamar o contrário.

Maria procurava esconder o fascínio, o fascínio que sempre sentira em relação a este homem, uma sensação de que lhe era familiar, tão agradável e protetoramente familiar. Mesmo quando o odiara.

Fernando e Dietz aproximaram-se, e Costa Cabral baixou a cabeça numa vénia ao rei:

- Vossa Majestade, é um prazer voltar a vê-lo - disse, sem excessiva deferência, mas com uma educação irrepreensível.

E virando-se para Dietz, apertou-lhe a mão, como se o conhecesse bem.

Depois afastou-se, e o olhar de Maria seguiu-o.

Fernando, incomodado com o seu silêncio, protestou:

- Não vai dar crédito a um homem bem-falante, de uma inteligência brilhante, reconheço, mas tosco.

Maria não lhe respondeu logo. Sabia bem que António Bernardo da Costa Cabral era filho de um lavrador de Fornos de Algodres, fosse lá isso onde fosse, que se tinha distinguido no curso de Direito em Coimbra, lutara pelos liberais, mas aliando-se desde aí à esquerda que ela tanto odiava.

- Diz-me que mudou. Falou-me da necessidade de pôr a Guarda Nacional em ordem, e afirmou que se arrepende de me ter feito jurar a Constituição - comentou a rainha, como se falando sozinha.

Fernando enrolou os olhos e levantou-os ao céu. Quando Maria falava assim já não havia nada a fazer. Dentro de dias a rainha havia de o nomear para qualquer lugar importante, e os seus aliados ficariam sem compreender porque é que fora escolher um homem às fileiras do inimigo, sentindo-se zangados e traídos. Mas não teve tempo de dizer nada, porque o anfitrião pedia-lhe a honra de que cantasse, e não podia dizer que não.

Enquanto a sua voz enchia a sala, a rainha pensava que lugar poderia dar ao homem do nariz aquilino e olhos penetrantes que viera oferecer os seus serviços. Falara da guarda com tanta decisão - pois bem, nomeá-lo-ia administrador-geral de Lisboa e logo se veria do que era capaz. E de que lado estava realmente.

Nessa noite, o sono da rainha foi agitado. As almofadas rolavam para o chão, os cobertores desalinados. Costa Cabral e a sua voz envolvente levavam-na para o passado, para sítios onde não queria, não devia ir. Um homem que entrava na sala de trabalho da mãe, e que os seus olhos de criança seguiam, um homem de voz envolvente que consolava a imperatriz e lhe dizia que velaria por ela, que a guardaria, a ela e ao seu reino. Um homem corajoso, de costas direitas, forte, que não tinha medo do imperador, que não se assustava com os seus gritos e não vendia a sua aliança com aquela que amava com respeito, aquela a quem admirava a inteligência, a força e a coragem. A balaustrada de madeira rodopiava em frente dos seus olhos, os degraus comendo-se uns aos outros num vórtice, os olhos dele presos aos olhos dela, e a promessa silenciosa de que nunca a abandonaria. E depois a morte, o caixão na noite escura, e a mão forte sobre o seu ombro de menina, as lágrimas que caíam como um ribeiro depois das chuvas, porque desaparecia a mulher que era dona do seu coração.

A mão com os dedos abertos sobre a cara tapava os olhos, como se não suportasse acordar para a luz de Lisboa que entrava pelas frestas nas portadas:

- José Bonifácio de Andrada - chamou baixinho. Era o ministro da mãe que Costa Cabral lhe lembrava.



Maria escreveu-me tuna carta muito mais sentimental do que aquilo que é costume. Fala-me de um tal Costa Cabral, que a parece ter tocado particularmente. Diz que lhe encontrou qualidades de um estadista, e que lhe lembra um dos nossos ministros, muito sério e sem perder tempo em deferências inúteis. Percebi que a conquistou à primeira vista, por isso certamente tem charme e o dom da palavra. Maria deixa-se levar pela lisonja, já percebi isso. Espero que Maria se dê ao trabalho de conhecer melhor o homem, antes de decidir nomeá-lo para qualquer cargo. Vou pedir ao nosso embaixador que saiba mais sobre ele.

Palácio de Buckingham, 25 de fevereiro de 1838

Palácio das Necessidades, 20 de abril de 1838

Pedro saltava sobre o seu joelho, as gargalhadas a encherem o quarto, os olhos azuis como os seus, a cabeça careca, onde se começava a ver uma penugem loira. Aos seis meses era um bebé delicioso, vivo e interessado, que já dizia «gugu-dada» em alemão, brincava Fernando, para contentar o incansável Dietz, desejoso de que o seu real pupilo falasse a língua do pai antes de qualquer outra. Maria afagou-lhe a nuca meigamente.

-Tarda nada, Pedro pequenino, este quarto vai ter um novo ocupante. O que é que o menino quer, uma mana ou um mano?

Aos 19 anos, acabados de fazer, esperava o seu segundo filho. Filho, porque tanto ela como Fernando queriam muito que fosse um outro rapaz. Pedro adormeceu-lhe nos braços. Com a respiração serena do filho tão próxima, e outro dentro dela que anunciava a sua presença com o ocasional pontapé, deixou os olhos correr pelo quarto, decorado com gravuras que Vitória lhe enviara.

A criada entrou e, fazendo uma vénia, anunciou:

- O senhor marquês do Faial pede para ser recebido.

Maria deu um salto de alegria: Domingos voltara? Seguiria o seu pai para Londres e Paris, e ouvia mais dele pelas cartas de Vitória do que por notícias chegadas à corte.

Tocou a campainha, e passou o bebé adormecido à ama, levantando-se devagar, tanto quanto o peso lhe permitia:

- Diz-lhe que entre aqui para a antecâmara - ordenou a uma criada que já não se chocava com a falta de protocolo, nem com o facto de a rainha receber as pessoas mais próximas nos seus aposentos.

Maria controlou a vontade de o abraçar. Ainda nem tinha 19 anos, e nunca seria tão bonito como Alexandre, mas era elegante, e estava tão ricamente vestido que se percebia que acabara de desembarcar vindo de Paris.

A história do seu casamento ocupava as conversas da corte de há dois meses para cá - dado que o herdeiro dos Póvoa morrera, a fortuna passava integralmente para a mulher de Domingos, e a família de origem esforçava-se por todos os meios para anular o casamento, coisa que o duque de Palmela estava absolutamente decidido a impedir. Pudera, com este golpe de sorte, a família Palmela ficaria a mais rica de Portugal, muito mais rica do que a coroa, pensava Maria, com alguma irritação. Escondendo-a, perguntou:

- Domingos, conte-me tudo. Dizem-me que a sua mãe voltou e está escondida com a sua noiva até ao dia em que a criança pode consumir o casamento. Nem a Guarda a encontra, mas agora também já só faltam dois dias.

Domingos sorriu, pedindo licença para acender um charuto. Sabia que o assunto era delicado, e que a rainha tinha chocado os pais, por lhes dar pouco ou nenhum apoio nos últimos tempos:

- Como sabe, a mãe adotou a minha mulher, tratando-a como filha nos últimos dois anos. Com este volte-face, a pobre criança estava aterrorizada com a ideia de ser raptada por tios que nunca viu, e que só estavam interessados no seu dinheiro.

A rainha tossiu, divertida. Domingos, sincero, riu também:

- É claro que o meu pai também pensa no dinheiro, e fez disto a sua causa, com aquela inteligência estratégica que lhe conhece, mas convenhamos que contratou o meu casamento quando ela não era a herdeira, e ao longo destes anos afeiçoou-se-lhe grandemente. É meiga, afetuosa, não fazia sentido deixar que a internassem num convento, como estão a procurar fazer, como teriam feito se a minha mãe não fugisse com ela de França e não se escondessem em Lisboa até ao dia em que fará 12 anos, e a lei permite que o casamento seja consumado. Cinco semanas escondidas, sem que ninguém, nem o meu pai, saiba onde...

- Tem tanta graça chamarmos-lhe criança, não tem, Domingos? Lembro-me de como me sentia crescida, aos 9 anos, quando vos conheci em Inglaterra.

Domingos inclinou-se para a frente na cadeira, e atreveu-se a fazer uma festa na mão da rainha:

- Vai dar-me a sua bênção?

Maria olhou-o com ternura:

- Espero que seja tão feliz no casamento como sou no meu. É o melhor que lhe posso desejar.

- E pode desejar que a Guarda, que tem um mandado comprado ao tribunal, não encontre a minha mulher na véspera do casamento, quando a minha mãe a trouxe para Xabregas. Até à última hora, estaremos todos com o coração na boca, mas acredito que a cerimónia se vai realizar.

Maria viu-o partir com uma imensa nostalgia. Era feliz, mais do que alguma vez imaginara ser, mas como era possível que o tempo tivesse de alguma forma desfeito a intimidade tão profunda que a ligava aos Palmela? Teria ciúmes da atenção que a senhora D. Eugénia, a sua D. Eugénia, dedicava agora aos filhos que continuava

a ter, e sobretudo a esta nora? Seria por isso que, na verdade, pouco ou nada fizera para defender a causa da pequenina condessa da Póvoa?

Encolheu os ombros: enquanto eles enriqueciam e tratavam da sua vida, a rainha era obrigada a trocar o seu sossego e o seu conforto pelo governo do país. Bem gostava de ter o dinheiro e a vida dos Palmela, pensou, subitamente zangada.



Fernando escreveu-me a dizer que gostava de ter um cavalo árabe, que, estranhamente, parecem não existir em Portugal. Vou tentar mandar-lhe um dos nossos, provavelmente o Hamlet, e talvez possa criá-los, porque me diz que no Palácio de Mafra teria muitas condições para o fazer. Maria tem tuna égua calma e segura, e não está interessada em mudar de montada, mas talvez uni dia possa ter uni dos filhos daquele que agora ofereço ao rei. Adoro cavalos, e tenho dois que adoro, e que são perfeitos, em todos os sentidos da palavra. São bonitos, cheios de genica, mas dóceis, calmos e não têm medo de nada. Gosto tanto de montar, que tenho montado três horas por dia, o que me faz tanto, tanto bem, sobretudo se for na companhia de alguém como lorcl M., que adora cavalos, como eu. É claro que depois, quando chego a casa, vejo o trabalho todo acumulado, mas vale a pena. Ainda por cima esta primavera tem sido tão perfeita, que só apetece cantarolar e ficar ao ar livre, a apanhar sol. Vou mesmo mandar o cavalo ao Fernando. Bem precisa de arejar a cabeça, e de ter alguma surpresa agradável.

Palácio de Buckingham, abril de 1838

Paço Real de Sintra, 28 de junho de 1838

- **T**enho tanta pena de não me poder meter num paquete e ir a Londres assistir à coroação da Vitória - queixou-se Maria, enquanto com uma tigela de papa na mão dava de comer a Pedro, sentado num pequeno muro de pedra num dos pátios do paço.

Num banco, o bloco de papel sobre uma perna, o lápis a correr depressa, Fernando procurava apanhar esta cena que o deliciava.

- Não se distraia, porque senão esse menino fecha a boca e enche-lhe o vestido de aveia - dizia, rindo, enquanto Maria se zangava com o filho, que fazia sempre birras à hora das refeições.

- Deve sair a si, com esta falta de apetite, porque a mim não sai, que sempre adorei comer, como se vê pela figura com que estou - disse a rainha, dando uma palmada na mão de Pedro, que procurava deitar o prato ao chão. - Mas diga lá, não tem inveja do duque e da duquesa de Palmela?

Apesar de as relações estarem inexplicavelmente frias, Maria decidira que não havia mais ninguém à altura de representar Portugal num acontecimento tão importante, e pedira aos duques que estivessem presentes.

Fernando acenou que não, não tinha inveja nenhuma. Pela primeira vez desde que chegara a Portugal, não queria estar em mais lado nenhum.

Maria sorriu, feliz. Pressentia esse contentamento, que a deixava muito mais sossegada. A explicação estava ali, no topo da serra, onde o rei encontrara as ruínas do antigo convento da Pena, que comprara ao Estado, assim como a terra que o envolvia e o Castelo dos Mouros, cujas ameias se viam dali debaixo.

- Já tem arquiteto para o projeto? - perguntou enquanto pousava Pedro no chão e o deixava pôr-se de pé agarrado à borda do pequeno lago, chapinhando na água com a mão.

Fernando há dias que não dormia, entusiasmado com os planos para transformar a ruína num palácio, num palácio como os da sua terra natal.

- O barão de Eschwege aceitou. Não é um profissional, mas viajou muito, esteve no Brasil, no Reno, em Sevilha, em Granada, e tem talento, tem muito talento. Convidei também José Cinatti, o cenógrafo do São Carlos, um italiano cheio de gosto, e entre os dois acho que a Pena vai ficar memorável.

- Não lhe falta inspiração em Portugal - disse a rainha, ligeiramente enervada com a constante referência a países que não o seu. Não admirava que Costa Cabral, nas conversas que tinham sobre o país e o futuro, a alertasse para o perigo de o rei parecer alheado da realidade, procurando converter o país num Estado nórdico.

Fernando olhou-a, surpreendido com o seu tom frio:

- Claro que sim. Tomar, os Jerónimos, este paço, tenho muito por onde me inspirar, mas já viu, minha querida, como as crianças vão ser felizes lá em cima? Tem de me ajudar a pensar os quartos e as salas, o quarto de brinquedos dos rapazes...

Maria riu:

- Olhe que desta vez não tive nenhuma visão, não lhe posso jurar que é um rapaz.

O rosto de Fernando, do meu bom e adorável Fernando pensou a rainha, iluminou-se:

- Desta vez a visão é minha. Tenho a certeza de que é um rapaz, nem podia ser de outra maneira. Tanto eu, como Dietz, não saberíamos o que fazer com uma rapariga...



Não quero descrever a cerimónia, porque não tinha palavras que chegassem para isso. Queria só registar aqui, mas julgo que nunca me hei de esquecer, que tive tanto medo, tanto medo de tropeçar, de não dizer as palavras pela ordem certa, de me enganar nos nomes das pessoas, de não ser digna da coroa que me colocavam na cabeça. De não ser a rainha do Império Britânico que toda a gente espera que seja, de desiludir Lord M., de desagradar ao meu tio Leopoldo. Felizmente Deus esteve comigo, e não houve falhas. Durante as seis horas da cerimónia, sentia-me a corda de um violino, que podia partir-se a qualquer momento. Mas os ensaios serviram a sua função, e aqui estou em Buckingham, a primeira ocupante deste palácio lindo que o meu tio nunca, chegou a habitar, e a retomar a rotina diária, tão intensa e cansativa que acordo às seis da manhã e deito-me às onze da noite, não fazendo mais nada senão ler papéis e ouvir ministros. Consegui, apesar de tudo, quinze minutos para receber os duques de Palmela, de que gosto tanto. Foram cuidadosos nas referências que fizeram a Maria e a Fernando, não me parecendo contentes com o estado do país, nem com a influência crescente de um tal Costa Cabral, de que a rainha só me fala de passagem nas suas cartas mas que, ao que parece, tem mais poder do que ela quer deixar fazer crer. Foi caindo nas entrelinhas que é tini homem de origens demasiado humildes, ambicioso e calculista, embora inteligente, julgo que Palmela se lhe referiu

mesmo como brilhante. Lord M. disse-me depois que os duques pagaram do seu bolso as viagens e os custos de alojamento, e suspeito que inclusivamente o presente que Portugal me ofereceu. Parece-me uma decisão mesmo à Maria, com o seu espírito prático: afinal, se os Palmela têm dinheiro, e a coroa portuguesa está falida, porque não pedir-lhes que paguem do seu bolso, e não se fala mais nisso. Lord M. e eu ainda nos rimos. Não há no Mundo outra rainha como ela. Quanto a Fernando, julgo que o meu querido primo fica meio embaraçado com estas decisões, mas pelo que entendo só é informado delas a posteriori. Felizmente está feliz com um projeto de um palácio que vai construir, segundo escreve Dietz. Quanto a Dietz, interessa-se por política. Há muita coisa do avesso no reino de Portugal.

Palácio de Buckingham, 28 de julho de 1838

Palácio das Necessidades, 31 de outubro de 1838

Fernando entrou no quarto com Pedro pela mão. Desde os onze meses que o príncipe andava sozinho, para orgulho dos pais, e aos treze meses já falava alemão, e algumas palavras de francês. A rainha estava sentada, recostada sobre grandes almofadas, e abraçou o seu filho mais velho, beijando-o na testa.

- Pedro, olhe o seu irmão - disse-lhe, mostrando-lhe o pequenino Luís, a gola de folhos a emoldurar a sua cara de querubim.

Maria desatou a rir:

- Não acha graça nenhuma a uma criatura enrugada e feia, que não fala, nem faz nada que se veja, não é?

Pedro, de facto, estava muito mais interessado em brincar com os cordões do dossel do que em prestar atenção ao recém-nascido.

- Pedro, o seu irmão vai chamar-se Luís. Diga lá «Luís».

- Lipi, Lipipi - disse o príncipe.

- Lipipi? Está a ouvir, Fernando? O Pedro já batizou o irmão. É o que dá esta mistura de línguas que a pobre criança ouve - sabe-se lá se diz Luís em alemão, francês ou português.

Fernando passou-lhe a mão pelo cabelo, que as criadas tinham acabado de pentear, o suor das horas de trabalho de parto a tornarem-no pegajoso:

- Está muito cansada, minha querida? - perguntou, meigo.

- Sinto-me sem fôlego, foram muitas horas, não sei que invenção é esta de dar à luz deitada. As índias e as caboclas nunca deixavam que as deitassem no Grande Momento, mas pronto, já está, e não é nada que não passe com uma canja de perdiz, se o tolo do médico não mantiver a ideia de que devo continuar de jejum pelo dia fora.

Fazer a rainha passar fome era um ato de grande ousadia, pensou Fernando, que se preocupava com a vida pouco saudável da mulher. Bem a tentava convencer a fazer exercício, a montar a cavalo e a sair mais à rua, mas, para lá dos passeios no jardim com o filho, a rainha estava sempre demasiado ocupada a receber os ministros do reino, a discutir os assuntos de Estado com Dietz, ou a escrever cartas a Vitória ou à sua irmã Xica. Infelizmente, a vida sedentária não lhe tirava o apetite, e devorava com gosto os nove pratos que os cozinheiros lhe preparavam todos os dias, apesar dos protestos de Fernando, que abria os livros que ia recebendo de Viena, procurando provar-lhe que uma alimentação saudável exigia mais saladas e legumes, e menos pernas de borrego e empadões de codorniz. Mas não era hoje o dia de recomeçar as suas lições...



Fernando está feliz com o seu segundo filho rapaz. Escreveu-me uma carta tão divertida, em que diz: «Estamos muito felizes, particularmente eu, que desejava que não fosse tuna rapariga, o que, confesso, me seria um bocadinho desagradável, porque, e só entre as crianças, note-se bem, gosto muito mais de rapazes, que são mais alegres e mais saltitões. » Tem graça. Conta-me que o rei de França vai ser o padrinho, e a mãe de Fernando, a minha tia Augusta, a madrinha. Infelizmente, na carta que lhe escrevi de volta, fui obrigada a falar-lhe de política, pedindo-lhe que tanto ele, como Dietz, procurem que a rainha seja mais razoável no conflito com a Grã-Bretanha a propósito da abolição do transporte de escravos.

Fernando ripostou imediatamente, insultando o nosso embaixador em Lisboa, com uma violência nada habitual nele, por isso o homem deve ser realmente do pior que há. Dei-a a ler ao meu querido lord M., que me garante que embora o senhor mereça certamente os epítetos que o rei de Portugal lhe confere, é necessário apelar a um entendimento. Tão cuidadoso, aproveita a mensagem para me pedir que proteja a minha saúde, e aconselha-me a passear mais no jardim. Não sei o que faria sem ele, e para dizer a verdade subitamente não tenho grande vontade de receber de novo os primos. Lord M. diz que é preciso muito cuidado, porque os meus súbditos detestam estrangeiros e eu própria só agora começo a ser amada por eles... Estou melancólica.

Palácio de Buckingham, novembro de 1838

Jardins da Pena, Sintra, 26 de agosto de 1839

Fernando, em pé em cima de uma enorme rocha, disse para Saldanha, ao ver os burros em fila a subirem a serra:

- A rainha está aí a chegar. Ainda há pouco para ver, mas está um dia tão bonito que ainda bem que podemos fazer um almoço sobre a relva.

Saldanha, que regressara do exílio em Inglaterra e andava tão entusiasmado como o rei com as obras na sua quinta na encosta da colina, mandou que os criados estendessem a manta sobre os fetos, rindo:

- Piquenique, senhor D. Fernando, é como lhe chamam agora em Inglaterra, e está muito na moda. Só que por lá levam uns ovos mexidos para pôr dentro do pão, e nós, por aqui, o mínimo que servimos é um ensopado de borrego, seguido de um cozido.

Fernando saltou, ágil, de rocha em rocha, para aterrar próximo do local escolhido pelo marechal:

- Espero que tenha mais jeito para escolher os seus campos de batalha do que a decidir onde vai sentar senhoras e crianças num «piquenique». Quer ver o príncipe real e os seus filhos a caírem daqui abaixo - protestou, mandando chegar as toalhas deitadas no chão para mais longe do precipício.

Saldanha encolheu os ombros:

- Os meus filhos e os infantes sabem melhor do que se atirar por colinas abaixo...

Saldanha sentou-se, virando a cara para o Sol:

-Perigoso, perigoso é andar nos corredores do Paço das Necessidades. Fujo de Lisboa para não me cruzar com os ministros de Sua Majestade, sobretudo com aquele Costa Cabral e o irmão, que é da mesma estirpe.

Fernando franziu o sobrolho:

- Se quer paz e sossego, faça como eu e não fale desse senhor ao pé da rainha.

Saldanha olhou-o de soslaio: será que não sabia que a rainha não ouvia mais ninguém, não respeitava mais ninguém senão esse seu ministro, embora em família fingisse não suportar os seus modos grosseiros e autoritários? Guardaria esse trunfo para outro dia, porque hoje o céu estava azul, e não queria estragar o dia ao rei. De qualquer maneira, os burros, cansados e suados, chegavam ao pico da serra, e Saldanha admirou-se que o pobre animal conseguisse trepar aquilo tudo com a rainha a cavalgá-lo. Estava cada vez mais pesada, e embora retivesse a expressão de menina, e o vestido fosse do melhor bom gosto, o corpo deformava-se com as gravidezes e os jantares opíparos. Um piquenique far-lhe-ia bem, pensou o marechal com vontade de rir.

Pedro e o bebé Lipipi, como agora todos os da casa lhe chamavam, chegaram pouco depois de carruagem, com Dietz e uma ama. Juntaram-se às outras crianças, enquanto os adultos se sentavam na toalha, e a rainha num pequeno banco que fazia parte dos apetrechos transportados para esta refeição ao ar livre.

Maria suspirou fundo. Mesmo antes de subir a serra, recebera uma carta de Costa Cabral e outra de Vitória. Uma e outra eram

sobre a lei apresentada no Parlamento britânico a autorizar os navios ingleses a intercetar os navios portugueses que transportassem escravos, ou, mais precisamente, «suspeitos de transportar escravos». A de Costa Cabral, aconselhava-a a protestar, a enviar Palmela a Londres para discutir o assunto; a outra, a de Vitória, pedia-lhe calma e serenidade.

Dietz, encostado a um tronco de um carvalho, observava-a. Hoje ao serão perguntar-lhe-ia o que a preocupava tanto.



As cartas de Maria são únicas, não me canso de o constatar. Sinceramente comovem-me, desesperam-me, fazem-me rir, mas nem sempre me rio nas partes a que a rainha de Portugal acha graça. A de hoje é de deixar qualquer um perplexo. Elogia Fernando, e ele é tão elogiável que não me espanta, dizendo que constrói o palácio mais bonito da Europa. Depois, quando nada o faz esperar, lança-se muna diatribe furiosa contra a hipocrisia britânica, dizendo que não aceita que os navios britânicos intercetem os portugueses, que a falsa moral britânica lhe mete nojo, primeiro porque não há escravos nos seus barcos, e depois porque o que os ingleses querem é pura e simplesmente que as colónias portuguesas não tenham mão de obra, produzindo menos. Esquece que esta decisão faz parte de um acordo pelo qual Portugal recebeu há dois anos a módica quantia de 600 mil libras para indemnizar eventuais perdas com a abolição do comércio de escravos, que aceitaram sem protesto e gastaram entretanto, certamente sem deixar rasto, daí não se lembrarem! A ingenuidade com que a rainha se lança nestes discursos é tão genuína, argumentando sempre que fala desta forma porque eu aos 9 anos de idade lhe terei dito que gostava da sua franqueza, que nem me consigo ofender. No meio de toda a diatribe tem alguma razão, e esforço-me para transmitir as suas opiniões (de forma mais organizada!) a Palmerston. Graças à minha intervenção já amenizaram alguns dos artigos da convenção. Mantém-se, no

entanto, a ameaça de que se até dia 15 de maio não a assinarem, a Grã-Bretanha tomará as possessões de Goa e Macau, e não tenho poderes para desautorizar o Parlamento, nem tão-pouco para impedir que façam cumprir os acordos. Tentei explicar a Maria que a questão dos escravos tem um impacto grande na opinião pública britânica, e que não é vantajoso para Portugal que se pense que o país não cumpre o prometido e, mais do que isso, que pratica um crime tão abjeto como traficar vidas humanas. Mas Maria nem entende porque é que não posso fazer o que me passa pela cabeça, dado que é aquilo que ela faz!

Por mais extraordinário que pareça, esta carta tão política acaba com considerações acerca de tuna outra em que lhe contei que gostava extraordinariamente de dançar. Não resisto a transcrever para o meu diário este parágrafo: «Pois a mim cansa-me muito dançar, e quando a prima tiver filhos compreenderá melhor o que lhe digo, e verá como é doce tratar das crianças.» Nem me atrevo a contradizê-la até esta desagradável história da escravatura estar resolvida, ou arrisco-me a que me proíba de dançar!

Castelo de Windsor, 26 de agosto de 1839

Palácio das Necessidades, 18 de outubro de 1839

O Conselho de Estado ocupara todo o dia da rainha, e, pior do que isso, deixara-a irritada. Como é que era possível que às cartas do governo inglês enviadas em abril e maio ainda não se tivesse dado resposta?

- Os senhores não sabem despachar os assuntos? Vê-se bem que têm mulheres e criadas em casa a tomar conta dos filhos.

Os ministros olhavam-na, já habituados ao tom despótico da rainha, quando alguma coisa virava o seu humor. E de dia para dia Maria sentia menos paciência para estes políticos caprichosos, que não se entendiam, num corrúpio de governos a que perdera a conta.

- E o que é que os senhores pensam fazer em relação ao acordo sobre o comércio de escravos? - perguntara, furiosa.

Ribeira de Sabrosa assoara o nariz, tossira duas vezes, e acabara por responder, num tom insolente:

- Nada, senhora D. Maria. Os ingleses querem mais uma vez dar ordens num país que não é deles!

Maria procurou controlar a irritação:

- Não pensámos nada disso quando recebemos e gastámos o dinheiro deles, senhor ministro. E os senhores vão pôr em risco as possessões portuguesas, pela incapacidade de responderem a uma carta no prazo estipulado?

O silêncio dos ministros sentados à sua frente fez saltar a tampa. Pôs-se de pé e aproximou-se da janela, olhando o Tejo:

-Têm medo de perder as próximas eleições, de perder o lugar nos vossos clubes, se derem a impressão que compactuam com Inglaterra - suspirou a rainha, bem consciente do ódio que os jornais espalhavam contra a Grã-Bretanha. - Na realidade, até vos era conveniente? Ficávamos sem as nossas colónias e os senhores até ganhavam com isso. Que triste é a nossa política, que interesseiros são todos, eles e vocês - suspirou, fazendo um gesto de que a reunião estava terminada.

Os ministros, zangados e humilhados com esta rainha de 20 anos que lhes falava assim, saíram cabisbaixos.

O criado anunciou António Bernardo da Costa Cabral. Recebia-o todas as tardes na sua sala de trabalho, que abria para o terraço onde colocara cadeiras para se sentar a ler nos dias mais ensolarados, infelizmente de espaldar direito, porque o espartilho não permitia o conforto de uma cadeira de verga.

Costa Cabral entrou e beijou-lhe a mão, os olhos nos seus, e a sua voz grave e serena foi direta ao que a perturbava:

- Nem precisa de me dizer nada, senhora D. Maria. Já sei que lhes deu uma coça, e acho que fez muito bem.

Maria suspirou, aliviada. Ao almoço, Fernando dissera-lhe que fora excessiva, mas agora Costa Cabral elogiava a sua coragem. Decididamente, gostava deste homem.

- Procuo jogar nos dois campos. Detesto o embaixador de Inglaterra e passo os dias a dizê-lo à minha prima, a rainha Vitória, mas depois, quando sou confrontada com o desleixo dos meus políticos, o que é que lhe posso responder? Como é que posso defender que intervenham menos, se estamos sempre a precisar do

seu dinheiro, da proteção da sua armada, de tudo e mais alguma coisa? Não passa mais um mês sem que corra com todos, e o nomeie a si para meu ministro, dizia - e Costa Cabral protestava. Mas fazia planos.

Entendera que a rainha gostava de quem lhe falasse sem rodeios, mostrasse coragem e determinação, e era assim que lhe falava, envolvendo-a na lisonja, teia em que era fácil enredá-la.

Nos últimos tempos Dietz encontrava sempre forma de entrar na sala enquanto conversavam, e acabava por ficar.

Gostava de Costa Cabral, e achava-o um homem de pulso forte. E era de pulso forte que este país precisava! Disso estava a cada dia mais certa.

Os frescos da casa de jantar estavam prontos e a mesa que Fernando encomendara chegara na véspera. Desde que viera para Portugal que protestava contra o costume das mesas retangulares, alegando que as mesas redondas tornavam o ambiente mais íntimo, e muito mais fácil a conversa entre todos. Aos poucos, e à medida que a cerimónia que fazia se fora desvanecendo, atrevera-se a comentar que o paço precisava de obras, de remodelações que o tornassem um palácio mais digno, e não apenas aquilo que era, o refúgio de um rei que vinha em romagem uma vez por ano à Senhora das Necessidades, com o seu chão de tijoleira, os lambris de azulejo, e os seus tetos em abóbada.

Maria acolhera o projeto de novo com entusiasmo, um passatempo para os meses de inverno, em que o rei se via obrigado a interromper as obras em Sintra, e ao serão debruçavam-se os dois sobre os esquissos que fazia, discutindo as soluções que Fernando imaginava. Mostrara-lhe o desenho de uma mesa para doze pessoas, em madeira de cerejeira, e Maria rira abertamente quando lhe dissera que as paredes teriam parras de uvas douradas nas portas,

mas que imaginava pintar frescos nas paredes com rabanetes e couves, ao lado das mais convencionais frutas e peças de caça.

Agora a mesa chegara, e Fernando espreitara no seu quarto de vestir para lhe dizer:

- Maria, mandei fazer uma cadeira alta de bebé e vou sentar Pedro à mesa - só hoje, para a inauguração da nossa nova casa de jantar.

As criadas olharam, espantadas. Era de facto um tempo diferente, este em que meninos de 2 anos vinham à mesa e a hortalíça era tema de decoração na sala dos reis.

Mas quando Maria se sentou, Pedro na cadeirinha ao seu lado, Fernando, Dietz, a imperatriz e a princesa Amélia, convidadas para este dia mais íntimo, não conseguiu falar das novas obras, tal a excitação que uma carta que chegara de Vitória lhe causara:

-Fernando, temos de beber à saúde de Vitória e Albert. A rainha pediu-o em casamento - disse com uma gargalhada.

Fernando ergueu o copo num brinde:

- Ganhei a aposta, bem disse que a única questão era com qual dos irmãos casaria...

Maria riu, encantada:

- Mas fiz a aposta quando o rei William estava vivo! Agora nada podia impedir o tio Leopoldo de levar a sua avante. E desde aquela primeira visita que era visível que Albert era o preferido.

-Também é o meu, desde pequeno que é o meu primo favorito. É inteligente, tem vontade própria.

-Só o facto de ter sido ela a pedi-lo em casamento é divertido. Mas ninguém pode fazer uma tal proposta a uma rainha - disse

Maria, feliz por ter nascido rainha.

Fernando nessa noite, aconchegando-se a ela na cama, brincou:

- Não me quer pedir em casamento? - e ambos se abraçaram, rindo.



Recebi unia carta de Maria, a dar-me os parabéns. Comoveu-me. Diz que me quer felicitar pela minha escolha, e que com o meu bom coração tem a certeza de que vou ser feliz como mereço. Tão feliz como ela. «Que Albert seja como Fernando e a minha querida prima será perfeitamente feliz. » É sempre tão generosa. Fernando não me escreveu ainda. Não sei se terá ficado um pouco ciumento com este meu casamento com o seu primo, com este nosso primo, porque é tanto meu, como dele. Talvez seja vaidade da minha parte, mas será que não pensa que poderia ter sido ele o escolhido? Durante muito tempo confesso que por vezes pensava nisso, mas agora percebo que Albert é mais velho, mais culto, e mais firme do que Fernando. Tenho a certeza de que vamos ser felizes, amo-o tanto, mas temo que não lhe seja fácil ocupar um lugar subalterno, que será sempre o seu, porque o povo desta nação não aceita que divida o meu poder com ninguém. Tenho de ir a despacho com lord Melbourne. Confesso, só aqui no meu diário, que me custou dar-lhe a notícia do meu futuro casamento. Podia ser meu pai, diz-me sempre Maria, mas liga-nos qualquer coisa de tão profunda que nada, nem ninguém se pode colocar entre nós.

Não sei se Albert ficava contente se soubesse que dei a lord M. o anel contra o mau-olhado que Maria me mandou há tempos, um anel que a sua irmã Xica lhe mandou do Brasil. Enviou-me quase como tuna brincadeira, porque nem ela, nem eu, acreditamos nestas superstições, mas a verdade é que tive unia vontade irresistível de que fosse lord M. a usá-lo. Pedi-lhe que me desse a alegria de o

colocar no seu porta-chaves. Estou ansiosa pelo nosso encontro de amanhã - será que o vai usar?

Castelo de Windsor, 18 de novembro de 1839

Palácio das Necessidades, 26 de novembro de 1839

Saldanha chegou de Sintra, as botas enlameadas, o bigode gelado, o cabelo encaracolado e cinzento alisado pela chuva. A rainha mandara-o chamar, a ele e a Palmela, e ambos sabiam bem o que pretendia.

- Nomeei um novo ministério, com Rodrigo da Fonseca à cabeça - disse-lhes.

Saldanha acenou a cabeça, de acordo, naquele tom irreverente com que falava sempre à rainha:

- Bem lhe disse que era o que devia fazer. Os ingleses já não suportavam mais tempo as evasivas do governo anterior. A ameaça continua, e não me parece que estejam dispostos a fazer figura de parvos.

Palmela concordou com a cabeça. Não usaria as palavras de Saldanha, nem teria incluído Costa Cabral na pasta da justiça, mas entendia a força que a rainha via naquele rapaz de 35 anos, determinado a subir na vida.

- Mas só um dos senhores, ou os dois, serão capazes de dissuadir os ingleses, são os únicos que lord Palmerston conhece e respeita, por isso quero saber qual dos dois lá vai...

Palmela sentiu um calafrio. Esta era mais uma daquelas viagens difíceis, que a rainha contaria que saísse do bolso do embaixador enviado, mais uma em que o representante português chegaria a

Londres de mãos e pés atados, sem poder garantir que aquilo que decidisse seria cumprido pelo ministério de Lisboa.

- Tenho a certeza de que é uma missão para o marechal Saldanha. Ainda ontem os deputados falavam de que era o único português capaz de levar a cabo uma tarefa como esta.

Fernando, que estava sentado a um canto da sala, em silêncio, trocou um olhar divertido com o duque de Palmela: não tinha dúvida nenhuma de que o vaidoso do marechal cairia que nem um patinho nesta artimanha do senhor D. Pedro. O pobre homem, vítima de dois exílios, com uma família numerosa, a que tinham nascido entretanto dois filhos pequenos, bem merecia um pouco de paz e sossego.

Saldanha mordida o isco, exuberante:

- Alguém tem de ser capaz de acabar com este disparate. Não podemos continuar a fazer política apenas para os votos. Vossa Majestade sabe que arrisco o meu nome nesta operação, porque neste momento os ingleses são os bodes expiatórios da crise, como acontece sempre com os estrangeiros. Mas só aceito partir se me forem dados plenos poderes - acrescentou, virando-se para Palmela, como se fosse o duque que se pudesse opor.

Palmela, que aceitara voltar a tomar o seu lugar nas Câmaras, anuiu, encorajador, confiante que estava no novo ministério, que acreditava poder finalmente trazer alguma paz ao reino.

- Se assim não for, não vale a pena ir tão longe - afirmou.

Saldanha inchou de contente. Para dizer a verdade, já estava cansado da agricultura que tentava praticar em Sintra, mas que apesar dos investimentos não dava em nada, e estava cheio de vontade de voltar a partir. Pediu licença à rainha, para ir tratar da viagem.

Maria reteve por mais uns minutos o duque de Palmela. Não se olhavam nos olhos, como antigamente, não sabia bem explicar o que se tinha passado entre eles. Palmela podia ter-lhe explicado que ficara magoado com a indiferença que mostrara ao seu exílio, aos dramas do casamento de Domingos, e a mil pequenos detalhes que revelavam que longe da vista da rainha, longe do coração. Mas a rainha não lhe deu oportunidade. Limitou-se a dizer:

- Senhor D. Pedro, peça por favor à senhora D. Eugénia que cá venha hoje à tarde com os mais pequenos. Queria muito que Pedro e Luís brincassem com os seus mais novos...

O duque, transformado em moço de recados, baixou a cabeça e prometeu transmitir a mensagem.

Fernando, que riscava mais um plano nos papéis estendidos sobre a mesa, naquela sala onde havia luz até mais tarde, sentiu-se angustiado. Palmela não esqueceria este tratamento, e não seria fácil levar a rainha a perceber a injustiça com que o tratava - em muitas coisas herdara o temperamento do pai.

Nessa noite Maria foi aos aposentos dos príncipes, já depois do jantar. Gostava de os ver dormir, a sua respiração ritmada e suave descansava-lhe a alma, ajudava-a a descontraír de dias como os de hoje, tão tensos, tão complicados, com tanto jogo de cintura. Quando abriu suavemente a porta, viu a luz da vela a cintilar no escuro, sob a imagem de Nossa Senhora da Glória que insistia em ter no quarto dos pequenos, e sobressaltou-se com a voz de Pedro:

- Mãe?

Apressou o passo até à cama do seu filho mais velho:

- O que é que faz acordado a esta hora? - perguntou, a mão procurando os cabelos finos do seu príncipe.

- Mãezinha, não consigo dormir, conte-me uma história.

Maria sorriu no escuro.

Sentada na beira da cama, Maria fechou os olhos e começou a contar como a avó Leopoldina partia em expedições pela selva, onde os macaquinhos saltavam de ramo em ramo, acompanhando-a pelo caminho, e os camaleões mudavam de cor para não se distinguirem das folhas por onde passavam.

- E os papagaios, mãe, fale-me dos papagaios.

Maria mergulhou na memória:

- Por vezes a minha mãe levava consigo o Jaime, ou algum dos nossos escravos, e quando via um papagaio de penas brilhantes, do mais colorido amarelo aos tons de azul da cor do mar, construíam armadilhas e apanhavam-no. A avó queria mandar os mais bonitos para o bisavô Francisco ou para a tia Maria Luísa, mas, antes de encontrar um portador seguro, guardava-os numa gaiola enorme na varanda, a que eu chamava de varanda dos papagaios.

- A que tinha a rede, mãe? Quando é que pede à tia Xica ou ao tio Pedro para nos mandarem uma rede, mãe?

Maria aconchegou-o, dando-lhe um beijo na testa:

- Amanhã mesmo é o menino que vai escrever ao seu tio, o imperador, a pedir-lhe uma. Mas agora durma, e sonhe com o Brasil, que um dia talvez tenha a sorte de conhecer.

- Quando for rei, mãe?

Maria riu:

- Não tinha a intenção de lhe deixar o trono assim tão cedo, preferia viver mais um bocadinho e que o menino Pedro lá fosse antes de eu morrer.

E debruçando-se, beijou-o de novo:

- Agora nem mais uma palavra.

Pedro obedeceu.



Gostava que Maria aqui estivesse hoje. Sinto-me sozinha, com tantas coisas por resolver. Albert está a levantar problemas por não ter nenhum cargo oficial que lhe permita intervir a bem do país, diz que não quer andar aí pelos cantos sem fazer nada, logo ele que tem tantas ideias de como podemos contribuir para uma sociedade mais justa e mais equitativa. Quer construir casas para os pobres que afluem a Londres e às grandes cidades na esperança de encontrar trabalho nas fábricas, tem ideias de como a revolução que chegou já à indústria pode ser estimulada, mas a verdade é que por mais voltas que dê à cabeça, por muito que fale com os políticos que me rodeiam, com lord M. e o tio Leopoldo em particular, não parece possível que seja, para já, mais do que tini príncipe consorte... que monta a cavalo, vai à ópera e joga xadrez. Maria faz troça, e diz que me devolve os conselhos que lhe dei a ela quando se casou, e tem razão que lhe disse que nenhum homem da estatura de Fernando e Albert aceitaria andar a roçar-se pelas paredes sem nada de útil para fazer. Ridiculariza-me, afirmando que não percebe porque é que ela tem de reinar em conjunto com Fernando, e eu quero unia coisa diferente para mim. Não percebe que não sou eu que quero, é este país, este sistema que não o permite.

Albert protesta que quer trazer consigo os seus conselheiros, mas está fora de questão. Os seus conselheiros terão de ser homens que contem com a aprovação do nosso Parlamento, e tem sorte, porque o secretário que lord M. teve a bondade de lhe sugerir é um homem excelente.

Maria diz que a vida de tuna rainha casada é muito fácil. Só se for a dela, que faz tudo nas costas do marido, mantendo a aparência de esposa dócil e obediente. Mas Albert não é Fernando.

Castelo de Windsor, 27 de novembro de 1839

Palácio das Necessidades, 20 de janeiro de 1840

Pedro chegou com um livro na mão, um livro com as letras do alfabeto, igual ao que a tia Luísa lhe mandara em pequenina.

Maria exclamou, satisfeita:

- A mãe aprendeu a ler por esse livro!

Pedro, apesar de ter pouco mais de 3 anos, olhou-a muito sério:

- Mãe, estão-me sempre a interromper, e o Dietz mandou-me saber tudo isto até logo à tarde - disse.

Maria riu:

-Que disparate, filho. Venha cá para a mãe o pentear, porque está no paço um grande pintor que a prima Vitória mandou para lhes fazer o retrato. Queremos tê-los prontos para os oferecermos como presente de casamento.

E puxando o filho para junto de si, penteou-lhe o cabelo loiro, uma franja que insistia em cair para os olhos azuis, subindo-lhe a gola de folhos, e endireitando o vestido branco de renda, com um cinto de pele, as botas de camurça nos seus pés ainda tão pequenos. Beijou-o na testa, e mandou-o avançar pela mão da aia para o escritório, onde Henri Grevedon já preparara o cavalete, a tela e os pincéis.

- Quando ele lhe disser para estar quieto, não se mexa, ouviu? - recomendou-lhe.

Pedro voltou-se, com uma expressão trocista:

- Precisa de me dizer uma coisa dessas? Isso é para o Luís, que não vai ser rei...

As linhas do rosto da rainha endureceram:

- Senhor D. Pedro, isso não é maneira de falar nem com a sua mãe, nem do seu irmão, ouviu? Mais uma gracinha como essa e vai direito para a cama sem comer...

Pedro baixou os olhos. Sabia que a mãe não brincava, e a aia que o levava pela mão baixou-os também. A rainha era meiga, mas implacável quando pressentia a menor falta de educação.

Maria desviou a atenção para o bebé Luís, tão diferente do irmão. O vestido de Lipipi era parecido com o do irmão, mas cintado por uma faixa de seda de um azul suave, as botas minúsculas, que até se admirava como é que o sapateiro as fora capaz de fazer. Soltou-lhe os caracóis com os dedos, para os deixar mais leves, e numa voz mais suave insistiu:

- E o menino Luís, vai ficar quieto como o mano, não vai?

Lipipi abanou que não com a cabeça. Maria riu.

- Vai, sim senhor, fica sossegado o tempo que o senhor pintor o mandar ficar, está bem? Quero que a prima Vitória veja como os dois príncipes portugueses são lindos e bem-educados...

Lipipi choramingou quando a aia o tirou do colo da mãe para o levar para a sala onde Henri conversava com Pedro. Não fazia outra coisa senão pintar o retrato das cabeças coroadas da Europa, sempre a mando da rainha Vitória, que queria todos os primos na sua galeria, e se retratar os infantes era um prazer, pintar a rainha Maria de forma a lisonjeá-la já era mais difícil. A pele suave e os olhos expressivos ficavam bem na tela, mas o excesso de peso

tornava as feições demasiado indefinidas e proeminente o duplo queixo, para não falar nas formas avantajadas do corpo. Aos 21 anos, ameaçava perder rapidamente a beleza da juventude. Felizmente, só lhe tinham pedido uma miniatura do rosto, e o seu sorriso era encantador, suspirou, aliviado.

O que Henri Grevedon não sabia, e que a própria rainha só percebera há dias, era que estava de novo à espera de bebé. Maria confessara-o apenas ontem a Fernando, quando ele viera aconchegar-se na sua cama, a pretexto de que o paço estava frio e húmido e que o seu quarto ainda cheirava a tinta fresca das últimas pinturas. O rei ficara feliz, seria pai de um terceiro filho em tão pouco tempo, eram mesmo abençoados, dissera-lhe, entusiasmado. Depois, tinham rido juntos, ela com a cabeça aninhada contra o seu peito, sentindo os seus dedos a pentearem-lhe o cabelo, num gesto suave, dedos que foram depois correndo o seu corpo, até que o frio e a humidade desapareceram. Quando Fernando, com um gemido, se deixou cair sobre o seu corpo, Maria tapou-lhe a boca, a rir:

- Não está farto de saber que só nos podemos unir para procriar?

Fernando rebolou e ficou deitado ao seu lado, os olhos nas pinturas do teto:

- E para que tenhamos, juntos, tanto prazer?

A rainha riu:

- Se fosse a si não contava nada disso ao seu confessor. Se lhe perguntarem, diga apenas que só dorme comigo para assegurar a dinastia.

-E a senhora que justificação tem? - perguntou-lhe, fazendo-lhe uma festa.

- Submeto-me aos prazeres da carne, para que o meu marido não precise de ir procurar outras mulheres - disse a rainha, subitamente

séria.

Fernando enterrou a cabeça no seu peito volumoso:

- Mas eu não quero outras mulheres...

Maria sentiu os olhos encherem-se de lágrimas. Ninguém alguma vez fora, ou seria, tão bom como o seu Fernando. Como gostaria de acreditar que as suas artes superavam as das mulheres que nalgumas ruas da cidade de Lisboa ofereciam o corpo... temia-as, temia que o rei acabasse por se fartar dela e procurasse outra. Era preciso entretê-lo, cansá-lo, pensou pela milionésima vez.

- Como vão os seus projetos para a Pena? - perguntou, como que por instinto.

Fernando, entusiasmadamente, falou das suas obras. Fossem elas as suas rivais, pensou, satisfeita, a rainha.



Confessei a Maria a minha primeira guerra com o meu futuro marido. Albert queixa-se por não passarmos a lua de mel longe de Londres, mas esquece-se que é completamente impossível a rainha estar longe mais do que um ou dois dias. Além disso, fico tona pilha de nervos se não estiver no centro dos acontecimentos, de forma a poder ver e ouvir tudo o que passa, e até a querida tia Adelaide, rainha viúva e que passou por tudo isto, diz que tenho de comparecer na corte ao segundo dia. Maria respondeu-me a dizer que me compreende, mas que não me devo esquecer de que o meu marido está em primeiro lugar. Confesso que fiquei irritada, porque é uma resposta muito sonsa, vinda de alguém que nunca sai de cena, nem deixa o pobre Fernando dizer tona palavra sobre nada que importa. Suponho que só me queria ajudar, e que está preocupada com a minha felicidade, mas não deixo de sentir que quer passar

sempre a imagem de tuna esposa obediente e servil, quando todos sabemos que não delega o poder, nem por um minuto.

Mas à parte esse pequeno parágrafo, só de facto uma carta da prima Maria me podia fazer rir. Tinha-lhe dito que esperava ser poupada a tuna gravidez tão cedo, até porque a ideia de tun parto me horrorizava e não tinha especial gosto por crianças, preferindo mil vezes ter tempo para o meu adorado Albert, e para os assuntos do meu país. O que fui dizer! A boa da Maria ficou tão chocada, que me escreve de forma veemente e sentida que quando se ama alguém se deseja ter filhos dessa pessoa. Discordo, mas não vou cair na asneira de lhe falar mais no assunto.

Palácio de Kensington, 20 de janeiro de 1840

Palácio das Necessidades, 14 de fevereiro de 1840

Fernando puxou a cadeira para junto da lareira e abriu o enorme envelope que acabara de chegar. Maria, com um vestido azul solto, estava sentada junto dele:

- Se há uma coisa que adoro neste estado interessante, é poder livrar-me do espartilho e sentar-me de novo como uma pessoa normal - suspirou. - Que carta é essa, Fernando?

- Da minha mãe, a quem pedi que nos contasse todos os detalhes do casamento de Vitória e Albert - suspeitava que quisesse saber tudo o mais depressa possível. E Vitória certamente não lhe poderá escrever nos próximos tempos...

Maria deu uma gargalhada:

- Acha que sim? - E tirou do bolso uma carta de várias folhas timbradas com as armas da rainha do Império Britânico.

Fernando espantou-se:

- Isso é que é ter um trunfo na manga! Quando é que a recebeu?

- Hoje de manhã, e é um bocadinho íntima, não sei se lha posso ler - disse Maria, com um ar misterioso.

Fernando abriu a carta da mãe e pareceu indiferente:

- Se preferir não a ler, entendo perfeitamente.

Maria atirou mais uma pinha para a lareira:

- Nunca percebi como é que controla a curiosidade dessa maneira. Eu seria incapaz.

Fernando franziu o sobrolho, a expressão mais carregada:

- Isso sei eu! Explique-me porque é que continua a espreitar pelas fechaduras, como se fosse uma criança, e uma criança mal-educada, para ser franco? Desconfia precisamente do quê, quando vigia as minhas reuniões com os arquitetos? E já se comenta que é apanhada frequentemente a espreitar as crianças a brincar no quarto...

Maria corou, varrendo o mármore da lareira com a vassoura pequena, para disfarçar o embaraço. Nem ela sabia dar resposta à pergunta do marido. Lembrava-se bem de como escutara as conversas do pai naquele dia em que demitira a marquesa de Aguiar e frei António, e de tantas e tantas outras vezes em que num impulso irresistível chegava o olho às fechaduras ou o ouvido às paredes.

Olhando as chamas da lareira, voltou a ver aquele fim de tarde em que ouvira, por de trás da porta, o pai a gritar com a mãe, o corpo da mamãe a cair no chão, os passos rápidos de Rosa a socorrê-la. Sentiu uma vertigem, e pôs a mão na cabeça, deixando cair a carta.

Fernando apanhou-a nos seus braços:

- Pouco importa a explicação, Maria, estou aqui, estou aqui - disse, assustado, apertando-a contra si.

Maria mordeu o lábio com força, com tanta força que a boca lhe soube a sangue, e levou o dedo à ferida que fizera nos lábios. Não gostava de dar parte de frac, não gostava de perder o controlo, de sentir a cabeça esvair-se por causa de uma pergunta tão simples.

Deixou-se estar, encostada ao ombro forte de Fernando, e depois pediu-lhe ajuda para se mudar para uma cadeira mais sólida:

- Este banco é perigoso para uma mulher grávida - foi dizendo enquanto se sentava na outra, pegando nas folhas que Fernando lhe colocava no colo. Desviou o assunto, como era seu hábito:

- Vou ler-lhe a carta de Vitória, mas lembre-se de não comentar nada disto com ela. É uma carta entre mulheres. - E começou a ler:

«Maria, tudo o que me dizia é verdade. Da cerimónia do casamento na Chapel Royal, a capela da vossa querida D. Catarina de Bragança, não sou capaz de contar nada, estava de tal maneira nervosa, e durou tanto e tanto tempo que levaria horas a pôr tudo por escrito, por isso nem tento. Digo-lhe apenas que comentam que o meu vestido era lindo, e que eu estava muito bonita, mas não posso assegurar se é verdade ou lisonja. O que é certo é que depois do banquete, e de ter dado a mão a beijar a milhares de pessoas, fiquei com uma dor de cabeça tão terrível, daquelas que me tomam quando fico nervosa, e de regresso a casa fui compelida a deitar-me. Julguei que não voltaria a ver o Albert até à manhã seguinte, mas ele apareceu no meu quarto e esteve sempre ao pé de mim. Maria, nunca mas nunca, passei uma noite assim. O meu querido, querido, adorado Albert... o seu amor e o seu afeto provocaram em mim a sensação de que estava no paraíso, nunca sentira antes tanta felicidade e alegria. Nem sequer sonhara que a podia sentir. Albert abraçou-me e beijámo-nos vezes e vezes sem conta! A sua beleza, a sua gentileza, os seus gestos suaves - como posso agradecer o suficiente por ter um tal marido? Prima, ouvi-lo chamar-me nomes tão ternos como jamais escutara foi uma felicidade para lá do imaginável. Este foi o dia mais feliz da minha vida!»

Puxando do lencinho bordado, Maria enxugou os olhos, e até Fernando parecia comovido. Enquanto Maria lia, levantara-se e

pusera-lhe os braços em redor do pescoço, direito e alto atrás da sua cadeira, e agora debruçara-se para lhe dar um beijo:

- Espero que não lhe tenha escrito uma carta tão íntima - disse baixo.

Maria acenou que não com a cabeça:

- Seria incapaz de escrever como Vitória escreve, Fernando. Sou uma mulher que não aprendeu a usar desta forma as palavras, por muitos romances da Jane Austen que ela me desse para ler, mas que lhe confesso que ficaram sempre a meio...

Devolveu o beijo e confidenciou-lhe ao ouvido:

- Nesta casa o artista é o rei, mas sabe o que sinto, não sabe? Por si, meu querido marido, dava a vida!



Maria respondeu à minha carta de felicidade. Diz-me o que o tio Leopoldo lhe recomendou como receita para um casamento feliz: não deixar mmca que uma noite passe sobre tun mal-entendido ou uma zanga. Por mais insignificante que seja. Garante que é o que em feito, com ótimos resultados. Estou casada há tão pouco tempo, mas já percebi que não sou tuna pessoa fácil, e Albert também não cede nas suas opiniões, por isso não me posso esquecer do conselho. Não gosto de dar o braço a torcer, mas não quero perder o amor do meu marido.

Maria diz-me que se Albert for como Fernando eu serei perfeitamente feliz, e que só me deseja uma felicidade tão completa como a dela, mas não há dois casamentos iguais, porque não há duas pessoas iguais. Albert e Fernando tiveram a mesma educação, mas são radicalmente diferentes, e Maria e eu somos como o vinho

e a água. Aparentemente, a rainha de Portugal tem muito menos dificuldade do que a rainha britânica em aceitar que é o homem que manda em casa, mesmo quando a mulher usa a coroa, mas talvez seja só mais capaz do que eu de levar a água ao seu moinho.

Confesso que lhe escrevi tuna carta em que a minha irritação aos seus sermões sobre as alegrias da maternidade devia transparecer de forma cruel, porque me respondeu que não tornaria a desejar-me filhos, porque via que não tinha nenhuma vontade disso. E pronto, lá diz que me deseja então que o meu casamento «seja tão feliz quanto um casal sem filhos pode ser». Se estivesse à minha frente havia alturas em que lhe batia!

Palácio de Buckingham, 26 de fevereiro de 1840

Paço Real de Sintra, 18 de junho de 1840

Sentada à mesa da sala de jantar com Fernando, Maria tomava um suculento pequeno-almoço. Era a sua refeição preferida, talvez porque lhe trouxesse tantas memórias dos pequenos-almoços no Paço de São Cristóvão, em que já maior o tomava sozinha com o imperador, naqueles dias deliciosos e raros em que tinha o pai só para ela.

O criado entrou com os jornais, e a rainha calçou as luvas de pelica fina, que usava sempre para evitar sujar as mãos ao ler aqueles pasquins, como dizia. Mal os olhos caíram sobre a primeira página deu um grito, e empalideceu.

Fernando puxou apressado a cadeira para trás e aproximou-se, exclamando também em alemão, como fazia sempre que alguma coisa o apanhava de surpresa.

- Não é possível? Vitória está bem? - exclamou, enquanto Maria lia a notícia sobre o atentado à vida da rainha. Tinha 20 anos, acabara de casar, estava grávida de alguns meses, e agora um louco de 18 anos disparara sobre ela, quando saía numa carruagem aberta para o seu passeio diário com o marido.

- Foi salva por Albert, que se lançou sobre ela impedindo o tiro de a atingir - leu Maria.

- Albert foi ferido e ainda está em perigo - acrescentou, aflita.

- Vou mandar um criado ao cais, pode ser que já haja cartas - disse Fernando, incapaz de ficar quieto perante uma notícia como esta. E saiu pela porta, aberta pelos criados atentos, e Maria, a mão sobre o ventre onde sabia que mais um filho crescia, ouviu-o descer as escadas a correr para o pátio dos cavalos.



Escrevi a Maria a pedir-lhe que reze à Senhora da Glória. e111 que tem tanta Fé. Lara que salve o Albert. Os médicos dizem que o tiro foi de raspão e que a ferida vai cicatrizar sem probleinas. lias a verdade é que arde ene febre. e eu não tenho deixado a sua cabeceira. A minha querida 1 ehzen diz que tudo isto pode fazer muito real ao bebé. uras pouco nu' importa. Nem sequer queria engravidar e conforiuo-ume leal com a injustiça de ter ficado logo com filho. sem tempo para titilar sozinha cone o Albert. E agora isto? Estou cheia de remorsos. o que é que ore possuiu para dar o anel que Maria me enviou contra o uratr-olhado a lord iM1.. eni lugar de o oferecer ao meu querido. ao auror da urinha vida?

Palácio de Buckingham, 18 de junho de 1840

Palácio das Necessidades, 4 de outubro de 1840

Marfa ordenou que fechassem as cortinas da sua cama. Fechou os olhos com força, e tapou os ouvidos com as mãos, enquanto levavam do quarto as bacias, as toalhas tingidas de sangue, todo o aparato e toda a gente que durante horas enchera o seu pequeno quarto. Tapou a cabeça com uma almofada, para afastar o barulho do pequeno berço a ser arrastado pelo chão de madeira, para longe dali. Mordeu os lábios secos e gretados pelo esforço, quando percebeu que dobravam o vestidinho de rendas que todos os príncipes usavam à nascença, e deu por si com a mão sobre os peitos doridos.

Durante horas seguira as ordens dos médicos, suportara as dores lancinantes sem um protesto, mas quando sentira deslizar de dentro de si o bebé que há nove meses sentia crescer, percebeu que já não vivia. Endireitara-se sobre os almofadões, a tempo de ver os dois médicos que a assistiam a massajarem o peito da pequenina Maria da Glória, mas os seus braços sem força, como os de uma boneca de pano, disseram-lhe o que não queria saber. Antes que tivessem coragem de lhe dar a notícia, aliviara-os, dizendo:

- Nossa Senhora da Glória quis levá-la, quis levar a minha Maria.

Não sabia, ninguém sabia, como descobrira que era uma rapariga, mas a rainha não precisava que lho confirmassem. Há coisas que uma mãe sabe, murmurara apenas. O padre batizara-a, jurando-lhe que a sua alma escapara ao limbo pela água abençoada, mas a rainha sabia que lhe mentiam. A pequenina nascera já morta, mas estava certa de que Deus Todo-Poderoso e a sua Virgem padroeira

nunca permitiram a maldade de que uma criança inocente pairasse algures perdida. A sua filha estava no Céu, junto da avó Leopoldina, e se a imperatriz precisava de uma Maria da Glória pequenina junto de si, cedia-lha, como outrora cedera a sua querida boneca, que aconchegara no caixão da mãe para lhe fazer companhia até à vida eterna. Agora só queria ficar sozinha, mas amanhã estaria pronta, de novo, para viver. Fernando, Pedro e Lipipi precisavam dela, e Portugal, o que seria do país se sucumbisse ao desgosto, como tantas mulheres faziam? Sacudiu a cabeça, procurando afastar a tristeza.

Depois ficara em silêncio. Exigira ficar em silêncio, até que Fernando chegara suavemente, sentando-se na borda da cama, as lágrimas a rolaem-lhe pela cara, sem dizer nada. A rainha passou-lhe a mão suavemente pelos cabelos:

- Fernando, vá dar um enterro condigno à nossa filha - disse-lhe, baixinho.

- Será que tive culpa? - respondeu o rei, baixinho. - Será que tive culpa, porque sempre disse que queria ter rapazes...

Maria encolheu os ombros, de novo ela mesma:

- Não comece com isso, Fernando. Tarda nada chegarão aí os médicos a acusar-me de não ter descansado o suficiente, de ter comido de mais ou de menos, como se os homens pudessem trocar as voltas à vontade de Deus.

Fernando ficou em silêncio, mas jurou a si mesmo que na próxima vez obrigaria a mulher a repousar, a evitar os Conselhos de Estado, a fugir das conspirações, a não se desgastar em indignações inúteis contra os embaixadores, a suportar os caprichos de ministros e soldados.

Maria fez um gesto de impaciência:

- Era o que mais faltava, que me acusassem de matar a minha filha.



Não sei avaliar o desapontamento de Albert, mas dei-lhe tuna filha em lugar do rapaz por que ambos esperávamos, mas sei avaliar o meu, e a este meu diário posso confessar que fiquei francamente desiludida. Mas agora pouco importa, Vitória é uma bebé saudável, que ronrona como um gatinho, até às vezes chamamos-lhe Pussy. O atentado contra a minha vida e a morte do bebé de Maria deixaram-me com a consciência de que a vida é tnn bem precioso, a que quando tudo corre bem damos pouca ou nenhuma importância.

Mas nada disso diminui o facto de o parto ter sido detestável, deixando-me descontrolada e histérica. Não posso aceitar que num país onde a máquina a vapor já existe, e a ciência encontra cura para tantas enfermidades, as mulheres continuem sujeitas a uni tormento como este, sem que se procure aliviar-lhes o sofrimento.

Por enquanto trazem-me aqui ao quarto a bebé para que a veja, e espero que se transforme muna criatura mais bonitinha. Decididamente não os acho coisas bonitas, os bebés, embora reconheça que os mais formosos, desde que vestidos, não são tão desagradáveis à vista. Se Maria me ouvisse, meu Deus, ela que me anda a tentar catequizar para as doçuras da maternidade. Quero recompor-me depressa, mas ainda me sinto tão triste e tão cansada, e todas as noites sou assaltada por pesadelos de tuna nova gravidez. Que cruel é que tuna mulher tenha de aceitar que com o prazer que lhe dá unir-se ao seu marido venha sempre a ameaça de nove meses de um estado a que ironicamente chamam interessante, seguido de um parto, ficando por fim com tuna criança nos braços.

A noite já tinha caído sobre nós, como faz sempre nestes longos meses de inverno, quando me trouxeram tuna carta de Maria.

«Tenho pena que fosse tuna rapariga, porque eu e o Fernando preferimos mil vezes rapazes», escreve a rainha de Portugal, com aquela franqueza que até dói. As coisas que esta nossa prima diz, e logo uru mês depois de ter perdido uma filha. Mas junto com a carta enviava-me um vestidinho lindo, e uns sapatinhos bordados por ela, pedindo-me que lhe mande rapidamente um retrato da pequenina, que afirma amar como se fosse sua. Será que este gozo que tem nas crianças nasceu de ter tido tantos irmãos, enquanto eu as estranho, porque cresci sozinha, sem irmãos ou outras crianças por perto? Ainda me lembro de quando nos sentávamos no chão a brincar com as minhas bonecas, e enquanto me preocupava com as roupas, ela embalava-as e dava-lhes beijinhos. Tenho de reconhecer que o instinto maternal da minha querida Maria é bem mais forte do que o meu.

Palácio de Buckingham, 26 de novembro de 1840

Palácio das Necessidades, 23 e 24 de dezembro de 1840

O abeto chegara de Sintra há dias, escondido das crianças do paço e clandestinamente introduzido no grande salão por D. Fernando, para espanto dos criados.

- O que é que o rei vai fazer com uma árvore dentro de casa? - murmuravam as criadas, também elas proibidas de entrar nos aposentos.

Carl Dietz, por seu lado, chegara da alfândega com uma carruagem cheia de caixas de madeira que, contavam os criados na cozinha, eram incrivelmente leves de transportar. No dia seguinte, a palha e as paletes de madeira apareceram no corredor, mas ninguém sabia o que lá tinha estado dentro. Nos dias a seguir chegaram grandes embrulhos para os reis, que foram colocados na sala, ainda fechados.

- A rainha mandou que fossem deixados na antecâmara do salão, e nem a mim disse do que se tratava - queixou-se Lurdinhas, que todos sabiam ser a mais bem informada do paço.

As damas e as aias, os mordomos e os camareiros, e até os padres que prestavam serviço à capela, não estavam incluídos no segredo, mas a senhora D. Maria tinha nos lábios um sorriso permanente, que contrastava com o sobrolho franzido do mês passado.

- Seja o que for, tirou-lhe a cabeça dos assuntos da nação, louvado seja o Senhor, que ela dormia um sono tão agitado que até

temi que lhe desse alguma coisa má - confienciava Lurdes à criada dos banhos, enquanto enchiam a banheira que o rei encomendara para o quarto de vestir da rainha.

Pedro e Lipipi sentiam a agitação, e andavam especialmente irrequietos. Aos 3 anos o príncipe real já cantava em alemão O Tannenbaum, e em latim o Venite Adoremus, porque a rainha insistira que decorasse a canção de natal favorita de D. João IV, «o primeiro da nossa dinastia», como repetia. Luís, com 2 anos, era absolutamente afinado, mas engolia metade das palavras, balouçando o corpo e os caracóis dourados ao colo da mãe, virando para ela os seus olhos azuis, e a rainha derretia-se com o seu segundo filho, sempre tão meigo.

Mas na tarde de dia 23, algumas das crianças do paço, vestidas com fatos verdes e chapéus em bico, que ninguém sabia de onde tinham vindo, correram os cantos do paço distribuindo convites, escritos na letra magnificamente desenhada do rei.

«Amanhã, depois da Missa do Galo, todos os meninos estão convocados para o grande salão, para verem a árvore de Natal e receberem presentes», leu, com um sorriso na cara, a duquesa de Palmela, que viera ao paço dar as boas-festas à rainha, a barriga proeminente dos nove meses quase a terminarem, a décima segunda gravidez, apesar de já ter passado os 40 anos, e um filho pequeno de mão dada.

- Temos uma surpresa na manhã de Natal? - perguntou a um senhor D. Fernando que se pôs de pé de um salto para a cumprimentar, deixando no chão Luís e Pedro, que pintavam cartões de Natal para os avós paternos.

O rei sorriu-lhe, divertido:

- Tenho de matar saudades da minha terra, senhora D. Eugénia. Por lá o bom São Nicolau traz o seu saco cheio de presentes e deixa-

os em redor da grande árvore do Natal, aqui sem neve, infelizmente. Traz presentes aos que se portaram bem - acrescentou, rindo e puxando para si Francisco, o mais novo do clã Palmela, e, reparando no ar preocupado do príncipe Pedro, passou-lhe a mão pelos cabelos, dizendo:

- Mas não vejo nesta sala nenhum menino que não mereça um presente.

A duquesa de Palmela estava curiosa. Em Portugal, até agora, a árvore era uma laranjeira, e os presentes dos meninos mais pobres uma laranja. Quantos aos outros, recebiam do Menino Jesus qualquer coisa simbólica, mas nada tinha o ar de festa que se sentia naquele dia no paço.

A rainha desceu a escada de caracol que ligava o andar principal das Necessidades aos aposentos dos filhos, com o pequeno Luís ao colo, e Pedro vinha atrás pela mão do rei. Maria insistira que seriam os pais a deitá-los hoje, porque andavam tão agitados com a chegada do Natal, que de outra forma não adormeceriam, argumentou.

Pedro já mudara para uma cama baixa, recusando a de grades, e Luís herdara a cama de grades «do mano grande», como dizia. Maria obrigou-os a ajoelharem-se e a rezarem junto das camas.

- «Anjo da guarda, minha companhia, guardai a minha alma de noite e de dia» - disse Pedro, em alemão. A mãe insistiu:

- Agora vai repeti-lo em português, que é dos portugueses que o menino vai ser rei.

E Pedro repetiu, sem protestos, a oração, para depois regressar à língua alemã, as frases bem construídas, que nem Dietz aceitava outra coisa:

- Paizinho, acha que vou ter o cavalinho de pau que pedi a São Nicolau?

Fernando fez uma expressão de espanto:

- Como quer que lhe responda, meu querido? Também lhe pedi lápis de cera novos, mas só amanhã saberei...

Quando fecharam a porta, Maria deu-lhe um beijo longo:

- Obrigada por nos tornar a todos tão felizes.

Fernando trazia-lhe a memória dos livros que a mãe lhes lia sempre nesta noite, livros com ilustrações de montanhas altas e cheias de neve, de árvores de Natal cheia de pequenas velas de luz, e rebuçados redondos, com papéis coloridos, da estrela no cimo do abeto, por cima de um presépio de musgo verde, onde Nossa Senhora e S. José velavam pelo Menino. No calor ardente do Rio de Janeiro não era fácil imaginar um mundo onde tudo aquilo era verdade. Mas hoje, Fernando fazia-a acreditar em magia.

Jantaram pelas seis horas, e depois da Missa do Galo dois criados fardados a rigor abriram as portas do grande salão, deixando entrar dezenas de crianças, os olhos presos pela luz da árvore decorada como nunca tinham visto nenhuma. O rei insistira que fossem os mais novos a entrar primeiro, sozinhos, sem adultos que lhes segurassem as mãos, crianças ricas, nos seus vestidos de veludo, e nas suas golas de renda, crianças pobres, filhos dos criados do paço, nos melhores fatos que as mães lhes conseguiram arranjar, pouco importava, todas ficavam hipnotizadas pelo reflexo dos espelhos, os dourados dos tetos, naquela sala de portadas fechadas e reposteiros corridos.

Educados, reprimidos pelas ordens dos pais que lhes haviam recomendado que acima de tudo, e antes de mais, não se mexessem, não falassem, não saíssem do lugar, sem ordem do rei ou da rainha, uma roda de crianças olhava a árvore, os mais

pequeninos sem resistirem a estenderem a mão e a tocarem nos ramos.

- Pica - choramingou Francisco Palmela, e a mana Margarida aconchegou-o a si, colocando um dedo de silêncio sobre a boca.

A porta que ligava aos aposentos da rainha abriu-se de repente, e por ela passou uma figura alta, de um homem com uma túnica comprida, de mangas largas, sapatos pretos com fivelas, a barba branca que contrastava com uns olhos azuis penetrantes, um capuz com uma pena de muitas cores na ponta.

O príncipe real foi o primeiro a gritar:

- São Nicolau, é ele, é ele, por favor, trouxe o meu cavalo de madeira? - mas as outras crianças não sabiam do que falava, e algumas assustaram-se e, indiferentes às instruções recebidas, corriam para o colo dos pais, escondendo a cara nos vestidos de seda das mães, que os tentavam sossegar, embora estivessem tão surpresas como elas.

São Nicolau aproximava-se de cada um dos meninos e dava-lhe um brinquedo tirado do saco, uma boneca para as meninas, um carrinho de madeira para os rapazes, uma espada de madeira para os mais velhos, um livro para as raparigas com idade de já saberem ler. Mas o barulho das crianças foi silenciado por um grito do príncipe:

- Mãe, mãe, olhe o meu cavalo!

Maria olhou, enternecida, para o cavalo malhado, com selim e rédeas, montado sobre uma placa com rodinhas, que o filho mal conseguia arrastar pela sala.

Pegou-lhe ao colo, indiferente ao amarrotar do seu vestido, e disse-lhe:

- Vê, menino Pedro, como o Menino Jesus se lembra dos meninos que se portam bem?

- Foi o São Nicolau!

Maria olhou Dietz, num relance disfarçado. Sabia bem que por um destes dias os jornais fariam do Natal da corte, e insinuariam que a festa católica fora substituída por algum rito protestante, ou heresia, o que para aqueles que lessem o pasquim seria a mesma coisa. Mas que importava, não se pode agradar a todos, e sabia bem que o preceptor dos seus filhos nunca os tentaria desviar da fé cristã. Estava certa disso.

Pedro não a deixou muito tempo entregue aos seus pensamentos. Despachado, montou-se no cavalo e proclamou:

- Sou um príncipe guerreiro...

Maria procurou Lipipi com os olhos. Sentado no meio das pessoas, brincava sossegado com um barquinho. Pediu à ama que lho pusesse ao colo, porque não se conseguia dobrar sobre si mesma, entre a pressão das barbas do espartilho e os quilos que haviam ficado da última gravidez. Os seus olhos subitamente toldados com a memória da princesa pequenina, tão branca e serena, que fora obrigada a deitar num caixão, para um sono eterno. Estremeceu e, pondo-se de pé com algum esforço, anunciou:

- Não é tempo de comermos qualquer coisa?

Os criados abriram as portas da nova sala de jantar de par em par para uma ceia digna do dia que se celebrava.



Estou exausta, mas foi o melhor Natal que alguma vez vivi. Albert insistiu em colocar um abeto na sala principal do palácio, tinha árvore

linda, que decorou com velas, bolas de vidro, rebuçados e caramelos que chegaram da sua terra. As pequeninas velas ardiam na ponta dos ramos muito verdes, e ao meu lado, de mãos quase a tocarem nas minhas, Albert cantou O Tannenbaum, e Vickv, que está a cada dia mais bonita, abriu os olhos como se lá dentrooubessem todas as estrelas do céu. A sala foi aberta aos filhos das damas da corte, e que felizes estavam aquelas crianças, enquanto procuravam sob as árvores uni presente embrulhado e com o seu nome. Albert diz-me que Maria e Fernando estarão a fazer o mesmo em Portugal, e é bom sentir que somos quatro primos unidos e felizes apesar das distâncias.

Estava tão feliz, que até consegui rir com a carta-raspanete que recebi do tio Leopoldo. Tanto ele, como Maria, suportam mal as minhas queixas contra a maternidade, mas a verdade é que sinto raiva quando penso que não consegui aproveitar como queria este ano com o meu adorado marido, porque estive «ocupada» a gerar uma criança. Diz-me que compreende que me sinta surpreendida por me ter transformado tão rapidamente ntnna mulher casada e mãe de tuna menina pequenina, mas recomenda-me que dê graças a Deus, em lugar de me lamentar, já que tuna doença me poderia ter causado os mesmos incómodos, e deixado igualmente enfraquecida, mas sem proveito nenhum para a nação! Tem razão quando me lembra que uni soberano sem descendência, e quando ainda por cima não tem nem irmãos, nem irmãs, é U soberano frágil, a quem qualquer tormenta ou contratempo pode roubar o trono. Além disso, recorda-me, o afeto que os filhos têm pelos pais não se consegue de estranhos, mas disso sei pouco, sinceramente, porque o meu pai morreu tão cedo, e o que me une à minha mãe é tão pouco. A minha grande ligação é a Lehzen, mas ela e Albert odeiam-se mutuamente. Não sei o que fazer. Ela tem ciúmes da paixão que tenho pelo meu marido, e ele acha que deve ser o meu maior confidente, suportando mal que ela apareça no meu quarto a toda a hora, entre a meio dos momentos em que estamos juntos para discutir trabalho, ou simplesmente para conversar. A tia Adelaide

veio cá para me dar as boas-festas, mas percebi que também para me dizer que era tempo de a mandar embora. Defende que não é justo obrigar o Albert a suportar também isto, quando já basta o lugar secundário a que os políticos ingleses o obrigam. Racionalmente compreendo, mas seria da maior ingratidão despedir quem me serviu tantos anos e tão bem. Hoje não quero pensar nisso.

Palácio de Buckingham, 26 de dezembro de 1840

Palácio das Necessidades, 10 de janeiro de 1841

Marfa olhou-os, comovida. Pedro estava sentado, muito direito, à mesa do almoço, o guardanapo no colo, como uma grande promoção dos babetes que se recusava a usar, e Lipipi, empoleirado em cima de almofadas para chegar à mesa, comia já com a faca e o garfo, enquanto Fernando os desenhava a carvão, mais uma memória que ficava, mais um desenho que enviaria à avó Saxe ou a Vitória, que constantemente pedia novas dos pequeninos portugueses, como lhes chamava.

Fernando era o melhor dos pais. Não levava os filhos às cavalitas, nem os cobria de beijos como o seu pai fizera com ela e com os manos, mas estava sempre presente, sempre interessado, e os seus olhos brilhavam tanto quando lhes ensinava a pegar no lápis ou a montar o pónei, quando brincava com eles às escondidas pelos corredores do paço, ou pedia a Pedro, orgulhoso dos seus 3 anos, a ajudá-lo a levar os livros para a biblioteca, que todos os dias crescia.

Maria sentia-se feliz, nesta vida doméstica pacata, em que se sentavam os dois na sua sala, ou na dele, a escrever cartas e a comentar as recebidas, passeavam com as crianças pelo jardim das Necessidades, em que ela escolhia as flores a plantar, e o rei fazia planos de fontes e muros, de jardins escondidos e escadarias, para depois jantarem com Dietz e alguns amigos mais próximos, e ao serão ouvirem Fernando a cantar, entre a coscuvilhice das senhoras. Depois havia os dias do teatro, da ópera, dos bailes em casas de nobres que tinham o privilégio de poder contar com a presença da rainha.

Por vezes tinha saudades de Leonor da Câmara, e ainda há dias enviara a ama com Pedro e Luís para a visitarem na quinta onde vivia nos arredores de Lisboa. Porque é que não fora com os filhos?, perguntara-lhe Fernando, e Maria encolhera os ombros, desculpando-se com o trabalho, alguém tinha de governar o país, ou pelo menos garantir que havia quem o governasse. Mas a verdade é que estava cansada de se sentir em falta em relação a tudo e a todos. Mandava-lhe os príncipes, que sinal mais forte queria da sua amizade? Quando Luís voltara a queixar-se de que a mestra da mãe tinha uma barba que picava, cheirava a bolas de naftalina, e que os ensopara com as lágrimas que chorara sobre os seus fatos novos, sentira remorsos por não ter ido em pessoa.

Como gostaria de ter mandado a mesma comitiva à chácara da marquesa de Aguiar, que todas as semanas lhe escrevia do Brasil, e que envelhecia consolada pelo amor de Mareschal, finalmente assumido.

Mentiria a si mesma, e fazia-o frequentemente, se não admitisse que Costa Cabral a levava a estremecer por dentro, e quando há dias, ousadamente, lhe tocara na mão, num gesto fugaz e passageiro, sentira o coração bater descompassadamente, retirando-a rapidamente, para a pousar no colo, baixando os olhos para olhar os anéis que lhe cobriam os dedos, como se o toque tivesse ficado visível, como o arranhão de uma roseira, uma dor que marca a sua presença e nos garante que não imaginamos o ferimento. Dietz e Costa Cabral eram, agora, presença constante no seu salão, e por muito que quisesse prestar atenção aos outros convivas, e soubesse que ia ser comentada a atenção que dava aos favoritos, não resistia a chamá-los à parte e a perder-se em discussões sobre o estado da nação. Qualquer um deles odiava o embaixador britânico, e ela colara-se aos seus ódios, acreditando que ele conspirava contra a rainha, que recebia em casa toda a oposição, e que não partilhava do seu desejo, o desejo íntimo e há tanto escondido, de restaurar a Carta e devolver ao monarca a força e o poder que lhe cabiam por direito.

«Porque são poucos, muito poucos, os que em Portugal estão preparados para assumir o poder», dizia Dietz, nas tiradas violentas contra o reino que o acolhera e que cada dia mais desprezava. Costa Cabral, esse, era mais subtil, mas o seu charme era muito mais poderoso. Dizia-se um homem ao seu serviço, e Maria acreditava que daria a vida por ela, que colocaria a sua determinação e a sua inteligência ao seu serviço. «Serve-me a mim ou ao país?», perguntava por vezes, desejando ardentemente ouvir a resposta, que sabia ser «Servi-la a si é servir a nação».

Também gostava de Saldanha, que regressara da sua missão, com um acordo que basicamente protelava os pagamentos, e se instalara em Sintra, de novo entregue aos seus projetos megalómanos. Tinha com ele uma intimidade mais de pai e de filha, e o marechal tratava-a com um à-vontade que provocava murmúrios na corte. Não era tão enfadonho como Palmela, sempre com os seus sermões de moderação, sempre a incitá-la a ouvir, a negociar. Negociar, ouvir? Não se lembrava dos insultos que lhe tinham feito, de como a tinham obrigado a jurar aquela abjeta Constituição, de como a tinham humilhado? Saldanha, não, Saldanha fazia-a rir, e ainda ontem lhe enviara um bilhete a pedir que convencesse o seu marido a ir a uma tourada, espetáculo a que o rei se recusava atender, talvez porque aproveitasse o tempo em que a sabia ali retida para passear pela cidade, observando os corpos das mulheres mais esbeltas do que ela, ou quem sabe para ir esperar alguma cantora à saída de um espetáculo, como uma das suas damas lhe jurara acontecer. Ao receber estes bilhetes, o marechal não perguntava mais nada, e lá vinha ele arrastar o rei pelo braço, mantendo-o debaixo de guarda, e piscando descaradamente o olho à rainha, como quem diz «missão cumprida».

Maria tinha consciência de que não perdia tempo com remorsos ou lições de moral. Confessava-se as vezes que considerava necessárias, e de resto, pensou sorrindo com ironia, o padre Marcos, capelão do paço, com o seu amor ao garrafão e aos excessos, não estava em posição de lhe fazer grandes sermões. Se lhe desse mais

do que duas ave-marias, que rezava com todo o gosto, seria ela a dar-lhe uma penitência pesada, pensou, divertida.

Fernando acabara o desenho dos seus pequenos à mesa. Beijou-a na testa, sempre tão meigo, tão adorável, tão culto e interessado.

- Posso mandá-lo a Vitória? - perguntou a rainha, com um sorriso. Ainda ontem recebera uma água-forte da pequenina Vitória, que, muito francamente, não tinha a beleza dos seus.

Fernando sorriu:

- Claro que sim, amanhã faço outro para enviar à minha mãe e ao rei Luís Filipe, que insiste em ter um retrato do afilhado.



Maria insiste que serei uma ótima «maman d'une nombreuse famille», e o meu tio Leopoldo diz o mesmo. Estão loucos. Já respondi a ambos que é tudo o que não quero, que uma família numerosa é tudo o que não nos convém, nem a nós como família, nem ao país, para já não falar no meu sofrimento pessoal, nove meses em estado interessante, depois o horror do Grande Momento, e finalmente aquela tristeza profunda que me assola depois de o bebé já ter nascido, e que demora tanto tempo a passar. Maria despreza essa minha fraqueza de ânimo após os partos, e diz que resulta apenas do facto de os médicos ingleses me obrigarem a estar deitada e confinada ao quarto por muito tempo, e que se seguisse o seu exemplo, que ao fim de dois dias está a pé e a fazer a vida (quase) normal, nada disto aconteceria. Remata sempre estas palestras com a beleza do seu jardim, onde nasce mais uma espécie vinda dos trópicos, mas não me ajuda nada, porque me faz sentir muito incapaz e choramingona, quando não tenho nenhum controlo sobre esta falta de energia que me tolhe e torna tão difícil continuar com o meu trabalho e cumprir os meus compromissos (mas que

ctnpro, bem entendido). Albert tem sido tão compreensivo, mas até com ele me sinto gelada, talvez porque receie que qualquer intimidade produza um novo filho... Para Maria tudo parece tão fácil, e não quero ser injusta, porque não sabemos nada do sofrimento dos outros, mas até a morte da pequenina Maria da Glória foi aparentemente superada com facilidade. Acho que os homens raramente pensam em como é duro passar por tudo isto constantemente, e a prima Maria, pelos vistos, pensa como uui homem, mas enfim, será feita a vontade de Deus, e se Ele decretar que tenhamos muitos filhos, então teremos que os educar para serem uni exemplo e úteis à sociedade.

Quando vejo o Albert a dançar com a nossa filha nos braços (está linda, enorme e pesada de mais para que seja eu a trazê-la), e como a minha pequenina Vitória fica feliz ao colo dele, até me sinto tentada a mudar de opinião.

Castelo de Windsor, 15 de janeiro de 1841

Palácio de Mafra, 10 de setembro de 1841

Descobri há pouco que estava de novo grávida, e as náuseas não deviam ajudar ao humor. Hoje sentia-se triste e pensativa.

E a carta de Vitória, igualmente grávida, irritara-a.

Quem teria sido a coscuvilheira que lhe escrevera a dizer que dançara a valsa? A verdade é que Vitória vinha agora perguntar-lhe, num tom trocista, porque lhe garantira sempre que odiava aquela dança, de que a rainha de Inglaterra gostava tanto, se agora era «apanhada» a dançá-la.

A resposta era simples, mas não lhe apetecia dá-la. Não dançava a valsa porque prometera a Alexandre nunca mais a dançar senão com ele, tão simples como isso. Ou tão complicado. Uma rainha que não dança a valsa porque prometeu aos 12 anos que não a voltaria a dançar? Não queria ouvir as gargalhadas trocistas, mesmo que lhe chegassem por carta!

Então porque a voltara a dançar? Porque o arquiduque Ernest lhe pedira, no baile que deram em sua homenagem no Palácio das Necessidades. O pedido de um primo de Fernando, que não queria desiludir, escrevera a Vitória. Mas sabia que não era só isso. Por momentos, no salão iluminado por mil velas, Ernest parecera-lhe Alexandre, e enquanto rodopiava com ele pela sala, e via o reflexo dos dois no grande espelho da parede, sentira-se de novo nos braços dele. E era isso que não queria, nem podia partilhar.

As crianças estavam com os seus mestres, Fernando ocupado com as obras de remodelação no paço, e da última vez que o vira estava em cima de um escadote, a pintar ele próprio um medalhão no teto de uma das salas - um painel para cada casa em que tinha vivido, explicou-lhe. Maria sentou-se na sua varanda virada para o Tejo, e respirou fundo.

Palmela viera visitá-la ontem, com notícias de que lord Melbourne fora substituído por lord Peel, e discretamente, como era seu timbre, deixara entender que a mudança na liderança política britânica agradava muito ao príncipe Albert, cansado do domínio que lord M. exercia sobre a rainha há tantos anos. Segundo constava, o antigo primeiro-ministro fora intimado a deixar a cena política, e sobretudo a conter-se de influenciar a pobre rainha, evitando escrever-lhe, fazer comentários sobre os ministros que a iam servir, e «conspirar» com ela, e reagira com uma fúria imensa, negando-se a acatar qualquer destes conselhos, até que percebeu que vinham do príncipe, e que a continuação desta proximidade iria prejudicar a sua soberana. Que era preciso dar-lhe espaço para que aprendesse a confiar em sir Robert Peel, e no novo governo.

«Pobre Melbourne, aos 62 anos a rainha e a política são tudo o que tem na vida, e Vitória vai insistir para que se mantenha ao seu lado, mas sim, imagino a irritação do pobre príncipe Albert, de cada vez que Vitória lhe dizia que ia perguntar ao seu querido primeiro-ministro se podia ser assim ou assado», comentara a rainha, e ambos riram, numa cumplicidade que há muito não sentiam.

Palmela, ultimamente, não parecia tão obstinado, e Costa Cabral dizia-lhe que o duque colaborava com ele no seu trabalho nos ministérios e nas Câmaras. Maria suspeitava que o senhor D. Pedro admirava no ministro as mesmas qualidades que ela, e o pulso forte com que finalmente restaurava a ordem no país.



Quando lord M. me devolveu as chaves da caixa onde passa a nossa correspondência, onde segue sempre a correspondência entre a rainha e os seus ministros, e me disse que já não haveria cartas oficiais entre nós, mantive a cabeça direita, os olhos fixos no infinito, e permiti-lhe que me beijasse a mão como se fosse um outro político qualquer. Mas quando baixei o olhar e vi que naquele molho estava o anel da sorte que lhe dei há uns anos, o anel do Brasil que Maria me ofereceu, tive vontade de lhe saltar ao pescoço e pedir-lhe que não me deixe, que não sei o que fazer sem ele. Agora, no meu quarto, acabei de escrever a Maria a contar-lhe como estou desolada. Tirei o anel do porta-chaves, e vou devolvê-lo ao meu querido lord M. por correio seguro, não suporto a ideia de que fique sem alguma coisa minha. Não é um abandono, deixou claro que lhe posso continuar a escrever e que o secretário de Albert lhe fará chegar as cartas, mas entendi em tudo isto que é Albert que me quer ver mais longe do meu ministro...

Lord M. já me fizera os maiores elogios ao meu adorado marido, encorajando-me a confiar nele, a pedir-lhe opinião em tudo, e sei que o meu anjo me ama profundamente, mas Albert não é inglês, não conhece os meandros da política deste país, não me acompanha desde o primeiro dia, e a ideia de ter de lidar com um outro primeiro-ministro desola-me. Devia ser mais compreensiva com Maria, quando me fala do tal Costa Cabral, que lhe tem dado tanto sossego. Os relatórios de Lisboa dizem que é demasiado ambicioso, que se quer aproveitar da rainha de Portugal, e que enche os bolsos à sua custa. Será? O que sei é que o lugar de tuna rainha é muito solitário.

Palácio de Buckingham, 10 de setembro de 1841

Palácio das Necessidades, 13 de novembro de 1841

A rainha estava num dia nostálgico. Não era comum, reconhecia, mas talvez o parto que se aproximava, e o medo de que também este bebé nascesse morto, a perturbassem, não sabia, mas a verdade é que pediu para ficar sozinha. Completamente sozinha.

Escreveu a Vitória a dar-lhe os parabéns pelo nascimento do seu filho Albert Edward. «Não se admire se a pequenina Vitória fizer mais birras e chorar quando a vir pegar no irmão. São ciúmes, perfeitamente naturais, e o Pedro teve imensos em relação ao Luís. Apanhei-o a beliscá-lo duas ou três vezes, e quando não estava ninguém a olhar deixava-lhe cair na cabeça um brinquedo qualquer», escreveu. Pobre Pedro, pensando bem, só tinha 1 ano na altura em que Lipipi nascera, exatamente como a Vicky.

Pousou a pena. Será que os seus ciúmes já tinham passado? Não gostava de perder muito tempo a pensar nisso, mas a verdade é que se correspondia quase todas as semanas com os manos Pedro e Xica, e passava meses, para não dizer anos, sem escrever duas linhas à pobre da Januária, que ainda por cima sabia bem que era aquela que mais sofrera por ter uma irmã rainha aos 7 anos, a que mais abandonada se sentira com a fuga do pai do Brasil. Maria estremeceu, e chegou para si a manta de quadrados de que tanto gostava: «Como é que o meu pai foi capaz de os deixar a todos, durante a noite, sem um aviso sequer?», perguntava por vezes a Fernando, que abanava a cabeça, perplexo. Nunca conhecera o sogro, mas francamente não se via a deixar os seus pequeninos

nesta Lisboa revolucionária e sossegadamente a fazer-se ao mar para voltar às suas montanhas.



Tinha acabado de assistir a uma birra da minha querida Vicky, quando recebi a carta de Maria, em que me falava na possibilidade de que ela tivesse ciúmes do novo bebé. Encaixava tudo na perfeição, é curioso como ela sabe tanto destas coisas, sendo uma pessoa tão direta, por vezes mesmo bruta, com tuna maneira de ser que não se associa a esta sensibilidade. Julgo que é por isto que ela e o Fernando se dão tão bem, contra tudo o que alguém que os conhece imaginaria. Não me tenho andado a sentir muito bem, mas felizmente não tão em baixo que não aprecie o meu novo bebé, mas só consigo falar com franqueza da forma como me sinto a lord M., que me entende perfeitamente porque também é assaltado por estas nuvens escuras de tristeza. Hoje pedi a uni dos nossos retratistas que fizesse tnn primeiro esboço de Bertie (como lhe chamamos) para o mandar à Maria, e constatei que é maior do que a Vicky era com esta idade, uns olhos enormes e azuis muito escuros, um nariz bem desenhado, embora um pouco grande, e tuna boquinha bem desenhada. Espero e rezo que seja parecido com o seu adorado pai. Mas mentia se não dissesse que a Vicky ainda é a favorita cá de casa, é tão bonita e tem tanta graça.

Palácio de Buckingham, 20 de novembro de 1841

Palácio das Necessidades, 10 de janeiro de 1842

- **J**ulgo que é esta a nossa oportunidade, Majestade. Repare, o país está finalmente em ordem. Os tribunais funcionam, acabámos com a injustiça flagrante que se fazia à Igreja, privando-a das suas propriedades e dos seus direitos - dizia Costa Cabral, sentado no gabinete da rainha, na cadeira que já assumia como sua.

Maria acenava com a cabeça, entusiasmada.

- A vitória no Porto do partido que advoga o regresso da Carta tem um significado importante, parece-me ser um sinal de que chegou o tempo de retomar a Carta que o senhor D. Pedro nos outorgou. Já não faz sentidos continuarmos a reger-nos por uma Constituição feita à pressa, jurada por uma rainha ameaçada.

Maria reagia sempre impulsivamente à menção daquele episódio, e Costa Cabral sabia-o.

- Não podemos retomar a Carta exatamente como ela foi redigida em 1826, mas com algumas pequenas alterações... parece-me viável, parece-me que é aquilo que o povo estava à espera.

Os olhos de Maria brilhavam. Também ela estava absolutamente convencida de que o país entrara numa nova era, o último verão decorrera em paz, desde que chegara a Portugal nunca tivera um período tão longo de sossego. Pôs a mão sobre a barriga, discretamente, como num afago, sim, este bebé nasceria bem, tinha a certeza, e a Costa Cabral devia a serenidade com que decorrera a gravidez.

- Mas o que é que propõe, senhor ministro?

Costa Cabral sabia que tinha de ser cuidadoso, não podia dar demasiada informação à rainha, que a deixasse numa posição difícil quando questionada pelos embaixadores estrangeiros, quando a própria rainha de Inglaterra lhe colocasse questões. Maria sabia o mesmo, e apressou-se a ajudá-lo a superar o problema:

- Já sabe que tem carta branca, mas tudo tem de ser discreto, feito com muito cuidado, como sabe, a rainha não pode estar associada a nada...

Costa Cabral levantou-se e beijou-lhe a mão, devagarinho, enquanto mantinha os seus olhos nos olhos da rainha:

- São apenas os interesses da rainha que me movem, espero que o saiba sempre, dê o mundo as voltas que der...

Maria corou:

- Não tenho dúvida nenhuma disso, senhor ministro, faça o que entender melhor, que aqui estarei para lhe dar o apoio de que necessita.

Nessa noite Maria dormiu um sono agitado. Fernando procurou sossegá-la:

- O que é que a preocupa, minha querida? - perguntou-lhe, ansioso. Estranhara o longo encontro com Costa Cabral, não gostara do sorriso satisfeito com que o vira sair da sala de trabalho da rainha, e ainda menos da conversa entusiasmada que Maria tivera com Carl Dietz depois do jantar.

É só o Grande Momento - disse-lhe, meiga. - E como hoje a duquesa de Palmeia teve mais um filho, um pequenino Filipe, tudo está mais vivo na minha memória.

Fernando sabia que lhe mentia, ou pelo menos não lhe contava tudo. Temia que se tivesse envolvido de novo em conspirações precipitadas, mas não era hora de discussões.

- Vai correr bem, vai tudo correr bem - sossegou-a o rei, e fingiu adormecer, mas de olhos semicerrados percebeu que Maria se mantinha acordada, os olhos fixos no dossel da cama. Conhecia-a, sabia que planeava. E não era difícil saber o quê, ou muito se enganava ou imaginava ver Costa Cabral regressar a Lisboa, montado num cavalo branco, as forças militares de Lisboa a saudá-lo na rua, o povo a gritar «Viva a Carta, Viva a Rainha, Viva a Carta, Viva a Rainha». Tomara que os seus sonhos se realizassem.

Na manhã seguinte, Palmeia veio dizer-lhe que o ministro Costa Cabral pedia desculpa mas a doença da mãe obrigara-o a sair de Lisboa, sem ter tempo de se despedir pessoalmente de Sua Majestade. Maria agradeceu o recado, e Pedro de Sousa Holstein saiu do paço preocupado. Conhecia bem de mais esta menina, para que lhe passasse despercebido aquele brilho nos olhos.

Quando chegou a casa, desabafou:

- Eugénia, mesmo aos sete meses de gravidez, e depois de tudo de que ela e o país passaram, a senhora D. Maria não aprende.

Passando pelo berço onde dormia o seu 11.º filho, fez-lhe o sinal da cruz na testa e pediu a Deus que as loucuras da rainha e de Costa Cabral não obrigassem a um novo exílio. Merecemos sossego, desabafou.



Chegámos a Windsor sains et saufs, com toda a comitiva e a tralha que ter duas crianças pequenas exigem. Estava um dia de chuva horrível, mas depois fez-se um céu azul lindo e saímos todos

para a rua como presos postos em liberdade. Escrevi a dizer isto mesmo ao meu querido Melbourne, que me parece mergulhado numa depressão ainda pior do que a minha, e talvez seja esta compreensão mútua que nos une. De qualquer maneira tenho escrito menos, porque já percebi que a minha ligação com ele perturba de alguma forma o Albert. Mas também não aceito abrir mão de um amigo tão dedicado, depois de ter sido «obrigada» a despedir a Lehzen, porque o meu querido marido já não a suportava mais. E, de facto, desde que a Vicky nasceu ela tornou-se ainda mais possessiva e estranha, fazendo birras e cenas a toda a hora e criando um clima verdadeiramente insuportável. Falei com ela, de lágrimas nos olhos, mas fui firme. Recebeu uma pensão muito generosa, e decidiu voltar à sua Alemanha natal, com a promessa, que vou cumprir, de receber uma carta minha todas as semanas. Porque é que é preciso sempre escolher? Tenho um casamento feliz, um marido maravilhoso, e uma filha encantadora (tão coquete que fez charme aos dois soldados que escoltavam a carruagem até aqui!)., e devo dar graças a Deus por ter tanto. Espero que Lehzen encontre a paz de que precisa.

Estranho não ter uma carta da Maria há muito tempo. É sinal de que anda demasiado ocupada com a política. O que é que estará a planear? Temo só de pensar nisso.

Castelo de Windsor, 30 de dezembro de 1841

Palácio das Necessidades, 27 de janeiro de 1842

Fernando entrou na sala, enfurecido, tão enfurecido como a rainha nunca o vira.

- Não quero acreditar que a senhora esteja envolvida nisto.

E virando-se para Carl Dietz, protestou ainda mais zangado:

- E o senhor, o senhor também sabia disto e deu apoio a um projeto tão louco? Lá vamos nós de novo para uma guerra civil, é isso?

A rainha trocou um olhar rápido com o preceptor dos seus filhos, como quem faz um pacto de negar qualquer compromisso, e respondeu, a voz serena:

- Senhor D. Fernando, que agitação é essa?

- Agitação? Nenhuma, comparada com aquela em que o país já está graças aos vossos joguinhos infantis.

Maria pôs-se de pé, a barriga de oito meses enorme, e disse, num tom irritado:

- Fala do meu país, senhor D. Fernando?

Fernando sentiu-se gelar. Não esperava um golpe tão baixo, mas recuperou a energia e protestou:

- O embaixador britânico acaba de me dar a notícia de que Costa Cabral encabeça uma revolta a favor da Carta, uma revolta militar, e prepara-se para marchar sobre Lisboa.

Maria teve dificuldade em esconder o entusiasmo, procurando camuflá-lo com um acesso de fúria contra o embaixador:

- E quem é que esse senhor se julga? Vem ao paço, fala com o rei, sem que a rainha esteja presente, e dá-lhe notícias que nem eu conheço?

Dietz apanhou a deixa, e perguntou:

- Um pronunciamento militar a favor da Carta liderado por um homem tão competente como Costa Cabral é uma boa notícia, não?

Fernando deixou-se cair sobre um canapé:

- Desisto - exclamou -, desisto. Há quanto tempo falávamos em conseguir a restauração da Carta através de eleições? Quantas vezes é que Palmela disse que era possível uma solução política? E agora isto? Não bastam todos os golpes falhados que já experimentámos?

Maria irritou-se:

- Palmela, o embaixador inglês, isso é tudo a mesma escola. Mas quem é que lhe disse que eu ou o pobre Dietz temos alguma coisa a ver com isso? Não conhece suficientemente bem Costa Cabral para saber que ele não precisa de ordens de ninguém?

Fernando tapou a cara com as mãos, desesperado.

- O homem é ambicioso, nunca se arriscaria a nada que pusesse a confiança da rainha em risco!

Maria sorriu, satisfeita:

- Lá isso é verdade. Acredito que até a vida estaria disposto a dar por mim.

Fernando pôs-se de pé e virou-lhe as costas:

- Por lealdade para consigo, vou manter que a rainha de Portugal seria incapaz de fugir aos seus deveres, apadrinhando um partido, uma causa, um homem, mas não me volte a contar histórias, por favor. Se não me quer pedir conselho, é consigo, mas pelo menos não me minta.

Maria viu-o abandonar a sala, preocupada:

- Em tantos anos de casamento, nunca reagiu assim.

Dietz parecia igualmente perturbado, e manteve-se em silêncio, mas quase sorriu quando a rainha, numa saída tão típica, resmungou:

- Eu não digo que aquele parvalhão do embaixador britânico é que tem a culpa de tudo! Vou arranjar maneira de que nunca mais fale com Fernando sozinho.

- É claro que temos de resistir a um golpe militar, mas o que posso fazer, quando o governo remodelado se demitiu? - argumentou a rainha no Conselho de Estado.

Os conselheiros olharam-na, sem saber o que dizer. Não podiam acusar a rainha de conluio com o seu ministro, muito menos quando assumia a oposição ao golpe. Vendo-os calados, Maria, segura, continuou:

- Julgo que, mais uma vez, terei de pedir ao bom do senhor duque de Palmela que tenha a bondade de formar mais um ministério.

Palmela baixou os olhos, tal a irritação que sentia. Só lhe apetecia bater com a porta. Sabia que era uma armadilha, sabia que não

podia dizer que não a um pedido direto da rainha, mas estava plenamente consciente de que o seu ministério não duraria, porque os planos da senhora D. Maria e do seu homem de mão, António Bernardo da Costa Cabral, eram outros. Faziam dele, e do governo que teria de formar, o governo do Entrudo, a graça que andaria nas crónicas dos jornais e nas bocas do povo neste Carnaval.



Recebi carta da duquesa de Palinela. Percebi que os parabéns pelo nascimento do meu filho eram mn pretexto para desabafar contra a traição que Maria fez ao seu marido. O ministério que a rainha lhe implorou para formar, e que ele aceitou, como diz a duquesa, por «devoção à rainha», durou dois dias. Dois dias! Não se faz tuna coisa destas a uni homem que nos serve desde criança. Mas Maria está, pelos vistos, completamente hipnotizada por Cabral, que lá conseguiu levar o seu golpe por diante, «obrigando-a» a proclamar a Carta, alegando que era a mica maneira de evitar tuna guerra civil, já que as guarnições de Lisboa se aliaram a Cabral. Diz-me o nosso embaixador que o homem, ainda mais arrogante e pomposo, foi recebido na capital com tuna manifestação de entusiasmo pelo povo da cidade, que também, francamente, não sabe o que quer. A rainha fez o papel de surpreendida, e lá disse que não tinha outro remédio senão pedir ao vencedor que formasse um novo ministério!! Et voilà, Cabral voltou ao poder. O nosso embaixador diz-me que agora ninguém mais o tira de lá, porque conta com o apoio total da rainha, e arranjará maneira de daqui para a frente corromper todas as eleições.

Quanto a Maria, não escreve, como acontece sempre que está demasiado entusiasmada a fazer política. Albert, no entanto, recebeu unia longa carta de Fernando, em que nega qualquer envolvimento dos reis em todos estes acontecimentos. Não sei se acredita no que diz. Mas tenho de tirar o chapéu à minha prima: aos oito meses de gravidez tem energia para tudo isto e muito mais.

Castelo de Windsor, 10 de fevereiro de 1842

Palácio das Necessidades, 16 de março de 1842

- Mãe, como é que lhe vamos chamar? - perguntou Pedro, muito alto para os seus 4 anos, enquanto se debruçava sobre o berço do irmão acabado de nascer.

- João, como tínhamos combinado, não acha bem?

Pedro deu uma festa no cabelo ralo do bebé de pele muito branca:

- Parece-me bem. Pedro e João são nomes de apóstolos, só Luís é que não é...

Maria deu-lhe um carolo na cabeça, e o filho esfregou-a, ofendido.

- Quando é que o menino vai acabar com essas cenas? O seu irmão Luís olha para si com uma adoração sem fim, e o menino está sempre a deitá-lo abaixo?

Pedro amuou, silencioso, e Fernando puxou-o com gentileza e colocou-o à sua frente, olhos nos olhos:

- O que o Pedro quer dizer é que vai tomar sempre conta deste seu irmão João, com a ajuda do Luís, não é, meu filho?

Pedro acenou que sim com a cabeça, aproveitando a saída que o pai lhe dava para o beco onde se tinha colocado.

- Quer pegar-lhe ao colo? Não sei se tem força para tanto, porque o seu irmão é muito pesado - provocou a mãe, sabendo que amuo

nenhum do príncipe real resistia a um desafio.

Pedro sorriu-lhe, entusiasmado:

- Eu consigo, mãe, eu consigo...

- Eu também - disse Luís, deixando-se deslizar da cama da mãe onde se tinha sentado para receber as festas no cabelo de que tanto gostava. Aos 3 anos, continuava com ar de querubim saído do altar.

Fernando sentou um, e depois outro, numa cadeira, e pousou-lhes à vez o bebé ao colo.

- Tenho pena que não aguentem mais tempo, senão desenhava-os já - disse, sorrindo para Maria.

Quando as crianças saíram, levadas pela aia, Fernando ajoelhou-se ao lado da cama da mulher e estendeu-lhe uma pequena bolsa de veludo azul.

- É para si, por me dar tantos filhos e tão bonitos, pela coragem com que vive estes momentos - disse-lhe, beijando-lhe ternamente a mão.

Maria beijou-o na testa, e depois, sentando-se para trás nas almofadas, abriu a bolsinha, como uma criança que abre um presente de Natal. No colo caíram-lhe três pulseiras de ouro, cada uma com um medalhão ao centro, miniaturas de Pedro e Luís e Maria.

- Falta a do João, que mando fazer logo que tenha tempo de desenhar o nosso mais pequenino.

A rainha brincava com as pulseiras na mão, disfarçando a comoção que sentia.

- Uma por cada um dos filhos que me deu... insisti em que fossem quatro, porque a pequenina Maria será sempre nossa filha, uma filha que preferiu partir para Deus mais cedo do que nós...

Maria inclinou-se para o beijar.

- Ainda bem que não se esqueceu da Maria da Glória...

E segurando na pulseira com a miniatura do filho mais velho, virou-a para o marido:

- Fernando, já viu bem como o João é tão parecido com o Pedro?

Sorriu:

- Espero que não tenha o feitiozinho do príncipe real, viu como ele pôs o pobre Luís de lado? Aqueles ciúmes não passam, temos de o domesticar, não é admissível que passe a vida a humilhar o irmão, sei que ainda são pequenos, mas...

Fernando concordou.

- Tenho de falar com Dietz, acho que tanto ele, como os outros professores se entusiasмам tanto com as capacidades do Pedro, que é de facto brilhante, que correm o risco de o tornar demasiado convencido de si mesmo.

Maria balouçou a pulseira nova no braço, feliz com o novo adereço, e, depois de uns segundos de distração, voltou a Pedro:

- Suspeito que sei o que se passa, acontece sempre nas famílias reais - suspirou. - O mais velho é o herdeiro, o futuro rei, toda a gente quer que seja o mais bem preparado, e ao mesmo tempo cultivam a amizade que um dia lhes pode ser útil.

Fernando entreteve os olhos nos seus dedos longos. Não queria dizer que certamente já alguém contara a Pedro a «maldição» dos

Bragança, a lenda de que os primogénitos da família estavam destinados a morrer novos, e o seu lugar a ser ocupado pelos filhos segundos.

Maria leu-lhe os pensamentos. Roendo as unhas, como fazia quando alguma coisa a afetava de verdade, protestou imediatamente:

- Nem pense numa coisa dessas. O meu pai cortou com essa maldição.

Fernando pôs-se de pé, desviando o assunto:

- Vou escrever a Vitória a dar-lhe a boa nova.

Maria torceu o nariz:

- Deve estar furiosa porque não lhe escrevo há séculos. A esta hora está envenenada por aquele inacreditável homem que cá mantém como diplomata...

Fernando não respondeu. Era típico da sua querida Maria, julgar que eram todos cegos à sua volta, e encontrar sempre alguns bodes expiatórios. Bem dizia o duque de Palmela que, nalgumas coisas, a senhora D. Maria era igualzinha ao pai.

A carta com as armas dos Orleães animou-a. Era de Clem, da sua querida Clem, com quem partilhara aqueles meses em Paris, a companhia de Alexandre, as angústias da guerra. Entusiasmada, abriu o sobrescrito, e o que leu teve o condão de lhe mudar o humor. Ficava contente quando o seu talento de casamenteira funcionava, e já há alguns anos que «conspirava» com Vitória para que a princesa casasse com Augusto, um dos irmãos de Fernando. Talvez fosse ingenuidade sua, porque o tio Leopoldo parecia batê-la aos pontos nesta capacidade de negociar casamentos, mas o que importava era que a sua querida amiga lhe escrevia a contar que aceitara a proposta e que ia ser sua cunhada de facto.

Segurou a carta contra o peito, e respirou fundo. Lembrava-se bem da tarde em que ela e Clem tinham sonhado que um dia seriam as três primas entre si, e os seus maridos ligados pelo sangue. Ela, Vitória e Clementina eram agora princesas de Saxe-Coburgo. Só a pequenina Isabel de Espanha escapara aos arranjos do rei da Bélgica, e o resultado não era bom.



Maria teve mais um rapaz. Escreveu-me, finalmente, e diz que, por ela e por Fernando, gostavam de continuar a ter apenas rapazes. Meteu na cabeça que eles são mais espertos, mas se visse as minhas meninas mudava de ideias. O pequenino João, pelo desenho a carvão que Fernando mandou dele, é uma beleza, cabeça muito redonda, e o nariz que mais parece uma migalhinha de pão, e de facto Maria diz que é mais pequeno e menos gordo do que os irmãos. Ri-me muito quando me contou que os mais velhos estão excitadíssimos porque os pais lhes disseram que o príncipe tinha vindo de uma fonte dos jardins da Pena, onde gostam muito de ir. É divertida a ideia, e antes fossem as crianças transportadas por cegonhas, que Deus os conserve na santa ignorância. É curioso que só volta a escrever, com entusiasmo, quando é para falar sobre crianças, jurando-me que a política a entedia muito e que prefere deixar os relatos sobre o estado do país a Fernando. É tão convincente que até o tio Leopoldo me escreveu a dizer que tende a acreditar que o embaixador britânico empola o envolvimento da rainha nas questões políticas, de tal forma são «caseirinhas» as suas cartas. Pobre Maria, até eu tenho medo, por vezes, de estar a ser injusta, e a verdade é que luto pelos seus pontos de vista junto dos políticos, que, compreensivelmente, preferem sempre acreditar nos diplomatas que têm em campo.

O duque de Palmela também escreveu a dizer que foi nomeado para vir a Londres como ministro plenipotenciário discutir o tratado

de comércio entre Portugal e o Reino Unido, julgo que é m
rebuçado que Maria Ihe dá para calar a consciência, e para o senhor
D. Pedro uni pretexto para sair daquele caldeirão de intrigas.

Palácio de Buckingham, março de 1842

Jardim da Estrela, 10 de junho de 1842

- **L**ipipi, o que é que quer que a mãe borde na fralda do mano? Uma letra, um barquinho... - perguntou Maria, sentada num banco ao sol no recém-inaugurado jardim da Estrela, onde fazia agora questão de vir nos dias de calor com os seus filhos. Pedro andava de folha de papel na mão, a tomar nota das espécies de árvores que ali tinham sido agora plantadas, enquanto Luís brincava com o cavalo de pau que o irmão já não usava, e João, com quatro meses, rechonchudo e bem-disposto, treinava os primeiros sons deitado no carrinho, com rodas grandes e largas, que a mãe de Fernando lhes enviara da Alemanha.

- Um peixe - disse Luís, e Maria riu, porque o filho estava obcecado por peixes desde que os descobrira no tanque do jardim, para onde fugia se o deixassem dois minutos sem vigilância.

- Luís, o menino e a água, um dia cai lá dentro e afoga-se... é muito perigoso.

Luís tentou sair de cima do cavalinho, e a ama apanhou-o antes que se estatelasse no chão.

Maria riu, divertida, e trocou um sorriso com duas senhoras que passavam e não conseguiam tirar os olhos da rainha, espantadas com a sua presença entre o comum dos mortais.

Recusava-se a ficar presa no palácio, como a sua mãe sempre ficara no Paço de São Cristóvão. Era rainha, não o esquecia, mas também mulher e mãe de família, e gostava de ver e de ser vista.

De que servia gastar uma verdadeira fortuna a fazer um parque para que os lisboetas se pudessem encontrar, passear e conversar, como em Madrid, Paris ou Londres, se depois a própria rainha não se dignava frequentá-lo - depois de ter incitado à obra, tinha de ser a primeira a justificar a sua construção.

Além do mais, a Estrela tinha todas as vantagens, a cinco minutos de caleche do paço, bem mais perto do que o Passeio Público do Rossio, e em frente da basílica onde gostava de ouvir missa. Voltou a atenção para o bordado, que sempre lhe dava uma desculpa para não estar sempre a cumprimentar alguém, e deu por si a pensar que este tinha sido, decididamente, o melhor ano político de sempre.

Em maio, indiferente aos protestos daqueles que chamava de rebeldes encapotados, porque os mais descarados já tinham sido corridos dos seus salões, nomeara trinta novos pares do reino, ou seja, trinta novos membros da Câmara Alta, deputados da sua confiança e que, estava certa, defenderiam as suas causas. Os jornais publicaram os brados indignados da oposição, acusando a rainha de ter escolhido apenas nomes próximos de Costa Cabral, e que assim lhe garantiam, à partida, o controlo do Parlamento, mas a rainha fizera ouvidos de mercador. Era o que faltava, prestar atenção a um grupo de gente, e de jornais, que só lhe tinham feito a vida negra nos últimos anos. Costa Cabral reformava a justiça, o ensino, punha em ordem a maldita Guarda, fazia as pazes com a Santa Sé e só lhe dava boas notícias, em lugar de a cansar com disputas e hesitações como os outros - porque não havia de confiar que os nomes por ele sugeridos eram os melhores?

Depois vieram as eleições gerais, e teve a prova de que agia bem. Os deputados da linha de Costa Cabral tinham sido todos eleitos, numa vitória retumbante do seu ministro. Agora não a podiam acusar de ter um valido, como tão desagradavelmente alguns jornais insinuavam. Valido? Se o país todo o desejava? Infernizavam-lhe a vida porque decidia pela sua cabeça, e depois, quando desejava o

mesmo que os portugueses, chamavam-lhe nomes e acusavam-na de querer uma ditadura.

Picou-se no dedo, e deu um grito de dor. Era o que dava não estar concentrada no que fazia. Chupou o sangue que corria da picada, e voltou ao bordado. Um peixe queria o menino Luís na fralda do mano, um peixe teria.



Em Portugal os assuntos parecem ter acalmado, embora me tenham chegado notícias de que as eleições foram tuna fraude, completamente manipuladas por Cabral, que objetivamente age como uni ditador. Ao que parece, até o seu irmão, até agora aliado indefectível, já se passou para as hostes da oposição, que se queixam de que as liberdades estão coartadas, e que, como sempre acontece, uniram muna só força as posições mais antagónicas. Percebo o desespero de Maria, porque até os miguelistas que ainda têm poder no país se aliam com a esquerda, como se comungassem ideias. O que comtmgam é propósitos, ou seja, desestabilizar o país e enfraquecer a coroa.

O primeiro-ministro, suponho que influenciado pelo nosso embaixador, queixa-se sobretudo de Carl Dietz. O preceptor do Fernando, e agora dos príncipes, faz propaganda de Costa Cabral em todos os lugares, do salão de festas ao jantar entre diplomatas. O pior é que os jornais e a oposição já perceberam que têm ali um filão, e escrevem constantemente que Fernando não é mais do que um fantoche dos ingleses, e que é inconcebível que os príncipes sejam educados por um estrangeiro, e que falem melhor o alemão e o francês do que o português. O tolo do professor, em lugar de se manter quieto e calado, faz gala da sua influência, e proclama que os reis nada decidem sem o consultar, que os seus atemos o respeitam muitíssimo, e que ainda bem que falam línguas mais úteis ao engrandecimento de Portugal do que o português. O Albert está

fora de si de fúria, e escreveu ao primo Fernando a pedir-lhe que corra dali com Dietz. A carta que recebeu em resposta é de uma imprudência total. Diz o rei que ficaria muito infeliz de ficar sem ele, e que não teria a menor pena de sair de Portugal. Dizer isto é uma loucura e perigoso, não vá um dia acordar e perceber que os portugueses lhe fizeram a vontade.

Castelo de Windsor, 10 de junho de 1842

Palácio das Necessidades, 4 de abril de 1843

Marfa estava zangada. Nada lhe cabia, nenhum dos vestidos da gravidez anterior apertava, e nem sequer conseguia vestir os casacos, ou calçar os sapatos, e ainda para mais discutira com Fernando, que achava perigosa a nomeação de António da Costa Cabral como conselheiro de Estado efetivo, como se a rainha devesse dar ouvidos à má-língua e aos jornais. Fazia hoje 24 anos, e sentia-se feia, gorda e irritada com todos os que a rodeavam.

As criadas empurraram Lurdes para dentro do quarto. Só ela é que conseguia sossegar a rainha quando estes raros, mas intensos, ataques de fúria a assolavam. Maria viu-a, e chamou-a:

- Porque é que ninguém me disse que já nada me cabia? - protestou, indiferente à falta de lógica do seu argumento. - Não querem que seja eu, com tudo o que tenho para fazer, que também dê a volta aos vestidos nas arcas e perceba o que está bom e o que é para transformar em panos, não? Para que serve ter camareiras, e damas se nem isto sabem fazer...

Lurdes concordava com tudo, mas, como quem não dá grande importância ao assunto, ia abrindo uma arca que permanecia fechada:

-Tem toda a razão, senhora D. Maria, mas acho que se esqueceram deste vestido verde, que lhe fica tão bem. Lembra-se, aquele que diz sempre que tem a cor do vestido que lhe fizeram no Rio de Janeiro para os bailes das cortes de Londres.

Maria recuou no tempo, distraída.

- Mas cabe-me? - perguntou, num tom suave, triste.

- É claro que cabe, Majestade, até porque seguiu aquele modelo que a rainha Vitória lhe enviou, lembra-se, o dos atilhos que se alargam à medida que a gravidez avança...

- Gravidez, menina Lurdes? Que palavras modernas são essas? Uma rainha está num estado interessante...

- ... ou de esperanças, tem toda a razão, senhora D. Maria - disse Lurdes, com a expressão mais séria do mundo, enquanto chamava uma criada e mandava passar a ferro o vestido.

Maria já se tinha esquecido da zanga:

- Lurdes, sabes que hoje recebi uma carta da minha irmã Francisca, a mana Xica.

A criada apontou para o quadro pequeno que estava no seu lugar de sempre, por cima da mesa de cabeceira da rainha, junto dos de Januária, Paula e Pedro.

- É a terceira menina, não é, senhora D. Maria?

Maria sorriu:

- A quarta, ou estás a esquecer-te de mim? Sempre foi a minha favorita. E agora vai casar, imagina, com o príncipe de Joinville, um dos filhos do rei Luís Filipe dos franceses, o padrinho do menino Luís. E a melhor notícia de todas é que vem para a Europa, Lurdinhas, e vindo para a Europa vem certamente visitar-me. A minha irmã que não vejo há treze anos.

A pobre Lurdes já estava baralhada com as genealogias, mas o que importava é que a rainha tinha esquecido a sua fúria. Lurdes

olhou-a e entendeu o desespero da rainha. As sucessivas gravidezes (estados interessantes!, repetiu a si mesma) e o apetite devorador que manifestava quando estava preocupada (e estava muitas vezes, que aqueles ministros bem a exploravam até ao tutano, pensou a rapariga) tinham-na feito engordar para lá do que era normal em todas as mulheres que tinham muitos filhos.

Quando entrou no salão, estava escuro como breu, mas de repente acenderam-se dezenas de velas. A ama trouxe-lhe o pequenino João, que acabara de fazer 1 ano, e passou-lho para os braços. Luís avançou, no seu fato de marinheiro, e ofereceu-lhe umas flores, e Pedro estava corado de contente com o que tinha para lhe dar: uma gaiola enorme, quase maior do que ele, com um papagaio de cores garridas. Maria acolheu-os a todos num enorme abraço. Sentia-se a mais feliz de todas as mulheres.



Albert deu-me a ler a carta de um amigo que esteve em Lisboa, Sintra e Mafra com os reis portugueses e os filhos. Tenho tantas decisões a tomar em relação a Portugal, que se quero continuar a proteger os meus primos, preciso de informações que não me cheguem nem diretamente de Maria e Fernando, nem dos nossos embaixadores ou comerciantes, que têm sempre alguma coisa a defender (e a esconder). A carta era praticamente um relatório, de tão detalhado. Descreve o país como pobre, falido e com poucos recursos, o Palácio das Necessidades como não sendo condigno de ser palácio real, elogia os reis, a beleza e a elegância de Maria, mas simultaneamente a sua mais absoluta simplicidade, o que me agrada porque corresponde exatamente à memória que tenho dela e à imagem que aquilo que me escreve transmite de si. Elogia longamente o pequenino Peter, Pedro deveria dizer, e diz que aos 5 anos mostra um grau de educação e de sagacidade que traz consigo a promessa de que venha a ser ele o soberano que consolida a monarquia constitucional no país. Fiquei perturbada quando diz

«que Deus lhe conceda uma vida dilatada». Provavelmente é graça, porque recuperar a economia portuguesa é tarefa de muitos anos, mas incomodou-me, talvez porque desde que sou mãe todos os dias tenho pesadelos com a possibilidade de alguma coisa acontecer aos meus filhos. Não passa tuna semana que tuna criança conhecida não morra de sarampo, ou varíola, de varicela ou de pneumonia, por muitos bons médicos que a assistam. Mas não posso, e não quero pensar nisso. Fico feliz por ter enviado para Portugal o William Barclay, para que finalmente possa ter retratos que façam justiça à beleza dos pequeninos portugueses, que toda a gente gaba tanto.

Palácio de Buckingham, 4 de abril de 1843

Paço Real de Sintra, 30 de abril de 1843

- **F**ernando, o senhor é que vai conversar com o pintor enviado pela prima Vitória, porque a mim parece-me um arrogante, convencido de que nos faz um favor - disse Maria, entrando no escritório do marido.

O rei franziu o sobrolho. Maria andava particularmente irritável por estes dias, desconfiava que cansada de novo dos zunzuns da política, ou talvez fosse só da gravidez, mas era o que faltava que começasse a embirrar com o fantástico Barclay, com quem se tinha entendido tão bem, ansioso que estava sempre por gente vinda de fora, com uma conversa mais interessante do que a da maioria dos portugueses que frequentavam a corte.

A rainha não esperou que lhe perguntasse o que se passava:

- O senhor decidiu que não quer fazer retratos separados, mas uma composição em que o senhor e eu estamos incluídos, aproveitando - e usou uma voz trocista - «a magnífica profundidade da Sala dos Cisnes», mas a mim parece-me um disparate...

Fernando compreendia a frustração do pintor, constantemente obrigado a fazer a mesma coisa, de corte em corte, mas suspeitava que desta vez Maria e Vitória estariam de acordo, e que se o pobre homem chegasse a Londres sem as miniaturas ainda alguém lhe cortava a cabeça.

Maria percebeu que ganhara a batalha, e magnanimamente sugeriu:

- Vá lá, meu querido, os pequenos já estão prontos, vestidos a rigor, e portam-se muito melhor se for o senhor a dar-lhes ordens...

Fernando suspirou. Era exatamente o contrário, tendia a ser muito mais condescendente com os filhos do que a mulher, mas fingiu acreditar.

- E o João, também lá está? - perguntou.

Maria acenou que não com a cabeça. Tinha decidido com Vitória que não valia a pena retratar uma criança tão pequena, de feições ainda tão mal definidas.

Maria sentou-se na sala onde descobrira, na parede do fundo, um buraco do qual se via tudo o que acontecia na Sala dos Cisnes. «Tive um antepassado tão curioso como eu», pensou a rir, enquanto, cheia de orgulho, via Pedro, com apenas 5 anos, sentar-se no banco que Barclay lhe apontava. De fato de veludo cor de tijolo, de gola branca, com a banda e a insígnia das Três Ordens, era a criança mais bonita que alguma vez vira. À exceção de Luís, claro, pensou a rir. Pela primeira vez mandara-lhe cortar o cabelo à rapazinho, e o infante, vestido como o irmão, mas num fato de um azul cor do mar, a cor dos seus olhos, era de se comer. «Tomara a Vitória ter uns filhos assim», pensou, feliz por ter a certezinha absoluta que a prima se roeria de inveja. Depois teve remorsos. Coitadinha, estava prestes a dar à luz mais um bebé, acontecimento que odiava, e esperava que desta vez não se lhe seguisse a tristeza que a acometia sempre. Coisas de mulheres que nunca tinham vivido nos trópicos, pensou a rir, encostando de novo o olho ao buraco pelo qual podia ver os seus príncipes.



Acabei de enviar unia carta para Maria a contar-lhe que finalmente conheci a sua querida «mana fica». Vai ficar cheia de inveja, mas sei

que a fará feliz. Fiz questão de convidar os recém-casados a passar por cá antes de irem para Franca. Confesso que, para lá das razões diplomáticas, moveu-me tuna curiosidade imensa em saber como seria esta princesa de que Maria fala incessantemente. Esperava encontrar tuna versão de Maria quando nova, mas não podia ser mais diferente, fisicamente e de feitio. É elegantíssima, muito bonita, e vai ser adorada pelos franceses. Demo-nos bem imediatamente, mais que não seja pelo laço invisível de Maria que nos une. É muito mais ponderada que a irmã, e vê-se que não foi tão mimada. Fiquei fascinada com a paixão de fica por Maria, que sorte deve ser ter alguém que gosta de nós tão incondicionalmente... Ainda bem que Vicky tem o Bertie e agora a bebé Alice. Já retomei as minhas rotinas habituais desde o parto, com muitas saídas ao ar livre, e sinto-me muito mais forte e melhor do que com os outros. Será porque agora, embora continue a não achar tanta graça aos recém-nascidos como às crianças mais crescidas, como a minha querida Vicky, já sei que de pequeninas vão passar a maiores, e encaro o seu futuro com muito mais entusiasmo. E o curioso é que parece-me que Maria tem razão quando diz que os bebés sentem quando nos interessamos verdadeiramente por eles, porque a Alice parece muito mais despachada do que os outros na mesma idade. Vou dizer-lhe isto tudo quando lhe escrever, porque sei que ficará feliz. Até me rio ao pensar no comentário que fará, qualquer coisa do estilo «É claro que tinha razão!».

Palácio de Buckingham, 15 de jtuúio de 1843

Palácio das Necessidades, 21 de julho de 1843

Marfa olhava para a sua Maria Ana, em rendinhas e folhos que Vitória lhe enviara - tinham sido da pequenina Vicky, explicou a Fernando, que não cabia em si de contente.

- Depois de três rapazes, já lhe fazia falta uma menina, que o seguisse por toda a casa com olhos de adoração, gostasse de música e de arte, e lhe pedisse vezes sem conta que a balouçasse nos seus joelhos - disse-lhe, naquele seu tom ligeiramente trocista com que escondia sempre a comoção. Vivera o parto com uma ansiedade imensa, e não conseguira esconder as lágrimas quando o choro da bebé enchera o quarto. «Uma princesa, cheia de saúde», dissera o médico, era tudo o que queria ouvir.

Fernando pegou na bebé ao colo e beijou-lhe a testa:

-Querida muito uma réplica da mãe e esta criança é tão parecida consigo, minha querida. - E sentando-se, com a bebé ao colo, procurou no bolso um embrulho, já aberto. - O meu pai mandou-me um retrato da sua nova cunhada. Prepare-se! - Maria retirou o papel que envolvia a moldura, e deu um grito:

- É feia, horrível, nada parecida com aquilo que o meu irmão Pedro me descreve.

Fernando franziu as sobrancelhas, dando uma gargalhada:

- E o meu pai diz-me que já vem aqui muito favorecida, porque, ao que parece, além disso é baixa e coxeia.

Maria não conseguiu controlar uma gargalhada:

- Por estas e por outras é que pintam sempre apenas a cara da princesa, quando se trata de a casar... Diga lá, Fernando, sentiu-se enganado com o meu?

Fernando sorriu:

- No seu caso, juro-lhe que foi uma agradável surpresa, mas isso era porque o seu pintor era mau. Mas o seu irmão vai ter um ataque de nervos. Toda a gente diz que é lindo, aos 18 anos, com um metro e noventa, olhos azuis e cabelos loiros, e chega-lhe lá, ao outro lado do oceano, uma mulher como esta! Não me admirava que se recusasse a casar com ela.

- Recusasse a casar? Mas o truque está aí, e eu não posso dizer nada porque já o usei consigo: já estão oficialmente casados, D. Pedro II, imperador do Brasil, e Teresa de Duas Sicílias. O meu irmão parece-me bem-educado de mais para a rejeitar, mas lembre-se de lhe ter contado que o meu pai punha a beleza como a única das quatro condições de que não abdicava?

Fernando riu. Tinha pena de nunca ter conhecido o sogro, que era uma personagem.

- Pode ser que sejam muito felizes, quem sabe, depois do primeiro embate - disse, voltando a rir às gargalhadas.

-Porque será que não me pediram para mediar este casamento? Afinal sou rainha, a irmã mais velha, e tenho bom gosto... Mas agora a dúvida que se põe é se escrevo à marquesa de Aguiar ou à senhora D. Mariana e aviso.

- Não me parece nada sensato. Talvez se transforme na viagem...

Maria riu:

- Anda a ler muitas histórias aos pequenos, é o que é. Transformar esta rapariga numa beleza é coisa que nem nos contos de fadas.



Escrevi ao primeiro-ministro a protestar contra a ideia, que continua a ser veiculada em todos os papéis oficiais que são apresentados ao Parlamento sobre Portugal - e que misteriosamente chegam sempre aos jornais! -, de que D. Maria dá o seu beneplácito à ditadura e à corrupção alegadamente levadas a cabo por Cabral e os seus homens. Felizmente, no entanto, algum estranho acontecimento se deu, porque o nosso próprio embaixador em Lisboa parece vir agora dizer que os reis o têm recebido de fonia encantadora, aceitando conversar com ele sobre tudo. Talvez seja o princípio de melhores relações.

Quanto a Maria, diz-me que fez as pazes com as meninas, porque tem a certeza de que a sua Maria Ana será muito querida. Apeteceu-me responder que há muito que lhe digo o mesmo, mas a verdade é que nem tento competir com ela no que à maternidade diz respeito. Ela leva todas as medalhas como mãe. Mas não pude deixar de reparar que diz que «está a tornar-se na grande favorita do Fernando, como previa», para acrescentar «quase sempre os pais gostam mais das filhas». Será que reage às raparigas, como a madrasta da Branca de Neve? Curiosamente, também eu sinto um nó no estômago quando imagino que o meu adorado Albert pode amar outra mulher mais do que a mim, mesmo sendo a nossa filha. Disparates.

Castelo de Windsor, 20 de julho de 1843

Viagem pelo país, outubro de 1843

Fora Fernando que preparara a viagem, com a ajuda dos professores dos infantes. Não fazia qualquer sentido que os príncipes, e sobretudo o príncipe real, não conhecessem o país, nunca tivessem saído de Lisboa e arredores. Pedro estava entusiasmadíssimo com os quinze dias de viagem, e há dois meses que estudava todos os sítios que visitariam, porque não queria ser apanhado desprevenido.

- Não sei o que é que o menino lá vai fazer, se já sabe tudo. Por amor de Deus, não fale às pessoas com esse ar de pedante - repreendeu-o Maria, logo na primeira hora de viagem.

Aos 6 anos, Pedro podia ser o maior dos encantos, mas também uma criança petulante, convencida de que a sabedoria dos livros era tudo, e que só ele sabia consertar o mundo.

Maria insistiu:

- Estou a falar a sério, Pedro. O menino vai nesta viagem para ver, ouvir e aprender, não é para dar palpites. Lembre-se que as pessoas que tem à frente não lhe podem responder à letra, por isso fale com cuidado e respeito.

Pedro corou de fúria, e escondeu da mãe o bloco onde, desde a porta das Necessidades, apontava notas.

- Dietz diz que o mal do povo português é não ter ninguém que lhe diga o que fazer, e como se faz. Estamos atrasados em tudo,

olhe para estas estradas, mãe, e nem sequer temos caminhos de ferro, e os vapores são importados...

Maria segurou-lhe o braço, e apertou-o com força:

- Senhor D. Pedro, os portugueses são bons em muitas coisas, serão menos em outras, mas o menino, uma criança de 6 anos, não vai passar os próximos quinze dias a humilhar as pessoas, e a dar razão aos que dizem que o seu professor não gosta do país em que vive e o ensina a desprezar o povo sobre o qual vai reinar.

Pedro ficou subitamente branco:

- Não, o Dietz não tem culpa, ele só me diz a verdade, não lhe quero arranjar sarilhos.

- Mas arranja se continuar assim, por isso digo-lhe, pela última vez: tome as notas que quiser, mas só fala delas ao rei e à rainha, e aos seus professores, e em particular, ouviu?

Pedro baixou os olhos pela primeira vez, e concordou com a cabeça, mas sem dizer uma palavra.

- Que alívio, calou-se - disse Maria a Luís, que não se atreveu a rir da graça da mãe com medo das represálias do irmão. E durante as três semanas de viagem, de Lisboa ao Alentejo e ao Algarve, e depois de vapor para o Norte, Pedro procurou distância em relação à rainha. E escrevinhava furiosamente no seu diário. «Esta fábrica com metade dos empregados era mais produtiva», leu Fernando, por cima do ombro do filho. Com calma fechou-lhe o caderno sobre os dedos, e murmurou-lhe ao ouvido:

- Aprenda a usar a memória, meu filho, porque os papéis escritos são sempre perigosos.



Escrevi tuna carta a Maria a contar-lhe que encontrei várias miniaturas de Catarina de Bragança quando era nova, e que é espantosa a sua parecença com a fica, de quem gosto tanto. Prometi-lhe mandar-lhe tuna cópia, para ver que não exagero. Sempre foi tuna carta diferente do que as habituais trocas de recomendações e protestos, que cansativa é a política portuguesa. Distraí-a com histórias dos meus filhos e mandei-lhe as medidas de Bertie, porque quer mandar fazer-lhe uni capote alentejano, que não sei bem o que é. Atrevi-me a contar-lhe que Bertie é francamente bonito, Vicky é linda, e Alice tuna bola redonda e divertida. Pelo menos quando escrevo a Maria sei que nunca me considera presunçosa por elogiar os meus filhos. É, aliás, o que ela faz todas as semanas quando fala dos dela, com o maior à-vontade.

Castelo de Windsor, 24 de outubro de 1843

Palácio das Necessidades, 23 de dezembro de 1843

- Mãe, venha depressa, está a começar - disse-lhe Pedro,

O quarto de brinquedos estava às escuras, e a luz que vinha das tochas do corredor deixava ver apenas as cadeiras que tinham sido postas umas atrás das outras, como num teatro. Para espanto da rainha, a maioria já estava ocupada, porque o príncipe arrastara para a sua peça todos os professores, as aias e as damas, e até Lurdinhas estava lá atrás, de pé.

O palco fora construído com paletes de madeira «roubadas» às obras do palácio, e as cortinas improvisadas com a ajuda da costureira do paço.

Quando a viram chegar, os espectadores levantaram-se, para se sentarem de novo a uma ordem sua, e Maria ocupou o lugar que lhe fora reservado na primeira fila, ao lado do rei e de Dietz, cada um mais orgulhoso do que o outro. O programa, numa letra desenhada e perfeita, anunciava o nome da peça em palco.

«Jacó de Berinhão», leu a rainha, divertida.

- Foi escrita pelo Pedro? - perguntou baixinho ao marido.

-Escreveu, encenou e produziu - respondeu Fernando, enquanto Maria folheava embevecida as páginas impecavelmente escritas, sem um borrão ou uma mancha.

-Devíamos tê-lo encarregue da construção do novo Teatro D. Maria II, que nunca mais está pronto - disse Dietz, e os três riram discretamente.

Ouviu-se as três pancadas de Molière, e as cortinas abriram. João era a personagem principal, um papagaio amarelo, de asas azul-turquesa, um papagaio de pronúncia brasileira, num fato encomendado em segredo às costureiras. Luís era o comerciante, encarregado de enviar o bicho para Portugal, e a pequenina Maria Ana, com o seu cabelo loiro-arruivado, a dama que apanhava os pássaros e os embarcava para a tia em Itália.

Maria sentiu um nó na garganta. Quantas vezes contara histórias do Brasil, falara dos papagaios, daquela sua terra, e agora Pedro reproduzia todas as suas memórias numa peça... E ele próprio fazia o papel do «Marquês de Trucutchim», uma cópia de Barbacena misturado com um bocadinho de Mareschal, pedaços das descrições que lhe fazia. Toda a gente bateu palmas entusiásticas, e os príncipes vieram agradecer-las com vénias, como se fossem verdadeiros atores.

Depois, eles próprios serviram um pequeno lanche, sentando o pai, a mãe e o preceptor em cadeiras decoradas com azevinho e folhas de camélia do jardim.

- Fernando, Pedro deu o papel mais ridículo ao Luís - murmurou Maria, perplexa.

Dietz encolheu os ombros, como quem diz que o infante D. Pedro até nisso era inteligente e compreendia que o seu irmão não era dos mais dotados intelectualmente, optando por dar destaque a João, o mais parecido consigo...

Maria franziu o sobrolho:

- Dietz, falamos depois.

- Não arranje problemas onde eles não existem, olhe como Luís está contente - protestou Fernando.

- Não se importa porque tem bom feitio, mas se calhar importa-se mais do que parece...

- Mas Pedro deu-lhe uma parte em que toca violino, e sabe como ele gosta de música.

Maria encolheu os ombros:

- Não suporto crianças vaidosas, e além do mais não é boa ideia investir apenas no primeiro - disse, com dureza.

- Maria, não faça premonições assustadoras. Pedro vai ser um rei extraordinário - disse Fernando.

Maria protestou:

- Claro que vai, mas não quero rivalidades entre os meus filhos. E o Pedro tem 7 anos, por amor de Deus, aos 7 anos eu já era rainha de Portugal!



Fiquei contente por saber que a minha favorita fica está ao cuidado do tio Leopoldo. Não me posso esquecer de dizer a Maria que o tio gosta imenso dela, e que é conhecida em todo o lado onde vai como «a Bela Francesa». É muito bonita, de facto, mas tem a naturalidade de Maria, que encanta sempre.

Voltámos de tuna visita à Universidade de Cambridge, e raramente fomos recebidos com tanto entusiasmo, sobretudo pelos undergraduates, os que estão a estudar para tuna licenciatura. Receberam o meu anjo com imenso entusiasmo, o que é importante, porque tenho consciência de que estes jovens terão todos, a seu

tempo, um papel importante a desempenhar no progresso do país. Estou certa de que acontecimentos como estes deixam tuna marca.

Foi bom voltar a casa, e as crianças estavam todas bem, mas a «bucha» da Alice (que está mais bonita de dia para dia) está cheia de dores de ouvidos, coitadinha. A Vicky já sabe o alfabeto, e até já consegue ler tuna ou outra palavra. Fiquei emocionada. Tenho de contar à Maria, ao tio Leopoldo e a toda a família.

Castelo de Windsor, 23 de dezembro de 1843

Paço Real de Sintra, agosto de 1844

Todos os dias subiam à Pena para ver o avançar das obras. O pátio já estava feito, e começavam agora a construir o edifício principal, e os príncipes corriam entre as rochas, enquanto Fernando discutia planos e inspecionava as obras.

Maria sentava-se à sombra, numa cadeira que já era cativa, com algumas das suas damas, e conversavam, faziam crochet, e mantinham um olho nas crianças. «Pobre Saldanha, e pobre Augusto», comentou a rainha, recordando-se do marechal que adorava esta serra e que em Viena, onde estava como embaixador, perdera há meses o seu filho mais velho, vítima de um ataque de bexigas.

- Já os mandei voltar, porque a pobre mulher tem direito a vir para casa depois de uma tragédia destas - comentou. Ouvindo os gritos dos príncipes mais próximos, olhou para de onde vinham, e levantou-se, zangada. Luís e João subiam e desciam de um monte de areia das obras, como se fosse uma duna na praia, e espalhavam-na por todo o lado, enquanto os construtores os olhavam sem saber o que fazer. Pousou a linha e a agulha e foi em sua direção, furiosa:

-Querem parar com isso já - gritou, e os príncipes deslizaram até ao chão e puseram-se em pé, sacudindo os fatos.

- Quero lá saber dos fatos, meninos. Já viram o que fizeram à areia de que estes senhores precisam para o seu trabalho? Já pensaram na trabalhadeira que dá acartar aqui para cima areia que

vem ali da praia? - e apontava no horizonte distante o azul do mar da Praia das Mações.

E pondo uma mão no ombro de cada um dos filhos, virou-os para enfrentarem os embaraçados construtores, que protestavam que não fazia diferença, e ordenou:

- Peçam desculpa, e perguntem como podem ajudar a reparar o mal que fizeram.

Luís e João balbuciaram uma desculpa, embaraçados, desculpa que os trabalhadores aceitaram com vergonha e surpresa.

- E agora desandem daqui, porque o que não faltam são árvores e rochas a que podem trepar - disse-lhes, voltando para a sua cadeira.

De um talhão mais acima, o rei olhou-a, embevecido. Admirava a sua rainha.

Maria transformara a antecâmara do quarto num pequeno escritório, onde trabalhava com Fernando ao fim da manhã e ao princípio da tarde. Havia sempre um mensageiro que trazia notícias de Lisboa, e Maria fingia protestar por a incomodarem nestes dias com a família, mas a verdade, e o rei sabia-o, é que dava ordens a Costa Cabral que todos os dias a informasse do que se passava em Lisboa, na governação e nas Câmaras.

Hoje o envelope era grosso, e a rainha abriu-o, curiosa. Fernando, que ia a entrar, espreitou por cima do seu ombro:

- Um novo diploma, a meio do verão? - perguntou.

Maria estendeu-lhe as folhas:

- Não me quer dar uma opinião? Costa Cabral diz aqui que é um novo decreto que vai pôr ordem nos tribunais. Depois de mais uma revolta destes cabeças de abóbora em Torres Novas, que ainda por

cima uniu toda a oposição, é preciso endurecer medidas, senão depressa voltamos à anarquia.

Fernando pegou nas páginas que a rainha lhe dava, e sentou-se a lê-las num dos bancos de pedra das janelas, de que tanto gostava.

- Perigoso, perigoso - repetia.

- Poupe-me, Fernando, tarda nada vai-me dizer que se calhar os ingleses acham mal.

- E se disserem é porque provavelmente têm razão, minha querida. Têm muito mais experiência do que nós neste tipo de documentos...

- Mas por lá é tudo fácil, não têm de aturar estas criaturas, que sem escrúpulos se aliam contra a rainha. Queria ver como é que Vitória reagia se vivessem num país onde os defensores do usurpador do seu trono se coligassem com a ala esquerda, tudo à mistura, só para fazer cair um ministério, que ainda por cima finalmente põe as contas em dia e paga aos seus empregados. - Fernando nem respondeu, continuando a ler.

-Não sei porque é que me criticam por confiar em Costa Cabral. Só me faltava que a rainha de Inglaterra, que não mexia uma palha sem pedir a opinião do seu querido Melbourne, aceite que o seu governo continue a insinuar que a rainha de Portugal tem um valido - disse, furiosa.

Fernando levantou a cabeça dos papéis e, numa voz serena, tentou acalmá-la:

- Percebo que essa insinuação dos jornais ingleses a irrite. Não imagina como me irrita a mim?

Maria desviou o assunto. Não, não queria imaginar como o irritava a ele.

Um dos criados bateu suavemente à porta, para anunciar a chegada do duque de Palmela. Maria murmurou entre dentes, para que só o rei a ouvisse:

- Vem mesmo em boa altura, e de certezinha para falar do mesmo! Veja lá se em dois dias de ministério não conseguiu uma nomeação para o genro...

Fernando revirou os olhos ao céu:

- Maria, não sei porque é que dá ouvidos aos intriguistas do costume. Quem é que nomeou o genro? A rainha! Por isso só diz mal de si mesma, de mais ninguém.

Maria virou-lhe as costas. Mal por mal aturaria Palmela, que pelo menos não lhe respondia torto.

Mas Palmela, naquele dia, respondeu-lhe torto, foi mesmo insolente. Para ele este decreto, esta ideia de sujeitar o poder judicial ao poder do governo, era um primeiro passo para uma monarquia absolutista. E se era isso que a rainha queria, ele teria de aliar-se à oposição, porque fora contra o absolutismo que ele, e tantos outros, tinha lutado.

A rainha protestou, e finalmente, zangada, mandou-o calar.

Palmela, pela primeira vez desde que se lembrava de ter sido recebida por ele à chegada a Inglaterra, olhou-a com toda a frieza, e aquele frio gelou-lhe a alma. Mas não podia ceder, como podia trair Costa Cabral, que assegurava a paz do reino? Com aquela habilidade que Fernando a acusava de requintar a cada dia, virou rapidamente o bico ao prego, enumerando mentalmente todas os defeitos do homem que o seu pai fizera marquês e depois duque, e convencendo-se de que tinha razão, e que afinal estava frente a um oportunista, exclamou:

- O senhor duque fará o que entender, que a consciência é sua. Se quer alinhar com os inimigos da rainha, é livre de o fazer...

Palmela olhou-a, exasperado. Como é que lhe podia explicar que, ao alinhar-se completamente com o seu ministro, dava o flanco aos que a acusavam de ter delegado todo o seu poder naquele homem? De pretender reinar com ele, num regime absoluto?

Procurando controlar a ira, disse devagar, soletrando cada palavra:

- Não pode ouvir-me só quando lhe interessa o que digo, Vossa Majestade. Ou confia em mim para a aconselhar, e lhe dizer o que acredito ser no seu melhor interesse, ou então é melhor que não me escute de todo.

Mas nem Palmela estava à espera da frieza com que a rainha lhe disse:

- Tire as conclusões que quiser, e agora boa tarde, senhor D. Pedro, porque tenho um monte de cartas para escrever.

O duque de Palmela ainda fez menção de lhe beijar a mão, mas a rainha já tinha saído da sala. Durante uns minutos sentiu vontade de correr atrás dela, como um pai vai atrás de um filho mal-educado, e obrigá-la a pedir perdão. Mas ele era o súbdito e ela a rainha, e os tempos em que era uma criança a seu cargo tinham acabado.

Desceu as escadas principais do palácio lentamente, os olhos postos no cimo da serra, onde as ameias do castelo brilhavam à luz do sol da tarde.

No dia seguinte, na Câmara dos Pares, Pedro de Sousa Holstein voltou à oposição.

Maria depressa esqueceu o decreto, Palmela e até Costa Cabral. Recebera uma carta da sua querida mana Xica, a anunciar que

chegava dentro de dias. Xica e Joinville em sua casa, em Sintra, nem queria acreditar em tanta felicidade.

«Fernando, vai adorar a minha irmã. Tem o cabelo escuro, os olhos verdes, e é tão alegre, tão simpática...», exclamava, vinte vezes por dia, enquanto mandava arranjar os quartos, punha jarras de flores pela casa, escolhia as roupas que os filhos deviam usar.

Com o coração a bater tão depressa que sentiu que tinha de pôr a mão no peito, Maria viu a carruagem chegar, e a sua querida irmã, elegante e tão bonita como a imaginara, sair de um salto e correr pelas escadas acima para a abraçar.

As damas entreolharam-se: a princesa de Joinville era de facto deslumbrante, mas saía à irmã no desrespeito pelos protocolos. Durante as semanas seguintes, as manas foram inseparáveis, e as crianças trotavam atrás delas da Pena para Mafra, de Mafra para as Necessidades, as longas tardes de verão em conversas e memórias sem fim, conta-me como está o Jaime, diz-me o que aconteceu à Rosa, e a marquesa de Aguiar como vai, sempre casa com Mareschal, e os jacarandás estavam em flor quando de lá saíste, e o museu da mamãe continua intacto, e Pedro, Francisca, conta-me como é o Pedro, respeitam-no?, as perguntas em catadupa, a que a mana, na sua voz cantada, respondia com entusiasmo, enquanto puxava Maria Ana para o seu colo, ou falava com Luís da aventura de atravessar os oceanos. «Pedro, sabia que é o meu sobrinho mais velho? Quando soube do seu nascimento fui a correr à Igreja da Senhora da Glória, a capelinha da sua mãe, e acendi uma vela deste tamanho por si», dizia ao príncipe real, fazendo o gesto do tamanho da vela com a mão.

- Que bom é falar de novo em português - disse um dia rindo, enquanto abraçava a irmã.

- Mana, se soubesse como me sabe bem voltar a falar o português do Brasil, parece que tudo fica mais bonito, e as palavras ondulam

ao sabor do vento no topo das palmeiras - exclamou Maria.

Fernando olhou, espantado, para a mulher. O brasileiro quase que a transformava numa poetisa.



A «praga» de fertilidade que Maria me lançou tem funcionado impiedosamente, e quer queira, quer não, sou a mãe de tuna munerosa família, como a rainha de Portugal profetizou - Alfred nasceu há dias, e voltei a protestar contra os médicos. Não há meio de inventarem tun anestésico para as dores, mas enfim, já passou, não quero pensar mais nisso. A pobre Maria, pelo menos, é coerente, porque deseja para si aquilo que prega aos outros. Diz-me, em tom de brincadeira mas percebi que o assunto é sério, que os médicos lhe recomendaram todas as cautelas, porque está muito gorda e temem que um bebé excessivamente grande possa morrer antes ou logo depois do parto, pondo também em risco a vida da mãe. Recomendei-lhe todos os cuidados, mas suspeito que não terá nenhuns, e Fernando diz-me que continua a envolver-se na política de todos os dias, vivendo com intensidade cada momento. Suspeito, para mais, que estes nove meses serão mais agitados do que aqueles em que esperou Maria Ana, porque a situação política em Portugal volta a estar virada do avesso. Houve tuna revolta em Torres Novas, que o nosso embaixador classifica de muito grave, e as medidas tomadas por Cabral parecem só tendentes a agravar o descontentamento. Mas aquilo a que os reis mmca se referem é à acusação crescente de que o ministro e a sua família enriquecem a olhos vistos, um enriquecimento ilícito que não resistiria a uma investigação. E chocante como coloca a família e os amigos em todos os lugares, desde os diretamente ligados ao poder até aos postos importantes nas repartições públicas. E o pior, se é que é possível haver pior, é que depois cada um dos seus apaniguados faz o mesmo, e a árvore do nepotismo torna-se muna floresta.

Felizmente, Maria tem estado distraída com a visita de fica. Agora é a vez de a sua irmã Januária casar com o Luís de Duas Sicílias, príncipe de Nápoles, tuna troca, no fundo: a irmã de Luís será imperatriz do Brasil, e vai a caminho do Rio de Janeiro, e Januária vem para a Europa casar com o seu irmão. Tenho de pedir a Maria que me dê mais detalhes.

Castelo de Windsor, agosto de 1844

IOO

Palácio das Necessidades, 26 de dezembro de 1844

Lurdinhas tratou do banho, a pedido da rainha, que estava can(sada e gelada, a barriga já enorme, o ar a faltar-lhe por vezes. Nos últimos dias, com os preparativos para o Natal, estivera horas de mais em pé, ou debruçada a fazer embrulhos. Parou por minutos para olhar para as caixas de soldadinhos que mandara comprar para dar a Pedro e Luís, eram tão engraçados, tinha de lhes pedir para a deixarem brincar com eles, pensou a rir. Mas valera a pena, só para ver a excitação e o encantamento sobretudo na cara dos mais novos quando Fernando, vestido de São Nicolau, entrara pela sala para lhes dar os presentes tirados do seu saco. A pequenina Maria Ana correria para o colo da ama, assustada, e João estendera as mãos, ansioso por receber a flauta que escrevera a pedir, mas à cautela encostara-se às pernas de Pedro, que lhe pusera uma mão protetora sobre o ombro. Os mais velhos já percebiam que era o pai, obviamente, mas mantinham o entusiasmo, como se não quisessem crescer, nem deixar a magia escapar-se-lhes entre os dedos. Hoje estivera na cerimónia de nomeação de António Bernardo da Costa Cabral como par do Reino. É claro que sabia que Saldanha e Palmela estavam amuados, assim como quase todos os outros aristocratas do reino, mas queria lá saber. O seu ministro bem merecia a distinção, e escrevera-lhe um bilhete tão sentido de gratidão, que o lera dez vezes de seguida. Podiam dizer o que quisessem, mas não seria como o pai, que afastara o dedicado José Bonifácio de Andrada, o único homem que de facto se interessara pelo destino do imperador e da sua família, só porque os intriguistas da corte se sentiam incomodados com a sua competência e verticalidade. Até Vitória lhe escrevera a recomendar cuidado. Cuidado? Cuidado deveria tê-lo tido ela quando se entregava cegamente nas mãos de lord Melbourne, e nessa altura ela, Maria, não a tinha criticado uma única vez.



A rainha de Portugal perguntou-me como é que os meus filhos rezam. Provavelmente curiosidade de quem não entende bem as diferenças entre as nossas igrejas, e julga que a Igreja anglicana é muito diferente da romana, e será nalgumas coisas. Disse-lhe que rezam à noite, nas suas camas, mas sem se ajoelharem, porque me parece absurdo que seja preciso porem-se de joelhos para que as suas orações sejam ouvidas pelo Altíssimo ou se tornem mais sagradas. A Vicky está a aprendê-las muito depressa, mas o Bertie é mais lento nas palavras do que a irmã. Maria diz-me que as raparigas costumam falar mais depressa do que os rapazes, mas que também há grandes diferenças entre eles, e que enquanto Pedro falou muito cedo, o mais novo, o pequenino João, é mais preguiçoso. E ri-me da forma franca como protestou contra o que lhe escrevi, argtnnendo que o Altíssimo merecia que nos ajoelhássemos perante ele, sim senhora, e que lhe parecia estranho tun comentário desses de uma rainha, a quem os súbditos faziam vénias e dobravam o joelho para beijarem a mão. Reconheço que, com a sua simplicidade, acaba muitas vezes por ter razão.

Castelo de Windsor, 28 de dezembro de 1844

IOI

Palácio das Necessidades, 17 de fevereiro de 1845

«**A**ntónia Maria Fernanda Micaela Gabriela Rafaela Francisca de Assis Ana Gonzaga Silvéria Júlia Augusta de Saxe-Coburgo-Gotha e Bragança», recitou o mano Pedro de um fôlego só. Luís riu às gargalhadas e João e Maria Ana juntaram-se ao coro.

A rainha olhou para a sua «trupe», como agora lhes chamava, e juntou-se ao riso. Pedro era alto para os seus 7 anos, Luís, mais largo do que alto, aos 6 anos lembrava-lhe muito como fora na idade dele, João, com 3, era um soldadinho sempre a copiar os irmãos mais velhos, e Maria Ana, com as suas tranças louras, uma boneca que só apetecia apertar e dar beijinhos. E agora Amónia, com este longo nome oficial, estava certo e sabido que ia acabar por se chamar «Tonica», como os mais novos já a chamavam. Era tão rosada e querida, adormecida no seu berço, imperturbável apesar da algazarra que as crianças faziam em redor dela neste quarto transformado em nursery, onde os mais pequenos objetivamente viviam dia e noite, sob o olhar das amas e no aconchego de uma salamandra grande que Fernando mandara instalar.

Deixou-se balouçar na cadeira que comprara especificamente para se sentar confortavelmente, enquanto os via brincar à sua volta, e deu graças a Deus pela família que tinha. Fechou os olhos por momentos e pensou em como o imperador do Brasil, o mano Pedro, estaria a esta hora também debruçado sobre um berço, pai de um Afonso, que esperava sinceramente saísse mais ao lado paterno do que materno, pois, embora conformado ao casamento, o imperador

continuava consternado com a mulher que lhe calhara aos dados, como diria a mãe se estivesse viva.

Bateu palmas, e o silêncio caiu sobre a sala. As amas olharam-na, invejosas. Tomara a elas conseguirem que os infantes se calassem tão depressa quando lhes ordenavam sossego.

- Já chega de festa à volta da mana. Pedro e Luís, não são horas de lições?

Virando-se para a aia, disse num tom de voz que não admitia discussão:

- Sei que os póneis são calmos, mas o João não monta a cavalo sem usar o toque que Sua Majestade a rainha Vitória lhe mandou, ouviu?

Luís, ao ouvir que o irmão ia andar a cavalo, protestou:

- Hoje é sábado, mãe, não posso ir com ele?

- O menino acha que é a sua mãe que decide o horário das suas lições? Se os seus professores perdem o seu tempo a ensiná-lo, quem é o menino Luís para dizer que prefere ir montar?

Luís não voltou a insistir, mas as lágrimas saltavam-lhe dos olhos. Pedro, num gesto inusitado, pôs-lhe o braço à volta do pescoço e sussurrou-lhe ao ouvido:

- Não seja tonto, nunca se pergunta à mãe coisas dessas. Faça os trabalhos depressa e vai ver que o pai ou o Dietz o deixam ir montar...

Maria olhou satisfeita para a ama, e, certificando-se que os seus filhos já se tinham afastado, disse-lhe:

- Até nem me importo de fazer o papel de má, se com isso Pedro for mais meigo com o irmão.

A ama sorriu:

- Estão a crescer, Majestade.

Maria suspirou:

- Felizmente, tenho os mais pequeninos que ainda gostam de trepar para o meu colo, e ir comigo ao Passeio. Espero que já estejam prontos, que quero apanhar ainda o sol, que só os portugueses é que ficam em casa nestes dias, dizendo que estão frios de mais para se sair à rua. Haviam de ter morado como eu em Londres, onde, apesar da neve e do gelo, ao primeiro raio de sol tudo anda lá fora...

A ama olhou-a, divertida. Era diferente das outras mulheres, esta rainha. Já se comentava por aí que de rainha tinha pouco, de tal forma insistia em andar vestida de fazendas grossas e chitas, sentando-se num banco do parque a fazer renda, com os filhos de volta a brincar, como qualquer mulher burguesa. Burguesa não, pensou a ama, rindo para dentro: o que as burguesas não lhe perdoavam era este jeito simples, que deixava a parecer ridículos os seus fatos vindos de Paris ou feitos pela madame Levillant, a que toda a Lisboa chique ia. As más-línguas diziam que acabaria como a imperatriz Leopoldina, gorda, precocemente envelhecida por tantas gravidezes, enfiada em vestidos coçados, como se tivesse mais o que fazer do que perder tempo em grandes arranjos.

Maria percebeu que o olhar da ama estava preso nela e leu-lhe os pensamentos:

- Ó rapariga, deixa lá o que dizem as víboras, que essas hão de estar sempre descontentes, e prepara-me é os meninos, que daqui a nada o Sol põe-se e nem saímos do paço.



Finalmente encontrei tempo para responder ao pedido do Pedro de Portugal. Achei graça que aos 8 anos quisesse uma lista das espécies de patos que temos em Windsor, e também dos cães e de todos os animais que possuímos, embora Maria acrescentasse logo que se desse muito trabalho não fizesse caso, mas a verdade é que trato disto com gosto. Não sei para que é que a quer, mas como é um rapazinho sério e circunspecto, suponho que será para algum trabalho complicado. No Natal pediu-me um atlas geográfico, para ele, e um globo terrestre para o Luís, tudo presentes muito académicos. Confesso que fiquei feliz quando Maria me disse que o João queria um cavalinho de pau, pelo menos deseja um brinquedo, o que me parece saudável numa criança de 3 anos.

Primeiro pensei que eram fantasias da Maria, que gosta sempre de competir em tudo, mas Albert corresponde-se com Pedro e diz que ele é mesmo assim, e parece admirar de facto o seu empenho e capacidades intelectuais. Suponho que é por isso que há dias em que o vejo olhar para o nosso Bertie com irritação - o pobre do nosso filho tem dificuldade em aprender, e a culpa não é dos professores, que já mudámos várias vezes. Parece preguiçoso, e enerva-me imenso que enerve o seu adorado papá, que não merece ter um filho mimado e indolente.

Palácio de Buckingham, 20 de fevereiro de 1845

Convento de Tomar, 10 de setembro de 1845

A medida que os mais velhos cresciam, maior era a excitação com este mês a banhos, passado ali onde as águas do Tejo corriam calmas e quentes. Pedrouços era a praia perfeita.

A mudança implicava preparativos, um ror de criados, cozinheiros e restante pessoal que literalmente andavam com o paço às costas, tornando esta instalação provisória numa casa real com o máximo de conforto possível. As tapeçarias eram penduradas nas paredes, as cómodas levadas em ombros, as camas montadas e desmontadas, os espelhos encostados às paredes, e os canapés arranjados numa sala improvisada.

Este ano Pedro, que estava prestes a fazer 7 anos, insistira em trazer consigo os livros, o globo e os mapas, a coleção de insetos embalsamados e o compêndio de Botânica, tudo em duas arcas que guardava com a vida, insistindo em viajar na mesma carruagem que elas, não fossem os seus tesouros perder-se. Luís e João troçavam do «mano marrão», e estavam era ansiosos que os professores se perdessem pelo caminho para poderem mergulhar todo o dia e brincar na praia com os filhos dos membros da corte que tinham casa ali perto, ou alugavam-na para seguirem os costumes instituídos pela família real.

A duquesa de Palmela aconselhara-lhe umas braçadeiras de cortiça, que agora o rei insistia que os filhos usassem nos braços.

- Se vejo algum dos meninos próximo da água sem estas boias, prometo-vos que vão diretos para as Necessidades e ficam lá de castigo o resto do verão - dizia aos rapazes, num tom determinado que raramente usava, e os rapazes, percebendo que o pai não faria concessões, usavam-nas religiosamente.

«Ainda tenho pesadelos quando me lembro de como o Pedro se ia afogando naquele tanque em Mafra, convencido de que aos 6 anos já sabia nadar, e nós todos ali à volta à conversa, sem darmos por nada», justificava-se vezes sem conta a Dietz ou à rainha, para explicar porque se recusava a ir a banhos para a Praia das Mações, onde o mar era excessivamente perigoso.

Maria protestava com o excesso de cuidados:

- Fernando, quer mesmo que o Pedro acabe uma lagarta dos livros? A criança estraga os olhos com tanta leitura, e daqui a pouco é o motivo de troça das crianças todas das redondezas, porque não aprende a nadar, nem anda cá fora a correr, apanhando o ar fresco de que precisa!

Dietz interrompera a discussão, prometendo que quando os reis estivessem fora insistiria em que o infante passasse mais tempo longe dos livros. Dietz ficaria responsável pelos príncipes enquanto os reis estivessem em casa de Costa Cabral em Tomar, decidira a rainha.

Maria tinha consciência de que os jornais iam fazer primeira página desta sua estadia. Era a primeira vez que a rainha ficava fora de um dos seus palácios, e nobres e burgueses roer-se-iam de inveja por o escolhido para acolher os reis ser, exatamente, o seu ministro mais detestado. Aquele que, juravam, construía um palácio digno de Sua Majestade, com dinheiro roubado. Mas a rainha ignorava avisos. Que lhe importava que uns papalvos, como gostava de lhes chamar, tivessem posto a circular uns versos medonhos, em

que a incitavam a voltar ao aconchego do lar e ao cuidado dos filhos, em lugar de se meter em casa de um valido.

Filhos, lar? A rainha de Portugal era muito mais do que mãe e educadora, era rainha, ponto final. E uma rainha ia onde queria, e achava que devia ir.

Temera que Fernando se deixasse influenciar por estas maldades viperinas, mas o rei estava ansioso por ver o Convento de Cristo ao vivo, certo de que poderia copiar uma parte da arquitetura, adaptando-a à Pena, como já fizera com vários dos elementos mais bonitos da Torre de Belém, além de que qualquer pretexto para sair de Lisboa era bem-vindo.

Finalmente o seu querido Costa Cabral teria a oportunidade de lhe mostrar o novo palácio, e, mais do que isso, que obras deixava-as ao marido, teriam todo o tempo do mundo para discutir o estado da nação, a política do governo, o futuro, em passeios pelos jardins floridos, ou nos serões, cheios de música e alegria. Sorriu, iria surpreendê-lo dando-lhe o título de conde de Tomar.



O nosso embaixador escreve, preocupado. Como se não bastasse torná-lo conselheiro de Estado efetivo e par do Reino, Maria decidiu ir passar uma semana ao palácio de Costa Cabral e dar-lhe o título de conde de Tomar. Mal sabe ele que a rainha me escreveu de lá a contar, muna felicidade adolescente, que Costa Cabral deu a um cruzamento novo de camélias brancas dobradas o nome de «Maria Real». Palmela confessou com desgosto ao nosso embaixador o quão desesperado ficou quando soube desta visita, perguntando-se como era possível que ela se lançasse assim para as mãos de um homem tão ambicioso e autoritário. Tenho de dizer que me espanta a insensatez, mas talvez não estejam a perceber bem os objetivos de Maria. Não será que é ela que usa Costa Cabral para se vingar de

todos os que a têm humilhado ao longo dos anos? Compreende-se a amargura de Pa]rnela, mas a verdade é que sinto a rainha desesperar das suas hesitações, como se irrita com as minhas. Temo, no entanto, que venha a pagar um preço demasiado alto por esta concessão a um capricho. O homem é odiado, e proteger alguém que recolhe sobre si tanto ódio não é sensato. A ver vamos. Mais tuna vez.

Castelo de Balmoral, 15 de setembro de 1843

Palácio das Necessidades, 15 de dezembro de 1845

O médico acabara de chegar para a ver.

- Não me diga que me vai perseguir durante os próximos sete meses, Teixeira - dissera-lhe Maria, com uma familiaridade simpática, mas que disfarçava mal a impaciência.

- Parece que sim, senhora D. Maria. Têm sido muitas gravidezes seguidas, e...

- Ai, Virgem Maria, não me vai dizer que nove pratos por refeição é demasiado e que ganhei muito peso, pois não? É que para isso basta um espelho, não é preciso chamar um físico!

O médico não conseguia deixar de rir com as respostas da rainha. Tossiu para disfarçar a gargalhada, e insistiu, sério:

- Ia pedir-lhe que não passasse tantas horas de pé, e em reuniões tão longas e cansativas...

- Por mim não posso estar mais de acordo. Porque é que não receita ao país trabalho e paciência, para ver se deixam de sair à rua a protestar por tudo e por nada...

O médico sorriu de novo:

- Posso tentar, Majestade, mas suspeito que não seria só a rainha a fingir que não me ouve.

Foi a vez de a rainha sorrir:

- Desta vez o motivo da revolta é do seu pelouro, senhor doutor. O conde de Tomar decretou a proibição de enterrar em igrejas, por razões puramente sanitárias, uma coisa que qualquer pessoa entende, e esta gentalha ameaça o trono? Tem algum nexo, uma coisa destas? Mas a mim não me enganam - isto não é o povo, porque o povo gosta da rainha e da paz que o ministro lhe trouxe, isto é coisa da oposição, e quando é para dizer mal juntam-se todos, até os miguelistas...

A pele branca do seu rosto tornara-se vermelha, o sangue subia às maçãs do rosto e deixava-lhe os olhos brilhantes de convicção e fúria. O médico acenou a cabeça, preocupado:

- Senhora D. Maria, vê como lhe fazem mal estas aflições? Deixe-me medir-lhe o pulso. Vê como o seu coração bate rapidamente? Faz-lhe mal a si, e faz mal ao bebé.

Maria sentou-se para trás na cadeira e mordeu o lábio:

- Não seja agoirento. Olhe lá como a minha trupe brinca aí pelos corredores, não os ouve? Gente com mais saúde, graças a Deus, e é com saúde que o próximo há de vir, e agora não se fala mais nisso, que há de ter mais doentes a precisarem de si.

O médico fez-lhe uma vénia, beijando-lhe a mão:

- Um homem sabe quando uma rainha lhe dá ordem de marcha - disse, rindo.

- Um feliz Natal para si, Teixeira - disse Maria, rindo.



Volto ao mesmo, não posso deixar de voltar. É que não sei o que passa na cabeça de Maria, ou será no coração? Agora deu um título a um irmão de Costa Cabral, nomeia outro para a Câmara dos Pares,

e até o pai já é deputado. Enquanto isto, Fernando mantém-se impávido, o que ainda agrava mais a opinião que em Portugal e no estrangeiro dele se tem, o meu querido Fernando que todos sabemos que é tão puro de coração, mas que vive iludido e mal aconselhado por Carl Dietz, que nunca escondeu a sua preferência por um regime absolutista. Infelizmente, não dão ouvidos ao nosso embaixador, e Maria escreve-me que ele alinha com a esquerda, o que até podia ser verdade, não fosse a rainha também desprezar os conselhos de Palmela, de Lavradio e de todos os homens reconhecidos como leais e sérios, dentro e fora de portas. Albert está zangado, porque diz que tanto Fernando, como Dietz tinham a obrigação, pela formação que têm, de saber analisar as finanças do país, os impostos cobrados e recebidos, as contas do Orçamento, a falta de crédito nacional e internacional, e aí ficariam sem dúvidas nenhuma. É que Portugal está à beira da bancarrota, os impostos subiram astronomicamente, e se é verdade que o novo ministro foi capaz de tornar mais eficaz o aparelho do Estado e os mecanismos de cobrança, não é menos que quando se aliam mais impostos e mais burocracia à vida de um povo, e simultaneamente a coroa e os governantes parecem menos sérios, a mistura é explosiva. Acabo este ano na certeza de que para Portugal o próximo vai ser difícil.

Castelo de Windsor, 20 de dezembro de 1845

Palácio das Necessidades, 10 de abril de 1846

Costa Cabral entrou na sala de trabalho da rainha e sentou-se na cadeira à sua frente.

Maria sorriu-lhe, feliz por o ver:

- Daqui a pouco o seu amigo Saldanha entra em guerra consigo por lhe roubar a cadeira - disse-lhe, divertida.

Costa Cabral fingiu fazer menção de se pôr em pé:

- Se há coisa que um homem não quer é ser inimigo do senhor duque de Saldanha, e é verdade que há mais cadeiras na sala, mas o que quer, senhora D. Maria, não há homem nenhum no reino que não desse a vida para se sentar mais perto da sua rainha.

Maria olhou-o direta, seduzindo-o com um sorriso de quase-menina:

- Mas por enquanto ainda é a rainha que decide quem quer ter perto de si.

Costa Cabral debruçou-se e, segurando-lhe de novo na mão, beijou-a, e a rainha deixou a sua mão na dele por uns segundos, uns deliciosos segundos, pensou, antes de a retirar de novo, pousando-a sobre a sua barriga já bem visível.

-Traz aí o Illustrated London News - comentou, desviando a conversa.

Costa Cabral pareceu embaraçado, colocando o jornal entre os outros documentos, em lugar de o estender à rainha:

- As intrigas do costume, senhora D. Maria. Dizem que uma revolta acontecerá dentro de dias, que o povo está descontente.

A rainha exaltou-se:

- Não têm com que se entreter por aquele império fora? Revolta aqui? Não me diga que é a conversa dos cemitérios de novo.

O ministro concordou com a cabeça, arrumando o jornal entre os seus outros papéis, não fosse a rainha pedir para ler, e discorreu sobre cemitérios.

Maria encolheu os ombros:

- Quando deviam era estar a falar da inauguração do Teatro Nacional, que finalmente está pronto, essa sim, era a notícia do dia, mas o senhor embaixador britânico essas novidades não acha por bem mandar ao senhor lord Palmerston, que o país até podia parecer civilizado.

E, corando ligeiramente, perguntou:

- Dá-nos a honra de ficar no nosso camarote na inauguração?

Costa Cabral, numa voz de que caía mel, murmurou:

- Que importa o que está em palco, se só lá vou para prestar homenagem àquela que deu o nome ao teatro.

Maria pôs-se de pé, apoiando-se nos braços da cadeira, mas deixando que o ministro acorresse a dar-lhe o braço, «com sua licença», que se apressou a dar.

Fernando esperou que a rainha se sentasse confortavelmente na carruagem, tapou-lhe as pernas e a barriga grande que revelava os seis meses da nova gravidez com uma manta porque a noite ainda estava fria, e só depois lhe disse que estava muito preocupado com a revolução.

- As mulheres pegam em armas...

Maria olhou-o, preocupada:

- Terá o meu tio voltado? Será isto um levantamento miguelista?

Fernando hesitou. Valeria a pena contar-lhe o que se dizia, que o culpado de tudo isto era Costa Cabral? Ainda há pouco estivera fechado no escritório a discutir a situação com Dietz, e o mestre garantia-lhe que Cabral era a única esperança para Portugal, além de que ele próprio estudara as novas leis, e os novos sistemas de impostos, e reconhecia que era a primeira vez que se tentava fazer uma reforma com pés e cabeça. Inclina-se, muito mais, para a ideia de que era apenas um aproveitamento da oposição, talvez mesmo dos miguelistas, como suspeitava Maria.

- O seu tio não voltou, seguramente, teríamos notícia disso, mas é provável que sejam os seus apoiantes a espicaçar as mulheres do Norte. Vamos ver o que acontece a seguir, vamos esperar.

Maria puxou a manta para cima, com um súbito calafrio. Pareciam estar sempre a voltar à estaca zero.

Costa Cabral entrou na sua sala de trabalho, e vinha zangado.

Maria esperava-o ansiosa. Ainda ontem escrevera a Vitória dizendo-lhe que estava preocupada, mas não muito, mas na realidade percebia perfeitamente que Fernando e Dietz não lhe tinham querido contar tudo.

- Não se pode fazer nada, num país em que o Exército é liderado por gente que não obedece à rainha - vociferou, sabendo que Maria reagiria com indignação a qualquer ideia de desrespeito pelo seu poder.

- Mas não os podemos obrigar a obedecer? - perguntou.

O seu ministro tinha já a resposta na ponta da língua:

- Se me autorizar, vou lá eu pessoalmente!

A rainha pôs-se de pé, entusiasmada.

- Como gostaria de poder ir também, em lugar de ter de ficar aqui sentada à espera de notícias. Nisso devo sair ao meu pai, detesto ficar quieta, e não tenho medo - o meu pai não tinha, sabe? No dia antes de abdicar, com o Rio de Janeiro em polvorosa, atravessou a cidade várias vezes, dando a cara...

Costa Cabral não lhe quis recordar que abdicara na mesma, e a rainha estava demasiado empolgada para se perder em memórias tristes.

- É claro que tem todos os poderes de que precisa e mais alguns. Mas, e homens? Encontra homens que embarquem consigo?

Costa Cabral estendeu sobre a mesa os papéis onde tinha já o plano traçado. Partiria para o Porto imediatamente, com 600 soldados que se lhe mantinham fiéis. «Fiéis à rainha», explicou. E Maria deixou-o partir com os seus poderes, «poderes extraordinários sobre todas as autoridades civis e militares», e a sua bênção por cima. Este homem sim, este homem era como José Bonifácio e o marquês de Barbacena, homens leais que estavam dispostos a dar o corpo às balas para salvar a causa dos seus soberanos, pensou quando no dia seguinte, da janela do paço, viu partir o vapor em que seguiam para o Porto.



O Illustrated London News estava cheio de razão, o que justifica a desconfiança de Maria de que o nosso embaixador em Lisboa está de facto interessado em denegrir a sua imagem internacionalmente, ou alguém por ele no governo de Sua Majestade, o que não me deixa nada sossegada.

Maria escreve-me a dizer que se trata de um movimento popular que se estende a toda a província do Minho, e que resulta do novo sistema de contribuições, que o povo vê com desconfiança, embora lhe seja vantajoso. Fala de que podem ser os miguelistas a provocar esta revolução, o que infelizmente terá um fim de verdade, porque quando a pobreza é grande há sempre um desejo de voltar ao passado, mas, como se esperava, nem uma palavra sobre Cabral, ou as acusações de corrupção e nepotismo, mas sempre o mesmo argumento, que é a oposição que os manipula para se aproveitar do barulho que fazem. O nosso embaixador escreve um relatório bastante mais esclarecido, explicando que o movimento da Maria da Fonte, como lhe chamam, foi acolhido com grande entusiasmo, sobretudo pelas mulheres. Ao que parece, até nos salões de Lisboa há quem cante «vivas» à revolução e, evidentemente, «norte» aos cabrais. Ou seja, o que pode até ter começado por um tumulto foi de facto aproveitado, e agora é uma luta contra o governo de Lisboa. Infelizmente, o Exército parece ter alinhado pela revolução, e agora a rainha deu mais poderes ainda a Costa Cabral, o que o nosso embaixador considera que será a machadada final na sua credibilidade, não fazendo mais do que dar razão aos que clamam que é o ministro que dita as regras do jogo. A pobre Maria sofre ainda o preconceito contra as mulheres. Em breve vão acusá-la de ter com ele uma relação pouco própria, incapazes de aceitar que uma mulher tenha um conselheiro privilegiado sem que isso signifique que durma com ele. Sei-o bem, porque tentaram insinuar tudo isso e muito mais, quando não tinha mais ninguém, exceto lord

Melbourne, em quem confiar. Mas também eu sofri as consequências da minha ingenuidade. Uma rainha não pode ter favoritos, por muito sozinha que se sinta. A mim, valeu-me a inteligência e a determinação de Albert. Maria fez mal em não dar mais oportunidades a Fernando...

Palácio de Buckingham, abril de 1846

Palácio das Necessidades, 18 de maio de 1846

A rainha não conseguia dormir. Costa Cabral voltara do Porto sem resultados nenhuns, e a revolução alastrara ao país todo. O Conselho de Estado de ontem deixara-lhe os nervos em franja. Queriam que demitisse Costa Cabral, diziam todos, vira-casacas e oportunistas murmurou entre dentes, que Portugal não queria nada com o ministro que durante quatro anos trouxera paz e prosperidade ao reino.

Fernando pressentira o seu nervosismo e aparecera no seu quarto, deitando-se ao seu lado e aconchegando-a junto a si. Não tivera coragem de lhe explicar que a preocupação mata o desejo, e, embora com a cabeça noutro lado, aceitara cumprir o preceito, disfarçando como podia o seu desinteresse. Chocara-a que ele não parecesse dar pela sua ausência de entusiasmo, adormecendo como se tudo estivesse bem.

E não estava. Bem é que não estava nada, e enquanto ele parecia dormir, Maria procurava uma saída, uma solução que lhe permitisse manter o governo, manter tudo como estava há pouco mais de um mês.

Fernando surpreendeu-a, ao dizer-lhe baixinho:

- Sei que é difícil, mas vai ter de o demitir.

Maria olhou-o, incrédula:

- Acorda para dizer uma coisa como essas - exclamou, e zangada, com a raiva a encontrar um bode expiatório, vociferou:

- Ouve o galo, lá fora? Aqui o galo sou eu!

A expressão de surpresa e dor de Fernando fê-la cair em si. «Estou louca? O que é que dizia? Porque é que tratava assim o pobre Fernando, sempre tão paciente e pronto a apoiá-la?» Arrependida, pegou-lhe na mão e colocou-a sobre a sua barriga de sete meses.

- Perdoa-me, perdoa? Juro-lhe pela minha saúde, e pela saúde deste nosso filho, que não queria dizer aquilo.

E, chegando-se mais perto, beijou-o na boca.

- Desculpa-me? Tem paciência para uma rainha cansada e desesperada?

Fernando retribuiu o beijo.

- Vou tendo - disse entre beijos -, vou tendo.

Costa Cabral estava no seu gabinete às oito da manhã.

Maria indicou-lhe a cadeira, com um sorriso triste, e o ministro sentou-se, tentando sorrir também.

- O meu lugar vai ser ocupado, Majestade. Bem dizíamos que haveria quem o invejasse.

Maria, sem conseguir esconder as lágrimas, acenou que não com a cabeça, e numa voz tremida garantiu:

- Essa cadeira vai ser sempre sua! Hoje mesmo vou mandá-la tirar daqui e guardá-la para quando voltar.

- Parto hoje, mas volto, senhora D. Maria, volto porque a minha vida é servir a rainha e o país.

Maria mordeu as unhas, enraivecida:

- Vou vingá-lo, porque diz bem, a rainha e o país precisam de si, e tudo isto é obra de loucos e de invejosos que só pensam na sua ambição.

Mais calma, tirou do bolso um anel e entregou-lho, um anel contra o mau-olhado, como aquele que enviara a Vitória há tantos anos. Os seus dedos tocaram os do conde, quando lho entregou, e Maria sentiu um arrepio. Respirou fundo e sorriu:

- É só uma brincadeira, pedi-o à marquesa de Aguiar, que mo enviou do Brasil - e, esforçando-se por rir, acrescentou: - Não tem valor, não se preocupe, não vão acusá-lo de corrupção por causa disso...

Costa Cabral levantou-se e beijou-lhe a mão, comovido:

- Estará sempre comigo, as vinte e quatro horas do dia.

Quando Palmela recebeu a carta da rainha, suspirou fundo. Já sabia da demissão de Costa Cabral, e do efeito que tivera no país. Acabava a Maria da Fonte, agora que o seu objetivo fora conseguido, mas os bancos estavam quase falidos. Nos últimos dias a corrida aos depósitos e a trocar as notas por metal enchia os passeios de gente em fila à espera. Sabia que as reservas estavam a menos de metade, era preciso agir depressa e suspender os pagamentos. Suspeitava, ainda por cima, que o buraco da dívida seria fundo. Vira bem como os correligionários de Costa Cabral tinham a mão leve.

Partiu o lacre e abriu o envelope lentamente e leu o que a rainha lhe dizia.

-Tenho de ir? - perguntou à mulher, que tricotava na cadeira à sua frente, sem comentar o que via.

- Se tem de ir? Se há resposta que não precisa que lhe dê é essa - respondeu enquanto desfazia um nozinho na lã que usava para fazer um casaco quentinho para a filha mais nova de Domingos, que ainda nem tinha 1 ano.

-Vou ser de novo usado! Carne para canhão. É que nem sequer me vai ouvir. E vai recusar-se a fazer a única coisa que poderia salvar tudo isto...

- Que é? - perguntou a duquesa, com ironia.

- Pôr-se à cabeça deste movimento, dizer que concorda que é preciso um governo de conciliação, que são queixas justas a que é preciso dar resposta...

Eugénia pousou as agulhas no colo e olhou-o, incrédula:

- Acha que aceitará uma coisa dessas?

- Está demasiado indecisa e nervosa para ter muita escolha. Vou propor-lhe um governo comigo, Saldanha e o Terceira, porque sem ele não conseguimos segurar a tropa, que Cabral se encarregou de comprar para os cabrais.

- Então se já tem uma ideia certa, melhor. Vá lá depressa, antes que perca completamente a vontade.

O duque levantou-se da cadeira e pôs as mãos nas costas, esfregando para assustar uma pontada:

- Já não tenho idade para isto - disse, e pôs-se a caminho da porta.

- Nem paciência! - comentou a mulher, voltando a tricotar furiosamente.

No paço, Maria queixava-se a Fernando:

- Não basta o desgosto de ver quatro anos de trabalho atirados pela janela em poucos dias, como agora ainda ter de encontrar a pachorra para aturar Palmela. Vai ver que chega aí a dizer que temos de agradar a gregos e troianos, que é preciso um daqui, um dali.

O marido zangou-se:

- Veja lá como o trata, Maria. O duque de Palmela é um homem sensato, e se aceitar o lugar, se aceitar, note bem, só o faz por amor à rainha.

- Por amor à rainha? Todos só fazem tudo por amor à rainha, e é o que se vê...

Fernando teve vontade de lhe lembrar as acusações que se faziam contra Costa Cabral, mas estava com pena da mulher. Grávida de sete meses, a braços com uma crise destas, mas com a mesma genica de sempre, só podia mesmo era admirá-la.

Deu-lhe uma festa no braço e pediu-lhe que não se enervasse.

- Já escrevi a Saldanha a pedir-lhe que regresse. Tenho a certeza que Palmela o vai querer no ministério - disse-lhe.

Maria atirou a cabeça para trás em sinal de desespero:

- Saldanha mandado regressar para salvar a Pátria. Haja quem o ature com a vaidade com que nos desembarca aí.

Fernando riu. Reconhecia que tudo parecia voltar ao mesmo.

«Mas não volta, porque não deixo. E Madrid é mesmo aqui ao lado», pensou Maria para consigo.



Só tenho tempo para tunas linhas. Costa Cabral partiu à força, mas para um e lio dourado como embaixador português em Madrid. Maria está zangada, zangadíssima, mas disfarça, e manda-me tuna mecha do seu cabelo, como lhe tinha pedido. Há uns tempos vi tuna pulseira de fica, feita com cabelo da sua trança, tão bonita, que pensei em fazer o mesmo, para lha oferecer de presente. No meio disto ri-me com tuna nota na carta de Maria que dizia que João, com 4 anos, me manda dizer que os filhos do Hamlet são cavalos soberbos. Maria acrescenta que o pequeno se considera um especialista em cavalos. Tem graça.

Castelo de Windsor, maio de 1846

Palácio das Necessidades, 31 de outubro de 1846

O tempo estava tão bom, que a rainha mandou que pusessem mesas e cadeiras no jardim, para a festa dos 8 anos de Luís. Maria embalava o seu filho recém-nascido num joelho, cantarolando uma canção brasileira.

- O que é que querem? Todas as canções de embalar que conheço foram-me cantadas ou pela Florica ou pela Rosa, por isso não sei nenhuma no português de Portugal - justificava-se perante as damas da corte, que bebiam o seu chá, enquanto as crianças corriam à volta de um comboio, «um comboio que leva gente dentro a sério», como exclamava o infante, radiante com a Lilliputianne, uma miniatura do comboio particular do rei de França, que a mandara fazer para oferecer ao afilhado.

Os filhos mais novos de Palmela corriam com os outros, mas a rainha ignorava ostensivamente a duquesa, que o rei veio salvar com a sua delicadeza e simpatia.

Maria fingia não ter olhos senão para o seu pequenino Fernando, que aos três meses parecia uma réplica do príncipe João, a pele clara, os olhos da mãe, «esbugalhados», como a própria comentava divertida, e a cabeça ainda muito careca, mas onde prometia nascer um cabelo muito louro.

- Um pobre príncipe que nem a um batizado condigno teve direito, porque aqueles homens das esquerdas que nos governam não gostam da monarquia - comentava a rainha, como se estivesse a falar com a criança, mas fazendo corar os presentes, que percebiam

perfeitamente que a rainha não resistia a embaraçar D. Eugénia. Estava zangada com Palmela, desde que o duque formara um ministério com homens politicamente distantes de Costa Cabral, que ainda por cima tinham tido o desplante de exigir que os cabrais fossem demitidos do Conselho de Estado, uma afronta a que Maria se opusera por tanto tempo quanto podia, acabando por ser obrigada a ceder.

Quando Saldanha chegou, os bigodes bem penteados, a farda impecável, e na sua voz alta de militar habituado a arregimentar os seus soldados chamou por Lipipi, a duquesa de Palmela sentiu uma náusea vinda do fundo. Enquanto o príncipe desembrulhava o presente, e exclamava de surpresa e alegria ao ver um barco dentro de uma garrafa, Eugénia, visivelmente incomodada com a conversa, despediu-se da rainha.

Maria, durante segundos, não conseguiu tirar os olhos do chão. Teve vontade de lhe pedir desculpa, de lhe dizer que isto da política tornava as pessoas mesquinhas; por momentos quis voltar a ser aquela menina de 9 anos que entrara na sala quente de South Audley, e fora acolhida por uma mãe, a mãe de Alexandre...

Mas depois não disse nada. Afinal, pensou, somos as duas vítimas do mesmo oportunista. E com esse pensamento, sentiu que todos os seus planos se justificavam, e foi de novo tomada pelo entusiasmo de os levar à prática.

Nessa noite, quando o duque chegou a casa, Eugénia beijou-lhe a testa com especial carinho.

- O que é que aconteceu, para ser recebido com esta festa? - perguntou, cansado.

- Estou ansiosa por o ter mais tempo em casa, temos todos muitas saudades suas...

Palmela nem sequer precisou de lhe perguntar como tinha corrido a festa.

Nessa noite, a rainha convidou Saldanha para o jantar de aniversário do seu segundo filho. Quando a madrasta e a meia-irmã, as tias e os primos tinham saído, Dietz, Saldanha e Maria discutiam a situação política. Saldanha, indignado, garantia que se não se fizesse alguma coisa, seria certamente fuzilado e a rainha perderia o trono. «Ninguém gosta de Palmela, que desconfiam ser um fantoche dos ingleses, e muito menos deste governo», dizia Saldanha, e Maria recordava-se, como ainda há dias lhe tinham garantido, que era Palmela que dizia mal da rainha, que a achava uma criança mimada e mal-educada, que aos 27 anos ainda não conhecia as regras de etiqueta e respeito. Como a tinham magoado essas palavras, pensava, enquanto mordida o lábio zangada, sem querer saber se eram verdade ou mentira.

Dietz, por uma vez, estava silencioso. Mas quando falou, recomendou cautela. Lembrava o golpe de Belém de há uns anos, tinha medo dos arroubos do marechal, sempre tão seguro de si.

Maria riu-se:

- Agora vem-me com medos? Ó Saldanha, deixe-o lá, e mande-o para um convento de freiras. Prefiro mil vezes sair para as barricadas e perder a coroa a lutar do que continuar a ser insultada desta maneira todos os dias.

No bolso do vestido tinha a carta que recebera de Costa Cabral, garantindo-lhe que a tropa de Lisboa estaria do seu lado, e prometendo regressar mal o voltasse a chamar.



Palinela foi substituído por Saldanha, e dias depois convidado pela rainha a sair de Portugal, enviado para um terceiro exílio, pobre homem, depois de um golpe palaciano que não posso aceitar, que nenhum monarca constitucional deve aceitar. As eleições estavam marcadas para breve, e Maria decidiu agir antecipadamente, com medo dos resultados.

É verdade que há meses que Albert me dizia que Palmela estava condenado, desde que para evitar a falência da nação passou um decreto a proibir o Banco de Lisboa de trocar notas e foi obrigado a revogar o imposto das estradas que financiava a Companhia das Obras Públicas, que logo fechou. Albert garante que a dívida pública é enorme, e, como diz, não há melhor forma de levar os ricos a solidarizarem-se com os pobres do que indo-lhes ao bolso.

O pior de tudo isto, se pior é possível, é que por muito que Saldanha fizesse promessas de acabar com impostos e de não se associar aos ministros que a revolução da Maria da Fonte demitiu, o inevitável aconteceu: os indignados com esta maneira de fazer as coisas formaram a Junta Provisória do Supremo Governo do Reino, e declararam guerra ao governo de Lisboa. A ideia pegou de estaca, e neste momento há juntas iguais por todo o país. Ou seja, de novo a guerra civil!

A rainha de Portugal apressou-se a escrever-me, para me garantir que o que estava em causa era salvar o trono e a dinastia, e que preferia morrer em combate. Tem uma veia operática, que só pode ter herdado do pai. Como sabe que a sua atitude em relação a Palmela me iria chocar de sobremaneira, até porque me lembro de como defendeu a sua causa e tomou conta dela aqui em Londres, diz-me que não tem dúvidas nenhunas de que é um traidor, conivente com os revoltosos. Há momentos em que me pergunto se teria sido tudo diferente se Alexandre Palmela não tivesse morrido. Não me parece que Maria já se pergunte a si mesma nada, desgastada por políticos egoístas, por tanto insulto, tanta demagogia e loucura, gente que parece amar muito pouco a sua Pátria. Seria

igual aqui, se não houvesse um passado constitucional mais longo, porque a natureza humana, essa, deve ser universal. Quanto a Saldanha, foi feito duque, juntou os seus homens e partiu para o combate, tendo a inteligência de fazer com que a rainha nomeasse Fernando comandante-chefe do Exército. Realiza o sonho da rainha, e simultaneamente defende-se, colocando nos ombros do rei a responsabilidade última. Mas fez mais, já pediu ao nosso embaixador que trate de lhe enviar soldados britânicos...

Castelo de Windsor, 25 de outubro de 1846

Palácio das Necessidades, 26 de janeiro de 1847

Marfa estava satisfeita com os progressos de Saldanha. Depois de uma primeira vitória contra as tropas da junta, e que resultara na prisão de muitos dos cabecilhas, que planeava mandar para o degredo em África, como merece quem se revolta contra a rainha, continuara para norte com as suas tropas, e estava acampado próximo do Porto. Quanto à junta, cada dia se tornava mais evidente que era composta por muitos miguelistas, e a chegada secreta a Portugal do braço-direito de D. Miguel, o general MacDonnel, só confirmava a suspeita de que tudo isto não passava de mais um golpe do usurpador. Aliado com os das esquerdas, que afinal eram todos da mesma massa, como dizia a Dietz, tão inflamado como ela pelo sucesso da contraofensiva.

A prima Vitória e os ingleses continuavam a protestar contra a violência de novo à solta, e insistia em enviar-lhe dois conselheiros: um tal coronel Wylde, um militar que Albert gabava como sendo um extraordinário diplomata e um homem de bem, fundamental para negociar um fim para a guerra civil; e o primo Alex, conde de Mensdorff, que, na sua opinião, basicamente vinha intrigar contra Dietz. E o que mais a irritava é que Vitória não fizera caso dos seus protestos. Voltou a pegar na carta que a rainha inglesa lhe escrevera, perdida num dos bolsos do vestido largo a que a gravidez, e os quilos acumulados, obrigava, e releu-a, furiosa. Fernando merecia ouvi-la! Talvez fosse cruel revelar-lhe o que a rainha de Inglaterra pensava dele, mas, por outro lado, esperava que o picasse a reagir a tanta intromissão. Até o preceptor dos filhos se sentiam no direito de demitir! Procurou o rei e encontrou-o

fechado no escritório que remodelara recentemente, as estantes cheias de livro a chegar ao teto, e implorou-lhe:

- Faça-me um favor e oiça o desplante de Vitória. - Não lhe dando sequer tempo de responder, tratou de ler:

«Quanto ao que dizes da falta de confiança da família no Fernando, és injusta com todos, porque conhecemos bem de mais as suas qualidades para não lhe fazer justiça. Espalha-se, de facto, a ideia de que é fraco, com grande pena da família. Mas essa opinião não é o resultado de uma visita do primo Alex, mas do facto de Fernando ter debutado no mundo sob a tutela do seu antigo preceptor e mesmo agora, onze anos depois, se acreditar que ainda está submetido à sua tutela. Se queres realmente que o Fernando seja reconhecido pelo mérito que a tantos títulos tem, faz com que Dietz parta e que Fernando se mostre independente. »

Ofegante, e corada, continuou perante um Fernando pálido e indecifrável:

«A opinião pública portuguesa, tão ciumenta de estrangeiros, que constantemente dizes que devo respeitar, aprovará de sobremaneira uma resolução como esta.»

Fernando levantou-se:

- Peço desculpa, mas tenho de ir acabar os planos da Pena. Estou na fase da atribuição dos quartos, e o arquiteto passa cá daqui a pouco para os recolher.

A rainha pousou a carta no colo, subitamente aflita.

- Os nossos ficam ao lado um do outro, espero? - perguntou numa voz meiga.

- Não, por acaso não ficam. Estava a pensar em ficar cá em baixo, ligando os meus aposentos ao atelier, e dar-lhe os melhores lá em

cima, com vista para o mar, e as crianças próximas, como gosta.

Maria sentiu-se gelar, e antes que tivesse tempo de pensar no que fazia:

- Não quero que seja assim, meu querido. Quero-o perto de mim.

Fernando saiu, sem lhe dar resposta.

Maria zangou-se. Será que o marido não percebia que fazia tudo isto para o defender? Para defender os filhos, que corriam o risco de perder o melhor dos professores?

Nessa noite, foi ela que o procurou na cama, e o amou até de madrugada.

«Em tempo de guerra não se limpam as armas», pensou. Faria tudo para manter a harmonia em casa... menos ceder Dietz. Ou Costa Cabral, claro está. Não lhe parecia pedir de mais. Afinal, não era ela a rainha?

Na manhã seguinte a sua determinação cresceu, quando Dietz deixou cair sobre a mesa do almoço uma longa carta que o príncipe Albert lhe dirigira. Irónica, trocista, pedia-lhe que desse a prova suprema de que amava de facto a família real portuguesa, ou seja, que partisse. A mesma chantagem que usavam com ela, comentou, enfurecido.

Maria pousou a carta, encarnada como um pimento:

-Albert não sabe do que fala. Fernando mal preparado? Fernando sufocado? Impedido de ter amigos portugueses? Isto não tem limites. Fernando está em Portugal há mais de uma década, é um rei amado pelos portugueses, e agora o primo Albert, príncipe consorte há tão pouco tempo, acha que lhe pode dar lições? E atribuir-lhe as culpas a si, Dietz? Não ligue! É que nem responde...

Dietz escondia a cara nas mãos, magoado, e a rainha afligia-se só de o ver assim:

- Não vai agora deixar-se acabrunhar pelos disparates que esses embaixadores inventam, pois não? Já não me basta a falta que Costa Cabral me faz, e agora também ficava sem o homem que melhor e mais de perto me aconselha?

O professor não levantava a cabeça, murmurando:

- Se os ingleses pensam que é melhor partir, se o príncipe Albert e a rainha Vitória me exigem que o faça, como é que posso dizer que não? Majestade, já pensou que precisa da ajuda deles para tudo?

Maria olhou-o, indignada:

- Não exagere. Saldanha vai ganhar esta guerra, e se está a falar no barco que me há de levar se me quiserem fora daqui, esqueça, porque não vou partir assim. O trabalho que me deu para cá chegar - disse já com um sorriso. - Mas tem razão, não vale a pena antagonizar os nossos primos. Protelamos, encontramos pretextos para que não parta. Pela minha parte vou escrever a Vitória, a explicar-lhe que se o Dietz se for embora, depois da campanha que os jornais há um ano fazem contra si, será considerado um sinal de fraqueza da minha parte, e os rebeldes sentir-se-ão apoiados, o que não pode ser.

Fernando entrou naquele momento, e viu a carta em cima da mesa, com a caligrafia de Albert. Olhou para uma e para o outro, para a mulher e para o seu tutor, e percebeu tudo.

Como sempre, ninguém lhe pediu opinião. Levantando-se, Maria entregou a carta ao professor:

- Guarde lá isso, ou queime-a, que talvez ainda seja o melhor. Daqui não sai. É uma ordem da rainha.

Virando-se para Fernando, num tom mais doce, disse-lhe:

- Mais disparates do senhor embaixador de Inglaterra, Fernando. Daqui para a frente ou mudam o homem, ou não entra nas nossas salas. Era o que faltava, dar guarida a gente desta laia.



Recebi mais tuna daquelas «cartas à Maria», como já Lhes chamo. Diz-me que está contente por ver que finalmente cheguei à conclusão de que o embaixador em Lisboa é pouco imparcial. De facto, os relatos que faz do estado da nação portuguesa, e dos comportamento e das ideias da rainha, parecem-me bastante tendenciosos. Decididamente, a família real não o seduz, nem concorda com a forma como faz política.

Maria pergunta, com alguma razão, porque é que a Inglaterra deseja que trate os rebeldes como se fossem seus amigos, quando foram eles que se revoltaram contra a rainha. Não parece compreender, no entanto, que para evitar mais anos de guerra civil sangrenta e que dá cabo do que resta das finanças do país, onde a população em lugar de trabalhar pelo progresso gasta o tempo em bandos armados, é preciso ceder, ou pelo menos não seguir tuna estratégia de vingança aberta. Fechada no palácio, Maria provavelmente julga que o país está com ela, mas os nossos emissários garantem-nos que não está, e que este movimento contra os cabrais é praticamente unânime.

Eu e Albert demos unia gargalhada quando lemos o parágrafo em que pergunta, afinal, o que é que a Inglaterra tem a ver com o que por lá se passa! Teria toda a razão se a carta que amanhã há de chegar, como a que chegou ontem, não fosse a pedir o nosso auxílio.

Felizmente, tem tini feitiço delicioso, porque depois de me insultar, porque não há outra forma de chamar àquilo que me diz, agradece-me os presentes que mandei às crianças, e conta-me que Maria Ana é muito parecida com ela, e a Antónia igual ao pai. Infelizmente, recebo notícia de que Maria se cansa muitíssimo e que se queixa do coração, mas a mim nunca me diz nada, talvez porque não queira que a tome por frágil, ou tenha pena dela. O tio Leopoldo diz que a gordura raramente é sinal de saúde, e de facto Maria parece ter engordado muitíssimo. Mas quem não engorda com tantas gravidezes? Os homens querem as mulheres elegantes, mas não pensam no mal que o seu desejo lhes faz, e nem sequer dão valor àquilo por que elas passam para gerar os seus filhos. Fico me por aqui porque senão lá recomeço a queixar-me do mesmo.

Palácio de Buckingham, 29 de janeiro de 1847

Palácio das Necessidades, 30 de janeiro de 1847

O criado anunciou a chegada do coronel Wylde. Teria de o receber, de o conquistar e de o levar a perceber o seu ponto de vista, pensou Maria, mas não havia razão nenhuma para não o fazer esperar! Que apreciasse os murais da sala dos embaixadores, e se entretivesse com os bibelots espalhados pela mesa, porque não lhe ia dar a ilusão de que o aguardava, sem nada mais de importante para fazer.

Fernando insistiria em estar presente, estava certa disso, como tinha a certeza absoluta de que o coronel o tentaria apanhar sozinho, tentavam todos, porque Fernando era mais delicado do que ela, gostava de os ouvir e de dar opiniões, era dono de um espírito conciliador, mas que decididamente não era aquele que convinha ao momento.

Bastavam as cartas de Albert, armado em primo mais velho, a dar palpites.

Chegou-se mais perto da lareira que ardia, para aquecer as mãos. Chovia copiosamente, e deixou-se embalar pelo barulho das gotas contra a vidraça. Os soldados de Saldanha a esta hora estariam ensopados até aos ossos e as estradas atoladas de lama a tornar mais difícil as suas incursões. Suspirou, impaciente. Bem dizia Costa Cabral que o povo raramente sabia o que lhe convinha, e esta revolta era prova disso. Quem é que ganhava com tudo isto, para além dos miguelistas e dos radicais, que queriam mais poder, porque o poder lhes permitia encher os bolsos?

O relógio deu as onze horas, e Maria pediu ao criado que chamasse o senhor coronel, abrindo a porta para a sala onde recebia os políticos. A boca abriu-se de espanto quando o viu entrar já em companhia do rei, em amena conversa. Como é que Fernando se lhe antecipara? Quanto tempo já teriam conversado?

Wylde percebeu o incómodo da rainha, e apressou-se a beijar-lhe a mão, dizendo-se portador dos cumprimentos de Albert e Vitória, de quem trazia cartas.

A rainha sentou-se, e pediu-lhe que o fizesse também:

- Não sou de perder tempo, senhor coronel. Em primeiro lugar, ainda bem que cá está, e vamos ver se faz melhor serviço do que o senhor embaixador, que me desagrada extraordinariamente.

Fernando fazia menção de a corrigir, mas Maria não lhe deu oportunidade:

- É preciso que relate as coisas tais como elas são, e não como as lê nos jornais, ou as ouve em casa deste e daquele senhor, que certamente ou já o convidaram, ou se preparam para o convidar para suas casas.

Wylde mantinha-se respeitosamente atento, dando ar de quem tomava nota de tudo o que a rainha lhe dizia. Finalmente, tentou expressar a sua preocupação com o destino que a rainha pretendia dar aos rebeldes presos, deportando-os para África em condições desumanas.

- Ó senhor coronel, acha que tenho cara de ser uma mulher cruel? Que crueldades é que os portugueses praticam, comparadas com as atrocidades que os ingleses fazem pelo Império? Mas não quer certamente que mande para o campo, ou apanhar flores, homens que querem atentar contra a vida da rainha, pois não?

Fernando olhava para Wylde, preocupado com a impressão que a franqueza da mulher lhe provocaria, mas o militar parecia sereno.

- Compreendo perfeitamente, Vossa Majestade, mas houve um acordo, e esta quebra de um contrato choca a opinião pública do meu país, e torna mais difícil conseguir apoios para Portugal.

Maria olhou-o, os seus olhos azuis frios:

-Se tem alguma queixa a fazer contra os tribunais portugueses, sugiro que a faça aos tribunais.

Wylde não se atreveu a falar de Dietz, o outro ponto da sua agenda. Ficaria para outro dia, afinal este primeiro já não começava nada bem.

Maria também achou que era melhor dar o encontro por terminado. Sabia bem qual era o segundo ponto da agenda!

O rei apertou a mão ao coronel, agradecendo-lhe efusivamente a ajuda, e prometendo encontrar-se com ele em breve, para discutirem em mais detalhe o estado da Nação.

Maria ficou no seu lugar, matutando em como conseguiria impedir o encontro. Haveria de encontrar maneira.



Relato do dia: Wylde escreveu e diz que a rainha de Portugal não o deixou nem cinco minutos sozinho com Fernando, nem no primeiro encontro, nem nos que aconteceram desde aí. Entendi nas entrelinhas que a considera tuna mulher teimosa e difícil, mas de tuna candura irresistível. Quanto a Dietz, conta-nos que nem a carta de Albert o demoveu, pobre do meu querido Albert, que tem perdido

tanto do seu precioso tempo a procurar a melhor forma de ajudar os primos.

Mas Wwlde admite que Maria tem razão em muitas das queixas que faz, e uma delas é o ódio ao nosso embaixador. Realmente, os seus últimos relatórios sobre a situação em Lisboa revelam que o homem está escandalosamente a favor da Junta do Porto e das reivindicações que fazem. Albert até comentou que mais parece um demagogo português do que um diplomata. Provavelmente contagia-se.

Seja como for, a verdade é que os seus pontos de vista fazem fé por aqui: o governo britânico, e a opinião pública, colocam Cabral, Dietz e a rainha no mesmo saco, ou seja, como absolutistas. Quanto às decisões de Maria e Saldanha, são descritas como caricatas. Faço o que posso, e ainda hoje escrevi um memorando ao primeiro-ministro a desmentir tudo isto, recordando-lhe a necessidade de apoiar os reis portugueses. Disse-lhe, e cito, que «Inglaterra não permitirá que o trono da rainha ou a sua dinastia sejam depostos e por isso se opõe a qualquer tentativa feita nesse sentido pelos insurgentes».

Tenho andado tão preocupada com essa possibilidade, que voltaram as dores de cabeça. Hoje vou à ópera com Albert, e espero desanuviar o espírito.

Palácio de Buckingham, 13 de janeiro de 1847

Palácio das Necessidades, 9 de fevereiro de 1847

Lurдинhas, quando veio abrir as cortinas, disse-lhe que Tonica não passara bem a noite. Maria, agitada, protestou:

- Estão todos desvairados? A minha filha de 2 anos está doente, e ninguém me vem avisar? Chama as criadas para me vestirem, que casa esta...

- Senhora D. Maria, não se aflija, o Dr. Kessler já lá foi e disse que é só uma erupção de pele...

- Mandam chamar o médico aos seus aposentos, sem chamar primeiro a mãe? Uma erupção de pele pode ser varíola, rubéola, tanta coisa...

Quando, pouco depois, entrou no quarto das crianças, Maria Ana correu para ela, feliz, e Maria deu-lhe um beijo na testa, puxando-lhe o cabelo loiro para trás da orelha:

- Ai, meu Deus, que está cada vez mais parecida com a mãe - exclamou, a rir. - Até nesse cabelo fino e despenteado! Vá pedir à ama que lhe faça tranças, vai, filha?

No berço de grades, que fora dos irmãos, sorria-lhe Amónia, a cara coberta de pintas encarnadas.

Maria retirou-a do berço e apertou-a contra si, chegando os lábios à testa:

- Está sem febre, graças a Deus! Mas que isto nunca mais volte a acontecer. Quando um filho meu estiver doente, não há cá chamar médicos antes de falarem comigo, ouviram?

A ama apressou-se a justificar-se:

- O senhor D. Fernando esteve cá de manhã cedo e voltou pouco depois com o senhor Dr. Kessler, e pediu-nos que não incomodássemos Vossa Majestade, que precisava de descansar.

Maria encolheu os ombros:

- Descansar? Alguma mãe está cansada, quando o assunto é um filho doente! Mas diga lá então, o que disse o médico?

- Que não é doença grave, mas deve ficar no quarto, longe do sol e do ar fresco. Não é contagiosa - acrescentou, aflita, temendo que a rainha se enfurecesse por o pequenino Fernando estar no berço ao lado.

Sentando-se com a filha ao colo, olhou em seu redor, satisfeita. Eram lindos os seus filhos, ao menos por isso podia dar graças a Deus.

-Quero que o Fernandinho e a Maria Ana mudem de quarto, diga lá o que disser o médico, pelo menos até as pintas desaparecerem - ordenou. - Aliás, levo agora comigo a Maria, porque lhe quero experimentar um vestido que a prima Vitória mandou. O de Tonica fica para mais tarde, que à criança apetece-lhe tudo menos andar a mudar de roupa com a pele assim - disse, entregando a mais pequenina das suas filhas à ama e dando a mão a uma Maria Ana feliz pelo privilégio de poder subir ao primeiro piso com a mãe, ao «andar dos grandes», como diziam uns aos outros no quarto de brinquedos.

Saiu do quarto com a filha pela mão, enquanto lhe contava:

- Sabe, Maria, quando tinha a sua idade era a irmã da minha mãe, a tia Maria Luísa, que nos mandava para o Brasil vestidos e livros. Mas ficava muitas vezes triste, porque, como era grande para a idade, nunca nada me cabia...

- Mãe, conte-me histórias do Brasil - pediu a criança, e a rainha, deliciada, regressava de novo à sua infância, ao colo da mãe, às brincadeiras com as manas, aos morangos que cresciam no jardim e eram devorados antes de chegarem à cozinha.

O criado anunciou a chegada de um mensageiro. Maria e Fernando entreolharam-se, preocupados.

- Mande-o entrar - ordenou Fernando, levantando-se de um salto.

O homem, ensopado e enlameado, entregou à rainha uma carta com a letra de Saldanha. Maria depositou-a nas mãos de Fernando:

- Leia, por favor - disse-lhe, deixando-se cair numa cadeira. Não suportaria mais más notícias, queria uma vitória certa, os inimigos derrotados, queria Costa Cabral de novo em Portugal, paz e sossego de uma vez por todas. Queria atirar à cara dos ingleses uma vitória retumbante, queria não depender nem de espanhóis, nem de franceses. Estava cansada de ser humilhada e insultada.

O rosto de Fernando iluminou-se:

- São boas notícias. Saldanha garante estar cada vez mais firme e dá conta da morte de um dos líderes miguelistas que mais nos preocupavam.

Maria arrancou-lhe o bilhete da mão e leu-o sofregamente.

-Não dissemos que havia miguelistas metidos nisto? Ninguém queria acreditar, os franceses e os ingleses convencidos de que o inventávamos para conseguir que intervissem nesta guerra, em nossa defesa, e agora está aqui a prova...

Fernando coçou a barba loira, onde aos 30 anos já se viam alguns pelos brancos:

- Podemos invocar a Quádrupla Aliança, Espanha, França e Inglaterra terão de nos prestar apoio militar, caso se prove que o trono de Portugal está sob ameaça miguelista - pensou alto. - Mas há mais a entender nesta revolta do que apenas uma insurreição miguelista. Muitas das queixas feitas parecem-me justas,

A rainha resistiu a protestar. Se Fernando concordava com ela num assunto tão importante, se escreveria a Albert defendendo a intervenção inglesa, o auxílio do Exército inglês, então não valia a pena discutir detalhes. Conciliadora, respondeu:

-Terão alguma razão, nalgumas coisas, mas nada que justifique o comportamento que tomaram, nem a revolta contra a rainha, por isso, meu querido marido, já há muito que perderam a razão que eventualmente lhes assistia. Mas em bom tempo se verá... agora o importante é que Saldanha dê o golpe de misericórdia...

Nessa tarde escreveu a Vitória, com uma alegria que há muito não sentia. Em lugar das curtas linhas que ultimamente eram hábito, por não querer admitir derrotas, nem provocar conflitos, alongou-se na descrição das batalhas de Saldanha, e juntou-lhe as histórias dos filhos, dos cães e da horta do paço. De repente, sentia vontade de voltar a falar de tudo...

Até de Dietz. Estava certa que Vitória, percebendo como enganado estava o seu governo a respeito dos miguelistas envolvidos, e de como a revolta afinal era, como sempre dissera, uma tentativa de colocar Miguel no poder, aceitaria que os mesmos informadores também se podiam ter enganado a respeito de Dietz.

Roendo o canto da pena, interrompeu a leitura de Fernando:

- Oiça, querido, veja lá se não lhe soa bem o que escrevi à prima Vitória. - E leu alto: «Quanto a tudo o que me dizes sobre o Dietz, só tenho uma resposta a dar-te, e é que estando, como estás, sempre mal informada quanto aos nossos assuntos, não me espanta nada que tu o estejas quanto a um indivíduo.»

Satisfeita, continuou a escrever, sem reparar que Fernando se limitara a fazer um esgar. Sinceramente, estava cansado de tudo isto.

Minutos depois voltou a chamá-lo:

-Também aproveitei para dizer que não queremos cá, de novo, o seu primo Alexandre, que nos é mandado com o único objetivo de massacrar o pobre Dietz. Disse-lhe que não quero que venha! Além do mais é todo bonitinho, com o seu bigodinho sedutor, e põe aqui as damas de cabeça às avessas. Para não falar nas saídas que faz todas as noites. Dizem-me que frequenta locais duvidosos...

Fernando deu uma gargalhada. Ah, então era isso, ciúmes, como sempre! Bem suspeitara que os provocaria quando, por várias vezes, decidira mostrar os encantos de Lisboa ao primo alemão.

-O monstro verde, minha querida? - perguntou, levantando-se e beijando-a descaradamente na boca.

Maria deixou-se levar pelo beijo, que retribuiu com paixão. Que sorte tinha em ser amada por um homem tão bom e paciente.

Penteou os cabelos revoltos pelo abraço, e pegando-lhe na mão chegou-a aos seus lábios, murmurando:

- Como não me há de indignar que o queiram diminuir? Que os seus primos sintam a necessidade de mandar um conselheiro, como se o rei de Portugal precisasse de conselhos?

Beijou-o de novo, para que não tivesse hipótese de lhe responder. Mas sim, não o podia confessar, mas temia a influência do primo no seu Fernando, que queria só para si.



Conseguimos fazer a surpresa que queríamos à rainha de Portugal, mandando-lhe um novo embaixador, um homem da nossa confiança. Sir Hamilton Sevmiour é um diplomata sério, e pessoalmente acho-o educado e de modos encantadores, que sei que vão encantar Maria. Acredito que vai ser capaz de a levar a chegar a um acordo, sem sentir que perde a face. Espero que ele, Wvilde e Alex ajudem os reis a tomarem decisões mais sensatas, porque sinceramente Saldanha é tão cego pela vaidade que a história só pode acabar mal se lhe forem entregues os destinos do país.

Na última carta que recebi de Maria, a própria rainha pareceu-me menos entusiasmada com os sucessos do marechal, embora vá dizendo que agora avança para o Porto e que tem esperança de me anunciar o fim desta luta.

Albert comentou hoje, e com razão, que temos de nos distanciar um pouco mais da situação portuguesa, porque afinal temos mil outros casos prementes para resolver, e, entre os nossos compromissos sociais e os meus encontros de Estado diários, pouco tempo sobra para as crianças. Vicky está linda e é muito inteligente e rápida, mas Bertie, apesar dos seus 6 anos, tem dificuldades em aprender e é não só mais lento do que a irmã mais velha, como também de Alice, que aos 4 anos já fala bem francês. Temos de ser mais exigentes com ele, porque afinal é o herdeiro da coroa britânica, um lugar que sei, à minha própria custa, ser o mais difícil da Terra, só facilitado por um marido tão extraordinário. Mande colocar uma secretária para Albert frente à minha para trabalharmos juntos, depois de mais uma discussão em que se queixou de que

não o deixo fazer nada. Espero que as inseguranças lhe passem com este gesto.

Volto ao meu diário para assinalar a receção de unia carta do rei de Portugal, sempre tão querido. Agradece o meu interesse pela situação em Portugal, e confessa que Saldanha os tem impacientado com as suas decisões erráticas, tomadas sem consultar ninguém. Insiste que não nos podemos esquecer que são os últimos interessados na guerra civil, e lembra que se não acaba, a culpa não é deles, mas da obstinação dos insurgentes. Coitado, fiquei triste porque termina a dizer que estão bem de saúde, mas que a vida que levam «não é nem divertida, nem feliz». Pobre primo, o seu tom é tão diferente do da rainha, que mantém a ideia de que está tudo no melhor dos mundos, e que mais feliz não pode ser. Penso muitas vezes se o tio Leopoldo fez bem em promover este casamento, enviando Fernando para uni país tão ingrato.

Palácio de Buckingham, 15 de fevereiro de 1847

Palácio das Necessidades, 10 de março de 1847

Lurdes trouxe-lhe a correr uma bacia, para que vomitasse. Passara a manhã cheia de náuseas, mas ameaçava mandar a criada de volta para a terra, se a pobre se atrevesse a contar a alguém que não estava bem.

Estava de novo grávida, mas sentia que não era a altura de revelar a sua oitava gravidez, neste momento difícil, em que a toda a hora se esperavam notícias de Saldanha e dos confrontos pelo país. Só lhe faltava que os médicos andassem atrás de si a recomendar-lhe repouso, menos comida, o costume.

Estava prestes a fazer 28 anos, sabia-se gorda de mais, estava à vista que herdara a tendência da mãe, e mentiria a si mesma se não reconhecesse que as faltas de ar eram cada vez mais frequentes, mas tudo havia de passar. Quando tivesse mais tempo daria os passeios a pé que lhe recomendavam, e reduziria a ementa dos jantares no paço de nove para cinco pratos por refeição....

Limpou a cara a uma toalha molhada que Lurdinhas lhe passava, e deitou-se para trás nas almofadas, pensativa. Havia outro motivo para não confessar que dentro de si crescia uma nova vida: os comentários das damas da corte, os olhares de soslaio no São Carlos, os sussurros que se silenciavam quando a viam chegar, como se não entendessem porque é que continuava a dormir com o marido, quando já tinha seis filhos saudáveis, quatro deles rapazes ainda por cima.

Lembrava-se de ter perguntado a Fernando, na última vez que se tinham amado:

- Será que não têm prazer quando estão com os maridos? - Fernando afagara-lhe o cabelo loiro e sedoso espalhado pela almofada, respondera que talvez não, talvez os maridos lhes roubassem o seu próprio prazer esquecendo o delas, ou talvez a culpa fosse dos padres que pregavam que gozar era pecar, que «aquilo» só se fazia para procriar.

Recordava também, entre vômitos, como Fernando lhe dissera que estava disposto à abstinência, se os médicos confirmassem que mais uma gravidez seria perigosa. Comovera-se ao ouvi-lo dizer que não podiam arriscar, que a sua vida era demasiado importante para ele, para as crianças, para o país, e por esta ordem.

Não lhe dera ouvidos, mas agora, quando estava certa de esperar um novo filho, secretamente angustiava-se: e se morresse de parto, como a mãe? O número oito enchia-a de receio e superstição, seria agora, seria desta vez? O que seria da sua trupe?

Lá de fora chegavam-lhe as vozes dos três filhos, que montavam no picadeiro, e discutiam como de costume.

- Lurdes, ajuda-me a vestir-me, porque quero ir ver os meus filhos.

Antes de a ajudar a levantar-se, a criada estendeu-lhe um gomo de laranja, a única coisa que suportava comer nestas manhãs de enjojo.

Maria pô-lo na boca, e riu, divertida:

- Olha, Lurdes, se não vomitasse nestes primeiros dias, imagina a baleia que não seria daqui a uns tantos?!

Quando desceu as escadas para o pátio, quase chocou com Luís e João que fugiam da chuva que os apanhara no picadeiro, neste inverno amaldiçoado, em que nem a chuva poupava o país. As duas crianças fizeram menção de a beijar, mas Maria afastou-as, entre gargalhadas:

- Os meninos livrem-se de falar à vossa mãe antes de mudarem de roupa e estarem sequinhos.

Pondo a mão na samarra de Luís, exclamou:

- Luís! Estiveram a brincar à chuva, está bom de ver. Aos 8 anos, já tinha idade para ter juízo, não acha? Onde é que está o vosso criado?

Luís olhou para João, alto para os seus 5 anos, e respondeu, quase insolente:

- Ó mãezinha, juízo é para o mano Pedro, que aos primeiros pingos aproveitou logo para vir embora. Nós gostamos de imaginar que estamos na mata, com a avó Leopoldina, à procura de animais raros.

Maria sentiu o coração apertar-se com as memórias das chuvas torrenciais do seu Rio de Janeiro, mas manteve o sobrolho franzido, e empurrou-os em direção à porta dos seus aposentos:

- Não seja tonto e vá mas é mudar de roupa antes que fique doente.

Os dois rapazes correram para a porta, que um criado já abria, mas, subitamente, João estacou como se um pensamento lhe tivesse ocorrido, e inesperadamente voltou para trás. Desobedecendo-lhe, abraçou-a com força.

- Mãezinha, não se preocupe com nada, porque estou aqui para tomar conta de si!

Maria passou-lhe os braços em redor do pescoço, pouco se preocupando com o vestido que se molhava, os olhos cheios de lágrimas. João era especial, sempre tão intuitivo, tão sensível. Como percebera que estava a sentir-se frágil, nervosa? A rainha de Portugal orgulhava-se de ser capaz de esconder os seus medos, os seus amores e os seus ódios. Mas não de João, não era possível:

- João, vá mudar essa roupa antes que se constipe, menino - disse-lhe, numa voz que não admitia lamechice, a única que era capaz de usar quando se sentia comovida. Ficou a vê-lo correr, tão crescido nas suas novas botas de montar de carneira.

- Botas, sapatos, tantos sapatos, estas crianças arruínam um orçamento. Olha, pelo menos o sapateiro que serve o paço vai ficar contente por saber que vem aí mais um a caminho - disse a si mesma. E subitamente a boa disposição voltou.

A boa disposição voltou, mas não durante muito tempo. Nessa tarde recebeu uma mensagem de Saldanha a ameaçar demitir-se, se não lhe fosse enviado mais dinheiro, se a rainha aceitasse qualquer tipo de acordo com os rebeldes, se os soldados ingleses não viessem em seu auxílio. Demitir-se? Agora que tanto precisava dele, agora que lhe dera o seu aval público, chamando-lhe o salvador da Nação. Fernando ficara tão zangado, como nunca o vira. «Faz chantagem com a rainha! Fala aos reis como se fossem seus criados!», berrara. Quando chegara a vez de Dietz ler a carta, o alemão abanara a cabeça, lamentando mais uma vez o dia em que Costa Cabral fora exilado para Madrid.

Quando todos saíram da sua sala, Maria deixou-se cair sobre uma cadeira, uma mão sobre o ventre, a outra segurando a carta do marechal. Como ia explicar a Vitória este volte-face, como explicaria aos embaixadores, ao primo Alex, que o homem a quem dera todo o seu apoio agora exigia que a rainha vendesse as joias para pagar as suas incursões, que as senhoras da corte se desfizessem de tudo o

que tinham de valor para pagar aos soldados? Fechou os olhos e respirou fundo. Precisava de pensar.



Albert recebeu hoje uma carta de Wylde, que se encontrou finalmente a sós com o rei. Fernando estava tão furioso que falou abertamente, dizendo-lhe que tanto ele como a rainha se sentiam indignados com a conduta de Saldanha, mas que a rainha não tinha quem o substituísse, estando à sua mercê. Confessou a Wylde que estavam a pensar em pedir ajuda a Espanha. O pobre coronel tentou dissuadi-lo de tamanha loucura, dizendo-lhe que se o fizessem perderiam a causa da rainha, tanto aos olhos dos portugueses, como dos britânicos. Disse-lhe também que, por ele, concordava com a nossa sugestão de que fosse oferecida aos rebeldes uma amnistia geral, mas que Maria não aceitava tal solução, por nada deste mundo. Wylde acredita que a rainha vai ceder às exigências de Saldanha porque não quer dar o braço a torcer. Suspeita que escreveu a Costa Cabral, hábito que mantém, e só agirá com conselho dele, mas Costa Cabral não tem interesse nenhum em conciliações, quer voltar para um país desfeito, como o salvador nacional. Para agravar tudo isto, Dietz continua a dizer a quem o quiser ouvir que vive num país de imbecis, e que a única solução para Portugal é a importação de políticos e militares com cabeça, ainda por cima atrevendo-se a falar sempre no plural, como se a palavra dele e a dos reis fosse a mesma. Não se entende como pode ser tão inconsciente, acicatando a intriga e alimentando a ideia que os príncipes são educados por um professor faccioso e, sinceramente, pouco inteligente.

Castelo de Windsor, 15 de março de 1847

III

Palácio das Necessidades, 26 de março de 1847

-Digo-lhe uma coisa, se o senhor conde Alexandre Mensdorff entra por essa porta, eu saio pela outra - ameaçou Maria, a um Fernando contristado.

Pedro, que chegava à sala da mãe, deixou-se ficar por detrás do reposteiro de veludo pesado, imóvel. Lá estavam os pais a discutir de novo. Sabia que a prima Vitória enviava o primo Alex, com o objetivo de despachar o seu professor adorado. Fechou os punhos com força, e sentiu o sangue subir-lhe ao rosto. Porque é que toda esta gente se metia nas suas vidas? Porque é que queriam decidir quem é que o ensinava ou deixava de ensinar, essa gente que não era nem seu pai, nem sua mãe, e nem sequer portuguesa? E porque é que Saldanha não cumpria o seu dever e dava cabo desses rebeldes que se atreviam a dizer o que diziam da sua mãe?

Aos 9 anos, 9 anos tão precoces que não havia professor nenhum que não se deslumbrasse com a rapidez com que aprendia e com a maturidade das suas análises políticas, sentia-se às vezes mais competente do que a mãe, mais competente até do que o pai, para governar o país.

Mas agora aqui, atrás de uma cortina escondido, os olhos enchiam-se de lágrimas, pobre mãe, pobre pai, se ao menos pudesse fazer alguma coisa para os ajudar. Teve vontade de se desvendar e protestar que era o príncipe herdeiro, e que o príncipe deveria ter alguma coisa a dizer na escolha de quem o ensina. Mas não se atrevia.

Agora era o pai que levantava a voz.

- Maria, o Alexandre é ótima pessoa, e não me sinto nada ofendido por o ter cá em Portugal, pelo contrário, gosto de ouvir as suas opiniões, há coisas que ele sabe que eu não sei...

Pedro abanou a cabeça, desesperado. Como é que o pai, que tinha sido aluno de Dietz, que vivia com ele desde pequeno, podia aceitar que o quisessem mandar embora? Mas porque é que a mãe falava daquela maneira, tão grosseira e pouco educada? Admirava a sua força, mas por vezes falava como se fosse uma mulher comum, dizia disparates e fazia birras piores do que as da mana Maria Ana.

Quando percebeu que o pai ia sair pela porta onde estava, escapuliu-se para a sala ao lado, escondendo-se de novo. Aflito, percebeu que ali estava o embaixador britânico, que falava baixo com o coronel Wylde. Esforçou-se para ouvir o que diziam:

- O rei é, de longe, o mais sábio e o mais moderado deste paço - dizia o embaixador.

-Mas ninguém o ouve, e sobretudo nunca vence - respondia o coronel Wylde.

-Da última vez que fiquei sozinho com ele, tentei convencê-lo de que, como marido e como pai, tem o dever sagrado de agir segundo as suas convicções - insistia o embaixador.

-Pobre homem, olhe que não é fácil fazer-se escutar, quando a rainha tem esta força. Não tenho dúvida nenhuma de que prefere enfrentar o perigo, sair para a rua, a vergar o seu espírito Bragança. Mais depressa vai para Espanha do que se verga à junta do Porto, para ela já só importa vergá-los - dizia a voz que Pedro reconhecia como pertencendo ao coronel.

- Perdem-se tantas oportunidades, com estas demoras todas, e a maior parte das vezes sinto que estamos a falar sozinhos. Não sei se

Ihe acontece o mesmo, mas quando falo com D. Maria tenho a certeza de que só me ouve por delicadeza, porque os seus planos estão feitos e nada do que eu possa fazer ou dizer os poderia mudar - respondeu o embaixador.

Pedro sentia dificuldade em respirar, uma dor no peito que se tornava mais intensa, teve medo de perder os sentidos. O que aconteceria se o descobrissem? De repente, uma mão forte caiu sobre o seu ombro, e o príncipe estremeceu.

- Quantas vezes lhe disse que não o quero a escutar às portas? - zangou-se em alemão o preceptor, arrastando-o silenciosamente dali para fora. Pelo menos Dietz não o denunciara.



Lord Palmerston acaba de me mandar a carta do nosso embaixador em Lisboa, que deixo entre estas páginas, porque a quero reler com mais tempo.

«Hoje o rei enviou-me tuna mensagem a pedir que fosse ao paço, porque me queria falar sobre a situação atual, agravada pela apreensão dos nossos barcos na costa portuguesa. Quando cheguei, para minha surpresa, o rei e a rainha entraram juntos na sala, e depois de nos cumprimentarmos a rainha deixou o rei por momentos a sós comigo, enquanto se afastava até à janela, como se estivesse a ver qualquer coisa no terreiro em frente. Apenas tive tempo de murmurar que achava que deviam chegar a uni acordo com a Junta, porque o país não suportava a ruína desta guerra. O rei nem teve tempo de responder, porque a rainha regressara para junto de nós, e dando sinais claros de muita impaciência. Falei então dos nossos barcos apreendidos, e a rainha roía as unhas fingindo não me ouvir. A certa altura, depois de se ter agitado na cadeira, comentou, num tom trocista:

- Sabe, isso não nos diz respeito, nem a nós, nem aos ministros. Isso é assunto para os tribunais.

O rei apressou-se a desviar a conversa, dizendo-me que os portugueses se sentem muito agastados com a falta de apoio dos ingleses, e eu, sabendo perfeitamente que a rainha, embora aparentemente distraída, me escutava, declarei que lamentava que assim fosse, mas que estranhava que o dissessem, já que a minha presença em representação do governo de Sua Majestade, a rainha de Inglaterra, deveria ser suficiente para provar quanto se enganavam.

A rainha ignorou a minha resposta, mas quando me despedi do rei, ele disse em inglês, língua que a rainha tem mais dificuldade em entender, que gostava de me falar noutra altura. Acho que o rei ficou mortificado pela forma como fui recebido e por ter testemunhado a sujeição em que é mantido, o que é uma pena, porque me parece ser a única cabeça sensata no paço. O que lhe falta não é bom senso, mas resolução. Fiquei ainda mais convencido de que tinha razão, quando à tarde o rei me enviou uma nota simpática em que se manifestava muito vexado por eu ter chegado naquela altura, que me pedia desculpa porque a visita devia ter sido muito desagradável, mas que a verdade é que ele e a rainha tinham acabado de receber mais uma carta de Saldanha, que os aborrecera muito. É fácil de entender que Suas Majestades estejam zangadas por se sentirem sob uma ditadura de um militar prepotente. Mas o que me parece é que a rainha não entende que já não é rainha de Portugal e dos Algarves, mas de Lisboa e Sintra, e que vai ficar sem dinheiro, sem comida, e perante o descontentamento de um povo cada vez mais miserável. »

Castelo de Windsor, 28 de março de 1847

Palácio das Necessidades, 6 de abril de 1847

A noite estava quente, invulgarmente quente para abril, e finalmente a primavera dava ares de querer aparecer. Maria ainda não contara a Fernando que estava grávida, mas a verdade é que não tinham tido um momento a sós, com toda esta agitação política, e não lhe queria dar a notícia de chofre. Sabia que não se importava de que a família crescesse, mas neste momento de instabilidade, em que mais uma vez se dizia que o trono estava em causa, não queria somar mais uma preocupação às muitas que já tinha.

A rainha passou a mão pelo ventre, onde por vezes já sentia o pontapé do seu bebé, e inspirou fundo. Ofendia-a que ninguém desse pela sua gravidez, pela barriga aumentada de já vários meses, sinal de que estava já tão disforme que ninguém reparava nos quilos a mais, ou a menos.

Havia dias em que se sentia francamente doente e cansada, mas enquanto os seus homens lutavam por esse país fora, o que mais faltava era que fizesse o papel da mulher frágil e desvalida. Tinha assuntos para tratar. E o de hoje era particularmente duro. Combinara com Dietz encontrar-se, depois do jantar, na varanda da sua sala de trabalho, e encostara-se ao muro virado para o rio, onde as luzes dos barcos dos pescadores pareciam pirilampos.

Ao ouvir os passos do professor virou-se para o receber, com um sorriso caloroso. O professor beijou-lhe a mão, com a cerimónia que tantos anos depois de ter chegado a Portugal, e apesar do encontro diário, insistia em manter, e encostou-se também ao murete.

-O jasmim cheira tão bem... - comentou a rainha, apanhando um raminho de flores brancas da trepadeira que cobria a parede.

- Vou ter saudades de Lisboa - murmurou o alemão -, mas não vejo outra solução senão partir. As manobras dilatórias já não convencem os ingleses, e o apoio dos aliados é fundamental. Saldanha sozinho não vai chegar para derrotar a junta, muito menos sabendo a Junta que conta com o apoio internacional.

Maria estava invulgarmente silenciosa.

- Não sei como agradecer-lhe a lealdade com que me defende, Majestade, mas em tempos como estes há sempre vítimas inocentes, e sou uma delas! Mas não vale a pena continuar a hostilizar a rainha Vitória e o príncipe Albert, que se batem como leões para defender a família contra um governo que é adverso a Portugal...

Maria manteve os olhos no horizonte:

- Sabe, Dietz, nunca consigo olhar para o Tejo, para o mar, sem me sentir um bocadinho angustiada. Durante muito tempo, no Brasil, a minha mãe falou-me do que havia para lá do mar, e disse-me que na Áustria viviam homens firmes, educados, príncipes no verdadeiro sentido da palavra. Falava do seu país, e da Europa, com tanto orgulho, que cresci a pensar que era aqui que estava a razão, o mundo perfeito. Depois a minha mãe morreu, a relação com o meu pai era acidentada, e vi-o tantas e tantas vezes ceder, abrir mão dos seus amigos, deixar cair aqueles que o tinham servido com lealdade, até ao dia em que os abandonou a todos, inclusive aos meus irmãos, fugiu a meio da noite, sem sequer a coragem de lhes dizer adeus. Jurei a mim mesma que não faria o mesmo, que nunca trairia quem me servisse com lealdade. Talvez por isso tudo não goste de mudanças, sinto-me bem com o meu marido sério e generoso, que não me traz o coração sempre em sobressalto, sinto-me feliz com a minha trupe perto de mim, com os meus amigos

próximos, mas ao mesmo tempo perdi o medo, sabe? Percebi que a vida continua, por grandes que sejam os sofrimentos. Por isso não estou disposta a ceder tudo, nem a deixar que me insultem e humilhem, sem resistir.

Dietz olhava-a, sob a luz da Lua que subira no céu.

- Admiro-a muito, senhora D. Maria, mas há momentos em que é preciso abrir mão de algumas coisas, para conseguir obter outras. Não sinta que me traiu, por me entregar. Percebo-a, sei com que sacrifício me deixa ir, e talvez, quem sabe, seja só uma partida temporária...

O rosto de Maria iluminou-se:

-Talvez. Costa Cabral vai voltar, e mais breve do que imaginamos, vai ver.

Dietz sorriu-lhe, a esperança no coração. Há trinta anos que servia Fernando, Maria e os seus filhos eram a sua família e a sua razão de ser. Aterrorizava-o o vazio da sua vida sem eles.

Maria animou-se:

- Mas não lhes vamos dizer já que aceita partir. Hão de ficar na dúvida até à última hora, Dietz, todos eles, o conde, o embaixador, o coronel, Vitória, Albert. E até Fernando, Dietz, até Fernando não deve saber .

Nessa noite a rainha dormiu um sono agitado. Tinha tantos segredos para guardar. Se ao menos ali estivesse Florica e os seus beijos quentes, se ao menos ali estivesse a mamãe e os seus braços protetores, mas não estavam, e nesta casa era ela, e só ela, que podia proteger os seus ocupantes.



Recebi tuna carta de Palmerston que me deixou muito agitada. Diz-me que D. Miguel está em Londres desde a última quarta-feira, escondido em casa do capitão Bennett, que foi a Itália propositadamente para o trazer consigo para Inglaterra, disfarçado de criado. Palmerston informa que já deu ordens à polícia para o vigiar, e que, pelo que conseguiu apurar, a intenção de D. Miguel é juntar-se aos seus apoiastes em Portugal, quando estes estiverem mais fortes e organizados.

Esta notícia terá certamente influência na opinião de Palmerston sobre a rainha de Portugal, a quem tem acusado de inventar que há miguelistas associados à Junta do Porto. Torna mais legítima a sua recusa em negociar com os rebeldes, e reforça a convicção de que os países que assinaram a Quádrupla Aliança têm legitimidade para intervir em defesa da rainha, já que se comprometeram a fazê-lo se o trono liberal algiuna vez fosse ameaçado. Vou aguardar. Não vou dizer nada a Palmerston, que é mais teimoso do que a rainha de Portugal, e menos bem formado...

Nova carta de lord Palmerston, contando que tini tal M. Saraiva lhe pediu tuna audiência para lhe comunicar que D. Miguel desejava vir para Inglaterra e ser recebido pelo ministro dos Negócios Estrangeiros. Palmerston fez-se desentendido, como se não soubesse que já cá está, e respondeu que não podia permitir que tal acontecesse, e que não teria com ele nenhtuna ligação, direta ou indireta. Cínico como é, acrescentou que recomendava que D. Miguel pensasse bem nas dificuldades dessa aventura, porque a rainha Vitória não lhe daria qualquer cobertura, nem mmca o receberia.

Pa]rnerston acrescenta uma nota em que me diz que se os miguelistas não fossem tão loucos e desorganizados, ainda dariam muito trabalho, porque no estado em que Portugal está, e com o

apoio que têm junto dos padres e do povo, seriam recebidos de braços abertos.

Albert diz que a Junta começa a revelar que não passa de um bando de insurretos, mas sem um propósito comtun, e que a opinião pública britânica finalmente percebeu que tem sido vítima de uma enorme demagogia que quer retratar a rainha de Portugal como uma tirana. Talvez as coisas comecem a mudar.

Castelo de Windsor, 10 de abril de 1847

Palácio das Necessidades, 10 de abril de 1847

Marfa leu de novo a carta que acabara de receber de Vitória:

«Esta carta vai por vapor, em resposta ao teu pedido de socorro. Espero que as condições que o governo britânico propõe a Portugal para aceitar sanar a guerra te pareçam satisfatórias e sejam suficientes para terminar essa terrível luta. Esta démarche de Inglaterra é uma grande exceção às regras da política inglesa, e espero que vejas nisto a prova de que a Inglaterra é sempre a fiel aliada e amiga da rainha e do reino de Portugal, um novo laço que vai unir mais intensamente os nossos dois países.»

Maria suspirou. «Pobre Vitória, sei que tem feito tudo o que pode por mim e pela nossa família, sei que não tenho outro remédio senão aceitar este acordo, que se o recuso mais uma vez o Fernando perde de vez a paciência comigo, mas como gostava de derrotar os meus inimigos, sem concessões», pensou. Na festa dos seus 28 anos, celebrados há dias, impacientara o rei por virar as costas deliberadamente ao coronel Wylde, que ficara muito magoado. Mas se assim era, porque é que tinha dito mal da rainha nos jantares destinados a conspirar contra ela?, em casa do duque de Palmela, logo o duque, logo a duquesa, em que confiara tanto. Em vão Fernando lhe dissera que eram intrigas, nada mais, mas Maria bem percebia que os Palmela não lhe falavam com o mesmo carinho de outrora, e suportava mal a imaginada traição.

Irritada, levantou os olhos para o retrato da mãe, pendurado por cima da pedra da lareira, e sentiu-se serenar, conseguindo sorrir-lhe: «Eu sei, mamãe, que a Senhora da Glória não gostava de ver a sua

afilhada tão vingativa, mas vingo-me a mim e a si, e a todas as mulheres que não são respeitadas porque os homens olham sempre para elas como menores e mais fracas.»

Pousou a carta de Vitória, e saiu para se encontrar com Fernando, que a esperava com as crianças, já prontos para partir para um piquenique na Tapada. Dietz levava ao pescoço os binóculos, Pedro um livro grosso para identificar os pássaros que vissem pelo caminho, Luís um livro de Botânica, e os mais pequenos faziam vezes a segurar a mão do pai, que lhes ensinava o nome das plantas.

A madrasta e a sua meia-irmã juntavam-se-lhe, e Maria sentia-se tão tolerante, que até deu o braço à pequena Amélia e percorreu os caminhos em amena conversa. Viviam habitualmente em Santa Marta, mas a pretexto da festa do seu aniversário, celebrada pacatamente como convinha a um país em guerra, convidara-as para passar umas semanas nas Necessidades, e até agora, pensou divertida, não tinha implicado com nenhuma das duas. Estava, de facto, a ficar com bom feitio, riu. Fernando leu-lhe os pensamentos, e sorriu-lhe, encorajador.

Pelo menos, por agora, a família estava completa, e não pensaria, nem por um minuto, na partida do professor. Mas logo à noite teria de dar a notícia às crianças. Fechou os olhos, e sentiu a escuridão dentro de si. Fernando que tratasse disso, que ficasse ele o responsável pela partida de Dietz aos olhos de Pedro e Luís, porque ela, nisto tudo, era uma vítima inocente.

Dietz deixou-se ficar para trás, e disse-lhe baixinho:

- Já pedi o passaporte, e o coronel Wylde diz que tem um barco à minha espera.

Pedro, que não ia longe, tropeçou numa das raízes do grande plátano. Será que os pais imaginavam que não sabia o que se

passava? Podiam ser tão ingénuos, ao ponto de acreditar que as crianças não tinham ouvidos, que o príncipe real não percebia o que acontecia à sua volta?

Mas a rainha não lhe deu a oportunidade de falar no assunto. Acelerando o passo para se aproximar do filho mais velho, pousou-lhe a mão na cabeça, num gesto terno, enquanto retilava:

- Menino Pedro, quando está ao ar livre, é para ver onde põe os pés. Tire lá a cabeça dos livros!

Foi Dietz quem me entregou um grande envelope com o selo de Maria. Beijou-me a mão, e cumprimentou Albert com a maior cordialidade, e Albert respondeu com afabilidade, como se nada se tivesse passado, e a sua chegada a Londres resultasse de uma decisão livre. Nunca mais se dirá uma palavra sobre este assunto, e convidámo-lo a ficar o tempo que desejar. Tenho pena do pobre homem, que de repente ficou sem ninguém, mas quando pediu para ver as crianças, porque a senhora D. Maria lhe solicitara que as descrevesse em detalhe, fiquei furiosa: sei que quer comparar com os príncipes portugueses, e testar se estão ou não mais avançados do que os meus. Albert condescendeu a levá-lo à sala de estudo dos mais velhos, e não tenho dúvidas de que os interrogará como num exame.

Pela minha parte sentei-me a ler a carta de Maria. Recomenda-me que oiça o que Dietz nos tem para dizer sobre Portugal, sublinhando que essa, sim, será a pura verdade. E depois acusa-nos de termos sido injustos com ele, de deixarmos Pedro e Luís de coração partido, e sem ninguém que dirija os seus estudos, pelo menos com a mesma qualidade. Fala de um novo preceptor, um tal visconde de Carreira, mas que está em Paris, é um homem de idade, e ainda demorará a chegar. Confesso que percebi o seu desespero, bem sei o que senti quando a minha querida Lehzen foi obrigada a partir porque Albert a achava demasiado controladora e as intrigas da corte se viraram contra ela, mas esquece-se a rainha de que tive de

prescindir dela, e que o próprio Albert não se pode rodear dos seus homens de confiança, porque por aqui também não se suportam estrangeiros de volta dos príncipes. Mas nem vale a pena recordá-lo a Maria, que neste momento está demasiado ferida para compreender. Aliás, basta ver o último trecho da sua carta, que não resisto a transcrever, sempre sem pontos ou vírgulas. Diz Maria: «E além disso esta partida de Dietz faz-nos imensa pena porque pela sua viagem perdemos um amigo devotado, e isso é tuna coisa preciosa nos tempos que correm sobretudo quanto a política é o que é não tenho mais nada a dizer-te a não ser que me aborrece furiosamente e o Fernando escreverá a Albert.» É nina força da Natureza, como já não existe nenhuma, como se queixa o pobre do duque de Palmela, que discretamente a acusa de o ter abandonado, acreditando nas intrigas de Dietz. Termina a carta pedindo-me que lhe envie sementes de amores-perfeitos, e oferecendo em troca pés de rosa para a minha coleção. Vou tratar já de lhas enviar.

Castelo de Windsor, 20 de abril de 1847

Palácio das Necessidades, 21 de maio de 1847

Sentiu que a cabeça lhe fugia, e aflita estendeu a mão para o braço de Fernando, que a segurou impedindo-a de cair. O coração batia com tanta força que parecia saltar-lhe do peito, e as riscas da seda que cobria as paredes fundiam-se numa só, uma imagem difusa.

O embaixador britânico, com quem discutia as últimas birras de Saldanha, olhou-a em pânico, sem saber se deveria ajudar o rei a suportar o peso da rainha ou fingir que não dera pelo desmaio de Maria. Optou por puxar de uma cadeira, onde Fernando a sentou.

Aos poucos Maria recuperou as cores e, aceitando o copo de água com açúcar que o rei pedira para ela, deu dois golos e retomou a conversa, no ponto exato onde a deixara:

-Dizia o senhor embaixador que o senhor duque de Saldanha ora diz branco, ora diz preto?

Henry Seymour, ainda abalado pelo susto, concordou, e a rainha rematou, rápida como sempre:

- Não me diga que não lhe diz também encarnado!

Fernando deu uma gargalhada, e o embaixador juntou-se ao riso.

Maria saboreou o efeito desconcertante das suas palavras no diplomata, e acrescentou:

- Como vê, não me ensina nada quando vem para aqui falar do caráter de Saldanha, conheço-o como as palmas das minhas mãos, mas aos defeitos junto a qualidade de ser, apesar de tudo, o único que me defende no terreno.

O embaixador não se atreveu a dizer-lhe que, na sua modesta opinião, o marechal pensava mais em si próprio do que na rainha, preferindo recordar o que o trazia ao paço:

- Tenho aqui, Majestade, o protocolo de Londres, onde os seus aliados franceses, britânicos e espanhóis definem as condições para intervir a favor da paz.

Maria aceitou os papéis que Seymour lhe passava, não fazendo qualquer menção de os ler:

- Tenho tempo para os ler com atenção, mas o que me importa é saber o que vai ser feito contra a junta do Porto, porque esses é que são os que precisam de uma lição.

Seymour teve dificuldade em esconder o desespero que a obstinação da rainha lhe começava a provocar, depois destes meses de encontros quase diários. Recordou-se do desmaio, e hesitou. Era visível que a indiferença que mostrava era apenas uma fachada, devia estar tão preocupada como ele com o desfecho desta guerra. Tossiu, e, no seu francês cheio de sotaque, informou-a de que barra do Douro seria bloqueada pela Marinha britânica, como forma de pressão para que aceitassem as decisões internacionais. Maria dobrou os papéis que tinha no colo. Sabia bem que aquilo que as potências estrangeiras propunham era um acordo, e não uma derrota em toda a linha dos insurgentes. Nem precisava de os ler para ter a certeza que lhe iriam pedir que amnistiasse os revoltosos, que aceitasse convocar eleições livres, e por aí adiante.

Estendeu a mão para que o embaixador a beijasse, e prometeu-lhe um comentário ao protocolo proposto para os próximos dias,

mas sabia que tinha sido, mais uma vez, derrotada.

Mal o embaixador saiu da sala, Fernando dobrou os joelhos e baixou-se, de forma a que os seus olhos ficassem ao nível dos olhos da rainha:

- O que é que se passa, Maria?

A mulher estendeu as mãos, e deixou que o marido as entrelaçasse nas suas:

- Espero um novo filho, meu querido.

Fernando corou, a pele da cor da barba arruivada, sem saber se de cólera se de emoção:

- Há quanto tempo é que sabe?

Maria encolheu os ombros:

- Há alguns meses, mas sabia que se lhe dissesse o ia preocupar, que insistiria em chamar o Kessler, que me vigiaria noite e dia, e sou demasiado necessária ao país para que me coloquem numa redoma de vidro...

Fernando zangou-se:

- Sabe que a deixo tomar as decisões políticas, que não me imiscuo nas suas reuniões com os políticos, exceto quando me pede opinião, mas esconder-me que espera um filho meu, isso não lhe admito!

Levantou-se e foi até ao piano, levantando e baixando a tampa, como se precisasse de um gesto físico para esconder a sua irritação.

Maria baixou os olhos, como uma menina apanhada a fazer uma asneira, e chamou-o de volta:

- Não me deixe aqui, Fernando. Não queria magoá-lo.

- Mas magoou. E põe a sua vida em risco, e a do nosso filho, e isso não é admissível - disse o rei, aproximando-se e pondo-lhe a mão suavemente sobre a barriga. - Já dá pontapés? - perguntou.

Maria sorriu:

- Mexe-se muito, vai ser mais um rapaz cheio de genica. Mas Fernando, tenho tido todo o cuidado, e até comido menos, como sei que os médicos me vão recomendar....

Escondeu-lhe os seus medos, não lhe disse que esta oitava gravidez a assustava muito mais do que as outras, que a todo o momento se recordava daqueles dias em São Cristóvão em que a mãe perdera primeiro o bebé, e depois a vida. Quanto menos falasse dos seus medos, mais depressa se iriam embora, estava certa disso.

Fernando beijou-lhe a testa, como se a quisesse abençoar.

- Vou chamar o Kessler e o Teixeira.

Maria suspirou, conformada:

-Eu sabia! Que venham eles, com os seus palpites de homens que nunca passaram por nada disto!

Fernando riu. A mulher não resistia a ter sempre a última palavra.



Albert diz que Maria deve ter esticado tuna perna para que Alex tropeçasse nela. O pobre partiu tuna perna, e agora está pelo paço, de perna estendida e cheio de dores. Foi Fernando que me escreveu a contar o acidente, e a implorar-nos que não prestemos atenção ao que a rainha nos escreveu sobre o nosso primo. Diz-nos que Maria

no fundo gosta muito dele, e que é por amor ao marido que reage à sua presença, porque «ntun país tão forte em canções como Portugal, a longa presença de Alex pode de facto dar lugar a todos os tipos de interpretações». Comoveu-me que a defenda assim, mas a verdade é que alguém tem de lhe dizer as coisas como elas são, e não podemos vergar-nos às suas ordens. A presença do conde é fundamental e ela não pode deixar que os seus caprichos pessoais interfiram com aquilo que, ainda por cima, resulta em seu benefício. Nem lhe posso permitir que seja tão injusta com uni homem que cumpre uma missão a custo próprio, porque sinceramente estaria bem mais divertido na corte em Viena do que em Lisboa, ainda para mais em plena guerra civil. Por isso peguei na caneta e escrevi-lhe o que a seguir aqui transcrevo:

«Minha querida Maria,

Quanto a Alexandre, não percebo porque é que o persegues de tal forma. Nunca te deu mais nada senão provas de amizade, a ti e ao Fernando, prestando-vos um serviço fundamental através dos seus relatórios serenos e imparciais que serviram para retificar a ideia que aqui se tinha sobre o que se passa em Portugal, permitindo que agíssemos em vosso favor.

Decididamente, não é muito encorajador ser teu amigo, se tudo o que se recebe em troca é queixas e protestos. Pobre Alexandre, fazes com que se sinta um peso para ti, o que é positivamente indecente. Esqueces-te que ele é o representante de toda a família, e que ntun momento tão crítico consideramos que é contrário ao nosso dever deixá-lo partir de Lisboa. Se a sua presença te incomoda assim tanto, tenho a certeza de que ele se retira do paço e aluga uma casa na cidade. Basta darem-lhe um sinal nesse sentido.

Peço desculpa por te escrever com tanta franqueza, mas só posso dizer a verdade, sendo, como sou, a tua devotada prima e amiga,

Vitória»

Castelo de Windsor, 21 de maio de 1847

Palácio das Necessidades, 31 de maio de 1847

Marfa leu a carta que recebera de Vitória e sentiu-se envergonhada. Incomodava-a que Vitória a achasse ingrata e má amiga. Sabia que fazia tudo o que podia por ela, e que se confrontava com os ministros do seu país por causa dela. E o pobre primo Alex, que continuava pelo palácio a coxear agarrado às bengalas, não era, na realidade, assim tão insuportável. Além do mais, riu para si mesma, agora inválido não desencaminharia Fernando para lado nenhum, e impedido de montar a cavalo nem sequer dariam por ele nas ruas de Lisboa. Mal por mal, sempre ensinava estratégia militar a Pedro, e falava alemão e inglês com os pequenos.

Desejosa de fazer as pazes com Vitória, sentou-se para lhe escrever uma carta de amiga, sem política à mistura, porque bem dizia que a política destruía todas as relações. Na manga tinha dois trunfos que sabia imbatíveis. A notícia da sua gravidez, ainda por cima já tão avançada, e as histórias que Costa Cabral, como ministro português em Madrid, de vez em quando lhe contava sobre o casamento instável de Isabel II de Espanha, que já tomava proporções de escândalo. A «rainha irmã» tinha aos 17 anos uma vida muito mais colorida do que a delas, escreveu, sabendo que espicaçava a curiosidade da prima. Em poucas palavras, o assunto resumia-se ao facto de o marido, Francisco de Bourbon, cumprir mal os seus deveres matrimoniais, preferindo, ao que se dizia, a companhia de outros homens. A rainha, por despeito, ou porque era esse o exemplo que recebera da mãe, teria o mesmo gosto do que o esposo, ou seja, por rapazes bonitos.

Num tom mais sério, revelava a Vitória que a pobre rainha declarara ao seu ministro a intenção de se separar do marido. E rematava: «Deus sabe o que ainda está para acontecer naquele país e como é que é possível que se tenha uma ideia destas, sobretudo num lugar como o seu. Nós as duas, felizes no casamento, não entendemos estas coisas.» Com esta carta, estava certa, ganhava alguns pontos.



A situação em Portugal parece estar finalmente a resolver-se, e hoje mesmo será assinada a norte do Porto, num lugar chamado Gramido, uma convenção que selará a paz. A Junta levou tempo a desarmar, sendo necessário ver com os seus próprios olhos os nossos barcos à entrada do Douro para capitular, mas a rainha de Portugal e os seus amigos também não gostaram das condições que foram impostas, nomeadamente a de convocar eleições livres e amnistiar os rebeldes. Maria ainda tentou fazer-se de desentendida, mas, ao perceber que Saldanha estava perdido e que nós não cedíamos, foi obrigada a fazer proclamar tinha amnistia geral, que tenho a certeza não faz a menor intenção de cumprir e que somará às humilhações de que se sente alvo, e que secretamente jura um dia vingar. Contudo, a verdade é que cedeu, e acredito que terá sido, em grande parte, porque lhe enviei as atas integrais dos debates do Parlamento britânico a respeito dela e da situação portuguesa. Lamentei que fosse tão maltratada, chamando-lhe a atenção para que apenas tu, e tu iinico, ministro falara em sua defesa, contra todos os outros que acusavam a rainha de Portugal de ser a conspiradora-mor de todos estes golpes, de se associar ao odiado Costa Cabral, com o objetivo de fazer cair a monarquia constitucional, pintando-a como tuna soberana absolutista, caprichosa e pouco inteligente. Sei perfeitamente que não terá passado da quinta linha dos documentos, por isso lhe disse tudo isto muna carta para me certificar de que a mensagem chegava, mas

estou certa de que Fernando a leu toda e lhe terá lido alto as ferroadas mais contundentes.

O dia de amanhã é um grande dia, e se Maria não o celebrar é tonta, porque pouco faltou para que perdesse o trono. Começa agora a difícil tarefa de vigiar que as condições são cumpridas, porque reconheço que Palinerston tem razão quando diz que a partir do momento em que pusemos o selo da nossa credibilidade neste acordo, não podemos permitir que nos deixe ficar mal.

Castelo de Windsor, 29 de junho de 1847

Paço Real de Sintra, 27 de agosto de 1847

— **V** ê como Palmela é ambicioso, e aceita tudo?

- V Fora obrigada a recorrer de novo ao duque para presidir ao novo governo, aquele que teria de preparar eleições, como estavam obrigados pela Convenção.

O rei olhava-a, incrédulo:

- Parece impossível, Maria. Pede-lhe encarecidamente que aceite, depois de uma guerra que deixou mais uma vez o país de rastos, e agora chama-lhe nomes porque aceitou?

Maria levantou-se e começou a andar de um lado para o outro da sala:

- Muito francamente? O que é que eu queria, de facto? Que Costa Cabral tivesse regressado a tempo. Já o mandei vir de Madrid, mas...

Fernando pôs as mãos na cabeça, desesperado:

- Costa Cabral, Maria, vamos começar tudo de novo? Já se esqueceu porque é que a guerra começou?

Pedro estava a ouvir. Emagrecera muito nestes últimos meses, e andava nervoso e melancólico.

- Mãe, o pai tem razão, a mãe não vai começar já a desobedecer às cláusulas da Convenção de Gramido, pois não?

Maria sobressaltou-se:

-E o que é que o menino sabe deste assunto? - perguntou-lhe, irritada.

Pedro começou a recitar de cor a Convenção, e Maria olhava-o com um misto de orgulho e de irritação. Venceu a irritação:

-Sabe o que acho? Que o menino vai ser um grande pedante!

Pedro endireitou as costas, como fazia quando vestia a farda e passava vistoria à Guarda, e manteve o seu olhar:

- Pedante talvez, mas mais sensato do que a senhora minha mãe.

Maria sentiu uma vontade enorme de o esbofetear:

- Hoje vai para a cama à hora dos seus irmãos pequenos - disse, autoritária. - E agora desande daqui, e livre-se de se ir enfiar nos livros! Suba a uma árvore, rapaz, que uns arranhões só lhe fazem bem.

Fernando olhou-a com reprovação.

- Ai Fernando, não comece também. A criança é brilhante, todos os dias dou graças ao nosso querido Dietz, mas precisa de levar nas orelhas, porque daqui a pouco não há ninguém que o ature. Ainda nem 10 anos tem, e já fala assim?

E depois, mais meiga:

- É assim tão reprovável que deseje que volte a Portugal, e assumo o poder, o único homem capaz de servir o país? Já viu como todos se comportam desde a Convenção? Tudo na mesma, como se a guerra não tivesse acontecido. Não tenho feito tudo para que as condições se cumpram, não chamei Palmela para formar um ministério, procurei que o governo tivesse representação de todas as

partes? Mas toda a gente sabe que muitos cozinheiros estragam a sopa!

Fernando tinha de concordar com a mulher. Os políticos portugueses eram insuportáveis. Conciliador, sugeriu:

-E se amanhã fôssemos ver as obras na Pena? Ainda não viu a janela que imita a da sacristia do Convento de Cristo em Tomar, em que me inspirei quando visitámos Costa Cabral.

Maria entusiasmou-se.

- Os mais velhos já podem ir montados nos seus próprios burrinhos, mas eu neste estado - disse, apontando para a barriga - só posso ir de caleche.

Pela janela viu o nevoeiro descer sobre o Castelo dos Mouros:

- Tenhamos esperanças de que nos deixem em paz por umas semanas...

Os olhos desceram a encosta e pararam na Quinta do Saldanha. Será que já tinha voltado? Teria notícias de Costa Cabral? Mandar-lhe-ia uma mensagem para que, como que por acaso, se encontrasse com eles na Pena.

Palácio de Mafra, 16 de setembro de 1847

Pedro fazia 10 anos hoje. «Já 10 anos», pensou, abrindo os olhos devagarinho, as vozes dos filhos a ecoarem nos corredores largos do Paço de Mafra, de que todos gostavam tanto. Levantou-se devagar, tentando evitar uma das tonturas que se tornavam cada vez mais frequentes e que preocupavam os médicos - uns diziam que o sangue não chegava à cabeça, porque ia todo para o bebé, outros puxavam de enciclopédias para argumentar que era sangue a mais que lhe congestionava o cérebro, fazendo-a perder o equilíbrio, e que a criança poderia sofrer com a sua falta. Lurdes ajudou-a a endireitar-se, e as criadas vieram vesti-la.

- Deixem-se de detalhes, quero o vestido mais largo, mais solto e mais confortável, pouco me importa se é o mais velho e coçado. No estado em que o país está, se todas as senhoras dessem para os cofres do Estado o que gastam em trapos, não tínhamos metade dos problemas - protestou.

Na outra ponta do quarto de vestir, viu surgir Maria Ana e Tonica, cada uma trazia na mão um ramo de margaridas e camomilas, as suas tranças loiras e os seus vestidos azuis a balouçarem com a corrente de ar que felizmente se tinha levantado. Maria abriu-lhes os braços, e as pequeninas correram para o seu colo:

- Não esmigalhem o vosso irmão - disse a rainha, divertida, aconchegando-as no colo e pedindo a Lurdes que pusesse as flores numa jarrinha.

- O pai disse que as mães é que mereciam presentes nos dias de anos dos filhos - disse Maria Ana, que aos 4 anos era alta para a idade.

Maria recordou-se dos sete partos que tivera, e do oitavo que estava para chegar, e acenou que sim com a cabeça:

- O pai tem toda a razão! Obrigada, Maria, mas agora temos de nos despachar, porque vamos dar o presente ao mano Pedro.

- O que é? - exclamou Tónica, tão engraçada com o seu vestido de organsina branca e os sapatinhos de fivela ainda tão pequeninos. Maria fez-lhe cócegas e deixou-a escorregar para o chão:

-Curiosa! Vamos ver, é um presente para meninos crescidos...

Na sala, Fernando, Pedro, Luís e João já esperavam por elas. Olhou para os seus rapazes com um imenso orgulho, e abençoou cada um deles, que, diligentes, dobraram o joelho para a bênção quando se aproximava de cada um.

- Pedro, deixe-me olhar para si. Tão crescido, meu filho.

O príncipe escondia ainda mal a ansiedade, e Maria piscou o olho a Fernando:

- Tem o presente do Pedro, ou esqueceu-se dele em Lisboa?

Fernando sorriu-lhe. Gostava tanto de a ver feliz e bem-disposta, sem a irritabilidade que lhe provocava a política, longe da sua sala de trabalho, das reuniões do Conselho de Estado, do diz que disse dos corredores do Paço das Necessidades.

- Está tão bonita como há dez anos - disse-lhe, sedutor, e Maria corou como se tivesse os 18 anos de então.

- Acho que o menino Pedro está mais interessado no presente do que nos piropos do rei à rainha.

Pedro sorriu-lhe, deixando por momentos o rosto fechado e preocupado que tantas vezes tinha. Quando Fernando foi atrás da cortina buscar o presente e lho entregou, deu um grito de alegria, e Luís precipitou-se para cima do irmão:

- Não acredito, que sorte!

O príncipe sentou-se na cadeira mais próxima com uma caçadeira na mão, mais pequena do que as dos adultos, passando-lhe a mão por cima como se fosse uma obra de arte.

- A primeira perdiz é para o meu jantar - disse-lhe a mãe -, mas não quero essa arma em casa, nem perto dos seus irmãos, ouviu?

Fernando chegou-se mais perto:

- Vire-a do outro lado, e veja.

Pedro exclamou de novo:

- Tem o meu monograma a ouro, é minha, mesmo minha - e, virando-se para Luís, atirou: - E o senhor D. Luís nunca lhe há de pôr as mãos em cima.

Luís, sempre conciliador, encolheu os ombros:

- Serve-me bem a espingarda antiga do pai, com que caço sempre.

João, que invejava as idas à caça dos seus irmãos mais velhos, que tinham o dobro da sua idade, aproximou-se e passou o dedo indicador nas letras em relevo:

- O mano Pedro ensina-me a disparar?

Maria ia protestar, mas Fernando interveio primeiro:

- O pai ensina, João, mas só para o ano, só quando tiver 6 anos, está bem? Por agora tem de aprender a treinar os cães e a montar melhor a cavalo.

Radiante, o príncipe riu:

- Mas posso comer o que eles caçarem, não posso?

Maria deu uma gargalhada. Aqui estava um filho como ela.



O pequenino Pedro, o príncipe português, faz hoje 10 anos, e o Fernando escreveu a contar que lhe ia dar uma espingarda com o seu monograma. O Albert ficou tão entusiasmado, que lhe mandou uma capa para a espingarda. Espero que a Maria consiga descansar em Mafra, porque temo que, com tanta agitação como a que tem vivido, a criança possa não nascer bem, e que ela própria não sobreviva a mais este parto. Há tantas mulheres que não resistem, que não me parece sensato imaginar que não nos possa acontecer qualquer coisa a nós.

Já lhe recomendei repouso mil vezes, enviei-lhe mis artigos que saíram aqui nos jornais sobre a importância de que estes meses de espera sejam serenos e sem preocupações, mas ela só me respondeu que eram coisas para burguesas, porque nem as rainhas, nem as mulheres do povo se podiam dar a esse luxo. Tem alguma razão - também eu estou grávida de novo, e ninguém me dá um momento de sossego por causa disso. Mas Maria está tão pesada, conta-me o primo Alex, que receio por ela...

Castelo de Windsor, 3 de setembro de 1847

Palácio das Necessidades, 24 de outubro de 1847

- **M**eninos, se oiço uma birra, uma lamúria ou um choro, nunca mais vão com o pai a uma visita destas - disse Maria aos dois filhos mais velhos, vestidos a preceito.

- Mãe, quem é a tia Adelaide? - perguntou João, curioso.

- O que é que isso interessa, o que importa é que vamos estar naquele barco fabuloso - disse Luís, apontando para o grande navio ancorado no Tejo, frente às Necessidades.

- Deixe lá o barco, menino Luís, e oiça mas é a minha resposta à pergunta que o mano João teve a inteligência de fazer - disse a rainha.

-Posso responder eu, mãe? O visconde de Carreira explicou-nos tudo, o Luís é que não ouviu!

- Só por esse comentário, agora não explica nada - disse Maria, zangada. - Explico eu. A tia Adelaide é a viúva do rei William de Inglaterra, que era irmão do pai da rainha Vitória, e foi muito bondosa com a mãe, quando a mãe esteve em Londres...

- Eu sei, já me lembro... convidou a mãe para um baile no palácio dela, e a mãe ficou a dormir nos aposentos da tia Adelaide, quando voltou a segunda vez a Inglaterra - disse inesperadamente João.

Maria sorriu-lhe:

- Isso mesmo, meu filho, e agora venha para dentro e deixe o pai e os manos ir embora.

João voltou para o quarto de brinquedos, e Maria, encostando-se à janela, pôs Tonica de pé numa cadeira, para ver melhor, e pegou em Fernando ao colo. Que orgulho tinha na sua trupe:

- Temos de arranjar uma carruagem maior, porque quando formos todos a algum lado, já não caberemos em nenhuma - comentou com a aia dos meninos. - Dentro de um mês vamos ser uma família de dez, que Deus nos abençoe.

Tonica começou a choramingar que também queria conhecer a tia «Delaide», como dizia. Maria e a aia riram:

- Mais logo, minha querida, a tia vem cá a casa, e vamos dar-lhe um ramo de flores, que agora vamos apanhar, está bem?

Tonica parou de chorar, saltando para o chão. Ia pedir ao jardineiro flores para as jarras, que queria ser ela a fazer, e ainda tinha de conversar com o professor de inglês dos mais velhos, para que lhe dissesse quais eram os versos que iam recitar antes do almoço...



A tia Adelaide escreveu-me a dar notícias da sua visita a Lisboa. É engraçado como o relato das mulheres é tão diferente do dos homens, tão diferente o que valorizam, o que acham importante realçar. Mas a verdade é que ficamos com um retrato muito mais vivo das pessoas e dos locais. Maria e a família transparecem em cada linha de uma forma tão viva, que fico com uma pena enorme de não os poder visitar. A tia Adelaide escreve de forma tão fluida, com tantos detalhes, numa letra certinha e fácil de ler. Colo a carta à folha deste meu diário, porque diz mais do que eu alguma vez poderia dizer.

«Minha querida sobrinha,

o rei veio fazer-me tuna visita a bordo na sexta-feira à tarde. Está muito mais bonito e é agora t ni homem muito agradável, mais largo de ombros, e tem tuna barba como um sapeur, que no entanto lhe fica particularmente bem. Estava acompanhado dos seus dois filhos mais velhos, rapazes muito bonitos e simpáticos, nada envergonhados e capazes de conversar com toda a gente. São muito bem-educados, e falam português, alemão e francês igualmente bem. Depois de tuna visita de tuna hora o rei voltou a terra, e fomos ao meio-dia prestar os nossos respeitos à rainha. Fomos recebidos com grande pompa, embora eu tivesse repetidamente pedido que a minha visita não fosse considerada de Estado, mas não faltaram as carruagens de seis cavalos, as fardas de gala, escolta e todas as honras possíveis. Quando desembarcámos, entre mil saudações, o céu estava espantosamente azul e o sol brilhava, mas muito quente. D. Maria recebeu-nos de forma muito graciosa, rodeada pelos seus filhos, que são de facto muito bonitos. Foi um prazer vê-los a todos e fiquei deliciada com todos eles. A rapariga mais velha é muito parecida com a rainha quando a vimos pela primeira vez em Londres, e a mais pequenina é um amor e nitidamente a favorita do papá.

O Palácio das Necessidades foi recentemente decorado de novo, e muito bem mobilado, está esplendoroso mesmo.

A rainha não mudou nada, mas neste momento está obviamente enorme, como se espera de tuna gravidez de oito meses. Perguntou muito por si e pelos seus filhos e foi muito querida comigo. Voltámos a bordo pelas duas horas e depois do almoço a minha irmã, sobrinha, etc., voltaram a terra de novo para ver os monumentos, enquanto fiquei aqui a descansar, mas recebi tuna visita calma, serena e amigável do rei, que ficou comigo até que todos tivessem regressado. Pareceu-me contente por ter tuna conversa calma e sem perturbações com alguém que se interessa mesmo por ele, e agradeceu-me repetidamente tê-los vindo visitar neste momento.

Ontem fui interrompida já não sei porquê e agora pego na caneta para continuar a partir de onde fiquei. O rei é muito querido, muito bom, e cheio de boas intenções. Parece-me muito magoado por ser tantas vezes falsamente julgado e darem dele tuna imagem deturpada, coisa que o ofende profundamente. Também lhe custa muito quando descobre que aquilo que faz não é recebido com aprovação. Fico com a impressão de que é muito amado neste país que considera seu, e de facto, as pessoas falam muito bem dele. Agora deposita grandes esperanças nas Cortes, que se reunirão em janeiro, e que decorrerão das eleições que acontecem no próximo mês.

Fomos às Necessidades de novo, e o rei e a rainha mostraram-nos o jardim, que é lindo, e voltámos a encontrar lá todas as crianças, sem chapéu, pescoços e braços à mostra, e nem por isso queimados pelo sol, o que é surpreendente. O pôr do Sol de regresso ao barco foi lindo.

Amanhã vou logo cedo com o rei a Sintra ver o castelo que me vai mostrar pessoalmente, e as obras no palácio que está a construir.

Daqui de Lisboa seguimos para a Madeira e o rei talvez vá connosco, porque nunca, viu a ilha, e assim ia enquanto nós lá estávamos.»

Castelo de Windsor, 31 de outubro de 1847

Palácio das Necessidades, 28 de outubro de 1847

Costa Cabral chegara a Lisboa havia dias. Discretamente, procurando não atrair a atenção sobre si, e Fernando insistira que era cedo de mais para que fosse convidado ao paço, temendo as intrigas que começariam de imediato. Maria concordara, que remédio tinha, mas espreitava o momento em que o pudesse ver. Hoje, Fernando saíra para Sintra com os príncipes mais velhos, as damas e os camareiros, a comitiva toda que acompanhava a tia Adelaide e a família na visita a Sintra e arredores. Usara a gravidez e o cansaço como desculpa, e pedira a Lurdinhas que entregasse em casa do senhor conde de Tomar uma nota sua, pedindo-lhe que viesse às Necessidades, pelas onze da manhã. «Manda entregar isto, sem dar nas vistas, ouviste?», recomendara. Depois ordenara que a rapariga o esperasse na porta que dava para a calçada e o trouxesse para a sua sala de trabalho o mais depressa que pudesse.

- Não me olhes assim, mulher, não é nenhum encontro clandestino. É só para essas línguas malditas não começarem a tagarelar, que metade dos criados desta casa, desconfio eu, recebem soldo do embaixador britânico, a outra metade do francês, e pelo meio há os que acumulam com o espanhol.

Quando o reposteiro correu para o lado e Maria o viu entrar, quase correu em sua direção. Abriu-lhe o seu maior sorriso, e ele retribuiu-o, beijando-lhe a mão prolongadamente. Não lhe disse que sentira a sua falta, e o conde de Tomar, por seu lado, agiu como se tivesse saído dali na véspera, e minutos depois estavam embrenhados numa acesa discussão política. Era preciso desobedecer ao acordo de

Gramido, preparar as eleições que aí vinham, para que trouxessem de novo ao poder quem de facto merecia assumi-lo, sublinhava a rainha, feliz.

- Chega de disparates neste país, e não são os estrangeiros que sabem o que nos convém - insistia Maria, enquanto Costa Cabral a sossegava quanto ao futuro. A Carta havia de vigorar, e os canalhas que lhe tornavam a vida num inferno há tantos anos teriam de pagar.



Tomara a mim que as notícias de Portugal fossem todas tão boas como as que a tia Adelaide me manda. É difícil saber quem mente e quem fala verdade, e até que ponto a rainha é sincera. Lord Palmerston diz-me que não posso confiar na boa-fé da rainha, e acrescenta, muito sonso, que bem gostava de não ter razão, mas que num assunto desta importância prefere ser cauteloso. Defende que a rainha de Portugal se inclina de novo para o partido cartista, expondo-se a ela, ao trono e ao país a grande perigo ao fazê-lo, mas protestei contra a sua intenção de anunciar ao nosso Parlamento que «a rainha de Portugal está em perfeito entendimento com os cabrais, e estabeleceu com eles um acordo secreto». É uma acusação gravíssima, sem factos que a sustentem, e que pode enganar tanto o nosso governo, como os ministros em Lisboa, lançando novas achas para a fogueira. Rebatí os seus argumentos contando-lhe que, ainda ontem, o príncipe Albert recebeu uma carta do rei de Portugal (que ele próprio reenviou a Palmerston, para que a lesse), em que explica o ponto de vista da corte, que é o de uma absoluta fidelidade à Convenção de Gramido. Além disso, recordei-lhe, é o nosso próprio embaixador que afirma que é preciso deixar o atual ministério fazer o que pode, porque qualquer nova mudança levaria a uma nova revolução em Lisboa, provavelmente incitada pelos próprios cabrais. O que não disse a Palmerston, mas confesso

às páginas deste diário, é que se Maria em vésperas de ter o seu oitavo filho, e enquanto recebe a tia Adelaide e a família, ainda tem tempo para conspirações, tiro-lhe o chapéu.

Castelo de Windsor, 30 de outubro de 1847

Palácio das Necessidades, 4 de novembro de 1847

Um criado saiu a correr para avisar o médico. A rainha entrara em trabalho de parto, duas semanas antes daquilo que se esperava. «Do que os outros esperavam», dizia Maria a Lurdinhas, encontrando coragem para lhe piscar o olho, porque ambas sabiam como demorara a anunciar aquela gravidez.

- Senhora D. Maria, olhe para o tamanho deste rapagão! Quantas vezes lhe disse que era preciso cuidado? - repreendera o Dr. Kessler horas depois, enquanto limpava a testa com o lenço, tal o nervosismo que a surpresa e a dificuldade do parto lhe provocaram.

Maria aconchegou ao colo o seu pequenino, o seu oitavo filho, beijou-lhe a testa, passando-lhe a mão pela cabeça coberta apenas por uma penugem clarinha, e respondeu com a sua costumada insolência:

- Haja paciência, senhor doutor! Em lugar de me dar os parabéns por um filho lindo e saudável como este, está para aí em sermões e a recomendar dietas! Deixe-se disso, e peça mas é que me tragam uma canja, que já passa da uma e meia da tarde, e não como nada desde ontem.

O médico abanou a cabeça, preocupado:

- Agora, por favor, muito cuidado, não pode levantar-se com a pressa com que se levantou dos outros, tivemos de cortar muito para que o bebé passasse, uma hemorragia seria fatal.

- O senhor aborrece as mães todas com esta conversa, ou guarda-a só para a rainha? Deixe-se lá desses detalhes do corta e deixa de cortar, que não quero ouvir essas coisas...

O pobre homem corou até à raiz dos cabelos. Assistira aos nascimentos de todos os príncipes, e admirava a coragem desta mulher que não se queixava nunca, mesmo quando os nascimentos eram longos e complicados, mas ficava sempre atrapalhado quando lhe falava desta maneira, sabendo perfeitamente que não lhe podia responder à letra.

Fez uma vénia, e a rainha nem o viu sair, tão embevecida estava com o seu bebé, mais um rapaz, como gostava.

Quando Fernando entrou e a abraçou, deixou-se aconchegar por ele. Tivera tanto medo. Só Lurdes sabia como nas últimas noites rezara à sua Senhora da Glória, como pedira a intercessão da sua mãe do Céu para a poupar da morte. E agora, que o rei a beijava com tanta ternura, com a ternura que lhe dedicava sempre, sentia o coração rebentar de comoção. Porque aquilo que esquecera, aquilo que tentava sempre varrer da sua memória, era que a mãe não morrera de parto, a mãe abortara o filho que trazia dentro de si, porque o seu pai, o seu próprio pai, a atirara ao chão, a magoara com os seus gestos impensados, a sua frieza e o seu egoísmo.

Espantado, Fernando percebeu que a mulher chorava, e era tão raro ver Maria chorar, um choro silencioso e magoado, que se transformou aos poucos em soluços abertos, como os de uma criança perdida e sem consolo.

- Está bem, minha querida, quer que chame o médico?

Maria encostou a cara ao seu ombro e deixou-se embalar, o bebé nos braços apertados. Mais calma, murmurou:

- Não preciso de mais ninguém, só preciso de si.

Nessa noite, Fernando, sentado com os seus filhos mais velhos à mesa de jantar, anunciou:

- O mano vai chamar-se Augusto, como o meu irmão, que será o padrinho

- E a tia Clem, a madrinha? - perguntou Luís, e o pai sorriu-lhe:

- Tem sorte, não tem? - A tia Clem era a mais popular de todas as tias, sempre pronta a deixar fazer tudo o que queriam, e a enchê-los de presentes e guloseimas.

Mas Pedro ficou com um ar tão sério que, quando os outros já se tinham ido deitar, Fernando puxou-o para junto da lareira acesa e, pondo-lhe uma mão no ombro, perguntou-lhe o que se passava.

Pedro, de olhos no chão, disse baixo:

- Sempre que nasce um novo bebé, lembro-me que será um dos manos a ocupar o trono, e não eu. Sonho com isso muitas vezes, e é sempre o João que é aclamado.

Fernando baixou-se ao nível dos olhos deste seu filho, que aos 10 anos lhe lembrava tanto a sua própria melancolia quando criança, e, disfarçando a emoção, repreendeu-o:

- Filho, sempre que a mãe tem mais um bebé, todos tememos pela vida dela, mas a mãe só vai morrer quando for velhinha, daqui a muitos, muitos anos, e aí o senhor D. Pedro já será um homem maduro, sem medo de nada... Quanto ao resto, isso é conversa de gente inculta, que repetia histórias julgando que o menino era pequenino de mais para as perceber.

- Para perceber que o primogénito dos Bragança morre sempre...

- O mito de que o primogénito morre sempre! Mas o menino, que é tão esperto, não se lembra do seu avô Pedro? Vê como não passa

de um disparate? E além disso...

- Além disso, se calhar os Bragança já não reinam em Portugal por essa altura.

Fernando atirou mais um cavaco de lenha para dentro da fogueira, procurando ganhar tempo. Pobre Pedro, sempre tão sério e compenetrado, às vezes tão cheio de si, mas outras tão aflito e angustiado. A verdade é que não podia deixar de viver agitado por dentro com todas as guerras, revoluções, manchetes de jornais, comentários ouvidos, não podia deixar de ser contagiado pela insegurança em que todos viviam. Afinal, o barco com a bandeira britânica continuava ao largo, sempre pronto a acolher a bordo uma família real fugida de mais uma revolução...

- Os portugueses amam os seus reis, amam a sua mãe e o seu príncipe real - disse, numa voz firme. - Tudo o resto são crises pelas quais os países passam, nesta evolução tão rápida que nos vai tornar em breve numa Europa mais justa, mais civilizada, mais desenvolvida, com menos pobreza.

Depois, dando-lhe um beijo na testa, mandou-o para a cama:

- Está proibido de ter pesadelos tão disparatados, ouviu, meu filho?



Maria confessou-me que queria convidar a mim e a Albert para padrinhos do seu pequenino Augusto, mas não o pode fazer porque não somos católicos. Fiquei cheia de pena, e com uni bocadinho de inveja de Clem e Augusto, mas para mim este príncipe será por isso sempre especial. Afinal, a intenção é que conta, e a rainha diz-me que era o sinal de que Fernando e ela estão muito gratos por termos feito tudo para os ajudar. Maria conta-me que o meu afilhado, porque é assim que o vou chamar, é muito grande, de olhos

enormes, de uni azul muito escuro, e de cabelo muito, muito loiro. Diz que nunca chora e que cresce a olhos vistos. Julguei que fosse muito pesado porque a mãe engordou tanto durante a gravidez, mas envia-me as medidas da criança, e afinal não é assim tão maior do que os meus.

Maria escreve, com aquela energia que tanto lhe invejo, a dizer que «o grande acontecimento» se deu mais cedo do que esperava, mas que sofreu apenas duas horas. Garante que está completamente restabelecida, que dois dias depois já passeava no jardim, e, com aquele seu tom de mestra ou de irmã mais velha (com mais um mês de idade!), prega: «Desejo de todo o meu coração que sigas o meu bom exemplo em tudo e que te possas restabelecer tão depressa quanto eu. » Francamente, nunca sei se diz estas coisas sem perceber que me magoa, ou se as usa para me envergonhar, já que sabe que sofro sempre uma recuperação tão lenta e melancólica. Fala do tempo bonito e de autêntica primavera, com os lilases floridos como se estivesse em maio, e confesso que fico com inveja - tenho a certeza absoluta, e o Albert diz que os estudos científicos apontam nesse sentido, que o humor de um povo é condicionado pelo clima.

Maria agradece os retratos que lhe mandei das nossas crianças, e com isso deu-me uma ideia: logo que o pintor esteja disponível vou enviá-lo para Lisboa, para que pinte os príncipes portugueses. Gostava de ter deles todos uns retratos bem feitos, porque só tenho miniaturas de Pedro e de Luís.

Castelo de Windsor, 15 de novembro de 1847

Palácio das Necessidades, 20 de dezembro de 1847

Marfa acordou com um barulho estranho que não conseguia descrever. Nem teve tempo de pensar no que era aquele estranho tremor, porque Fernando entrou pelo seu quarto adentro, de camisa de noite e descalço, ordenando-lhe:

-Foi um tremor de terra, é provável que se sintam as réplicas. As crianças! É preciso tirá-las lá de baixo, vamos para o jardim.

As vozes dos criados e dos moradores das travessas mais próximas ouviam-se na rua:

- Nem pense nisso. Não podemos andar de um lado para o outro do paço, é preciso aproveitar os pontos fortes da estrutura, fique aí junto da janela, que vou lá baixo saber dos pequenos.

- Era o que faltava, vou consigo.

Mas não tiveram tempo de sair da porta, porque Pedro, Luís e João, de cobertores por cima dos ombros, apareceram na soleira da porta, assustados.

Fernando zangou-se:

- O que é que fazem aqui? Quantas vezes ensaiámos esta situação? Agora ficam com a mãe, que vou buscar os manos. A mãe não sossega se não confirmar que estão bem.

Mas nem chegou a atravessar o corredor, porque o camareiro-mor escoltava as amas com Maria Ana em lágrimas e Tonica divertida com o passeio noturno, Fernando estremunhado ao colo de uma aia, e o bebé Augusto na alcofa, adormecido como um anjo.

- Foi só um susto, três tremores pequenos...

Maria abriu a porta da sala, e mandara que todos se sentassem ali.

- Será seguro acender a lareira? Porque se não morrermos do tremor de terra morremos de frio - perguntou, mantendo a serenidade.

Fernando hesitou, mas acabou por ordenar a um dos criados que acendesse o fogão, mandando outro à cozinha:

- Se ainda lá estiver alguém, pede chá e leite quente para os meninos.

Pedro estava encostado ao parapeito da janela, e exclamou:

- Mãe, vem aí o Saldanha.

Minutos depois o marechal entrou na sala, sorrindo para todos:

- Que alegria ver a família reunida - brincou. - Podem estar sossegados, já passou.

Maria deu uma gargalhada:

- Faltava cá o senhor marechal para nos ler a sina!

Fernando teve vontade de se juntar ao riso. Para o bem e para o mal, a franqueza de Maria era notável.

Saldanha riu também:

- É a vantagem de já ter vivido muito, Senhora. Mas se preferir pode juntar-se às centenas de lisboetas que já acampam nas ruas, e morrer com uma pneumonia.

Pedro, que se mantinha encostado às cortinas, corou. Não gostava da forma como Saldanha falava com a mãe, mas a rainha não parecia importar-se.

- Prefiro morrer aqui, embora, com a inabilidade que este criado tem para acender lareiras, se esteja aqui dentro com tanto frio como na rua. Fernando, já podemos mandar a trupe toda para a cama?

Um por um foram beijados e abençoados pela mãe, e as amas levaram-nos para baixo, antes que se constipassem.

Maria suspirou:

- Preparem-se, que amanhã os jornais vão dizer que tudo isto é obra do rei para matar a rainha e ficar com o poder, como consta aí pelas vielas.

Saldanha voltou a rir, mas Fernando manteve-se sério:

- Não me diga que o rei acredita nesta conversa fiada que para aí anda? - perguntou a rainha, intrigada.

Fernando, subitamente, deu uma gargalhada.

- Que a senhora me exaspera às vezes é verdade, mas não tanto. E quanto ao poder, minha querida, deixo-lho todo para si com muito gosto - disse, sorrindo-lhe, e ela sentiu-se a mulher mais feliz da Terra. Que estranho efeito tinha sobre si este homem tão diferente de todos os outros, pensou.

Nos dias seguintes a terra voltou a tremer, mas nunca de forma tão forte, e a família real manteve-se no paço. Na véspera de Natal,

enquanto Fernando acabava de enfeitar a árvore, Maria sentou-se a escrever a Vitória:

Minha querida prima,

Apenas duas palavras para te apresentar os meus votos de um Bom Ano Novo cheio de coisas boas para ti e para toda a família. Agradeço muito os lindos vestido e casaco para o pequenino Augusto, que já foram usados no dia do batizado, em que o senhor Augusto se comportou muito bem. Sabe quem é que representou o padrinho? O senhor D. Pedro, muito importante, com o irmão ao colo, lá respondeu a todas as perguntas que o cardeal-patriarca lhe fez.

Estamos muito felizes com a abertura das Cortes e muito tranquilos com o resultado das eleições, que foram as mais livres que alguma vez tivemos no país, por muito que haja quem diga o contrário. O ano de 47 acaba com sete abanões de terra em quatro dias, alguns fortes, mas só um muito forte, e as pessoas assustaram-se tanto que acamparam mais de três dias, mas nós ficámos por aqui e espero que isto por agora tenha acabado.

Quanto ao resto, todas as saúdes de grandes e pequenos estão excelentes, e as crianças na felicidade da antecipação da árvore de Natal, coisa que eu própria aprendi a amar desde que adotámos este costume alemão tão bonito para as crianças. Adeus, minha querida Vitória, pedem-me a carta. Deseja ao Albert Bom Ano Novo por mim.

Maria



Encho os pulmões de ar, e expiro frente a este caderno, o centésimo caderno que escrevo este ano. Muito do que guardei para

memória futura é sobre Portugal, neste ano tão inacreditavelmente difícil para aquele país. Quando a Convenção de Gramido foi finalmente assinada, convenci-me que vinham aí tempos de paz e progresso, mas depois fui vendo como a rainha conseguia protelar as eleições livres, e em novembro entendi que não seriam livres coisa nenhuma. Os resultados maioritariamente a favor de Costa Cabral não me deixaram dúvidas de que tinham sido uma fraude, e desesperei de vez quando vi que nomeavam Saldanha para chefiar o novo governo. Saldanha, meu Deus, depois da irresponsabilidade que demonstrou durante a guerra civil, depois de Maria e Fernando terem reconhecido que fazia chantagem, que era um cata-vento perigoso. Costa Cabral, inteligente como é, e todos reconhecemos que tem todas as qualidades de um político habilidoso, deixa que o marechal seja a cara visível deste ministério, alimentando-lhe a vaidade, mas ficando com o controlo dos cordelinhos.

O nosso embaixador conta que o rei tem conversado com ele e que está consciente de que os cabralistas são perigosos e o odeiam. Aliás, nem tem forma de não saber, porque falam de forma desbragada contra ele, como se Fernando fosse um perigoso revolucionário, e já nem se esforçam por esconder nada. Diz Senour que alguns dos líderes conservadores insultaram o rei no Passeio Público, virando-lhe as costas, e repetindo o gesto, não fosse ele não ter dado por ele. Quanto aos rumores de que estaria disposto a matar a rainha para ficar com a regência, ninguém os parece levar a sério, mas circulam. Pobre Fernando.

Castelo de Windsor, 30 de dezembro de 1847

Palácio das Necessidades, 12 de março de 1848

Predro foi o primeiro a vê-los. Andava ainda mais sorumbático desde que há umas semanas a República fora proclamada em França, e os Orleães haviam sido obrigados a fugir, por isso quando viu a tia Xica, o tio Joinville e os primos a saírem de uma carruagem no pátio do paço, julgou que estava a alucinar.

Xica acenou-lhe, entusiasmada, aquela tia brasileira tão parecida com a mãe, na ausência de protocolos rígidos, quase disparatada, pensou enquanto corria para ela e se deixava abraçar.

- Tia, tia, está bem? Aquelas cabeças de abóbora fizeram-lhe mal?
- perguntou, enquanto apertava a mão com força ao tio Joinville.

- Felizmente, conseguimos fugir sem que nos acontecesse nada, mas deixámos tudo para trás - disse Joinville, enquanto iam subindo as escadas.

Maria, ao ouvir a voz cantada da irmã, correu pelo corredor fora, não querendo acreditar:

- Em Lisboa? Fugiram para Lisboa? Mas que grande ideia, mana - disse, abraçando a irmã com entusiasmo.

Xica riu:

- Só estamos de passagem, mas imaginei como deviam estar preocupados e insisti com o Joinville que era preciso que o barco

aportasse aqui. Já viste o mundo, então nós passamos a vida a mudar de canto...

- Mas no outro canto tínhamos um tempo melhor do que este - disse Maria, a rir, apontando para a rua, onde chovia a cântaros e o vento quase derrubava as árvores.

- Ficam até quando? - perguntou, enquanto os criados punham mais lugares à mesa, onde o almoço ia mesmo ser servido.

- Até daqui a três horas, se é que com este temporal conseguimos sair da barra. Já para entrar a barra foi um sarilho, as crianças até vomitaram. E por cá, está tudo calmo? A loucura em França não contagiou os vossos revolucionários?

Fernando deu-lhe o braço. Gostava muito desta sua cunhada, tão genuína e bonita. Maria olhou-os juntos e sentiu uma pontada de ciúmes. Francisca era tão mais bonita do que ela, e, apesar das duas gravidezes, estava magra e alta, tinha a figura do pai. Encolheu os ombros, ela que esperasse por ter oito filhos e logo havia de ver. E satisfeita, entrou para a sala, sentando-se à mesa, para comer a sua refeição favorita.



Nasceu a minha filha Luísa, e ao sexto parto tudo continua igualmente terrível. Ai que egoístas são os homens, são eles a causa da nossa desgraça, se soubessem aquilo pelo que as suas pobres escravas passam para lhes dar filhos. Tanto sofrimento, tanta humilhação dos sentimentos delicados de uma pobre mulher, com os médicos a observarem-na e a tocarem-lhe, o que é quase tão mau ou pior do que as dores em si. Quando me falam no orgulho de dar vida a uma alma imortal, apetece-me assobiar para o ar, pois pois, não me venham com essa conversa, porque no momento do parto imagino-me muito mais tuna vaca ou tuna cadela! O Albert fica

chocado quando falo assim, mas digo-lhe que me deve adoração eterna, e ele ri, mas não estou a brincar.

Enfim, sinto-me melhor depois deste desabafo. A minha querida Vicky ficou tão contente de ter mais tuna irmã pequenina, que até me espantei, julgando que por esta hora estivesse mais do que farta de crianças na nursery. Aos 8 anos é muito mais maternal do que eu, embora hoje em dia eu o seja muito mais do que era quando a minha primeira filha nasceu.

Agora rezo para que o Altíssimo me poupe a tuna nova gravidez, e para que a «praga» de uma família numerosa que o tio Leopoldo e Maria me desejaram se desfaça.

Finalmente, ontem recebi de novo tuna carta da rainha de Portugal, e reconheço que já tinha saudades. Embora vá dizendo que me desejou oni rapaz em lugar de tuna rapariga, não sei porque acha que quatro raparigas para dois rapazes é tuna conta fraca, elogia-me por ter recuperado tão depressa, melhor do que ela, chega a dizer, o que francamente me deixa preocupada - tenho a certeza de que mesmo que se sinta doente, não conta a ninguém, e não me parece decidida a deixar de engravidar, apesar de todos os riscos que os médicos preveem. Que Deus a abençoe. Quanto a política, lá conta que o país está perfeitamente sossegado, que não se voltaram a ver sintomas de agitação, e garante, com aquele seu espírito prático, que «o povo está pacífico e acho que não se levanta mais de novo, mas falta dinheiro para lhe pagar, e como é tuna coisa que não temos muito por aqui, fica um grande mal-estar: por outro, é bom, porque assim é mais difícil haver tumultos».

Voltei a ver, finalmente, a «mana Xica» , não a via desde que é mãe, e os filhos são muito educados e simpáticos. E ela mantém aquela alegria que, cada dia me convenço mais, é qualidade que vem dos trópicos.

Quando recebemos notícia da revolução em França, e que os reis estavam desesperados na costa da Normandia na esperança de embarcar clandestinamente, enviámos-lhes um barco, e foi graças à coragem do capitão que os conseguimos trazer. Na doca estava a polícia, que percebeu, já tarde de mais, que tinha deixado escapar os reis Luís Filipe e Amélia, mas chegaram bem a Newhaven, e de lá vieram de comboio até Londres. O tio Leopoldo cedeu-lhes Claremont, e a rainha, apesar da idade, parece estar a adaptar-se bem, tem uma força enorme, como sempre teve, mas o rei está destroçado, e Albert tem sido visita frequente. Mal esteja mais forte vou convidar os mais novos para virem brincar com os nossos.

Os últimos anos têm sido turbulentos na Europa e já se esperava uma revolução assim. Comentei o caso com Maria, na esperança de que ela se assuste com a lição, mas ela respondeu-me a dizer que sou injusta, que o povo francês foi terrivelmente ingrato, e ainda me dá um raspanete, lembrando-me: «Mesmo quando os reis querem fazer o que acham que deve ser feito, muitas vezes não lhes deixam fazê-lo.» E depois, acusando o toque, diz: «Tendo sempre sido citado como um modelo de rei, devia saber bem o que fazia, mas, minha querida Vitória, uma vez que se é malvisto, tem-se todos os defeitos.» Coitada, sente mais do que ninguém a injustiça do juízo alheio. Fiquei contente com a notícia de que o meu afilhadinho está enorme. Tenho de lhe mandar um presente, para não se esquecer da madrinha.

Castelo de Windsor, 28 de março de 1848

Palácio das Necessidades, 20 de abril de 1848

O criado anunciou que Domingos Palmela pedia para que o recebesse. Esperava-o. Era frequente cruzar-se com ele, convidava sempre as suas filhas para as festas dos infantes, mas mentiria a si mesma se não admitisse que fugia a olhá-lo diretamente ou a conversar com ele. Nem um, nem outro, podiam ser indiferentes ao que se passara com o pai.

Mas sabia porque a visitava, já sabia.

Levantou-se da cadeira e atravessou a sala para o receber, a luz deste abril tão quente que parecia junho, o cheiro das roseiras e do jasmim a entrar pela janela aberta.

Viu-o entrar, alto e bonito, mas nunca tão bonito como Alexandre, os olhos cheios de lágrimas, e os seus, tão raramente molhados, comoveram-se também.

Deixou que lhe beijasse a mão, mandou-o sentar e perguntou:

- Foi uma morte serena?

Domingos, apanhado de surpresa, como é que a rainha podia saber, não passava mais de uma hora, foi incapaz de encontrar a voz, limitando-se a acenar que sim com a cabeça.

Maria levantou-se e, chegando-se a ele, inclinou-se e beijou-lhe o cabelo, afagando-o como se fosse um dos seus meninos.

- Foi a melhor das mães dos seus quinze filhos, nos bons e nos maus momentos. Sabe que me sentia um bocadinho filha também - murmurou.

«Uma má filha», teve vontade de dizer, mas não foi capaz. Nunca a visitara nesta doença, não lhe mandara um cartão, nem umas flores do seu jardim, fora incapaz de ultrapassar a barreira da soberba, ou da vergonha, mas mandava sempre alguém discretamente perguntar, estava sempre a par de tudo, de como acompanhava os mais pobres, das suas obras de caridade, da Fé com que suportava a morte dos três filhos, e da resignação com que suportara estes longos meses de sofrimento, da ida para Paris em busca de um médico que lhe pudesse salvar os pulmões, da viagem para a Madeira, numa última tentativa, das idas e vindas de D. Pedro, que acompanhava a mulher com que casara há trinta e oito anos e de quem tivera quinze filhos.

Domingos, estranhamente, compreendia. Levantando-se, beijou-lhe a mão e saiu. Maria ficou a vê-lo ir, e teve uma vontade imensa de estar no Rio de Janeiro, de subir à sua Senhora da Glória e deixar aos pés da Virgem um ramo de flores coloridas, como só havia naquela sua terra, pedindo-lhe que dissesse aos Palmela o que ela era incapaz de dizer.



Soube hoje que a duquesa de Palmela pediu para morrer no seu país, em sua casa, rodeada dos filhos e dos netos. Pobre D. Eugénia, e pobre D. Pedro, que decidiu que esta tragédia o obriga a voltar para Portugal, por muito que me pareça que lhe falta toda a vontade de o fazer. Escreveu-me a agradecer os meus pêsames, e conta-me que retomou o seu lugar na Câmara dos Pares, mas diz-me que nunca mais voltará a pôr o coração na política, e percebe-se uma grande amargura, tuna grande desilusão. Dizem-me que a rainha não lhe mandou um cartão, nem lhe disse nada. Recuso-me a

acreditar, até porque na sua última carta refere-se à morte da duquesa, e lamenta-a profundamente. Estranhos os caminhos das relações humanas, mas o que Maria tantas vezes parece não perceber é que um lugar como o nosso não permite caprichos, nem estados de alma, e o que é correto e deve ser feito tem de ser feito. Caso seja verdade, é uma indignidade, e o duque tem razão para se considerar insultado, mas ninguém melhor do que ele para lho dizer pessoalmente. Vou manter-me fora desta guerra, já que sou obrigada a estar envolvida em tantas outras. Por aqui os tempos estão agitados também, com manifestações de desempregados e operários, inflamados pela publicação do Manifesto. O tio Leopoldo diz que Karl Marx é um homem perigoso, e que os seus seguidores ainda vão virar o mundo avesso. De facto, as revoltas do continente, sobretudo as reais recentes em França, ameaçam chegar até cá, e o nosso exemplo será suficientemente forte para resistir e inspirar a luta.

Castelo de Windsor, 29 de abril de 1848

Paço Real de Sintra, 28 de julho de 1848

- **F** finalmente um verão em que nos deixam em paz, que bem precisamos de descansar a cabeça, grandes e pequenos - comentou Maria, enquanto ia trocando as molduras de lugar na Sala Moura onde gostava de passar a tarde nestes dias quentes, e este estava a ser um daqueles verões de calor africano que tanto detestava. Fernando abriu a cara num sorriso:

- Nem tenho palavras para lhe dizer como gosto de a ver assim, descansada, sem a agitação de Lisboa, de como gosto de nos ver a todos aqui sossegados, por uma vez, desde há anos, sem cartas a chegar e a partir, decisões a tomar, correligionários de uns e de outros a pedirem para ser recebidos. Este ano, nem o Saldanha me apetece ver...

Maria deu uma gargalhada:

- Mas vai ter de o ver, porque ele está a organizar mais um piquenique lá em cima na quinta e diz que lhe quer mostrar um sistema de desinfecção da água que mandou vir da Alemanha e que evita muitas das doenças de barriga que todos temos sempre quando nos mudamos para cá.

- A Fonte da Sabuga, para o senhor duque, transformou-se numa fonte sagrada, tarda nada põe um imposto a quem lá for encher a bilha - riu Fernando. - Como se não chegasse a gabarolice em tudo, agora temos de o ouvir pregar sobre os benefícios da homeopatia, de que se tornou fanático. O pobre do Kessler foge dele sempre que pode...

Maria desviou o assunto. Falar de Saldanha era falar de Costa Cabral, e do «seu» governo, e se não atalhasse a conversa em breve estariam a discutir.

-já viu esta litografia do Bertie, vestido de marinheiro? O Luís ficou cheio de inveja, já escrevi a Vitória a dizer-lhe que Lipipi continua apaixonado pelo mar, e ela insiste em que mandemos os mais velhos passar o verão a Inglaterra. Mas acho-os ainda muito novos...

Fernando levantou-se para a ajudar a mudar um quadro mais pesado, e pegou na litografia da mana Xica e de Joinville, que a prima também lhes tinha mandado.

-É mesmo bonita esta sua irmã - comentou, e Maria atalhou rapidamente: - É a única mulher que está autorizado a elogiar, e é porque está longe!

Fernando passou-lhe um braço pela cintura e beijou-a.

- Agora pedi a Vitória que me mande um retrato de Isabel de Espanha, porque quero fazer aqui um cantinho - disse Maria, apontando uma parede ainda vazia - com as três rainhas da Europa.

Fernando abriu a boca, incrédulo, e Maria ripostou, rápida:

- Se me disser que é vaidade, respondo-lhe que é, sim senhor, mas vaidade merecida. É um momento histórico, como diria o seu filho Pedro - acrescentou, e o marido levantou os olhos ao céu, como quem diz que nem mãe, nem filho, tinham cura.

Ignorando-o, a rainha tentou amuar, mas mais uma vez não conseguiu ficar calada mais do que uns minutos. Entusiasmada, contou-lhe:

- Sabe que a Isabel está de esperanças? Um herdeiro para o trono espanhol vai resolver tudo, acabam de vez as intrigas para lhe roubarem o trono e darem-no ao cunhado francês.

- As intrigas não acabam nunca, minha querida, porque senão, com sete filhos, já nos tinham deixado em paz.

A rainha sorriu-lhe:

- No caso de Isabel, até redobram. Quem será o pai?

Fernando encolheu os ombros, e com um «vocês mulheres» despediu-se, beijando-lhe a mão.

Maria puxou-o para junto de si, e murmurou ao ouvido:

- E por falar em filhos...



Albert chegou há uns dias à minha sala de trabalho com a notícia de um jornal, um artigo sobre uma nova forma de anestesia, descoberta pelo médico John Snow. Li-a com avidez. Um homem que se preocupa em retirar as dores de parto a uma mulher é um homem sensível, inteligente, que admiro mesmo sem saber muito sobre ele. Snow já anestesiou com clorofórmio 77 mulheres durante o trabalho de parto. Não aplica a anestesia imediatamente, esperando pelas dores mais intensas, e tem o cuidado de não adormecer completamente a mulher, para que ela possa fazer força e empurrar para fora o bebé (que ideia triste teve o Criador ao imaginar o nascimento assim!). O artigo diz que tem tido um enorme sucesso, sem efeitos secundários quer na mulher, quer no bebé, e até comenta que tudo se passa mais rapidamente assim - pudera, sem sofrimento qualquer tuna colabora melhor. O Albert comoveu-me, porque estava tão entusiasmado como eu, talvez afinal entenda melhor do que penso o sofrimento pelo qual uma mulher passa (também, se não entende, não é por falta de me ouvir dizê-lo!), e diz que vai falar com a nossa equipa médica, para que se encontrem com este anestesista para saberem mais sobre este assunto. Mas

uma coisa é certa: vou tentar adiar tuna nova gravidez o mais tempo possível, por mim até para sempre, deixando que sejam outras felizardas a ter a oportunidade de passar por tuna experiência menos dolorosa.

Vou começar a catequizar a Maria, e, se tiver provas de que é seguro, serei a primeira a enviar-lhe o clorofórmio e todas as indicações. O Kessler, que o Albert conhece bem, pode mesmo vir a Londres aprender a técnica. Suspeito, no entanto, que a rainha de Portugal me vai chamar tuna mariquinhas pé de salsa, e garantir que não precisa de anestésias para nada. Ou, mais ainda, que as mulheres devem dar à luz com dor, como prega a moral católica. Não compro essa história, porque mmca deve ter feito parte dos planos de uni Deus misericordioso que as mulheres passassem por tudo isto.

Castelo de Balmoral, julho de 1848

Palácio das Necessidades, 10 de janeiro de 1849

O conde de Tomar entrou na sala de trabalho da rainha com o semblante pesado. Beijou a mão a Maria, num gesto automático, e nem sequer fez um dos seus habituais comentários sedutores.

- Já vi que nem repara em que cadeira se senta - comentou a rainha, desconsolada.

- É o que faz a preocupação - respondeu o ministro, sem tentar emendar a mão. Maria olhou-o angustiada, pronta a fazer suas as dores do seu ministro. Já lera os jornais da manhã, e sabia que a oposição abria fogo contra o ministro, acusando-o de meter ao bolso dinheiro do Estado, de se aproveitar da sua posição para comprar terrenos e casas, com a agravante de que agora partiam de um dos seus irmãos, que, depois dos benefícios recebidos através dele, se tornara no seu mais visceral inimigo. Ficara furiosa com Fernando, quando o rei pousara o jornal e lhe perguntara qual era a tradução para português de um provérbio alemão de que quando as comadres se zangam, tudo se sabe. Nem o dignificara com uma resposta. Agora consolava o conde de Tomar.

-Tamanho ingratidão faz mal à alma, até um título tem graças a si! E, além de mais, é um crápula ao associar-se assim àqueles que o querem derrotar, ignore-o, que é o que faço a toda a esta gente sem princípios.

Costa Cabral sentia-se traído, mas agora queria, acima de tudo, minorar os efeitos catastróficos desta passagem para o inimigo de um dos seus. Mas, decididamente, não lhe interessava entrar em

detalhes com a rainha; havia coisas que era melhor que ela não soubesse. Para preparar a vingança, bastava-lhe perceber que as notícias dos jornais não haviam abalado a sua confiança nele.

- Saldanha vai controlar os danos, tem jeito para isso, gosta de almoçar e jantar com os diretores dos jornais, e está decidido a tirar do governo todos os que se mostrem alinhados com estas acusações e substituí-los por gente com mais cabeça.

Maria concordou, entusiasmada:

- Já temos nomes?

Costa Cabral pareceu reconfortado. Com o apoio da rainha seria mais fácil levar a cabo a limpeza a que se propunha, tornar ainda mais Cabral um ministério já tão cabralista. À saída inclinou-se sobre a mão da sua soberana, e jurou-lhe fidelidade eterna.

Maria acabou a manhã de trabalho com o coração mais leve. Sentiu a mão correr para o seu ventre e acarinhá-lo, como quem observa de fora um gesto conhecido, quase um ritual. Estava grávida de novo. Não desejara este bebé como desejara os outros, pela primeira vez na vida entendia o que Vitória sentia quando percebia que ia ser de novo mãe, um desânimo por dentro, um perguntar porquê a mim, porquê agora, mas não chega já, como se o corpo e a alma recusassem entregar toda a sua energia a fazer crescer uma nova vida. Afligiam-na estes pensamentos indignos, confessara-os de passagem apenas à prima, dizendo-lhe que dispensava bem este aumento na família, mas para logo atalhar que o que importava era que viesse bem, e que como recebera este, receberia todos o que o Altíssimo lhe desejasse enviar.

Levantou-se com cuidado, as tonturas eram agora mais frequentes, e foi até à janela para a abrir. Estava um dia lindo, verão em janeiro, as árvores a abanarem lá fora a um vento quente, o que seria das colheitas este ano com este calor fora de tempo. Puxou

uma cadeira, e dobrou os braços sobre o parapeito, como via fazer as mulheres de Lisboa, e olhou para o rio. O seu pequenino Lipipi, agora com 11 anos, ia embarcar em breve numa viagem até à Madeira, a primeira viagem, a primeira vez que passava uma noite que fosse fora de casa. Andava entusiasmadíssimo, a ver mapas com o Fernando, a preparar a «mala» com livros e bússolas, mas, estranhamente, quem estava em baixo era Pedro, que reagia com enorme tristeza à perspetiva da separação daquele que era na prática quase um gémeo.

«Tem mais é que se habituar», murmurou para si mesma, irritada, impedindo-se de mergulhar na angústia que um barco a partir, deixando quem se ama em terra, sempre lhe provocava. Malditas memórias.

O médico saiu do quarto das crianças preocupado.

- O diagnóstico da ama estava correto. A princesa D. Maria Ana está com rubéola, já pedi que a isolassem num outro quarto.

Maria tapou a boca, assustada:

- Mas vai ficar bem, não vai, senhor doutor?

- Claro que sim, mas o problema que me preocupa não é o dela, senhora D. Maria, é o seu e o do rei. Lembro-me que nem um, nem outro já tiveram, pelo menos quanto se saiba, a doença, e no estado interessante em que se encontra não pode arriscar-se a apanhá-la. Não sabemos muito, mas estamos já certos de que a rubéola faz mal às crianças ainda no ventre da mãe.

Maria levou a mão à barriga já de seis meses, preocupada.

- Quando os meus filhos estão doentes, fico sempre perto deles.

O médico voltou a acenar que não com a cabeça.

- Aliás, devia evitar estar com qualquer uma das crianças, porque todas elas podem estar contagiadas.

Maria acenou que não vigorosamente:

- Não exagere, senhor doutor, quinze dias sem ver nenhum deles? Já me custa deixar a Maria às amas, a pobre criança vai achar que fugimos todos e a deixámos para aí desterrada...

- Escrevemos-lhe cartas, e mandamos-lhe presentes - disse Fernando, que chegara a tempo de apanhar o fim da conversa.

Maria sentiu uma súbita irritação pelo bebé que tinha dentro de si, e roeu as unhas, culpada.

O médico consolou-a:

- Este ano a rubéola, felizmente, é suave, e benigna, é consequência deste tempo quente, tão estranho, há 66 dias seguidos que o céu está azul e o Sol escaldante. Mal venha a chuva, passa. Mas é preciso cuidado, porque ataca novos e velhos, embora não tenha provocado mortes...

Maria olhou-o, horrorizada:

- Mortes? Ó doutor, por favor, bata aí três vezes na porta de madeira. Não queremos mortes, nem aqui, nem na cidade.

Fernando passou-lhe a mão pela cintura:

- Vamos para cima, minha querida, que a Maria Ana fica bem, mais dedicada do que a ama dela não há.

- Não acredito, Fernando, estes vestidos da Vitória dão-nos azar - disse Maria, meia a rir, meia a chorar, enquanto desembulhava duas túnicas brancas que a prima mandara de Londres para Fernando e Augusto, que há dias se tinham juntado às irmãs mais velhas no

corredor dos doentes. A trupe toda estava com rubéola, e a rainha a cada dia mais angustiada, porque continuava proibida de os ir ver.

- Se fosse para apanhar já tinha apanhado - protestara, mas o médico fora absolutamente firme, e como podia pôr o seu bebé em risco? Estivera para lhe dizer que o dever de uma mãe era para os que estavam cá fora, mas envergonhara-se e calara-se. Fernando, sabendo como lhe era difícil obedecer, vigiava-a cautelosamente:

- Se lhe tiro os olhos de cima, está lá em baixo dois minutos depois - dizia.

Contra vontade, Maria até pedira à madrasta para vir para o paço, e ela e a sua meia-irmã Amélia, traziam-lhe notícias dos pequeninos.

Com tudo isto, decidira que Luís afinal não embarcaria. «E se pega a doença a todos os outros marinheiros», dissera a Fernando, que acabara por concordar. «Tem tempo, filho, tem tempo para ir para longe da família, agora precisamos de si aqui», dissera-lhe ao ver como ficara triste com a aventura roubada. Pedro estendera-lhe a espingarda com o monograma que estava a limpar e dissera-lhe: «Já que fica, mano, podemos ir à caça.» Maria ainda se comovia quando pensava nisso. Os filhos unidos, era tudo quanto queria.



Já passaram dois meses mas ainda não recuperei da morte do meu querido lord Melbourne, se é que alguma vez vou ser exatamente a mesma, porque sinto que morre sempre um bocadinho de nós quando desaparece alguém de quem gostamos e dependemos tanto. Sentia-o cada vez mais triste e deprimido, mas acabou por morrer de uma trombose. Não quero escrever nem mais uma página sobre esse assunto que já encheu tantas do meu diário. A morte contrapõe-se à vida, e Maria está de novo grávida, e pela primeira vez não anunciou o acontecimento com a alegria de

sempre, e eu ainda não sei o suficiente sobre o clorofórmio para lhe valer. Maria entra na sua nona gravidez, aos 29 anos, nove longos meses em que o corpo se transforma, em que aos poucos o vamos deixando de reconhecer, ficando a sensação de que já não atrai nem o nosso marido. Mas quando atrai, e ele nos continua a procurar, não podemos, nem queremos dizer que não, gratos que ainda nos deseje, esquecidos por momentos de que na nursery' estão já tantos. Maria parece-me, apesar de tudo, dedicar muito mais tempo à sua tropa do que eu à minha. Passo às vezes três meses a fio sem os ver tomar banho, sem rezar com eles ao deitar, entre reuniões e conselhos, compromissos sociais e inaugurações, e mesmo quando tenho tini intervalo no trabalho, por vezes o tempo não chega para atravessar este palácio frio e desconfortável e ir surpreendê-los na nursery. Vicky, Bertie e Alice já nos acompanham em muitas cerimónias, mas os mais pequenos passam demasiado tempo entregues a amas e mestras, mas o que pode a rainha de um Império como este fazer?

Pedi-me as medidas de cada um deles, porque me quer fazer unia supresa... Bem lhe disse que não se metesse em trabalhos, porque vestir os meus seis filhos todos já equivale a fardar um exército. Contou-me que Luís afinal não vai embarcar, porque as crianças estiveram todas doentes. Sabia que ia encontrar um pretexto para o reter. É engraçado como, tendo viajado tanto em pequena, tem horror a se separar dos filhos, por tuna noite que seja, e mesmo Fernando não tem autorização de dormir fora de casa, e falo assim mas também me custa terrivelmente quando Albert se ausenta, mesmo que por um curto espaço de tempo. Somos mulheres de família, é o que é.

Conta-me que o meu afilhado é agora conhecido por Gusty, um diminutivo com que os manos mais pequenos o batizaram, porque os petit noras são tuna constante nas grandes famílias, e nas famílias felizes. E a família dos meus primos portugueses parece-me muito feliz.

Mas o que têm de paz em família, têm de agitação política. Maria justifica a falta de cartas por andar horrivelmente ocupada com unia recomposição ministerial provocada por circctmstâncias que diz, com um paternalismo insuportável, que nem vale a pena explicar-me, porque seriam de muito difícil compreensão para quem não vive em Portugal. Não precisou de dizer mais nada para que eu entendesse imediatamente, mesmo sem a informação do nosso embaixador, que acaba de dar mais poder ao conde de Tomar. E depois distrai-me, como se distrai tuna criança, contando como o tempo está quente e maravilhoso, como me escreve às seis da tarde com a janela aberta ao ar quente. Temo que tuna nova tempestade esteja a formar-se no horizonte, e que o povo que fez a Maria da Fonte por odiar Cabral faça pior ao ver que Cabral tem hoje ainda mais poder, e que o acordo que mediámos foi absolutamente desrespeitado.

Palácio de Buckingham, 10 de fevereiro de 1849

Palácio das Necessidades, 6 de abril de 1849

Desde que o perigo da rubéola estava ultrapassado, Maria decretara que as crianças subiam à sua sala de trabalho, depois do lanche, para que os reis vigiassem os seus trabalhos escolares. Pedro e Luís chegavam mais tarde, porque o horário do seu dia a dia académico começava cedo e prolongava-se até mais tarde, mas passavam sempre pela sala de estudo, onde Fernando discutia o que tinham aprendido, e Maria lhe seringava o juízo para que escrevessem aos parentes. r , - 1 1 1, 1

- Luís, não quero mais desculpas, pegue lá no papel e na pena e escreva em inglês à prima Vitória. E livre-se de dar um erro de ortografia que seja - dizia ao seu segundo filho, que, cansado de livros, queria deixar-se escorregar para um canto onde passasse despercebido para brincar com João. - Aliás, teremos de comparar a vossa letra com a dos primos ingleses. Já pedi a Vitória que me mandasse um exemplar da letra de cada um, para comparar.

Fernando levantou os olhos ao céu, incrédulo. A letra dos ingleses para comparar com os seus, onde acabaria esta competição ridícula?

Maria, percebendo a crítica, desconversou:

- Vitória e Albert estão sempre a perguntar por ele, e a mandar presentes, ainda agora mandou uns binóculos ao Luís, não acha que os deve agradecer convenientemente?

Luís, que detestava pressentir os pais zangados, sentou-se mais direito à mesa, e começou a escrever. Pedro invejara os binóculos, e

de qualquer maneira não tinha muito o que dizer à rainha:

- Prefiro escrever ao primo Albert. Estou a contar-lhe que vamos organizar aqui em Portugal uma exposição industrial, acha bem, pai? Não é segredo, pois não?

Fernando sorriu:

- Não é segredo nenhum, e aliás foi Albert que me deu a ideia. Eles estão a preparar uma Grande Exposição Mundial, e para escolher o que temos de melhor para enviar para Inglaterra, lembrei-me de antecipar a nossa...

João estava deitado de barriga para baixo no chão, a brincar com um carrinho, o caderno dos ditados ao lado, sem que lhe prestasse nenhuma atenção. Maria dobrou-se e puxou-lhe as orelhas:

- Deixe lá o carrinho, vou eu mesma fazer-lhe o ditado de francês.

João, cujo tempo letivo aumentara agora que tinha 7 anos, exclamou numa voz dramática:

- Mãe, já fiz um ditado em inglês, outro em alemão, e agora a mãe vai fazer-me um em francês...

- E se o menino não se senta direito à mesa, faço-lhe a seguir um em português, e se der erros, são dois.

João gemeu, mas obedeceu, antes que o castigo se agravasse.

Pedro, o mais velho, que ouvira e tornara a ouvir as histórias da infância do Brasil, ainda tentou vir em auxílio do seu mano favorito:

- A mãe com a idade dele...

Maria piscou-lhe o olho, enquanto fazia sinal de que se calasse. O filho tinha toda a razão, como se lembrava bem das insistências de

Leonor da Câmara para que ficasse quieta a fazer os trabalhos, das cartas do pai a repreendê-la pelos erros da missiva que lhe mandara, e isto era aos 9 anos, porque aos 7 não havia mestra nenhuma que a conseguisse manter quieta mais do que dez minutos. Quando a mãe insistia que fizesse o ditado na varanda dos papagaios, arranjava sempre maneira de escorregar para o seu colo e pedir-lhe que lhe contasse histórias do seu nascimento ou batizado, ou saltava da varanda para o mato e corria por entre as árvores, escondendo-se num canto fresco até ao anoitecer.

A sua Maria Ana já tinha quase 6 anos, era parecida consigo, pensou, enquanto a observava a agitar-se na cadeira, o lápis constantemente a cair no chão, como ela flutuando da alegria à tristeza e vice-versa, num abrir e fechar de olhos. Escrevia em francês, alemão e português, tão bem quanto a sua idade o permitia. Mas Tónica, que acabara de fazer 4 anos, havia de a ultrapassar depressa, pensou. Amónia continuava tão parecida com o pai, que ele encontrava todos os pretextos para a puxar para o colo e lhe ler um livro, ou para a sentar num banco ao piano e ensinar-lhe as primeiras notas. Fernando e Augusto, o seu pequenino Gusty que já sabia andar sozinho, brincavam sempre um com o outro, tão próximos um do outro como Pedro e Luís eram entre si.

Passou a mão pela barriga, pensativa. E o pequenino Leopoldo, que tinham decidido nomear em homenagem ao rei dos belgas, como seria? Teria de esperar para ver, mas estava certa, e acertava sempre, que seria de novo um rapaz.



Maria acaba de fazer 30 anos, e eu estou quase lá. Trinta anos, como o tempo passou a correr. Mas era justo que a vida das rainhas contasse a dobrar, porque tudo o que já vivemos corresponde a tuna

vida normal de alguém com 60 anos, rugas incluídas. É verdade que temos as refeições servidas na mesa, não dobramos os joelhos como as criadas para apanhar as cinzas da lareira dos senhores, e sobretudo nunca passamos fome, e temos médicos para nos tratarem na doença, mas a responsabilidade que sentimos sobre os ombros é imensa. Tenho a cada minuto a consciência de que uma decisão, a minha assinatura aposta a um documento importante, pode decidir o futuro de milhares de pessoas.

Em Portugal, Maria há 15 anos numa agitação permanente, em que a sua própria vida corre risco. Na última carta diz-me que o país está em paz, mas a Imprensa dá conta exatamente do contrário. Mantemos os nossos barcos no Tejo.

Castelo de Windsor, 6 de abril de 1849

Palácio das Necessidades, 7 de maio de 1849

O padre ungia a testa do recém-nascido, seguro nos braços de uma das damas. Maria sabia que estava morto, que nascera já morto, ou morrera logo depois de nascer. Estranhara, quando não sentira vontade de o expulsar de dentro de si, como se o corpo soubesse o que ia acontecer, e procurasse proteger o seu filho por mais um bocadinho, procurasse manter a ilusão. Quando, finalmente, o médico o retirara deixara-se cair sobre as almofadas altas e esperara o choro, o grito, que lhe devolvia sempre a energia que fora sugada naquelas horas. Mas Leopoldo não chorou. Batizavam-no à pressa, temendo que a sua alma fosse impedida de entrar no Céu, condenada a um limbo eterno. Agora o padre rezava sobre o corpo do seu filho, envolto em panos, e Maria não conseguia pedir-lhe que lho dessem para o colo, não suportava olhá-lo unicamente para se despedir dele. Mas Lurdinhas, que ia e vinha a pretexto das toalhas lavadas e quentes, aproximou-se da sua querida senhora e implorou-lhe:

- Beije-o, beije-o, senhora D. Maria, para que vá para o Altíssimo, com o beijo da mãe.

A rainha ergueu-se com esforço na cama e estendeu os braços para o seu filho, que relutantemente a dama lhe entregou. Ainda estava quente, aquele bebé que crescera dentro de si. Desenhou-lhe o sinal da cruz com o dedo polegar na testa, beijou-o e murmurou: «Vai em paz, meu querido Leopoldo, que a avó Leopoldina espera por ti!» Durante uns segundos embalou-o, até que lho tiraram dos braços e nunca mais o viu. Diria a Fernando que plantasse uma

laranjeira por este seu filho, como a pequena Maria tinha uma cerejeira, onde ia sempre na primavera colher as flores.

Fechou os olhos, mas as lágrimas não caíam.

Fernando olhou-a de soslaio, preocupado. O nascimento e a morte de Leopoldo tinham sido há apenas duas semanas, mas Maria estava de pé como se nada fosse, reunindo de novo com Saldanha e o conde de Tomar, mergulhada no fundo das intrigas e dos combates políticos. Ajudava-a a esquecer, seria isso?, talvez fosse uma forma de a afastar da dor, e por isso estava grato. O conde de Tomar abria, ele próprio, um jornal, e O Popular retirava surpreendentemente o apoio ao governo de Saldanha. O marechal espumava, nos encontros com a rainha, e de propósito sentava-se na cadeira que sabia ser de Costa Cabral, como que deixando claro que era nele, e só nele, que Maria devia confiar. Mas Fernando sabia que a confiança e o afeto da rainha estavam com Cabral, e que em breve o vaidoso duque teria de reagir à afronta de que era alvo. Fora apenas uma fachada de consenso que o inteligente e maquiavélico ministro usara para sedimentar o seu poder e atirar areia para os olhos das potências estrangeiras que tinham mediado a paz. Quem julgava ele que enganava, perguntou a si mesmo, e não gostou da resposta: a rainha de Portugal, decididamente a rainha de Portugal queria ser enganada por ele.



Escrevi a Maria logo que soube da morte do seu recém-nascido, que me foi comunicada por uma carta emocionada do pobre Fernando. Agradeço a sorte de não ter sido sujeita a tal provação, e no dia em que me deram a notícia desmarquei todos os meus compromissos e, depois de tuna missa pela alma de Leopoldo de Portugal, fui direita aos aposentos das crianças. Nestes momentos, em que a morte nos rouba a vida, entendemos como tudo é efêmero, e se algtnn serviço nos presta, é tornar-nos mais

conscientes das bênçãos que nos foram dadas. Alfred, Helena e Luísa receberam-me com uni sorriso tão grande, largando todos os brinquedos e correndo para mim com tanta alegria, que jurei a mim mesma que daqui para a frente vou tirar mais tempo para os meus pequeninos. Mesmo Vicky, com 9 anos, Bertie de 8 anos e Alice, de 7 anos, precisam de mim, e reparo que é assim pela ansiedade com que se alinham, direitos, à espera de me beijarem a mão. Vicky é a que está mais à vontade, a minha querida Vitória que andava connosco de palácio em palácio, nos tempos em que todos éramos mais novos, e mais disponíveis.

Entretanto, hoje, recebi finalmente urna carta de Maria. Abri-a com ansiedade, sinto, pressinto talvez seja melhor dito, que se sentirá culpada porque, afinal, foi esta a primeira vez que sentiu, ou se atreveu a dizer-me, que a gravidez não era a mais desejada. É claro que deve ter sido um problema médico, tenho pensado muito se não terá apanhado rubéola sem dar por isso, o que poderia explicar a fragilidade deste bebé, mas quem sou eu para fazer diagnósticos à distância?

Mas já devia conhecer Maria há tempo que baste, para esperar a carta que recebi, em que diz apenas que sabe que eu sei da tragédia, que tem a consolação de saber que fez tudo o que os médicos lhe recomendaram, e depois discorre sobre a educação das crianças em geral, e a do nosso sobrinho Filipe Augusto em particular, o filho do irmão do Fernando, que é de facto insuportável. Concordo com ela quando diz que são loucos os pais que deixam os filhos fazer tudo o que lhes passa pela cabeça, porque, além do mais, vão transformá-los em adultos infelizes, de quem ninguém gosta. Suspeito que se Fernando educasse sozinho, educaria como o seu irmão, e que é Maria que impõe, e bem, a disciplina doméstica. Nunca me esqueço de quando Alexandre me contou que ela, ao ver uni dos filhos a responder mal a uni dos criados, o obrigou a pedir-lhe desculpa, dizendo-lhe que não admitia que em casa dela se falasse assim a fosse quem fosse. Às vezes penso como lhe deve ser insuportável ter de aturar ministros malcriados e arrogantes, quando

os seus padrões de exigência são tão altos. Sei o que a mim me custa, e às vezes que tenho vontade de viver no século xiv e poder mandar decapitar uns tantos. Se Maria me ouvisse, penso agora a rir, dizia-me que as cortasse mesmo!

Castelo de Windsor, 17 de maio de 1849

Palácio das Necessidades, 10 de julho de 1849

Saldanha entrou sem bater, deixando o criado estarrecido, com medo de que a fúria da rainha se voltasse contra ele. Mas o marechal empurrou-o para fora da sala e fechou a porta com estrondo.

Maria recebeu-o, os olhos gelados:

- O senhor comporta-se como uma criança mimada - começou, mas o marechal nem a ouviu.

Sentou-se ostensivamente na cadeira de Costa Cabral, sem que a rainha o mandasse sentar, e, zangado, protestou:

- Senhora, vai deixar que um homem ambicioso e sem escrúpulos, que o povo português odeia, comande os destinos do país, despachando o amigo do seu pai, que a tem servido com absoluta lealdade...

Maria, gelada, interrompeu-o:

- Senhor duque, o que está decidido está decidido.

- Mas tem consciência do que faz? Se não fosse eu a garantir a estabilidade do governo após a Maria da Fonte, trinta meses de estabilidade, coisa que este país não conhece há décadas...

Maria não se comoveu. Estava determinada, e erguera, como sabia fazer bem, uma muralha impenetrável de defesa:

- Era o que faltava que me desse ordens. O que fez, está feito e agradecido, agora é a vez do conde de Tomar.

Saldanha, incrédulo, pôs-se de pé de um salto, mudando de estratégia:

- Vai arrepender-se, mas escusa de me pedir para ficar, porque não fico. Vou para Sintra, tenho as minhas vacas e a minha quinta para cuidar.

E, com uma sombra de uma vénia, retirou-se.

Maria roeu as unhas com raiva. Saldanha era impossível, que fosse cuidar do gado e dos seus projetos megalómanos, que seriam um fracasso tão grande como tudo o resto em que se metia. E que levasse com ele Palmela, Lavradio e todos os amigos do pai, que sinceramente não precisava deles. Nenhum tinha a modernidade e a visão de Costa Cabral. Abriu a janela e ajeitou de novo a cadeira, como que libertando-a da profanação. Em breve chegaria Costa Cabral, e ele sim, tinha toda a legitimidade para a ocupar.

Suspirou fundo. Esperava há anos por este dia.

A tela estava no cavalete, e Luís pintava um cocker spaniel que dormia no chão, um filho de Dash que Vitória lhe enviara de presente há dois anos.

-Drogou o Luky? - perguntou o rei, rindo, pedindo desculpa ao professor António Manuel da Fonseca, o professor de pintura, por lhe interromper a aula.

Luís deu uma gargalhada:

- Parece, não parece? Mas juro que me limitei a dizer-lhe que ficasse ali quietinho, e ele é tão vaidoso que ficou. Quer ficar imortalizado para a posteridade.

O professor juntou-se ao riso. Preferia claramente o feitio soalheiro de Luís, com pouca paciência para a altivez e sobranceira de Pedro, e o rei estava certo de que esse era um dos motivos que levavam o seu segundo filho a dedicar-se tão apaixonadamente à arte. Lipipi desistira há muito de concorrer com o irmão, que o superava em História, Retórica, no alemão, no grego e em não sei quantas mais coisas, e procurava áreas em que se pudesse diferenciar e destacar. Quando pegava nos pincéis via como os olhos do pai artista se iluminavam. Queria continuar a ser o seu motivo de orgulho:

- Pai, que tinta usava para o fundo? - perguntou, desejoso de um pretexto para reter ali o rei.

O rei foi ficando. Também precisava de se alienar da agitação que ia nos corredores do paço, dos Conselhos de Estado que a rainha convocava, das entradas e saídas de Costa Cabral e dos seus correligionários. Preferia mil vezes as telas e os pincéis. Como o filho, também ele procurava terreno seguro.

Maria deixou-se convencer de que era preciso fugir de Lisboa. Que a trupe precisava de correr nos corredores do Palácio de Mafra, de caçar na tapada, de apanhar o ar fresco do campo. Partiram com as bagagens às costas, carruagens e carroças com tudo aquilo de que precisavam, as tapeçarias, as panelas, os lençóis para a cama, os baús cheios de roupa. Mas partiam, pensou Fernando, enquanto via a cidade de Lisboa cada vez mais longe. Abençoado conde de Tomar, pensou, que com o seu pulso firme, o seu espírito decidido e a sua capacidade de implementar as suas decisões, permitia que os reis fugissem para uns dias de descanso longe dos políticos e do calor da cidade. Por isso o rei estava-lhe grato.



Estivemos na Irlanda, e agora viemos passar uns dias à Escócia, que começa a ser o meu sítio preferido. É tão bom fugir da cidade e passear com as crianças por estes campos verdes, os lagos tão azuis e profundos, e montamos em longas caçadas a que os mais velhos já se juntam. Mas mesmo aqui chegam notícias de Maria. Conta-me que agora é o meu afilhado que tem rubéola, será possível ainda ser rubéola, não sei, mas ao que parece não está nada bem, e a situação agrava-se porque tem ainda muitos dentes a nascer.

Quanto à política portuguesa, diz o nosso embaixador em Lisboa que a prepotência de Costa Cabral raia níveis insuportáveis, e mal o tempo arrefeça e os políticos voltem à cidade haverá sarilhos. Maria diz-me que o ministério vai bem, o «nosso ministério» como lhe chama, e que o conde de Tomar mostra muito tato e moderação. Deve ser a única portuguesa que define as decisões de Costa Cabral com estes termos, mas coitada, a verdade é que, como diz Fernando a Albert, é para ela um alívio que alguém tome conta do país. Compreendo-a.

Castelo de Balmoral, 20 de julho de 1849

Paço Real de Sintra, 10 de agosto de 1849

- Mãe, mãe, venha ver - chamou Pedro, enquanto entrava pela sala onde Maria fazia malha, trazendo na mão uma gaiola com um pássaro colorido lá dentro.

Maria apontou para a mesa onde pousara os jornais do dia:

- Pouse-a aí, que pelo menos os jornais servem para alguma coisa - disse, rindo, e chegou-se mais perto para olhar.

- É uma poupa, uma *Upupa epops*, é bonita, não é? É o nono pássaro diferente que eu e o mano Luís apanhámos para o museu, este foi lá em cima na serra, que escalámos toda a manhã. O pai seguiu depois para a Pena, mas está todo contente, diz que a nossa coleção já merece ser visitada.

Maria sorriu-lhe. Os pássaros portugueses não tinham nem o tamanho, nem as cores daqueles que a mamãe mandava apanhar no Rio de Janeiro para enviar para os museus do avô Francisco e da tia Luísa, mas desde que Pedro e Luís se tinham dedicado à ornitologia começava a perceber um bocadinho mais sobre eles.

Na verdade, pouco lhe interessavam os animais, as pedras, as plantas, os musgos e os líquenes que todos os dias lhe apareciam na sala, mas sim o entusiasmo dos filhos por colecionar.

- Temos de escrever ao tio Pedro para nos mandar mais coisas do Brasil para o seu museu.

Ficou subitamente triste, e o filho, angustiado, perguntou-lhe:

- Aconteceu alguma coisa, mãe? Estava a lembrar-se da avó, era isso?

Pobre Pedro, sempre tão sensível aos seus estados de alma. Deu-lhe uma festa rápida no braço:

- Às vezes tenho saudades, pena que a avó Leopoldina não vos tenha conhecido, gostaria tanto de si, Pedro, era mesmo o neto com que ela sonhava.

A expressão de Pedro iluminou-se:

- Eu também gosto muito da avó Leopoldina, e lembro-me sempre de a mãe falar do museu - e, fazendo uma careta, acrescentou: - Desde pequenino que tenho pesadelos com a sua descrição daquele homem embalsamado dentro de uma cesta de vime...

Maria deu uma gargalhada:

- Metia menos medo visto do que descrito, e se calhar falei dele de uma maneira sempre triste porque...

- ... foi em frente dele que o frei António lhe disse que a avó acabara de morrer.

Maria segurou a mão do seu primogénito, do príncipe herdeiro de Portugal, entre as suas, num gesto raro, e Pedro deixou-se escorregar para o chão, sentando-se em frente dela:

- Mãe, lembro-me também de me falar de um manto de penas...

- O manto do rei das Ilhas Sandwich? Era lindo, e o seu avô Pedro mandou-me vesti-lo e eu senti-me a pessoa mais importante do Mundo. Ai Pedro, gostava tanto que o menino pudesse ir ao Rio de

janeiro, ao Brasil, ver com os seus olhos o sítio mais bonito do Mundo.

Pedro fez um sorriso preocupado:

- Se um dia tivermos de abdicar e fugir daqui, talvez.

Maria recolheu as mãos e pousou-as no colo, subitamente tensa e zangada:

- Era o que faltava! Deixei o Brasil por Portugal, e é aqui que vou morrer, deixando-lhe o lugar para que continue e faça ainda melhor do que eu, olha que história. E agora leve daqui esse pássaro, e dê-lhe água e comida, senão o bicho morre antes de chegar a Lisboa.



Aqui em casa estamos todos às pintas encarnadas, e com uma comichão horrível. Fui a primeira a apanhar varicela, e não há dúvida que quando apanhamos doenças de criança em adulto, são dez vezes piores, ou talvez seja apenas que nos sabemos queixar com mais palavras. Agora temos os mais pequeninos doentes, e é preciso calçar-lhes luvas nas mãos para que não cocem as borbulhas, porque fica tuna marca para a vida. A Luísa foi a que ficou pior, coitadinha, e a ama dava-lhe banhos de água morna com bicarbonato de soda várias vezes por dia para aliviar a comichão.

Recebi uma longa carta da Maria, que quando soube da doença pelo Albert se apressou a mandar-nos as melhoras, a sossegar-me dizendo que a varicela é benigna, que só faz bem e não tem problema nenhun, pior seria se tivéssemos apanhado varíola. De facto! Felizmente, depois discorre sobre as agitações na corte espanhola, que realmente davam tun romance, e um romance pesado, porque agora é o rei que, fraca figura como é, faz cenas à mulher, dizendo que o filho não é dele, coisa que, aliás, só lhe fica

mal, atendendo à faina que já tem de não ser muito dado aos encantos femininos. Pobre rainha Isabel, o seu comportamento é de facto duvidoso, mas lembro-me de tantas vezes perguntar ao tio Leopoldo como é que era possível aquela criança crescer bem, quando a mãe a abandonou e a deixou rodeada de gente pouco recomendável. Abandonou-a, casou com um mero soldado, de quem teve uma dezena de filhos no maior dos segredos, e depois fugiu para França. Albert ri-se quando falo dela, porque diz que se vê nos meus olhos como tinha vontade de ser como ela, e pergunta-me sempre com qual dos meus guardas é que vou fugir, e depois rimos muito, mas no fimdo, no fundo, acho que tanto eu, como a Maria sonhamos às vezes em livrar-nos de tudo isto e podermos, como diria a Maria, dar o grito do Ipiranga. Meu Deus, o que escrevo, deve ser da febre.

Castelo de Balmoral, 18 de agosto de 1849

Palácio das Necessidades, 10 de novembro de 1849

Lurdes entrou pé ante pé, e espreitou a rainha que dormitava, um pacho de água fria estendido sobre a testa, tão pálida que se fundia com o branco do algodão da almofada. Maria ouviu-a, e chamou, baixinho:

-Lurdinhas, és tu? Dói-me tanto a costura, nem consigo respirar.

A criada aproximou-se da cama e, enquanto trocava o pano molhado por um novo, foi dizendo:

- Senhora D. Maria, o rei já mandou chamar novamente o Dr. Kessler.

Maria tentou refilar, mas não conseguiu. Tudo começara com a azia do costume, depois os vômitos, que temera sinal de uma nova gravidez, e finalmente dores tão violentas que até ela, que detestava ser examinada por médicos, tivera de os mandar chamar. Ao palpar-lhe a zona do estômago, o Dr. Kessler encontrara uma massa grande, os colegas chegaram de urgência para operar.

Lurdes assistira a tudo, e jurava nas cozinhas que a rainha era de uma coragem como não havia. «Abriram-na com uma faca, andaram para lá a cortar, sangrou tanto que molhou dez toalhas, e fecharam-na de novo, e Sua Majestade sem um ai, nem um ui», contava com admiração, perante o olhar enojado dos outros criados.

Agora a boca estava seca, os lábios gretados, e quando Lurdes lhe aproximou o copo da boca, bebeu avidamente, deixando-se cair de

novo na almofada.

- Isto foi dos nervos com os preparativos da exposição, de certeza absoluta. E depois do frio. Aquele Arsenal da Marinha é para marinheiros fardados com aqueles uniformes quentes, não é para senhoras de capelina - disse, confortada pela nova pilha de travesseiros com que a criada lhe levantara a cabeça. A criada teve vontade de rir. A rainha preferia atribuir um abcesso, que tivera de ser drenado, a uma corrente de ar, do que a uma alimentação desregrada e demasiado copiosa, como os médicos lhe haviam dito. Mas quem era ela para recordar histórias que a sua senhora não queria ouvir?

- Mas foi bonita a exposição, não foi, senhora D. Maria? - perguntou Lurdes, ansiosa por ver a sua senhora arrebitar.

- Foi ideia do senhor D. Fernando, sabes? Tinha um espaço para cada uma das indústrias portuguesas mostrar o que faz, e olha que são muitas mais do que pensamos. Era isso que o rei queria, mostrar aos lisboetas, e aos estrangeiros que aqui vivem, que o país está a desenvolver-se, a progredir. Se não fosse o senhor conde de Tomar, andavam aí em escaramuças, em lugar de construírem estradas e trabalharem nas fábricas. - Maria já parecia outra, entusiasmada.

Lurdes deu-lhe a beber o xarope, e a rainha tomou-o como uma criança que se entrega aos cuidados de uma mãe. Estava tão gorda e pesada, pensou a criada, que até tinha dificuldade em ajudá-la a levantar-se, como estava diferente de quando, há tantos anos, entrara para o seu serviço.

Maria percebeu-lhe o olhar:

- Se estavas a pensar no meu peso, alegra-te com esta operação, porque há seis dias que não como nada, mais dieta do que isto não podem desejar - comentou, amargurada, e a criada corou,

envergonhada. Mas Maria não queria perder tempo em assuntos que lhe desagradavam:

- Olha, tenho é de me pôr boa para receber a minha irmã Xica, lembrás-te dela? Esteve muito, muito doente. Pelas cartas do meu cunhado e da rainha Vitória, tive medo que não resistisse, mas agora parece bem, e recomendaram-lhe sol. Ai Lurdes, era tão bom que viesse por um mês, dois meses, para podermos pôr a conversa em dia.

O Dr. Kessler entrou naquele momento e, sorrindo, comentou:

- Vejo que já não sou aqui preciso! Daqui a dias, a senhora D. Maria já vai voltar ao seu jardim.

Estou tão preocupada com Maria. Fernando escreveu-me uma carta desolada, a dizer que a rainha tinha sido operada. Os médicos temiam que fosse um tumor, mas felizmente era um abcesso, que teve de ser drenado, imagino as dores. Parece que lhe tentaram dar vinho do Porto e álcool para que as sentisse menos, e estivesse meia a dormir quando a operassem, mas a rainha recusou e viveu tudo aquilo acordada e sem droga nenhuma. Não sabem se o excesso de peso é a causa ou uma consequência, mas o rei diz-me que a mulher continua a comer de mais, e as gravidezes não têm ajudado, que o diga eu, que a cada dia reconheço menos a minha figura no espelho, as ancas a alargar. E aqui por Londres, a mana Nica continua em perigo. Lembro-me sempre de Maria me dizer que era absolutamente necessário para a saúde da irmã levá-la para Portugal, comparando-a a uma «pobre planta dos trópicos a que o sol faz falta». Tem toda a razão, e já disse a Joinville que pode contar com um navio inglês para a levar até Lisboa, mal se sinta capaz da viagem.

Talvez seja uma bênção que esteja retida no seu quarto, sem poder reunir-se com ninguém e proibida de ler os jornais, porque os relatórios do embaixador que aqui têm chegado dizem que a

Imprensa não fala de outra coisa senão do «escândalo da caleche», tuna carruagem luxuosa com que o ministro se exhibe em Lisboa, e que a imprensa o acusa de ter recebido a troco de tun favor. É que ao contrário dos palácios, do luxo que dentro deles se vive, dos criados e dos bailes, a caleche, todos a veem, é como se fosse um sinal exterior da corrupção de que há anos o acusam. A proximidade de Maria a Costa Cabral vai acabar por a atingir, dentro do país e fora.

Diz-me Palmerston que a oposição, manobrada obviamente por uni Saldanha ressabiado e que todos estávamos certos que se vingaria da htunilhação de que foi alvo, prepara-se para entregar à rainha um requerimento a pedir a demissão do conde de Tomar. Como é que o conde de Tomar subestimou a capacidade de fazer sarilhos de Saldanha, e a rainha a desonestidade de Costa Cabral, são mistérios que me ultrapassam. O braço de ferro vai começar. Espero sinceramente que Fernando e os médicos saibam manter Maria longe de tudo isto, o máximo de tempo possível.

Palácio de Buckingham, 20 de novembro de 1849

Palácio das Necessidades, 5 de dezembro de 1849

Com uma capa de pele de urso sobre os ombros, os cabelos louros arranjados num carrapito preso com pérolas, Maria dava um passeio pela Tapada das Necessidades, pelo braço de Costa Cabral.

- Tem a certeza de que já pode sair de casa para um passeio tão longo, senhora D. Maria, não seria melhor voltarmos para casa? - dizia-lhe, meigo, o conde de Tomar.

- Ó homem, por favor não comece também... Temos de falar aqui fora, lá dentro há sempre gente a entrar e a sair, ouvem as conversas todas, repetem, amanhã está nos jornais, por isso diga lá o que tinha para me dizer.

-Queria pôr o meu lugar à disposição, porque preferia morrer a prejudicar a rainha - disse Cabral, os olhos no chão.

Maria estremeceu de irritação:

- Demissão? Mas que disparate, senhor conde, que disparate. Não falámos já disto tantas vezes? O senhor fica, e é para ficar.

- Senhora D. Maria, peço-lhe que pense nessa possibilidade, porque sei que Saldanha vai mandar publicar nos jornais a carta que lhe escreveu!

Maria corou de raiva.

- Aquela carta sem nome, em que me diz que é o senhor conde de Tomar que põe em risco o trono e a dinastia? Haja paciência. Quantas vezes é que já me disseram o mesmo? É sempre a conversa de quem me quer assustar a decidir para o lado deles. Oiço isto desde os 9 anos, senhor ministro, acha que ainda me deixo amedrontar?

Costa Cabral tinha dificuldade em esconder a sua satisfação.

- Mas promete-me que dispõe de mim se sentir que assim é necessário? - insistiu.

- Prometo-lhe que ponho é o Saldanha na ordem, que é tempo de aprender a saber falar com a rainha. Ele que publique o que quiser! Já toda a gente sabe que deixei de ler os jornais.



É triste o dia em que damos razão a Saldanha, a carta que escreveu à rainha é gongórica, como todas as que escreve, mas verdadeira. Diz-lhe que a quer salvar dela própria, e acho que é disso mesmo que se trata. Como se não estivesse mais do que avisada, e frente a todos os escândalos que têm surgido em redor do nome de Cabral, Maria decidiu afrontar toda a gente, e nomear um novo grupo de pares, todos eles aliados do conde de Tomar, enchendo a Câmara Alta dos seus correligionários, promovidos a nobres e com direito vitalício. Garante assim a influência de Cabral, sejam quais forem os resultados de futuras eleições, e ofende todos os antigos pares, que se sentem humilhados por esta nova fornada de gente que não tem méritos reconhecidos, nem nome, nem antiguidade. Tudo a pedido de um homem que não hesitam em chamar de seu favorito, insinuando o pior. Tanta falta de senso é perturbadora, e mais tuna vez nem eu, nem Albert, entendemos como é que Fernando permite que tudo isto aconteça. O seu prestígio não pode deixar de ser abalado ao apresentar-se perante o

país como um homem fraco, que deixa que a mulher tome todas as decisões, se não for pior do que isso...

O embaixador diz-nos que já se fala em exigir que a rainha abdique em favor do pequeno D. Pedro. Não me admira nada.

Vou escrever-lhe a implorar que não subestime o poder e a determinação de um Saldanha htunilhado.

Palácio de Buckingham, 10 de dezembro de 1849

Palácio das Necessidades, 25 de janeiro de 1850

Costa Cabral trouxera-lhe um artigo do jornal inglês, um tal Morning Chronicle, de que nunca ouvira falar, e lançou-o sobre o seu colo.

- Leia, Majestade, leia o que aí se diz sobre o seu ministro, e o que se insinua em relação a si...

As mãos da rainha tremiam quando lhe devolveu o jornal:

- Por favor, leia-me alto o que aí se diz, ou melhor, traduza, que nunca me entendi bem nessa língua...

- O texto é todo sobre a minha «ascensão meteórica», e a minha suposta fortuna, aquilo que roubei, que, dizem os senhores, é metade do Orçamento do Estado, mais coisa, menos coisa. E porque é que, segundo eles, me é permitido roubar impunemente, quer saber? Tudo graças «ao leviano proceder de uma Alta Personagem para com este rasteiro favorito, circunstância de que sabe aproveitar-se bem para firmar a sua influência e poder».

Maria abria os olhos, estarrecida:

- Isso vem escrito assim, num jornal inglês? Mas como é que é possível um desaforo desses, como é possível que digam essas coisas sobre si, e que as insinuem sobre mim? Está bom de ver que se limitaram a publicar o que Saldanha lhes ordenou que publicassem, com o conluio do embaixador britânico. Mas e agora, o que vamos fazer? Como lhe vamos responder?

A rainha reagia como se o insulto fosse para ambos, registou o ministro, satisfeito. Endireitou as costas, mais largas com o passar dos anos, e começou a andar para trás e para a frente ao longo da sala:

- Esteja descansada, Majestade, que não deixo que manchem assim a sua honra. Nem a minha - acrescentou. - Sou um homem de Direito, educado e com conhecimento das leis, embora queiram fazer de mim um tipo tosco que chegou a Lisboa sem saber ler, nem escrever.

- Mas o que vai dizer? - insistia, nervosa, a rainha.

- Que não estou onde estou por nenhuma razão imprópria, que a rainha de Portugal não me favoreceu por nenhum outro motivo, senão o de achar que tenho competência para o lugar que ocupo.

Maria bateu palmas, rendida.

- Não vou dizer nada a Fernando sobre a sua resposta, senhor conde, porque quanto menos gente estiver misturada nisto, melhor - sussurrou a rainha. Neste paço as paredes tinham ouvidos, e o marido reunia-se vezes de mais com os embaixadores. A resposta de Costa Cabral seria uma surpresa para todos. Estava ansiosa por a ver publicada.

Nessa tarde escreveu a Vitória, a pretexto da nova gravidez que lhe anunciara. Sabia bem que, por esta altura, a prima já teria lido o jornal e recebido uma catadupa de relatórios do embaixador em Lisboa, aquele detestável Seymour, que ganhava a vida a fazer intrigas e a repeti-las onde não devia. Tinha de procurar repor a verdade.

Querida Vitória

Soube que estás de novo num certo estado, e Deus queira que sejas muito feliz até ao fim. Já não sei mais se te deva felicitar ou

te lamentar, porque sinto que podias ter esperado mais um bocadinho, mas paciência.

Por uma carta que Fernando escreveu à tua mãe saberás que estamos em perfeita paz, mas que a nossa oposição jogou uma miserável cartada no assunto do conde de Tomar. Como é que se pode acusar alguém de roubar e depois, quando se pede que quem acusa explicita a acusação, da forma que a Carta exige, não o pode fazer por falta de provas? É revoltante e escandaloso.

Espero com imenso prazer a Xica, Joinville e os rapazes, e que bem fará à Xica falar a sua língua e passear sob o calor do Sol que ela tanto ama.

Adeus, minha querida prima,

Beijos

Maria

Fernando não queria acreditar no que lia. Era assunto de primeira página de todos os jornais portugueses, ali preto no branco, a declaração jurada que o ministro português mandara em resposta ao artigo do Morning Chronicle, e que os jornais portugueses davam à estampa, certamente com o maior dos prazeres, tal o escândalo que representava.

«O conde de Tomar sente sobremaneira ter de nomear a rainha de Portugal, mas julga do seu estrito dever negar do modo mais solene e eficaz aquelas escandalosas afirmações publicadas. Distinta e positivamente nega que foi nomeado ministro por causa de quaisquer sentimentos imorais da parte da rainha de Portugal ou dele próprio; e que jamais da parte de Sua Majestade ou dele houve relações imorais ou impróprias.»

O barulho das suas botas ecoava pelo corredor, enquanto se dirigia aos aposentos de Maria, com o jornal na mão. Quem se

julgava esta criatura para usar assim a rainha. Sentimentos imorais, relações impróprias, como se atrevia a insinuar tal coisa, e depois a negar tudo isto em seu nome e em nome da rainha de Portugal?

Abriu a porta do quarto de vestir da rainha e ordenou às damas e criadas que saíssem, deixando Maria com o cabelo despenteado sobre os ombros, as meias e os sapatos por calçar. A rainha reagiu preocupada:

- O que foi, Fernando, que cena foi esta?

O rei, fora de si, acenou com o jornal:

- O louco do Costa Cabral escreveu uma declaração indigna, para se desculpar das acusações que o Morning Chronicle lhe fez...

Os olhos de Maria incendiaram-se:

- Ai o conde de Tomar é que é louco!

Fernando retorquiu, ainda mais furioso:

- Certamente não leu o que diz aqui! «Nega que foi nomeado ministro por causa de quaisquer sentimentos imorais da parte da rainha de Portugal...»

Maria encolheu os ombros:

- E é mentira? Queria que dissesse que havia sentimentos imorais?

Fernando atirou os braços a ar, desesperado. Por vezes perguntava-se se Maria era burra!

- Maria, isto tudo é inadmissível. Um ministro não pode sequer admitir a hipótese de relações imorais ou impróprias com a rainha. Não vê que ao negá-las admite a possibilidade de terem existido?

Não percebe que ninguém vai acreditar que tenha escrito isto sem o seu conhecimento?

- Ah, mas é claro que é do meu conhecimento. O conde de Tomar pediu-me autorização para escrever esse documento, e eu dei-a!

Fernando empalideceu, deixando-se cair numa cadeira:

- A senhora autorizou esta declaração abjeta, que a ofende a si, e me ofende a mim? - perguntou em voz sumida.

Maria ficou aflita. Nunca vira o marido tão perturbado. Levantou-se e estendeu-lhe a mão, mas Fernando levantou-se de um salto, e protestou:

- Esse homem deu-lhe a volta à cabeça! Acredite, o inferno a sério vai começar. Isto é uma guloseima que atira aos leões, Saldanha a esta hora é o homem mais feliz do mundo.

A expressão da rainha endureceu:

- Não tenho medo dos meus inimigos, se é isso que o preocupa.

Fernando virou as costas à mulher e saiu da sala, batendo a porta com estrondo.



É a maior loucura que Maria já cometeu. Começo a achar que de facto está enfeitada pelo seu ministro. Como pode ter cometido tal ingenuidade, sem consultar ninguém, e como é possível este homem não se demitir no mesmo momento, depois de ter afetado o bom-nome da rainha como chefe de Estado, mulher, esposa e mãe. Sei que os jornais portugueses dizem isto mesmo, mas é verdade. É claro que Saldanha já transformou tudo isto em munições contra o

seu novo inimigo, mas mesmo gente tão sensata como Palmela e Lavradio estão horrorizados, e levantaram a questão na Câmara Alta. O conde de Tomar usou de toda a sua arrogância, na certeza de que tem as costas quentes, e, revelando toda a sua baixa condição, foi insolente com os pares do Reino, usando um vernáculo que os pares do Reino não usam. Os deputados ofenderam-se, ou fingiram ofender-se, e foi um tumulto no Parlamento. A moção que pedia a discussão do assunto nas Câmaras foi vencida por uma margem pequena, mas fica um mal-estar imenso.

Palácio de Buckingham, 28 de janeiro de 1850

Palácio das Necessidades, 10 de fevereiro de 1850

- **F**ernando, como é que é possível que esta polémica dure há quase um mês? E sabe quem é que se levantou na Câmara dos Pares a pedir justificações a Cabral? Saldanha. Não bastava a carta aberta que mandou publicar, em que, a pretexto de atacar Cabral, me condena a mim, como agora, sabendo como o nome da rainha está enxovalhado aqui e lá fora, é ele que se levanta a pedir explicações, a deitar mais achas para a fogueira?

Fernando acenava com a cabeça, preocupado. Se reprovava a insensatez da resposta de Cabral ao jornal inglês, se ficara zangado com a forma como a mulher lhe escondera o assunto, não podia estar de acordo que transformassem um erro de um ministro num erro da rainha. E Saldanha devia mais lealdade à coroa.

- Vou demiti-lo de mordomo-mor! Está decidido, não merece o cargo - insistiu Maria.

Fernando protestou:

- A sua decisão vai ser interpretada como mais apoio ao conde de Tomar, que...

- E muito bem! Porque é isso mesmo que é. Ou acha que vou deixar que um soldado ambicioso cometa uma tamanha injustiça, um homem que está ao meu serviço e se volta contra mim...

- Contra si, não, contra o seu ministro, contra um político é uma coisa diferente, e convenhamos, Maria, as acusações merecem, no

mínimo, ser investigadas.

A rainha virou-se para o marido, vermelha de fúria:

- Não vai começar, pois não? Está decidido. Escrevo três linhas a demiti-lo, não mais, para que entenda que se quiser mandá-lo para Sintra pastar vacas, tenho poderes para isso.

Fernando viu-a sair disparada para a sua sala de trabalho e deixou-se cair na cadeira. Que falta lhe fazia o primo Alex, Dietz, gente com quem pudesse conversar e trocar ideias. Sobrava-lhe o embaixador Seymour, e mandá-lo-ia chamar hoje à tarde, sem que a rainha desse por isso...



Saldanha escreveu a Palmerston e a todos os seus amigos ingleses, certamente para que algum deles me fizesse saber o que pensa de tudo isto. Julgo que nunca imaginou que a rainha chegasse a este ponto, e protesta, com razão, que esta demissão é ilegal, já que o cargo de mordomo-mor é vitalício, e por méritos passados, não sendo passível de ser retirado assim. Aliás, nunca antes na História de Portugal o foi. Como é que o próprio conde de Tomar, já que Maria não parece ouvir mais ninguém, não a aconselha a ser mais ponderada, afinal é um homem das leis, tem a obrigação de lhe dizer que não faça coisas de que se virá a arrepender. Mas nisso Cabral e Maria são parecidos, igualmente obsessivos nos seus ódios. A argumentação que Saldanha vai usar contra a rainha é correta: o título só lhe poderia ser retirado se tivesse cometido um crime, e se tivesse cometido um crime teria o direito, enquanto militar, a julgamento num tribunal marcial. Mas nada disto aconteceu.

Albert já escreveu a Fernando, mas não faço ideia de como a rainha pode voltar atrás. E para a frente só vejo o precipício.

Espero que, apesar de tudo, Saldanha seja suficientemente honrado para não se aliar com aqueles que lhe vão pedir para usar a popularidade de que goza no Exército para levar a rainha a abdicar em favor de Pedro. Quem continua impassível é Costa Cabral. Uma monarquia assiunidamente absoluta não seria mais absoluta.

Palácio de Buckingham, 15 de fevereiro de 1850

134

Palácio das Necessidades, 10 de março de 1850

Marfa deu o braço à mana Xica:

- Tenho de andar muito a pé, são ordens dos médicos, mas canso-me depressa, e dói-me aqui - disse apontando para o peito.

Francisca parou, preocupada. Estava a par de todo o escândalo que envolvera a rainha e o valido.

- Maria, a mamãe não foi assim acusada, quando ficou regente e Bonifácio de Andrada era o ministro?

Maria sentiu o sangue subir-lhe ao rosto:

- Julga que não me lembro disso todos os dias, julga que não abomino ainda mais estas insinuações por isso? Ainda me lembro de como Bonifácio me abraçou no dia da morte da mamãe, como me olhava sempre, tão cúmplice, tão amigo.

Xica afagava o braço da irmã com ternura:

- Mana, não se agite que lhe faz mal.

- Mal? Mal faz-me lembrar como as pessoas são desleais e cobardes. De quem é que o papai se voltou a lembrar quando precisou de alguém de confiança para entregar os filhos na noite da fuga, para nomear tutor do Pedro? Pelo menos, Fernando não é como o papai - desabafou.

Xica encostou a cabeça ao ombro da irmã, enquanto caminhavam:

- Mas este Costa Cabral é José Bonifácio, mana? É que dizem tantas coisas dele

Maria empalideceu:

- Insinuações e mentiras. Fez negócios, que mal tem enriquecer? Sabe, Xica, aqui os aristocratas só ligam ao sangue, falta-lhes ter vivido no Brasil.

Francisca procurou mudar de assunto. Era preciso distraí-la da política. Ficara chocada com a obesidade da rainha, diziam-lhe que quanto mais agitada, mais comia, e os vestidos largos e de mau corte, amarrotados e com nódoas, eram resultado de uma cabeça demasiado tomada pelas guerras dos seus ministros...

Maria virou os olhos aos céus:

- Xica, por amor de Deus, não vai começar a olhar para o gosto do vestido ou para as nódoas, pois não? É a minha roupa de trazer por casa. Com crianças sempre ao colo e a limparem as suas mãos sujas de bolachas ou de terra ao que tenho no corpo, ou quer que ande para aqui em sedas e chiffons?

A irmã deu-lhe um beijo apressado, e negou:

- Que disparate, estava era preocupada com as dores no peito, será coração? Venho para aqui para me tratar, e afinal quem está doente é a mana Maria.

Maria encolheu os ombros:

- Não me admira nada que seja coração, com as aflições que este país me dá! Nada comparado com o que França fez aos seus reis, coitada de si, do seu marido e dos seus filhos, mas não vamos falar de tristezas.

Maria sentou-se na sua cadeira favorita, virada para o Tejo. Ainda estava demasiado frio para abrir as portas para o terraço, mas o céu estava azul. Depois de uma manhã a passear pela Tapada, fechara-se na sua sala de trabalho com Fernando para cumprir o que planeava: autorizar a demissão de todos os cargos que o marechal Saldanha ainda ocupava. Objetivamente, era Fernando que agora o dispensava de ajudante de campo, e do Supremo Tribunal de justiça Militar, e o rei pegou na pena várias vezes, mas só para logo a pousar.

- Fazemos bem?

Maria contestou, zangada:

- Ainda pergunta? Depois de tudo o que se tem passado? Ouviu o que o conde de Tomar contou do que ele disse nas Cortes? O senhor, que se indignou tanto com aquele desmentido que Cabral fez ao jornal inglês, vai deixar que o homem que preparou a notícia que lhe deu origem ande por aí a dizer que tem a sua confiança? Como se o rei concordasse com o que diz, com a insinuação de que é meu válido?

O rei ficou pálido, tal a raiva contida. Eram, de facto, inacreditáveis as intrigas que Saldanha alimentava.

- Sei que tem toda a razão, minha querida, e sei o que a tem feito sofrer tudo isto, mas já pensou em como Saldanha vai retaliar? Continua a ser extremamente popular, sobretudo junto do Exército, será sensato continuar a antagonizá-lo desta maneira? O embaixador britânico avisou...

Maria enrubesceu de fúria:

- Nem me fale de embaixadores britânicos, nem desse país, Fernando. Quem é que publicou o artigo que deu origem a este sarilho todo? Não me admira nada que tenha sido ele a escrevê-lo.

Fernando não conseguiu deixar de rir. Quando Maria decidia tomar alguém de ponta não havia nada a fazer. Pelo menos por enquanto. Pegou novamente na pena, molhou-a no tinteiro, e assinou.

Dias depois o decreto era publicado, e Saldanha tornava-se oficialmente na vítima de uma soberana mal aconselhada, e de um soberano que não encontrava força para se lhe opor. O duque esfregou as mãos de contente. «Que os jogos comecem», disse a si mesmo.

Depois do jantar em família, com a alegria de ter os Joinville à mesa, depois de uma noite de cartas, piano e música, e que bem tocava piano e violino o seu querido Lipipi, o criado entrara com uma carta, numa bandeja de prata.

Maria levantara os olhos, nervosa, para o rosto de Fernando. Seria já de Saldanha?

O lacre que fechava o envelope não era o do marechal.

- É da marquesa de Ponta Delgada, de Leonor da Câmara, lembra-te dela, Xica, ou eras muito pequenina na altura? Já tem 71 anos, mas está ótima - comentou, animada.

Mas ao ler o que dizia, uma sombra desceu sobre o seu rosto.

- Morreu. Nem sabia que estava doente - disse engolindo em seco.

Agora, deitada na cama, sentia dificuldade em adormecer. Há quanto tempo não via a mulher que dedicara tantos anos da sua vida a ensiná-la, protegê-la, guardá-la, e que tão injustamente o pai afastara da corte? Tanto, que nem era capaz de apontar uma data. Mordeu o lábio, zangada consigo mesma. Quantas vezes prometera a si mesma não ser daquelas pessoas que usam os outros e depois os esquecem. E Saldanha? «Não mistures as coisas», disse a si mesma, zangada. Ouviu a porta ranger, e o corpo de Fernando encostar-se ao seu. Deixou-se abraçar, agradecida.



Convidei os dois príncipes portugueses mais velhos a viajar com os meus no Roval Yacht, mas Maria recusou. Diz que não podem afastar-se tanto tempo dos estudos, que são pequenos de mais para saírem de casa, e argumenta, e aí dou-lhe alguma razão, que o seu pequeno marinheiro não deve embarcar num barco britânico antes de o fazer num português, pergunto-me é porque é que ainda não o fez em Portugal... De qualquer modo, Pedro vai fazer 13 anos, Luís 12 anos, e Maria com esta idade já atravessara quatro vezes o Atlântico. Tenho pena, porque acredito que esta viagem seria importante para os pequenos...

Entretanto, têm lá estado os Joinville, e agora é Clem e Augusto que passam por lá a caminho de Sevilha, e em breve serão os Nemours. Maria tem a vantagem de lhe ser possível ficar em casa, porque toda a gente lhe bate à porta. E com estas pequenas coisas que percebemos o interesse ancestral dos britânicos num porto de passagem como Lisboa.

Não sei se foi por lhe ter escrito a falar em viagens, mas Maria contou-me uma história que me emocionou. Diz que passeava no jardim da Pena, quando pressentiu, como nuns sonhos, que eu estava com ela, e juntas comentávamos as plantas e as flores, debaixo de um céu azul tranquilo e puro. Comove-me ser assim parte da sua vida, como ela é da minha, e tenho pena de não ser como fica ou como a Clero e poder apanhar um barco e aparecer de surpresa.

Quanto à política portuguesa, diz-me que está tudo bem, mas é claro que não está, e não acredito que não o saiba. O nosso embaixador tem estado com Saldanha e diz que o marechal está fora de si de fúria, que uma vaidade como aquela não suporta as humilhações como as que tem sofrido. Sevmour está convicto de que vai encabeçar uma revolta, e o país que odeia Costa Cabral

estará disposto a secundá-la. Ao que parece, como se previa, já recebeu propostas de gente que está disposta a financiar um movimento que deponha a rainha e a substitua pelo príncipe real. São tempos perigosos, como o exemplo de França testemunha, e Maria e Fernando escolhem sempre o caminho que os leva pelo fio da navalha.

Palácio de Buckingham, 15 de março de 1850

Paço Real de Sintra, 5 de junho de 1850

Fernando entrou no quarto, pálido. Aos 35 anos, continuava um homem lindo, o cabelo loiro sem uma madeixa fora do sítio, as patilhas longas e arruivadas, os olhos muito azuis, pensou Maria, satisfeita. Casara bem, e escolhera o melhor pai para os seus filhos, que eram todos tão bonitos como ele. Aos 31 anos, estava bem mais «estragada» do que ele, mas restava-lhe a consolação de que sacrificara o corpo a dar-lhe oito crianças maravilhosas, cinco rapazes ainda por cima, e mais este que trazia agora dentro de si.

Bateu com a mão no colchão, pedindo-lhe que se sentasse ao seu lado:

- Que cara é essa, senhor D. Fernando? - perguntou.

- Os jornais de hoje dão notícia de que Vitória foi vítima de um atentado.

Maria sentou-se na cama, aflita:

- Vítima? Vítima como, Fernando? Morreu?

- Não, fez só um ferimento na cabeça, está bem, mas é horrível. Em plena cidade de Londres, um louco, ex-oficial do Exército ao que parece, saltou para cima da carruagem e bateu-lhe com um cassetete.

- Bateu na rainha? - Maria tapou a boca, horrorizada. - Mas onde chega este mundo, Fernando? Foi a revolução em França, agora isto,

ai meu Deus, tenho de lhe escrever imediatamente... Bem me dizia ela que só se sentia segura longe da cidade.

Fernando beijou-a:

- Digo o mesmo! Como me sinto melhor aqui do que em Lisboa. Não quer ir comigo à Pena? As obras já estão quase a acabar, temos de começar a pensar em mobilar os quartos, em decorar as salas.

Maria deixou-se encostar ao seu peito. Que bom era quando Fernando estava feliz e escolhiam os dois os objetos, os quadros, os tecidos das cortinas a encomendar.

- Sempre é mais divertido do que comprar flanelas, sapatos e botas. Seis pares de botas gastou o Pedro este ano, com o pé sempre a crescer! Ao menos os quadros ficam quietos nas paredes - disse, a rir.



Soube hoje que o tribunal condenou o louco que me atingiu a sete anos de trabalhos forçados. Concordo com Maria, quando ela me diz que se não se tivesse comprovado que era doente mental, ainda mais assustador seria para mim, para todos nós. Escreve que admira a minha coragem. Coragem tem ela, com tudo aquilo por que tem passado, e dizem-me que apesar de se saber insultada pelos jornais, de em todas as esquinas se insinuar que mantém tuna relação imprópria com o ministro, e de a acusarem de dar cobertura ao seu enriquecimento ilícito, vai para o Passeio Público com as crianças à volta, e ali fica a bordar ou a fazer malha, provavelmente uni casaquinho ou tuna touca para um dos meus filhos, que acabei de receber unia que me enviou para Arthur. Quando lhe dei a notícia da morte de sir Robert Peel, aproveitou imediatamente para me dizer se numa nação do tamanho do Reino Unido é difícil encontrar homens de carácter, que imagine a dificuldade dela em fazer o mesmo ntun

país tão pequeno! Dar-lhe-ia razão se não conhecesse Palmela, que tem desprezado completamente em benefício de um homem como Cabral. Mas que sei eu? É contra mim que os loucos atentam.

Decididamente, só Maria para me fazer rir. Escreve: «Não compreendo nada da gravidez da rainha Isabel de Espanha. Já está no 11.º mês, quase um ano, mas tu sabes que em terra dos nossos vizinhos todas as coisas têm um lado risível. » Li alto a Albert, que ficou meia hora a rir.

Castelo de Balmoral, 25 de junho de 1850

Palácio de Mafra, 10 de setembro de 1850

Marfa odiava este calor. «Será que estamos em África?», protestava, enquanto mandava abrir portas e janelas na tentativa de conseguir uma corrente de ar. A barriga crescia, mas era a falta de notícias de Costa Cabral que a indispunha desta maneira. Apesar dos apelos dos seus ministros para que voltasse a Lisboa, onde a política aquecia à medida da temperatura que os termómetros marcavam, o conde de Tomar parecia determinado a manter-se longe daquilo tudo. Escrevera-lhe várias vezes, a dar-lhe ânimo, a insistir que não desistisse, mas sentia-o desanimado. O que faria se a abandonasse? Quem é que governava o país contra Saldanha, que a todos os dias a indignava mais? Em Sintra recusara-se a ir onde quer que o marechal fosse, e até evitava a janela de onde se via a Quinta do Saldanha. «Tão louco como o que atentou contra Vitória! Deve ser o Exército que lhes dá a volta à cabeça», murmurava para si mesma, fechando as portadas com força.

Abanando-se com um leque, mudou-se para a sua escrivaninha e começou a escrever a Clem, a quem tinha de dar os pêsames pela morte da mãe, a pobre rainha de França que acabara de falecer no exílio em Inglaterra, e depois a Vitória, para lhe contar os últimos êxitos de Pedro e Lipipi. A Vitória, escreveu «devias ver como Pedro e Lipipi se imortalizaram na caça, matando cada um deles dois gamos, alguns coelhos e pombos selvagens, imagina o prazer, estavam loucos de alegria». Pousou a pena. Pobre Pedro, bem podia entreter-se a caçar enquanto podia, porque mais dia, menos dia, herdaria este trono, este peso! Esperava ter tudo resolvido, o país em ordem, quando esse dia chegasse.

Voltou à carta: «Toda a minha trupe se porta muito bem, embora um pouco abatida pelo horrível calor, mas encantada por começar os banhos do mar, eu também os tomarei por ordens do médico.» E com o regresso a Lisboa, esperava o regresso do conde de Tomar, pensou mas não escreveu.



Continuamos em Balinoral. Albert está tão encantado com este castelo, aqui no meio de nada, onde podemos passear sem ver vivalina durante horas, que agora quer comprá-lo, para o remodelar e fazer obras, inspirado certamente nos relatos entusiasmados de Fernando e o seu Palácio da Pena, mas muna versão mais sóbria, digo eu.

Ontem juntei as crianças nas escadas, para que fossem retratadas, de Vicky a Arthnr, doze anos de diferença, sete filhos, Albert olhou-me com um ar satisfeito, e satisfeito deve estar, porque lhe dei a família nuunerosa que todos queriam.

Mas não é por estarmos aqui que a rotina dos dias é mais flexível. Acredito que é preciso manter os horários certos e o rigor das lições. Não confesso a Maria, mas Bertie não tem nada do seu Pedro. Detesta os livros, distrai-se com facilidade, tem dificuldades na ortografia, e prefere os desportos ao ar livre a tudo o resto. Albert diz que exagero na quantidade de vezes que lhe digo para seguir o exemplo da sua irmã mais velha, mas se é verdade? No fundo, temo que se pareça um dia com os meus tios, que gastaram o tempo e a fortuna em vidas sem sentido, de festa em festa, passando do copo de brandy para o cálice de vinho do Porto, sem terem feito nada que valesse a pena. Nesse sentido, agradeço à minha mãe ter-me dado uma educação muito diferente, não me deixando sequer conviver muito com eles. Há coisas que só quando somos mais velhos agradecemos aos nossos pais. Espero que Vicky, Bertie e todos os

outros, um dia, também reconheçam a minha severidade como uma coisa boa.

Castelo de Balinoral, 10 de setembro de 1850

Palácio das Necessidades, 12 de outubro de 1850

«**O** senhor duque de Palmela», anunciou o velho criado com a voz trémula pela emoção, e Maria levantou-se para receber Domingos, o novo duque de Palmela.

- Morreu em paz? - perguntou-lhe Maria. Domingos anuiu com a cabeça:

- Apanhou uma pneumonia dupla, quando chegou de Paris, não havia nada a fazer.

A rainha pediu-lhe que se sentasse. Chegava agora do Cemitério dos Prazeres, onde o corpo do senhor D. Pedro de Sousa Holstein, 1.º duque de Palmela, fora depositado ao lado da mulher, um cemitério bonito, tanto quanto os cemitérios o podem ser, pensou Maria.

Há meses a fio que não falava com o duque, anos até, e com muita franqueza achava que a tinha traído, incapaz de se deter firme a seu lado, sempre com os seus conciliábulos com os embaixadores britânicos. Diziam-lhe que até a Vitória escrevia, talvez fosse ele a fonte de tantas mentiras que a amiga lhe repetia como verdades.

Domingos olhava para as mãos, que torcia uma na outra.

- Não tinha a quem dar os meus pêsames, exceto a si - disse-lhe. Domingos agradeceu. Por toda a cidade se falava na ausência da rainha no funeral do seu maior homem de Estado, dizia-se que nem um cartão enviara, e nem sequer o rei comparecera.

Maria roeu as unhas, angustiada, mas Domingos poupou-a a explicações:

- Eu e os meus irmãos sabemos que a senhora D. Maria tinha o meu pai na maior estima, que não esqueceu tudo o que ele fez pelo senhor D. Pedro, tudo o que fez por si.

A rainha assentiu com a cabeça, com vontade de acrescentar que também não era pouco o que ela tinha feito por ele, a avaliar pela fortuna e títulos que agora Domingos herdava. Mas conteve-se. Não era altura para rancores, que Deus o tivesse na sua paz.



Palinela morreu, pobre homem. Maria escreveu a dar-me a notícia. O nosso embaixador conta que estão todos muito chocados com o silêncio da rainha perante a morte deste homem que a serviu toda a vida.

Não sei o que se passa, porque a mim conta-me como esta morte lhe provocou imensa, imensa pena, e como lamenta a falta que fará a toda a família. Custa-me tanto entender como esta sua forma implacável de ser se concilia com o caráter generoso que sem dúvida tem. E entendo mal a sua incapacidade de pôr de lado rancores pessoais, quando o dever de Estado assim o exige. Não faz sentido, mas vou transmitir ao embaixador que pelo menos à rainha de Inglaterra deu nota da sua dor, para que ele «espalhe» a notícia, procurando de alguma forma controlar os danos do seu comportamento insensato.

Palácio de Buckingham, 19 de outubro de 1850

Palácio das Necessidades, 15 de dezembro de 1850

Luís tocava uma sonata de Chopin no piano que a mãe lhe dera nos anos, e os mais pequenos brincavam à volta da rainha, ansiosos por mais um Natal. Para Gusty, agora com 3 anos, seria o primeiro com idade para apreciar a árvore iluminada, e o pequenino Fernando, tão crescido para os seus 5 anos, perguntava-lhe constantemente, numa mistura de medo e excitação, se o São Nicolau lhe traria brinquedos no seu saco grande. O ano passado, pensou Maria, afagando-lhe o cabelo loiro, o pobre pequeno morrera de medo quando vira o homem de barbas entrar na sala, correndo para debaixo de uma mesa para se esconder, para divertimento dos manos mais velhos, que o tinham cumprimentado sem se desmancharem. Desconfiava que Maria Ana, com 7 anos, já percebera que era o pai, mas ninguém queria estragar a magia deste dia, e a certeza de que, se descobrisse a verdade, Tonica ficaria triste, era suficiente para controlar a língua da mana grande.

Quando o rosto do conde de Tomar surgiu à porta, Maria sentiu o coração acelerar:

- Bem-vindo, senhor conde, há quantos dias não o via - acenou-lhe, indicando-lhe a cadeira em frente à sua.

- Fernando, tire os seus brinquedos daí - disse ao filho que pousara os soldadinhos de chumbo em cima do assento estofado.

O conde de Tomar foi distribuindo festas e sorrisos. Conhecia-os a todos muito bem, e as crianças não estranhavam as suas visitas.

- Vinha aqui despedir-me de Vossa Majestade, porque, como lhe disse, vou passar as festas a Tomar - disse-lhe.

Maria olhou a expressão cansada do seu ministro. Também não a admirava nada que estivesse exausto, sempre fechado no seu gabinete a trabalhar pelo progresso do país. De repente, ocorreu-lhe uma ideia:

- Sabe o que precisava? De uma casa de campo mais próxima de Lisboa. E se fosse para a Quinta do Alfeite, de que gostou tanto quanto lá foi visitar a propriedade?

Costa Cabral recusou a ideia, que disparate, disse, isso é que seria bonito, que a rainha emprestasse ou alugasse ao seu detestado ministro uma quinta que estava destinada ao lazer da coroa.

Tocara-lhe no ponto sensível, e o conde de Tomar sabia-o bem. Maria sentiu-se desafiada:

- Daquilo que me pertence decido eu, era o que faltava. Para que é que aquilo fica para ali ao abandono? Os cofres não precisam de dinheiro? Então, o senhor aluga a quinta, por um preço baixo, e por um tempo longo, não sei o que é usual nestas coisas...

Tomar fez um ar contristado:

- Bem, os contratos habitualmente são por noventa e nove anos, mas é possível estabelecer o prazo que se entender.

A Maria parecia muito bem os noventa e nove anos. Para mobilar a casa, investir nos terrenos, fazia sentido um período grande.

-Olhe, é o meu presente de Natal para si - disse, visivelmente satisfeita. - E aqui mais próximo, podemos visitá-lo com mais facilidade.

Costa Cabral saiu do paço satisfeito. Amanhã mesmo iria de novo visitar o Alfeite. Parecia-lhe um presente justo, dado a um homem cuja única missão na vida era servir a rainha.

Quando a mulher lhe contou o presente de Natal que oferecera ao conde de Tomar, Fernando franziu o sobrolho.

- Não me vai dizer que devíamos modificar o nosso comportamento, só por causa daquela escandaleira do jornal inglês?

Rindo com vontade, acrescentou:

- Receia que digam que é um ninho de amor? A rainha grávida de oito meses, com esta catrefada de filhos agarrados às saias... Poupe-me, Fernando.

O rei deixou-se contagiar pelo riso:

- De facto, não podemos deixar de ser agradecidos para quem nos merece gratidão - disse. Tentava que a sua avaliação fosse justa, e de facto o Exército finalmente entrara na ordem, os ordenados dos empregados públicos eram pagos, e os tribunais funcionavam. Se Maria lhe queria arrendar o Alfeite, que arrendasse, sempre era melhor do que deixar aquilo ao abandono.



Não quero acreditar que Maria e Fernando tenham cometido a inconsciência de alugar uma propriedade da coroa ao conde de Tomar. Quando o Albert me leu a notícia do Morning Chronicle fiquei a olhar para ele incrédula - é claro que o jornal, depois do escândalo da caleche, nunca mais vai largar Costa Cabral, ainda por cima porque o tribunal nem sequer obrigou à publicação de um pedido de desculpas, mas não é o único a pegar no assunto. Novas do embaixador chegaram logo depois. Portugal está de novo ao rubro.

A oposição, que neste momento é o país inteiro, não vai deixar que isto passe em branco.

Quando recebi tuna carta de Maria, julguei que se ia justificar, ou pelo menos dar conta da agitação instalada. Ainda alimento estas esperanças, como se não a conhecesse como a conheço. Nem menção ao Alfeite, e quanto ao clima nacional, garante-me que «tudo está em paz absoluta». Porque age assim quando sabe, perfeitamente, que temos informações constantes de Lisboa? Ou será que realmente não conhece a realidade? Albert diz que Fernando Ihe tem escondido os jornais, porque não quer que se aflija neste mês antes do Grande Momento. Mas não acredito. Maria reúne-se com os ministros, com o Conselho de Estado, e nesta mesma carta refere como Saldanha se tem aliado à oposição, sabe tudo o que faz e deixa de fazer, como é possível que não saiba da agitação nas Câmaras, que tiveram de ser evacuadas, por causa de toda a agitação em torno do Alfeite?

Não me diz porque não quer ouvir os meus comentários. E quanto ao país, suspeito que quer levar ao limite a provocação. Quer que todos saibam que a rainha de Portugal faz o que Ihe dá na cabeça, ponto final.

Só que, apesar de todos estes disparates, continuo a preocupar-me, preocupo-me com ela e sobretudo com o bebé. O tio Leopoldo está convencido de que ela não está bem de saúde, e a Nica contou-me que se queixa muito do coração.

Castelo de Windsor, 18 de dezembro de 1850

Palácio das Necessidades, 3 de fevereiro de 1851

Marfa embalou a pequenina Maria da Glória nos braços, antes de a entregar ao médico. O seu rosto rígido e sem expressão contrastava com o de Fernando, que, de tão destroçado, nem sequer tentava enxugar as lágrimas que lhe caíam pela cara. Com uma voz firme, perguntou:

- É tão bonita, tão bonita, e tão forte. Porquê, senhor Dr. Kessler, porque é que isto aconteceu?

O médico alemão olhava para os outros dois médicos que o ladeavam, como que pedindo ajuda. E foi o Dr. Soares Franco, de quem Maria gostava tanto, que se atreveu a uma explicação:

- Foi um parto longo, talvez a bebé não tenha recebido oxigénio durante tempo de mais - disse-lhe, com toda a gentileza do mundo.

Maria prendeu o olhar no infinito, como se estivesse a observar a textura do tecido que forrava a parede do quarto, como se não estivesse ali. De repente, reagiu:

- Morreu porque foi essa a vontade de Deus, porque eu, eu fiz tudo o que os senhores me recomendaram - disse, como que pondo um ponto final no assunto.

Nesse fim de tarde recebeu a visita de Pedro. Na penumbra do quarto, o seu filho mais velho parecia ainda mais pálido do que o habitual, rato de biblioteca que não apanha sol, como lhe dizia

tantas vezes, carinhosamente. O príncipe recusou-se a sentar, e parecia deseioso de sair dali:

- Pedro, a coitadinha da sua irmã ia receber o nome da mãe, sabia?

Pedro disse que sim, mas não acrescentou mais nada.

- Lembra-se de como lhe falei da Igreja da Senhora da Glória, no Rio de Janeiro?

O príncipe deixou que os cantos da boca subissem na ameaça de um sorriso, mas a expressão manteve-se séria.

- Tenho muita pena da mana, mas podia ter sido pior, mãe, podia ter sido a mãe a morrer - desabafou, e o tom era de censura. Só faltava que a recriminasse por dormir com o pai, pensou a rainha.

- De que lado é que o menino está? Não me diga que se aliou a Lavradio e a Saldanha, e quer ver-me fora do caminho... Bem me contam que são a favor de que seja o rei.

Pedro corou, zangado:

- Não tenho nada a ver com esses senhores, e não acredito que o povo queira que a senhora abdique, mas...

Maria fez um sinal de desprezo com a mão:

- Claro que o povo não quer correr comigo, Pedro, isso são invenções do marechal e dos meus inimigos. Veja lá se o conde de Tomar lhe conta a mesma coisa? Não conta...

Pedro insistiu:

- Mas não me parece...

Maria interrompeu-o, altiva:

- Que o menino se corresponda com Albert, acho muito bem, e aprenda com ele tudo sobre a indústria, as linhas de caminho de ferro, e essas coisas todas, mas não se lhe meta na cabeça que sabe mais do que os ministros do reino, ou que a sua mãe e o seu pai!

Pedro mordeu o lábio, esforçando-se para não chorar:

- Mas o pai estava a dizer isto mesmo ao embaixador inglês - disse sem se conter.

Maria, desconfiada, retorquiu:

- Outra vez a escutar às portas? O senhor D. Pedro precisa de lavar melhor os ouvidos, e agora desande daqui para fora, e esteja descansado que a mãe não morre...

Pedro saiu com o coração pesado. Não sabia em quem devia acreditar. Que falta lhe fazia Dietz.

- Quero uma missa pela alma de Maria da Glória - decretou Maria, dando ordem a uma das camareiras para que fosse avisar o padre. Passara uma semana desde a morte da pequenina, e a rainha já se levantava há dois dias.

- Lurdes, leva-me a Virgem para a capela, quero que a minha padroeira e da minha filha esteja na igreja.

Virando-se para uma outra das suas damas, ordenou:

- Avise os professores e as amas das crianças. Quero-as vestidas para a missa, e diga aos mestres de Pedro que pouco me importa que o príncipe diga que não pode interromper os estudos.

Nesse fim de tarde, o rei, a rainha, Pedro e Luís, João, Maria Ana, Amónia, Fernando e Augusto sentaram-se nos bancos da frente da

Igreja das Necessidades. Maria olhou-os com orgulho. Que Deus lhe levasse os recém-nascidos, era triste, mas se fosse a moeda de troca para não lhe levar os grandes, estava disposta a aceitá-la.



Fiquei estarecida com a morte da pequenina Maria. Fernando pareceu-me muito abatido na carta que escreveu a Albert, e julgo que temeu de tal maneira perder a mulher que só fala em como é bom vê-la restabelecida. Depois recebi a carta de Maria, escrita quinze dias após o nascimento, e a pobre sente a necessidade de se justificar, garantindo-me que se consola com a certeza de que não cometeu qualquer imprudência e obedeceu, em tudo, às ordens dos médicos. Pobre Maria, como se tivéssemos culpa destas tragédias. Assusta-me é que diga que está ótima e nunca se restabeleceu tão depressa, porque temo que volte a engravidar, e de facto três bebês mortos à nascença, e dois de seguida, são avisos a que é preciso prestar atenção. Eu, que tanto me queixo dos partos, e que não queria tuna família numerosa e já vou no meu sétimo filho, não serei exemplo para ninguém. Depois de ter lido umas notícias nos jornais sobre um novo anestésico, pedi aos meus médicos que me informassem de tudo. Pediram-me tempo para saber mais, mas resta-me a esperança de que a ciência tenha descoberto uma forma de aliviar estes momentos tão dolorosos. Tudo o que souber, partilharei com as minhas primas...

Albert já está à minha espera. Não me posso esquecer de lhe dizer que agradeça a Fernando os mármorees que nos mandaram de Portugal. São magníficos, e estamos a pensar usá-los nas remodelações de Buckingham. Maria perguita-me o que achei deles, e insiste que são a prova de que em Portugal não estão tão atrasados como os fazemos. Se o país pudesse ter políticos da mesma qualidade do que as suas pedras, de certeza que Portugal só saía a ganhar! Tenho de ir...

A caminho do baile em casa de lord Archer, Albert contou-me tuna história muito diferente da de Maria. Já devia saber que quando ela fala dos filhos, dos mármore, e do tempo, e diz que a cena política está calma, é porque tuna tempestade se avizinha. Se acrescenta que «de política escreve o Fernando», então é porque está metida até ao pescoço na conspiração. Quer convencer-nos que é apenas mãe e dona de casa, e que é o rei que toma todas as decisões, mas é a maior das mentiras.

Albert veio com uma história muito mais grave. O nosso embaixador conta como teve tuna grande conversa com o rei, que estava sozinho apenas porque a rainha estava confinada aos seus aposentos depois do parto, em que Fernando lhe confidenciou uni enorme desconforto com as informações que lhes chegavam de uni plano revolucionário para fazer cair o ministério Cabral, e em que, como é evidente, o marechal Saldanha estava envolvido. Ao que parece, o golpe não aconteceu ainda, o que, na opinião do embaixador, significa que o conde de Tomar continua a ter espões em todo o lado, e tuna determinação que faz ceder a oposição. Até lord Palmerston diz agora que Portugal não vai lá com a rainha. Não quero crer, mas tenho de confessar que me parece que ela esticou demasiado a corda. Como é que é possível continuar a sustentar um homem que é odiado pelo país inteiro?

Como acabei de escrever ao tio Leopoldo, que triste é tudo isto. Fernando e Maria são de facto insensatos. Privarem Saldanha todos os seus cargos, em virtude da sua conduta ntun Parlamento que se diz livre, é unia nova machadada na imagem interna e externa de Portugal. Se juntarmos a isto as insinuações de que há uni «caso» entre Maria e o conde de Tomar, tudo se torna perfeitamente trágico, e suspeito que irremediável.

Castelo de Windsor, 18 de fevereiro de 1851

Palácio das Necessidades, 7 de abril de 1851

— **S**aldanha começou a guerra - disse Pedro, solene, ao sentar-se para almoçar.

A mãe fulminou-o com os olhos:

- E onde é que ouviu isso?

- Nas cocheiras. Partiu para Sintra e...

- Eu sei muito bem para onde partiu, e porque partiu, queria era saber como é que o menino sabia...

Fernando estendeu o braço, cobrindo a mão da rainha com a sua. Maria respirou fundo, e deixou o marido continuar:

- Há uma sublevação militar, mas não acredito que se torne numa guerra... de qualquer forma, vou partir com o Exército.

Pedro e Luís olharam-no, espantados. O pai montava como ninguém, caçava como nenhum outro, mas partir com o Exército?

Fernando fez uma expressão de desagrado:

- Não faz muito o meu género, eu sei, mas sou comandante-chefe, tenho de ser eu a sair...

Maria olhava-o com orgulho:

- O pai não deixa que o senhor duque nos coma as papas na cabeça! Vai ter dificuldade em encontrar regimentos que tomem o seu partido, quando se souber que é para lutar contra o rei.

Fernando não parecia tão certo disso:

- Esperemos que não, esperemos que tudo isto fique só entre nós e Saldanha, que os liberais não se lhe juntem...

- Ou o povo descontente - disse Pedro, com sobranceria.

- E o que é que o menino sabe do povo descontente? - irritou-se de novo Maria.

Pedro não recuou:

- Sei que Saldanha é um vaidoso, que se vinga da maneira como foi tratado, e pouco se importa com o que pensam as pessoas, mas também tenho consciência absoluta de que o povo não gosta do conde de Tomar, que acha que enriqueceu à custa dos cofres do Estado.

Maria estava corada, parecia um balão prestes a explodir:

- Era o que me faltava, ouvir os argumentos da oposição à rainha nesta casa.

Luís, nervoso, puxava o braço do mano, implorando-lhe que mudasse a conversa, mas Pedro não tirava os olhos dos olhos da mãe:

- Não sou contra a rainha, mas só queria avisar que vamos perder esta guerra, e não teremos outro remédio senão engolir o Saldanha.

Fernando tentou deitar água na fervura:

- O Saldanha é um pavão, mas não é um criminoso, quer provar que foi injustiçado, vingar-se do ministro, mas mais nada. Se eu sair à liça, percebe que não pode continuar por este caminho, e podemos reconciliar-nos.

Agora era Maria que gritava:

- Reconciliar-nos? Saldanha é meu inimigo para sempre, não volta a entrar neste paço, ninguém que se chame meu amigo lhe fala mais uma vez que seja. E Fernando, o rei sai para ganhar a guerra, não é para fazer a paz.

Fernando endireitou as costas. Estava em frente dos seus filhos, não podia ceder à mulher, tentou ser firme:

- Saio em paz, Maria. Este país já teve guerras suficientes.

Maria pegou na colher para comer a sobremesa. A batalha doméstica ia ser longa, e não valia a pena enfrentá-la de barriga vazia. Espantados, o marido e os filhos ficaram a vê-la comer.



O inevitável aconteceu, mas não deixa de ser terrível. Maria deu-me a notícia, e está em pânico porque Fernando acaba de a deixar para comandar as tropas que partem contra Saldanha. Confessa-se desesperada e zangada de o ver envolvido numa guerra civil, mas garante que não tinha outra hipótese, atendendo a que ninguém acreditava que as tropas se batessem se o rei não fosse com elas. Agora que o viu partir, está cheia de medo de que lhe aconteça alguma coisa, e pede-me, inclusive, que avise o pai e os irmãos de Fernando. Conta-me que não se separou dele mais do que um dia, desde que casaram há quinze anos. É admirável.

Contudo, a teimosia ultrapassa o amor. Julgo que agora nem é tanto a lealdade que sente para com Costa Cabral, mas o seu desejo de vingança. Saldanha desafiou-a, e Maria responde, decidida a vencer. E se tiver de sacrificar o marido a essa vingança, estou certa de que o fará. Com pena, mas sem hesitações. O nosso embaixador está muito preocupado. Partilha da opinião da rainha de que Saldanha é um pavão, e que julga que a revolução começa e acaba nele, o que, obviamente, não é verdade. O nosso homem em Lisboa suspeita que esta guerra pode custar o trono a Maria.

Palácio de Buckingham, 9 de abril de 1851

Palácio das Necessidades, 10 de abril de 1851

O conde de Tomar fizera-se anunciar logo de manhã. Tivera o cuidado de enviar um bilhete secreto à rainha, perguntando-lhe se achava sensato que se apresentasse, agora que o rei estava fora, e as más-línguasafiadas como nunca, mas Maria não hesitara: «Faça tudo como normal. Não tenho nada a temer, nem a esconder.» 1 1 .
1 1 f 1 1 1

Quando o viu à soleira da porta, fez-lhe um sorriso cansado. Pouco ou nada dormira na noite anterior, porque o sono era invadido por pesadelos, em que via o seu querido Fernando a cair do cavalo, atropelado pela cavalaria em galope, e despertava alagada em suor.

- Está aí a cadeira, à sua espera - disse-lhe, apontando para a cadeira de pau-santo forrada a azul.

O conde estava impecavelmente vestido, como sempre, o cabelo liso e escorrido penteado para trás, mas também as suas olheiras marcadas denunciavam a preocupação.

-Apenas dois regimentos se juntaram a Saldanha - contou-lhe, e a rainha sentiu um peso enorme sair-lhe dos ombros. O marechal nunca dispararia uma bala contra o rei, mas sabia-lhe a música tomar conhecimento de que os soldados não tinham fugido dos seus quartéis para se juntarem ao marechal.

- E os civis? Estão armados?

Costa Cabral inspirou, enchendo o peito de ar:

-Não estão, não, Majestade. Podem chamar-me de tudo, mas das muitas coisas boas que fiz, uma foi disciplinar o Exército, e retirar as armas aos civis. E de qualquer forma, Saldanha sabe que o povo armado é um perigo...

Maria sorriu-lhe:

- Um perigo que se podia voltar contra ele. Tenho a certeza de que o povo sabe bem tudo o que o senhor ministro faz por ele, das estradas aos ordenados pagos a tempo e horas.

O conde de Tomar tossiu:

- Não conte com isso, Majestade - disse, fingindo modéstia.

Maria pôs-se de pé e aproximou-se da janela:

- Tenho a certeza de que isto estará resolvido em dois tempos. Não devíamos enviar mais tropas de Lisboa para atacar as posições do marechal?

O ministro esperava a pergunta. Porque era óbvia, e porque tinha a rainha por inteligente. Mas a verdade é que não podia permitir que a tropa que estava na capital daqui saísse, porque senão como ficaria a defesa do paço, a sua defesa? Além do mais, estava certo de que nenhum soldado se voltaria contra Saldanha. O ódio que lhe tinha não o impedia de reconhecer que o prestígio de Saldanha junto das tropas era muito maior do que o seu.

- Por ora não, Vossa Majestade. Vamos ver como correm as coisas. - Depois, beijando-lhe a mão, disse-lhe com uma voz preocupada:

- Quero que descanse! É preciso que durma um pouco, porque o reino precisa da sua rainha. Deixe tudo comigo.

Maria sentiu-se mais sossegada. Estava certa de que o seu querido conde de Tomar velaria pela soberana, a mulher e a mãe.



Recebi uma carta de Fernando, enviada de Santarém, onde está com o Exército. Tem a fortuna de reconhecer que aconteceu aquilo em que, apesar de muitas denúncias e avisos, não quis acreditar. Embora continue a insistir em que o país estava em completa paz, e que se trata apenas de um ato de vingança pessoal de Saldanha. Será que a informação não chega ao paço? Será que também eu julgo que sei o que se passa no meu país, neste Império que me foi confiado, e estou alienada da realidade? É por isso que, por muito que me desesperem, continuo a ler os jornais.

Fernando põe o dedo na ferida quando desabafa o seu medo de que os liberais aproveitem a loucura criminosa de Saldanha em seu favor, porque se o fizerem esta guerra vai durar muito, e o resultado será imprevisível.

É inimaginável o rei à frente do Exército, como se tivéssemos recuado cem anos no tempo. Mas, pelas descrições de Fernando, Portugal fora de Lisboa está de facto um século atrás. Conta-me que os caminhos são impraticáveis, que a chuva e a lama impedem as tropas de avançar, e que nem vale a pena falar na dificuldade de mover a artilharia pesada, que se atasca nos carreiros.

Concluo que saem pouco ou nada do paço, exceto para os palácios em redor de Lisboa, e conhecem muito mal o país. O rei diz ter entendido mais em dois dias sobre o Portugal real do que nos últimos dez anos, e confessa que esta incursão o deixa ainda mais indignado com o dinheiro que se gasta nestas «revoluções», dinheiro necessário para investir no progresso do país, no bem-estar do povo. Vou rezar com as crianças, antes que se deitem, e teremos Fernando e Maria presentes nas nossas orações.

Palácio de Buckingham, 10 de abril de 1851

Palácio das Necessidades, 12 de abril de 1851

Arainha pediu ao embaixador britânico que viesse ao paço, e recebeu-o com chá e bolachas. Seymour sorriu pela ingenuidade da armadilha, mas fingiu-se encantado.

- Foi o senhor que convenceu o conde de Tomar a ter comigo a conversa que aconteceu hoje de manhã? - perguntou-lhe, direta como sempre.

O embaixador olhou-a com genuína estupefacção:

- E que conversa foi essa, Majestade? - perguntou.

- Não se faça de sonso, homem! O conde de Tomar veio dizer-me que está disposto a pedir a demissão, porque não quer ser pretexto para revoluções e desentendimentos. Foi o senhor que o chantageou neste sentido?

O embaixador deu graças a Deus pelos anos de experiência na profissão, que lhe permitiam controlar o riso. Sóbrio, franziu o sobrolho:

- Não me parece que o senhor conde de Tomar seja uma pessoa suscetível de ser influenciada seja por quem for, Majestade. Exceto pela rainha - atalhou, com uma ponta de ironia.

Maria gostou da alusão ao seu poder sobre o ministro:

- Olhe que não nasci ontem. Acabo de fazer 32 anos, e sou rainha desde os 7 anos. Disse-lhe ou não lhe disse que era importante demitir-se?

O embaixador decidiu-se pela frontalidade:

- É verdade que o digo, mas digo-o há pelo menos três anos, senhora D. Maria. Seria muito lisonjeador para mim pensar que essa tal conversa resultou de alguma que eu possa ter tido com o senhor ministro.

A rainha roeu as unhas, procurando ganhar tempo. Pousando o braço no colo, virou os seus olhos azuis para o embaixador, e disparou:

- Agradecia-lhe que não voltasse a aconselhá-lo nesse sentido, porque a vontade da rainha não é essa.

Seymour dobrou a cabeça numa vénia. Infelizmente, o país parecia estar absolutamente indiferente à vontade da soberana. E Costa Cabral à sua. Ainda ontem estivera até às nove da noite a procurar convencê-lo a demitir-se. Que tivesse falado no assunto à rainha, não era decididamente bom sinal, uma manobra para conseguir que a soberana o impedisse de concretizar a ameaça. Inteligente, este conde de Tomar, que, não fosse o diabo tecê-las, ia já dizendo que condicionava a demissão ao fim da revolução.

Faziam um belíssimo par, pensou enquanto descia as escadas de mármore e atravessava o arco para a luz da primavera, que enchia o Largo das Necessidades. Fazendo da mão uma pala que tapava o sol, observou o Tejo. Ali estava atracada a fragata inglesa, preparada para a fuga da família real, segundo ordens diretas da rainha Vitória. Do mal o menos.

Não reparou, no entanto, que, da janela do primeiro andar, a rainha seguia os seus passos, e também ela via a esquadra

ancorada. Que levassem a esquadra, que não tinha a menor intenção de partir.



Passam os anos, e continuo a olhar para Maria com um misto de desespero, como se olha para um filho impetuoso, e de admiração, pela sua coragem de defender aquilo em que acredita. O embaixador Seymour escreve que a rainha se comporta nestes momentos de crise com tanta serenidade e tanta calma admiráveis. É infatigável, nem sequer se deita, recebe e fala com ministros, embaixadores, soldados, decide e planeia. O pior é o que decide e planeia!

Seymour parece-me dividido: sabe que o seu papel é convencer o conde de Tomar a partir, mas reconhece que a perspectiva de ver Saldanha como primeiro-ministro lhe provoca agonia.

Quanto à relação da rainha com Cabral, já não sei o que pensar. Escreve que morre de saudades de Fernando, que nunca imaginou que a separação fosse tão dolorosa, mas lá vai dizendo que ainda bem que o marido se decidiu a arriscar a vida para salvar um governo de um homem que já provou que a usa para seu proveito próprio. Maria utiliza Fernando para salvar o conde de Tomar? Ou, no fundo, acredita que o conde de Tomar é o inimigo capaz de a proteger a ela, aos filhos, e a Fernando também?

Palácio de Buckingham, 18 de abril de 1851

Palácio das Necessidades, 23 de abril de 1851

Passear no jardim, com os mais pequeninos pela mão, sossegava a rainha. Olhava com atenção os canteiros, para perceber quais eram os bolbos que estavam prontos a florir, retirava as flores mortas dos rododendros e das azáleas, e parava para mostrar aos filhos como em breve os rebentos das glicínias se abririam em cachos, e as flores das cerejeiras se transformariam em frutos, «que temos de apanhar antes que os pássaros lhes cheguem». As linhas da cara tornavam-se mais suaves, quando olhava para Tonica que lhe mostrava um ninho, ou para Gusty que apontava para o fio da corda da roupa onde as andorinhas pousavam, fazendo um ruído infernal.

- Já viu, Maria Ana, parecem os manos a discutir quem é que come o último brigadeiro de chocolate.

Maria Ana riu, e continuou pelo caminho de terra a saltar à corda, as suas tranças loiras a saltarem com ela. Maria sorriu, com ternura, quando viu os seus mais novos precipitarem-se para um campo descampado onde a erva crescia alta e as azedas, com as suas cabeças amarelas, baloiçavam à brisa, gritando:

- Mãe, vamos apanhar trevos de quatro folhas para o pai.

Que saudades tinha de Fernando, e da maneira como sabia envolvê-la com o seu otimismo.

Vindo na direção de casa, numa correria, apareceu João, ofegante, a camisa fora das calças, os atacadores das botas, já

coçadas na ponta, desapertados:

- Mãe, mãe, trago-lhe uma carta do pai que acabou de chegar.

Maria pegou no envelope, ansiosa, a letra desenhada de Fernando, mais bonita não havia, e beijou-a, pondo-a de seguida no bolso.

O seu terceiro filho protestou:

- Não a vai ler?

Maria puxou-o para si e compôs-lhe a gola:

- E se o menino apertasse os sapatos, e se metesse na sua vida? - disse-lhe enquanto lhe passava a mão ternamente pelo cabelo. - O pai se escreve é porque está bem! Vá apanhar trevos com os manos, que o seu pai, a sua mãe e o país bem precisam deles.

Tocou com a mão na carta, para se certificar de que ainda estava lá. Gostava que Fernando lhe escrevesse estas cartas românticas, estas declarações de como não podia viver sem ela, como se fossem namorados inseparáveis. Mas perdia a paciência quando se queixava de mais. Ainda ontem respondera aos seus queixumes dizendo: «Fernando, tenha mais paciência. O que importa é que está a cumprir o seu dever.»

Maria gritou com o criado que lhe abriu a porta da sua sala de trabalho:

- Estou à espera do senhor conde de Tomar e de mais ninguém, ouviste? Não sais da frente dessa porta, e não dizes que aqui estou, nem que apareça por aí o papa, estás a perceber?

O pobre homem limitou-se a acenar que sim com a cabeça. Quando a rainha estava zangada, o melhor era não lhe cruzar o caminho.

Enquanto esperava que Costa Cabral chegasse, Maria andava de um lado para o outro da sala, demasiado ansiosa para se conseguir sentar. Como é que era possível que Fernando tivesse tomado uma iniciativa destas sem a consultar, limitando-se a comunicar-lhe a decisão por carta? A ela, a rainha? Subira-lhe à cabeça o poder, julgando que, por ter uma espada na mão e um Exército sob o seu comando, agora decidia o futuro do país? Sem licença sua, atrevia-se a escrever ao conde de Tomar a pedir-lhe que se demitisse, e que se demitisse imediatamente?

Quando o conde de Tomar entrou, estendeu-lhe as duas mãos, e deixou que as segurasse nas suas:

- Peço-lhe que não dê importância às palavras que o rei lhe escreveu, está nervoso, longe de casa... - disse, numa voz trémula.

Costa Cabral nem procurou disfarçar o seu desagrado:

- É uma enorme injustiça, reconheço-o. E uma estupidez - atreveu-se a dizer, e a rainha não o contrariou -, mas se é a vontade do rei, é a vontade do rei, e, como viu pela cópia que lhe enviei, apresentei a minha demissão, e a do meu governo.

- Mas não pode ser, não pode ser... não me pode abandonar assim! Acha bem deixar-me nas mãos de um marechal doido?

Costa Cabral sentia dificuldade em manter-se sentado na «sua» cadeira, e, sem pedir autorização à rainha, levantou-se e foi até à janela, virando as costas à soberana:

- Desde que a minha demissão é conhecida, o país, ao que parece, está em festa, e Saldanha vai entrar no Porto, para ser aclamado em ombros. Em breve estará em Lisboa...

Maria escondeu a cara nas mãos:

- Fernando diz que o acolheram mal em Santarém, e depois em Coimbra, que as pessoas odeiam o ministro da rainha, e que era necessária a sua demissão, mas não concordo. Acho que o povo é manipulado pelos jornais, por essa dita elite que escreve discursos inflamados, mas não tem de governar...

Costa Cabral não estava disposto a facilitar a vida à rainha. Sentia-se magoado e traído pelo rei-artista, que de repente decidira comandar exércitos, mas que capitulava para fugir ao desconforto das tendas, ao molhado da chuva, ao convívio com soldados que não cantavam ópera. O que o rei queria, percebia-o bem, era agradar aos ingleses e vir-se embora dali o mais depressa possível.

- A demissão está dada! - rematou, seco.

Maria olhou-o, estarecida:

- Talvez tenha de ser assim por uns dias, por umas semanas, para enganar o inimigo, mas prometo-lhe que a vingança não tarda. Não saia de Lisboa, fique perto, porque vai ver que consigo dar a volta a tudo isto.

Costa Cabral baixou a cabeça num cumprimento, e sem dizer mais nada saiu da sala. Maria, desconsolada, viu-o partir sem poder fazer nada. Afrontavam-na de novo, e agora era o próprio marido que o fazia, que lhe importava que escrevesse repetidamente que não conseguia ser feliz sem ela, que só pensava em voltar a casa, que morria de saudades, ou lhe mandasse flores apanhadas no jardim Botânico de Coimbra? Nem ele, nem os outros esperariam pela demora. Saldanha, só enquanto tivesse de ser. Usaria a vaidade do marechal contra ele próprio, deixaria que se estatelasse de novo na política, e então Costa Cabral voltaria em ombros ao lugar que lhe pertencia.



O conde de Tomar demitiu-se, mas vai deixar uma situação insuportável ao sucessor, que ainda por cima será sempre muito menos hábil do que ele. Maria deve estar fora de si, porque não só teve de aceitar a demissão do «seu» governo, como aceitar que o conde de Tomar lhe «devolvesse» a propriedade do Alfeite. Conheço a rainha, e sei que vai jogar o seu papel na perfeição, enquanto planeia o contra-ataque. Hoje até me escreveu a dizer que talvez o devesse ter dispensado há mais tempo, mas não acredito na sua sinceridade. Talvez a tenham tocado a htonilhação que o rei sofreu quando os seus próprios soldados debandaram e se viu sem exército, e os seus relatos do descontentamento do povo com Cabral, mas, apesar da gravidade de tudo isso, duvido ainda. Costa Cabral partiu para Madrid como ministro plenipotenciário, o que é um prémio que não condiz com o afastamento de um homem tão odiado, e também aí Maria vai ter uma desilusão, porque o país não suportará essa distinção. Dentro de dias ficará sem o seu exílio dourado, garante-me o embaixador Seymour. Entretanto, pediu ao duque da Terceira para formar governo, numa tentativa desesperada de não ser obrigada a dar o lugar a Saldanha, mas é só uma estratégia dilatória, porque, pela forma como o marechal está a ser aclamado por todo o lado, será o novo primeiro-ministro de Portugal.

Seymour diz que nunca viu a rainha tão cordial e simpática, a falar do rei como o herói da situação. O embaixador não resistiu a contar, embora nos competisse repreendê-lo pela indiscrição, que Maria escreveu ao marido quando estava na frente de batalha, a pedir-lhe encarecidamente que não cantasse para os seus soldados, porque senão podiam achá-lo estranho. Ou desconfiar que era demasiado lírico para andar em batalhas. Albert até corou quando leu esse parágrafo, e parece-me que durante semanas se recusará a acompanhar-me ao piano.

Recebi agora mesmo uma longa carta de Fernando, a agradecer o nosso apoio a Portugal e à sua família, mas em que rebate o meu argumento de que Saldanha tinha razões para agir como agiu. Acusa-o de subornar os militares com ordenados e promoções que

não lhe compete fazer, tudo a seu bel-prazer, e de fingir que usa a espada em defesa da família real, quando o faz apenas em benefício próprio. E pior, acusa-o de agora se estar a fazer caro e de nem sequer aparecer em Lisboa para assumir o lugar de ministro para o qual a rainha, com muito custo, o convidou, porque sabe que os partidos políticos mais à esquerda lhe farão a vida num inferno, e na prática não sabe como há de resolver o problema. No entanto, do que diz, o que me preocupa mais é que exigem que a rainha abdique, e que os jornais já publicaram manifestos nesse sentido. Pobre Fernando. «É a situação mais nojenta que já vi!», confessa-me em desespero. Pelo menos estará de acordo com a rainha, ou catequizado por ela, quando diz que cresce o movimento que deseja Tomar de novo no cargo. Maria estará certamente à cabeça.

Acabo de receber tuna nota de Palmerston. A rainha de Portugal devolveu ao marechal de Saldanha o cargo de mordomo-mor, e todos os outros que há uns meses lhe tirou. Pobre Maria, que hmnilhação. Mesmo sabendo que faz disparates, lamento-a, e não imagino o que sentiria em situação igual.

Palácio de Buckingham, 25 de abril de 1851

Teatro de São Carlos, 15 de maio de 1851

A rainha estava pálida e exausta. Os últimos tempos tinham sido duros para a sua amada Maria, pensou o rei, olhando-a com ternura e apertando-lhe a mão com força. Não só perdera o seu ministro, como fora pressionada a privá-lo do lugar de embaixador em Madrid, que ao menos seria uma forma de o compensar pela injustiça sofrida. E como se isso não chegasse, todas as suas tentativas de formar governos sem o marechal haviam falhado. A cada nome sugerido, lá estava o protesto do marechal, que mandava dizer, em cartas polidas, que não empunhara a espada para que o conde de Tomar voltasse ao poder dentro de seis meses, o que aconteceria certamente se a rainha continuasse determinada a escolher para o governo homens que lhe estavam ligados.

O lábio de Maria sangrara, de tanto o morder de irritação e raiva, no dia em que fora obrigada a escrever-lhe uma carta a «agradecer-lhe» o seu serviço à Pátria, pedindo-lhe, no entanto, que não se aproveitasse da situação de fragilidade em que estava, ao que o marechal respondera com páginas e páginas de prosa inflamada, manifestando a vontade de chegar rapidamente a Lisboa para lhe beijar as mãos e os pés. Leal, ser-lhe-ia sempre, como o fora a seu pai, e nunca se ligaria àqueles que pretendiam roubar a coroa à rainha que jurara servir. «Sonso de um raio», explodira Maria ao ler a resposta.

Mas agora não eram letras em folhas de papéis, mas um encontro cara a cara, sob o escrutínio de quem ia ao São Carlos. Maria e Fernando eram obrigados a assistir à récita, porque Saldanha

anunciara a sua presença. A caminho do São Carlos, num Chiado já iluminado pelos novos candeeiros a gás, a rainha protestava:

- Fernando, vão ignorar-me e gritar «vivas» ao grão-vizir, inchado com a sua vaidade.

O rei não contivera o riso. Maria agora só se referia ao duque de Saldanha como o grão-vizir, e o nome assentava-lhe às mil maravilhas. Puxou-a para junto de si, e a rainha pousou a cabeça sobre o seu ombro, inspirando o seu perfume.

- Meu amor, é preciso fazer das tripas coração, não há outra solução senão reconquistar Saldanha...

Maria manteve-se em silêncio. Quem melhor do que ela sabia pôr uma cara e ter outra? Infelizmente, aprendera a arte da duplicidade com os políticos portugueses. Esperava que a arte não a deixasse ficar mal.

Maria olhava para Fernando com impaciência: era inacreditável que passassem quinze minutos da hora marcada e a cortina não subisse, porque Sua Excelência o Grão-Vizir não se dignava aparecer.

- Faz de propósito, quer que os reis estejam no camarote e a sala cheia - murmurou entre dentes, e Fernando pousou a sua mão sobre a dela, para a acalmar.

Também ele tinha vontade de esmurrar a cara do duque de Saldanha, que passava muito para lá dos limites, mas estava certo de que o pior ainda estava para chegar. O silêncio com que haviam sido recebidos, e agora isto, faziam prever uma noite difícil.

Maria pegou nos binóculos e virou-os discretamente para o camarote dos ministros, exatamente no momento em que a orquestra começava a tocar o hino e uma ovação imensa corria a sala, como uma onda.

- Chegou a estrela da noite, levantamo-nos, que remédio - murmurou a rainha. Os «vivas» e os «bravos» repetiam-se, e na plateia todos se tinham virado para o camarote onde Saldanha, fardado a rigor, agradecia a ovação, a que se seguiram mais ovações ao homem que vencera o conde de Tomar, obrigando os soberanos a ficar de pé, transformados em figuras secundárias, toleradas apenas, numa humilhação repetida.

- Quero ver daqui a uns meses se ainda lhe cantam o nome, os papalvos - murmurou a rainha, e Fernando concordou.

A falta de decoro do marechal, que deixava assim humilhar a sua rainha, revelava a personalidade de um homem que não aprendia nada. O rei recordou-se de como o embaixador Seymour se esforçara para levar Lavradio a aceitar um lugar, de como se tinha esforçado para encontrar alternativas a este barril de pólvora. Daqui a uns meses, sim, daqui a uns meses já ninguém se lembraria das ovações feitas aqui, entre o veludo das cadeiras e os dourados dos tetos, e a cortina cairia para um novo ato.

Nessa noite, Fernando abriu a porta do seu quarto em silêncio, e deixou-se escorregar entre os lençóis. Maria chorou nos seus braços, e Fernando secou-lhe as lágrimas com os seus beijos. Mas a rainha queria mais. Desejou-o com paixão e raiva e o rei deixou-se arrebatado.

-Não volte para o seu quarto - pediu-lhe Maria, e adormeceram os dois, até que a luz que entrava pelas frinchas das portadas os acordou.



Finalmente consegui escrever a Maria para lhe falar da Grande Exposição. Conte-lhe que a inauguração, no dia 1 de maio, foi mim dos dias mais gloriosos das nossas vidas, a que com orgulho e

alegria vi associado o nome do meu adorado Albert. Foi um dia que encheu o meu coração de gratidão...

O parque onde o Palácio de Cristal foi construído estava cheio de gente, atravessado por carruagens, pessoas a pé e a cavalo, e, claro, os batalhões dos diversos ramos das Forças Armadas, de tal forma que parecia o dia da Coroação, e foi por mim vivido com a mesma ansiedade.

O dia estava luminoso, e sentia-se uma energia especial no ar. Às onze e meia da manhã, a comitiva de nove carruagens de Estado saiu de Buckingham em direção ao pavilhão. A Vicky e o Bertie foram na nossa. A Vicky estava linda, com um vestido de renda sobre seda branca, com uma pequena coroa de rosinhas bravas no cabelo. O Bertie, vestido a rigor como um escocês.

Green Park e Hyde Park eram um tapete de gente, gente alegre e com um imenso entusiasmo. Nunca vi Hyde Park assim, a multidão a perder de vista. Quando saímos de casa apanhámos uns chuviscos, mas quando nos aproximámos do Palácio o Sol brilhou, iluminando o gigantesco edifício, sobre o qual esvoaçavam as bandeiras de todas as nações do Mundo. Contei a Maria que a portuguesa estava bem visível, o azul e o branco marcados pelas armas dos Bragança, de tanta elegância que registo sempre. Também lhe dei a satisfação de saber que parei para admirar, mais uma vez, os mármore portugueses.

Confesso que tão excitada tenho estado com o sucesso desta iniciativa brilhante do meu marido, de que os jornais dizem maravilhas, reconhecendo o seu trabalho pelo que vale, e considerando-o cada vez menos como um «estrangeiro», que nem a situação portuguesa me tem tirado, como de costume, o sono.

Palácio de Buckingham, 15 de maio de 1851

Paço Real de Sintra, 7 de junho de 1851

Marfa, Fernando, Pedro, Luís, João, Maria Ana, Antónia, Fernando e Augusto esperavam os tios e os primos, escondidos do calor na sombra das escadas do palácio. A rainha queria que a sua querida cunhada Clem visse a trupe assim mesmo, todos alinhados e direitos, disciplinados, mesmo os mais pequeninos.

Fernando sorriu-lhe, trocista:

- Não resiste a dar uma lição à sua querida cunhada!

Maria afagou o cabelo a Pedro, disfarçando o riso:

- Qual lição! Gosto que os meus filhos se saibam comportar, e recebam as visitas com alguma dignidade. Se a Clem e o Augusto acharem que, por comparação, falta alguma coisa à educação dos filhos deles, aí o problema já não é meu.

Fernando deu uma gargalhada, e Pedro, que já estava da altura da mãe, juntou-se ao riso:

- Coitados dos primos, devem vir cheios de energia depois de dias enfiados num barco, por isso, mãezinha, seja paciente.

Maria deu-lhe um piparote na bochecha:

- Olhe, o menino bem pode é entretê-los, levá-los para a serra nas suas excursões em busca de pássaros e insetos, para ver se a pobre tia Clementina descansa um bocadinho. Só tem três filhos, mas em disparates valem por dez!

Pedro ia refilar, lembrando que queria era ir com o pai e o tio Augusto para a Pena, mas João interrompeu a conversa com um grito, «Estou a vê-los, estou a vê-los», apontando para o char-à-bancs, puxado por seis cavalos, que descia a estrada vinda de São Pedro e do Arrabalde. A família Orleães Saxe-Coburgo-Gotha regressava a Sintra.

Maria fechou a porta do quarto à chave, e sentou-se numa cadeira, ofegante pela subida a passo rápido das escadas em caracol do Palácio da Vila. Ansiosa, abriu o boletim de saúde acabado de chegar de Lisboa. Benzeu-se. Graças a Deus que os seus pequeninos estavam melhores. Fora obrigada a mandar Amónia, Fernando e Augusto para Lisboa, porque tinham apanhado coqueluche, uma forma suave, mas mesmo assim perigosa, de tosse convulsa e os médicos insistiram em separá-los dos irmãos e dos primos. E da mãe!

Mas não era tudo. Sabia bem que esta agitação interior não se explicava só com a doença das crianças.

Não resistia nem mais um dia. Fosse qual fosse o preço a pagar, sentia um impulso irresistível de escrever a Costa Cabral. Era preciso assegurá-lo de que os seus sentimentos não haviam mudado, era preciso que lhe escrevesse também, que a visitasse. Pegando no papel de carta e na pena, começou a escrever:

«Meu querido conde», caligrafou devagar, procurando que a letra ficasse bonita. Tudo o resto saiu de supetão, como um desabafo há longo tempo contido:

«Terei muitas más qualidades, mas não sou ingrata e sei ser amiga. Há muito que desejava escrever-lhe, mas nunca tinha achado uma ocasião segura, mas hoje tenho uma e aproveito para o fazer.

O que eu tenho sofrido por todos os modos é impossível descrever. Tenho sofrido não só como rainha, mas também como

mulher. Estou só, rodeada de inimigos, nem ao menos o tenho a si para desabafar. Acredite que agora tenho visto que sou mais sua amiga do que cuidava. Tive as maiores saudades em Sintra e Mafra, mas esperemos que ainda havemos de ter dias felizes. Tive o maior gosto de ter novas suas pelo meu cunhado Joinville, que é bem seu amigo. A "Pessoa" faz dó de tão triste e acho-o magríssimo. Falamos muitas vezes em si e na verdade é bem seu amigo. Acredite que ele foi atraído infamemente, mas a hora há de tocar para a vingança. Se tiver resposta a esta carta, escreverei mais vezes.

Nunca se esqueça de mim, pois tenho saudades verdadeiras.»

Hesitou. Estaria a ser demasiado «oferecida», como tantas vezes Leonor da Câmara a acusava de ser? Não chamava Fernando pelo nome, usando antes «Pessoa», não fosse a carta ser interceptada, mas se o marido a lesse entenderia que se referia a ele. Poderia duvidar dela? Pouco lhe importava. Voltou com a pena ao papel:

«Espero que venha quando abrirem as Câmaras, olhe que necessito que todos os meus amigos estejam a postos nesta ocasião.

Adeus, meu querido amigo, acredite-me a mesma - M.»

Agora era preciso mandar chamar Lurdinhas, antes que se arrependesse, e pedir-lhe que fizesse chegar a nota a Costa Cabral. Como noutros tempos Rosa levava as cartas da mãe, para as entregar ao embaixador da Áustria, na esperança de que chegassem à tia Luísa e ao avô Francisco. Que de nada lhe tinham valido, pensou com raiva. Mas o conde de Tomar não seria como eles.



Que bem me sabe estar de novo aqui na Escócia, só nós, longe do burburinho da cidade, e sobretudo da curiosidade e da indelicadeza

dos jornalistas, que não nos deixam dar um passo sem nos virem no encalço. As crianças estão radiantes, entre passeios a cavalos e piqueniques, e o tempo tem estado maravilhoso. Finalmente recebi uma carta de Maria, que pede desculpa por tanto tempo sem me dizer nada, mas agradece efusivamente o apoio que lhe demos durante esta guerra, mais esta guerra. Percebo que lhe custasse escrever-me, porque sabe perfeitamente que o nosso embaixador pressionou Costa Cabral à demissão, e que mesmo a detertninação com que Fernando agiu desta vez foi muito influenciada por Albert e por mim. Infelizmente, todos suspeitamos que Saldanha não é a solução.

Para fugir à política, no entanto, fala dos «Augustos», e tenho de dizer que concordo em absoluto com ela. Vejo-os com frequência, e penso exatamente o mesmo da educação que dão às crianças - ri-me, porque Maria diz que são demasiado «franceses», o que não é de admirar sendo a mãe unia Orleães, mas sei que o breve tempo que passou na corte do rei Luís Filipe lhe deu a impressão de que os meninos e as meninas faziam o que bem entendiam, e eram demasiado precoces nas liberdades que tomavam.

O mais divertido, no entanto, foi que também me chegou unia carta de Clem, que se queixa de que Maria não para de lhe dar lições de como educar os filhos, a acusa de ser egoísta e não respeitar suficientemente os desejos de Augusto, de ser uma esposa pouco abnegada e obediente, não lhe dando o prazer que ele merece. Quem conheça Maria só se pode rir. Abnegada é, e faz tudo para que Fernando se sinta bem em casa, dando-lhe filhos, o que para mim já é mais do que algum homem pode pagar, mas obediente... sonsa seria a palavra mais indicada.

Hilariante ainda é a comparação do que dizem sobre a aparência alheia. Ainda bem que não estava lá, porque também eu começo a ter alguns cabelos brancos, e as gravidezes destruíram a beleza das minhas ancas, deixando-me mais como um barril sem forma. Diz Maria que Clem está um bocadinho envelhecida, e pede-me

encarecidamente que não repita, e Ciem escreve que Maria está «gorda como uma vaca», uni comentário nada simpático, convenhamos!

Maria, por seu turno, diz que Augusto engordou imenso, mas ressalva a sua alegria e boa disposição, e o entusiasmo que demonstra pela obra do mano na Pena é suficiente para lhe ganhar o coração. Compreendo-a. Sinto o mesmo quando alguém fala do Palácio de Cristal e da Grande Exposição.

Quanto ao estado da política portuguesa, Saldanha chefia o governo, mas a agitação continua. O embaixador Sevmour descreve a situação, com tuna frase que resume tudo de tuna forma fabulosa:

«Portugal é um país onde a revolução é o meio de protesto de alguém influente que se quer queixar de alguma coisa, ou tem uma ambição por ctunprir.»

Pelo que me conta, a pobre Maria tem passado um mau bocado, obrigada a dar-se com aqueles que a vilipendiaram e a quiseram derrubar, e até a oferecer uni baile em Belém para o qual teve de convidar estas criaturas. Pelo menos agora distrai-se com os cunhados. A famlia é, de facto, o ímico refúgio dos reis.

Castelo de Balmoral, 20 de junho de 1851

Paço Real de Sintra, 10 de agosto de 1851

As últimas semanas tinham sido agitadas. Mais um governo de Saldanha falhara, e Maria enchera-se de esperança de que alguém se lembrasse de sugerir que era tempo de pedir ao conde de Tomar que esquecesse a ofensa de que tinha sido alvo e considerasse voltar. Fernando, mais sensato, dizia-lhe que era impossível, e chamava-lhe a atenção para as qualidades de Rodrigues da Fonseca Magalhães e de António Fontes Pereira de Melo. Mesmo que o ministério continuasse a ser presidido pelo «grão-vizir», dizia a rir, a verdade é que pelo menos surgiam dois homens diferentes, e que pareciam ter grandes qualidades.

«Percebem que o progresso se faz construindo estradas e linhas férreas, e não nas Câmaras», explicava-lhe, e Maria encolhia os ombros, insatisfeita. Que se fizessem estradas e comboios achava muito bem, mas o que tinha essa ideia de novo, quando o conde de Tomar tanto insistira nela?

A nomeação de Lavradio para embaixador em Londres foi motivo de conversa entre os dois. «Agora é suposto eu gostar dele, é?», perguntava a rainha, que nunca se esquecera dos acessos de mau génio do primo de Leonor da Câmara, paz à sua alma. «É das esquerdas, recusou-se a fazer parte do ministério de Costa Cabral, lembra-se? Porque é que hei de ser eu a perdoar-lhe?» Fernando impacientava-se. A rainha recusava-se a aceitar o que não tinha remédio. Estava cansado de lhe dizer que a vingança não levava a lado nenhum, que um país não podia ficar refém desses sentimentos

mesquinhos, e Maria fingia ouvir, e comia mais, sempre mais, como se afogasse as mágoas na comida.



Vem aí o conde do Lavradio. Sei que era parente de Leonor da Câmara, está desde sempre envolvido na luta liberal, mas vivia em Paris, e só nos conhecíamos de passagem. Maria escreveu a dizer que me dá o senhor como presente, que não me diz nada sobre ele mas que espera a minha opinião, o suficiente para entender que é uma escolha dela que não passou por ela, e que quer que diga mal. Vamos ver. Já disse a Palmerston que o quero receber com honras, até porque Albert diz que tem muito para conversar com ele.

Aliás, o senhor parece estar a trabalhar intensamente, porque desde que chegou já informou Maria de que D. Miguel partiu daqui para Portugal, mas é a própria rainha que inc diz que certamente não passa de um rtunor, e, pelas informações que recebo do meu gabinete, não é verdade. Pela minha parte, achei absurdo, porque imaginei que aos 48 anos, e na iminência de casar com a princesa Adelaide Lowenstein-Werthehn-Rosenberg, que tem apenas 20 anos, o tio de Maria tivesse vontade de assentar e ter filhos. Porque, afinal, com a descendência que Maria assegurou, e apesar da agitação do país, julgo que nunca estará em causa a linha de D. Pedro. Mas é verdade que o mundo dá muitas voltas, e tun exilado nunca perde o desejo de voltar à pátria.

Castelo de Balmoral, 15 de agosto de 1851

Palácio das Necessidades, 10 de novembro de 1851

Marfa acordou com o humor tão cinzento como o dia. Chovia a cântaros, e quando Lurdinhas entrou, fez-lhe sinal para que não abrisse as portadas.

- Hoje não saio da cama - declarou, e a criada olhou-a, preocupada. A rainha detestava ficar deitada, e quanto mais pesada se tornava, mais dificuldade sentia em respirar deitada.

- Não olhes para mim assim, mulher. Traz-me mais almofadas para pôr atrás das costas, e pede o pequeno-almoço. E com goiabada, ouviste?

Lurdes sorriu. A rainha recusava-se a chamar a marmelada pelo nome, e não valia a pena dizer-lhe que era diferente da brasileira, porque não mudava de ideias. Era goiabada, era goiabada.

Reparou nas olheiras fundas e escuras, mas não se atreveu a perguntar se devia chamar o médico, sabia bem a causa da noite mal dormida, porque fora ela que, ontem, lhe trouxera a carta do seu antigo ministro. Há meses que a correspondência entre eles circulava.

Saiu do quarto para fazer o serviço, e Maria voltou a pegar na carta, que escondera debaixo do travesseiro. O conde de Tomar recusava-se a escrever a Fernando, como lhe sugerira. Com toda a frontalidade dizia, do próprio rei: «Repugna-me escrever ao que é meu inimigo capital, a quem é a causa principal das minhas, e das suas próprias desgraças, a quem dá beijos e abraços aos traidores

que o obrigaram a fazer a mais desgraçada figura do mundo, a quem mandou anunciar pelos seus ajudantes a minha queda como um acontecimento nacional e geralmente desejado, a quem desde que chegou a Santarém formou o plano da minha perda, a quem antecipadamente tinha conferências secretas com Saldanha, a quem escreveu ao mesmo Saldanha declarando que aprovava a sua oposição violenta na Câmara contra mim, a quem nunca foi meu amigo, muito embora eu lhe desse as maiores provas de amizade, de estima e veneração!»

Maria engoliu os soluços. O que havia de fazer quando o conde de Tomar se queixava de que o seu bom Fernando o traía e, ao traí-lo a ele, traía a mulher?

Voltou à leitura: «Perdoe-me este desabafo, mas tenho o coração muito oprimido com um procedimento tão ingrato, e não posso deixar de dizer o que sinto a quem talvez ainda tenha por mim alguns restos de amizade! Fui na verdade muito infeliz neste último ministério, sendo ministro só para condescender com a soberana vontade de Vossa Majestade. Foi sempre malvisto o ministério pela "Pessoa" e vi-me cercado de traidores que tinha por amigos.»

Como podia suportar que Costa Cabral se sentisse assim, que pudesse pôr em causa os seus sentimentos por ele, a amizade profunda...

Tapou os olhos com as mãos, exausta. Amanhã voltaria a escrever-lhe, a testemunhar-lhe a sua gratidão, e talvez um dia ele lhe perdoasse. E ela perdoaria a Fernando?



Hoje recebi tuna nota que acompanhava duas cartas que recebi do senhor Saraiva, tuna para mira e outra para Albert. Tive a tentação de as abrir, mas ele aconselhava-me que não o fizesse.

Dizia, raposa como é. «Como D. Miguel não está em posição de enviar estas cartas a Vossas Majestades, essas cartas devem ser devolvidas por lord Palmerston ao senhor Saraiva, com a informação de que não podem ser presentes a Vossa Majestade e a Sua Alteza Real o Príncipe Albert.»

Pelos vistos, enganei-me quando supus que D. Miguel se conformara com a situação, mas estranho que, sabendo das nossas relações de parentesco e amizade com os reis de Portugal, imaginasse que de alguma forma o pudesse ouvir ou favorecer.

Albert e eu decidimos que nem sequer falaríamos desta tentativa de correspondência aos primos, porque era o suficiente para incendiar de novo a imaginação de Maria. De qualquer forma, informámos o embaixador Seymour, para que fique atento.

E ainda bem que não o fizemos, porque a calma parece ter regressado a Portugal, as eleições foram livres, ganhas pelos moderados, e o governo escolhido ficou sob a presidência de Saldanha, muna manobra hábil para o manter satisfeito, permitindo que gente mais eficiente tome conta das pastas decisivas. É claro que a rainha me escreveu a dizer que os deputados de Lisboa lhe parecem gente muito «exaltada», e a derrota de Cabral deve desesperá-la, mas, apesar de tudo, parece conformada.

Tenho de procurar espingardas de qualidade para mandar a Pedro e a Luís, que já caçam muito a sério. Maria conta que Luís apanhou tuna raposa enorme em Mafra, o que o deixou completamente maluco, nas palavras da mãe. Este ano não lhes mandei presentes pelos anos, por isso já sei o que escolher.

Palácio de Buckingham, 18 de novembro de 1851

Palácio das Necessidades, 2 de fevereiro de 1852

Não conseguia adormecer. Pela bandeira de vidro da porta, a luz de uma vela acesa projetava nas paredes sombras disformes que a assustavam, o ranger das janelas sobressaltava-a. Mas se fechava os olhos, via saltar-lhe ao caminho, entre as árvores do Passeio Público, um vulto sem cara, e o terror era tão grande que abria os olhos, pingos de suor a escorrerem pela testa. Não era capaz de estar acordada, e não era capaz de dormir. Decidida, tateou a mesa de cabeceira para encontrar a caixa de paus de fósforo que Fernando mandara vir da Áustria, e riscou um deles contra a lixa áspera, acendendo a vela no pequeno castiçal. Era preciso ir certificar-se de que os guardas tinham trancado os portões, que as janelas estavam bem fechadas, era urgente ir lá abaixo ao quarto dos pequenos verificar que os criados dormiam nos quartos dos príncipes, era preciso confirmar que não havia ninguém escondido atrás da estátua do leão, ou daquele vaso grande com a palmeira...

Deixava que as pernas pendessem para fora da cama, preparando-se para sair dela, quando ouviu a porta do quarto abrir, e gritou.

Fernando olhou-a, espantado:

- O que se passa, minha querida, onde vai?

Maria começou a tremer descontroladamente, a voz presa na garganta:

- Tenho de ir ver se as crianças estão bem, se não há assassinos dentro do paço.

O rei afagou-lhe o cabelo e ajudou-a a deitar-se de novo, cobrindo-a com os cobertores quentes:

- Minha querida, estão todos em segurança, venho de lá agora...

- Mas as janelas dos quartos dos bebés são no piso térreo e dão para a rua, é perigoso - soluçou. O rei abraçou-a:

- Os guardas estão de vigia, os criados dormem nos quartos, esteja descansada, minha querida.

- Mas a rainha Isabel também estava em casa. Dentro do paço, com o príncipe ao colo, a caminho da igreja para batizar o filho, e os guardas à porta avisados, e mesmo assim ele entrou, deixaram-se enganar pela sotaina, ele entrou e esfaqueou-a, Fernando.

O rei aconchegou-a com mais força:

- Foi em Espanha, minha querida, e nós estamos em Portugal.

Maria, sossegada pelo calor do seu corpo, pela sua presença, protestou já mais lúcida, como quem acorda de um pesadelo:

- Os loucos não têm nacionalidade, Fernando. Com o que têm dito de mim pode haver por aí alguém, muita gente mesmo, que acredite nessas notícias, nesses versos que se cantam na rua, de que Costa Cabral é meu valido, que ajudo os políticos a roubar, que não quero saber dos que têm fome... - Fernando sossegou-a:

- Tudo isso já passou, minha querida, o país está calmo, ninguém lhe quer fazer mal...

- Vitória já sofreu atentados, agora foi a vez de Isabel, das três rainhas só falta eu - constatou, como quem aceita uma

inevitabilidade.

- As coisas não são assim, querida, o atentado não é inevitável, como uma doença de criança, daquelas que todos apanham. Mas prometo-lhe que amanhã me reúno com o capitão da Guarda e revemos a segurança do paço, mal não faz, e ficamos todos mais sossegados - disse, beijando-a nos lábios e apaziguando-a com festas.

- Meu Deus, faz com que a pobre Isabel não morra - murmurou Maria, antes de retribuir o beijo, esquecendo por momentos os seus medos.



É terrível a notícia do atentado à rainha Isabel. Um padre louco, que alguns chamam de santo, com cadastro de cadeia por violência, escondeu um cutelo afiado por baixo das vestes e atacou a rainha no momento em que ela levava o príncipe a batizar na Atocha, mas não feriu o bebé. Pobre Afonso, não basta a agitação do casamento dos pais, a agitação do país em que nasceu, que, tal como Portugal, não se sabe se cai para o lado dos liberais ou dos conservadores, e agora isto. A rainha ainda não está livre de perigo, a ferida tinha mais de 15 centímetros de comprimento e era profunda, mas foi salva pelo medalhão de ouro que trazia ao pescoço e serviu de escudo. Maria escreve-me em estado de choque, não só porque teme ser também ela vítima de um desvairado, como também porque receia qualquer agitação em Espanha, que rapidamente se contagiaria a Portugal. Sabe, como todos nós, que o príncipe Afonso é fundamental para manter unido aquele país. A criança tem um mês, e ainda não se calaram os rumores de que não é filho do pai, no que sinceramente acredito, dado o historial de Francisco de Bourbon, mas talvez seja só maldade.

Maria lembra, e bem, que o fanatismo é uma epidemia que se espalha, e a faca ou a pistola são o argumento de quem já não acredita em nada. Depois do susto que apanhei, confesso que não há dia em que saia em carruagem aberta que não procure entre os rostos na multidão aquele que de lá pode sair, decidido a assassinar-me.

Temo que nós, mulheres, incitemos ainda mais o ódio destes padres, destes homens que não acreditam que sejamos capazes de governar com a cabeça, e não com o coração ou o corpo.

Palácio de Buckingham, 8 de fevereiro de 1852

Palácio de Mafra, 15 de março de 1852

- Quero esses narizes todos assoados. Gusty, venha cá, que não vai tirar um retrato com esse nariz de menino pobre a pedir na rua - disse Maria, puxando para si o filho mais novo e limpando-lhe a cara com um grande lenço branco.

Fernando e Pedro montavam a máquina de daguerreótipo em cima de um tripé, excitados com o novo brinquedo que chegara há dias, enviado pelo mano Augusto.

- Pai, como é que isto funciona? - perguntou Luís, curioso, mas Pedro arrancou-lhe a chapa das mãos.

- Não ponha dedadas nisto! É uma placa sensível à luz, que regista os pontos iluminados e os escuros, e... - explicou Pedro, que passara a noite anterior a ler as instruções.

Fernando atalhou:

- Primeiro, não é maneira de falar com o seu irmão, e depois, não é uma coisa simples de perceber. - E com calma começou a explicar aos filhos as maravilhas da nova máquina.

- O que o pai quer dizer é que é magia - disse João, entrando na discussão.

Fernando riu:

- É mais ou menos isso, João.

- Os índios no Brasil não queriam ser pintados, porque diziam que lhes roubava a alma, imagino o que hão de sentir quando lá chegarem com essas máquinas - pensou alto a rainha, enquanto puxava para si o seu Luís de caracóis loiros. - Mas antes que lhe roubem a sua alma, filho, deixe-me pentear-lhe o cabelo.

Luís, meigo, deixou-se empurrar para a cadeira, sentindo os dedos da mãe a soltar-lhe o cabelo. Ainda bem que era o único de cabelo ondulado, de que a mãe tanto gostava, já que não tinha a esperteza de Pedro, nem a graça de João.

Estavam há dois dias em Mafra, depois de terem passado por Sintra, para mostrar a Leopoldo, o irmão mais novo de Fernando, o Palácio da Pena, agora quase terminado, magnífico no topo da serra, com as suas torres e abóbadas acima do recorte das montanhas, num contraste de cores garridas com o verde-escuro do mato e o cinzento das enormes rochas. Maria achava-o magnífico, e enchia-a de orgulho que tivesse sido Fernando a construir um palácio tão igual aos dos contos de fadas dos livros que a tia Luísa lhe mandava da Europa para o Brasil.

Mas ali, em Mafra, a geada cobria os campos, e dentro de casa estava mais frio do que lá fora, garantiam as damas e as criadas, e estava certa de que tinham razão. As casas nem chegavam a aquecer, e era um disparate andar a passear por palácios gelados nesta altura do ano, mas Fernando estava ansioso por sair de Lisboa, e a verdade é que, entre as caçadas e as correrias nos corredores do palácio, as crianças pelo menos estavam sempre quentes. O pior era ela, que sentia a cabeça pesada, e o nariz já a pingar, só lhe faltava uma constipação valente para deitar ainda mais abaixo o humor. Procurava disfarçar, e com uma trupe como esta não era difícil ter momentos de imensa alegria, mas por dentro sentia-se triste e magoada. Trocava cartas com o conde de Tomar, mas eram cada vez mais raras: de que valia repetir-lhe incessantemente que sentia a sua falta, que sonhava com o dia em que voltaria ao poder e se sentaria de novo na cadeira azul que lhe

continuava exclusivamente reservada, se a política permanecia nas mãos de políticos que não escolhia mas que, era necessário reconhecê-lo, pareciam dar conta do recado?

Quanto a Saldanha, de cada vez que se cruzava com ele, e cruzava-se muito, o dia ficava estragado. Era obrigada a vê-lo pavonear-se pelos seus salões, fingindo a maior das subserviências, beijando-lhe a mão com mil vénias, enchendo-lhe os ouvidos com elogios e galanteios. Convivia com ele, que remédio tinha, e havia alturas em que até se conseguia abstrair de todos os seus crimes, mas sempre que o via fazer gala nos privilégios de mordomo-mor ou de ajudante de campo de Fernando, todos os privilégios que fora obrigada a devolver-lhe, a raiva voltava. Se ao menos pudesse soar a hora da vingança. Mas não soava.

Desistira, também, de convencer o conde de Tomar da inocência do rei. Sabia que Costa Cabral efabulava quando imaginava um conluio entre Fernando e Saldanha, mas entendia que a rapidez com que lhe perdoara, a facilidade com que a cumplicidade entre eles voltara, podiam dar ideia de que tinham estado feitos um com o outro. Maria entendia. Saldanha era desvairado, mas conseguia manipular todos à sua volta, com o seu charme, a sua excentricidade, os seus novos projetos. Fernando discutia com ele a exploração da quinta em Sintra, as obras nas casas, o leite que as vacas davam ou deixavam de dar, os avanços da medicina, a sua paixão pela homeopatia, e tantas e tantas coisas que o tornavam diferente de todos os outros cortesãos, que enfadavam o rei com as suas conversas de circunstância. Pobre Fernando, sabia bem que, ao fim destes mais de dezasseis anos em Portugal, não deixara de ter saudades de Viena, de Londres, de Paris. E, no entanto, não se queixava nunca, e continuava a dedicar-lhe o mesmo amor, a mesma proteção, o mesmo sorriso todas as manhãs.

Levantou os olhos para o ver disparar mais uma vez a máquina, feliz por se ver rodeado dos seus filhos, contente por ter junto de si um dos seus irmãos, e sorriu, satisfeita. Afinal, era só isto que

ambicionara para si, uma família feliz, nada mais. Seria? «Deixa lá a política aos políticos, e o ajuste de contas a Deus», murmurou, zangada.



Recebi finalmente os daguerreótipos dos príncipes portugueses. Percebe-se que as crianças são muito bonitas, o Pedro e o Luís estão tão crescidos, mas estes retratos são da pior qualidade. Fernando ainda tem muito que aprender, mas já lhe escrevi a dizer que até se aperfeiçoar prefiro que me mande os seus desenhos e aguarelas, porque são francamente melhores do que isto.

De qualquer maneira, estou determinada a ter miniaturas de todos eles, para a minha coleção de família. Enchi unia parede inteira da sala de estar, com molduras pequenas com cada um dos meus parentes, dos maiores aos mais pequenos, e dá-me uma satisfação enorme ficar sentada frente à lareira a olhá-los um por um. Às vezes levanto-me para ver algum detalhe, e divirto-me a encontrar as semelhanças entre pais e filhos, e entre os primos. E tão curioso como algumas características parecem saltar unia geração, ou surgir nuun sobrinho, em lugar de nuun filho. Neste momento já tenho oitenta. Para unia filha ímica, há um prazer enorme em descobrir que afinal faz parte de um grande clã. Para o qual, diga-se de passagem, contribui com sete filhos, não foi nada mau.

Mas voltando aos portugueses, estou decidida a enviar-lhes William Ross, que pintou muitos dos melhores retratos que tenho. Julgo que Maria vai gostar.

Quanto à política portuguesa, Maria voltou a sentir-se mais à vontade para dizer o que pensa, e os seus comentários são sarcásticos. Não resisti a ler a Albert a parte da carta em que diz: «Os nossos assuntos vão razoavelmente, não diria que as nossas Câmaras trabalham muito, mas aqui é hábito trabalhar pouco, e em

geral os que engordam mais do que aqueles que não fazem nada são os que ainda fazem menos.»

Pedi-me a opinião sobre o conde do Lavradio, Francisco de Almeida, mas suspeito que não lhe agradou muito que lhe tivesse dito que o achamos agradável e competente. Na volta do correio pede-nos para lhe darmos uma palavra, porque, ao que parece, o embaixador se ameaça demitir, porque o governo português tem agora um ministro dos Negócios Estrangeiros, um escritor chamado Almeida Garrett. E Maria conta que Lavradio amou, porque, como ambos são «Almeida», é possível que no estrangeiro os confundam, e recusa-se a ser confundido com um pobre coitado, que não tem o seu sangue ou estatuto. A rainha protesta que lhe parecem ridículos «esses orgulhos de nascimento», e tenho de reconhecer que o espírito igualitário de Maria, a quem pouco importa o berço, é mais conforme aos tempos em que vivemos. Albert admira-a muito por isso, e diz que resulta de ser a ímica rainha europeia que nasceu fora da Europa. Talvez seja essa a explicação, mas desconfio que passou a pensar assim desde que Costa Cabral, vindo de uma terra perdida no Norte do país, lhe conquistou o coração. Talvez seja só maldade minha. Como diz Maria muitas vezes, «o que é que queres, toda a gente tem defeitos».

Castelo de Windsor, 30 de março de 1852

Viagem pelo Norte de Portugal, abril de 1852

Os criados carregavam as malas e as arcas na carruagem, e os príncipes mais pequenos puxavam pela saia da rainha, a antecipar a partida. Este ano a família dividia-se e só os dois mais velhos iam com os pais fazer uma digressão ao Norte do país. João e Maria Ana estavam tão zangados por ficarem para trás que nem sequer tinham querido vir despedir-se dos pais, mas era impossível viajar com tantas crianças.

O programa da digressão era ousado, com o embarque em Lisboa, no vapor que os levaria até Vila Franca, depois seguiriam de carruagem para o Porto, e daí para o Minho, regressando a Lisboa apenas daqui a um mês. Era importante que Pedro conhecesse o reino que era seu, e que os portugueses fossem apresentados ao príncipe herdeiro, defendera Fernando, um dos grandes impulsionadores da visita. Saldanha, no entanto, insistia que a rainha devia ao seu povo um agradecimento pelo sangue derramado em favor da sua causa, o que deixara Maria irritada.

«Como é que distingo o que foi derramado a meu favor daquele que o foi contra mim? Agradeço aos partidários de Miguel? Ou aos que foram nos arroubos do senhor marechal, que quer é um agradecimento público, de preferência frente ao maior número possível de gente?», protestara. O rei encolhera os ombros, o passado era passado, e o que importava era que Maria conhecesse o país e o país conhecesse a sua rainha, insistira.

Partiam, estava assente.

Pedro passou pela mãe, com um caderno grosso numa mão e um saco cheio de livros na outra. Maria soltou nele a sua ansiedade:

- Não me diga que vai tomar notas de tudo, para comparar com o que vem escrito nesses livros - disse-lhe.

O príncipe olhou-a, espantado:

- Mas é claro que vou, mãe. Vou apontar tudo o que falta às fábricas, aos hospitais, nas explorações agrícolas, o estado das estradas...

Maria sorriu:

- Poupe-me, meu filho, que ingénua fui em perguntar!

Sabia bem que nas próximas semanas o filho mais velho, decidido a modernizar o país, ia transformar esta viagem numa visita de estudo, recolhendo toda a informação possível para debater com Albert nas longas cartas que se escreviam. Havia momentos em que não sabia bem o que pensar de Pedro, achava-o por vezes enfadonho, e outras demasiado trocista, como se nem a mãe, nem os mestres, nem ninguém, talvez à exceção do pai, estivessem à sua altura. Aproveitaria estes dias em que estavam sempre juntos para o pôr na ordem, pensou.

Há quanto tempo não sentia a brisa do mar no cabelo, os salpicos da água na cara, encostada à amurada de um barco? A última viagem fizera-a ao Porto, e não gostava de se lembrar da entrega do coração do pai à cidade, de como se sentia frágil e desprotegida, num mundo onde tudo era novo. Antes disso, fora a chegada a Lisboa, a chegada a Portugal depois de anos de espera, com Domingos ao lado, e a morte de Alexandre ainda tão viva no coração. Como tudo mudara desde então. Do mar da Palha olhava para o castelo e para São Vicente. Percebia-se como a cidade crescera nesta última década, nas sete colinas surgiam palácios

imponentes, e as casas alastravam entre os montes, começando a cobrir os terrenos livres.

Uma gaivota sobrevoou o barco, em voo baixo, vinda do mar, que nesta altura do ano ainda estava agitado. Era pelo mar que lhe chegavam as cartas de Vitória e da mana Xica, as notícias do mano Pedro, coitado do mano Pedro, o coração partido pela morte dos seus dois únicos filhos varões, seria maldição dos imperadores do Brasil?

Ao longe via a barra, enquanto o barco subia o rio Tejo, e alegrou-se com a notícia que há dias chegara: Januária prometia finalmente visitá-la. Diziam-lhe que não era bonita, mas muito bondosa, mãe de quatro filhos. Será que a reconheceria vinte e um anos depois? Como escrevera a Vitória, quando duas pessoas se deixam em crianças e se voltam a ver, é mais um conhecimento do que um reconhecimento.

Distraiu-se a ver como Pedro e Luís disputavam os binóculos para observar as margens, onde o povo se juntava para lhes acenar. Como seriam recebidos por esse país fora?



Maria mandou-me um coração de ouro, em filigrana portuguesa, magnífico. Diz-me que é uma joia da região do Minho, e fiquei muito grata pelo presente. Escreve-me de Barcelos, no Norte do País, e, pelo que me conta, a viagem tem sido triunfal, ao ponto de Fernando se ter reconciliado com Coimbra, que os recebeu apoteoticamente.

Maria diz-se espantada com o Minho, e garante que nunca viu nada tão bonito e tão pitoresco. Está admirada porque Pedro é o primeiro duque de Barcelos a visitar a vila, desde que o filho de D. João IV o fez há mais de duzentos anos, e fico com a certeza de que

a dinastia de Maria está assegurada quando estes momentos ficam consagrados na memória do povo. A rainha conta, desolada, que o velho palácio dos duques de Bragança está em ruínas, e que talvez Fernando possa ajudar, com o seu engenho e arte, a pôr de pé tmi dos mais antigos bastiões da família.

De resto, só me fala no mau estado das estradas, e de como é preciso melhorá-las. O que importa é que me parece mais feliz do que a sinto há muito tempo, fez-lhe bem mudar radicalmente de ares, mas lamenta-se das saudades dos seus cinco filhos deixados em Lisboa. Sempre que dou com estes seus desabafos compreendo que sou muito mais desprendida dos meus filhos do que ela. Continua a recusar que os dois mais velhos venham passar uni verão connosco, o que é tuna pena. Escreve-me, mais tuna vez: «Podes estar certa que quando os nossos fizerem a primeira viagem será para ti, mas só queremos que vão quando puderem tirar dela toda a utilidade. » Em breve voltarei a convidá-los. Tenho imensa curiosidade de os conhecer pessoalmente.

Castelo de Balmoral, 10 de maio de 1852

Paço da Rainha, Sintra, 12 de setembro de 1852

- **Q**uero o cabelo bem lavado e arranjado - refilou Maria, enquanto as criadas traziam a água quente para a tina colocada no quarto de vestir, e Lurdes preparava tudo para o lavar.

- Duas águas, quero que o passes por duas águas, para que fique solto e luminoso, e põe-lhe aquelas gotas de limão que lhe dão sempre brilho - insistia.

Lurdinhas, paciente, ia respondendo a tudo, enrolando o cabelo num lençol de linho, esfregando-o com força para o secar bem, e ajudando a sua senhora a sentar-se no toucador, onde uma das damas o começou a pentear.

- Com o verão que temos tido, não há maneira de secar. Já viste a humidade que está no ar? Calor nos quartos e vento e chuva lá fora, não admira que a pobre da minha meia-irmã tenha adoecido dos pulmões, que Deus a conserve, porque senão é que a minha pobre madrastra fica sem nada.

Maria sentia-se a cada dia mais angustiada com a saúde da sua meia-irmã, que partira há dias para a Madeira, na esperança de que o ar a curasse, mas desconfiava que já era tarde. Sacudiu os cabelos, para afastar os maus pensamentos. William Ross chegara a Lisboa, enviado por Vitória, com a missão de lhes fazer o retrato a todos, de grandes a pequeninos, e o seu era o primeiro.

Concentrou-se de novo no espelho:

- Quero o cabelo num carrapito, a tiara que o meu pai me deu a prendê-lo, e depois aquele arranjo ali na nuca - disse, apontando para uma flor de renda, com fitas azuis e brancas, que condiziam com o vestido passado e pronto a vestir.

- Espero caber numa miniatura, mas se sobrar para fora, cortam - disse, rindo, e Lurdes e as damas ficaram sem saber se haviam de rir ou contrariar a rainha. Maria não lhes deu tempo:

- As coisas são como são, e mais vale gorda e com saúde, do que elegante e bonita como a minha meia-irmã, mas... - ia dizer «mas com os pés para a cova», mas conteve-se.

O vestido de seda azul, a que se sobrepunham duas golas de renda, presas com um broche em forma de flor, com uma pérola pendente, ficava-lhe admiravelmente bem. Olhou-se no espelho, e gostou do que viu. Lurdinhas fez-lhe um sorriso de admiração:

- O senhor D. Fernando vai gostar muito.

Maria corou, subitamente consciente das muitas vezes em que não se arranjava para o marido, mas respondeu com ironia:

- Agora o que interessa é que o senhor Ross goste do que vê e me faça justiça na pintura, ou a melhore mesmo, porque não estou para ouvir a prima Vitória a mandar-me fazer dieta.

Fernando subia as escadas com os mais pequeninos pela mão. Pedro estava fardado de oficial do Exército, com a placa das Três Ordens, e Luís chegou, sentindo-se muito importante na farda de guarda-marinha.

- Todos muito elegantes - observou a rainha, satisfeita. - E as meninas onde estão?

João surgiu numa correria, a tempo de responder:

- A Maria Ana amou, porque a Tonica disse-lhe que o vestido lhe ficava mal.

Maria fez um gesto de impaciência:

- Como é que o vestido lhe pode ficar mal, se é igual para as duas?

João encolheu os ombros:

- Também lhe disse isso, mas a Tonica respondeu que a ela lhe ficava bem, e que à Maria ficava mal!

Fernando e Maria esconderam a gargalhada. Antónia era uma artista com as palavras, e a pobre Maria Ana era uma vítima.

Entregando os rapazes mais pequenos à mulher, Fernando anunciou que ia buscá-las.

- Não disse sempre que as raparigas eram muito mais difíceis do que os rapazes? Olhem se estas pieguices aconteciam convosco - comentou a rainha com os seus cinco rapazes.

Os cinco acenaram que sim com a cabeça, e Maria deu um grito:

- Ai Santíssimo, agora é que estou a ver. Parecem todos gémeos, com esses cabelos cortados à tigela. Tenho de explicar à prima Vitória que, em países quentes como os nossos, os meninos não podem andar com os cabelos pelos ombros...

Pedro e Luís trocaram entre si um olhar de troça. Cabelos à menina, em dois militares como eles? A mãe vinha com cada coisa.

William Ross estava entusiasmado. Os príncipes eram muito bonitos, e portavam-se admiravelmente bem. Quando a mãe lhes dizia para ficarem quietos, ficavam. Pintou as miniaturas que a rainha Vitória lhe encomendara, mas não resistiu a desenhar as duas

raparigas, que engraçadas eram Maria Ana, muito menina, de tranças e sorriso aberto, e a sua irmã Amónia, de cabelo mais curto, preso atrás das orelhas com um gancho, a determinação em todas as linhas do rosto, a primeira parecida com a mãe fisicamente, mas era a segunda que nitidamente herdara dela a personalidade forte.

Os dois rapazes do meio eram igualmente irresistíveis. João, o palhaço da família, livre da pressão dos dois mais velhos, quase gémeos e em constante competição. Exigira usar a farda e insistia com o pintor que não se esquecesse de retratar a espada, que segurava na mão junto ao corpo. Fernando era uma boneca, quase feminino nos traços, uma casaca de veludo azul, rodada a partir da cintura, a camisa branca de punhos de renda, as calças em balão apertadas acima do joelho, as pernas à vista e os sapatos pretos, de bailarina, delicados como ele.

No dia em que mostrou o trabalho final aos reis, Maria sentiu os olhos encherem-se de lágrimas, lágrimas de orgulho, lágrimas de felicidade por ter uma trupe assim. Fernando passou-lhe o braço pelos ombros e aconchegou-a a si:

- Obrigada, minha querida.



Não quero acreditar, estou grávida de novo. Como foi possível? Pedi tanto que não acontecesse. É a minha oitava gravidez, agora que julgava que a idade me salvaria deste suplício. A primeira coisa que fiz quando tive a certeza foi chamar Albert e dizer-lhe que quero, ordeno, que os meus médicos aprendam tudo o que há a aprender com o tal Snow, sobre a anestesia com clorofórmio. Não volto a passar pelas dores, nem pela htunilhação, nem por mais nada. O pobre Albert queria dar-me os parabéns, abraçar-me, mas empurrei-o para longe de mim. Neste momento não o quero ver

nem perto. Ele que cumpra a sua parte, que trate de colocar a ciência ao meu serviço.

Há anos que leio tudo o que sai sobre as novas anestésias e estou certa de que é seguro, tanto para a mãe, como para o bebé. Vou escrever a Maria, vou dar-lhe a notícia desta gravidez, na esperança de que fique de sobreaviso e tenha toda a cautela. Clero, que voltou a Lisboa há pouco tempo, garante-me que come desalmadamente, e que tuna nova gravidez a poderia pôr em risco.

Agora tenho de ir ao enterro do meu querido amigo Wellington, chorarei por ele e por mim. Maria enviou o duque da Terceira ao fimeral, como forma de agradecer os serviços que o almirante prestou a Portugal durante as invasões napoleónicas. São sempre muito atenciosos nestas questões, muito gratos, e Maria tem a acrescentar a isto uma memória poderosa, para o bem e para o mal. Contou-me que nunca se esquecerá do encontro que teve com ele aqui em Londres aos 9 anos, mas sobretudo de como gostava de usar as botas de borracha com o seu nome, um presente que recebeu de Alexandre. Já vivemos muito, e quanto a filhos, sinceramente, tivemos a nossa conta.

Castelo de Windsor, 10 de setembro de 1852

Palácio das Necessidades, 4 de abril de 1853

Lurdes entrou na sala, onde as damas davam os parabéns à rainha, as suas bochechas de moçoila do campo coradas de vergonha. Aproximou-se da rainha e estendeu-lhe um pequeno embrulho de seda, preso com uma fita, atada num laço.

Maria olhou-a com ternura. Devia muito a esta alentejana, que há quase vinte anos lhe dedicava a vida. Chorara com ela, rira com ela, seguira as suas gravidezes e os seus partos, as suas doenças e angústias, levava-lhe em segredo as cartas, mimara-a sempre que a sentia em baixo. E agora entregava-lhe um presente de aniversário, neste dia em que fazia 34 anos.

Sorrindo-lhe, abriu o embrulho.

- Não é nada, Senhora, só um lenquinho que bordei.

Num impulso, Maria puxou-a para si e beijou-a na cara, e mostrou o lenço às damas que entravam, como se fosse o melhor presente que alguma vez lhe tivessem dado. Lurdes saiu da sala, num pranto. A sua senhora beijara-a, coisa que não fazia a nenhuma das damas da corte.

Nessa noite, sentada na cama, Maria teve a certeza de que o seu pressentimento estava certo. Atribuía as «faltas» a tudo quanto se podia imaginar, desde as ralações com a morte da sua meia-irmã Amélia, que aos 21 anos desaparecera para sempre, até ao seu peso, que sabia que podia alterar o modo de funcionamento do corpo de uma mulher. Mas agora estava certa de que não se

enganara. Esperava de novo um filho. As duas últimas gravidezes tinham terminado com trabalhos de parto demorados, sofrimento, e o desgosto de ver os seus bebês mortos. Nove longos meses à espera de encher de novo o seu colo, de ter a satisfação de aconchegar a si um bebê, com aquele cheiro de recém-nascido de que tanto gostava, para não lhe restar mais do que um berço vazio.

Agora, iria de novo às arcas buscar os vestidos, as rendas e os cueiros, envoltos em papel de seda, e o cheiro a alfazema e a cânfora traria consigo a esperança num desfecho diferente. Não se permitia pensar de outro modo, nem que a assustassem com prognósticos terríveis, insinuando que a sua vida também corria risco.

Sobreviveria a tudo. Devia-o à mãe, devia-o aos filhos, devia-o a Fernando, e devia-o a Portugal. Enquanto respirasse, pensaria sempre neles, antes de pensar em si. E até ficaria feliz se fosse uma menina, pensou enquanto se aconchegava na cama e sorria com a ideia de provocar de novo a irritação de Vitória.



Estou rendida ao clorofórmio, quero erguer uma estátua ao Dr. John Snow, porque Leopoldo, o meu oitavo filho, nasceu sem uma dor. Insisti em que fosse Snow a administrar-me o anestésico. Colocava umas gotas da droga num lenço e cobria-me o nariz com ele, sempre que as dores eram mais fortes. Depois retirava-o entre as contrações, pelo menos é o que me diz Albert, porque a certa altura não estava nem cá, nem lá, felizmente.

Snow insiste que não deve ser o próprio cirurgião ou médico a aplicar o produto, mas alguém que se encarregue apenas disso, para estar mais vigilante, dado que em quantidades excessivas pode fazer perder a consciência, o que não se pretende de todo. Se assim for,

explicou-me, a mãe não consegue ajudar o bebé a nascer, fazendo força para que desça.

A certa altura teve de interromper por momentos a administração, porque o meu médico o avisou que as contrações estavam a tornar-se menos fortes e corriam mesmo o risco de parar, mas há muitos casos em que todo o trabalho é mais rápido, não se sabe bem porquê, mas talvez porque a mulher, livre daquelas dores terríveis, colabora melhor. A mim pouco importa o motivo, que o estudem os médicos, limito-me a usufruir dos benefícios.

Sei que padres e bispos têm feito sermões de domingo a alegar que o parto sem dor é contra a vontade de Deus, mas nenhum mo veio dizer pessoalmente, porque lhes responderia que blasfemos são eles, por acreditarem que Deus é cruel e vingativo. Porque desejaria Ele, um Deus de misericórdia, que as mulheres sofressem ainda mais do que sofrem? Não me consta que preguem sermões contra a anestesia para a retirada de tumores, ou sequer de dentes!

Só espero que Maria não se deixe influenciar por estas conversas, que são completamente contra a ciência e o progresso, e aceite usar o clorofórmio no seu próximo parto, que está previsto para novembro. E se alguém precisa, e merece, é ela.

Não sei se os médicos que a rodeiam estão preparados para a novidade, porque quando aqui oiço alguns dos médicos da Real Câmara a dizerem mal de tudo o que não conhecem, suspeito sempre que não querem ficar malvistas por não saberem nada sobre a nova descoberta. É muito mais fácil recolherem-se na ameaça de que pode ser perigoso. Assim, se acontecer alguma coisa, é sempre culpa ou da Natureza, ou de Deus, e nem uni, nem outro, costumam responder em tribunal.

Palácio de Buckingham, 15 de abril de 1853

Palácio das Necessidades, 10 de maio de 1853

Marfa lançou a carta para cima da cadeira que tinha ao lado.

- Fernando, esta sua prima é boa pessoa, mas é doida. Qual clorofórmio, qual carapuça. Diz que estava meia a dormir quando nasceu o pobre Leopoldo. Até escreve que assim não teve de ver a criança nua e ensanguentada, mas só já vestidinha com folhos e rendas, e mesmo assim garante que é o filho mais feio que já alguma vez teve. Mas sem uma dor - protestou, irritada.

Fernando riu, e apanhou a carta para a ler:

- Mas se tira as dores, e não prejudica a mãe, nem o bebé, porque é que não há de ser usado?

Maria torceu o nariz, trocista:

- Sabe o que é que o clorofórmio lhe tira? O mau génio, não é as dores. Por isso é que ela está contente com aquilo. Mas não tenho mau feitio, e nunca me ando para aí a chorar pelos cantos depois de nascer um filho.

O rei deu uma gargalhada:

- Lá isso é verdade. O pobre Albert queixa-se que Vitória nos meses a seguir aos partos tem ataques de histeria incompreensíveis, e pelas últimas cartas que recebi não está melhor, perde a cabeça com imensa facilidade e culpa-o de tudo.

A rainha ficou satisfeita. Gostava que Fernando percebesse que Vitória, apesar de toda a sua inteligência, não era perfeita.

Fernando beijou-lhe a mão:

- A minha única aflição com a minha querida mulher é que se queixa de menos, e esconde-me os sintomas todos. Quantas vezes é que os médicos já lhe disseram para ficar de repouso, e a senhora não para todo o dia?

- Não quer que fique aqui meses a fio de papo para o ar. Se calhar gostava de me dar a tal droga já!

- Há dias em que não era má ideia, para ver se era menos teimosa - retorquiu Fernando a rir, mas a conversa acabou ali, porque Pedro e Luís entraram com mais minerais para a coleção.

Maria ficou a vê-los debruçados sobre as pedras, o pai e os dois filhos entusiasmados pelas mesmas coisas. Que este seu bebé viesse bem, que cá estaria ela, e o pai, para lhe dar tudo o que precisasse.

Olhou para a parede onde pendurara o quadro de Fernando que Vitória lhe mandara, a grande obra de William Ross. Choramingara um pouco para que a prima lho enviasse, mas valia a pena. Fernando agora estava com barba, mais velho como ela, mas que bem lhe fazia olhá-lo naquela pintura magnífica. Vitória tinha as suas manias, reconheceu, mas ninguém a mimava mais do que ela.



Quando abri a carta de Maria caíram-me no colo selos com o busto da rainha Maria II. São os primeiros selos postais em Portugal, e Albert vai querê-los para a sua coleção.

Conta-me que têm tido um tempo delicioso e feito grandes passeios a pé até à Pena. Até à Pena, que todos me dizem ser no

topo de tuna serra íngreme, quando os médicos lhe recomendam repouso! Não tem emenda, mas não resiste a ir ver os jardins, que a fascinam tanto ou mais do que o edifício, que na realidade ainda não está terminado. Ao que me conta, a maioria dos visitantes fica mais fascinada pelas construções de conto de fadas e não aprecia as plantas, os canteiros, as espécies raras, vindas de todas as partes do Mundo. Ri-me com a sua descrição das damas que, segtmdo diz, parecem chinesas, com os seus passinhos pequeninos e odiando andar a pé - de onde tirou a ideia, não sei. Quanto ao resto, só me fala de estradas e de que inaugurou unia via férrea, coisa que espera «acalme a cabeça quente dos descontentes». Talvez.

Castelo de Windsor, 25 de julho de 1853

Palácio das Necessidades, 15 de outubro de 1853

Fernando foi tirando a palha de dentro da pequena caixa de madeira que naquela tarde chegara da alfândega, rindo dos comentários de Maria:

- Se acha que vou usar essa coisa, está muito enganado. Se Deus quisesse que não tivéssemos dores, tinha tratado disso.

O rei afastou a poeira de serradura que cobria o frasco de vidro, e concentrou-se a ler a etiqueta. Estava tão preocupado com a décima primeira gravidez da sua mulher. O ventre era imenso, muito maior do que fora com qualquer um dos outros, e a barriga confundia-se com um corpo dilatado e disforme. Maria comera um pouco menos do que o costume, mas não usara a cinta que os médicos lhe tinham proposto para impedir o bebê de crescer demasiado. Como é que uma criança enorme conseguiria encontrar o seu caminho para a luz? - pensou, aflito.

Maria olhou o clorofórmio, de soslaio. É claro que tinha medo, mas desde que superara o oitavo parto, aquele que marcara a morte da mãe, estava interiormente convencida de que o pior já passara. E, de qualquer maneira, de que lhe valia a pena perder muito tempo em considerações, tudo se havia de arranjar.

É claro que passara pela serra durante o verão, e como é que podia recusar montar o seu burrinho para ir com toda a família para a Pena, tornando-se uma mulher maçadora e queixosa, arredada de toda a alegria da família, deixando vago o seu lugar na corte? Não se esquecia de como a mamãe se isolara de todos, fechada no Paço

de São Cristóvão, desiludida e triste, sem encontrar a coragem de desafiar Domitília, deixando que fosse a outra a ocupar o palco. Não tornaria a vida tão fácil a uma qualquer rival, a uma dessas cantoras de ópera que desembarcavam em Lisboa e hipnotizavam os homens com a sua voz, o seu charme, o seu corpo. Ainda agora os machos da cidade não falavam de outra coisa senão da bela contralto que chegara de Londres, Fernando mais do que todos, alegando que era tudo amor à arte. Recusava-se a ficar nos bastidores, a ver a vida passar.

- Fernando, livre-se de pôr isso nas mãos do Kessler, do Teixeira ou do Faro, que, como todos os cirurgiões, se devem pelar por novas experiências!

O rei pousou o frasco numa prateleira alta e aproximou-se, beijando-a na testa. Maria retribuiu o beijo e puxou-o para si.

- E se deixássemos ao Altíssimo aquilo que a Ele lhe compete? Depois logo fala de drogas com o boticário e os médicos, mas agora sente-se aqui e converse um bocadinho comigo.

- Mãe, ensine-me a fazer malha, porque quero fazer umas botinhas para o mano que vai nascer - pediu-lhe Maria Ana, sentando-se ao seu lado, na varanda dos papagaios.

Maria sorriu para as suas damas, divertida:

- Se estivéssemos no Brasil, mandava-a apanhar morangos, que era aquilo de que a minha mãe gostava de comer quando estava de esperanças, mas com esta chuva não temos outro remédio senão ficar aqui a fazer crochet, por isso dê daí essa agulha e a linha que já lhe ensino - disse, afagando o cabelo da sua filha mais velha.

Tonica apressou-se a pedir o mesmo, e amou zangada quando a mãe lhe disse que tinha de ser uma de cada vez. Sentou-se num

canto da varanda, virada para o jardim, os braços cruzados e o queixo encostado ao peito.

- É sempre a Maria primeiro, porque tem o nome da mãe - resmungou.

Maria deu uma gargalhada:

- Menina Amónia, sabe uma coisa, eu e a minha irmã Januária éramos tal e qual a menina e a sua irmã, sempre à bulha, a medir a quem é que a avó Leopoldina ligava mais, numa ciumeira sem fim. E depois a avó morreu, eu vim para a Europa, não a vejo há mais de vinte anos, e todos os dias olho para o retrato dela que tenho ao lado da cama, e penso que estúpidas fomos, porque nos podíamos ter ajudado, podíamos ter brincado mais.

Tonica saiu do lugar onde estava e agarrou-se à mãe, num pranto saído do coração, o corpo tremia como se a febre lhe tivesse subido de repente:

- Mãezinha, não morra, mãezinha, não morra.

Ao seu lado, Maria Ana largou a linha e deixou a cabeça cair sobre o colo da mãe, também em soluços.

A rainha olhava-as, incrédula:

- Mas o que é isto, minhas queridas? Que disparate é este? - perguntou, a voz zangada.

- Toda a gente diz que a mãezinha corre perigo - explicou, entre lágrimas, a mais velha.

Tonica acrescentou:

- Dizem que o mano está tão gordo, e que a mãe também, e que o seu coração vai parar.

A rainha abraçou-as com força. Era o que faltava, que andassem por aí a assustar as crianças, pensou, furiosa e decidida a correr do paço com todas as damas e criadas. Olhou à volta e viu a criada dos mais pequeninos, com os olhos cheios de lágrimas, e começou o raspanete por ela. A partir de hoje, se sabia que alguém, fosse quem fosse, falava da saúde da rainha, estava no olho da rua, gritou.

Nessa noite, Maria rezou com fervor à Virgem da Glória. Que a Mãe dos Céus a protegesse neste Grande Momento que aí vinha, que a conservasse mais uns anos para poder cuidar dos seus filhos. Depois levantou-se, deitou uma capa quente sobre os ombros e desceu aos aposentos das crianças, e, no silêncio da noite, beijou as suas cabeças adormecidas. Uma por uma. Ao inclinar-se sobre Pedro, o seu primogénito, a quem estava unida com toda a força que une uma mãe ao seu primeiro filho, murmurou: «Que Deus esteja consigo, meu querido, e lhe dê toda a coragem e sabedoria do mundo quando chegar a sua vez de usar a coroa.» Ia dizer-lhe que se acautelasse sempre com os marechais e os papalvos, mas conteve-se. Pedro observava-os desde que nascera, não precisava de que ninguém o avisasse de nada.

Palácio das Necessidades, 11 de novembro de 1853

- **A** Senhora sempre vai ao teatro? - perguntou Lurdes, nervosa. O parto seria por estes dias, ouvira dizer ao Dr. Kessler, que nessa tarde viera com dois colegas observar a rainha.

- Não vais começar, também tu, com lamechices, rapariga. Dá-me o vestido de seda preta, aquele que mandei passar...

Virando-se para uma das damas, ordenou:

- Maria, deixe-se de me olhar assim, e vá buscar aquela gola de renda que vesti para o quadro da prima Vitória, pelo menos dá alguma graça a este preto, para que não digam que estou de luto por mim própria.

Vendo uma outra sem nada nas mãos, ordenou:

- Quero o meu broche de turquesas, que tem aqueles ganchos da mesma cor, aquele que a minha mãe me deu.

- E tu - disse virando-se para outra das criadas -, chega-me os sapatos de todos os dias, que não se dá por eles debaixo do vestido, e saltos e biqueiras apertadas é que já não aguento.

Fernando olhou-a com orgulho quando a viu abrir a porta do quarto e sair para o corredor. Desceram as escadas de mármore, iluminadas pelos enormes archotes presos à parede por correias largas, deixando ver os frescos das paredes:

- Este paço está magnífico desde que o senhor tratou dele. Tenho muita sorte em ter casado com um rei artista.

Fernando corou. Gostava que Maria reparasse nas suas obras.

- Vai ter é um filho artista, sabe. Estive hoje a ver os desenhos e as pinturas do Luís, e são fabulosos. Não liga tanto aos livros como o irmão, mas tem uma sensibilidade que Pedro não tem. Vou encomendar-lhe uns quadros para a Pena.

A rainha entusiasmou-se:

- Estou a fazer a lista de toda a roupa de casa que precisamos de encomendar. E a Vitória pediu-me se há alguma maquinação que nos faça falta para a cozinha, e que ela nos possa mandar de lá. Até diz que talvez venha para a inauguração, veja lá - comentou, entusiasmada.

Fernando ajudou-a a entrar para a carruagem, espantando-se com a agilidade que a mulher possuía apesar do peso que ganhara nestes últimos meses.

A iluminação pública tinha feito maravilhas, pensou, olhando pela janela enquanto a carruagem subia a Calçada do Combro e chegava ao Chiado. Lisboa crescera e mudara muito nos últimos anos, e apesar da crise económica de que se falava todos os dias, e dos malabarismos que os ministros se tinham visto obrigados a fazer à dívida, a verdade é que o dinheiro do Brasil e do Oriente chegava aos bolsos dos novos-ricos da cidade, que transformavam parte da riqueza em casas magníficas, que deixavam perceber logo na fachada o luxo do seu interior. Não tinha nada contra novos-ricos, muito pelo contrário, desde que fossem justos para com os seus empregados e pagassem os seus impostos, embora suspeitasse que muitos não faziam nem uma coisa, nem outra.

O Largo do Chiado estava encantador, esperava que aceitassem o conselho de Fernando e plantassem mais árvores, porque as sombras faziam falta no verão, e gostava sempre muito destas igrejas tão próximas, que nunca a deixavam esquecer o terramoto. Fora ali mesmo que o povo se juntara para gritar contra Palmela, pobre Palmela, que já lá estava do outro lado. Ainda hoje vira Domingos, capitão da sua guarda, e achara-o envelhecido - sorriu para si mesma, porque é que os outros envelheciam sempre mais depressa do que nós? Com um sopro embaciou um cantinho da janela e, num gesto de criança, com o dedo desenhou um A. Gostava de continuar a ver-se pelos olhos de Alexandre, alta para a idade, o cabelo loiro em duas tranças, as sardas que nunca conseguia apagar da sua pele branca, os olhos azuis e brilhantes, os gestos impulsivos, tão cheia de vida e de certezas de que o mundo seria seu, seria deles.

- Crise, qual crise? Olhe para o teatro cheio à pinha. Veja os vestidos, e as capelinas, e os casacos de pele dos homens. E as joias? Vejam-me o pescoço daquela senhora, aquilo são pedras vindas do Brasil, garanto-vos eu. Decididamente, a traça não chegou ao bolso desta gente - comentava alto com as suas damas que estavam no camarote ao lado, nada preocupada que a ouvissem, enquanto o binóculo percorria os camarotes e descia à plateia.

Divertida, continuou a sua observação:

- Olham todos cá para cima, e vejo-lhes a expressão. Leram todos as notícias sobre a minha saúde nos jornais, e julgam-se médicos. Ó Maria das Dores - disse para uma das damas -, há de sugerir a estes senhores e senhoras que abram consultório, de tal maneira parecem sabidos no assunto. Santo Deus, parece que sou a única mulher que já viram em estado interessante.

Fernando, discretamente, olhava em volta e percebeu que Maria tinha razão, era para ela que se viravam todas as atenções. Temiam que a rainha morresse de parto, pensou, subitamente assustado.

Ouviu o marquês de Fronteira comentar com uma das damas que a rainha lhe parecia com muito má cara, e deu uma gargalhada quando, rápida como sempre, Maria lhe respondeu que tratasse era de abafar a mulher e a filha, e a deixasse em paz. Adorava o génio trocista da mulher, que se recusara sempre a prestar-se a lisonjas e lambe-botas. Desconfiava que a corte de Lisboa se chocava com a brusquidão das respostas da soberana, levando-lhe a mal que não quisesse «brincar com elas aos trapinhos», como Maria dizia. Nascera e crescera do lado de lá do equador, sem dúvida nenhuma, e todos os dias Fernando dava graças por isso. O calor de Maria não tinha nada a ver com o Sol envergonhado da sua Alemanha, e se a princípio a intensidade com que a mulher vivia cada momento o chocara, hoje admirava-a profundamente.

Quando saíram do teatro, deu-lhe o braço e apertou-o com força. Maria virou os olhos para o seu rosto e sorriu. Um sorriso meigo e suave:

- Está com medo de me perder, meu querido amigo? Não pense nisso, que ainda aqui vou estar muitos anos para lhe infernizar a vida.



Gosto dos dias de chuva e temporal. Hoje está um dia tão agreste, que cancelei os meus compromissos, e passei a manhã a arruinar os meus diários por datas. Se calhar devia queimá-los, porque contêm os detalhes mais pessoais, e às vezes indiscretos, da minha vida, mas também os de tantas outras pessoas. Só as referências a Maria de Portugal enchem uma boa parte deles, para não falar das pessoas de quem digo coisas bem menos agradáveis, a começar pelo spy JC e a acabar em lord Palmerston. Mas depois não sou capaz, é como se me imolasse pelo fogo, para usar uma expressão dramática, transformando em cinzas todos os meus pensamentos, as minhas experiências, os acontecimentos importantes. E depois há

um desejo de imortalidade, que se calhar todos temos, mas que tuna rainha sente mais ainda. Quero ficar para a História, e desejo que uni dia se saiba o que realmente pensei e senti, como se fosse tuna defesa por escrito, uni depoimento jurado, que fará frente às notícias dos jornais, quando um dia algum biógrafo contar a minha história. Por tudo isso, não os queimei, nem os rasguei, muito pelo contrário. Limpei-lhes o pó cuidadosamente e arruinei-os ordenadamente dentro das arcas.

Agora, o trabalho feito, sento-me a escrever mais unia página, onde registo o medo que povoa os meus sonhos: temo por Maria. Felizmente, o clorofórmio chegou a tempo, porque Fernando já mo agradeceu. Maria diz-me em todas as cartas que não o vai usar, e se de facto o parto for rápido e sem sofrimento, como ela me garante que são sempre os seus, que não o use, mas caso contrário, espero que o rei tenha tido o bom senso de preparar a eventualidade com os médicos. Fernando diz-me que lhe parece que há pelo menos uni médico que já usou clorofórmio para este efeito, um tal Magalhães Coutinho, que faz muitos partos.

Não nos resta mais nada senão esperar e rezar. E rir, claro, porque Maria teima comigo que vai ser de novo um rapaz, e eu desejo-lhe tuna rapariga, naquilo que hoje não passa de uni jogo, porque ambas queremos apenas que venham bem e que nós, as mães, não fiquemos feitas literalmente em pedaços pelo seu nascimento.

Palácio de Buckingham, 11 de novembro de 1853

Palácio das Necessidades, 14 e 15 de novembro de 1853

Entregou a Lurdes uma carta, sem lhe dizer mais nada. Também não era preciso, porque a rapariga sabia bem onde a entregar. Nos últimos dias espreitara pelo óculo no teatro na esperança de o ver, e sempre que atravessava a cidade de carruagem olhava pela vidraça no desejo de perceber o seu vulto numa qualquer rua, mas o conde de Tomar cumpria a ameaça, fechando-se sobre si mesmo, fugindo de uma corte e de uma cidade que o haviam traído. As últimas notas breves que recebera dele eram escritas da quinta, onde dizia dedicar-se aos campos e aos livros, e ameaçava redigir as memórias. Maria esforçava-se por não lhe escrever, certa de que já lhe dissera tudo, mas ontem à noite, quando as dores nos rins, o desconforto no corpo e a ansiedade não a tinham deixado pregar olho, só a pena e o papel a haviam sossegado. Rasgara duas e três tentativas de carta, ora porque diziam de menos, ora porque pecavam por excesso, e acabara por lhe dizer apenas que sentia a sua falta, pedindo-lhe que rezasse por ela. Precisava das suas orações, de saber que pensava nela, de sentir que podia contar com o seu perdão. Era só isso que dizia a carta que entregava a Lurdes, e com ela a esperança de uma resposta.

- Para que é que me manda estar quieta, se sabe que fui mordida em pequena pelo bicho-carpinteiro? Por isso ou vem comigo, ou fica aqui - refilava com uma das damas, que a queria impedir de descer ao piso das crianças. A rainha insistia em ir lá abaixo assistir ao almoço dos mais pequeninos, e depois disso queria ver a pasta dos desenhos de Luís, de que Fernando lhe falara no outro dia, as composições de Pedro, como iam as botinhas que Maria Ana fazia

com afinco, e a fralda que Tonica bordava para o bebê. João, mal a viu, arrastou-a pela mão para o seu quarto, e apontou-lhe uma aguarela de um poldro que colara na parede:

- Está a ver, mãezinha, é um dos netos do Hamlet que nasceu agora. Posso chamá-lo com o mesmo nome do que o mano, se for um rapaz, claro.

Maria deu uma gargalhada:

- Só o menino para me fazer rir agora. Quer um poldro com o nome do seu irmão? Está bem visto. E olhe que o mano deve nascer mais ou menos com o tamanho desse seu cavalinho - disse, afagando o ventre, e pensando em como Vitória se divertiria com este comentário do príncipe, ela que comparava sempre as mães a dar à luz a um qualquer animal da sua quinta.

Quando subiu a custo as escadas para o primeiro andar, percebeu que o paço já estava todo em sentido. Malditas criadas, que tinham feito constar que os primeiros sinais do parto se haviam dado. A esta hora, o exército doméstico já assumia os seus lugares, e ela não tinha outro remédio senão ocupar o seu posto. Era preciso preparar as tinas de água, as toalhas, os médicos vinham aí, e tarda nada os salões encher-se-iam de todos aqueles que de alguma maneira estavam ligados à corte.

«Já estão a tirar as fardas e os vestidos de gala da naftalina, quando o único que aqui merecia estar, sabes quem era, Lurdinhas? O sapateiro, esse sim, é que tem lucrado diretamente com os meus oito filhos, que ainda ontem voltei a ver a conta que nos mandou», comentou com a criada, enquanto esta a ajudava a deitar-se, para tentar dormir um bocadinho.

Acordou com o barulho da porta a ranger e, surpreendida, viu entrar a imperatriz viúva. Ia protestar, insistir que não se mortificasse com mais um parto, mais médicos, mais sofrimento,

mas a madrasta pousou a mão sobre a sua e beijou-lhe a testa, dizendo: «Nestes momentos, só queremos ter perto de nós uma mãe, e sou o mais próximo de uma mãe que tem na Terra.» Maria olhou-a, agradecida. Leopoldina, a marquesa de Aguiar, a duquesa de Palmela, Leonor da Câmara, todas elas já estavam longe, demasiado longe. Fez-lhe um sorriso meigo, mas respondeu como sempre: «Se não tem melhor programa para a noite!»

Amélia levantou a cadeira azul para se sentar junto da cama, e Maria abriu a boca para protestar, para lhe dizer que aquele lugar tinha dono, quando reparou que alguém prendera ao espaldar uma camélia branca. Era a resposta do conde de Tomar, o sinal de amor, de respeito, de consideração eterna. Fechou os olhos, feliz. Quando este bebé estivesse ao seu colo, quando tudo isto estivesse acabado, voltariam aos seus passeios, às suas reuniões na varanda, ao passado.

O lábio já sangrava de tanto o morder, e as mãos agarravam os lençóis num novelo. Sentia-se ofegante, terrivelmente indisposta, mas as contrações, em lugar de aumentarem, pareciam diminuir. Respirava fundo, e aceitava que lhe molhassem os lábios com água. O quarto estava quente e cheio de gente. Esforçou-se para levantar a cabeça, e gracejou:

- Os senhores não têm mesmo mais nada que fazer? Já aqui estão todos há horas, não sabem que estas coisas demoram? - disse a Rodrigues da Silveira, Inácio Benavides, Manuel Teixeira, Kessler, e a António Farto, o cirurgião.

Teixeira, de quem gostava tanto, pediu-lhe licença para lhe sentir o pulso, mantendo o sorriso, apesar da preocupação. A criança era enorme, bastava tocar o ventre para ter a certeza, e o trabalho de parto arrastava-se há já seis horas, sem que houvesse o menor sinal de progresso. O bebé não se mexia, nem descia, o mais provável é que estivesse já morto, e se estivesse como o podiam tirar dali?

Trocou um olhar angustiado com Kessler, que se aproximou da cama e com as mãos fez pressão na zona do estômago, procurando empurrar a criança. Baixinho dizia, como numa oração, «mexe-te, rapaz, mexe-te». Mas a criança não se movia.

Maria, o suor a cair-lhe pelo rosto, mal foi capaz de retomar a voz, protestou:

- Ó Kessler, leve lá para fora do meu quarto o seu pessimismo alemão, e já agora dê alguma coisa de jantar ao meu marido, que daqui a pouco quem desfalece é ele.

Kessler riu, não era ao fim de todos estes anos que se chocaria com os «insultos» de Maria, mas que estava preocupado, estava. Mais do que alguma vez estivera.

A rainha não conteve um gemido, depois outro e outro, e outro, as feições distorcidas para não gritar, o cabelo a escorrer do suor e da água fresca dos pachos que Lurdinhas lhe colocava na testa. Depois pareceu dormir, demasiado cansada para reagir, como se até os pulmões quisessem desistir.

Fernando segurou o braço de Kessler, e fez sinal a Teixeira e a Farto, para que saíssem do quarto da rainha, passando para o salão que se enchia aos poucos à medida que a notícia do parto corria as casas nobres, e a corte, como era do costume, vinha ao paço saudar a chegada do novo príncipe. Fernando, recuperando o ar, a mão a chegar para trás a melena loira que caía para os olhos, apontou na direção da sua sala. Precisavam de conversar.

O frasco de clorofórmio brilhava à luz do candelabro de cem velas, o vidro transparente e brilhante. Fernando segurou-o, como se estivesse enfeitado, e estendeu-o ao médico alemão:

- Por favor, deem-lhe isto, deem-lhe isto. A rainha Vitória disse-me que, em muitos casos, acelera o parto, não podemos ficar de braços

cruzados, é preciso fazer alguma coisa.

Kessler recebeu o frasco, mas Teixeira abanou a cabeça, contristado:

- Senhor D. Fernando, nem pensar. Não são as dores que me preocupam, mas a lassidão geral, a incapacidade do corpo expulsar a criança. Com isso - disse, apontando para o clorofórmio - então é que nada feito.

António Farto não estava de acordo:

- Vamos ser obrigados a usar ferros, é terrível, mas aquela criança só sai a ferros... vai ser violento, atendendo ao peso da criança, quanto mais adormecida a rainha estiver, melhor.

Teixeira voltou a protestar:

- Não vamos já para os ferros, ainda não passou tempo que o justifique, talvez a rainha acorde, talvez o estimulante que agora lhe dei resulte...

O rei voltou a pegar no clorofórmio, e num gesto decidido pô-lo numa prateleira alta:

- Maria não queria esta droga, não vamos usá-la para já. Mas fica aqui, fica aqui para se as dores se tornarem insuportáveis. Não podemos deixar que sofra mais, não é justo - disse num murmúrio.

- Ficava mais descansado se me encontrassem o Magalhães Coutinho ou o Luz - disse Teixeira, pouco se importando com o ar ofendido de António Farto e de Kessler.

Fernando, ao passar por Saldanha e Fronteira, pediu-lhes:

- Tragam-me o Magalhães Coutinho ou o Luz. Depressa, depressa.

Maria continuava prostrada, as dores pareciam não ser fortes, e as contrações tinham perdido o seu poder.

A sua camareira-mor estranhava:

- Dr. Teixeira, nunca foi assim, está tudo tão parado.

Abrindo os olhos, a rainha repetia, como numa ladainha:

- Não é nada como as outras vezes, não é nada como as outras vezes.

Fernando afagava-lhe o cabelo:

- Mas não tem dores, pois não, minha querida, não tem dores? - perguntava, aflito. Daria tudo para a poupar a este sofrimento.

Maria acenou que não com a cabeça, e vendo a expressão vazia dos médicos, que já a tinham picado, drogado, sentado e deitado, perguntou, a voz rouca mas com a determinação de sempre:

- Ó Teixeira, se houvesse perigo, dizia-me, não dizia?

O médico disfarçou, prendendo-lhe de novo o pulso entre os dedos, e dando conta de que estava cada vez mais fraco. Teria uma hemorragia interna? Perdia as forças de minuto para minuto. O Sol já se levantara, passava das oito da manhã, e se havia esperança de salvar a mãe, era preciso agir depressa.

- Vamos tirar a criança, temos de tirar a criança - repetiu mais alto, e Farto pegou nos ferros, naqueles horríveis ferros, não havia outra hipótese, era preciso tirar o bebé, fosse como fosse.

- Batizem o menino - ordenou a duquesa de Bragança -, batizem-no, por favor.

António Farto pousou os aparelhos e pediu um momento de silêncio. As gotas de água caíram, frias, sobre o ventre de Maria:

- Eu te batizo, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

- Eu te batizo Eugênio - sussurrou a rainha, e o cirurgião repetiu o nome, enquanto Fernando tapava a boca com a mão para conter o choro.

Decidido, o cirurgião avançou, o calor do quarto a embaciar o olhar. A camareira subiu para a cama, para ajudar a empurrar a criança, porque é que a criança não saía, Virgem Santíssima?

O sangue jorrava e as toalhas ensopavam umas a seguir às outras.

- Faça força, Senhora, faça força - imploravam Teixeira e Benavides, mas Maria já não podia fazer mais senão respirar.

- Não é possível, não é possível - dizia Kessler, agitado -, uma hora de carnificina e nada, onde está esta criança?

Os ferros dilaceraram-lhe o corpo, arrastando para fora de si um rapaz duas vezes o tamanho de uma criança normal. Rasgaram-na, e a hemorragia não estancava, os lençóis molhados de sangue, a cama, o chão.

- Chamem o patriarca, um padre, a rainha quer a extrema-unção, quer confessar-se - voltou a implorar a madrasta. Perdera a filha há menos de nove meses, conhecia os sinais da morte.

Maria recebeu a absolvição, os sagrados óleos, as palavras bondosas do patriarca, como num sonho. Fernando ajoelhou-se ao seu lado, indiferente às pessoas que se acotovelavam à sua volta, às preces, ao choro das damas e ao silêncio consternado dos que esperavam na sala e percebiam que era o final. Maria fez-lhe um sorriso cansado, e consolou-o, como sempre fazia:

- Meu querido amigo, o pior já passou, o pior já passou, não julgue que se vê livre de mim, agora só quero dormir um bocadinho, não posso mais.

Fernando olhou em redor, assustado. Queria ver esperança na expressão dos médicos, mas só encontrou consternação. O Dr. Luz chegara, mas nem despira o casaco.

- Quer ver as crianças? - perguntou o rei, tentando controlar a voz.

Maria abriu os olhos por uns segundos:

- Pobres crianças, não as traga para aqui! Depois, depois quando acordar, então sim, quero vê-las a todas.

Pedro saiu de trás do reposteiro, em soluços, Luís e João, logo atrás, incapazes de se manterem ali por mais tempo. Fernando levantou-se de um salto, e abraçou-os com força. Pedro soltou-se do abraço e ajoelhou-se no chão, a cara enterrada nos lençóis, o seu choro a fazer tremer a cama, como se um vento se tivesse levantado naquele quarto abafado. Maria veio de longe, de muito longe, dos campos de erva alta, da sombra do jacarandá, da água fresca da cachoeira, da varanda onde a mãe lhe sorria, acolhendo-a na rede que balouçava ao sabor da brisa da tarde, e, com o que lhe restava de força, passou os dedos suavemente pelos cabelos do filho, despedindo-se do seu pequenino rei de Portugal.

EPÍLOGO

Arainha Vitória recebeu a notícia com estupefacção e horror, através do embaixador português em Londres, o conde do Lavradio.

Oficialmente, mandou que cessassem todos os festejos da corte e determinou que a corte se vestisse de luto durante oito semanas, o que o embaixador Lavradio considerou «um facto extraordinário, nesta corte onde os lutos não podem ser muito longos».

Para Lisboa mandou um representante para assistir às cerimónias fúnebres, e uma esquadra da Marinha, constituída por dois navios de guerra e uma fragata, a que se juntou na semana seguinte o esquadrão do almirante Corry. Pretendia assim mostrar publicamente aos portugueses o quanto lamentava a morte da rainha, mas também dissuadir qualquer movimento revolucionário destinado a opor-se à nomeação de Fernando como regente durante dois anos, até que o pequeno rei, Pedro V, fosse um pouco mais crescido.

Mas os gestos protocolares eram apenas um sinal exterior da imensa dor e perplexidade que Vitória sentia. Dor, e até talvez culpa, angustiada com a ideia de que o clorofórmio que enviara pudesse de alguma forma ter desencadeado a morte da rainha. Escreveu a Fernando palavras tão sentidas que o rei respondeu dizendo que não conseguia ler a sua carta sem desatar num pranto, agradecendo-lhe a amizade profunda e constante à sua querida Maria, lamentando-se do que seria a sua vida agora que perdera a mais dedicada das esposas.

«O que tu não sabes, minha querida Vitória, era ao ponto a que eu e ela éramos ligados. Estes grandes afetos, quando são estilhaçados, deixam uma vida triste e uma dor difícil de curar.

Tenho os meus filhos, que amo tanto, e que são tão bonitos e bons, mas uma mulher que nos ama, nada pode substituir.» Disse-lhe que não tinha sido o sofrimento e as dores a matar a sua adorada Maria, «mas a fadiga e a fraqueza. Creio que os seus numerosos partos enfraqueceram de tal forma o seu organismo, que já não sentia nem mesmo contrações fortes e dolorosas».

Mas ao saber que D. Amélia, duquesa de Bragança, imperatriz viúva do Brasil e madrasta de Maria, assistira a tudo, enviou-lhe uma série de cartas, onde implorava que lhe contasse todos os detalhes da tragédia, lhe respondesse a todas as perguntas. A imperatriz viúva agradeceu à rainha da Grã-Bretanha «o amor que há tanto tempo devota» à enteada, e assegurando-lhe que não levava a mal todas as questões que lhe quisesse colocar, porque também ela sabia, por experiência própria, «como se faz tudo para conseguir os mais pequenos detalhes dos últimos momentos das pessoas que amamos e que perdemos por estar longe delas neste derradeiro momento».

Em três longas cartas, aceitou contar-lhe tudo a que assistira. Explicou-lhe, por diversas vezes, que fora a falta de cuidados da rainha em relação à dieta e às recomendações médicas que levou a que a criança engordasse demasiado, sendo «o rapazinho demasiado enorme para ver a luz do dia, e a sua mãe não teve forças necessárias para o meter no mundo». O defluxo que sofreu de manhã, e escondeu de toda a gente, a possibilidade de uma hemorragia interna e a hemorragia provocada pelos ferros e que os médicos não conseguiram estancar, terão feito o resto.

Quanto ao clorofórmio, sossegou-a: «Ignorava que tinha enviado clorofórmio a Fernando, mas será que nas circunstâncias que acompanharam o parto da nossa pobre Maria, sem dores e com este desvanecimento letárgico, teria sido conveniente aplicá-lo?» E acrescentou logo de seguida: «Mas, pelo que uma vez ouvi dizer a Maria, quando foi necessário clorofórmio para uma situação completamente diferente desta, julgo que se recusaria a usá-lo,

sobretudo aqui, onde não existe grande experiência na sua administração sem perigo.»

Seis meses mais tarde, em maio de 1854, Vitória e Albert receberam a visita de Pedro, com 16 anos, e de Luís, de 15 anos. A promessa de Maria era finalmente cumprida. Em Buckingham, o rei de Portugal encontrou pendurados nas paredes retratos da mãe, do pai, de si próprio e de todos os irmãos. Mas um deles era um presente recente de Albert e particularmente precioso para Vitória: uma miniatura de Maria com 9 anos de idade, o vestido verde que usara no baile em que se viram pela primeira vez.

DRAMATIS PERSONAE

ADELAIDE DE SAXE-MEININGEN, DUQUESA DE CLARENCE -
Nascida a 13 de agosto de 1792, foi duquesa de Clarence e,
posteriormente, rainha consorte de Inglaterra, pelo casamento com
William, que ascendeu ao trono como William IV. Do seu casamento
não houve filhos sobreviventes, pelo que a sucessão ficou na
princesa Vitória. Acabará por falecer em Bentley Priory a 2 de
dezembro de 1849.

ALBERT DE SAXE-COBURGO-GOTHA, PRÍNCIPE CONSORTE DE
INGLATERRA - Albert, nascido em terras germânicas a 26 de agosto
de 1819, foi apresentado a Vitória como um dos possíveis
pretendentes a um futuro casamento. Primo direito da rainha de
Inglaterra, pelo lado materno, casaram a 10 de fevereiro de 1840,
na capela real do Palácio de Sr. James. Albert era também primo de
Fernando, trocando assídua correspondência com o rei, os
embaixadores e os enviados pela família real a Portugal,
nomeadamente o coronel Wylde, e mais tarde com o príncipe D.
Pedro, de quem gostava como de um filho, segundo as palavras de
Vitória. Morreria a 14 de novembro de 1861, no Castelo de Windsor,
de febre tifoide.

ALEXANDRINA VITÓRIA, RAINHA VITÓRIA DE INGLATERRA -
Alexandrina Vitória, nascida a 24 de maio de 1819, filha do príncipe
Edward, duque de Kent, o quarto filho do rei George III. Ambos
morreram em 1820, sucedendo no trono George IV. Pela morte da
única filha do rei, a princesa Charlotte, Vitória tornou-se a herdeira
presuntiva do trono. Educada longe da corte, pela mãe, a princesa
Vitória de Saxe-Coburgo-Saalfeld, recebeu o seu primeiro diário da
mãe, quando fez 13 anos. Os diários deste romance histórico são
inspirados nos verdadeiros, onde escreve comentários a Maria II e à
situação política portuguesa, e na imensa correspondência que

trocou com Maria, Fernando, a família, ministros e embaixadores. Aos 18 anos de idade, Vitória torna-se rainha de Inglaterra. Casa com o príncipe Albert de Saxe-Coburgo-Gotha, primo de D. Fernando, rei de Portugal, em 1840. Deste casamento nascem nove filhos, e vinte e seis dos seus netos e netas casariam nas mais importantes famílias nobres europeias, o que lhe valeu o epíteto de «a avó da Europa». Morreu a 22 de janeiro de 1901, com 81 anos de idade, após 63 anos e 7 meses de reinado.

AMÉLIA DE BEAUHARNAIS, IMPERATRIZ DO BRASIL, DUQUESA DE BRAGANÇA - Amélia, nascida a 31 de julho de 1812, pertencia às novas famílias aristocratas da Europa. Foi a eleita para segunda mulher de D. Pedro 1, imperador do Brasil, com o qual contraiu matrimónio, por procuração, a 30 de junho de 1829. De regresso à Europa, partilhou o exílio com o marido e a enteada e teve uma filha, a princesa D. Amélia. Procurou junto de D. Pedro II do Brasil conseguir uma pensão e o reconhecimento de ambas como parte da Casa Imperial Brasileira, mas para além de ser recusado o reconhecimento, foram proibidas de entrar no Brasil. Só seriam reconhecidas na maioridade de D. Pedro II e, a 5 de julho de 1841, integraram a Casa Imperial Brasileira. Amélia, irmã de Maria II, viria a falecer a 4 de fevereiro de 1853. Ficou a viver em Lisboa, até à data da sua morte, 26 de janeiro de 1876. Os seus restos mortais foram trasladados para o Brasil, em 1982, jazendo agora na Cripta do Monumento à Independência do Brasil.

ANA ROMANA DE ARAGÃO CALMON, CONDESSA DE ITAPAGIPE - Nascida na Baía, a 9 de agosto de 1784, no seio de uma importante família brasileira, uniu-se por casamento ao português desembargador-conselheiro Francisco Xavier Cabral da Silva, conselheiro de D. João VI. De regresso ao Rio de Janeiro, entrou como dama da corte, tendo servido a imperatriz D. Leopoldina. A ascensão ao poder de Domitília de Castro, de quem era amiga íntima, foi devidamente recompensada, sendo a dama, então já viúva, agraciada com o título de baronesa de Itapagipe, a 12 de outubro de 1825, e, logo um ano mais tarde, elevada ao título de

condessa de Itapagipe. Foi dama-camarista da princesa D. Maria da Glória, a quem acompanhou na viagem à Europa em 1828. Regressou ao Brasil na mesma armada que levava a nova imperatriz, D. Amélia, de quem foi mestra de Português e camareira-mor. Após a partida de Pedro e Amélia para a Europa, a condessa de Itapagipe continuou no Paço de São Cristóvão. Faleceu a 10 de novembro de 1862.

ANTÓNIA, PRINCESA DE HOHENZOLLERN - Filha mais nova de D. Maria II, nasceu a 17 de fevereiro de 1845. Era considerada uma infanta rebelde, muito mimada, mas culta e educada. Aquando do casamento de Pedro e Estefânia, conhece Leopoldo, irmão da nova rainha, com quem viria a casar a 12 de setembro de 1860, partindo para o seu Castelo de Sigmaringen. Já viúva, regressou a Lisboa em 1887. Faleceria em Sigmaringen, a 17 de dezembro de 1913, tendo dado à luz três filhos, um deles viria a ser rei da Roménia.

ANTÓNIO BERNARDO DA COSTA CABRAL, CONDE DE TOMAR - Filho de um modesto lavrador, nasceu em Fornos de Algodres a 9 de maio de 1803. Educado por um clérigo, conseguiu tão bons resultados académicos que entrou precocemente na Universidade de Coimbra, licenciando-se em Direito com apenas 20 anos de idade. Liberal convicto, alista-se nas hostes liberais em 1828, seguindo para o exílio e o regresso à ilha Terceira, estando presente no cerco do Porto. A vitória liberal fê-lo regressar aos Açores, onde se tornou juiz no novo Tribunal da Relação dos Açores, em Ponta Delgada. Aí conhece a sua futura esposa, Louise Mitchell Meredith Read, enteada do cônsul britânico nos Açores. Em 1834 é o candidato da esquerda liberal da ilha às eleições, chegando a Lisboa em 1836. Os seus dotes de orador começaram a ser elogiados, foi-se aproximando da esquerda moderada, tornou-se membro da Maçonaria e acabou por ser nomeado administrador-geral de Lisboa para reorganizar as Guardas Nacionais sublevadas. Costa Cabral protagonizou ministérios, golpes e contragolpes, sendo personagem principal deste período de grande instabilidade política. Afastou-se dos Setembristas que tinha apoiado, começou a enriquecer e a favorecer

parentes e apaniguados. Foi exilado em Madrid, regressou a Lisboa, e durante todo o tempo contou com o apoio incondicional de D. Maria II, que o nomeou conde de Tomar, dando-lhe, assim, lugar na Câmara dos Pares. Ocupou ainda o cargo de embaixador no Brasil e em Roma, sendo elevado a marquês, por D. Luís 1, a 11 de julho de 1878.

AUGUSTO, DUQUE DE COIMBRA - Nasceu a 14 de novembro de 1847 e faleceu a 26 de setembro de 1889. Foi o único filho de Fernando a aceitar o seu segundo casamento, tendo chegado a viver em Sintra com o pai e com a madrasta e acompanhando-os em viagens internacionais. Por se ter mantido solteiro e sem filhos, correram rumores de que estaria apaixonado pela jovem madrasta; da mesma forma, disse-se na época que a doença que tinha vitimado os irmãos o tinha diminuído física e psicologicamente.

CARL DIETZ - Mestre de D. Fernando, acompanhou o aluno a Lisboa aquando do seu casamento com D. Maria II, com o objetivo de ser professor dos futuros filhos. Conselheiro muito próximo dos monarcas, rapidamente se viu envolvido nas intrigas palacianas e políticas. Acabaria por ter de abandonar Portugal e não mais reencontraria os seus pupilos.

DOMINGOS DE SOUSA HOLSTEIN, MARQUÊS DO FAIAL, 2.º DUQUE DE PALMELA - Sucedeu ao ducado por morte do pai, tendo já falecido o primogénito da Casa, Alexandre de Sousa Holstein. Casou, em julho de 1836, com Maria Luísa de Noronha e Sampaio, filha do conde da Póvoa, ficando detentor de uma vasta fortuna. Deste casamento nasceriam duas filhas.

DUQUE DE SALDANHA - A 17 de novembro de 1790 nascia João Carlos de Saldanha Oliveira e Daun, neto do marquês de Pombal. Seguindo a carreira das armas, lutou contra a ocupação francesa, ao lado dos exércitos ingleses. Rumou depois ao Brasil, tendo desempenhado importantes funções no Rio Grande do Sul e recebendo elogios de D. Pedro. Regressado a Lisboa em 1821, aí

permaneceu até à morte de D. João VI, sendo um dos muitos liberais que partiram para o exílio aquando da aclamação de D. Miguel. O seu prestígio muito contribuiu para a causa de D. Maria II, mas a situação política era extremamente instável e várias foram as situações de conflito, chegando a rainha a retirar-lhe o cargo de mordomo-mor da Casa Real. Viria a falecer a 20 de novembro de 1876, depois de ter protagonizado os mais marcantes episódios do reinado de D. Maria II.

D. PEDRO, IMPERADOR DO BRASIL, REI DE PORTUGAL, DUQUE DE BRAGANÇA - Segundo filho varão de D. João VI e D. Carlota Joaquina, nascido a 12 de outubro de 1798, tornou-se, após a morte do primogénito, príncipe real. Várias foram as suas amantes, antes e depois do casamento com Leopoldina da Áustria. A mais famosa foi Domitília de Castro. A morte de D. João VI, em 1826, tornou Pedro I imperador do Brasil em Pedro IV rei de Portugal. D. Pedro, temendo a tentativa de golpe que o irmão D. Miguel poderia realizar em Portugal, abdica da coroa portuguesa a favor da filha, Maria da Glória, que se torna, assim, Maria II de Portugal. O projeto era casar a filha com o irmão, D. Miguel, que seria regente do reino até à sua maioridade. Mas D. Miguel não estava disposto a dividir o trono. Em Lisboa, nas Cortes de julho de 1828, é aclamado rei de Portugal. A 7 de abril de 1831, D. Pedro abdica da coroa brasileira no filho, D. Pedro II, à data com 5 anos de idade. Embarca para a Europa, onde procura apoios para a causa da rainha menina. As Guerras Liberais arrastam-se até 1834, com avanços e recuos de ambas as partes. A 26 de maio de 1834, os miguelistas capitulam pela Convenção de Évora Monte. Regressado a Lisboa, viria a falecer a 24 de setembro de 1834, deixando no trono do Brasil o filho D. Pedro II, e no de Portugal, a filha D. Maria II.

FERNANDO DE BRAGANÇA SAXE-COBURGO-GOTHA, INFANTE DE PORTUGAL - Sétimo filho de D. Maria II e de D. Fernando, herdou o nome do pai. Nasceu a 23 de julho de 1846 e viria a falecer com apenas 15 anos de idade, no Palácio das Necessidades, com a

mesma doença que vitimou os irmãos, Pedro e João, no dia 6 de novembro de 1861.

FERNANDO DE SAXE-COBURGO-GOTHA, REI CONSORTE DE PORTUGAL - Nascido a 29 de outubro de 1816, viu-se rei consorte num dos mais difíceis períodos políticos da História portuguesa. Repetidamente acusado de se afastar da política, era chamado de rei-artista, e dado ao desenho, à pintura, à escultura e ao canto. O casamento com D. Maria II foi dos mais harmoniosos. O seu grande projeto chegou aos dias de hoje, o Palácio da Pena. Após a viuvez, assumiu a regência do reino na menoridade de D. Pedro V. Em 1869, casaria morganaticamente com a cantora de ópera Elise Hensler, feita condessa d'Edla, e passariam a habitar no Chalé da Condessa, no Parque da Pena. Este casamento foi mal aceite pelos filhos. Morre a 15 de dezembro de 1885 e é sepultado ao lado da sua primeira mulher e mãe de todos os seus filhos. Como herança, deixaria à condessa d'Edla o Palácio da Pena, que tinha construído a suas expensas pessoais. Só no reinado de D. Carlos se resolveu a questão e o palácio passou a ser propriedade do Estado e monumento nacional.

FRANCISCA CAROLINA, PRINCESA DE JOINVILLE - Sexta filha de Pedro e Leopoldina, nasceu no Rio de Janeiro a 2 de agosto de 1824, e Maria II sempre referiu a «mana Xica» como a sua favorita. A 1 de maio de 1843 casou, no Rio, com Francisco de Orleães, príncipe de Joinville e duque de Penthièvre. Tornou-se, assim, nora do rei de França, Luís Filipe. No dia em que a rainha de Portugal morreu, Francisca entrava no Tejo, para uma visita à irmã. Morreu em Paris, a 27 de março de 1898.

FRANCISCO DE ALMEIDA PORTUGAL, CONDE DO LAVRADIO - Oitavo filho do 3.º marquês do Lavradio, nascido a 12 de julho de 1797. Foi um dos mais hábeis diplomatas do seu tempo. Em 1818, foi nomeado conselheiro da embaixada portuguesa em Madrid, e posteriormente em Paris. Liberal convicto, recusou ser ministro em França, quando nomeado pelo governo resultante da Vila-Francada.

Em 1824, parte para os Estados Unidos como encarregado de negócios e, em 1826, após a morte de D. João VI, é chamado pela infanta-regente D. Isabel Maria para conselheiro e ministro em Portugal. Confrontado com a chegada de D. Miguel e a usurpação do trono, Francisco de Almeida partiu para Paris e apresentou, junto dos reis, as suas credenciais como representante da regência liberal de D. Pedro em nome de D. Maria II, que na altura não foram aceites. Foi o grande responsável pelo acolhimento a D. Pedro, D. Amélia e D. Maria II, promovendo encontros entre os liberais exilados, ajudando a organizar a expedição a Portugal e regressando com a sua rainha, que o nomeou, a 1 de dezembro de 1834, conde do Lavradio e o escolheu como diplomata a negociar o casamento com D. Fernando II. Viria a falecer em Roma, aos 73 anos de idade.

FELISBERTO CALDEIRA BRANT, MARQUÊS DE BARBACENA - Nasceu em 1792 em Minas Gerais, filho de um general. Estudou em Lisboa, regressando ao Brasil na comitiva de D. João VI. Após a declaração da independência do Brasil, foi deputado às Constituintes; foi nomeado comandante-chefe das forças brasileiras que participaram na Batalha de Ituzaingó. Em 1825 recebeu o título de visconde de Barbacena, e no ano seguinte foi elevado a marquês. Foi conselheiro de Estado, mordomo da imperatriz e marechal do Exército brasileiro, falecendo no Rio de Janeiro a 13 de junho de 1842. A carta que escreveu ao imperador dizendo-lhe que vai acabar num manicómio, citada neste romance, é verdadeira.

GEORGE IV, REI DE INGLATERRA - Nascido a 12 de agosto de 1762, subiu ao trono de Inglaterra após a morte do pai, George III, a 19 de julho de 1821. Casou com a princesa Carolina de Brunswick. Separaram-se oficialmente após o nascimento da filha, Charlotte, em 1796. O rei George III decidiu pedir a custódia da neta que seria herdeira do trono, entrando pai e filha numa verdadeira batalha jurídica, que chegou a colocar em tribunal a princesa Carolina, a quem acusava de ter tido um filho ilegítimo após a separação. A filha, Charlotte, casou com Leopoldo de Saxe-Coburgo-Saalfeld, mas a sua morte prematura, a 6 de novembro de 1817, deixou George IV

sem descendentes legítimos do trono. Viria a falecer a 26 de junho de 1830.

ISABEL II, RAINHA DE ESPANHA - Maria Isabel Luísa, nascida em 10 de outubro de 1830, era a filha mais velha de Fernando VII e de Maria Cristina de Bourbon (sobrinha do marido). Foi coroada rainha de Espanha com apenas 3 anos de idade, sendo declarada maior aos 13 anos. O seu casamento, forçado para tentar manter a paz, foi com um primo, o infante Francisco de Bourbon, que nunca se mostrou disposto a conviver com a esposa, chegando a haver fortes rumores de homossexualidade. A rainha rodeou-se então de vários «favoritos», sucedendo-se os amantes, o que lhe reduziu a popularidade. A 17 de setembro de 1868, um golpe militar depõe Isabel II, que conseguiu fugir para Paris. O filho, Afonso de Bourbon, veio a ser rei de Espanha. Isabel continuou a viver em França. Divorciou-se oficialmente em 1870, continuando, no entanto, a receber o marido e a sustentá-lo. Faleceu em Paris a 9 de abril de 1904.

JANUÁRIA MARIA, CONDESSA D'ÁQUILA - Januária Maria nasceu no Rio de Janeiro a 11 de março de 1822, filha dos imperadores Leopoldina e Pedro I. A 28 de abril de 1844, casaria com Luís Carlos de Bourbon, filho do rei das Duas Sicílias, Francisco 1. Viúva desde 1897, viria a falecer em Nice, a 13 de março de 1901, mãe de três filhos sobreviventes (em cinco partos). Nunca voltou a ver a irmã Maria.

JOÃO DE BRAGANÇA SAXE-COBURGO-GOTHA, INFANTE DE PORTUGAL - Quarto filho de D. Maria II e D. Fernando, D. João, duque de Beja, nasceu a 16 de março de 1842. Seguiu a carreira militar. Acompanhou o irmão, D. Luís, na comitiva do casamento da infanta D. Maria Amónia. D. João ficou doente pouco dias depois de chegar e acabaria por falecer a 27 de dezembro de 1861.

LEONOR DA CÂMARA, MARQUESA DE PONTA DELGADA - Nascida a 30 de maio de 1781, foi dama da rainha D. Carlota Joaquina

aquando do regresso a Portugal. Reconhecidamente liberal, foi convidada pelo marquês de Palmela para aia e mestra da rainha D. Maria II. Acompanhou a rainha de Portugal até ao Rio de Janeiro, regressando com ela à Europa e até Lisboa. Pouco tempo passou em Lisboa ao serviço da rainha, porque D. Pedro demitiu-a do serviço do paço. O duque de Bragança quis dar-lhe uma generosa pensão, que a dama recusou. Seria recompensada por D. Maria II, que a torna marquesa de Ponta Delgada. Estão publicadas várias das suas cartas, integradas neste romance, ao primo Francisco de Almeida, mais tarde conde do Lavradio. Utiliza a expressão «o Homem» para se referir a D. Pedro, e as suas críticas ao imperador são acutilantes.

LEOPOLDO DE SAXE-COBURGO-GOTHA, REI DA BÉLGICA - Príncipe alemão, nasceu em Coburgo a 16 de dezembro de 1790. Trilhou a carreira militar e casou em 1816 com a princesa herdeira de Inglaterra, Charlotte de Gales, única filha legítima de George IV. A 5 de novembro de 1817, teve um rapaz, nado-morto, e Charlotte morreu no dia seguinte. Depois de um segundo casamento com uma atriz, que terminaria com a separação do casal, Leopoldo casou-se com a princesa francesa Maria Luísa de Orleães, filha de Luís 1, rei de França. Entretanto, a Bélgica tornou-se independente dos Países Baixos e o Congresso Nacional da Bélgica, analisando todos os candidatos à coroa, convidou Leopoldo, que se tornou, assim, a 26 de junho de 1831, «rei dos belgas». Foi «responsável» pelo casamento de Maria II e de Vitória com dois dos seus sobrinhos. Faleceria a 10 de dezembro de 1865, sendo sepultado no jazigo familiar no Cemitério de Laken, em Bruxelas.

LOUISE LEHZEN, BARONESA DE LEHZEN - Filha de um pastor luterano de Hannover, Louise Lehzen, nascida a 3 de outubro de 1784, foi a preceptora de Vitória. Albert chamava-lhe «o dragão da casa». Em 1842, Louise Lehzen é afastada do serviço da rainha e abandona Inglaterra, regressando à Alemanha, sendo sustentada por uma generosa pensão enviada por Vitória, e continua a receber assídua correspondência da sua antiga pupila. Morre a 9 de setembro de 1870.

LUÍS 1, REI DE PORTUGAL - Segundo filho de Maria e Fernando, nasceu nas Necessidades a 31 de outubro de 1838, tornando-se duque do Porto. Em 1861, acompanhou a irmã Maria Ana até Londres, de onde regressou por saber da notícia da morte do irmão Fernando. À chegada a Lisboa sabe que Pedro morreu também, e é ele agora o rei de Portugal. D. Luís foi um rei popular, conseguiu equilibrar as várias facções políticas e obteve um reinado de relativa estabilidade. Casou com Maria Pia de Saboia, de quem teve dois filhos, e veio a falecer em Cascais a 19 de outubro de 1889.

LURDINHAS, ROSA, FLORICA E JAIME SÃO PERSONAGENS FICCIONADAS.

MARIA ANA, PRINCESA DA SAXÓNIA REAL - Nascida a 21 de julho de 1843, foi quem substituiu a mãe na organização da casa após a morte de D. Maria II, ficando muito próxima de todos os irmãos. Casou a 11 de maio de 1859, na capela do Paço das Necessidades, com Frederico Augusto, duque da Saxónia Real, indo viver para Dresden. Do seu casamento nasceram oito filhos. Quando o mais velho, Albert, ficou gravemente doente, a mãe permaneceu sempre junto dele. O filho curou-se, mas a mãe sucumbiu à doença e ao cansaço, vindo a falecer a 5 de fevereiro de 1884.

MARIA FRANCISCA DE PORTUGAL E CASTRO, MARQUESA DE AGUIAR - Nascida em Lisboa, a 24 de setembro de 1782, Maria Francisca partiu para o Brasil com os pais aquando da deslocação da família real. Casaria com o seu tio, D. Fernando José de Portugal e Castro, trinta anos mais velho que ela. Foi dama da rainha D. Maria 1 e da imperatriz D. Leopoldina, estando nessa altura já viúva. Foi mestra dos príncipes e amiga próxima de Leopoldina, que lhe dita a sua última carta-testamento, em que lhe pede que cuide das suas «queridas filhas».

MARIA LEOPOLDINA DA ÁUSTRIA, IMPERATRIZ DO BRASIL - Filha de Francisco 1 e Maria Teresa, primeiros imperadores da Áustria, Leopoldina, nascida a 22 de janeiro de 1797, cruzou o oceano para

se casar com Pedro de Alcântara. Em 25 de abril de 1821, os seus sogros e cunhados embarcam de regresso a Lisboa. Pedro e Leopoldina ficam no Brasil, como regentes do Brasil. A situação política era já difícil de controlar. A 13 de agosto de 1822, D. Pedro parte para apaziguar os levantamentos de São Paulo, nomeando-a chefe do Conselho de Estado e princesa regente interina do Brasil, com poderes legais para governar o país durante a sua ausência. É nesse período que a princesa recebe informações de Portugal, em que se gizava um ataque militar ao Brasil. Leopoldina, apoiada por José Bonifácio de Andrada e Silva, reúne-se com o Conselho de Estado na manhã de 2 de setembro, assinando o decreto da Independência, declarando o Brasil separado de Portugal. A já imperatriz envia uma carta ao marido, que acaba por dar o famoso «Grito do Ipiranga»: «Independência ou Morte». Nessa viagem a São Paulo, D. Pedro conhece Domitília de Castro, com quem manterá uma longa relação. A última carta que escreveu à irmã, ditada à marquesa de Aguiar (e que é de fácil acesso através da Internet), descreve a tortura e os maus tratos de que foi alvo, e a que atribui a causa da sua morte.

MARIANA CARLOTA VERNA DE MAGALHÃES COUTINHO, CONDESSA DE BELMONTE - Mariana Carlota Verna nasceu em Elvas em 1779. Embarcaria para o Brasil com a família real, sendo dama da princesa e rainha D. Carlota Joaquina e, posteriormente, da princesa D. Leopoldina. Viúva desde 1823, D. Mariana foi afastada do serviço do paço por razões até hoje por esclarecer. D. Mariana seria de novo chamada ao paço, após a morte da imperatriz, para aia e mestra do futuro D. Pedro II. Como recompensa pelos serviços prestados, D. Pedro II torná-la-ia condessa de Belmonte, por decreto de 5 de maio de 1844. Faleceria no Rio de Janeiro a 17 de outubro de 1855.

MIGUEL DE BRAGANÇA, INFANTE E REI DE PORTUGAL - Foi o segundo filho varão do casamento de D. João VI e D. Carlota Joaquina. Partiu com a família para o Brasil, de onde regressaria em 1821. A família real foi obrigada a jurar a Constituição ainda antes

do desembarque. D. Miguel tornou-se um infante rebelde, protagonizando vários golpes militares - o mais famoso foi a Vila-Francada, tentando acabar com as Cortes. Seria «exilado» em Paris, sob a capa de visita de estudo de um príncipe, e daí partiria para Viena de Áustria. É nessa cidade que, em 1826, a morte do pai o surpreende, é aí que jura fidelidade a D. Pedro IV e aceita o casamento com a sobrinha, e jura a Carta Constitucional. Regressa a Lisboa em fevereiro de 1828, é jurado príncipe-regente em Cortes, mas em julho do mesmo ano era aclamado rei de Portugal. Seguem-se as Guerras Liberais, de onde sai derrotado. A Convenção de Évora Monte deixá-lo-ia sem bens, sem títulos, banido de Portugal para toda a eternidade (incluindo os seus descendentes). Em 1851, casou com a princesa D. Adelaide Sofia Rosenberg, de quem teve sete filhos. Faleceria na Alemanha, a 14 de novembro de 1866, sessenta e quatro anos exatos desde o seu batismo.

PAULA MARIANA - Nasceu no Rio de Janeiro, a 17 de fevereiro de 1823, quinto rebento do casamento de Pedro e Leopoldina. Foi sempre a mais frágil das irmãs, com acentuadas faltas de ar que o clima tropical não ajudava a sarar. Viria a falecer a 16 de janeiro de 1833, com apenas 10 anos de idade.

PEDRO E EUGÉNIA DE SOUSA HOLSTEIN, MARQUESES E DUQUES DE PALMELA - Pedro de Sousa Holstein era marquês de Palmela. Exilou-se em Inglaterra aquando do juramento de D. Miguel como rei de Portugal e, a suas expensas, ajudou a coordenar as forças liberais defensoras da causa da rainha. D. Maria II conviveu intimamente com os marqueses de Palmela e seus filhos, particularmente com Alexandre de Sousa Holstein, que viria a falecer nos Açores, vítima de tuberculose. A ligação entre os dois é, no entanto, ficcionada. De regresso a Lisboa, D. Maria II elevou o título a duque de Palmela. Palmela foi chamado a formar ministérios em vários e distintos momentos e viria a falecer a 12 de outubro de 1850. Casaria a 4 de junho de 1810 com D. Eugénia Teles da Gama, nascida a 4 de janeiro de 1798. Deste casamento nasceriam quinze

filhos, entre os quais Alexandre, Eugénia e Domingos de Sousa Holstein.

PEDRO II, IMPERADOR DO BRASIL - Nasceu a 2 de dezembro de 1825 e tornou-se, com apenas 5 anos, imperador do Brasil, pela abdicação do pai, D. Pedro 1. Consagrado aos 14 anos de idade, Pedro II tornou-se num férreo imperador. Casou a 30 de maio de 1843, com a princesa das Duas Sicílias, Teresa Cristina. Do matrimónio nasceram quatro filhos: dois meninos e duas meninas. Os dois rapazes morreriam em pequenos. Durante a sua governação, aboliu a escravatura, cumprindo o acordo com a Grã-Bretanha. Apesar do grande apoio popular granjeado, Pedro II é deposto por um golpe militar. Exilado na Europa, vê a esposa falecer poucos dias depois da chegada. Fica então a viver em Paris, com poucos recursos, em hotéis modestos. Morreu em Paris, a 5 de dezembro de 1891. O corpo seguiria viagem até Portugal, para, em São Vicente de Fora, integrar o Panteão dos Bragança. Os seus restos mortais regressariam ao Brasil, em 1921, a pouco tempo do centenário da Independência.

PEDRO V, REI DE PORTUGAL - Primogénito de D. Maria II e de D. Fernando, nasceu no Paço das Necessidades a 16 de setembro de 1837. Na sua menoridade, foi regente o rei D. Fernando, o que permitiu que Pedro e Luís fizessem o costumeado tour europeu, numa viagem que os conduziu a Londres, Paris e várias outras cidades da Europa. Casou com D. Estefânia de Hohenzollern, dizendo-se muito feliz, mas a rainha morreu aos 22 anos de idade. Quando caçava em Vila Viçosa com os irmãos Fernando e Augusto, contraiu um miasma das terras pantanosas. O primeiro a morrer seria Fernando, a 6 de novembro de 1861. Pedro faleceria a 11 de novembro.

PHILIPPE LEOPOLDO WENZEL, BARÃO DE MARESCHAL - Nasceu na Áustria, em 1784. Em 1819 foi enviado ao Brasil como encarregado de negócios da Áustria, cargo que exerceu até 1826, sendo promovido a ministro plenipotenciário em 1827. Era muito próximo da imperatriz D. Leopoldina. De 1819 até 1830, o barão

austríaco acompanhou os negócios brasileiros a título oficial. De 1831 a 1833, seria nomeado secretário de Estado do ducado de Parma. Faleceria em 1851. A sua ligação amorosa com a marquesa de Aguiar é ficcionada.

VITÓRIA DE SAXE-COBURGO-SAALFELD, DUQUESA DE KENT - A princesa de Saxe-Coburgo-Saalfeld, Maria Luísa Vitória, nascida a 17 de agosto de 1786, tornar-se-ia, pelo casamento, duquesa de Kent e mãe da futura rainha de Inglaterra. Em julho de 1818 conhecia o seu segundo marido, o príncipe Edward, duque de Kent e terceiro na linha de sucessão ao trono de Inglaterra. Em 24 de maio de 1819 daria à luz a futura rainha de Inglaterra, mas a morte prematura do marido, vítima de pneumonia, deixou-a desamparada. Uma das pessoas que a acompanharam até à maioridade de Vitória foi John Conroy, um oficial galês que se tornou no seu secretário particular e, segundo boatos, em seu amante. John Conroy abandonou, por vontade própria, Inglaterra, e a duquesa de Kent foi uma avó extremosa. Faleceu a 16 de março de 1861, com 74 anos de idade.

WILLIAM LAMB, LORD MELBOURNE - William Lamb, 2.º visconde de Melbourne, nascido a 15 de março de 1779, era primeiro-ministro quando a jovem Vitória assumiu o trono. A relação dos dois foi sobejamente comentada, chegando-se a apelidar Vitória de «lady Melbourne». Circunstâncias políticas ditaram o seu afastamento, em agosto de 1841. Apesar disso, a correspondência com Vitória não cessou de imediato. Lord Melbourne faleceria a 24 de novembro de 1848.

BIBLIOGRAFIA

Fontes manuscritas

IANTT, Cartório da Casa Real.

-, Diário de D. Fernando II

-, Documentos de despesa da Casa Real

Fontes impressas

BONIFÁCIO, Maria de Fátima, Memórias do Duque de Palmeira, Lisboa, D. Quixote, 2011.

cARNOTA, conde da, Memoirs of Field Marshal The Duke of Saldanha, Londres, [s.n.] 1880, (2 vols.).

COLAÇO, Branca de Gonta, Memórias da Marqueza de Rio Maior, Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira, 1930.

FRONTEIRA, marquês de, Memórias do Marquês de Fronteira e d'Alorna, D. José Trazimundo Mascarenhas Barreto ditadas por êle próprio em 1861, rev. e coord. por Ernesto de Campos de Andrada, Coimbra, Imp. da Universidade, 1926-1931, 4 vols.

GARRFTT, visconde d'Almeida, Da Educação, Cartas Dirigidas a Uma Senhora Ilustre Encarregada da Instituição de uma jovem Princesa, Casa da Viúva Noré, Porto (2.' edição).

KAISER, Glória, Um Diário Imperial. Leopoldina, Princesa de Áustria, Imperatriz do Brasil, Rio de Janeiro, Rer Editor, 2005.

KHANN, Betina e LIMA, Patrícia Souza, D. Leopoldina, Cartas de uma Imperatriz, São Paulo, Editora Estação Liberdade, 2006.

LAVRADIO, marquês do, Memórias do Sexto Marquês do Lavradio, coord. por D. José Luiz de Almeida, Lisboa, Ática, 1947.

LAVRADIO, Memórias do Conde do Lavradio, comentadas pelo marquês do Lavradio, Coimbra, Imp. da Universidade, 1932-1943, 8 Vols.

LEITÃO, Ruben Andersen, Documentos dos Arquivos de Windsor, Coimbra, [s.n.], 1955.

LEITÃO, Ruben Andersen, Os Novos Documentos dos Arquivos de Windsor, Coimbra, Coimbra Editora, 1958.

MARTINS, Rocha, Palmela na Emigração (Estudo sobre cartas inéditas), Lisboa, Typ. Editora José Bastos, [s.d.].

QUEEN VICTORIA, The Letters of Oueen Victoria, A Selection from Her Majesty's Correspondente, Volumes 1, 2, 3 (1837-1861), Edits. Arthur Christopher Benson and Viscount Esher.

Obras de referência

BENEVIDES, Francisco da Fonseca, Rainhas de Portugal, Lisboa, Livros Horizonte, 2007.

SERRÃO, Joel, Dicionário da História de Portugal, Lisboa, Iniciativas Editorais, 1963, 4 vols.

ZUQUETE, Afonso de, Nobreza de Portugal e do Brasil, Lisboa, Edições Zairol, 2000, 3 Vols.

Estudos

ADAMSON, Oswald R., Our Dear Laleham, Ian Allan Ltd, UK, 1989.

BONIFÁCIO, Maria de Fátima, D. Maria II, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005.

BONIFÁCIO, Maria de Fátima, «A "Causa" de D. Maria II», *Análise Social*, Vol. XXXIX, 2004, pp. 519-545.

FRANCO, António Cândido, *A Herança de D. Carlos*, Lisboa, Ésquilo, 2008.

HIBBERT, Christopher, *Queen Victoria, A Personal History*, Harper Collins, 2000.

LANGLADE, Jacques, *A Rainha Vitória*, Publicações Europa-América, 2010.

LOURENÇO, Paula, PEREIRA, Ana Cristina e TRONI, Joana, *Amantes dos Reis de Portugal*, Esfera dos Livros, 2008.

MÓNICA, Maria Filomena, *D. Pedro V*, Círculo de Leitores, 2010.

MÓNICA, Maria Filomena, *Fontes Pereira de Melo, Uma Biografia*, Alêtheia Editores, 3.ª edição, 2009.

Museu del Romanticismo, Guia, Madrid, Ministério da Cultura de Espanha, [s.d.].

NEUKOMM, Sigismund, *Música Secreta, Minha Viagem ao Brasil*, com texto de Rosana Lanzelotte, Arteensaio, 2009.

PEREIRA, Ana Cristina e TRONI, Joana, *A Vida Privada dos Bragança*, A Esfera dos Livros, 2011.

SABUGOSA, conde de, *O Paço de Sintra*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1903.

SANTOS, Eugénio dos, *D. Pedro IV*, Lisboa, Temas e Debates, 2008.

STRACHEY, Lytton, *Queen Victoria, Penguin Classic Biography*, julho de 2000.

VALENTE, Vasco Pulido, Portugal - Ensaios de História e de Política, Alêtheia, 2009.

WIECKEN, Patrick, Império à Deriva. A Corte Portuguesa no Rio de Janeiro 1808-1821, Porto, Civilização, 11.a edição, 2008.

WILLIAMS, Brenda, Victorian Britain, Jarrold Publishing, 2005.

WILLIAMS, Kate, Becoming Queen, Arrow Books, 2009.

Romances da época

ATIENZA, Juan G., Isabel II, La Reina Caprichosa, Madrid, La Esfera de los Libros, 2005.

GOMES, Laurentino, 1822, Editora Nova Fronteira, 2009.

NORTON, José, O Milionário de Lisboa, Lisboa, Livros D'Hoje, 2009.

SALLES, Iza, O Coração do Rei, Rio de Janeiro, Planeta, 2009.

SETGABE, Paulo, 1813-1829, A Marquesa de Santos, São Paulo, Geração Editorial, 2009.